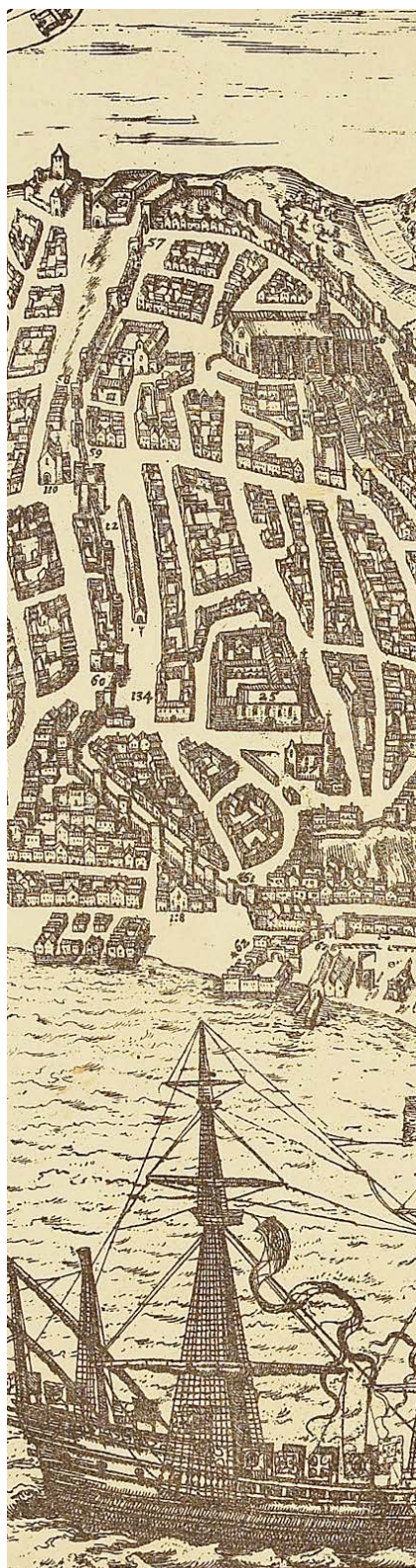
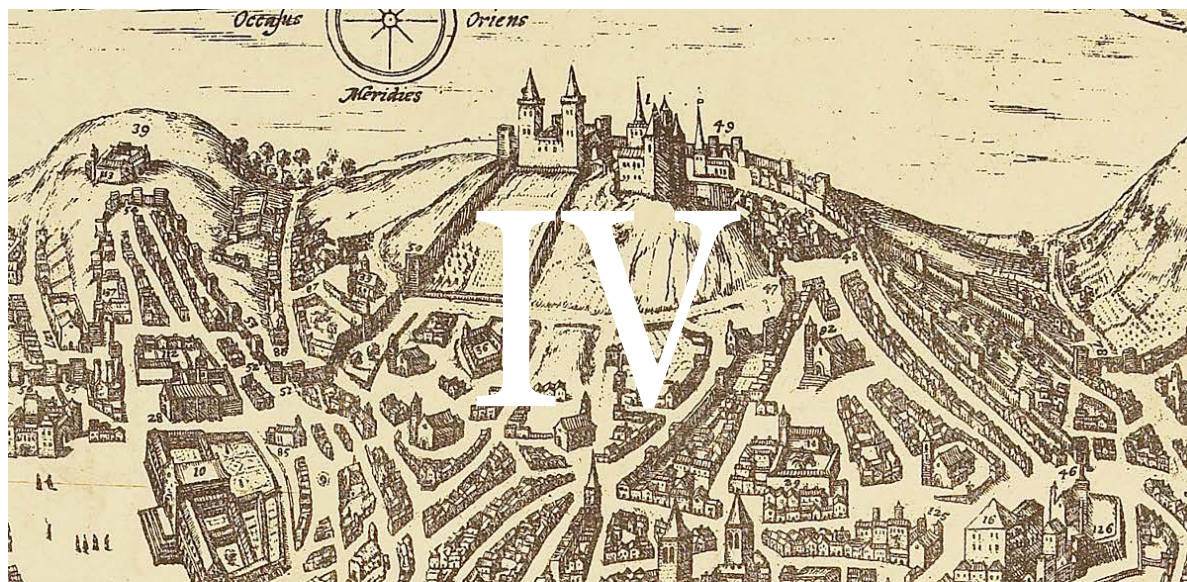




ruatatis. 18 Circuitus in sanctis montis moenibus. 19 moles Carthago. 20 Formaces ad conficiendum. 21 Moles ignis, vulgo Cais da mada. 22 Moles nauti, vulgo Cordegnanum. 23 Moles generales ubi antiqua scientie proficiebant.



# IV

COORDENAÇÃO

João Salvado Ribeiro

Abílio Tavares Cardoso

PREFÁCIO

José Mattoso

# PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA

José da Felicidade Alves

Quarto Tomo

AS IGREJAS DE LISBOA

DESDE 1580 A 1755

ANÁLISE CRÍTICA

Miguel Soromenho



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

# PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA

José da Felicidade Alves

Quarto Tomo

AS IGREJAS DE LISBOA  
DESDE 1580 A 1755

ANÁLISE CRÍTICA

**Miguel Soromenho**





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

► BIBLIOGRAFIA

► ÍNDICE

# FICHA TÉCNICA

## TÍTULO

*Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa*

Tomo IV: *As Igrejas de Lisboa desde 1580 a 1755*

## AUTOR

José da Felicidade Alves

## ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso

## PREFÁCIO

José Mattoso

## ANÁLISE CRÍTICA

Miguel Soromenho

## PROJETO E APOIOS

Projeto desenvolvido pelo Centro de Estudos de História Religiosa, UID/HIS/00647/2013 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e pelo Centro Nacional de Cultura, com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian



## PROPRIEDADE, EDIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Centro de Estudos de História Religiosa (UCP-CEHR)

Faculdade de Teologia

Universidade Católica Portuguesa

Palma de Cima – 1649-023 Lisboa

secretariado.cehr.ft@ucp.pt / [www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt](http://www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt)

## REVISÃO EDITORIAL

Mário Farelo e Paulo Esmeraldo Lopes

## CONCEÇÃO GRÁFICA E EXECUÇÃO

Bruno Miguel Leal

ISBN: 978-989-53834-0-5

DOI: <https://doi.org/10.34632/9789895383405>

## EDIÇÃO

© Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa / Centro Nacional de Cultura Lisboa, 2022

## CAPA

A partir de *Perspetiva de Lisboa*. Xilogravura de Franz Hogenberg (1535-1590), de c.1598.

© Museu de Lisboa, Palácio Pimenta (MC.GRA.1691)





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



- 
- ▶ INÍCIO
  - ▶ FICHA TÉCNICA
  - ▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

- ▶ PLANO GERAL DA OBRA

- ▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## NOTA DE ABERTURA

### JOSÉ DA FELICIDADE ALVES - UMA OBRA IMPERDÍVEL

José da Felicidade Alves é um exemplo de cidadania democrática que lembramos com saudade. No final da vida dedicou-se à investigação sobre o património cultural religioso, em especial na cidade de Lisboa. Na homenagem que o Centro Nacional de Cultura organizou em dezembro de 2008, tive a oportunidade de afirmar que seria importante promover a publicação dos materiais que se mantinham inéditos, que estavam à guarda da família e dos Livros Horizonte e que correspondiam ao importante labor levado a cabo por Felicidade Alves. É parte desse precioso material que agora se publica, o que permite dispormos de uma importante base de trabalho para investigadores e estudiosos. Assim, não só se homenageia o autor, mas também se abrem novas pistas para o conhecimento de um riquíssimo património cultural. A publicação ocorre no decurso do Ano Europeu do Património Cultural, constituindo uma das iniciativas do mesmo, ainda que a divulgação ocorra já em 2019.

Não posso deixar de recordar neste momento, além da memória do nosso homenageado, a personalidade do Dr. Rogério de Moura, referência do mundo editorial português, alma dos Livros Horizonte e saudoso amigo que não esqueço. Foi graças a ele que o Dr. José da Felicidade Alves foi desafiado a desenvolver este trabalho. Ainda recordo o papel desempenhado pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), nos anos sessenta do século passado, no apoio à causa democrática e à defesa das liberdades, personalizado pelo então Padre Felicidade Alves, com a participação ativa de figuras fundamentais, como Nuno Teotónio Pereira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Francisco de Sousa Tavares, António Alçada Baptista, João Bénard da Costa e de tantas outras – num momento em que no CNC funcionou na clandestinidade a Comissão de Apoio aos Presos Políticos e em que a polícia política se tornou presença assídua na nossa sede. Recordar-se, aliás, o episódio em que Sousa Tavares salvou os documentos do GEDOC e do Direito à Informação no congelador do velho frigorífico...

Deste modo, a memória que aqui se evoca tem tudo a ver também com a história do CNC e com a resistência dos católicos inconformistas à “desordem estabelecida”. Devemos agradecer a Maria Elisete Felicidade Alves a sua confiança e a generosa doação ao Centro do manuscrito da “Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa”, numa versão digital e na sua versão transcrita, revista e anotada por especialistas, sob a orientação do Prof. Doutor José Mattoso, a quem também exprimimos a nossa gratidão. A necessidade de preparar a edição, em livro e em versão digital, levou-nos a solicitar ao Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa (UCP) a indispensável parceria científica neste projeto. Assim, este trabalho passará a estar incluído no Portal de História Religiosa da UCP. Daí o



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

nosso agradecimento a toda a equipa e em especial ao Prof. Doutor Paulo Fontes, pelo indispensável apoio.

Nada teria sido possível sem o empenhamento total dos Drs. João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso, cuja generosidade, empenhamento, competência e confiança no CNC merecem especial agradecimento. Foram muitas horas de trabalho, sempre com o espírito de total entrega. Ao Prof. Doutor Eduardo Marçal Grilo e ao Dr. Manuel Carmelo Rosa devo uma palavra de gratidão pelo apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, dado desde o primeiro momento, logo em 2009, atenta à importância cultural e educativa do projeto. É uma obra imperdível que chega a bom porto...

*Guilherme d'Oliveira Martins*

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## NOTAS PRELIMINARES

1. A tarefa de organizar o espólio de José da Felicidade Alves, por vontade expressa da viúva Maria Elisete Nunes da Felicidade Alves e formalizada através de procuração, permitiu-nos ir conhecendo, a pouco e pouco, a verdadeira dimensão do acervo literário de José da Felicidade Alves e do seu contributo em termos de investigação, nos mais diversos domínios (estudos teológicos, bíblicos e pastorais; olissipógrafos, políticos e outros).

A biblioteca, doada à Biblioteca Universitária João Paulo II (Universidade Católica Portuguesa), compreendia 1.655 títulos (1.800 unidades), de entre os quais merecem especial destaque, como obras de referência e de grande impacto: Charles Joseph Hefele - *Histoire des Conciles: d'après les documents originaux*, trad. Française (21 vols.); Yves M.-J Congar - *Le Concile au jour le jour - Vatican II - 1962-1966; Les Actes du Concile Vatican II: texts integraux des Constitutions et décrets promulgués*, 1966 (3 vols.); Antoine Wenger - *Vatican II* (4 vols.); Obras de Jean Danielou, Karl Barth, Hans Kung, Henri de Lubac, Garrigou-Lagrange, Schillebeeckx, Paulo Arnaboldi, Riccardo Lombardi, M-D. Chenu; *La Sainte Bible*, trad. en français, École Biblique de Jérusalem, 1948-1954 (10 vols.); Michael Schmaus - *Teologia Dogmática*, trad. espanhola, 1960-1964 (6 vols.); *Compêndio de Teologia Dogmática fundamental segundo a mente de S. Tomas de Aquino - acomodada aos tempos actuais; Institutiones Systematico historicae in Sacram Liturgiam*, Phillipus Oppenheim (8 vols.); Tanquerey - *Teologia Dogmática*, 1932 (7 vols.); Gabriel Roschini - *Mariologia* (4 vols.); Hans Küng - *L'Eglise* (3 vols.); Martin Luther - *Oeuvres*, 1957-1967 (10 vols.); Pio XII - *Discursos e Radiomensagens*; João XXIII - *Encíclicas Sociais*; Theillard de Chardin - *Obras completas*; Uladimir Litch Ulianov - *Oeuvres*, 1969-1977 (44 vols.). E ainda coleções de revistas especializadas, tais como *L'Actualité Religieuse dans le Monde* (coleção completa), *Informations Catholiques Internationales* (coleção até aos anos 70), *L'Anneau d'Or*, *Fêtes et Saisons*, *La Maison-Dieu*, e tantas outras.

2. A tipologia dos temas que a biblioteca exhibia, em particular a dos temas respeitantes a áreas de elevada especialização (teologia, estudos bíblicos, liturgia, pastoral e outros), traduzia de forma eloquente a diversidade de matérias e de informações que José da Felicidade Alves dominava, com rara intuição e rigor intelectual. A essa luz se deve entender o interessante leque de estudos e de investigações, documentado por apontamentos, projetos de investigação, monografias, manuscritos, textos em fase de redação avançada, etc., que emerge das várias dezenas de pastas de arquivo. Coube à Fundação Mário Soares acolher esse valioso espólio, acrescido de centenas de cartas e do manuscrito, em fase de prelo, do ROTEIRO DA

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PRODUÇÃO LITERÁRIA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI, desde o início da utilização da imprensa até à dominação filipina (2.270 fichas).

3. Na sequência das tarefas de triagem de todos os papéis e apontamentos guardados nas referidas pastas de arquivo (cerca 100, com as dimensões, em cm, 0,335x0,265x0,10) demo-nos conta que a Livros Horizonte, editora da quase totalidade dos seus livros e onde José da Felicidade Alves desempenhava funções de assessor literário, era depositária de vários estudos considerados em fase de prelo. Um deles era justamente o manuscrito PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA, desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias.

Encetadas as diligências necessárias, o Dr. Rogério Moura (Director de Livros Horizonte) fez entrega à herdeira Maria Elisete, em janeiro de 2009, das pastas de arquivo que continham o dito manuscrito.

4. Foi, pois, com imensa curiosidade e algum espanto, que fomos compulsando, folha a folha, as múltiplas páginas dessa investigação, organizada em 7 tomos, pacientemente elaborada, ao longo de vários anos (1981-1991), cujas fichas ora surgiam escritas à mão, ora preenchidas por texto dactilografado do próprio autor ou por recortes e fotocópias de textos doutros autores, nem sempre fáceis de identificar. Uma ou outra vez, anotações de “última hora”, escritas nas margens da mancha gráfica ou pequenos aditamentos de texto sobrepostos à página original. Um genuíno manuscrito, produzido sem recurso a computadores!

5. O manuscrito incide sobre um larguíssimo período de tempo, nada menos que 1.600 anos, organizado em fichas (2.360). O estilo de investigação que o caracteriza obedeceu ao critério de proceder a um levantamento, quase exaustivo, “desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias”, de todos os edifícios religiosos existentes na cidade de Lisboa.

A informação coligida resultou da consulta de inúmeras obras eruditas dos séculos XVI e XVII e de autores mais recentes, em bibliotecas e gabinetes de estudos, situados na cidade de Lisboa. Para desenhar as suas hipóteses de investigação, o autor optou, em grande parte dos casos, por recolher a informação que autores credenciados apresentavam nas suas obras, valendo-se de fotocópias, que recortava em função da mancha gráfica alusiva aos temas em estudo. Se se pensar que nesse período, em que o manuscrito foi sendo redigido (1981-1991), muitas das obras consultadas ou figuravam em secções de acesso limitado (Reservados) ou então estavam microfilmadas, fica-se com a noção dos milhares de horas de trabalho que o autor, pacientemente, dedicou à sua investigação, ao longo de mais de 10 anos. Por vezes, a identificação de algumas fontes falhou, muito provavelmente porque reservou para a fase final a revisão de eventuais lacunas ou imprecisões de texto. Aliás, conhecendo a casa por dentro, José da Felicidade Alves sabia, melhor do que ninguém, que entre a data de entrada de uma obra “no prelo” e o seu efetivo agendamento para publicação podiam mediar vários anos. Não é de estranhar, por conseguinte, que tivesse criado o hábito de introduzir uma publicação na calha, a partir de um certo nível de desenvolvimento da investigação,

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

contando rever, completar ou mesmo reescrever partes do manuscrito, antes de o entregar à tipografia. Tal não chegou a verificar-se, porém, dado que a revisão final só ocorreu 10 anos após a sua morte. Aliás, terá sido essa a razão para que os tomos VI e VII tenham ficado inacabados, nomeadamente o último que apresentava simplesmente um esquema minucioso, sem qualquer desenvolvimento.

6. Cientes das nossas limitações, fizemos apelo ao Professor José Mattoso, cujo parecer, acrescido de valiosas sugestões e de persistentes diligências para convidar colaboradores credenciados, nos convenceu a abraçar o projeto de publicar a obra. Adicionalmente, a Professora Ana Isabel Buescu, com o seu parecer sobre o tomo IGREJAS DE LISBOA NO SÉCULO XVI, veio reforçar o nosso ânimo para avançar com o projeto. Coube aos investigadores José Luís de Matos, Paulo Almeida Fernandes, Pedro Flor, Miguel Soromenho e João Alves da Cunha empreender as tarefas mais ingratas de ler e reler os textos originais, conferir e elucidar questões ou dúvidas ocasionais e valorizar a obra com notas e comentários laboriosamente tecidos.

7. As tentativas para encontrar editor idóneo tornaram-se muito complexas, tendo em conta a dimensão do manuscrito (previsivelmente 2.000 páginas) e a modéstia do interesse comercial da obra. Afortunadamente, a homenagem a José da Felicidade Alves, que o Centro Nacional de Cultura (CNC) e o Centro de Reflexão Cristã promoveram em 16 de dezembro de 2008, suscitou a curiosidade do Presidente do CNC, Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, que se mostrou interessado em espreitar a “arca” dos trabalhos e manuscritos guardados na editora Livros Horizonte.

Em novembro de 2009, apresentámos ao CNC o nosso projeto e manifestámos o desejo de congregarmos sinergias para implementá-lo. Os primeiros passos foram algo titubeantes, até que surgiu a hipótese, em 2012, de a Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM) vir a assumir a publicação, desde que se respeitasse o desenho inicial que o autor concebeu para a sua investigação. Mediante parecer favorável do Professor José Mattoso, optou-se, assim, por concluir o tomo 7 com textos de autor. Foram tempos de esperança, que em 2014 se mostraram gorados, alegadamente por efeitos da crise financeira que o país vivia.

8. Surge então a hipótese, em 2014, de o Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa colaborar na execução do projeto, na sequência do patrocínio entretanto anunciado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Dessa maneira, foi possível assegurar junto dos especialistas convidados a viabilidade da iniciativa e incentivá-los a prosseguir no seu trabalho. Assim, nos termos do protocolo acordado entre o CNC, o CEHR e os coordenadores da edição, a obra PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA será

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

editada em formato digital e alojada no Portal de História Religiosa, da responsabilidade do CEHR.

9. Uma última palavra de agradecimento a todos os que decididamente contribuíram para a implementação deste ambicioso projeto, nomeadamente Professores José Mattoso e Ana Isabel Buescu, CNC e sua inestimável equipa (Doutor Guilherme d'Oliveira Martins, Professora Maria Calado, Dra.s Teresa Tamen e Maria da Conceição Reis Gomes) e bem assim os investigadores já referidos Doutores José Luís de Matos, Paulo Almeida Fernandes, Pedro Flor, Miguel Soromenho, José Daniel Soares Ferreira e João Alves da Cunha. Sem o seu empenho e generosidade, não teria sido possível realizar este projeto.

1 de dezembro de 2017

*João Salvado Ribeiro*

Abílio Tavares Cardoso



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## PARECERES

### PARECER DO PROFESSOR DOUTOR JOSÉ MATTOSO

Tendo examinado o original da obra *As igrejas de Lisboa*, da autoria do Revº Pe. Felicidade Alves, por ele deixada pronta para publicação mas ainda inédita, sou de parecer que merece ser publicada, e que a sua publicação constitui uma digna homenagem ao seu saber, à sua personalidade e à sua obra intelectual. Creio, todavia, que é de recomendar um trabalho prévio de revisão por parte de dois ou três especialistas de História da Arte que assinalem alguns passos em que o autor transmite informações com base em obras eruditas do séculos XVI e XVII que devem ser sujeitas a crítica. Na minha opinião deve-se respeitar o texto deixado pelo Pe. Felicidade Alves; bastaria acrescentar curtas notas de pé de página devidamente assinadas pelos seus autores, para não induzir os leitores em erro. Os passos que seria preciso assinalar não me parecem muito numerosos.

Carvoeiro do Vouga, 13 de Novembro de 2009

*José Mattoso*

### PARECER DA PROFESSORA DOUTORA ANA ISABEL BUESCU

#### **Igrejas de Lisboa no século XVI por José da Felicidade Alves**

Apreciação global:

Tem inegável interesse, pelos materiais carreados e sistematizados, sobretudo se tivermos em conta a “atomização” da informação neste campo. Contudo, em nossa opinião, o manuscrito requer um trabalho de edição minucioso, que uniformize critérios, sobretudo de citação e indicação de fontes utilizadas, e preencha algumas – poucas – lacunas de informação existentes, que manifestamente o A. teria intenção de completar\*.

Julho 2009

*Ana Isabel Buescu*

Universidade Nova de Lisboa - Departamento de História

\* Esta apreciação global é seguida de um vasto conjunto de notas em que são elencados, página a página, casos de omissão de fontes, referências bibliográficas, notas do autor incompletas, citações extensas não identificadas, bem como a necessidade de inserir/uniformizar as legendas de figuras. Sendo estas recomendações também válidas para os restantes tomos, tanto os coordenadores como os analistas procuraram tê-las em consideração.

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EDIÇÃO “ONLINE”

No ano de 2015/2016, o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP) foi contactado pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), no sentido de se estudar a possibilidade de colaboração na publicação da obra inédita do Padre José da Felicidade Alves, intitulada “Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa: desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias”. Iniciou-se um diálogo que conheceu várias etapas e diversos intervenientes, nomeadamente entre os responsáveis do CNC, do CEHR-UCP e os coordenadores do projeto editorial, João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso. Os coordenadores traziam consigo o manuscrito, uma estrutura editorial em vários tomos, o trabalho de uma equipa de investigadores dedicada à análise crítica do original, através de um sistema de notação do texto do autor e uma firme determinação em fazer publicar a obra na íntegra e de harmonia com o parecer do Professor José Mattoso.

Assegurado o interesse científico e cultural do projeto, por razões que os pareceres já existentes e os textos de análise crítica referenciados no prefácio desta obra explicitam, coube ao CEHR o estudo de uma proposta de publicação, de acordo com os meios disponíveis. Foi então acordada uma publicação em formato digital, que viabilizasse a sua edição e imediata acessibilidade *online* e salvaguardasse, simultaneamente, a possibilidade de uma impressão da obra em papel, ainda que em número reduzido de exemplares e conforme às necessidades advenientes, mas com o mesmo design e paginação. Nas propostas de solução editorial que fomos fazendo, três aspetos fundamentais foram tidos em conta: a extensa dimensão do manuscrito original existente, cuja publicação integral se pretendia assegurar; a natureza diversificada dos textos redigidos, obedecendo a uma recolha e sistematização de informação bibliográfica, frequentemente sob a forma de fichas de citação de textos, cuja autoria haveria que procurar graficamente identificar; e a necessidade de facilitar e tornar o mais acessível possível a consulta da obra, na perspetiva do serviço cultural que se pretendia prestar com esta publicação.

Salvaguardando todo o trabalho já realizado e seguindo os critérios editoriais definidos previamente pelos coordenadores da obra do Padre Felicidade Alves, foi necessário assegurar, no entanto, que a publicação do manuscrito (inacabado) se faria de acordo com as regras científicas em vigor e que o texto publicado seria não só legível, mas ganharia em utilidade se, a par da leitura continuada, a sua consulta se pudesse fazer tirando partido da edição eletrónica. Assim, a par da possibilidade de navegação oferecida pela própria estrutura da obra, conforme ao índice da mesma, a disponibilização do *pdf* do texto permite também navegar em função de necessidades de consulta e de pesquisa de quaisquer temas, mediante a

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

simples introdução de palavras ou expressões chave, a pesquisar em cada um dos sete tomos disponibilizados.

Tendo-se decidido, desde o início, que o conjunto da obra deveria ficar alojado e acessível no Portal de História Religiosa, considerou-se útil que a publicação da mesma fosse enquadrada como um projeto editorial específico, referenciando nomeadamente elementos biográficos e bibliográficos relativos ao Padre Felicidade Alves, seu autor e uma das figuras marcantes do catolicismo português do século XX. É, pois, com redobrado regozijo que assinalamos agora o lançamento do projeto com a criação do *website* e a edição *online* do primeiro tomo da obra ao abrigo de um Protocolo de colaboração estabelecido entre o Centro Nacional de Cultura, o Centro de Estudos de História Religiosa e os coordenadores da obra, em ordem à execução do projeto de edição do manuscrito, protocolo assinado a 15 de novembro de 2017.

Por último, um agradecimento é devido a todos os que ajudaram a definir este projeto e, de modo particular, à pequena equipa de trabalho que se constituiu para o estruturar, sustentando o necessário diálogo entre todas as partes envolvidas, nomeadamente à Dr.<sup>a</sup> Teresa Tamen e à Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Reis Gomes, que da parte do CNC mantiveram os contactos pessoais e institucionais quotidianos, em ordem ao desenho e concretização desta parceria, e da parte do CEHR, ao Dr. José António Rocha, que comigo assegurou o respetivo diálogo institucional e a conceção da solução agora apresentada; ao Dr. Bruno Leal, que concebeu o design gráfico do sítio e do livro, assim como a respetiva execução; aos Doutores Mário Farelo e Paulo Esmeraldo Lopes, que se ocuparam do trabalho de revisão editorial do texto, nos termos acertados entre todos os intervenientes e cujos critérios explicitam em texto próprio. Aos coordenadores da obra, Doutores João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso, agradecemos a confiança e a disponibilidade manifestadas para connosco colaborarem na procura de uma solução que viabilizasse a finalização do seu projeto editorial. Ao anterior e à atual presidente do CNC, Professores Guilherme d'Oliveira Martins e Maria Calado, agradecemos a confiança institucional depositada no CEHR desde os contactos iniciais até ao momento de finalização deste projeto. Esperamos que, na simplicidade da resposta tecnológica encontrada, mas com o rigor científico que sempre temos procurado imprimir no trabalho deste Portal, possa o novo sítio agora criado contribuir para um melhor conhecimento da pessoa e do trabalho do Padre José da Felicidade Alves, nomeadamente enquanto investigador da história religiosa da cidade de Lisboa.

Lisboa, julho de 2018

*Paulo F. de Oliveira Fontes*  
(Diretor do CEHR-UCP)

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## NORMAS EDITORIAIS

1. Respeitou-se o texto original, preparado pelos coordenadores, diferenciando de forma inequívoca as autorias (o que é da autoria do Padre José da Felicidade Alves e o que é criação dos analistas).
2. Estabeleceu-se a uniformização do texto, no âmbito do processo de composição e definição do mesmo.
3. Definiu-se um modelo de apresentação do texto do Padre José da Felicidade Alves comum a todos os volumes que compõe a obra.
4. Completou-se e uniformizou-se o aparato crítico, nomeadamente ao nível das referências bibliográficas.
5. As notas do próprio Padre José da Felicidade Alves foram uniformizadas, sendo apresentadas em numeração árabe (1, 2, 3 ...) e sobre fundo branco.
6. As notas da autoria dos analistas foram igualmente uniformizadas, sendo apresentadas em numeração romana (I, II, III, IV, V, ...) e cor azul, por forma a não deixar dúvidas ao leitor acerca da sua proveniência. O objetivo é evitar o risco de confusão entre as notas do autor e as dos analistas.
7. A bibliografia evocada pelo Padre José da Felicidade Alves surge ao longo do próprio texto, nos locais exatos onde o mesmo efetua as referências, e compilada no final de cada tomo por ordem temática (e, no interior desta, por ordem alfabética). Vejam-se os seguintes exemplos:

### Fontes Impressas

AZEVEDO, Rui de (ed.) (1944) – *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

### Estudos

ALMEIDA, Fernando (1958) – “Pedras Visigodas de Lisboa”, *Revista de Guimarães*, vol. LXVIII, nº 12, pp. 117-137.

8. No interior de cada subcapítulo, no caso do primeiro volume, apresenta-se entre parêntesis retos a numeração reconstituída de forma a completar a utilizada pelo próprio autor: [1], [2], [2.1], [3] ...
9. As citações extensas (três linhas ou mais) efetuadas pelo autor surgem sobre um leve fundo cinzento. O objetivo é que o texto do próprio José da Felicidade Alves fique bem diferenciado relativamente ao citado de outros autores. Evitam-se desta forma even-





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

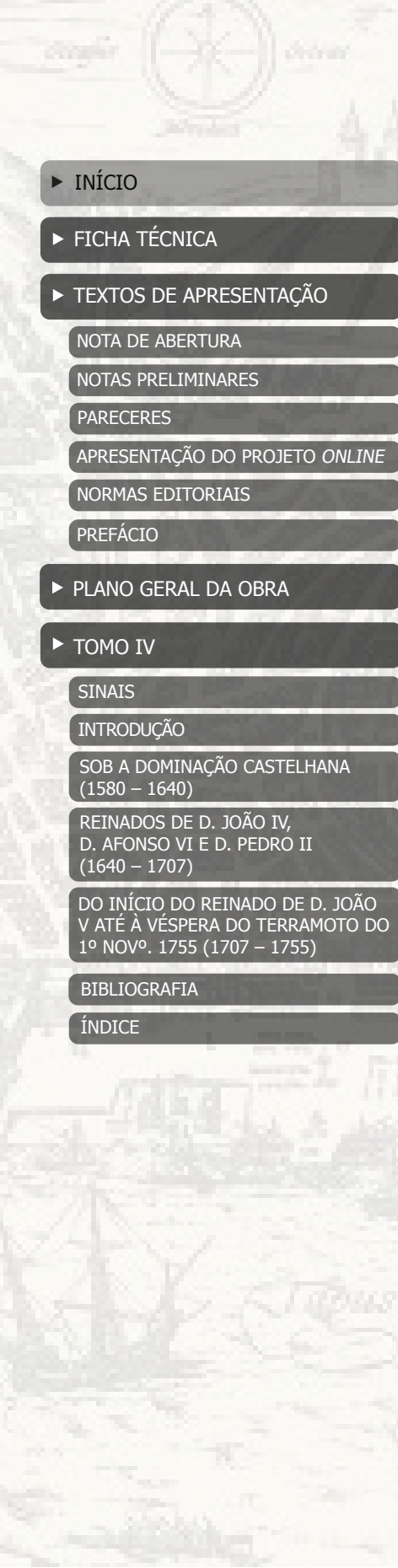
BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

tuais confusões sobre a proveniência de cada bloco de texto, ficando ao mesmo tempo salvaguardada a originalidade do texto autoral.

*Mário Farelo*

*Paulo Catarino Lopes*



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## PREFÁCIO

Provavelmente nenhum católico português com alguma cultura, e que tenha vivido pelos anos 60 ou 70 do século passado, ignora quem era o “Pe. Felicidade”. Falecido em 1998, a sua memória foi evocada, dez anos mais tarde, numa sessão solene do Centro Nacional de Cultura. Quem com ele contactou pessoalmente não pode esquecê-lo. O grande público conhece sobretudo a sua ação veemente e corajosa na condenação da Guerra Colonial e na denúncia da submissão da hierarquia católica ao regime do Estado Novo, através, nomeadamente, da publicação clandestina dos Cadernos GEDOC. Excomungado pelo Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira em 1970, manteve sempre as suas posições políticas e convicções religiosas. Entre 1968 e 1975 tornou-se a referência unânime e obrigatória dos assim chamados “católicos progressistas”, quaisquer que fossem as suas opiniões ideológicas e atitudes pragmáticas. Depois do 25 de Abril, aderiu ao Partido Comunista Português, mas retirou-se progressivamente da política ativa, e dedicou-se ao estudo da História da Arte, concentrando a sua atenção sobretudo nas igrejas e monumentos religiosos de Lisboa e na obra artística de Francisco da Holanda. Publicou alguns dos resultados destes estudos, concretamente acerca dos mosteiros de S. Vicente de Fora e dos Jerónimos (três volumes). Entretanto foi tomando notas acerca das outras igrejas de Lisboa. Em 1991 completou uma obra a que chamou *Peregrinação pelas igrejas de Lisboa*, onde reuniu uma grande quantidade de informações sobre os monumentos religiosos da cidade, mas não chegou a comprometer-se com nenhum editor. Não pretendia fazer investigação original nem publicar documentos inéditos, mas reunir sistematicamente os dados necessário para conhecer o essencial da história das suas igrejas.

Aos olhos dos seus herdeiros e amigos, a obra parecia estar pronta para ser publicada. Pensaram fazê-lo como homenagem à sua inesquecível personalidade. Todavia, tiveram o cuidado de procurar um parecer que garantisse o valor da informação fornecida, nomeadamente acerca das igrejas fundadas na época medieval. Tendo eu aceitado a tarefa, como admirador que sempre fui do Pe. Felicidade, e partindo do princípio de que se tratava de uma obra de divulgação, verifiquei que a grande maioria dos dados nela registados procediam da historiografia erudita dos séculos XVII e XVIII, a qual consagrava sobretudo notícias lendárias e fantasistas de origem local ou regional, empoladas pela mentalidade barroca da época. Com efeito, as memórias locais serviam de base, muitas vezes imaginária, a manifestações de rivalidade entre ordens religiosas, sempre prontas a exagerar os elementos maravilhosos e edificantes para proclamarem um passado glorioso. As informações documentais eram lidas à luz dos princípios do Direito Canónico pós-tridentino, criado na época moderna para dirimir conflitos de jurisdição eclesiástica segundo princípios anteriormente inexistentes. Pareceu-me impossível publicar uma obra que, na prática, teria o efeito perverso de consagrar

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

informações erradas e interpretações abusivas. Ao mesmo tempo, pareceu-me, em contraste com as informações relativas à época medieval, as da época moderna eram corretas e objetivas. Propus, então, que os dados referentes à época moderna, sobretudo ao século XVI, fossem examinados por um especialista, para certificar a validade global das informações neles registadas. O parecer que para esse fim foi benevolmente dado pela então minha colega da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Professora Catedrática Ana Isabel Buescu foi favorável à publicação desta parte da obra. O carácter sistemático das monografias redigidas pelo Pe. Felicidade Alves era também uma qualidade a recomendar a sua edição. Mas tinha de se decidir o que fazer com o volume sobre as igrejas da época medieval. Propus a sua publicação anotada por um especialista de História da Arte Medieval. A solução foi aceite e a tarefa confiada a Paulo Almeida Fernandes. José Luís de Matos, que tinha sido amigo pessoal do Pe. Felicidade, arqueólogo e especialista da História da Península Ibérica no período da Antiguidade Tardia, encarregou-se de rever e anotar as informações relativas às igrejas anteriores ao princípio da Idade Média.

O trabalho foi mais demorado do que se esperava, mas acabou por ser feito. Com as notas de pé de página consideradas necessárias, com o patrocínio institucional do Centro Nacional de Cultura, o apoio do Presidente, Guilherme de Oliveira Martins, e o suporte mecânico da Fundação Calouste Gulbenkian, encontravam-se finalmente reunidas as condições necessárias para que a obra do Pe. Felicidade Alves fosse publicada, e assim se cumprissem os objetivos que ele lhe destinava.

Duas palavras mais para sublinhar alguns aspetos que tornam esta publicação um acontecimento *sui generis*. Quinze anos depois da sua redação e vinte e três depois da morte do seu autor, pode-se perguntar o que justifica de facto a sua publicação póstuma. Uma obra de piedade e devoção dedicada a um amigo desaparecido? A memória de alguém que lutou de forma exemplar, sem desfalecimento e com sacrifício da própria vida por uma causa justa? O serviço cultural prestado ao público interessado e de conteúdo ainda válido? Os depoimentos de Joana Lopes (in *Entre as brumas da memória - Os católicos portugueses e a ditadura*, p. 125-128) e o de Diana Andringa, prestado no Centro Nacional de Cultura em 2008, situavam-se na primeira ou segunda de tais perspetivas. Ignoravam a terceira. Quem não conheceu pessoalmente o Pe. Felicidade poderia pensar que o autor erudito e cuidadoso, especialista de História de Arte religiosa não era o mesmo que o combatente da luta pela independência política dos católicos na época marcelista. A verdade é que o Pe. Felicidade cumpriu ambas as tarefas de maneira exemplar. A sua personalidade pluriforme não se esgotava em nenhuma delas. Com efeito, o seu rigor intelectual obrigava-o a tomar a sério tudo aquilo que fazia. Se a História da arte e a História religiosa eram para ele, de certa maneira, um *hobby*, nada poderia ser mais alheio à sua personalidade do que a irresponsabilidade de um diletante. Por isso os seus amigos e aqueles que o consideram um modelo de fidelidade às suas convicções se

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

preocuparam tanto com o conteúdo da sua obra. Não quiseram publicá-la sem verificar antes o seu valor efetivo. Estou certo que o Pe. Felicidade não deixaria de aprovar estes cuidados.

A obra que da conjugação destes fatores resulta, e aqui se apresenta, constitui de facto, creio eu, não só uma fonte de informação sistemática e bem selecionada dos dados mais importantes para a história da arte sacra e da história religiosa da cidade de Lisboa, mas também uma novidade importante do ponto de vista da historiografia medieval. Com efeito, o conjunto das notas de atualização de conhecimentos reunidas por Paulo Almeida Fernandes transmite uma visão completamente diferente da que anteriormente se conhecia a tal respeito, com base na cronística seiscentista e setecentista. Apenas ligeiramente tocada pelo pensamento iluminista do século XVIII, e sofrendo nos séculos XIX e XX de violentos ataques anticlericais, a historiografia eclesiástica portuguesa só soube responder-lhe de forma apologética e ineficaz. A sua efetiva incapacidade permaneceu até aos nossos dias. As informações transmitidas pelas enciclopédias e corografias portuguesas, baseadas nas crónicas das ordens religiosas e diocesanas, estavam cheias de erros e confusões. Ora a investigação medieval tem feito progressos enormes durante os últimos vinte ou trinta anos, tanto no domínio da história social e económica, como no da cultura e mentalidades. Mesmo no domínio da história das instituições, terreno privilegiado da historiografia universitária portuguesa desde o tempo de Herculano, se verifica que a projeção dos conceitos jurídicos tridentinos sobre o passado medieval, multiplicou os equívocos e contradições. Hoje, porém, graças a uma minuciosa investigação monográfica sobre muitas entidades religiosas medievais, e a uma efetiva coordenação do passado religioso com o seu enquadramento social, económico e político, torna-se possível apresentar uma visão mais coerente e mais exata da realidade histórica. A contribuição do jovem investigador que aceitou rever o texto do volume da *Peregrinação pelas igrejas de Lisboa* relativo à época medieval, confere às suas notas, não só um valor acrescentado à memória do Pe. Felicidade Alves, mas também um contributo notável para a história religiosa da cidade de Lisboa por si mesma. Só quem tem explorado o terreno da medievalidade se apercebe da importância deste facto. Com efeito, o carácter predominantemente rural da civilização medieval, aliado ao relevo que a historiografia tradicional atribui aos centros da vida monástica (considerada também como fenómeno rural) manteve a religiosidade urbana como uma área praticamente desconhecida. Em Portugal, sobretudo. O conjunto das notas redigidas por Paulo de Almeida Fernandes, que procede a uma cobertura completa e sistemática dessa mesma área, confere-lhe uma importância própria. Aliado às informações sobre a evolução de cada um dos seus elementos, desde a sua criação até à época contemporânea, torna-se um estudo de valor inestimável. Creio que o Pe. Felicidade ficaria contente com tudo o que aconteceu à sua obra.

S. Pedro do Estoril, 14 de janeiro de 2014.

*José Mattoso*

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





- 
- ▶ INÍCIO
  - ▶ FICHA TÉCNICA
  - ▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
    - NOTA DE ABERTURA
    - NOTAS PRELIMINARES
    - PARECERES
    - APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE
    - NORMAS EDITORIAIS
    - PREFÁCIO
  - ▶ PLANO GERAL DA OBRA
  - ▶ TOMO IV
    - SINAIS
    - INTRODUÇÃO
    - SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA (1580 – 1640)
    - REINADOS DE D. JOÃO IV, D. AFONSO VI E D. PEDRO II (1640 – 1707)
    - DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO 1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)
    - BIBLIOGRAFIA
    - ÍNDICE

## PLANO GERAL DA OBRA

### **TOMO I**

#### **Templos anteriores à conquista de Lisboa aos Mouros (1147)**

Análise crítica - José Luís de Matos

### **TOMO II**

#### **As Igrejas medievais (1147-1495)**

Análise crítica - Paulo Almeida Fernandes

### **TOMO III**

#### **As Igrejas do século XVI (1495-1580)**

Análise crítica - Pedro Flor

### **TOMO IV**

#### **As Igrejas de Lisboa desde 1580 a 1755**

Análise crítica - Miguel Soromenho

### **TOMO V**

#### **As Igrejas de Lisboa ao Tempo do Terramoto**

Análise crítica - José Daniel Soares Ferreira e Paulo Almeida Fernandes

### **TOMO VI**

#### **As Igrejas de Lisboa desde 1755 a 1834**

Compilação - Abílio Tavares Cardoso e João Salvado Ribeiro

### **TOMO VII**

#### **Panorama das Igrejas existentes no séc. XIX e séc. XX (1834-1995)**

João Alves da Cunha

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

# TOMO IV AS IGREJAS DE LISBOA DESDE 1580 A 1755

Análise crítica Miguel Soromenho

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## SINAIS

† Sé episcopal

⦿ Igreja paroquial

⊖ Igreja de instituição pública não paroquial e não conventual

⊙ Ermida sem cura d'almas

∅ Capelas insignes

👑 Capelas reais

♂ Igreja conventual de frades (ou análogos)

♀ Igreja conventual de freiras (ou análogos)

‡ Sofreu obras de restauro ou reparações importantes

# Foi reedificado, ou sofreu transformações tais que equivalem a um novo edifício

↔ Foi substituída por outra do mesmo título, quer no mesmo local, quer noutra

† Desapareceu totalmente, por destruição ou demolição ou afectação a fins profanos

∴ Subsistem ruínas ou restos notáveis

✧ Ainda subsiste hoje, substancialmente tal como era

→ Subsistiu até...

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |







► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

# I

## INTRODUÇÃO

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 1. PREÂMBULO

Prosseguindo na Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa, dedicamos o 4º tomo ao período que vai do ano de 1580 ao ano de 1755.

Dividimos o nosso inventário em três capítulos:

**1.º Capítulo:** 1580/1640, em que os Reis de Castela ocuparam o Trono do Reino de Portugal.

**2.º Capítulo:** 1640/1701, que vai desde a Restauração da Independência até ao início do reinado de D. João V (1 Jan. 1707).

**3.º Capítulo:** 1707/1755, desde o início do reinado de D. João V até ao terramoto de 1755.

As peças designadas globalmente por “igrejas” são de diversa natureza, ou seja (e assinalando com um símbolo):

☉ **Ermidas:** Este termo não designa tanto uma “igreja pequena, capela, quase sempre edificada fora do povoado em lugar ermo, pequena igreja rústica”, mas mais propriamente: uma igreja, normalmente pequena, que não possui funções paroquiais, nem serve a uma comunidade conventual; e que não está adstrita a uma comunidade de devotos canonicamente definidos; os seus estatutos são devotos espontâneos e do tipo popular. É de notar que é quase uma lei geral que na origem duma igreja paroquial ou conventual se encontra uma ermida.

☼ **Igrejas paroquiais:** São as igrejas que servem de sede a comunidades de cristãos, definidas por um determinado território, destinada a todos os habitantes desse território, sem exclusão de sexos, idades, profissões, etc. Estas igrejas têm funções paroquiais: pia baptismal para o baptismo, santos óleos para a Unção dos Enfermos, direitos funerários, jurisdição para matrimónios, etc..

♂ **Igrejas conventuais de Frades:** São as igrejas próprias de comunidades de religiosas, normalmente isentas de jurisdição pastoral do Bispo ou do Pároco.

♀ **Igrejas Conventuais de Freiras:** O mesmo que as anteriores, mas para a comunidade do sexo feminino.

☹ **Igrejas de outras Instituições, não paroquiais nem conventuais:** São igrejas que servem as mais diversas instituições sociais. Indicamos algumas:

- Igrejas ligadas a nacionais de outros países: italianos, franceses, ...
- Igrejas anexas a Hospitais, isto é, a casas de religiosos destinados a dar hospitalidade aos religiosos da mesma Ordem de passagem por Lisboa.
- Igrejas ao serviço de instituições de ensino (colégios), ou de assistência social (recolhimentos), ou de assistência hospitalar (hospitais).

∅ **Capelas** na acepção de partes integrantes de igrejas, sobretudo nas que gozam de singular prestígio ou regime. vg. Capela de São João Baptista (na igreja de S. Roque), Capela

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

dos Santos (no convento de S. Domingos de Benfica) ou de perfil arquitectónico contrastante com o conjunto do Templo, vg. Capela-mor da igreja dos Jerónimos...

Mencionam-se ainda as **igrejas de nível supra-paroquial**: Sés, Capela real...

Este estudo representa uma primeira tentativa de levantamento exaustivo dos templos construídos, ou reconstruídos em Lisboa, entre os anos de 1580 e 1755. Para ele, utilizámos sobretudo os documentos literários que citamos na Bibliografia.

Embora nos declaremos bastante satisfeitos com esta primeira redacção, não desistimos de voltar ao assunto. Recorreremos então aos seguintes complementos:

a) A uma mais ampla documentação literária. Nomeadamente:

- às Crónicas específicas das Comunidades Religiosas: Beneditinos, Dominicanos, Franciscanos, Arrábidos, Carmelitas, Agostinhos, etc, onde se encontram dados preciosos para as igrejas de cada Ordem;
- à bibliografia relativa a certas igrejas particulares.

b) Ao estudo directo de cada exemplar que subsista ainda, no todo ou em parte. Assim se confirmarão os restos das intervenções mais antigas, ao lado de restauros de épocas posteriores.

c) À pesquisa sistemática nos arquivos: certamente constará aí quais foram as alterações introduzidas por ocasião de demolições, reedificações, urbanizações, etc.

d) E não ignoraremos a pesquisa arqueológica, onde ela for possível, que nos fornecerá dados seguros sobre as fundações, paredes, arcos, colunas, azulejos, etc. das igrejas que entretanto foram submersas por construções posteriores.

Onde nos pareceu possível, aludimos ao contexto de experiências religiosas ou de necessidades sociais, ou mesmo de dramas familiares ou políticos, que estão na origem da fundação de muitas ermidas, ou paróquias, ou casa religiosas. O período que aqui estudámos foi marcado pelo rescaldo de Alcácer-Quibir, a anexação feita por Castela, as guerras da Restauração, e vários outros acontecimentos, que deixaram marcas. Igualmente, certos dramas familiares reflectiram-se nas edificações religiosas.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. ÍNDICE DOS TEMPLOS FUNDADOS OU REEDIFICADOS EM LISBOA, NO PERÍODO DE 1580 A 1755

### CAPÍTULO I: 1580/1640

#### ☉ Ermidas

|                                                     |                   |
|-----------------------------------------------------|-------------------|
| São João dos Bem Casados                            | 1581 (?)          |
| Nossa Senhora da Pureza (1ª)                        | 1581              |
| Irmandade da Cruz dos Passos. Procissão dos Passos. |                   |
| Estações dos Passos                                 | Séc. XVI (finais) |
| Nossa Senhora da Penha de França → ♂                | 1597              |
| Nossa Senhora do Livramento, a Alcântara → ♂        | c. 1600           |
| Nossa Senhora da Guia                               | c. 1600 (?)       |
| Nossa Senhora das Necessidades → ♂                  | c. 1600/1610      |
| Ermidas para recolha de Meninos Perdidos            | Séc. XVI/XVII     |
| Nossa Senhora das Mercês → ♂                        | Séc. XVI/XVII     |

#### ♂ Igrejas Paroquiais

|                                                |                    |
|------------------------------------------------|--------------------|
| Nossa Senhora dos Mártires (2ª)                | 1598/1602          |
| Santos Reis Magos, ao Campo Grande (1ª)        | Antes de 1620      |
| São Nicolau (2ª)                               | 1616-1627          |
| Santa Engrácia (2ª)                            | 1632-1682          |
| São Martinho (2ª)                              | 1634-1664          |
| São Tiago (2ª)                                 | Séc. XVII (1ª met) |
| Diversas igrejas [8] completadas neste período | Séc. XVII (1ª met) |

#### ♂ Igrejas Conventuais de Frades

|                                                             |           |
|-------------------------------------------------------------|-----------|
| Convento de Nossa Senhora do Desterro                       | 1591      |
| Convento de Nossa Senhora do Vale da Misericórdia, Laveiras | 1595-1612 |
| Convento de São Bento da Saúde                              | 1598      |
| Congregadas de São Rafael                                   | 1600      |
| Mosteiro de São Vicente de Fora (2ª)                        | 1582-1629 |
| Convento de São Bento de Enxobregas                         | c. 1600   |
| Convento de Nossa Senhora da Penha de França                | 1604-1625 |
| Convento de Nossa Senhora dos Remédios [“Marianos”]         | 1611-1613 |
| Convento de Nossa Senhora de Jesus                          | 1615      |

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

|                                                            |           |
|------------------------------------------------------------|-----------|
| Convento de São Domingos de Benfica (2ª)                   | 1624-1632 |
| Convento de São João de Deus, à Pampulha                   | c. 1629   |
| Convento de Nossa Senhora das Portas do Céu, em Telheiras  | 1633      |
| Convento de Nossa Senhora do Rosário, às Fangas da Farinha | 1633-1659 |

#### ♀ **Igrejas Conventuais de Freiras**

|                                                      |           |
|------------------------------------------------------|-----------|
| Convento de Santo Alberto                            | 1585      |
| Convento de Nossa Senhora da Quietação               | 1586      |
| Convento de Santa Mónica                             | 1586      |
| Convento de São Salvador de Sião                     | 1594      |
| Mosteiro de São Félix e Santo Adrião, em Chelas (2ª) | 1604      |
| Mosteiro de Santos-o-Novo (2ª)                       | 1609/1685 |
| Convento de Santa Marta                              | 1612      |
| Mosteiro do Sacramento, a Alcântara                  | 1612      |
| Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação              | c. 1617   |
| Convento do Monte Calvário, em Alcântara             | 1618      |
| Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso             | 1639      |
| Mosteiro de Santa Clara (2ª)                         | 1641      |

#### Θ **Igrejas de outras Instituições**

|                                                   |           |
|---------------------------------------------------|-----------|
| Colégio dos Catecúmenos                           | 1579-1608 |
| Recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação       | 1583      |
| Igreja do Recolhimento das Convertidas, ao Loreto | 1586      |
| Colégio dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho  | 1595      |
| Hospício de São Bruno, à Rua do Salitre           | 1609      |
| Seminário de São Patrício, dos Irlandeses         | 1611      |
| Casa Professa de São Roque                        | 1555/1759 |
| Colégio de Santo Antão-o-Novo, dos Jesuítas       | 1613/1652 |
| Igreja do Noviciado da Companhia de Jesus         | 1619      |
| Igreja de São Luís dos Franceses                  | 1622      |
| Seminário dos Inglesinhos                         | 1632      |

#### ø **Capelas**

|                                                        |               |
|--------------------------------------------------------|---------------|
| Nª Srª-a-Franca, na Igreja Paroquial de São Tiago      | Séc. XVI/XVII |
| Capela do Palácio dos Marqueses de Abrantes, em Santos | Séc. XVI/XVII |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**CAPÍTULO II: 1640/1707**☉ **Ermidas**

Nossa Senhora do Rosário da Restauração, ao Grilo

A seguir a 1640

Nossa Senhora do Alecrim

1641

Nossa Senhora da Oliveira

1646: reedific.

São Pedro de Alcântara, a Santa Apolónia

1654

Nossa Senhora da Saúde, à Mouraria

1662

Nossa Senhora do Paraíso, à Cruz da Pedra

1685 ?

Nossa Senhora do Monteagudo

1693

Santa Bárbara, a Arroios

c. 1695

Ermida da Rainha Dona Catarina, Rainha de Inglaterra

1695

Nossa Senhora d'Assunção

1697

São Filipe e São Tiago

Séc. XVII

☼ **Igrejas Paroquiais**

São Tomé do Penedo (2ª)

Séc. XVII?

Nossa Senhora do Socorro (1ª)

1646

Nossa Senhora das Mercês

1652

São Sebastião da Pedreira

1652-1654?

Nossa Senhora da Encarnação, da Ameixoeira (2ª)

1664

Santíssimo Sacramento (1ª)

1667 → † 1671

Santíssimo Sacramento (2ª)

1671

São Cristóvão (3ª)

c. 1671-1672

São Bartolomeu da Charneca

1685

Nossa Senhora da Conceição – “Conceição Nova” (1ª)

1699

São Miguel (2ª)

1673-1720

♂ **Igrejas Conventuais de Frades**

Convento de Nossa Senhora do Desterro

1640

Convento da Santíssima Trindade (3ª)

1640 ss.

Convento de São Paulo da Serra de Ossa

1647

Convento do Corpus Christi (1ª) ou dos Tanoeiros

1648-1661

Convento de Nª Srª da Porciúncula

1648

Convento de Nª Srª do Rosário, ao Corpo Santo

1659

Convento de Nª Srª da Conceição do Monte Olivete

1666/1684

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

|                                                                        |           |
|------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Convento de Santo António da Convalescença                             | 1640-1746 |
| Casa do Espírito Santo, da Congregação do Oratório                     | 1674      |
| Convento de São Cornélio, aos Olivais                                  | 1672      |
| Convento de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> da Boa Hora                 | 1677 ss.  |
| Convento de São Pedro de Alcântara                                     | 1680-1685 |
| Convento de São João da Cruz em Carnide                                | 1681      |
| Convento de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> do Livramento, a Alcântara  | 1687      |
| Convento de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> da Conceição da Porciúncula | 1689      |
| Mosteiro de Santo Elói, ao Castelo (2º)                                | c. 1695   |
| Convento de Nossa Senhora da Divina Providência                        | 1698      |
| Noviciado da Beata Princesa Dona Joana                                 | 1699      |

#### ♀ **Igrejas Conventuais de Freiras**

|                                                                           |                |
|---------------------------------------------------------------------------|----------------|
| Convento de Santa Teresa, em Carnide                                      | 1642           |
| Convento de São Salvador de Sião (2ª)                                     | Depois de 1651 |
| Convento de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> da Nazaré                      | 1655           |
| Convento de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> da Conceição, de Marvila       | 1660           |
| Convento de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> da Soledade                    | 1661           |
| Convento de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> da Conceição, do Monte Olivete | 1663           |
| Convento do Santo Crucifixo                                               | 1667           |
| Convento de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> da Conceição, dos Cardais      | 1681           |
| Convento de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> da Conceição, em Carnide       | 1694           |

#### Θ **Igrejas de outras Instituições**

|                                                                                |            |
|--------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Igreja do Recolhimento do Espírito Santo                                       | 1671       |
| Capela Real de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> da Conceição no Paço da Bemposta | 1701 ss.   |
| Igreja do Colégio de S. Francisco Xavier, a Santa Clara                        | 1682       |
| Igreja de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> do Loreto, dos Italianos              | 1676       |
| Igreja (votiva) de Santa Engrácia (3ª)                                         | 1682       |
| Igreja do Recolhimento de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> da Encarnação e Carmo | 1704, 1746 |

#### ø **Capelas notáveis**

|                                                                  |               |
|------------------------------------------------------------------|---------------|
| Capela dos Castros, junto ao Convento de São Domingos de Benfica | 1648          |
| Capela de Santa Barbara, no Castelo                              | Antes de 1707 |

#### † **A Sé de Lisboa**

No século XVII

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**CAPÍTULO III: 1707/1755**☉ **Ermidas**

|                                           |                      |
|-------------------------------------------|----------------------|
| Nossa Senhora da Conceição, em Belém      | c. 1710              |
| Senhor Jesus da Boa Morte                 | 1736                 |
| Nª Srª Mãe de Deus e dos Homens           | 1749                 |
| Santo Ambrósio                            | Séc. XVIII -1ª met.  |
| Senhor Jesus da Boa Nova                  | Séc. XVIII -1ª met.  |
| [Nossa Senhora] dos Milagres              | Séc. XVIII -1ª met.? |
| Nossa Senhora da Conceição, em Rilhafoles | Séc. XVIII -1ª met.  |

☼ **Igrejas Paroquiais**

|                                 |                |
|---------------------------------|----------------|
| Nª Srª da Pena                  | 1705.1714/1720 |
| Nª Srª da Encarnação (1ª)       | 1708           |
| Santo Estevão (2ª)              | 1733/1740      |
| Santa Isabel Rainha de Portugal | 1742           |
| Nª Srª do Amparo, de Benfica    | 1750           |

☿ **Igrejas Conventuais de Frades**

|                                                |           |
|------------------------------------------------|-----------|
| Convento de S. João Nepomuceno e Santa Ana     | 1723      |
| Convento de São Francisco da Cidade (3ª)       | 1707.1741 |
| Convento de S. Vicente de Paula, em Rilhafoles | 1738      |
| Convento de Nossa Senhora da Porciúncula (2ª)  | 1739      |
| Convento de Santa Rita de Cássia               | 1749      |
| Convento de Nª Srª das Necessidades            | 1750      |
| Convento de São Camilo de Lellis               | 1754      |
| Convento de São Francisco de Paula             | 1719.1753 |
| Convento de São Domingos (3ª)                  | 1724.1748 |

♀ **Igrejas Conventuais de Freiras**

|                                            |      |
|--------------------------------------------|------|
| Convento da Visitação (1ª) ou das Salésias | 1714 |
| Convento de Santa Apolónia                 | 1718 |
| Convento de Nª Srª dos Remédios, ao Rato   | 1721 |

⊖ **Igrejas de outras Instituições**

|                       |           |
|-----------------------|-----------|
| Igreja do Menino Deus | 1711-1737 |
|-----------------------|-----------|

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

|                                                     |                   |
|-----------------------------------------------------|-------------------|
| Igreja da Ordem Terceira Secular de Jesus           | Séc. XVIII 1ª met |
| Hospício de São Caetano, ao Campo Grande            | Séc. XVIII 1ª met |
| Igreja de Santo António, à Sé (2ª)                  | 1718              |
| Igreja de Nª Srª da Conceição e Santo António       | 1738              |
| Recolhimento de Nª Srª dos Anjos                    | 1742 (ou 1747)    |
| Hospício de Nª Srª da Conceição dos Clérigos Pobres | 1722              |
| Colégio das Missões das Índias Orientais e da China | 1755              |

### † Igrejas especiais

|                                               |             |
|-----------------------------------------------|-------------|
| Capela Real de S. Tomé, no tempo de D. João V | 1707/1716   |
| Basílica Metropolitana e Patriarcal           | 1716/1755   |
| Sé Arquiepiscopal de Lisboa Oriental          | 1716/1742   |
| Basílica de Santa Maria                       | 1742 ss.    |
| Basílica Patriarcal (projectada)              | c. 1719 ss. |

### ø Capelas insigneis

|                                                                                                         |                    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|
| Capela dos Santos Veríssimo, Máxima e Júlia, no átrio da Igreja<br>Conventual de São Pedro de Alcântara | Século. XVII/XVIII |
| Capela de Nossa Senhora de Belém, no Convento de Santa Clara                                            | 1703               |
| Capela de São João Baptista, na Igreja de São Roque                                                     | 1751               |



3. QUADRO

|                                  | 1580/1640 | 1640/ 1707 | 1707/ 1755 | TOTAL |
|----------------------------------|-----------|------------|------------|-------|
| ☉ Ermidas                        | 9         | 10         | 6          | 25    |
| ☼ Igrejas Paroquiais             | 6+        | 11         | 5          | 22+   |
| ♂ Igrejas Conventuais de Frades  | 13        | 17         | 9          | 39    |
| ♀ Igrejas Conventuais de Freiras | 12        | 8          | 3          | 23    |
| ⊖ Igrejas de outras Instituições | 8         | 5          | 9          | 22    |
| ∅ Capelas insignes               | 2         | 2          | 3          | 7     |
| † Igrejas muito especiais        | -         | 1          | 5          | 6     |
| TOTAL                            | 50+       | 54         | 40         | 144+  |

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

#### 4. FONTES DOCUMENTAIS MAIS IMPORTANTES

- 1554 – Summario ê que brevemente se contem algumas cousas assi ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa – Por CHRISTOVAM RODRIGUES DE OLIVEIRA. 1ª edição s/d [1554]; 2ª edição, 1750; 3ª edição 1938; 4ª edição, 1987, Livros Horizonte, com apresentação a notas de José Felicidade Alves. Os dados devem referir-se no ano de 1551. Trata das Paroquiais de Lisboa (24), Igrejas que não são paroquiais (11), Ermidas (24), Hospitais (..) Colégios (2), Mosteiros de Frades (11), Mosteiros de Freiras (11).
- 1620 – Livro das Grandezas de Lisboa – Por Fr. NICOLAU DE OLIVEIRA. 1ª edição, 1620 2ª edição, 1804 3ª edição, 1990.
- 1704/1708 – História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa – Na qual se dá notícia da Fundação e Fundadores das Instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade. Com biografias, descrição de ornato e imagens indicações acerca dos seminários e noviciados estabelecidos em Lisboa. Ms. 145 da BNL.  
Por um AUTOR ANÓNIMO (certamente Jesuíta), s/d (provavelmente redigida pelos anos de 1704/1708). In. Folio de 476 fl. encd. Publicada pela Câmara Municipal de Lisboa em dois tomos: 1º tomo, 1950; 2º tomo 1972.
- 1706 – Corografia Portuguesa, e Descrição topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as notícias das fundações das cidades, Villas... – Pelo Padre ANTÓNIO CARVALHO DA COSTA. 1ª Edição: Lisboa, 1705/1712; 2ª Edição: Braga, 1868. No tomo 3º, notícia das freguesias de Lisboa e instituições religiosas nelas existentes. Algumas notícias são preciosas.
- 1707 – Santuário Mariano, e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, e de milagrosamente aparecidas... – Por FREI AGOSTINHO DE SANTA MARIA. Tomo 1º [das que se veneram na cidade de Lisboa], Lisboa, 1707.
- 1755 – Suplemento ao Summario das Notícias de Lisboa – Por MONOEL DA CONCEIÇÃO. É adição feita à 2ª edição do Sumário de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, 1755.
- 1763 – Mappa de Portugal Antigo e Moderno – Pelo Padre JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, beneficiado da Santa Basílica Patriarcal de Lisboa. 1ª Edição: ? ; 2ª Edição: 1762/1763, em três volumes; 3ª Edição: 1870, em 2 volumes. No volume III da edição de 1763, encontra-se a melhor visão de conjunto de todas as Freguesias, Conventos, Mosteiros, Ermidas; e mais igrejas da cidade de Lisboa. Anota o que lhes aconteceu com o Terramoto.
- 1839 – Descrição Geral de Lisboa em 1839 – Por P.P. DA CÂMARA, Lisboa, 1839. Trata das 41 freguesias de Lisboa de então: mas muito ao de leve.
- 1840 – Monumentos Sacros de Lisboa em 1833, ou Colecção de todos Conventos, Mosteiros e Parochiais do recinto da cidade de Lisboa, em 1833 – Por LUÍS GONZAGA PEREIRA, “Em que se mostram os desenhos de seus alçados, e se descreve a belleza que os mesmos continham, relativa às Artes da Pintura, Escultura Architectura e



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Gravura”. Foi recopiado no ano de 1840 e publicado em Lisboa, em 1927, prefaciado por A. Viera da Silva.

Trata de: Igrejas de Religiosos, nºs 1 a 60;

Igrejas de Religiosas, nºs 1 a 32;

Ordens Terceiras, nºs 1 a 9;

Igrejas Parochiais, nºs 1 a 40

**1840/1843 – O Ramalhete**, jornal de Instrução e Recreio, Lisboa. 4º vol. (1841), 5º vol. (1842), 6º vol. (1843). Trata das 40 freguesias de Lisboa de então, copiadas do Mappa de Portugal, adicionando algumas informações relativas ao período que vai de 1763 a 1843.

**1844 – Diário Eclesiástico para o Reino de Portugal, principalmente para a cidade de Lisboa** – Pelo P. VICENTE FERREIRA. É cópia do Mappa de Portugal, com algumas actualizações até 1844.

**1874 – Portugal Antigo e Moderno – Dicionário...** – Por AUGUSTO SOARES D’AZEVEDO BARBOSA DE PINHO LEAL. Trata de “Lisboa” no volume IV, 1874. Tem um capítulo especial sobre “Egrejas Parochiais de Lisboa”, no referido volume IV, tratando de 34 freguesias, e de mais 5 que “já não existem”.

**1879 – Lisboa Antiga. O Bairro Alto** – Por JÚLIO DE CASTILHO. 1ª Edição, 1 vol. 1879; 2ª Edição, 5 volumes, 1902 a 1924; 3ª edição, dirigida e anotada por Gustavo de Matos Sequeira, vol. I (1954); vol. II (1955); vol. III (1956); vol. IV (1962).

**1884-1890 – Lisboa Antiga. Os Bairros Orientais** – Por JÚLIO DE CASTILHO. 1ª Edição, 7 volumes, publicados entre 1884 e 1890; 2ª edição revista e anotada pelo Eng.º Augusto Vieira da Silva, em 12 volumes de 1934 a 1938. Apesar de os estudos recaírem apenas sobre 18 freguesias, é obra monumental.

**1893 – A Ribeira de Lisboa. Descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre de Deus até Santos-o-Velho** – Por JÚLIO DE CASTILHO. 1ª Edição, 1893; 2ª Edição, anotada por Luís Pastor de Macedo, em 5 volumes, 1940/1944; 3ª Edição, revista e compilada pelo Autor e com anotações de Luís Pastor de Macedo. Volume I (1948); vol. II (1956); vol. III (1960); vol. IV (1964); vol. V (1968).

**1893 – Antiguidade e Orientação das Egrejas Parochiais de Lisboa** – Por J. J. GOMES DE BRITO. Estudos publicados no Correio Nacional, no ano de 1893; coligido no volume 3º da obra póstuma do mesmo autor, Ruas de Lisboa, revista e prefaciada por António Baião, 1935.

**1909 – Portugal: Diccionário Histórico, chorographico, Bibliographico, Heráldico, Numismático e Artisco** – Por ESTEVES PEREIRA E GUILHERME RODRIGUES. Volume IV, Lisboa, 1909. “Lisboa (conventos)”: Conventos de Frades (247/284); Conventos de Freiras (284/304); Igrejas não-paroquiais (304/322); Ermidas (322/328). Várias notícias sobre as igrejas paroquiais.

**1924 – Guia de Portugal** – Por uma equipa dirigida por RAÚL PROENÇA. 1ª Edição, 1º volume, 1924

**1939 – Peregrinações em Lisboa** – Por NORBERTO DE ARAÚJO. 3 volumes com gravuras, 1939. Lisboa, parceria Ant. Mª Pereira

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**1940 – Diccionario Chorographico de Portugal Continental, Hydrographico, Orographico, Archeologico, Histórico, Biographico, Heraldico, Etymológico** – Por AMÉRICO COSTA. Volume 7º, 1940: Conventos de Frades (561-582); Conventos de Freiras (582-586); Igrejas (586-501); Ermidas (601-607).

**1943 – As Freguesias de Lisboa - Estudo Histórico** – Por A. VIEIRA DA SILVA. Lisboa, 1943, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa. Bibliografia escolhida e analisada, sínteses muito úteis.

**1944/56 – Inventário de Lisboa** – Por NORBERTO DE ARAÚJO e DURVAL PIRES DE LIMA. Edição da Câmara Municipal de Lisboa. Ilustr. De J. Espinho e Rosa Duarte.

Fascículo I (1944):

Sé Patriarcal, p. 23-38 (4 ilustr.)

Jerónimos (Stª Maria de Belém) p. 39-51 (3 ilustr.; 2 fotogr.)

S. Vicente, p. 59-68 (1 ilustr.)

Basílica da Estrela, p. 69-76 (2 ilustr.)

Fascículo X (1955):

Igreja de S. Vicente, p. 11-12 (1 fotogr.)

Igreja de S. Miguel, p. 13-15 (1 fotogr.)

Igreja de Stª Cruz do Castelo, p. 17-19 (1 ilustr.; 1 fotogr.)

Igreja da Madalena, p. 21-23 (1 ilustr.)

Igreja da Sé (Stª Maria Maior), p. 25-26 (2 fotogr.)

Igreja de Santos, p. 27-29 (1 fotogr.)

Igreja de S. Nicolau, p. 31-33 (1 fotogr.)

Igreja de S. Tiago, p. 35-37 (1 fotogr.)

Igreja de S. Cristóvão, p. 39-42 (1 ilustr.)

Igreja de S. Domingos, p. 43-47 (2 fotogr.)

Igreja da Graça, p. 49-53 (1 ilustr.; 2 fotogr.)

Igreja do Lumiar, p. 55-57 (1 fotogr.)

Igreja de Stº Estevão, p. 59-61 (1 ilustr.)

Igreja dos Olivais, p. 63-65 (1 fotogr.)

Igreja da Luz, p. 67-70 (1 fotogr.; 1 ilustr.)

Igreja do Colezinho, p. 71-74 (2 ilustr.)

Igreja dos Jerónimos, p. 75-76 (1 grav.)

Igreja da Ameixoeira, p. 77-79 (1 fotogr.)

Igreja de S. Paulo, p. 81-83 (1 fotogr.)

Fascículo XI (1956):

Igreja da Penha, p. 11-15 (1 ilustr.)

Igreja de Jesus, p. 17-21 (3 fotogr.)

Igreja do Campo Grande, p. 23-24 (1 fotogr.)

Igreja de Santa Catarina (Paulistas), p. 25-25 (5 fotogr.)

Igreja de S. Sebastião da Pedreira, p. 29-31 (3 fotogr.)

Igreja de S. Bartolomeu (Beato), p. 33-35 (1 grav.)

Igreja do Sacramento, p. 37-39 (1 ilustr.; 1 fotogr.)

Igreja de S. Bartolomeu (Charneca), p. 41-43 (1 ilustr.; 1 fotogr.)

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Igreja da Encarnação, p. 45-47 (1 ilustr.; 5 fotogr.)

Igreja da Pena, p. 49-51 (3 fotogr.)

## Fascículo XII (1956):

Igreja de Santa Engrácia (Barbadinhos), p. 11-13 (41 fotogr.)

Igreja de Stª Isabel, p. 15-17 (1 ilustr.; 1 fotogr.)

Igreja de Nª Sr.ª do Amparo (Benfica), p. 19-21 (3 fotogr.)

Igreja de Nª Sr.ª da Oliveira, p. 23-24

Igreja de Nª Sr.ª da Ajuda (boa-Hora), p. 25-27 (1 ilustr.)

Ermida de Nª Sr.ª da Vitória, p. 29-30 (1 fotogr.)

Igreja dos Mártires, p. 31-34 (1 ilustr.; 2 fotogr.)

Igreja da Estrela, p. 35-36 (3 fotogr.)

Igreja de São Pedro em Alcântara, p. 37-39 (1 fotogr.)

Igreja do Coração de Jesus, p. 41-42 (1 fotogr.)

Igreja de S. Mamede, p. 43-45 (3 fotogr.)

Igreja de S. Jorge de Arroios, p. 47-48 (1 fotogr.)

Igreja de S. José, p. 49-51 (2 fotogr.)

Igreja de Campolide, p. 53-54 (1 fotogr.)

Igreja dos Anjos, p. 55-57 (1 ilustr.; 2 fotogr.)

Igreja de Nª Sr.ª de Fátima, p. 59-62 (1 ilustr.; 5 fotogr.)

Igreja de Santo Condestável, p. 63-68 (4 fotogr.)

Igreja de S. João de Deus, p. 67-69 (4 fotogr.)

Igreja de S. João de Brito, p. 71-73 (3 fotogr.)

**1973 – Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa** – Sob a direcção de D. FERNANDO DE ALMEIDA. Edição da Junta Distrital de Lisboa.

## Volume V, tomo 1º, 1973

Igreja de Santa Cruz (p. 24)

Igreja de Santiago (27-31)

Igreja de São Brás e Santa Luzia (33-36)

Sé (38-48)

Igreja de Santo António da Sé (48-50)

Igreja de São João da Praça (50)

Igreja de São Miguel (64-66)

Igreja de Santo Estevão (69-71)

Igreja de Nª Senhora da Conceição = Conceição Velha (80-83)

Igreja de Santa Maria Madalena (83-85)

Igreja de São Cristóvão (90-93)

Igreja de São Lourenço (97-98)

Igreja de Santo Antão-o-Velho = Coleginho (98-100)

Igreja do Menino Deus (109-114)

Igreja de Nossa Senhora da Graça (114-120)

Igreja de São Domingos (125-126)

Igreja de São Nicolau (139)

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Antiga Igreja de Corpus Christi (140)  
Igreja de São Julião (141).

Volume V, tomo 2º, 1975

Igreja de São Paulo (16-18)  
Igreja do Corpo Santo (20)  
Igreja das Chagas (22)  
Igreja da Encarnação (25)  
Igreja de Nossa Senhora do Loreto (26-27)  
Basílica de Nossa Senhora dos Mártires (33-35)  
Igreja do Sacramento (35-36)  
Igreja do Convento do Carmo (39-42)  
Igreja de São Roque (46-50)  
Igreja de São Pedro de Alcântara (57-60)  
Igreja dos Paulistas (65-67)  
Igreja de Jesus (69-72)  
Igreja da Ordem Terceira de Jesus (72-73)  
Igreja de Nossa Senhora da Encarnação dos Cardais (78-81)  
Igreja de Santa Marta (99-104)  
Capela de São José dos Carpinteiros (104-109)  
Igreja de São José (109-111)  
Igreja de São Luís dos Franceses (113-115)  
Igreja da Encarnação das Comendadeiras de Aviz (115-121)  
Igreja de Nossa Senhora da Pena (121-128)  
Igreja de Santo António dos Capuchos (137-138)  
Capela do Real Paço da Bemposta (143-148)  
Igreja do Desterro (152-154)  
Igreja dos Anjos (162-164)  
Igreja do Convento das Mónicas (164)  
Igreja de São Vicente de Fora (165-175)  
Igreja de Santa Engrácia (186-190)  
Igreja dos Barbadinhos (195-196).

Volume V, tomo 3º, 1988

Convento da Esperança (21)  
Igreja de Santos-o-Velho (25)  
Ig. de Nª Srª dos Remédios – Convento dos Marianos (26-28)  
Capela das Albertas (32-34)  
Convento de São João de Deus (36-37)  
Igreja de São Francisco de Paula (37-40)  
Convento das Trinas de Mocambo (44-45)  
Igreja de Nossa Senhora da Lapa (49-50)  
Ermida do Senhor Jesus dos Navegantes (30)  
Convento da Estrelinha (56-57)  
Basílica da Estrela (57-61)  
Convento de São Bento da Saúde (63-68)

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Mosteiro das Trinitárias do Rato (70-73)

Igreja de Santa Isabel (73-75)

Igreja de Nossa Senhora das Dores (à Rua do Patrocínio) (81)

Ermida do Senhor Jesus dos Terramotos (83-84)

Capela de Nossa Senhora das Necessidades (88)

Convento do Sacramento (89-90)

Igreja Paroquial de São Pedro (99-100)

Mosteiro do Monte Calvário (106-107)

Convento de Nossa Senhora da Quitação (Flamengas) (107-111)

Ermida de Santo Amaro (111-116)

Convento das Salésias (143)

Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora (147-149)

Capela Real da Ajuda (155)

Igreja da Memória (162)

Ermida da Nossa Senhora das Dores (166-167)

Ermida de Nossa Senhora da Conceição, em Belém (178-179)

Igreja e Mosteiro dos Jerónimos (182-188)

Ermida do Santo Cristo (188)

Ermida de São Jerónimo (189)

Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso (190)

NB: A bibliografia respeitante a igrejas singulares é mencionada apenas na notícia específica sobre cada igreja.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 5. APÊNDICES CRONOLÓGICOS

### Apêndice A: Cronologia das edificações religiosas e outros eventos

|      |            |                                                                                                                                                               |
|------|------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1580 |            | - Morte do Cardeal D. Henrique                                                                                                                                |
| 1581 |            | - Filipe II de Castela é aclamado Rei (Cortes de Tomar)                                                                                                       |
| “    | (1.Out)    | - Chegada a Lisboa do Pe Ambrósio Mariano, para fundar o 1º Convento dos Carmelitas descalços.                                                                |
| “    |            | - 1ª habitação dos Carmelitas Descalços, à Pampulha.                                                                                                          |
| 1582 | (25.Agos)  | - Começo da reconstrução do Mosteiro e Igreja de São Vicente de Fora.                                                                                         |
| 1584 |            | - É fundada pelos Jesuítas a Casa da Conversão ou Colégio dos Catecúmenos.                                                                                    |
| “    | (24.Dez)   | - Chegam a Lisboa as 4 Carmelitas Descalças destinadas ao futuro Convento das “Albertas”. Recolhem-se no Mosteiro da Anunciada.                               |
| 1585 | (20.Jan)   | - As primeiras Carmelitas Descalças instalam-se em casas onde depois foi o Convento de S. Alberto.                                                            |
| 1586 | (1.Jan)    | - É lançada a 1ª pedra do Mosteiro das Mónicas.                                                                                                               |
| 1587 |            | - Delibera-se a instituição de um Noviciado da Companhia de Jesus em Lisboa.                                                                                  |
| 1588 | (25.Jan)   | - Procissão das Relíquias doadas por D. João de Borga à Igreja de S. Roque (entre elas: uma réplica do Santo Sudário de Turim e dois pedaços do Santo Lenho). |
| “    | (31.Dez)   | - Morre em Lisboa o dominicano Frei Luís de Granada.                                                                                                          |
| 1589 | (18.Set)   | - O governador do Reino do Algarve, Fernão Teles de Meneses, propõe-se custear a fundação do Noviciado da Companhia de Jesus em Lisboa.                       |
| 1591 | (8.Abril)  | - É lançada a 1ª pedra do Mosteiro do Desterro.                                                                                                               |
| 1593 | (8.Nov)    | - Os padres da Companhia de Jesus do Colégio Velho de Santo António à Mouraria mudam-se para o Colégio Novo, na Encosta de Sant’Ana.                          |
| “    | (1.Fev)    | - É instituída a Confraria destinada a criar e sustentar o Seminário dos Irlandeses.                                                                          |
| 1594 |            | - Os Monges Ingleses de Santa Brígida abandonam Ruão (1 Abr.). Desembarcam em Lisboa (20 Maio).                                                               |
| “    | (28.Abril) | - Os Religiosos de Stº Agostinho compram aos Jesuítas o Colégio de Santo Antão-o-Velho, por 11 mil cruzados.                                                  |
| 1595 | (17.Abril) | - Os Religiosos Terceiros tomam posse da Ermida e Casas onde se erguia o Mosteiro de Jesus.                                                                   |

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

|      |            |                                                                                                                                                                                 |
|------|------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1596 |            | - Ajuste entre os Padres de Santo António dos Capuchos e Damião de Aguiar, pelo qual este último, ou seus herdeiros, fabricarão à sua custa a capela-mor da igreja do Mosteiro. |
| 1597 | (25.Março) | - É lançada a 1ª pedra da Ermida da Penha França.                                                                                                                               |
| 1598 | (20.Maio)  | - É exposta na Ermida da Penha de França a Imagem da Virgem.                                                                                                                    |
| “    |            | - Morre Filipe II, Filipe III sobe ao trono.                                                                                                                                    |
| “    |            | - Começa a obra do Convento de São Bento da Saúde.                                                                                                                              |
| 1601 | (4.Jan)    | - Os Gracianos tomam posse jurídica da Ermida da Penha de França.                                                                                                               |
| 1604 |            | - Os Carmelitas Descalços deixam as suas primeiras casas de habitação e passam para junto de São Crispim, ao Castelo.                                                           |
| 1605 | (3.Fev.).  | - O Seminário dos Irlandeses é entregue à administração da Companhia de Jesus.                                                                                                  |
| “    | (18.Maio)  | - Conclusão da primeira parte das obras de reconstrução da Igreja de São Vicente de Fora.                                                                                       |
| 1606 | (27.Set.)  | - É lançada a primeira pedra do Mosteiro dos Remédios, em Santos.                                                                                                               |
| 1607 |            | - É ampliado o Mosteiro da Anunciada.                                                                                                                                           |
| 1607 | (9.Julho)  | - Início da Clausura do Mosteiro das Dominicanas do Sacramento, em Alcântara.                                                                                                   |
| 1610 |            | - É colocado no altar-mor da igreja da Graça o sacrário de cristal de uma só peça.                                                                                              |
| 1611 | (3.Maio)   | - Os Carmelitas Descalços instalam-se no seu Mosteiro dos Remédios, em Santos.                                                                                                  |
| 1612 |            | - Construção da Igreja do Mosteiro de Santa Marta.                                                                                                                              |
| 1612 | (2.Jan)    | - É lançada a 1ª pedra do Mosteiro do Sacramento, a Alcântara, das Freiras Dominicanas.                                                                                         |
| “    | (Set-Out)  | - A Condessa D. Filipa de Sá, Condessa de Linhares, constitui-se padroeira da Igreja do Colégio Novo de Santo Antão.                                                            |
| 1613 | (1.Jan)    | - Lançamento da 1ª pedra da Igreja do Colégio de Santo Antão-o-Novo.                                                                                                            |
| 1615 | (30.Julho) | - É lançada a 1ª pedra para o edifício dos Terceiros de Jesus.                                                                                                                  |
| 1618 | (30.Ago)   | - Morre e é sepultada na Igreja do Colégio Novo de Santo Antão a sua padroeira D. Filipa de Sá.                                                                                 |
| 1625 | (19.Fev)   | - Inauguração da nova Igreja da Penha de França.                                                                                                                                |
| 1629 | (29.Ago)   | - É aberta ao culto a Igreja do Mosteiro de São Vicente.                                                                                                                        |
| 1629 | (24.Julho) | - Chega a Lisboa Frei Domingos do Rosário.                                                                                                                                      |
| 1632 |            | - Começa a obra do Seminário dos Inglesinhos.                                                                                                                                   |
| 1633 | (13.Set)   | - Os Dominicanos Irlandeses instalam-se no antigo Pátio das Comédias, às Fangas da Farinha, onde é celebrada a 1ª missa (21.Nov.º).                                             |
| 1640 |            | - Constitui-se a Irmandade dos Terceiros de Jesus.                                                                                                                              |



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

|      |          |                                                                                                                                             |
|------|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| “    |          | - Completa-se a restauração da Igreja da Trindade.                                                                                          |
| 1640 | (1.Dez)  | - Restauração da Independência de Portugal.                                                                                                 |
| 1643 |          | - Instituição da Irmandade das Escravas do Santíssimo Mosteiro da Encarnação.                                                               |
| 1644 |          | - Conclusão da Igreja de S. Pedro, dos Inglesinhos.                                                                                         |
| 1645 |          | - Os Eremitas de S. Paulo da Serra de Ossa decidem fundar um Convento em Lisboa.                                                            |
| 1646 |          | - Começa a funcionar o Hospício dos Capuchinhos Franceses, à Esperança.                                                                     |
| “    | (29.Jun) | - Instalam-se os Paulistas numas casas na Calçada do Combro.                                                                                |
| 1648 | (28.Set) | - Inicia-se a obra da Igreja do Convento de “Corpus Christi”, voto da rainha D. M <sup>a</sup> Luísa de Gusmão.                             |
| 1649 | (6.Jan)  | - É celebrada a 1 <sup>a</sup> missa na ermida do Hospício dos Capuchinhos Franceses na Esperança.                                          |
| 1650 | (17.Ago) | - Arde o 1º Mosteiro das Brígidas.                                                                                                          |
| 1652 | (31.Jul) | - É aberta ao culto a Igreja do Colégio jesuítico de Santo Antão-o-Novo.                                                                    |
| 1653 | (21.Set) | - Início do Convento dos Caetanos.                                                                                                          |
| 1654 | (5.Mar)  | - Começo da obra da Igreja dos Paulistas.                                                                                                   |
| 1655 | (6.Jan)  | - Início da clausura no Convento das Bernardas.                                                                                             |
| “    | (7.Out)  | - Instalam-se as Brígidas no seu novo mosteiro.                                                                                             |
| 1659 | (4.Maio) | - Os Dominicanos Irlandeses instalam-se no Corpo Santo.                                                                                     |
| “    |          | - Alojam-se os Oratorianos no antigo Pátio das Comédias das Fangas da Farinha.                                                              |
| 1661 | (12.Jun) | - Os Carmelitas Descalços tomam conta do Convento do “Corpus Christi”.                                                                      |
| 1663 | (1.Out)  | - António de Cavide compra o padroado da capela-mor da Igreja da Penha de França.                                                           |
| 1666 | (2.Agos) | - Chegam a Lisboa as primeiras Francesinhas.                                                                                                |
| 1667 | (3.Maio) | - É lançada a 1 <sup>a</sup> pedra das Francesinhas.                                                                                        |
| 1670 | (18.Dez) | - Grande incêndio no Mosteiro Dominicano da Rosa.                                                                                           |
| 1672 |          | - Os Arrábidos tomam posse das casas oferecidas pelo Marquês de Marialva, acima de São Roque.                                               |
| 1674 |          | - Os Oratorianos instalam-se no novo Mosteiro do Espírito Santo da Pedreira.                                                                |
| 1674 | (24.Mar) | - Os Agostinhos Descalços (Gracianos) instalam-se no antigo Pátio das Comédias das Fangas da Farinha, dando começo ao Convento da Boa Hora. |
| “    | (21.Jul) | - Ampliação do Mosteiro de Sant’Ana.                                                                                                        |

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

|      |             |                                                                                                                             |
|------|-------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1679 |             | - Os Trinos tomam posse das casas e da Ermida de Nossa Senhora do Livramento, em Alcântara, futuro Convento do Livramento.  |
| 1680 | (6.Dez)     | - É instalado o Santíssimo Sacramento na igreja nova dos Paulistas.                                                         |
| 1681 |             | - Começo das obras da Igreja do Convento de São Pedro de Alcântara.                                                         |
| "    | (8.Dez)     | - Início da clausura no Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais.                                                 |
| 1682 | (Dez)       | - Fundação do Colégio de São Francisco Xavier, ao Paraíso.                                                                  |
| 1685 | (18.Abril)  | - Inauguração da Igreja do Convento de S. Pedro de Alcântara.                                                               |
| "    | (23.Maio)   | - As Comendadeiras de Santos-o-Novo mudam-se para a sua nova morada.                                                        |
| 1687 |             | - A residência dos Padres Trinos em Alcântara passou a ser o Convento de Nossa Senhora do Livramento.                       |
| 1689 | (22.Julho)  | - Os Capuchinhos Italianos alojam-se nas casas que tinham sido das Comendadeiras de Santos, à Cruz da Pedra.                |
| 1692 |             | - Início da obra do retábulo da capela-mor na Igreja do Colégio de Santo Antão-o-Novo.                                      |
| 1694 | (Dez)       | - Ruína da abóbada da Igreja do Mosteiro dos Terceiros de Jesus.                                                            |
| 1695 | (17.Dez)    | - É aberto por ordem do Nuncio o túmulo da Infanta Dona Catarina em Santo Elói, e verificados os despojos da mesma infanta. |
| 1698 |             | - Foi reedificada, ou feita de novo, a Igreja de Nossa Senhora do Livramento, em Alcântara, dos Padres Trinos.              |
| "    | (3.Julho)   | - Provisão autorizando a criação do Noviciado da Beata Joana.                                                               |
| 1599 | (25.Nov)    | - É lançada a 1ª pedra do edifício do Noviciado da Beata Joana.                                                             |
| 1703 | (24.Agos)   | - Inauguração da Capela da Senhora de Belém, no Mosteiro de Santa Clara.                                                    |
| 1706 | (3.Dez)     | - É colocada no altar-mor da Igreja do Colégio Novo de Santo Antão o sacrário, obra de Fernando Ludovice.                   |
| 1707 | (9/20. Jun) | - Um incêndio casual destrói inteiramente o tecto da Igreja do Mosteiro de São Francisco.                                   |
| 1707 | (1. Jan)    | - D. João V sobe ao trono.                                                                                                  |

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Apêndice B: Arcebispos e Patriarcas de Lisboa

### Arcebispos:

- 1570/1585 13º - D. Jorge de Almeida** – Tendo-se o Cardeal D. Henrique demitido de Arcebispo de Lisboa e voltado para Évora, em 1569, tomou posse desta igreja arquiepiscopal de Lisboa D. Jorge de Almeida, em 1570. Convocou um Concílio Diocesano em 1574 e aí estabeleceu Constituições. Foi Inquiridor Geral do Reino. Foi um dos prelados que mais se opôs à partida do Rei D. Sebastião para África; e apesar disso, ficou a governar o Reino, na ausência do monarca, conjuntamente com outros quatro fidalgos. Faleceu em Torres Novas, a 20 de Março de 1585. Jaz na Sé.
- 1585/1625 14º - D. Miguel de Castro** – Nasceu em Évora em 1536. Sendo prior de S. Cristóvão, foi apresentado bispo de Viseu, e tomou posse em 1579. Em 1586 foi promovido a arcebispo de Lisboa, tomando posse a 2 de Julho desse mesmo ano. Sendo dado por adjunto ao Cardeal Alberto pelo rei Filipe IV de Castela, ficou governando o reino na ausência do dito cardeal, conjuntamente em quatro fidalgos. Edificou na Sé uma capela com seis capelães perpétuos. Foi à Espanha para embarçar o perdão geral que se pretendia dar aos judeus. Em 1615 foi nomeado vice-rei destes Reinos. No seu tempo se ordenou que os cônegos da Sé trouxessem capelo nas murças, e estas fossem forradas de carmesim; e às dos meios-cônegos e quartanários forradas de negro, sem pelo. Faleceu no 1º de Julho de 1625.
- 1627/1630 15º - D. Afonso Furtado de Mendonça.** Descendia da Casa dos Duques do Infantado. A 3 de Maio de 1627 tomou posse deste arcebispado de Lisboa. Foi encarregado por Filipe II do governo político deste Reino. Faleceu em 2 de Junho de 1630. Diz-se que faleceu em resultado do grande sentimento que teve do descalabro que na noite de 16 de Janeiro daquele ano se praticou na igreja paroquial de Santa Engrácia.
- 1533/1633 16º - D. João Manuel.** Era descendente de el-rei D. Duarte. Assistia em Madrid, quando foi elevado a arcebispo de Lisboa; e mandou tomar posse da igreja em 13 de Maio de 1633. Tinha sido precedentemente Bispo de Coimbra. Foi nomeado vice-rei de Portugal, entrando neste governo em 12 de Maio de 1633. Faleceu a 4 de Julho desse mesmo ano.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1636/1643 17º -

**D. Rodrigo da Cunha.** Era da ilustríssima família dos de Senhores de Tábua. Foi Inquisidor no Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, durante oito anos. Na idade de 38 anos, foi nomeado bispo de Portalegre. Sucessivamente passou dali para a cadeira episcopal do Porto, onde esteve 9 anos; promovido à primacial de Braga; é transferido para a metropolitana de Lisboa, tomando posse desta em o 1º de Maio de 1636. Tomando conta da igreja, convocou Sínodo Diocesano e nele ordenou Constituições que regeram o Patriarcado até ao século XX. Foi a Madrid no ano de 1638 a uma junta de grandes, que ali se reuniu. Estudou a história eclesiástica do bispado do Porto [1623], de Braga [1634] e a de Lisboa [1642]. Morreu no 1º de Janeiro de 1643.

1648/1669 17  
bis.  
-

Depois foi nomeado arcebispo de Lisboa **D. Manuel da Cunha**, bispo de Elvas e capelão-mor de D. João IV. Mas não chegou a tomar posse, por falecer a 30 de Novembro de 1658.

1664/1675 18º -

**D. António de Mendonça.** Era filho dos Condes de Vale dos Reis. Foi ministro da Mesa da Consciência, onde chegou a ser presidente. Foi deputado da Junta dos Três Estados, Comissário da Cruzada, nomeado bispo de Lisboa, tomando posse desta igreja em 27 de Outubro de 1669. Proveu com muita sabedoria ao governo da sua diocese. E faleceu em 14 de Fevereiro de 1675.

1676/1702 19º -

**D. Luís de Souza** Nasceu na cidade do Porto, sendo seus pais os Condes de Miranda. Foi criado e educado no Paço em Madrid. Voltando para Portugal, foi muito estimado do Príncipe D. Teodósio. No ano de 1651 foi graduado em Roma doutor canonista; e regressando a Portugal, exerceu a dignidade de deão na Sé do Porto, e teve o governo da relação civil da mesma cidade. O rei D. Pedro II nomeou-o seu capelão-mor em 1669; e o papa Clemente X elevou-o ao bispado de Bona, donde passou para arcebispo de Lisboa, tomando posse em 22 de Janeiro de 1676. Cuidou da reforma dos costumes eclesiásticos e alcançou de Inocêncio XI, em 1682, o Jubileu do Lansperene para todas as igrejas de Lisboa. Foi em seu tempo que se descobriram as relíquias do Mártir de S. Vicente, ocultas numa das capelas da Sé, no ano de 1692; e então foram colocadas num precioso cofre de prata, e expostas numa magnífica capela que mandou fabricar. Pelo papa Inocêncio XII foi-lhe concedida a púrpura de cardeal, 1697. Reedificou o templo e o convento de Santa Catarina de Ribamar; fez um novo dormitório na Cartucha de Laveiras; estabeleceu renda para sustentação perpétua de um monge no Bussaco; e formou uma magnífica biblioteca, a mais selecta de que até então houve memória. Faleceu em 4 de Janeiro de 1702.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1703/1710 20º -

**D. João de Sousa.** Era da família dos Senhores de Gouveia, de Riba Tâmega, chefe dos Sousas, condes do Redondo. Nasceu em Lisboa em 1647. Doutorou-se em Cânones. Teve o arcediagado de Santa Cristina, na primacial de Braga. Foi deputado do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, e somilher de cortina do rei D. Pedro II. Não aceitou nem o priorado-mor de Palmela, nem o bispado de Miranda; mas em 1684 foi confirmado bispo do Porto, donde foi promovido a arcebispo de Braga, e transferido para a metropolitana de Lisboa em 1703. Era esmolar a mais não poder ser; e contam-se prodígios em abono desta e outras virtudes, pelo que mereceu de Inocêncio XII uma carta em forma de Breve, com grandes elogios. Teve a nómima de cardeal: mas antes de lhe chegar a púrpura cardinalícia falece a 29 de Setembro de 1710.

(in Leal, 1874: vol. IV, 274-276).

**Patriarcas**

D. João V impetrou a Bula Aurea In supremo apostolatus solio, expedida por Clemente XI, em 7 de Novembro de 1716, erigindo na Colegial Capela Real uma Catedral metropolitana e patriarcal, dividindo para isso Lisboa e seu arcebispado em duas metrópoles, ficando a parte do nascente sujeita ao prelado de Lisboa Oriental, e a parte do poente do Patriarca de Lisboa Ocidental, unindo a esta a dignidade de capelão-mor, com o privilégio de andar vestido de hábito púrpuro. Mas depois, pela Bula do papa Benedito XIV, passada a 13 de Dezembro de 1740, se tornaram a unir outras duas cidades e metrópoles em uma só, extinguindo-se a Sé de Lisboa, e estabelecendo-se uma só Igreja Patriarcal, à qual se deu por sufragâneos os bispados de Leiria, Lamego, Guarda, Portalegre, Funchal, Angra, Maranhão e Grão-Pará.

Eis os dois patriarcas que presidiram à Diocese de Lisboa no período que decorreu até ao Terramoto.

1716/1754 1º -

**D. Tomás de Almeida**

Era da casa dos Condes de Avintes e Arcos. Nasceu em Lisboa aos 11 de Setembro de 1670. Doutorou-se em cânones na Universidade de Coimbra, tendo sido porcionista no Colégio de S. Paulo. Foi deputado da Inquisição de Lisboa, e desembargador do Porto, de onde passou para a Casa da Suplicação de Lisboa, servindo também nesta corte os cargos de procurador da fazenda e estado da Rainha, deputado da Mesa da Consciência, Juiz do fisco real, chanceler-mor do Reino, secretário das mercês, expediente e estado, provedor das obras do paço, tendo previamente sido prior da igreja de São Lourenço. Por bula de 6 de Dezembro de 1706, foi elevado a bispo d Lamego, e daí transferido para o Porto. El-rei D. João V o propôs para a nova dignidade de Patriarca de Lisboa, e foi confirmado pelo papa Clemente XI, em 7 de Dezembro de 1716. No 1º de Março do ano seguinte [1717] deu exercício à sua prelatura, visitando parte do seu patriarcado e ministrando o Sacramento da Confirmação a muitas mil pessoas; administrando o baptismo aos senhores infantes e a muitos grandes do Reino; benzendo templos, sinos, e



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

imagens; conferindo graus das ordens eclesiásticas; sagrando bispos e arcebispos; e celebrando muitos pontificais. Possuindo como patriarca as honras da púrpura cardinalícia, foi pelo papa Clemente XI associado ao sagrado Colégio. Fez edificar em Santo Antão do Tojal o palácio e jardim da Mitra; reedificou e aumentou o palácio e quinta arquiiepiscopal de Marvila; fundou o mosteiro e igreja das religiosas Trinas de Campolide; a dos clérigos da Missão em Rilhafoles; e erigiu a nova paróquia de Santa Isabel, que enquanto se edificou a igreja no sítio em que hoje existe, esteve na Ermida de Santo Ambrósio (...). Quando nesta Ermida se celebrou a solenidade da erecção da paróquia, que foi feita com a pompa de pontifical, assistindo as pessoas reais, sucedeu entrar para se baptizar uma criança pobre, e foi esta a primeira que estreou a pia baptismal da nova paróquia, sendo conduzida à fonte da graça por El-Rei que foi seu padrinho, e ministrado o Sacramento pelo próprio cardeal patriarca.

Avançando a obra do novo templo, chegou a ponto de faltar o dinheiro para ela progredir; mas o nosso prelado, que lhe sobrava ânimo para os grandes cometimentos, pediu à Irmandade que nomeasse uma comissão para tratar de vender a sua riquíssima baixela de prata, que entregou para com o seu produto prosseguir na construção, não querendo receber contas da importância da mesma baixela quando aquela comissão, feita a ordenada venda, lhas quis dar; e por isso, do 1º livro da Irmandade conta em minuciosa relação o número de peças, seu toque, peso e produto em espécie sonante. Em memória desta protecção tão decidida à nova paróquia, consta que no ano de 1859 se propôs e aprovou em Mesa da Irmandade do Santíssimo, que na casa do seu despacho se levantasse o retrato deste meritíssimo prelado; e entendendo-se já alguém para isso como patriarca, D. Manuel Bento Rodrigues, este deu licença para se ir copiar o quadro, do excelente retrato que existe na sala das sessões da relação da cúria patriarcal. Faleceu a 27 de Fevereiro de 1754. E foi sepultado no cruzeiro da igreja de São Roque<sup>1</sup>.

I Existe hoje abundante bibliografia sobre D. Tomás de Almeida, atendendo sobretudo à sua acção de patrocínio artístico (PEREIRA, 1991), em sintonia perfeita com a política joanina de dignificação ritual e litúrgica do patriarcado de Lisboa. De facto, o rei, D. João V, pretendeu dar ao Patriarca o esplendor da corte papal, visível nas transformações que ordenou para a Capela Real, no Paço da Ribeira. O prelado «usava vestes cardinalícias, sapatos bordados com uma cruz, camalha de veludo carmesim, chapéu preso por cordões e ostentava insígnias quase pontificais: as suas armas eram coroadas por uma tiara e uma chave, e no tejadilho do seu coche, como no do papa, refulgia um Espírito Santo de ouro. Encabeçava, além disso, um cortejo efectivamente impressionante de mais de duzentos dignitários: vinte e quatro principais, formando um sacro colégio e trajados de violeta e escarlate, à maneira do camareiro papal; setenta e dois monsenhores, com vestes roxas episcopais e tendo direito à mitra; vinte cônegos e setenta beneficiados, aos quais se juntava ainda um número impressionante de músicos e cantores e uma coorte notável de acólitos e funcionários, cujo total ascenderia, em 1747, a 444 pessoas». Todas as expressões artísticas, servidas pelos mais preciosos materiais, concorriam para o efeito de maravilhamento que tanto impressionou viajantes estrangeiros de passagem por Lisboa e embaixadores destacados em Portugal, desde a arquitectura à pintura, passando pela escultura, a ourivesaria, os têxteis. Os próprios livros de cantochão usados na Patriarcal, ricamente decorados, copiavam os de São Pedro de Roma (PIMENTEL, 2009).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1754/1758 2º -

D. José Manuel da Câmara. Nasceu em Lisboa aos 25 de Dezembro de 1686, sendo seu pai D. Luiz Manuel de Távora dos Três Estados, quando se erigiu a Santa Igreja patriarcal, sendo então nomeado principal decano; e no ano de 1747 foi criado cardeal por Benedicto XIV. Em 9 de Março de 1754 foi eleito Patriarca de Lisboa, mandando tomar posse, 4º conde de Atalaia. Foi porcionista no colégio de São Pedro; e daí veio para deão da Colegiada de São Tomé na Capela Real. Era deputado da Junta a 2 de Junho do mesmo ano. Foi em seu tempo que sucedeu o grande Terramoto de 1 de Novembro de 1755, que arrasou a maior parte desta cidade. E foram prontas as providências em que então acudiu a erigirem-se altares em muitas partes do campo, e facilitando aos sacerdotes o ministério de confessores para conforto espiritual desta população. Faleceu no palácio da Atalaia em 9 de Março de 1758<sup>II</sup>.

(in Leal, 1874: vol. IV, 276-277; texto modernizado).

II Sobre este prelado vd. Bastos e Soalheiro, 2009.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**Apêndice C: Reis de Portugal neste Período**

- Filipe I, Rei de Portugal desde as Cortes de Tomar (15 de Abril de 1585) até 1598
- Filipe II, 1598-1621
- Filipe III, 1621-1640
- D. João IV, 1640-1656
- D. Afonso VI, 1656-1683
- D. Pedro II, 1683-1705
- D. João V, 1707-1750
- D. José. 1750-1777

**Apêndice D: Romanos Pontífices neste Período**

- Urbano VIII (1623-1644)
- Inocêncio X (1644-1655)
- Alexandre VII (1655-1667)
- Clemente IX (1667-1669)
- Clemente X (1670-1676)
- Inocêncio XI (1676-1689)
- Alexandre VIII (1689-1691)
- Inocêncio XII (1691-1700)
- Clemente XI (1700-1721)
- Inocêncio XIII (1721-1724)
- Bento XIII (1724-1730)
- Clemente XII (1730-1740)
- Bento XIV (1740-1758)
- Clemente XIII (1758-1769)
- Clemente XIV (1769-1774)
- Pio V (1775-1799)I

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

# II

## SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA (1580 – 1640)

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 1. ERMIDAS



► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

## NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

## PARECERES

## APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

## NORMAS EDITORIAIS

## PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

## INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO 1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

## ÍNDICE

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE SÃO JOÃO DOS BEM CASADOS<sup>III</sup>****Século XVI [1581(?)] † 1884**

Não é claro se existiu primeiramente um sítio chamado “dos Bem Casados”, onde se ergueu uma Ermida em honra de São João: que assim o lugar deu nome à Ermida; ou se a devoção a “São João dos Bem Casados” é que depois deu nome à Ermida e esta baptiza o sítio... (vd. Sequeira, 1933: vol. IV, 447).

As informações mais antigas remontam-nos à existência de uma imagem de São João Baptista, que teria sido feita por António Simões, ou que pelo menos ele possuía.

Este António Simões foi aquele dourador, e pelos vistos também santeiro, de que se falará mais amplamente a propósito da imagem e ermida de Nossa Senhora de França.

Efectivamente, o dito António Simões, após ter feito e colocado em diferentes templos sete imagens de Nossa Senhora, em cumprimento dum voto feito na batalha de Alcácer-Quibir, fez uma oitava imagem a que foi dada a invocação de Nossa Senhora da Penha de França (vd. Porquê, no artigo especial sobre essa ermida). E colocou essa imagem de Nossa Senhora da Penha França, provisoriamente, na Ermida da Vitória (no sítio que então se chamava da Caldeiraria, dentro de Lisboa). “Em companhia de outra [imagem] de São João Bautista, que também fez, e a que depois fez casa própria, que é a Ermida de São João dos Bem Casados” (Costa, 1712: vol. III, 420).

Alguns tempos depois, quando o mesmo António Simões procurava terreno para a Ermida de Nossa Senhora da Penha França, no sítio que então se chamava “Cabeça de Alperche”, deixou a imagem de São João Bautista em casa de Afonso de Torres de Magalhães, como penhor de que, dando-lhe ele aquele sítio, a Senhora lho saberia bem gratificar (vd. Costa, 1712: vol. III, 420-21).

Ao concluir a nova imagem, das nove que fizera voto de fazer, que denominou de Nossa Senhora da Boa Sentença, deliberou construir-lhe casa próxima, como à anterior. E escolheu para tal fim um sítio arredo, saudável e magnificamente situado em pleno arrabalde de Campolide. Não se sabe de quem era o terreno; apenas se no século XV passava até perto a linha que limitava a vetusta e vasta paróquia dos Mártires, cuja marcação fora feita, em 1476, por Gomes de Paiva e Luiz Anes, vigários, para esse fim comissionados pelo Cardeal D. Jorge da Costa (conforme refere Frei Apolinário da Conceição na sua *Demonstração Histórica...* (1750: 175 ss, citado por Sequeira, 1933: vol. IV, 444).

Matos Sequeira afirma que a Ermida foi edificada em 1581, antes que Nossa Senhora da Penha França tivesse casa. E para lá foi a imagem de Nossa Senhora da Boa Sentença (a tal imagem, que já referimos), acompanhada pela imagem de São João Bautista, também já mencionada.

O que não deixa de nos causar estranheza é que o nome de São João Baptista prevalecesse e eclipsasse o nome de Nossa Senhora da Boa Sentença.

III No adro do local onde existiu esta ermida terá sido instituída, no ano de 1756, uma outra com a invocação de Santo António e Nossa Senhora da Conceição (Sem autor, 1994: 635 e Dias, 1990: vol. 2, 82-83).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A Ermida ficou-se chamando de São João dos Bem Casados. (Se é que o título “dos Bem Casados” não afectasse já o local do templozinho).

Em 1626, o autor anónimo da *Descrição métrica de Lisboa* refere:

São João dos Bem Casados

Esta Ermida se frequenta

De poucos por que é de poucos

Devendo ser todos della.

O que dá a entender que o local era ainda pouco povoado, e pouco frequentado, muito menos do que merecia. (cf. Sequeira, 1933: vol. IV, 445).

O Padre A. Carvalho da Costa, além da referência que atrás citamos, fala ainda desta Ermida ao fazer a enumeração dos lugares pertencentes à paróquia de São Sebastião da Pedreira: ... “o lugar de São João dos Bem Casados, aonde está uma Ermida de São João Baptista com Nossa Senhora da Boa Sentença, cuja igreja é sujeita a Malta” (Costa, 1712: vol. III, 419). Com razão, Matos Sequeira (1933: vol. IV, 447) comenta: “Parece, por esta forma de dizer, que não foi o templo que baptizou o lugar, mas que exactamente se deu o contrário”.

Também não conhecemos como nem quando a Ordem de Malta adquiriu aquela Ermida.

Nada sabemos também sobre a estrutura arquitectónica e a decoração da dita Ermida. Apenas nos dizem que a fachada da Ermida ficava voltada ao nascente (Sequeira, 1933: vol. IV, 448 nota).

À volta de 1884 foi a Ermida de São João dos Bem Casados demolida utilizando-se o seu entulho nos alicerces de novas casas. A razão da demolição terá sido provavelmente o facto dela estar impedindo a rua de seu nome, saindo fora do moderno alinhamento; ou podendo também ser para alargamento do palácio contíguo, a casa Nobre dos Anadias.

Do destino das duas imagens de António Simões, nada se sabe.

A rua de São João dos Bem-casados passou a chamar-se Rua Silva Carvalho. A Ermida situava-se no início desta rua, indo das Amoreiras.

Foi feita uma capelinha, com restos da antiga ermida, no Palácio que foi dos Anadias: ficava perto do portão principal com entrada pelo átrio que a serve e sem aspecto exterior (vd. Sequeira, 1933: vol. IV, 466-467).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

CONCEIÇÃO, Fr. Apolinário da – *Demonstração historica da primeira, e real parochia de Lisboa de que he singular patrona, e titular N. S. dos Martyres: devedida em dous tomos*. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1750.

COSTA, Padre Antonio Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terramoto: Subsídios para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Vol. IV. Lisboa: Academia das Ciências dapêndice Lisboa, 1933.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PUREZA – 1ª<sup>IV</sup>****Século XVI [1581] - † 1582**

Estava na esquina ocidental da Calçada de São Roque (actualmente, Calçada da Glória), por Manuel de Castro, solicitador dos órfãos, e a sua mulher, Filipa Lourenço, os quais a dotaram com 100\$00 réis para a fábrica. Foi depois administrada pelo Conde de Castelo Melhor, que comprou o direito aos herdeiros do dito Manuel de Castro, em 18 de Maio de 1711 (vd. Castro, 1763: vol. III, 290).

Nada sofreu com o terramoto de 1755. Nela se instalou a paróquia de São Nicolau depois do Terramoto de 1 de Nov. 1755 até 6 de Agosto de 1769.

“Foi a melhor ermida que existiu em Lisboa, não só pela sua forma e vastidão, mas também pela riqueza dos mármore que a adornavam” (diz-se em Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 325).

Morto o primeiro conde de Castelo Melhor, o seu sucessor no vínculo fez uma comunicação do palácio para a ermida, por meio de um passadiço. Na verga de uma janela desse passadiço, mandou gravar o seguinte:

Esta capela é de Nossa Senhora da Pureza do Amor de Deus.

Feita em Julho de 1585 e agora renovada pelo padre António de Castilho, em Abril de 1692.

Na sobreverga, lia-se:

Esta ermida é do Conde de Castelo Melhor – Anno de 1720

Depois do terramoto de 1755, o conde foi elevado a Marquez e mandou construir um novo palácio, segundo o risco do célebre arquitecto Francisco Fabri. As obras começaram no ano de 1777, mas só ficaram concluídas em 1858.

No palácio foi construída também uma rica capela de invocação de Nossa Senhora da Pureza, depois de haver sido demolida a ermida muito antiga, do mesmo orago, situada do lado oposto da rampa da Glória.

Vd. Capela de NOSSA SENHORA DA PUREZA – 2ª – 1858

IV Felicidade Alves remete no fim deste texto para a segunda fundação da capela de Nossa Senhora da Pureza; no entanto não completou nenhuma nota sobre esta refundação. De facto, são escassíssimas as informações históricas ou artísticas sobre ela, bem como continua a não existir qualquer monografia exaustiva sobre o palácio. Sem indicar a fonte, José Augusto França reputa-a de «faustosa» (França, 1997: 11) e dela se sabe que foi sagrada em Junho de 1858, um mês antes da morte do 4º marquês, que a mandara construir. A ele se ficara a dever a campanha de modernização do conjunto edificado que se iniciara em 1845 e que incluiu a capela, para onde se trasladou «o sacramento e as imagens» providas da anterior ermida. Era, em 1863, de acordo com a única referência conhecida sobre o seu interior, «toda em cantaria, com duas columnas monolithas no altar-mór», o que a tornava, segundo a mesma fonte, «uma das melhores capellas particulares que ha hoje em Lisboa» (“Palacio dos Marquezes de Castello Melhor...”, VI, 32, 1863: 255).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Ø CAPELA DA IRMANDADE DA CRUZ E DOS PASSOS PROCISSÃO DOS PASSOS DA GRAÇA ESTAÇÕES DOS PASSOS

Século XVI [último quartel]

### 1. A IRMANDADE

Na Igreja da Graça, no Cruzeiro do lado da epístola, existia um altar colateral, instalou-se a sede da Irmandade da Cruz e dos Passos, cuja história brevemente se evoca.

Embora não haja documentação anterior a 1620, aceita-se por tradição que a dita Irmandade teve início no último quartel do século XVI, em 1586. Essa Irmandade teve sua primeira origem na Casa de São Roque da Companhia de Jesus, onde em uma capela do claustro, que se intitulava da Cruz, se ajuntavam alguns mancebos devotos, que pela maior parte eram oficiais que frequentavam muito os Sacramentos da Confissão e entre todos, era muito singular o exemplo de um, que por ofício era pintor, chamado Luís Alvares de Andradada. Este, com seu fervor e devoção, moveu aos mais para que significassem aos Padres Jesuítas o desejo que tinham de fundar uma Confraria da invocação da Santa Cruz, que desejavam assentar na dita Casa de São Roque.

Louvaram-lhe os Padres o bom desejo e santa intenção; mas não havendo naquele tempo na igreja de São Roque comodidade de capela que se lhe pudesse dar, e nem lugar conveniente para se ajuntarem, lhes aconselharam que procurassem assentar a Irmandade, que pretendiam fundar, na Igreja e Convento de Nossa Senhora da Graça, dos Padres Eremitas de Santo Agostinho.

Aceitaram eles o conselho. E encontraram nos referidos religiosos de Santo Agostinho a maior boa vontade, dando à Irmandade, no Cruzeiro da igreja da parte da epístola, a capela colateral da Capela-mor, cuja invocação era da Cruz (como já era a que tinham no claustro da Casa de São Roque).

O Prior Graciano era ao tempo Frei Manuel da Conceição. Foi isto em 1586.

Segundo a tradição, a Confraria da Vera Cruz e Passos de Cristo foi confirmada por bula pontifícia, recebendo os Irmãos graças e privilégios especiais. O Agiológio Lusitano refere a existência de um breve de indulgências conferido pelo vice-rei cardeal Alberto, legado a latere, em 1588.

A cor roxa distintiva das opas e do guião desta Irmandade só se fixa depois de 1622-1624, e o monopólio da cor motivou nesse século e no imediato prolongados litígios com outras irmandades de Lisboa.

O primeiro compromisso da Irmandade é anterior a 1622, presumivelmente do mesmo ano de 1588. Foi reformado à roda de 1625; e depois em 1708, mantendo-se tal e qual até 1774; há ainda dos compromissos posteriores, o de 1855 e o de 1907 (vd. Sales, 1925: Cap. I, X - XII).

Os religiosos da Graça promoveram sempre a devoção e o aumento da Irmandade, que com o tempo foi crescendo tanto no número dos Irmãos que, no início do século XVIII,



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

se contavam perto de dois mil (segundo diz a *História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, 125). Quando entram, examina-se a limpeza do sangue de cada um, sem a qual nenhum é admitido... O que há-de ser Irmão concorre, por entrada, com uma moeda de ouro, de 400\$800 réis, ficando-lhe mais a obrigação de contribuir cada ano com uma esmola de 800 réis.

Para ornato da sua capela e para a sua procissão (vd. a seguir), tem a Irmandade nos inícios do Século XVIII a prata seguinte:

6 Castiçais grandes de banquetta, de meias canas.

30 Castiçais de bojo, grandes.

6 Castiçais pequenos, de triângulo.

36 Jarras grandes lavradas com suas asas.

4 Pivitários grandes.

1 Sacra muito boa.

1 Cruz que se usa nos enterros.

1 Alâmpada com 7 balaústres, que está acesa sempre diante da capela do Senhor.

1 Resplendor do mesmo Senhor.

5 Cruzes de prata em seus pés do mesmo.

Imagens do Senhor nas cruzes, as quais servem nos Passos.

Além da riqueza da prata, tem a capela grande quantidade de ornamentos, cortinados e sitiais de diversas cores<sup>V</sup>.

A Irmandade celebrava anualmente: a Procissão dos Passos, a procissão do Enterro, a cerimónia do Lava-pés, a Invocação e a Exaltação da Santa Cruz, o Sagrado Nome de Jesus, no 1º dia do ano, a Samaritana, ou Festa do Jubileu, e as sextas-feiras da Quaresma. Todas constam já do compromisso de 1708. Na 5ª feira santa, continuava a Irmandade das esmolos aos Irmãos pobres da Irmandade e às viúvas necessitadas dos Irmãos defuntos.

## 2. A PROCISSÃO DOS PASSOS

Há quem reivindique que a ideia da Procissão dos Passos pertence ao agostinho Frei Domingos de Azevedo (1584), que se inspirava nas cerimónias similares de Sevilha. Todavia,

<sup>V</sup> A este precioso espólio artístico foi acrescentado, ainda na 1ª metade do século XVIII, um magnífico resplendor em ouro cuja concepção pode ser atribuída ao arquitecto João Frederico Ludovice. Esta peça, que ainda se conserva no tesouro da irmandade, liga-se à especial devoção que pelos Passos da Graça tiveram D. Pedro II e D. João V. Várias vezes a imagem do Senhor esteve exposta na Patriarcal de Lisboa, como, a irmandade, foi contemplada com pingues esmolos do Magnânimo. Embora aparecendo referida, pela primeira vez, em 1754, e atribuída pelo Pe. Ernesto Sales a uma dádiva de D. José feita no ano anterior – que a teria mandado lavar como agradecimento pela restabelecimento da saúde da princesa da Beira, futura D. Maria I - o certo é que tudo indica ser obra de execução mais antiga, do período joanino: não só a gramática ornamental não parece ainda adaptada ao figurino rococó característico do reinado de D. José, como se documentam outras doações régias de peças provenientes da Patriarcal, encomendas do pai, entre as quais seis tocheiros de prata, aos quais bem se poderia ter agregado este resplendor (Franco; Penalva; Pimentel e Bastos, 1994; ANTT, *Mesa da Consciência e Ordens, Ofícios*, maço 12S).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

a ideia foi agarrada por Luís Álvares de Andrade, o fundador da Irmandade dos Passos. Nesse mesmo ano de 1586, planeou ele organizar pela Quaresma uma Procissão comemorativa da Via-sacra, à semelhança do que se fazia em Espanha.

É tradição que se começou esta devoção em 1587, e sempre na segunda sexta-feira da Quaresma de cada ano, de São Roque para a Graça.

A primeira acção consistia na condução da venerável imagem do Senhor, que na 5ª feira à tarde, pelas três horas, se levava da Igreja de Nossa Senhora da Graça para São Roque, com grande acompanhamento. Ia à capucha, isto é, não ia descoberta, mas dentro de um sitial de damasco roxo com seus franjões e alamares de ouro. Ao andor do Senhor, transportado por oito Irmãos, iam imediatos os Religiosos de Nossa Senhora da Graça entoando o Miserere; e diante dos religiosos vão os Irmãos com suas velas na mão, mas sem as vestes próprias de que usam na função do dia seguinte. Depois do andor seguia muita quantidade de gente; e indo chegando já ao adro de São Roque se abre a porta principal da igreja, concorrendo a ela os religiosos jesuítas com suas capas e velas acesas a receber a sagrada imagem. No cruzeiro da dita igreja estava armado um altar ornado com um frontal de tela roxa; dali se tiraria no dia seguinte para ir na procissão.

No dito dia seguinte, 6ª feira depois do 1º domingo da Quaresma, faz-se uma pregação. Terminada esta, começava a Procissão, a que davam princípio muitos penitentes que ia tomando rigorosas disciplinas. Aos ditos penitentes seguia logo um pendão de damasco roxo com os seus cordões de retrós guarnecidos de ouro, e no alto dela vão formadas de ouro as quatro letras S.P.Q.R.; e a este pendão (que é mais propriamente a cabeça da procissão) acompanha grande número de penitentes com muito grandes e várias mortificações. Depois, um guião de damasco roxo levado por um Irmão, ao qual acompanham mais oito, que levam as pontas de oito cordões de retrós guarnecidos de ouro. E ao guião segue toda a Irmandade dos Passos, repartida em duas alas, levando todos as suas vestes de cor roxa com uma cruz ao peito, hábito próprio, e a insígnia da Irmandade dos Passos, entre a qual, vizinhos já ao andor, vão sete anjos vestidos, e ornados com muito asseio, que levam os instrumentos da Paixão nas mãos. O ornato do andor do Senhor é de veludo roxo com quatro frontaleiras de tela da mesma cor guarnecido tudo de ouro.

A devoção e piedade dos Irmãos faz que sejam muitos os pretendentes e ambiciosos do trabalho na condução do andor, entre os quais, que por todos são oito, se achem sempre alguns da primeira nobreza. Diante do andor vai a comunidade dos religiosos; e próximo a ele vão seis Irmãos com suas lanternas, e oito com ceriais, tudo de pau-santo guarnecido de latão dourado (não usando aqui de prata, por não parecer tão conveniente a função tão fúnebre).

Depois do andor se seguem alguns religiosos, que precedem o Santo Lenho, o qual vai debaixo de um palio de veludo e damasco roxo com seis varas de pau-santo guarnecidas de latão dourado, as quais são levadas por seis religiosos, com suas capas de asperges de veludo e damasco roxo com seus capelos, tudo guarnecido de ouro; e do mesmo modo vai revestido o sacerdote que leva o Santo Lenho.

Ao pálido acompanham atrás os Irmãos que ainda não acabaram o ano de noviciado; e a eles, finalmente, seguem alguns soldados da guarda de Sua Majestade, e algumas varas de justiça, cujo respeito serve de impedir qualquer desordem, que o concurso do povo, que vai atrás da procissão, poderia causar.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Na forma sobredita procede a procissão, sendo tanto o concurso de gente de toda a sorte que acede a vê-la, que fazendo-se na Quaresma outras procissões na cidade, muito devotas, nenhuma é igual à dos Passos. Saindo da Casa professa dos Jesuítas, a Procissão seguia pela Rua Larga de São Roque até às Portas, Chiado, Calçada de Paio de Nabais e rua dos Escudeiros. Do Rossio metia por São Domingos à rua Nova da Palma, Mouraria, Benfornoso, rua da Oliveira, largo do Terreirinho, e calçadas de Santo André e da Graça.

Até 1673, porém, a procissão subia a rua dos Cavaleiros, que teve de ser abandonada por estreitíssima em muitos pontos.

Dois anos antes do Terramoto, a imagem do Senhor dos Passos foi transferida para a capela real dos Paços da Ribeira e exposta à veneração e preces dos fiéis pelas melhoras da Princesa da Beira, Dona Maria, gravíssimamente doente. Convalescida a Princesa, foi levada a sagrada imagem processionalmente para a Graça (vd. Oliveira, 1906: tomo XV, 443-445).

A procissão costumava chegar à igreja de Nossa Senhora da Graça ordinariamente ao tempo de Ave Marias.

Recolhida a Procissão, seguia-se a pregação sobre o tema do que se passou no Calvário. No fim descobria-se a imagem do Senhor Crucificado, que estava na capela-mor, correndo-se as cortinas de tafetá roxo, que durante a pregação cobriam a imagem.

Tem a Irmandade uma casa, em que se curam os penitentes que se disciplinaram.

### 3. AS ESTAÇÕES DA PROCISSÃO DOS PASSOS

Em número de sete, foram localizadas em sítios escolhidos em 1587 pelo já referido pintor Luís Alvares de Andrade e pelo arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, e parece que sem aprovação da Santa Sé.

De armar passaram a estações fixas no final de 1622. Não eram mais que cinco nichos, com insígnias da Paixão e portais (umbrais) de jaspe vermelho. Custaram à Irmandade da Vera Cruz e Passos a quantia de 70 mil réis, pagos ao pedreiro Henrique de Sousa. Volvidos vinte e sete anos, foram os nichos recompostos pelo mestre de pedraria António de Sousa e alindados de cinco painéis do pintor Diogo Pereira Cardoso. Toda a obra de pintura custou 44 mil réis. Sobre o arco dos nichos colocaram-se também lanternas; e o da Mouraria levou também uma grade de ferro.

Em 1698, por encargo da Irmandade, o arquitecto das obras militares João Antunes dirigiu a obra de execução de cinco capelas, em substituição dos nichos, de que se encarregou o pedreiro José Pereira. O pintor Bento Coelho da Silveira pintou os painéis por 18\$100 réis; o trabalho ficou concluído no começo de 1702. Estes painéis sofreram com o terramoto a ponto de dois deles terem sido substituídos por outros de Pedro Alexandrino, que restaurou também os três restantes.

As Estações, ou capelas, eram arcos de pedraria, com portas de madeira do Brasil, que cobriam toda a altura e largura da capela, as quais se não abrem fora das Sextas-feiras da Quaresma. Dentro, tinham o seu altar, sobre o qual assentava um retábulo e painel com suas cortinas de seda; e cada altar tinha seu frontal de veludo roxo, e frontaleiras de tela de ouro

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

com franjões e guarnição do mesmo, o que tudo servia nos altares no dia da procissão. E para as mais sextas-feiras tinham outros frontais de damasco roxo com franjões também de ouro. A banqueta do altar possui uma cruz de prata, com seu pé da mesma, e a imagem de um Crucifixo com seu resplendor, tudo de prata.

E cada passo é ornado com seis castiçais de prata, acompanhados de seis jarras, e sobre elas uns aciprestes.

O 1º Passo armava-se em São Roque, logo à entrada e do lado do Evangelho. Representava a subida do Calvário.

O 2º Passo abria-se na Torre de Alvaro Pais, na face voltada à Casa professa. Representava o Senhor caído sob a cruz. Foi destruído pela catástrofe de 1755, restaurado em 1781; desapareceu com a abertura da Rua Nova da Trindade, passando a estação volante ora junto à Igreja da Encarnação, ora junto à do Loreto.

O 3º Passo, o do Rossio, estivera até 1698 junto à Inquisição neste ano passou para a esquina noroeste da praça, tendo a frente voltada a ela e um dos lados, o norte, para Valverde. Aí se conservou até 1755, armando-se depois junto a São Luís dos Franceses e no fim da Calçada do Duque (do Cadaval), em cujas casas se veio a reconstruir e nelas se conservando depois de vários percalços até 1913. No lugar passou a estar uma leitaria denominada “O Passo”. O painel recordava o encontro de Jesus com Maria Santíssima.

A 4ª estação (ou passo) era a da Mouraria, e ficava oposta à muralha fernandina, onde depois foi o “Cinema Lisboa”. Derrocada em 1755 e reconstruída passados vinte anos, desapareceu definitivamente em 1908, por conveniências de urbanismo. A pintura mostrava Simão Cireneu ajudando o Senhor.

A 5ª estação (ou passo) ficava na esquina da rua do Benfornoso para a rua da Oliveira (até 1673 fora no topo da rua dos Cavaleiros). Aí se conservou até que em 1795, já alargada a rua dos Cavaleiros, passou para o largo do Terreirinho. Era dedicado ao episódio de Verónica. Subsiste.

O 6º passo, ou de Santo André, como o da Mouraria encerrado na Cerca Fernandina e junto à antiga porta de Santo André. Sobreviveu ao Terramoto. Representava Cristo profetizando a destruição de Jerusalém. Subsiste.

A 7ª estação (ou passo), volante, armava-se na terceira capela do lado da Epístola, depois de 1755 na segunda do lado do Evangelho, na Igreja da Graça. Figurava a Crucificação.

### PASSOS DA PROCISSÃO DO SENHOR DOS PASSOS DA GRAÇA

Dos sete *passos* ou estações percorridos pela procissão do Senhor dos Passos da Graça, o primeiro e último dos quais se situavam dentro das igrejas de São Roque e de Nossa Senhora da Graça, respectivamente, restam apenas dois: o quinto e o sexto.

O sexto *passo* corresponde ao momento em que Cristo, dirigindo-se às filhas de Jerusalém, diz; «Não choreis por mim, mas chorai por vossos filhos e pecados». Este passo encontra-se na Costa do Castelo, ao cimo da Calçada de Santo André, encravado na Muralha Fernandina que ali passa: e foi construído entre 1698 e 1702, quando a Confraria do Senhor

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

dos Passos resolveu substituir por capelas os oratórios então existentes. O risco foi encomendado ao grande arquitecto João Antunes e ostenta uma fachada típica do Mestre: um arco triunfal de volta perfeita, inscrito em moldura rectangular, rematada por frontão quebrado de cornija recta, formado por duas fortes volutas contracurvadas. Entre estas, escudo ovalado, sobre cartela, em que se abrem cinco chagas gotejantes, com uma cruz por timbre. Sobre as asas das volutas, elevam-se acrotérios. Este *passo* pertence actualmente a um particular.

O quinto *passo*, o da Verónica, esteve no Boi Formoso – designação que sucessivamente se alterou para Bom Formoso e Benformoso –, até 1795. Nessa data, por mudança do percurso da procissão, passou para o Largo do Terreirinho, onde se encontra. É igualmente de João Antunes, tendo sido transladado pedra a pedra. Pertence à Irmandade e mantém, embora danificado, o seu revestimento de azulejo de cor de vinho em fundo branco, com a representação da Verónica e dos emblemas da Paixão. Numa pequena dependência, espécie de Sacristia, uma inscrição de azulejo relata a transferência do local. (M. A.) (in Almeida, 1973: vol. V, tomo 1, 107)

### Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 1. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1973.

CARDOSO, George (1652) – *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Vol. I. Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652.

*Historia dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*. Durval Pires de LIMA (ed.). Tomo I. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa, 1950, pp. 124-131 e pp. 495-497.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*. Vol. XV. Lisboa: Typographia Universal, 1906.

SALES, Ernesto – *Nosso Senhor dos Passos da Graça de Lisboa: estudo histórico da sua irmandade com o título de Santa Cruz e Passos*. Lisboa: ES, 1925.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA**Século XVI [1597] → ♂<sup>1</sup>**1. ORIGEM DA IMAGEM E DO TÍTULO**

Nos anos próximos do fim do século de 1500, vivia na cidade de Lisboa um devoto de Nossa Senhora, chamado António Simões, “mais rico de virtude e devoção para com a Virgem Mãe de Deus do que de bens de fortuna”. Estava casado com uma mulher muito parecida a ele na piedade para com a Mãe de Deus.

Apesar de ser limitado o seu cabedal, que era apenas o que lhe rendia a arte mecânica de dourador, ainda do pouco que podiam poupar do preciso para seu sustento os moveu a sua devoção mandarem fazer a um escultor uma imagem da Vigem Senhora, da altura de quatro palmos [c. 88cm], com o Menino Jesus sentado sobre o braço esquerdo da benditíssima mãe. Saiu a imagem das mãos do escultor muito do agrado da devoção de António Simões e de sua mulher.

Outra versão diz que o referido António Simões, dourador e entalhador em Lisboa, fez parte do exército que em 1578 passou a África com o Rei D. Sebastião, e vendo-se na Batalha de Alcácer-Quibir um grande perigo, prometeu a Nossa Senhora que, se o livrasse dele, lhe faria 9 imagens em madeira, de diferentes invocações. Quando se viu livre do campo e posto em salvo na cidade de Lisboa, reconhecendo a protecção da Virgem, tratou de cumprir o voto que fizera. As sete primeiras não deixaram rasto. Mas, quando fez a oitava não sabia bem que invocação lhe atribuiria.

Dessa hesitação o tirou o Padre Ignácio Martins, da Companhia de Jesus, o qual era muito devoto de Nossa Senhora da Penha França<sup>1</sup> naquele tempo muito célebre em prodígios, existente numa Serra em Castela, nos confins dos Bispados de Salamanca e Ciudad Rodrigo. O dito Padre Ignácio tratou com António Simões e o exortou a que desse à imagem a invocação da Penha França.

Intitularam, pois esta santa imagem com o título de Nossa Senhora da Penha França. E colocaram-na na Ermida da Nossa Senhora da Vitória, que ficava dentro de Lisboa no sítio que se chamava então A Calcetaria [ou *caldeiraria*, Santa Maria, 1707: tomo I, 146-147], no

<sup>1</sup> São célebres algumas imagens, sobretudo da Virgem Maria, que depois de se considerarem ter estado encobertas durante muitos anos, por causa da perseguição dos infiéis, em que os cristãos as escondiam para evitar desacatos, acabaram por aparecer. Entre elas foi uma Imagem de Penha França, assim chamada por ter sido achada em uma alta serra que tem o nome de Peña Francia, em Castela-a-Velha, seis ou sete léguas a sul da cidade de Salamanca. Foi descoberta no ano de 1434 por um homem simples e de santa vida, francês de nação, chamado Simão Vella. Teria sido revelado em França a sua existência, mandando-lhe que buscasse aquele lugar; depois de percorrer alguns anos por vários partes do mundo, e quando mais descuidado estava de o poder descobrir, então o achou e nela a Santa Imagem. D. João II de Castela, em cujo tempo foi este descobrimento, mandou entregar a milagrosa imagem aos Religiosos da Ordem de São Domingos. Simão Vella acabou ali a sua vida, ao serviço daquela soberana Senhora (Santa Maria, 1707: tomo I, 145).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bairro de Valverde. Ali ficou em companhia duma outra imagem, de São João Bautista, que também fez, e a que depois fez casa própria, que é a Ermida de São João dos Bem Casados (assim diz Costa, 1712: vol. III, 420).

Ali esteve esta santa imagem por alguns anos, e naquela igreja era venerada e se tinha com ela grande devoção; e António Simões celebrava em cada ano uma festa em honra da Senhora, concorrendo também alguns vizinhos da mesma igreja e devotos também da Senhora.

## 2. PROCURA-SE SÍTIO PARA A ERMIDA: A CABEÇA DO ALPERCHE

António Simões não se esqueceu de fazer à Senhora casa própria para sua morada, como também lhe tinha prometido.

Sucedeu que António Ferreira, companheiro do mesmo ofício, ou seja dourador, o levou a Val de Cavalinhos a mostrar-lhe uma quinta, que ali tinha, para lha dar, se se agradasse dela, mas não lhe agradando o sítio, e agradecendo a boa vontade ao dito António Ferreira, se tornou António Simões pelo vale acima até ao lugar em que hoje está fundada a dita Casa, que então se chamava Cabeça de Alperche (vd. Castro, 1763: tomo III, 135) ou, segundo Santa Maria (1707: tomo I, 147), Cabeça do Alporche. Esse monte ficava da parte do Norte do outro monte onde ficava a Casa de Nossa Senhora da Graça; e ficava sobre o Chafariz de Arroios, de donde se descobria uma fermosa e dilatada porção de terra e de mar, com muitas quintas, hortas e jardins por todas as partes. Refere-se por tradição que, indo àquele sítio um Padre da Companhia, grande servo de Deus, o qual morreu mártir nas partes do Oriente, e que falando com o companheiro dissera (falando da fermosura daquele sítio) que esperava em Deus, que naquele monte se havia de fazer uma devota Casa de Religiosos à honra da Virgem Nossa Senhora (assim, o Santuário Mariano).

Com as notícias pois deste sítio, buscou António Simões a Afonso de Torres de Magalhães, a quem pertencia o sítio. Foi ter com ele e com a mulher dele, Dona Constança de Aguilar, e lhes pediu que houvessem por bem de lhe dar naquele monte sítio para edificar uma Ermida a Nossa Senhora. E como eles eram nobres e muito pios, e devotos de Nossa Senhora, facilmente concederam a António Simões o que pedia. Levava este consigo a já referida imagem de São João Bautista, que deixou em casa do proprietário, como penhor de que, dando-lhe ele aquele sítio, a Senhora lho saberia gratificar.

Como se viu naquela mesma noite, em que dando ao dito Afonso Torres uma dor de cólica mortal, de que era muito maltratado, e não havendo remédio humano, que lhe aproveitasse, recorreu sua mulher Dona Constança de Aguilar a Deus, e se encomendou à Senhora da Penha França, tomando-a por intercessora, para que seu unigénito Filho o livrasse de tão grande perigo em que estava, prometendo-lhe o lugar, de que se tratava, para Casa sua. Foi coisa maravilhosa, porque feita a promessa, o dito Afonso de Torres melhorou logo; e no dia seguinte mandou chamar o dito António Simões, e lhe contou o caso, e com ele foi escolher o sítio que lhe parecia mais acomodado para fazer a Ermida, pedindo-lhe muito a fizesse defronte das suas casas.

Só puseram por condição que, sendo caso que a dita ermida viesse a ser de alguma religião, poderiam tomar para si a capela-mor da igreja da Senhora, satisfazendo a despesa que

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

se houvesse feito nela. E para que António Simões e sua mulher pudessem ter habitação vizinha à dita ermida lhe aforaram com moderada pensão lugar bastante para fabricar morada.

### 3. FAZ-SE A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA

Sucedeu isto no princípio do ano de 1597.

E numa terça-feira, dia 25 de Março de 1597, dia de Nossa Senhora da Encarnação, foi lançada a primeira pedra por António Simões, na Companhia dos Padres António Martins e Mestre Ignacio, assim como de Afonso Torres de Magalhães, que deu o terreno. Nessa pedra estavam escritas em letras douradas: Jesus, Maria, Avante.

Iniciada a Casa da Senhora ela resultou de fabrico humilde, segundo a capacidade de António Simões, aliás ajudado dos vizinhos e de alguns devotos que o animavam com esmolas.

Acabada a ermida, procurou logo António Simões as licenças para se poder dizer missa nela: deu-as o Arcebispo de Lisboa, que era D. Miguel de Castro.

E em 10 de Maio de 1598, festa do Espírito Santo, foi levada para lá a imagem de Nossa Senhora da Penha de França, que estava depositada na Ermida de Nossa Senhora da Vitória, numa solene procissão.

Colocada a Senhora na sua nova Casa, começou a ser visitada e frequentada.

O sítio era um tanto desviado da cidade, o caminho pouco frequentado e a imagem ainda gozava de pouco crédito. Alguns acontecimentos vieram dar-lhe crédito.

### 4. A EPIDEMIA DA PESTE DE 1598-1599

Nos meados de Outubro de 1598 manifestaram-se os primeiros casos de peste. Este surto foi menos devastador do que o de 1569 [“peste grande”], mas maior do que o segundo, de 1579. O mal cresceu de tal sorte que, nos fins de Janeiro de 1599 eram tantos os mortos e os feridos, que havia dias de 700 vítimas. Os trabalhos estavam paralisados.

O povo horrorizado corria aos templos, implorando a misericórdia divina.

Portugal achava-se então sob o domínio espanhol. A tropa castelhana, guarnição do Castelo de São Jorge, recordando-se dos milagres feitos em idênticas circunstâncias pela milagrosa imagem da Senhora da Penha França, colocada na capela próxima de Salamanca, lembrou-se de fazer uma procissão de penitência à Ermida da mesma invocação na Cabeça de Alperche em Lisboa, o que se realizou, com o capitão general, o Conde de Portalegre.

A grande afluência de pessoas que concorriam à nova ermida para ouvir missa, obrigou António Simões a sustentar 30 sacerdotes para todos os dias oficiarem; e não sendo ainda suficiente este número de religiosos, chamava por vezes sacerdotes estranhos, para aquela santa missão.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 5. VOTO DO SENADO DE LISBOA

O Presidente do Senado da Câmara, que era Dom Julianes da Costa<sup>VI</sup>, e os mais do governo da cidade, procuravam com os remédios humanos acudir ao mal. Resolveram recorrer também à piedade divina, tomando por medianeira a Senhora da Penha França.

E assim, em 28 de Janeiro de 1599, resolveram todos em Mesa, por um voto, abrigar-se à dita Senhora: que, se ela alcançasse a de saúde que desejavam na cidade, eles em sinal de seu agradecimento:

- lhe fariam a sua capela na igreja nova que se fizesse, oferecendo-lhe ricos paramentos,
- e que demais fariam uma Procissão, que sairia pela manhã muito cedo da Igreja de Santo António, cuja imagem levariam na procissão, acompanhando-a o Presidente do Senado com os vereadores e mais oficiais dela, com os mais cidadãos que quisessem;
- e que todos iriam descalços, levando seus círios na mão, os quais deixariam de esmola à Senhora;
- prometendo mais, para que ficasse sinal perene do seu agradecimento, que a procissão se faria perpetuamente cada ano, no mesmo dia em que se fizesse a primeira;
- e que na dita primeira procissão iriam o Presidente com os mais oficiais da mesa preparados e dispostos pelo Sacramento da Penitência para receber o da Sagrada Comunhão no fim da missa;
- e que, enquanto ela durasse estariam todos descalços.

Para que ficasse memória deste voto, redigiram um termo, que foi assinado pelo Presidente, vereadores, e mais oficiais da mesa; por parte do Povo, assinaram também os que representavam. Declararam que, no tocante à promessa da capela-mor, retábulo e ornamentos, não haveria obrigação de gastar mais que cinco ou seis mil cruzados <sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Vd. o assento de 28 de Janeiro de 1599 in Oliveira, 1882: vol. I, 489-490). No arco da capela-mor da igreja da Penha de França, ainda existe uma lápide comemorando este voto (vd. Araújo e Lima, 1944-1956: fasc. XII).

VI D. Gil Eanes da Costa (1543-1612) era o filho mais novo de outro D. Gil Eanes da Costa (1502-1568), que foi pajem de D. Manuel, irmão colação de D. João III e cortesão riquíssimo que chegou a vedor da fazenda da rainha D. Catarina, cargo que manteve até ao fim da vida (Leme, 2013). O filho do Presidente do Senado da Câmara de Lisboa entre 1595 a 1602, foi igualmente importante protagonista da administração régia e figura de mecenas artístico, protector de alguns dos mais destacados pintores da época, entre os quais avulta Diogo Teixeira, responsável pela grande tela encomendada por D. Gil Eanes para o retábulo da sua capela privada no convento de Nossa Senhora da Graça de Santarém (Serrão, 2013). É porventura a sua ligação à Câmara de Lisboa que explica a escolha de Teodósio de Frias (ca. 1560-1624), arquitecto da cidade, para o projecto desta igreja da Penha de França, realizado depois de 1604 mas decerto já em preparação à data em que D. Gil Eanes já ali presidia. Foi mestre das obras o pedreiro Adrião João, que só em 1626 deu quitação do pagamento pelos trabalhos realizados na capela-mor (AML-AH, *Coleções por Organizar, Livro I de Quitações e Desistências*, doc. 73). Em Setembro de 1616, os mestres pedreiros Manuel Quaresma e Diogo Vaz procederam à medição dos trabalhos realizados (Viterbo, 1988: vol. II, 33). A igreja adopta uma curiosa planta centralizada, testemunhando o interesse por Teodósio de Frias por soluções planimétricas sofisticadas e de sabor classicizante.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tornando-se notória a diminuição da peste, trataram os da Câmara de dar cumprimento ao seu voto. E assim, em 5 de Agosto de 1599, fez-se a primeira procissão prometida, saindo da igreja de Santo António da Sé à meia-noite (por causa do excessivo calor que então fazia) e dirigindo-se para a Penha França. A procissão compunha-se dos Frades de Santo Agostinho do convento da Graça, muitos sacerdotes seculares, o Senado conduzindo o andor de Santo António, e grande multidão do povo. Iam todos descalços e de tochas acesas<sup>3</sup>.

No momento do Ofertório, fizeram sua oferta todos os que tinham ido na procissão, começando pelo Presidente Don Julianes da Costa, o qual com o círio ofereceu também uma coroa de prata dourada para a imagem da Senhora, e com a coroa fez mais oferta de 200 cruzados em ouro para as obras da nova igreja.

A Câmara deu conta a El-Rei do voto feito. O Rei respondeu na forma seguinte:

«Presidente Amigo, Vereadores, Procuradores da cidade de Lisboa e Procuradores dos misteres della: Eu El Rey vos envio muyto saudar. Recebi a vossa carta sobre o voto que fizestes a Nossa Senhora da Penha de França cuja Casa se vay fundando no contorno dessa cidade e pareceome muyto bem tudo o que fizestes em serviço de Nossa Senhora, de que eu recebo particular contentamento e hey por bem de o approvar e dar a licença necessaria pera os seys mil cruzados, que no ditto voto se hão de dispende, se tirarem por imposiçam do vinho e da carne, conforme ao que assentastes. Escrita em Madrid em nove de Setembro de 1599 – Rey».

(apud *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 65).

## 6. SETE NAUS PARA A ÍNDIA: IRMANDADE...

No mesmo ano de 1599 partiram de Lisboa para a Índia sete naus, de que foi por capitão-mor Dom Jerónimo Coutinho. Este, receando que o mal pudesse ir nas ditas naus ou em alguns dos navegantes que fosse infecto do mal, recorreu à Senhora da Penha França; e pediu a António Simões um círio dos que tivessem já começado a arder no altar da Senhora. Este deu-lho de muito boa vontade, e repartiu outros seis pelos capitães dos outros seis navios.

Saíram do porto desta cidade as ditas sete naus; e tendo passado dias de viagem, viram-se assaltados do mal contágio. Recorreram com fé à protecção da Virgem Senhora da Penha França. E para mais se obrigaram, trataram todos de instituir uma Irmandade, e para isso se foram assentando em livro, em que também assentavam as esmolas que uns logo deram e outros prometeram. Fizeram eleição de Juiz nomeando para tal ao capitão-mor Dom Jerónimo Coutinho, seguindo-se a eleição dos demais oficiais da Irmandade.

Experimentaram logo a saudável protecção da Senhora. E assim os que estavam feridos do mal e se tinham assentado por irmãos, foram escapando; e se a alguns dos que iam embarcados picou o mal, não foi a nenhum dos que se inscreveram por irmãos da Senhora.

As naves chegaram à Índia, voltaram a Lisboa; e os que se haviam inscrito por irmãos, antes de chegar a suas casas, foram render graças à Virgem Santíssima.

<sup>3</sup> Esta procissão era conhecida por procissão dos ferrolhos, porque na frente costumavam ir os populares batendo, a todas as portas, convidando os fiéis a chegarem às janelas. Tal devoção cumpriu-se todos os anos até 1833, sempre no dia 5 de Agosto.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Fizeram o competente compromisso<sup>VII</sup>. E todos os anos, em 21 de Setembro, começa uma soleníssima festa: dois dos três dias corre a festa por conta da Irmandade, e o terceiro é por conta do Convento (que, como veremos, se instituiu na Ermida).

Assim se consolidou a devoção<sup>VIII</sup>. Resta saber como se estabeleceu ali o Convento de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Penha França, dos Religiosos Eremitas de Santo Agostinho, em 1603<sup>IX</sup>.

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*. Vol. I. Lisboa: Typographia Universal, 1882.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Tomo I. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.

VII Foi recentemente revelado e estudado o *Compromisso da confraria, e irmandade de Nossa Senhora da Penha de França...*, datado de 1599, e até agora inédito. O manuscrito, que inclui uma rica composição iluminada da Virgem da Penha de França, a têmpera e ouro sobre pergaminho, é um bom testemunho da importância e dos recursos da Confraria, tanto mais que esta obra pode ter sido encomendada ao mais importante pintor de iluminuras activo em Portugal em finais do século XVI e inícios do século XVII, o cônego Estêvão Gonçalves Neto (Bastos e Soromenho, 2016).

VIII Um curioso testemunho da devoção popular a Nossa Senhora da Penha de França é o do episódio lembrado num manuscrito inédito sobre a fundação da ermida e do convento, que relata a cura milagrosa, em finais do século XVI, de uma filha do arquitecto régio Baltasar Álvares (ANTT, *Manuscritos da Livraria*, nº 1076).

IX Não é de excluir a hipótese de resultar da especial devoção de D. Gil Eanes da Costa pelos agostinhos a entrega do convento aos graciosos, que não longe tinham a sua casa-mãe (no convento de Nossa Senhora da Graça). É de notar que foram eles os frades que conduziram a procissão que se fez em 1599, quando começou a diminuir a virulência da peste, como aliás refere José da Felicidade Alves.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO, EM ALCÂNTARA****Século XVI [c. 1600] → --- 1587**

As notícias que a seguir desenvolvemos sobre a Senhora do Livramento e a sua ermida basearam-se essencialmente na *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 169-172) e no *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1707: tomo I, 373-383).

Este tema daria azo a que se evocasse a triste situação que se viveu em Portugal depois da tragédia de Alcácer-Quibir (1578), com o problema da sucessão. Não devemos esquecer quais eram os pretendentes à sucessão. Afinal, não foi por razões jurídicas, nem sequer por razões políticas, mas pela violência das armas, que Filipe II de Castela se apoderou dos Reinos e Senhorios de Portugal. Por Elvas entrou o Duque de Alba com 18.000 homens; por Entre Douro e Minho entraram de Galiza os Condes de Castro e Monte Rey; por Trás-os-Montes os condes de Benavente e Alva de Liste; pela Estremadura o Duque de Albuquerque e o Marquez de Vila Nova do Rio; pela Beira, o Marquez de Serralhano; e pelo Algarve os Duques de Medina Sidónia e de Beja... O Duque de Alva, de Elvas marchou até Setúbal, depois passou por mar a Cascais, e daqui rendidas as fortalezas entrou em Lisboa; e por mar entrou o Marquez de Santa Cruz com 62 galés e 25 navios. Sitiado o Reino com tantos exércitos comandados por tão grandes generais, resistiu-lhes o Infante Dom António, o Prior do Crato, filho do Infante D. Luís e neto de D. Manuel; vencido o seu pequenino exército mal armado, de somente 4.000 homens, ficou irremediavelmente perdida a independência de Portugal (por espaço de 60 anos...).

Os portugueses que escaparam de sacrificar as vidas em defesa da Pátria, ficaram entregues à polícia secreta ao serviço de Castela, que traziam “zeladores” pelas ruas que denunciavam os que eram suspeitos de serem contrários ao domínio castelhano. Prendiam os suspeitos, levavam-nos para o Castelo e era muito incerto o seu destino.

Entre os presos, alguns nem sequer tinham tido o “mérito” de se terem oposto ao rei castelhano! Entre estes estava um, de nome Rodrigo Homem de Azevedo.

Perante perigo de vida tão próximo, Rodrigo Homem de Azevedo recorreu à protecção de Nossa Senhora, pedindo-lhe que o livrasse da situação em que se achava. Ao mesmo tempo, sua mulher (cujo nome não foi conservado) não cessava de implorar à Senhora o livramento de seu marido.

Cobrou grandes esperanças de o conseguir, fundada em um sonho que teve, nove noites contínuas, em que se lhe representava Nossa Senhora, vestida de branco, que dizia: “Cala-te, não te agastes, que eu que tudo posso to livrarei. Se puderes em algum tempo, edificar-me-ás uma casa” (Santa Maria, 1707: tomo I, 379). Acordando, não viu nada. Mas a continuação do sonho, sempre do mesmo modo por nove noites, persuadiu-a que o sonho merecia mais crédito que o que se deve dar a sonhos.

No último dia da novena dos sonhos, o Cardeal Alberto [Vice-Rei de Portugal de 1583 a 1598, após Filipe II, depois de dois anos de residência em Lisboa, ter regressado a Madrid] mandou a um seu capitão para que dissesse a Rodrigo homem de Azevedo se fosse livre para a sua casa. Recebida a ordem, o capitão se foi com ela ao Castelo; e chamando a Rodrigo



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Homem – que logo se despedia de um fidalgo, que com ele estava preso, dizendo-lhe: Amigo, bem sabeis ao que vou, encomendai-me a Deus -, este saiu à sala aonde o capitão o esperava, que o saudou e lhe disse “Manda el Señor Cardeal, que se ba uste libre para su casa”.

Duvidoso Rodrigo Homem desta ordem, pois via que era o primeiro que da prisão escapava solto, lhe replicou: Senhor Capitão, para que os zeladores desta cidade se não alvoroquem, e cuidem que vou fugido, e me tornem a prender, peço a V.M. me acompanhe. O que ele fez, aceitando também uma prenda de preço que lhe deu.

Foi-se Rodrigo Homem para sua casa; e cuidando todos os dias que ia para o sacrifício e ignorando o seu livramento, publicavam a sua morte. Correu logo a fama de que ia a degolar Rodrigo Homem; e chegando esta triste nova a sua mulher, lhe deu um acidente, do qual esteve muitas horas sem fala. Chegou Rodrigo Homem a sua casa, que morava junto à Trindade, com grande alegria de todos os que o conhecia. E voltando sua mulher do acidente e estando já aliviada dele, começou a referir o que havia sucedido com o continuado sonho de nove noites, e que na noite antecedente vira a Nossa Senhora da mesma forma vestida de branco, e com o cabelo solto, e lhe dissera as mesmas palavras já referidas. Ficaram todos, assim os parentes como os amigos, admirados de tão prodigioso milagre. O Conde de Linhares, grande amigo de Rodrigo Homem de Azevedo, não acreditando que tivesse sido solto, foi a sua casa para saber a verdade; e a ele se lhe referiu também a maravilha da Senhora. Tudo isto terá sido por volta de 1583.

## 1. MANDA FAZER-SE A IMAGEM E DÁ-SE-LHE O NOME

Deram todos muitas graças a Nossa Senhora e à Virgem Senhora.

E, como princípio de agradecimento, mandou-se logo fazer a imagem da Senhora, do tamanho e forma que se lhe havia manifestado em sonhos. A imagem inicial era de vestidos; no início do século XVIII já era de escultura, diz o Autor do *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1707: tomo I, 379). Depois houve vários votos sobre o título que se havia de dar. Um religioso observante de São Francisco, irmão daquela devota senhora, acomodando-se à sua religiosa inclinação, sugeriu que se lhe desse o nome de Conceição. Mas ela, que das palavras que em sonhos ouvia se não esquecia, por ser o único emprego de sua memória, respondeu: “Isso não! Porque a Senhora dizia-me: Cala-te, não te agastes, que eu que tudo posso, to livrarei! Púnhamos-lhe o título do Livramento”. Aplaudiram todos a boa interpretação, e este foi o nome que se deu à Senhora.

E para que a imagem estivesse com maior decência, lhe mandaram fazer um oratório doméstico, onde colocaram a imagem, enquanto se lhe não edificava a Casa que a mesma Senhora encomendara.

Passados alguns sete anos (aí por volta de 1589), entraram os Ingleses em Lisboa, para apoiar as pretensões do Infante D. António, mandados pela Rainha Isabel. Nesta ocasião houve grande perturbação na cidade, e não se dando seus moradores por seguros, se retiraram para as suas quintas. À sua de Monfelim se retirou Rodrigo Homem de Azevedo, levando consigo a imagem da Senhora do Livramento.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Alguns anos depois veio a falecer a mulher de Rodrigo Homem; mas, próximo da morte, pediu com o maior encarecimento a seu marido que se não esquecesse da promessa feita à Senhora. Ele a assegurou que desempenharia a sua promessa e a própria obrigação.

## 2. ESCOLHEU-SE SÍTIO E EDIFICA-SE UMA ERMIDA

Casou segunda vez Rodrigo Homem; a mulher chamava-se D. Maria de Alcáçova. Achando-se melhorado nos cabedais, e desejando dar início à Ermida prometida, deu conta à sua nova esposa do empenho em que estava com a Senhora. A dita mulher o animou a que não dilatasse a satisfação da sua promessa; e que, para lhe dar cumprimento, buscasse logo sítio acomodado ao intento.

Discorrendo por diversos sítios, só lhe agradou o que ficava vizinho à Ponte de Alcântara. Era este uma áspera colina ou penhasco, mas naquele tempo sítio alegre e agradável com a formosa vista do Tejo.

Directo senhorio desta terra ou monte era Francisco Pedroso, morador no caminho de Benfica, o qual, quando o vendeu disse que muitos fidalgos se empenharam para lho comprar, e que sempre se escusara de o vender, mas que a Rodrigo Homem o vendia de boa vontade.

Deu-se princípio à obra; mas fez-se com tanta improvisação, que as paredes verdes não aguentaram a meia-laranja da abóbada; e como era obra de empreitada, toda a obra veio a terra. Informado da ruína, Rodrigo Homem garantiu que ainda que caísse muitas vezes não desistiria em levantar a Casa à Senhora. Para maior segurança, mandou que as obras se fizessem à jorna.

Acabou-se a Casa e dispôs-se o que era necessário para a mudança da sagrada imagem. Secretamente, mandou-se pôr a dita imagem na igreja paroquial de São Paulo. Daqui saiu com o majestoso aparato de uma solene procissão para que deu licença o arcebispo D. Miguel de Castro († 1625), em que iam muitas figuras vestidas e adornadas ricamente e foram notáveis as festas de danças que se lhe fizeram, e muitos instrumentos de charamelas, clarins, e outros semelhantes; e estavam as ruas ricamente armadas.

No caminho obrou a Senhora um grande milagre, que o Autor do *Santuário Mariano* refere desta maneira:

“Uma mulher devota da Senhora, moradora no bairro da Pampulha, tinha tomado por sua devoção vestir uma figura. Estava uma sua filha vestindo-a com toda a pressa, por se lhe dizer que já saía a procissão. Com este cuidado se descuidou d outra filha muito menina, que indo à rua a tempo que deu um pé-de-vento muito rijo, foi com tanta força que deu com uma colcha, que tinha na janela, em baixo, levando consigo uma pedra que a sustentava, a qual dando na cabeça à menina, a prostrou; e por este sinal a julgavam já sem vida. A mãe com esta pena apelidava o remédio de Maria Santíssima do Livramento, como quem era poderosa de livrar a sua filha da morte e restituir-lhe a vida. E não foi dificultoso o alcança-la, porque corria já muito por sua conta o livrar dos perigos a todos seus devotos. Levaram logo a menina à Casa da Senhora, e nela recebeu logo a vida e saúde

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

“muito perfeita, ficando mais bela do que era. Ficou-lhe um sinal de três quinas, que a pedra lhe imprimira na cabeça, para perpétua memória daquele grande benefício”  
(in Santa Maria, 1707: tomo I, 381).

Colocada a imagem da Senhora do Livramento na sua nova casa ou Ermida, desenvolveu-se um intenso processo de devoção, tornando-se muito frequentada e celebrizada com os benefícios atribuídos à Senhora do Livramento pelos que a ela recorriam.

Nesta devoção continuaram os sucessos de Rodrigo Homem... Até que uma neta de Rodrigo Homem, que se achava sem herdeiros, deliberou entregar a Ermida a uma instituição religiosa. Foi a origem do Convento de Nossa Senhora do Livramento, de Padres Trinos.

vd. ♂ Igreja do CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO de Padres Trinos – 1687

### Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Tomo I. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ☉ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES

Século XVII [c. 1600-1610, Nova Ermida, 1613]

Vamos buscar ao *Santuário Mariano* (1707: tomo I, 243 ss.) a história desta Ermida, erguida no sítio de uma eminência que dominava Alcântara, perto da ponte e ribeira desse nome, e pouco distante do caminho que ia de Lisboa para Belém, na freguesia que então era de Santos.

### 1. ORIGEM DA IMAGEM [1599]

Pelos anos de 1599, houve na cidade de Lisboa uma tão horrível peste e mortal contágio, que dele morriam cada dia setecentas e mais pessoas por cuja causa, todos os que puderam fugir da cidade a lugares sadios e livres deste cruel açoute do Céu o fizeram.

Entre estes havia dois casados na freguesia dos Anjos, e ambos tecelões, os quais com o terror de que aquela cruel parca lhes tirasse as vidas, como havia feito a muitos (...), deixando o seu pobre cabedal, se retiraram à Ericeira, aonde assistiram por alguns tempos.

Frequentavam estes dois consortes uma Ermida de Nossa Senhora, que em algum tempo devia também ser casa da Saúde; e a Santa Imagem, que nela se venerava, era invocada também com o título da Saúde (feliz presságio de que lha havia de conservar ileso, para com ela a servirem). Devia ser a Ermida pobre, e estava em parte muito solitária. Aqui iam os dois casados a encomendar-se à Senhora, que era imagem de grande formosura e devoção, se bem mal assistida e servida com pouco culto e muita pobreza. E por esta causa lhe fizeram voto, que se os livrasse do contágio a serviriam e seriam seus perpétuos ermitões.

Passada aquela tribulação, e serenados os ares daquela maligna infecção, se resolveram a voltar à sua terra. Lembravam-se do voto, e desejando cumpri-lo assentaram consigo levar a Senhora, para que em Lisboa lhe pudessem fazer uma ermida donde fosse venerada. E para a poderem [levar] mais a seu salvo, a recolheram em um saco, para assim disfarçarem melhor o furto; e a puseram em um jumento, trazendo-a a ermitoa diante de si. E com esta pérola preciosa, e mais rica que todas as que se colhem nos rios da costa da Pescaria em o Oriente, se saíram das praias da Ericeira e se vieram demandar outra vez a cidade de Lisboa, assentando em os arrabaldes do Oriente aonde chamam a Pampulha.

Aqui, escolheram o sítio de Alcântara, em que ao presente é venerada [esta obra foi publicada em 1707], no qual morava uma devota desta matrona chamada Anna de Gouvea. Buscaram-na os dois consortes, e deram-lhe conta do intento, pedindo-lhe para execução dela, fosse servida de lhes dar um pedaço de chão em que pudessem levantar à Senhora uma Ermida. E como era piedosa, veio facilmente em tudo o que lhe pediram. E muito melhor o faria vendo a beleza e formosura da Santa Imagem”

(Santa Maria, 1707: tomo I, 243-244, texto modernizado).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. EDIFICAÇÃO DA ERMIDA [C. DE 1600-1610]

“Alcançada a licença, trataram de lhe erigir casa, que seria sem dúvida de esmolas; e ainda assim saiu bem pequena, e limitada [Isto seria nos primeiros anos do século XVII, entre 1600 e 1610].

Feita a Ermida, colocaram nela a Santa Imagem. E deliberando no título que lhe haviam de dar, acharam que seria muito próprio o das Necessidades.

E foram tantas as que logo remediou, e os milagres que fez, que podemos crer foi ordenado tudo pelo Céu. À vista das maravilhas que Deus ali obrava, começou a concorrer a gente, e também algumas esmolas, em que os pobres Eremitas remediavam a si e acudiam ao altar e à alâmpada da Senhora.

Entre os milagres que o Senhor ali obrou, e o primeiro que se pintou, o que ainda hoje [1707] existe pendurado na Capela, é este que agora referirei. Havia em Lisboa um tosador de panos, chamado António Rodrigues; tinha este uma filha menina de sete anos de idade. A esta lhe deu no ano de 1610 um acidente de paralisia tão cruel, que a menina não só ficou tolhida mas sem fala; e assim perseverou por espaço de seis meses, com grande mágua de seus pais. No fim deste tempo, parece lhe apareceu a Senhora, e lhe falou, mandando-lhe dissesse a seus pais a levassem a Nossa Senhora das Necessidades de Alcântara. Assim o fez, e foi a primeira vez que a ouviram falar depois do acidente; mas dito isto, ficou muda como até ali estivera. Ao outro dia resolveram os pais consigo irem à Senhora, a pedir-lhe as melhoras de sua filha. Levaram-na nos braços, e chegando à porta da Ermida da Senhora, e reconhecendo que mostrava algum alento, a puseram no chão, e ela se levantou, e foi pelos seus pés até o altar da Senhora, aonde acabou de receber perfeita saúde, e a sua fala.,

Este milagre – que por incúria e descuido próprio da nossa Nação se não autenticou – fez em que se acendesse com mais fervor a devoção para com a Senhora.

Outra maravilha sucedeu logo depois desta. E foi que, vinda uma mulher mui lastimada a encomendar-se à Senhora, e a pedir-lhe remédio em uma grande necessidade em que se via, e pedindo à Ermitoa lhe quisesse abrir a Ermida para molhar no azeite da alâmpada um lenço, nunca a Ermitoa o quis fazer, desculpando-se com estar muito ocupada, e que não podia. À vista disto se foi a mulher; e posta de joelhos à grade da janelinha que então tinha, e ainda agora tem, começou a chorar e a pedir à Senhora lhe valesse. Reparou esta que a alâmpada se havia apagado; e assim voltou outra vez à Ermitoa a dizer-lho, e que a fosse acender para que a Senhora não estivesse sem luz. O que ela logo fez, dizendo que só o ir acender a alâmpada a obrigaria deixar o que fazia. Foi, e abriu a porta, e depois de entrarem ambas, viram acender-se a alâmpada por si mesma, e que o azeite dela começava a ferver em tal forma que, derramando-se do vidro, e depois da taça da mesma alâmpada, que brevemente encheu, se começou a derramar na Ermida em tanta quantidade que correu até à porta em rego.

Muito se celebrou este milagre; mas também se não autenticou. Contudo, de então até hoje se faz todos os anos uma festa à Senhora, em memória dela, na primeira oitava do Espírito Santo, que se intitula “a festa do milagre do azeite”, e no sermão se refere sempre a maravilha””

(Santa Maria, 1707: tomo I, 244-246, texto modernizado).



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3. IRMANDADE DOS NAVEGANTES DA CARREIRA DA ÍNDIA

“Logo que [este milagre] sucedeu, se instituiu pelos navegantes da carreira da Índia uma lustrosa Irmandade, que serve à Senhora com devoção e grandeza.

A primeira coisa que fizeram os Irmãos foi edificar à Senhora outra Ermida maior, e mais capaz, muito bem ornada e azulejada, que se acabou no ano de 1613, como consta de uma pedra que está sobre a porta da mesma igreja da parte de fora”.

(Santa Maria, 1707: tomo I, 246)

Outros autores esclarecem que a Ermida foi construída com as esmolas dos fiéis, como declararia aliás o referido letreiro que se via sobre a porta da dita ermida. A inscrição foi estipulada entre a Irmandade dos homens do mar, que procurou as esmolas, e Anna de Gouveia de Vasconcellos, sobrinha do famoso Francisco Velasco, que o permitiu, por ser senhoria do dito sítio no ano de 1613.

Nela colocaram a devota imagem da invocação de Nossa Senhora das Necessidades, que daquele tempo em diante ficou sendo o objecto da devoção, não só dos moradores de Lisboa, mas também das pessoas reais, que em todos os sábados do ano, de manhã, a iam visitar. O Rei D. Pedro II ouvia missa no seu altar, da parte da manhã; e da tarde, a rainha Dona Maria Sofia. A Rainha Dona Isabel de Sabóia tinha também grande devoção a esta Santíssima Imagem, e bem o mostrou nos ricos vestidos que lhe deu, e outras muitas peças ricas.

Esta real devoção terá tido início em D. João IV, e, tendo continuado em seus reais descendentes, ainda era seguida pelo bisneto de D. João IV o fidelíssimo Rei D. José. Isto nos garante o Padre Manuel da Conceição, no *Suplemento ao Sumário das Notícias de Lisboa*, publicado em apêndice à 2ª edição do *Sumário* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira (1755: 141).

### 4. A ERMIDA É COMPRADA POR PEDRO DE CASTILHO [EM 1659]

Meio século depois da construção inicial da Ermida (ou seja, por volta de 1659), Pedro de Castilho, do Conselho de Sua Majestade o Senhor D. João IV, e do Geral do Santo Ofício, comprou a Anna Gouveia (ou seus sucessores) as casas em que vivia, que eram contíguas à Ermida, ampliando o piedoso templo. E como o assunto da Ermida pertencia às mesmas casas, tomou para si e para seus herdeiros o Padroado, erigindo a Capela-mor à sua custa (menos a tribuna, que é grande e espaçosa, toda guarnecida de rica pintura da vida da Senhora, e de talha dourada: obra da Rainha Dona Maria Isabel de Sabóia, que também mandou fazer os quadros do tecto da Igreja). O mesmo Pedro de Castilho instituiu uma capela, que é apresentada por seus herdeiros e sucessores no Padroado, em missa quotidiana.

Essa obra acabou no ano de 1659, como se via em umas invocações que estavam nos presbitérios (segundo nos diz o autor do *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1707: tomo. I, 247).

Cerca de um século mais tarde (antes de 1743), a Ermida e uma longa extensão de terreno da Lapa (ou Cova) da Moura e da Ribeira de Alcântara pertenciam a um descendente de Pedro Castilho: um Gaspar (ou Baltazar) Pereira de Castilho, a quem D. João V as comprou em 1743.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 5. DESCRIÇÃO DA IMAGEM EM 1707

“A Senhora está colocada em uma rica charola, que fica no meio da tribuna. É grande, e de quatro colunas [a charola]. No meio tem um altar, e sobre ele fica a Senhora mais levantada em uma peanha. A imagem da Senhora tem sete palmos grandes [mais de 1 metro e meio]; sobre o braço esquerdo tem o Menino Jesus, e na mão direita uma vara de prata com castiçal, em que lhe acendem uma vela. É de tão rara fermosura, que os que a vão visitar não se podem apartar da sua presença. É de roca (persuado-me que aquando os Eremitas a trouxeram [da Ericeira] não trazia roca, e vinha só o meio corpo: porque é tão grande, que a vir inteira podia ser visto o furto), e de vestidos. E tem muitos, e muito ricos, dádivas das Rainhas e Senhoras grandes da Corte. Está toucada à cigana; e sobre uma rica cabeleira muito loura e natural, lançado em volante de prata dourada, que lhe parece ricamente; e sobre ele uma rica e grande coroa de prata dourada com muitas pedras; e no peito lhe põem alguma jóia, ou brincos esmaltados como flores. E todos os ornatos que tem a Senhora estão livres dos artificios com que a vaidade ainda às Imagens sagradas não perdoa nestes tempos, em que ela se tem feito tão poderosa no mundo [entenda-se: a vaidade...]”

Versão modernizada extraída de *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1707: tomo I, 247).

Depois desta evocação da *Ermida* de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Necessidades, veja-se a continuação, ou seja: O convento de NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES

**Bibliografia**

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Tomo I. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.

CONCEIÇÃO, Padre Manoel da – “Suplemento ao Sumário das Notícias de Lisboa”. Apêndice à 2ª edição de OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de – *Summario, em que brevemente se contem algumas cousas assim ecclesiasticas, como seculares, que ha na cidade de Lisboa*. 2ª edição. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1755.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⊙ ERMIDAS DEDICADAS À RECOLHA DE MENINOS PERDIDOS

Um assento de vereação de 21 de Maio de 1592 diz-nos que se assentou em Câmara o seguinte

“... que toda a pessoa que achar menino ou menina perdidos, os leve e entregue na Ermida da Ascensão à Calçada do Congro, à ermitoa, ou no Hospital dos Palmeiros, ou em Nossa Senhora dos Remédios, em Alfama, aos ermitões ou pessoas que têm cuidado do dito hospital e ermidas; e para que seus pais e mães e pessoas que deles têm cargo saibam onde os podem ir buscar, se façam escritos para se notificarem nos púlpitos”.

vd. Oliveira, 1885: vol. II, 68.

Encontramos mais quatro vezes em que a Câmara se dirigiu ao Rei, pedindo provisão para este assunto.

A primeira consulta era de Abril de 1625 e era assim concebida:

“... E assim também por haver muitos meninos perdidos, de pouca idade, que se andam apregoando pela cidade, que não sabem dizer donde são, tem a Câmara assentado que se lance pregão que os levem a cinco partes dos bairros principais, para que ali os recolham, até que seus pais ou pessoas a que eles tocam os poderem ir ali buscar, a saber: no Hospital das Palmeiras; [ermida de] Nossa Senhora do Paraíso, fora da Porta da Cruz; ermida dos Fiéis de Deus; [ermida de] São Luiz à Porta de Santo Antão; na [ermida] de Santa Bárbara ou igreja dos Anjos. Porque nestas partes terá dado ordem para que os recolham, e não se padeça o trabalho e aflição de apregoar por toda a cidade” – *Livro de Propostas e respostas e regº de com. do tempo d’el-rei D. Filipe III*, fs. 82

(apud Oliveira, 1888: vol. III, 289)

Esta consulta se reforma em 24 de Novembro de 1625; reformada outra vez em 6 de Julho de 1627; reformada outra vez em 29 de Julho de 1627.

Com a data de 21 de Junho de 1628 há um Alvará Régio que dá provisão a esta consulta:

“Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem, que havendo respeito ao que os vereadores e mais oficiais da Câmara desta cidade me enviaram dizer por sua carta (...). E porque, outrossim vendo eles também os muitos meninos, de pouca idade, que de ordinário se perdem nesta cidade, sem saberem dizer donde são, tinha a dita Câmara assentado que se lançasse pregão nela, para serem levados a cinco partes dos bairros principais, para nelas serem recolhidos até que seus pais, ou pessoas a quem tocar, os poderem ir buscar, a saber: no Hospital das Palmeiras; [na ermida de] Nossa Senhora do Paraíso, fora da Porta da Cruz; [na] ermida dos Fiéis de Deus; [na ermida de] São Luís à porta de Santo Antão; na [ermida] de Santa Bárbara ou igreja dos Anjos, aonde se daria ordem para se recolherem, porque com isso se atalharia ao trabalho e aflição que os seus pais e mães tinham, e sua quietação e dos que apregoavam por toda a cidade: pelo que hei por bem e mando que, na conformidade que os ditos oficiais da Câmara têm assentado neste particular, se ordene

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

e dê à execução, para o que se fará publicar este meu alvará nos lugares públicos desta cidade...”

(in Oliveira, 1888: vol. III, 288-289).

### Bibliografia

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Typographia Universal, 1885.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*. Vol. III. Lisboa: Typographia Universal, 1888.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA GUIA****Século XVI [1600?]**

Foi fundada pelos anos de 1600, na Rua da Palma, diz Pinho Leal:

“Era exactamente no lugar onde hoje [1874] está a botica do Sr. Rodrigues, na casa que faz esquina para a Rua Nova da Palma e Rua de São Vicente à Guia”

(in Leal, 1874: vol. IV, 227).

Em 1859, quando se abriu a Rua Nova da Palma, ou seja quando se projectou abrir o prolongamento da rua da Palma até ao Largo do Intendente, a Ermida foi demolida; e a imagem de Nossa Senhora da Guia, com a sua confraria, foi para Colégio dos Meninos Órfãos (instituição com vasto historial). Daí resultou que a igreja dessa instituição dos Meninos Órfãos se passou a chamar, mas impropriamente, Ermida da Guia.

Mais tarde, a imagem de Nossa Senhora da Guia passou para a Igreja do Coleginho, onde ainda se encontra.

**Bibliografia**

LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho – *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Vol. IV. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1874.

ARAÚJO, Norberto – *Peregrinações em Lisboa*. Vol. II. Livro X. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1939.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS****Século XVII [INÍCIO]? ou mesmo do século XVI**

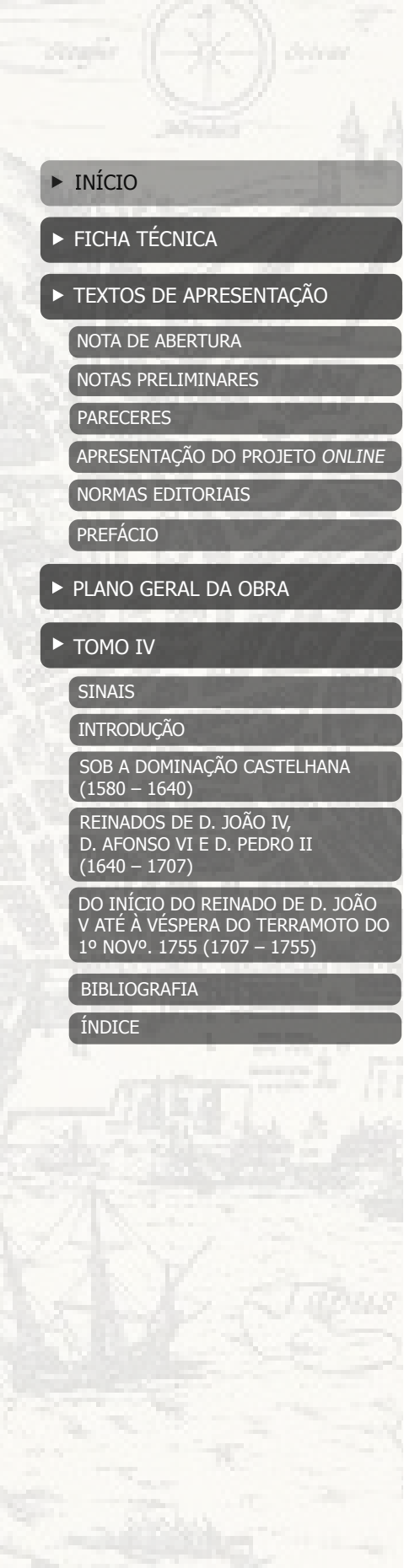
Não temos indicação da data em que foi fundada a Ermida de Nossa Senhora das Mercês: apenas lemos que aquela ermida já em 1652 era considerada “muito antiga”.

Situava-se na esquina da Rua Formosa (actual Rua do Século), na Travessa que agora se chama travessa das Mercês. Junto à capela havia um Recolhimento de senhoras devotas com o mesmo título.

O desembargador Paulo de Carvalho, tio-bisavô do Marquez de Pombal, tinha grande devoção pela imagem que se venerava na sua capela dedicada à Senhora das Mercês. A capela era de acanhadas dimensões e estava muito arruinada. Paulo de Carvalho mandou-a reedificar à sua custa, deu-lhe mais vastidão e magnificência, fazendo-a também cabeça dum novo morgado que instituiu. A capela pertencia à paróquia de Santa Catarina, que abrangia uma grande área, e cuja igreja paroquial estava situada no sítio ainda hoje conhecido vulgarmente pelo alto ou monte de Santa Catarina.

Esta ermida deu origem a uma nova paróquia, de Nossa Senhora das Mercês, que estudaremos no lugar próprio.

Vd. Igreja paroquial de NOSSA SENHORA DAS MERCÊS, 1652



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. IGREJAS PAROQUIAIS



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✚ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES – 2ª

**Século XVI/XVII:**

início das obras de “reformação”: 1582

Conclusão de obras: 1602

Damos por sabida a história deste templo e paróquia, desde o ano de 1147 até ao século XVI (ver o tomo II desta obra, pp. 78-81 e 123-126).

O templo primitivo conservou-se através de cerca de 440 anos. Mas no tempo do rei castelhano Filipe II, estava já arruinado. Havendo necessidade de o reformar e acrescentar, orçou-se a obra em 5.000 cruzados, mais ou menos. Os fregueses e os irmãos de várias irmandades pediram ao Rei que fosse permitido lançar-se uma finta na freguesia, para obter os recursos. O Rei mandou investigar o assunto; sob a informação favorável do corregedor do cível, passou o alvará de 7 de Maio de 1591, permitindo a derrama.

### 1. AS OBRAS DE 1598 A 1602

A obra só principiou em 1598, em Julho. Os trabalhos duraram quatro anos, ficando concluído em 1602.

Colocou-se sobre a porta principal da igreja a inscrição seguinte:

TEMPLUM DICATUM DEO DEIQ  
MATRI IN GLORIAM MARTYRUM  
ANNO DOMINI: M:C:XL:VII :  
QUOD TEMPUS EDAX TRIVERAT  
CHRISTIANA PIETAS RESTAURAVIT  
ANN. MD: C: II:

Em português:

Templo dedicado a Deus e à mãe de Deus, para glória dos Mártires, no ano do Senhor de 1147. O que o tempo voraz destruíra, restaurou-o a piedade cristã, no ano de 1602 (apud Castilho, 1937: vol. VIII, 22)

Foi obra de reformação, e não de reconstrução: diz Frei Apolinário da Conceição na sua *Demonstração Histórica da Igreja dos Mártires*, apud Castilho, 1937: vol. VIII, 23) “Alicerces só se cavaram os necessários para o acrescentamento de 7 palmos no comprimento da igreja, do lado do frontispício (a poente); os alicerces antigos apenas se reforçaram onde convinha. O frontispício, esse foi novo. Novos os cunhais de pedra, nova a torre dos sinos. Nas paredes laterais levantaram-se sete palmos. Refundiu-se o pavimento, aprofundando-o, tendo sido necessário trasladar corpos não consumidos ainda. De alto a baixo revestiram-se de azulejo as paredes inteiras, os portais, os púlpitos. Pintou-se de novo a capela-mor e as

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

colaterais, e os arcos das capelas, as quais eram ao todo sete. Correu-se de novo o telhado. Pintou-se o tecto. As paredes velhas, as nobres paredes primitivas, essas ficaram”.

Compreendia a velha igreja, desde o seu frontispício até ao espaldar da capela-mor, que então não tinha tribuna, cento e onze palmos (24,42m), de largo sessenta e cinco (14,30m), e de alto cinquenta (11m). Desde 1602 passou a medir cento e dezoito palmos de comprimento (25,96m), cinquenta e sete (12,54m) de alto e mantendo a mesma largura (14,30m) (Castilho, 1937: vol. VIII, 23-24).

Ficou tendo capela-mor, uma só capela lateral da parte da epístola (a sul), três capelas laterais do lado do evangelho (a Norte), e duas capelas colaterais.

Provavelmente, foi nestas obras de 1598/1602 que se fez a trasladação dos ossos dos mártires do cerco de Lisboa, desde as suas campas para o altar das Almas. Coelho Gasco diz: “Passados muitos anos [quando?] se recolheram as relíquias destes nossos gloriosos Mártires, na reedificação da sua gloriosa casa, para o altar das Almas, onde estão colocados. E no dia que a santa igreja lisbonense celebra sua festa na dita freguesia, se amostram por um postigo que está no altar, onde vi, não com pouca devoção, muitas cabeças deles, e muitas delas com todos seus dentes cujos santos ossos mostram serem de grandes homens, no corpo” (in Gasco, 1924: 311v, citado por Castilho, 1937: vol. VIII, 25-26).



Figura 1 – Pormenor da Vista de Lisboa de Jorge Braunio (1598).  
Em destaque, a igreja de Nossa Senhora dos Mártires.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. OBRAS POSTERIORES A 1602 ATÉ 1750

Desde esta primeira reificação da igreja (1598/1602), nunca mais cessaram os trabalhos de melhoramentos.

- Consta de outra reedificação em 1629. Nesse ano, procedeu-se a grandes obras, e sobre o portal colocou-se a data da conquista de Lisboa: 1147. A informação é de Miguel Leitão de Andrada (Miscelânea, dial. II), referido por Júlio Castilho (1937: vol. VIII, 27).

- O juiz e oficiais das mesas das Irmandades do Sacramento e da Senhora dos Mártires resolveram promover o apainelamento de todo o tecto do templo. “Escolheu-se para autor dos projectados painéis um célebre pintor, cuja fama enchia então Lisboa: José de Avelar Rebelo” (Castilho, 1937: vol. VIII, 28)<sup>X</sup>. Este, “desde 1639 até 1648, pintou os 72 quadros da vida de Cristo, desde a Anunciação até à Descida do Espírito Santo. Media cada quadro onze palmos de comprimento (2,42m) e oito de largo (0,96m), em oito fileiras, nove quadros em cada uma, firmados sobre as cimalthas das paredes. Tudo ricamente moldurado. Por cada quadro levou o artista 11.200 réis; no total dos 72 quadros, foram 806.400 réis; com os doirados, assentamento, etc. importava em 1.281.600 réis” (Castilho, 1937: vol. VIII, 29).

- “Em 1641 colocou-se sobre o arco da capela-mor um quadro da tomada de Lisboa, que em 1750 se conservava junto à porta da sacristia. Media dez palmos de altura e vinte e um de comprimento [2,20m x 4,62m].

- Na parte por baixo do coro foram postos em 1650 sete quadros do mesmo citado pintor Avelar Rebelo, representando passos vários da Sagrada Escritura. Gastaram-se com a pintura e doirados 141.000 réis” (Castilho, 1937: vol. VIII, 29).

Pela mesma época foram feitas umas grades de fora para o adro da igreja.

- Em 1664, nova reificação. Derrubaram-se as antigas capelas; e melhorou-se a fábrica do frontispício do cruzeiro. Em 21 de Dezembro de 1665 expôs-se a obra à vista do público, com grande festividade à Senhora dos Mártires.

- O trabalho continuou por muitos anos, quer na capela-mor, quer nas capelas colaterais, quer na capela lateral de S. Miguel, quer na de Nossa Senhora da Piedade. Só na capela-mor gastaram-se 50 mil cruzados.

- Desde 1685 até 1692 trabalhou-se na capela-mor, completando-se nesse ano. Foi patenteada nesse ano de 1692 aos fiéis, no dia da padroeira, 13 de Maio. O Rei D. Pedro II visitou a igreja, com a rainha Dona Maria Sofia Isabel de Nemburgo, e deixando de esmola mil cruzados.

X José de Avelar Rebelo (act. 1630-1657) foi, de facto, um dos mais destacados artistas portugueses da 1ª metade do século XVII, considerado, em 1639, «o mais insigne pintor de Lisboa». Nota-se, na sua obra, a assimilação de um gosto naturalista, aprendido numa hipotética estadia de formação em Madrid. O favor de que gozou junto dos duques de Bragança – tendo sido especialmente protegido por D. João, futuro D. João IV, cujo retrato pintou –, explicam, por outro lado, a sua actividade em Vila Viçosa e até a simpatia brigantina e restauracionista, nomeadamente na tábua d’A Conquista de Lisboa da matriz de Pias, Ferreira do Zêzere (Serrão, 1989: 396-398; Serrão, 1998). Este ciclo da igreja dos Mártires de Lisboa, assinalado por José da Felicidade Alves, foi, talvez, dos mais extensos da sua carreira, embora o desaparecimento de muitos dos seus painéis com o Terramoto de 1755 dificulte uma visão de conjunto.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- Em 1681 mandaram-se fazer dois sinos.

- De 1692 a 1710 concluíram-se todas as capelas laterais. Ficou então o templo com quatro capelas laterais de cada lado. E também com um púlpito de cada lado.

No frontispício abriram-se duas portas colaterais à principal. Tapou-se a porta transversa.

Em lugar de um grande óculo que havia no dito frontispício, rasgou-se uma janela central com três palmos de largo e catorze de alto [0,65m x 3,08m] flanqueada por duas outras; e tendo por baixo duas quadradas pequeninas.

À Esquerda de quem entrava na igreja era o camarim contendo a pia baptismal.

As capelas ficaram a ser onze ao todo: a capela-mor, duas colaterais e oito laterais no corpo da igreja.

- Em 19 de Junho de 1707 escapou ilesa a paroquial dos Mártires do medonho incêndio que se ateou no vizinho convento de São Francisco.

- Em 1746 arrancaram-se os adornos do tecto pintados por Avelar Rebelo em 1639/1648. E em 17 de Outubro de 1746 começou-se a colocar o fortíssimo andaime, cuja despesa excedeu 5.000 cruzados. Tiraram-se dos altares laterais as imagens, depositando-as todas na capela-mor. O tecto foi todo recoberto de estuque pelo artista João Grossi e pintado pelo pincel de Francisco Vieira Lusitano. (vd. Ilustração na pág. seg.).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Figura 2 – Esboço da pintura do tecto da Igreja dos Mártires, desenhado por Francisco Vieira Lusitano em 1750 e arruinado pelo terramoto de 1755. Reprodução da cópia feita por Júlio de Castilho em 1887 (vd. Castilho, 1937: vol. VIII, 34).

## EXPLICAÇÃO DO DESENHO DO TECTO:

Na parte superior da composição vê-se a imagem com o menino ao colo, rodeado de anjos, e como que escoltados em guarda de honra pelas falanges dos guerreiros mártires do cêrco de Lissibona. Todos estes trazem escudos com as iniciais gregas do nome de Cristo e palmas indicadoras do martírio. Abaixo vê-se el-Rei D. Afonso Henriques acompanhado do legendário Guilherme da Longa Espada, ambos de joelhos, em acto de submissão à rainha dos anjos. El-Rei ergue entre as mãos uma caixa aberta, contendo certamente relíquias. Guilherme indica um vasto papel que os anjos desenrolam, e onde se veria o plano do novo templo que o soberano projectava edificar no cabeço do Monte Fragoso. Ligando os dois



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

grupos, o da virgem e legiões celestes, e os dois cavaleiros, vê-se em pé, em nobre atitude, um arcanjo como que em acto de fazer a apresentação à mãe de Deus. Mais abaixo avultam figuras alegóricas dos símbolos eucarísticos: uma carrega com espigas, outra com uma grande copa de racimos, e outra mostra um quadro em que se vê um sacrário. Na parte inferior de tudo (correspondente ao Espírito Santo, que paira no cimo, e ilumina toda a composição), vê-se o castelo de Lissibona, sobre cujas ameias tremula a bandeira dos cristãos. (in Castilho, 1937: vol. VIII, 34).

Esta última fase de melhoramentos concluída em 1750 custou mais de 100.00 cruzados, provenientes de esmolas particulares (diz-se no *Mappa de Portugal* [Castro, 1763: tomo III, 373])<sup>4</sup>.

Algumas informações complementares:

- Tinha esta igreja várias capelanias de diferentes instituidores.

A Irmandade do Santíssimo administrava e apresentava II capelanias; sete de 60.000 réis, pelas almas de Duarte Teixeira, e de João Vanganipe, e do cônego Manoel da Silva Cardoso; uma de 100.00 réis, pela alma de Guilherme Cabral Botelho; uma de 80.000 réis, por Manuel dos Santos; duas capelas e meio anual de missas de 70.000 réis, por Gonçalo Dias de Aguiar.

A Irmandade das Almas administrava 12 capelães de 50.000 réis cada um, extraídos do rendimento e peditório “da bacia”. Além destes capelães, a mesma irmandade administrava oito capelas de vários instituidores: eram quatro de 70.000 réis, três de 60.000, e uma de cinquenta.

No mesmo altar das Almas, instituiu Martim Gonçalves de Souto 3 capelas de 50.000 réis; e no altar de Nossa Senhora da Piedade instituiu Manoel da Costa Calheiros 3 capelanias de 80.000 réis; administradas pela Irmandade do Santíssimo.

Eram, pois, pelo menos 37 capelas.

- Além dessas capelanias, a Irmandade do Santíssimo despendia grosso cabedal em muitas obras pias.

Em esmolas a fregueses necessitados, 3.000 cruzados cada ano. Dotava anualmente a doze donzelas, com 100.000 réis a cada uma. E dava mais seis dotes de 50.000 réis cada um a moças donzelas, dois em dia de São João Baptista, dois em dia de Santo André, um em dia de Santa Bárbara, e outro em dia de Nossa Senhora dos Mártires.

- O rendimento da Irmandade do Santíssimo era anualmente de nove contos e quinhentos mil réis, pouco mais ou menos. A despesa excedia ordinariamente a receita.

- O Patriarca de Lisboa apresentava o pároco, com o título de cura; e este apresentava o tesoureiro. O pároco recebia 500.00 réis cada ano, dos quais levava o dito pároco metade, e a outra metade repartia-se por três coadjutores.

<sup>4</sup> Ver infra o anexo sobre o testamento de Gonçalo Pacheco Pereira.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- Esta igreja não tinha beneficiados. Mas tinha coro, onde rezavam todos os dias as Horas Canónicas, que teve princípio em Quarta-Feira maior do ano de 1733. Constava de nove capelães cantores, que apresentava e administrava a Irmandade do Santíssimo com a cônica de 100.00 réis uns, e 120.000 réis outros.

### 3. O ESTADO DA IGREJA NAS VÉSPERAS DO TERRAMOTO DE 1755

- O templo media com a sua sacristia 33 varas, quatro palmos e seis décimas de palmo, de nascente a poente [37,1m]; de frente, de norte a sul, vinte e três varas e oito décimas de vara [26,18m]. Adiante do frontispício era o adro, com dezassete varas, quatro palmos e quatro décimos de fundo [19,67], partindo pelo Norte com o mosteiro de S. Francisco, e sobre si pelo poente, sul e nascente.

- A capela-mor era toda de pedra embutida de várias cores. Os altares eram também guarnecidos de talha dourada. E, tanto a capela-mor (como dissemos) como os altares do cruzeiro e os laterais eram guarnecidos de primorosos embutidos; o chão era de xadrez, e todo o mais corpo da igreja era também guarnecido de embutidos. O tecto era de estuque levantado, primorosamente feito vd. *Memórias Paroquiais* (Portugal e Matos, 1974: 183).

- Tinha três Irmandades: a do SS.mo Sacramento e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> dos mártires; a dos Escravos de N<sup>a</sup>S<sup>a</sup> dos Mártires; a de São Miguel e Almas (cf. Portugal e Matos, 1974: 183).

- Os altares eram conforme o desenho anexo.

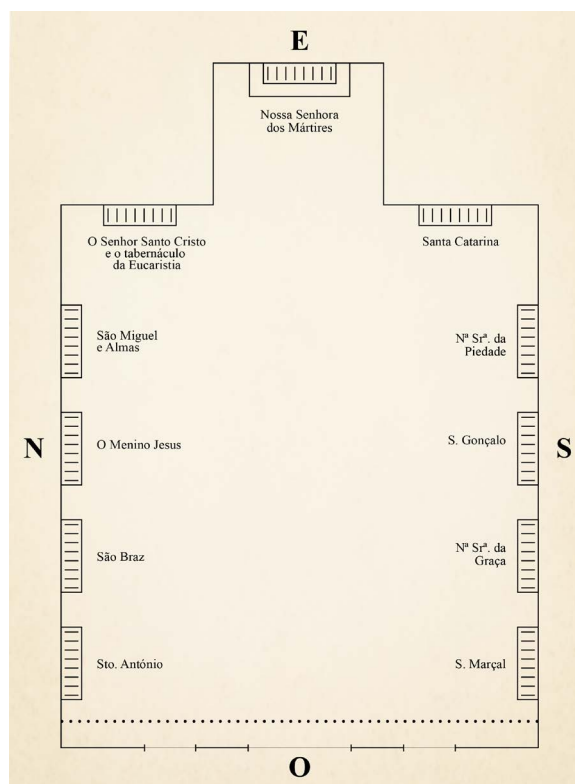


Figura 3 – Planta da Igreja de Nossa Senhora dos Mártires (vd. Castilho, 1937: VIII, 40).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

#### 4. A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES

A imagem estava colocada no altar-mor, em uma rica tribuna, e posta em um magnífico trono, feito com grande artifício e valente escultura.

Era a imagem de talha, estofada; e sobre ela a vestem de ricas telas e bordados. Compõem-na com Foalha, a cor é trigueira, mas de grande fermosura e majestade. A altura é de quatro para cinco palmos (cerca de 0,99 a 1,10m). E com haver mais de 550 anos que ali se colocou, sendo de madeira, está a encarnação tão viva e perfeita que causa admiração. Tem ao Infante Jesus sobre o braço esquerdo, olhando para a Mãe.

Assim descreve o autor do Santuário Mariano, tomo 1º, p. 37-38: “Debaixo do coro se conserva a memória da restauração de Lisboa em um grande quadro, aonde se vêem diante da Senhora aqueles Príncipes e Generais da Armada, dando-lhe as graças pela vitória”.

#### 5. O PADROADO DA IGREJA

O padroado da igreja sofreu diversas alterações no decurso da história. Apontemos as balizas principais.

Inicialmente, o padroado da igreja terá sido concedido ao 1º bispo de Lisboa, D. Gilberto.

Passados tempos, o Padroado da igreja passou para os Deões da Catedral de Lisboa, a cuja dignidade o sobredito bispo; até o ano de 1338 existiram os Deões como Piores desta igreja.

Neste ano de 1338 o muito Reverendo Egídio Lourenço fez transacção do Priorado dela com o Cabido da Sé, por uma capela que tinha de São Gião ou São Julião, em o Mosteiro de São Vicente e dito Cabido, que continuou na administração dos Sacramentos aos fregueses desta freguesia quase 51 anos.

O Cabido impetrou da Sé Apostólica, para se aliviar da função de paroquiar, licença para porem ali um cura: o que teve princípio no ano de 1389, o cura era auxiliado por alguns coadjutores, que eram mais ou menos (no ano de 1551 eram os coadjutores 9, sem nenhum deles darem emolumento algum; há largos anos até ao de 1757 eram os coadjutores 3; em 1758 eram dois). Os ditos cura e coadjutores eram da apresentação do Cabido da Sé de Lisboa. E todos os anos o Cabido vinha em procissão com o Senado da Câmara a esta igreja em 13 de Maio, dia de Nossa Senhora dos Mártires, e nela rezavam um Responsório pelas Almas dos que haviam morrido na tomada de Lisboa (vd. Costa, 1712: vol. III, 453).

Desde 1742, a igreja passou a ser do Padroado Real, e todos os anos o Cardeal Patriarca fazia a apresentação do Prior dela, por ser *ad nutum*. (vd. *Memórias Paroquiais* [Portugal e Matos, 1974: 182]).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. III, tomo 1. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1963.

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. VIII. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1937 [Os capítulos I a IV resumem o essencial da *Demonstração Histórica...*].

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

CONCEIÇÃO, Fr Apolinário da – *Demonstração historica da primeira, e real parochia de Lisboa de que he singular patrona, e titular N. S. dos Martyres: devedida em dous tomos*. Lisboa: Oficina de Ignacio Rodrigues, 1750 [Esta monografia é, sem dúvida, a obra fundamental até ao terramoto].

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

GASCO, Antonio Coelho – *Antiguidades da mui nobre cidade de Lisboa Imporio do Mundo e Princesa do Mar Oceano*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1924 [Só foi escrita a 1ª parte. Redação c. 1627-1633].

GUIMARÃES, José Ribeiro – *Summario de Varia Historia*. Vol I. Lisboa: Rolland & Semiond, 1872. 5 vols..

PORTUGAL, Alfredo de e MATOS, Fernando – *Lisboa em 1758: Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1974.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Tomo I. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO

## O TESTAMENTO DE GONÇALO PACHECO PEREIRA

Entre os donativos de particulares, deve mencionar-se o de Gonçalo Pacheco Pereira, comerciante natural do Porto. Depois de muito viajar em trabalho, veio repousar em Lisboa, estabelecendo casa na freguesia os Mártires, na Cordoaria Velha. Faleceu a 9 de Setembro de 1735. No seu testamento dispunha:

1000 missas por sua alma, de 200 réis de esmola;  
200 idem, em altar privilegiado, de 160 réis;  
2000 idem, com brevidade possível, de 160 réis.

Aquelas deviam ser ditas no dia do falecimento, ou no ano seguinte:  
2000 pela alma de seus pais, de 120;  
Aos pobres, no dia do falecimento, 50 000 réis;  
Oferta ao pároco, 30 000 réis.

Declarou que sendo solteiro e sem descendentes, dispunha da sua fortuna do seguinte modo:

- Que já tinha estabelecido na sua freguesia 5 capelas e acrescentado outra, para cuja sustentação aplicara 15.492.000 réis;
- Que além desta importância e de algumas dívidas teria de ser na mão de vários fidalgos e particulares, e sobre penhores, um total de 270 000 cruzados [= 108.000.00 de réis].
- Que de todo o remanescente, depois de cumpridos os legados, instituiu herdeira universal a Irmandade do Santuário da sua freguesia.
- Que se desse às Freiras carmelitas dos Cardais 24.000 réis; e outro tanto às do Crucifixo, Esperança, Sant'Ana, e Santa Mónica.
- Que se desse aos Religiosos da Divina Providência 48.00 réis aos de Santo António do Curral (Capuchos), 24.000 réis; e igual quantia aos da Boa Viagem, Santa Catarina, São José de Ribamar, São Pedro de Alcântara; e à Companhia de São Roque (jesuítas) 200.000 réis, sendo 50.000 réis para compra de livros.
- A uma criada, a quem devia muitos serviços, deixou 100 réis por dia enquanto visse, e o móvel de roupa e de cozinha;
- E a um criado que havia muitos anos o servia, 120 réis [por dia] enquanto vivesse.
- A Manuel de Carvalho Ramos, que o acompanhava por mais de 30 anos, e a cuja fidelidade entregara todos os seus negócios, lembrando-se do muito que devia ao préstimo, amor e boa companhia, deixou 1.200.000 réis e os trastes e prata de sua casa.
- à Misericórdia de Lisboa, 400.000 réis;
- Aos enjeitados, 100.000 réis;
- A Júlia sua afilhada 720.000 réis, com condição de ser freira;
- a duas sobrinhas freiras, 20.000 réis anuais a cada uma;
- a uma afilhada, 2000.000 réis;
- ao seu cirurgião, 100.000 réis;

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- A Maria Caetana de Moraes, filha de sua sobrinha, viúva com muitos [três...] filhos, 300.000 réis;

- A uma irmã desta, 200.000 réis;

- Para obra do tecto da igreja dos Mártires, 50.000 cruzados;

- Para fundo das capelas na dita igreja, aplicando-se parte do rendimento para dotes de donzelas e esmolos a pessoas pobres da freguesia, 120.000 cruzados. Os dotes seriam de 100.000 réis; e as esmolos de 2.000 a 3.200 réis, dados todos os meses.

A Irmandade entrou na posse da herança. Tudo correu bem durante 34 anos, até 9 de Setembro de 1769, quando uma carta de lei do Marquês de Pombal veio alterar o sistema jurídico e instituir por herdeira a alma do testador (a alma era a herdeira...).

Então os herdeiros (!) do referido Gonçalo Pacheco Pereira vieram a juízo pedir o remanescente da herança (em 10 de Março de 1778). Seguiu-se “o mais renhido pleito que talvez tenha havido no foro português!”

Só terminou numa *composição* em 1846. Cento e onze anos após o testamento... 68 anos de litígio!...

Veja-se no *Sumário de Vária História* (Guimarães, 1872: vol. I, 103-115), a história do testamento, incluindo um extracto das suas disposições e peripécias do processo.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DOS SANTOS REIS MAGOS, DO CAMPO GRANDE - 1ª

Século XVII [antes de 1620: talvez já em 1572] →1755

1. Era um fértil e extenso campo: uma várzea que confinava e se estendia de Arroios a Chelas, dos Olivais ao Lumiar, de Carnide a Campolide, do Andaluz a São Sebastião... A sua importância fá-lo, naturalmente, transformar em logradouro público, que já o era em 1520, pois por carta régia de 22 de Junho de 1520 se diz que “havendo por bem que a Câmara não aforasse a André de Silveira mais que três a quatro braços do terreno do Campo de Alvalade, o grande, “por que queremos que o dito campo fique a este formoso e despojado e nam ocupado, nem delle tomando cousa que o faça fycar deneficado” (Oliveira, 1882: vol I, 459).

Sabe-se também que D. João III, em Outubro de 1551, depois de ter assistido em Belém à trasladação de seu pai, foi para o Campo de Alvalade, onde se deteve oito dias (no Paço de Afonso Sanches?).

E diz-se que D. Sebastião, ao preparar-se para Alcácer-Quibir, também aqui juntou o seu exército para lhe passar revista.

2. Existia ali uma Ermida ou Igreja, da invocação dos Três Santos Reis Magos, onde diziam missa a este povo. Mas não sabemos desde quando ela existia. Pelo menos, já dela se faz a menção em 1580. Efectivamente, aos 20 dias do mês de Junho de 1580, “na igreja dos Reis Magos, situada no Campo d’Alvalade grande termo da cidade de Lisboa, estando na dita igreja presente Manoel Teles Barreto, vereador, e os mais [vereadores] ausentes por estarem doentes, e Luís [Lourenço?] em lugar do conservador, que para este auto serviu por provisão dos senhores governadores, cujo treslado ao diante irá junto, e Bastião de Lucena procurador da cidade, e Gaspar Roiz e Luís Franco e António Nobre e Fro Roiz, procuradores dos mes-teres, e assim D. Pedro da Cunha e D. Jorge de Menezes, Alferes mor, e D. António de Lima e Tristão Vaz da Veiga, e outros muitos fidalgos e cavaleiros e cidadãos; e sendo outrossim presentes os vinte e quatro procuradores do Povo, os quais todos foram chamados, e sendo todos juntos na dita igreja, por ser fora da cidade e lugar desempedido, lhes foi notificado a todos como eram chamados para elegerem dois procuradores, um fidalgo e outro letrado, para assistirem em nome desta cidade nas Cortes que ora os senhores Governadores tem asentado de se fazerem na vila de Setúbal...”. Saíram eleitos por procuradores Dom Manuel de Portugal, dos fidalgos, e Diogo Salema, dos letrados. Sabe-se que nunca chegaram a reunir-se estas Cortes.

vd. *Elementos para a história do Município de Lisboa...* (Oliveira, 1882: vol. I, 659-660).

3. Documentada assim a assistência de uma igreja dos Reis Magos no Campo Grande, pelo menos desde 1580, não sabemos desde quando ela já existia; nem sabemos se era já igreja paroquial (embora o título de igreja nos sugira que era igreja paroquial).

A primeira definição concreta da freguesia (ou paróquia) os Santos Reis Magos é dada em 1620 por Frei Nicolau de Oliveira no seu livro *Grandezas de Lisboa*, onde é consi-

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

derada freguesia de Lisboa e não do Termo (o que não parece exacto). Em 1742 o Padre Carvalho da Costa, na *Corografia* (1712: vol. III, 642) enumera o Campo Grande como freguesia do Termo.

É este autor que explica que a Igreja Paroquial dos Reis era antigamente anexa à Paróquia de Santa Justa, e se desanexou dela para a Igreja do Lumiar, “e naquele tempo era esta igreja dos Santos Reis Magos uma Ermida, aonde diziam missa a este povo”. Mas ficamos sem saber quando é que isto aconteceu...

“E depois, fazendo-se petição ao prelado para se desanexar esta igreja [dos Reis Magos] da do Lumiar, foi necessário largar todos os frutos e dízimos, ficando só esta Freguesia [qual?] com obrigação, que sendo necessário Clérigos e nela os não houvesse, se chamariam em primeiro lugar os do Lumiar; e quando lá faltarem chamariam também os desta Paróquia, e em primeiro lugar ao seu cura, para todos os ofícios e enterros. E nisto consentiram Dinis Lobo da Gama, Fernão de Mello, Pedro Taveyra Soares, Luís Freyre de Andrade, e Silvestre do Amaral, que todos eram aqui moradores” (citada *Corografia*). E acrescenta a mesma obra: “o que tudo consta de uma sentença, que este povo alcançou contra o Prior e beneficiados da Igreja do Lumiar, quando se desanexou dela” (in Costa, 1712, vol. III, 642).

Continuamos sem saber a data certa destes acontecimentos...Veja-se no entanto o que se diz da criação da Irmandade do SS.mo, cujo compromisso fora aprovado cerca de 1572.

Vieira da Silva, tão cuidadoso nas suas investigações, resume assim o problema: “Nada se sabe sobre a origem desta freguesia nem da sua igreja matriz, mas parece que em 1620 já existia” (Silva, 1943: 23).

4. Um documento do pároco desta Freguesia, datado de 7 de Abril de 1758 (*Memórias Paroquiais*) permite-nos fazer uma ideia genérica de como era nos meados do Século XVIII a freguesia e sua igreja.

Tinha a freguesia então 225 vizinhos, e 1650 pessoas de comunhão, e 40 menores (em 1757). O lugar chamado do Campo Grande estava situado num dilatado terreno, “e dele se não descobre povoação alguma”, por ser cercado de casas, e muitas nobres, com quintas e hortas.

A igreja paroquial achava-se bem no meio do lugar, entre a quinta de Miguel da Costa Moreira e do Desembargador do Paço José Cardoso Castelo.

O orago era dos Santos Três Reis Magos. Tinha cinco altares. O altar-mor, com os Santos Três Reis em painel, e da parte da Epístola outro painel do Nascimento do Menino, e da parte do Evangelho outro painel da Circuncisão; no mesmo altar-mor, da parte da Epístola, em um nicho, São João Baptista; e da outra parte, em outro nicho, Nossa Senhora da Guia. O referido pároco declara que os painéis “são de admirável pintura” O altar colateral da banda do Evangelho era do Menino Jesus; tinha confraria desde cerca de 1675; nela estavam colocados o Senhor Crucificado e o glorioso São Miguel, com a Irmandade de São Miguel e Almas.

Tinha mais duas capelas, no corpo da Igreja. Uma, de Nossa Senhora da Conceição, da banda da epístola; e nela a Senhora Santa Ana, São José, Nossa Senhora, e o Menino Jesus.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A outra capela, de outra parte, é da Nossa Senhora do Rosário; e nela estava colocado São Sebastião e São Gonçalo.

A Irmandade do Santíssimo<sup>XI</sup> achava-se em grande aumento. Conservava o Compromisso, aprovado pelo Ordinário “há 186 anos”. Este dado permite remontar ao ano de 1572 a criação da Irmandade.

O Pároco-Cura era apresentado pelo povo do dito lugar, por direito imemorial. Dão-lhe de cômgrua 28.000 réis, com obrigação de dizer missa nos domingos e dias santos “pro populo”. A Irmandade era fabriqueira; o pároco apenas tinha o pé de altar e o mortuório: o que renderia por ano cerca de 180.000 réis.

5. Dentro da área da paróquia existiam umas 13 Ermidas. Ermida de São Caetano, na quinta dos Padres da Divina Providência; Ermida de São João Baptista; Ermida de Nossa Senhora da Piedade, na quinta de Diogo de Sousa Mexia; Ermida de Santo António na quinta de António José Bouchard; Ermida de Nossa Senhora dos Milagres, na quinta de D. Rosa Caetana de Viterbo; Ermida de Santo António, no sítio de Palma de Cima; Ermida de Nossa Senhora da Nazaré; Ermida de Nossa Senhora do Carmo, na quinta de Gregório da Silva Azevedo; Ermida de Nossa Senhora da Conceição, na quinta de Custódio Ferreira Goes; Ermida dos Santos Reis, na quinta do Ferro, junto ao Campo Pequeno; Ermida da Senhora Santa Ana, no sítio do Pote de Água e Calvanas; Ermida da Senhora da Piedade (outra); Ermida de Nossa Senhora das Mercês, na quinta do beneficiado Sebastião Alvares Vidigal.

6. Com o terramoto de 1755 o lugar sofreu grande ruína em setenta moradores de casas.

A igreja também padeceu grande ruína. Os concertos imediatos responderam ao mais urgente; mas a torre ficou ameaçando ruínas, em perigo de caírem os sinos.

vd. Igreja Paroquial dos SANTOS REIS MAGOS, DO CAMPO GRANDE – 2ª Século XVIII [1778]

XI São de facto escassíssimas as notícias sobre esta igreja. Veja-se a petição dos irmãos do Santíssimo Sacramento: depois de terem ornado de novo a sua igreja, «toda azulejada e o tecto de brutesco, e Coro...», pediam, em Agosto de 1686, o concurso régio para o arranjo da «capella-mor (que) estava emperfeita, ameassando ruina...». A obra importava em 3000 cruzados, tendo D. Pedro II concedido, para as obras, «a meya decima das fazendas da mesma freguesia por tempo de tres anos» (ANTT, *Chancelaria de D. Pedro II*, Lº 32, *Doações, Ofícios, Mercês*, fls. 377 vº e 378). Por esta época, a Irmandade do Santíssimo Sacramento contratou com o entalhador José Ramalho o revestimento de talha da capela-mor. Por incumprimento deste oficial, o trabalho foi completado por Manuel Francisco (Ferreira, 2009: 433 e 434).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*. Vol. I. Lisboa: Typographia Universal, 1882.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

PORTUGAL, Alfredo de e MATOS, Fernando – *Lisboa em 1758: Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 39-45.

SILVA, Augusto Vieira da – *As freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1943.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO NICOLAU – 2ª

Século XVII [1616-1627]

### 1. ANTECEDENTES

A paróquia e igreja de São Nicolau faz parte do lote das mais antigas de Lisboa: data pelo menos do 1º quartel do século XIII.

Consta que o bispo D. Mateus a mandou de novo erigir em 1280 (conforme diz D. Rodrigo da Cunha (1642: 181v): o que confirma que era anterior.

É de assinalar que D. João I, no ano de 1430, anexava a renda dos frutos da igreja à Universidade de Lisboa: o que nos permite concluir que esta igreja era do padroado real.

Sabemos que beneficiou de amplos restauros no século XVI.

### 2. REEDIFICAÇÃO EM 1616-1627

No início do século XVII (cerca do ano 1616) foi preciso reedificá-la. E assim se transferiu o seu sacrário para a Ermida de Nossa Senhora da Vitória (que existia desde 1556), situada dentro dos seus limites. Ali permaneceu até 8 de Agosto de 1627, em cujo dia se restituiu solenemente para a sua igreja reedificada, a qual se acabou de rebocar no ano de 1650. Tudo isto consta da inscrição de uma pequena pedra, que estava colocada na parede da parte de fora da mesma igreja, nas costas da capela de São Bartolomeu, cujo letreiro dizia:

Aos 8 de Agosto de 1627 se passou o Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Victoria para esta igreja de São Nicolau, e se rebocou com o dinheiro que o Procurador e o Tesoureiro do Reino alcançaram da finta passada desta igreja.

### 3. DESCRIÇÃO DA IGREJA NO SÉCULO XVII

“A Igreja Paroquial de São Nicolau é das mais opulentas desta cidade”. Era de uma só nave com três portas em igual distância para o Poente. Tinha onze capelas com a maior. Na capela-mor estava o Santíssimo Sacramento, com São Nicolau da parte da epístola e Nossa Senhora da Lembrança da parte do Evangelho. As duas colaterais são de Nosso Senhor Crucificado<sup>XII</sup>, imagem milagrosa (da banda da epístola), e o Menino perdido com Nossa Senhora

XII Provirá desta capela a tela com uma *Lamentação sobre o corpo de Cristo* recentemente identificada na igreja de São Sebastião, atribuída ao pintor proto-barroco André Reinoso (act. 1610-1641) e datada de 1620-30? (Serrão, 2014: 26-28)



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

do Rosário e São Diogo, a qual é de António Cabral de Quadros, executor dos Contos da Cidade (da banda do evangelho). As outras capelas, laterais, da parte da epístola são: a do Mártir São Sebastião, aonde estão as imagens de São Francisco Xavier e Santa Teresa, que é de Joseph Pereyra Tibão, que foi Capitão de Cavalos; a de Nossa Senhora da Caridade, imagem milagrosa, com sua confraria, aonde estão as imagens de Santo André e Santa Luzia, a qual é de D. Manuel d'Eça; a de Nossa Senhora das Mercês com sua irmandade, e ricos ornamentos (cujos irmãos assistem na noite de Natal à Oferenda na Missa do Galo, junto, todos com os irmãos do Senhor), a qual é do Conde de São Miguel e a de Santo António<sup>XIII</sup>, que tem seus confrades, que o festejam com grandeza nos seus treze dias. As capelas laterais do lado do evangelho são: a de São Pedro e São Paulo, onde estão as imagens de São João Baptista e Santa Bárbara, a qual é de João da Fonseca de Paiva, morador em Setúbal; a de Nossa Senhora da Conceição, imagem milagrosa, com sua irmandade e bons ornamentos; a de Santa Caterina, que é de D. Joseph de Castro (que por se achar em Castela, está hoje na represália); e a de São Bartolomeu, que é da Irmandade”,

“E esta igreja toda apainelada e dourada, com todo o primor da arte; sobre o arco da capela-mor (que é dos Irmãos do Senhor, por doação que lhe fizeram o Prior e Beneficiados com certas condições) está em seu nicho Nosso Senhor ressuscitado, e por baixo da cimalha da banda da epístola estão os quatro Doutores da Igreja [latina] e da banda do evangelho os quatro evangelistas. Tem duas sacristias, uma dos Padres e outra dos Irmãos do Senhor, com seu altar, aonde está uma imagem de Nosso Senhor Crucificado, em que se diz missa; é toda dourada e ricamente ornada com seus caixões de pau de angelim” (apud Costa, 1712: vol. III, 438-439).

#### 4. IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Entre as mais irmandades, que ali se achavam estabelecidas, era venerável por antiga a de Nossa Senhora das Mercês. Trazia sua origem de uma romagem, que certos devotos afervorados com o exemplo da festa instituída em Alenquer pela Rainha Santa Isabel, faziam todos os anos indo de Lisboa à Igreja da Merceana com um círio. No ano de 1431, os mordomos da merceana não os quiseram admitir, por causa da peste que então afligia Lisboa. Os tais confrades voltaram descontentes e estabeleceram a mesma confraria em São Nicolau com o novo título de Nossa Senhora das Mercês. Fizeram o seu compromisso, que lhes foi aprovado pelo Nuncio Jerónimo Riceno, aos 27 de Janeiro de 1538, que também lhes deu faculdade para erigirem capela com adro e sino. Este compromisso foi depois confirmado por D. Jorge de Almeida em 28 de Agosto de 1565. No ano de 1728 esta Irmandade foi agregada à arqui-confraria de Santo Adrião de Roma. Vd. *Mappa de Portugal* (Castro, 1763: tomo III, 386-387)<sup>XIV</sup>.

XIII Esta irmandade de Santo António contratou o retábulo da sua capela, em 1684, ao mestre entalhador Domingos de Sampaio (Ferreira, 2009, 325).

XIV Também em 1684, a irmandade de Nossa Senhora das Mercês solicitou, ao mestre entalhador Vicente do Couto Nobre, um retábulo para esta capela. Embora não estivesse incluído no “rascunho” inicial, os irmãos pediram para se acrescentar à encomenda “uma caza de prezepio” (Ferreira, 2009: 326).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 5. PESSOAL ECLESIAÍSTICO

Esta igreja era do padroado das Rainhas. Tinha um Prior e cinco beneficiados, diz Carvalho da Costa (1712: 439); mas João Baptista de Castro (1763: 387), diz que eram dez. O Priorado rendia no século XVII um conto de réis; os benefícios rendiam cada um duzentos mil réis. O coro constava, além dos beneficiados, de seis capelães cantores com diferentes ordenados. A Irmandade do Santíssimo apresentava 26 capelanias; e a Irmandade das Almas apresentava 14 capelas.

A paróquia tinha dízimos nas freguesias de São João da Talha, e de São Bartolomeu da Charneca, e no Reguengo de Ribamar; e tinha uma freguesia anexa, que era São Miguel do Milharado, aonde apresenta o Curado, que renderia duzentos mil réis, e dois Albergueiros.

## 6. A FREGUESIA

A freguesia tinha 3.633 vizinhos e 14.000 pessoas, segundo Carvalho da Costa (1712: 439); João Baptista de Castro (1763: 390), dava 2.325 fogos e 9.814 pessoas de comunhão. Englobava as ruas seguintes: a do Adro, a da Igreja, dos Torneiros, Pedras Negras, rua detrás da igreja Nova, beco da Misurada, o Arco de Jesus, o Chancudo, o Calçado Velho, a rua das Mudanças, a das Cabriteiras, a das Esteiras, o beco da Fermosinha, o beco do Ceirão, Pichelaria, Douradores, Boca Negra, beco da Carrança, a Sombreiraria, o beco da Freira, o beco de Lamerante, beco do Silvestre, rua nova de Almada da banda do Espírito Santo, calçada de Payo de Novais, a calçadinha do Carmo, rua dos Forneiros, a do Crucifixo, a dos Chapineiros, largo da Vitória, a Caldeiraria, o Poço do Chão, beco dos Namorados, rua dos Cabreiros, beco dos Corretões, rua dos Espingardeiros, o Caracol do Carmo, rua do Mestre Gonçalves, Calçada do Carmo, rua de Valverde, a dos Odreiros, beco do Refrigério, parte do Rocio, rua dos Escudeiros, o Largo do Sebo, praça da Palha, rua da Crasta, o Pocinho, rua das Arcas, beco do Cardim, a Cutelaria, a rua do Barreiro, rua do Pinovay, a de Quebra Costas, a de detrás da Palma, o beco de Calça Frades, o beco de Felix Correia, o beco da Esnoga, o pátio de Valentim Lobo, o beco de Regalados, o beco de Rui de Matos, o beco dos Servilheiros. O beco do Rolim, rua dos Solteiros, beco das Almas, beco das Atafonas, beco da Desnarigada...

## 7. O TERRAMOTO DE 1755

O terramoto de 1755 causou esta igreja uma total e horrorosa destruição; e com o incêndio subsequente a perda de todo o seu móvel preciosíssimo. Dentro dos limites da paróquia morreram perto de quatro mil pessoas. A freguesia ficou arruinada, deserta e inabitável.

A nova igreja – a 3ª – começou a construir-se em 16 de Fevereiro de 1775 e os trabalhos prosseguiram até 1850.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

CUNHA, D. Rodrigo da – *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa...* Lisboa: Manoel da Silva, 1642.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## IGREJAS PAROQUIAIS ACABADAS OU RESTAURADAS NESTE PERÍODO

### Século XVII [1º Quartel]

Várias igrejas paroquiais, iniciadas no século XVI ou já velhas de séculos, foram reconstruídas ou acabadas no 1º quartel do século XVII, devido a fintas lançadas sobre os paroquianos. Entre elas: São Paulo, Santos-o-Velho, São Julião, Santa Engrácia, São Lourenço, Nossa Senhora dos Anjos, São Mamede, São Tomé.

Transcrevemos de *As Obras de Santa Engrácia*, de Ayres de Carvalho (1971: 15-16)

“[...] Existe um documento firmado por Filipe III, do ano de 1624, referente ao arquitecto Teodósio de Frias (S. Viterbo, vol. 1. pág. 392) autor das traças da nova igreja de S. Sebastião da Mouraria (depois de N.ª Sr.ª da Saúde), em que declara: ... «e visto estarem ja postas em pregão e rematadas a Pedro Alvres, mestre pedreiro, com as solenidades de direito, prosedendo primeiro as deligencias neseçarias, pelo que hei por bem que se lanse finta e repartição per todas as fazendas e moradores da dita freguesia *na forma e pella maneira que se fes para as igrejas de São Paulo, Santos, São Gião e Santa Engrácia, como os suplicantes pedem...*»

Foi por meio das «fintas» ou contribuições extraordinárias lançadas sobre os «fregueses» ou paroquianos, tanto das freguesias da capital como de tantas outras da província, que desde o tempo da ocupação espanhola os reis autorizaram obras quase sempre de reconstrução ou a continuação e os acabamentos de outras fundadas por vezes há mais de 50 anos, a exemplo da de S. Paulo que tinha sido iniciada em 1566 pelo cardeal D. Henrique quando arcebispo de Lisboa e que em 1626, embora acabada por dentro ainda estava por cobrir, tendo o madeiramento do telhado abandonado no adro «havia tres anos a chuva e ao sol...»

A igreja de Santos-o-Velho, também elevada a paróquia no ano de 1566 pelo mesmo Arcebispo de Lisboa, no ano de 1624 ainda não estava concluída e «pera se poder acabar» mandou o rei lançar uma nova finta «pellos moradores da dita freguesia»... (a primeira tinha sido lançada no ano de 1602). – Para a igreja de N.ª Sr.ª dos Anjos, cuja freguesia foi desanexada da de Santa Justa pelo mesmo Arcebispo de Lisboa, também no ano de 1621 o rei Filipe III autoriza «que por tempo de tres annos se lance nova finta para as ditas obras pellos fregueses da dita igreja na forma e maneira per que se fez a finta passada»... Para a igreja de S. Lourenço, que no ano de 1611 estava a cair e arruinada, não se podendo já «celebrar os officios devinos com a decencia que convem», mandou Filipe II lançar finta «pelos moradores da freguesia... e peçoas que nella tem casas e quaisquer outras propriedades para que de tudo o que as ditas propriedades renderem cadano se arrecadem de cada hum a rezão de 10 por cento para se consertar e rredefiquar a dita igreja de tudo o que for necessario»...

Outras igrejas, de antiquíssima fundação, como a de São Mamede, estavam completamente arruinadas, e Filipe II, num documento de 1603 ao nomear um novo «Recebedor» das fintas, diz da «necessidade que ha de acodir a obra da igreja de São Mamede... que pela provisão e postilla aqui juntas tenho mandado fazer per finta ha anos»... Da mesma forma também a igreja de São Tomé no ano de 1616 necessitava «de sse reformar... de novo por

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

estar muj deneficada e de maneira que em breve tempo podera vir a cajar no cham não sse lhe acodjndo com brevidade»... «Pedindo-me se fizesse de novo e para yso se lansase finta... para se fazerem conforme os apomtamentos e trassas que dellas sse ordinaram»...

### Bibliografia

CARVALHO, Armino Ayres de – *As obras de Santa Engrácia e os seus artistas*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1971.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ☪ IGREJA PAROQUIAL DE SANTA ENGRÁCIA – 2ª

Século XVII [1632 - 1682] →

### 1. ANTECEDENTES...

A primeira igreja paroquial de Santa Engrácia, fundada pela Infanta Dona Maria, filha do 3º matrimónio do Rei D. Manuel, e cujas obras devem ter começado pouco antes da morte da dita Infanta († 1577), desapareceu algum tempo depois do “desacato” na noite de 15 para 16 de Janeiro de 1630.

### 2. O “DESACATO” NA IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA, NA NOITE DE 15/16 DE JANEIRO DE 1630.

Seguimos quase à letra a narração de Pinho Leal (1874: vol. IV, 112-113, 213).

No dia 16 de Janeiro de 1630, ao abrir da Igreja Paroquial de Santa Engrácia, encontrou-se arrombada a porta do sacrário, e viu-se que tinha sido dali roubado um cofre de tartaruga cintado de prata, onde estavam guardadas 10 partículas e uma hóstia; mais um vaso de prata dourada contendo também 25 partículas e uma hóstia; mais uma cruz de prata que servia de remate ao mesmo vaso, o qual apareceu quebrado. A fechadura do sacrário também fora tirada, juntamente com a metade duma cortina grande do altar-mor, uma toalha do altar de Santa Isabel, e metade doutra do altar de Santo António. Apareceram partidas as mãos da imagem de S. Frutuoso, que estava no altar-mor, incidente que se atribuiu à precipitação com que o roubo fora feito.

Esta notícia espalhou-se imediatamente por toda a cidade, causando a maior emoção. Procedeu-se logo às mais rigorosas investigações para se encontrar o criminoso, e pôde saber-se que na véspera, às 10 horas da noite, haviam sido vistos 4 homens mascarados nas proximidades da igreja. Foram presas algumas pessoas por suspeitas mas nada se descobriu.

As desconfianças recaíram então sobre um pobre homem “de boa condição”, chamado Simão Pires Solis, ou Lopes Solis, que era tido por “cristão-novo”, que fora encontrado nas vizinhanças da igreja de Santa Engrácia, na noite seguinte, a cavalo, levando os cascos do cavalo entapados, para que se lhe não sentisse o tropear. Esta acusação era gravíssima. Solis foi preso no dia 18.

Começou então o processo que durou um ano, findo o qual, sem que houvesse provas definitivas, nem testemunhas que afirmassem culpabilidade de Solis, foi lavrada a sentença em 31 de Janeiro de 1631, condenando o infeliz a que lhe fossem cortadas as mãos queimadas à sua vista, sendo em seguida ele próprio amarrado a um mastro bem elevado, para que pudesse ser visto pelo povo, e ali queimado, lançando-se depois ao mar as cinzas, para que dele não restasse o menor vestígio; e eram-lhe confiscados os bens que possuía, em favor da igreja

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de Santa Engrácia. Esta sentença foi executada a 3 de Fevereiro de 1631, no Campo de Santa Clara, pouco depois do meio-dia.

Muitas causas concorreram para que fosse considerada provada a criminalidade de Solis, apesar de este sempre negar o crime, mesmo no meio da tortura a que o sujeitaram. A causa principal seria o ódio generalizado contra os cristãos-novos, mais acirrado por parte dos eclesiásticos, devido a um gesto de clemência régia de 17 de Novembro de 1629. Houve quem o tivesse visto algumas noites disfarçado pelos sítios de Santa Engrácia; mas era público e notório que o infeliz galanteava uma freira do convento de Santa Clara, e ia falar-lhe a horas mortas da noite. Dizia-se também que um dos motivos para a condenação fora a freira sua amante rejeitar as amabilidades dum dos juízes, e este vingar-se. O juiz que proferiu a sentença foi o conhecido poeta Gabriel Pereira de Castro (1571-1632), autor da *Ulisseia*.

Há até uma lenda, que a freira do convento de Santa Clara mandara à prisão de Solis dois melões, um “calado” [de “cala”: abertura quadrangular que se faz em certos frutos, para poder ajuizar se estão maduros...] e outro inteiro, acompanhados de um bilhete em que se lia “o calado é o melhor”: isto agravava a situação do preso, porque se interpretava que era recomendação para que ele guardasse profundo segredo sobre o crime. Solis, mesmo no meio das torturas, para não comprometer a freira, nunca declarou o motivo por que se encontrava àquela hora em tal lugar, caindo em várias contradições, que serviram de principal pretexto para a sua condenação. Também foi parte agravante do processo uma carta, que se juntou aos outros, e que Solis escrevera e remetera para o Brasil, no próprio dia em que se descobrira o crime, e em que o infeliz contava minuciosamente o desacato. Havia ainda um bilhete que ele também escrevera a um seu irmão, que era frade, e que para não ser descoberto, colocara dentro de um pastel, infelizmente o irmão que de nada desconfiou, não comeu do paste e entregou-o a outros frades, de que resultou o bilhete ir parar às mãos de pessoa que o remeteu para o tribunal.

Num manuscrito existente na Biblioteca Nacional [BNP, *Colecção Moreira*, L.B. 16-11, 211], em aditamento à sentença e outros documentos curiosos, descreve Frei Tomás Maciel, religioso da Ordem de São Domingos, a estatura e o carácter de Solis, o seu suplício, e muitas mais circunstâncias, que se deram naquele acto tenebroso, de que foi espectador. Segundo Fr. Tomás Maciel, o paciente sofreu tudo com a maior resignação, e com a maior presença de espírito, chegando até a beber vinho por uma garrafa de vinho, estando já preso ao mastro onde devia ser queimado, testemunhos do acontecimento afirmaram mais tarde que o réu, ao encaminhar-se para o suplício, profetizara ser tão certo estar inocente, como nunca se haveriam de concluir as obras de Santa Engrácia...

Causou tanto horror este suplício em toda a gente, que chegou a haver desmaios entre o povo, quando pelo contrário o fanatismo levava às vezes a crueldade a ponto de serem até apupados os condenados que caminhavam para a freguesia, acusados de heresia ou de apostasia. Num dos manuscritos citados, também se lê que El-Rei D. Filipe [IV], que então dominava Portugal, mandava o perdão ao criminoso com a condição de ele confessar quem eram os seus cúmplices. E Solis respondera que não podia confessar o que não fizera. O Doutor Diogo Gomes Carneiro por muitas vezes dizia que fora esta sentença contra Solis a mais iníqua que se havia dado depois da Paixão de Cristo. O Padre André Gomes, que acompanhou o condenado até ao último extremo, também declarou que o julgava inocente; e André



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Rodrigues da Cunha, o advogado, que tinha prometido provar a inocência do réu, ou então queimaria os livros, cumpriu a promessa, deixando a advocacia, e de tal forma se apaixonou que, adoecendo gravemente, pouco tempo sobreviveu à execução. No convento de Santa Clara existiam três irmãs de Solis: duas endoideceram no próprio dia do suplício. O irmão, que era frade, renegou da religião e fugiu para a Holanda.

A inocência de Simão Pires Solis foi comprovada, mas infelizmente já muito tarde. Três ou quatro anos depois, foi enforcado nas Ribeiras do Minho, cidade de Orense, um rapaz que, segundo consta, tinha sido criado no Convento dos Loyos, de Lisboa, o qual fora acusado de ter roubado uns castiçais de prata numa igreja. Esse infeliz, no caminho do suplício, confessava ter sido o autor do desacato da igreja de Santa Engrácia, e que Simão Solis morrera inocente.

No local onde se realizou o suplício, foi colocado um padrão comemorativo, que em 1834 a Câmara Municipal mandou demolir.

### 3. PARA DESAGRAVO DO DESACATO

Em penitência e para desagravo, esteve Lausperene durante oito dias na Sé, ordenado pelo arcebispo de Lisboa D. Afonso Furtado de Mendonça. A igreja estava toda ornamentada com os panos reais da tomada de Tunes; e havia missas, ofícios e sermões. Terminado este oitavário num domingo, fez-se nesse dia uma solene procissão a que concorreram o clero, a nobreza e o povo, sendo tanta gente que, principiando a sair da Sé ao meio dia, só à noite chegou à igreja de Santa Engrácia conservou-se o Lausperene outros oito dias, sendo a festa de cada dia à custa de diferentes fidalgos.

A igreja ficou depois, erecta, passando a sede da paróquia para a Ermida de Nossa Senhora do Paraíso, erecta junto às muralhas da cidade e do velho Mosteiro de Santa Clara (e já presente no Panorama de Braunio). Ali permaneceu durante 205 anos, até 5 de Abril de 1835, data em que foi transferida a paróquia de Santa Engrácia para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Porciúncula, dos Missionários Barbadinhos Italianos.

Instituiu-se então uma grande confraria de fidalgos, intitulada dos Escravos do Santíssimo Sacramento, sendo os Estatutos assinados no dia 19 de Maio de 1630. O Presidente era o Rei, e os irmãos eram apenas 100 fidalgos, que se obrigavam debaixo de Juramento a não consentir que para ela entrasse quem tivesse raça, ou sequer fama, de cristão-novo. Todos os anos nos dias 16-17-18 de Janeiro, por ser o primeiro destes dias aniversário do desacato, faziam uma festa ao Santíssimo Sacramento, assistindo el-rei, o patriarca e seu cabido, sendo no primeiro dia à custa da família real, e nos outros dois à custa da própria Irmandade, terminando a festa deste tríduo por uma procissão, em que as pessoas reais se incorporavam. Quando os irmãos assistiam às festas do desagravo, trazia cada um deles uma medalha pendente de fita escarlata. Medalha era de cobre dourado, representando o sacrário arrombado, uma custódia com o SS. Sacramento e vários anjos. No reverso lia-se:

BENEDITO  
E LOUVADO SEJA  
O SANTÍSSIMO  
SACRAMENTO

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 4. UMA NOVA IGREJA

Interdita a igreja em 1630, após o famigerado desacato, e transferida a sede de freguesia para a velha Ermida de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Paraíso, os Fidalgos da Irmandade dos Escravos do SS Sacramento contrataram com o Prior para que lhes cedesse o padroado da Capela-mor, com a condição de lhe darem um juro de 20.000 réis por ano, e outras mais condições, “que se contém em escritura que se conserva no Cartório desta igreja” (vd. Carvalho, 1971: 24-26).

O propósito era de conservar o corpo da anterior igreja, e incorporar-lhe uma nova Capela-mor.

Depois de arrasarem a Capela-mor da velha igreja de Santa Engrácia, por deliberação dos Escravos, no dia 22 de Dezembro de 1632 “se lançou a primeira pedra na obra da Capela Nova que a dita Confraria e mais Irmandade de novo fazem” (Carvalho, 1971: 26).

No dia 11 de Fevereiro de 1633 esclareceu-se que o autor das traças da nova capela-mor de Santa Engrácia era o arquitecto e engenheiro Mateus do Couto.

As obras arrastaram-se: nomeadamente desde 1635 e 1640, depois com os acontecimentos da Restauração e consequentes guerras com Castela. No ano de 1645 o Padre António Vieira lembra a D. João IV que “vemos levantados os fundamentos desta nova igreja muito sumptuosos, muito magníficos, e muito conformes aos ânimos generosos de seus ilustres Fundadores”; mas sentia muito (diz ele) “a piedade cristã e portuguesa ver a fábrica parada há tantos anos”; e incita-o a completar a obra “que ela terá os mais fortes muros de Lisboa...” (Carvalho, 1971: 28).

Uma escritura de 19 de Abril de 1659 celebrava novo acordo sobre as mesmas obras, entre a Mesa e os mestres pedreiros Sebastião da Mota e Pedro Cunha. Em 1664 faleceu o arquitecto Mateus do Couto; no ano de 1673 intervém transitoriamente o arquitecto João Nunes Tinoco; em 25 de Junho de 1676 fez-se outro contrato com os mestres João Ferreira Dinis de Sousa e António Leal. § Em 7 de Maio de 1678 fez-se ainda novo contracto entre o Conde de Castanheira (nesse ano Procurador das obras da Mesa dos Escravos do SS.mo Sacramento e o “sargento-mor Mateus de Couto [sobrinho do homónimo Mateus do Couto, falecido em 1664], arquitecto de sua Alteza e das obras da dita igreja [de Santa Engrácia]”, estando presentes também António Pereira, mestre pedreiro. E “por eles partes foi dito... que eles estavam

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

contratados para fazerem e continuarem com a obra da capela-mor da dita igreja na forma e com as condições e preços seguintes” (que são discriminados no contrato<sup>5</sup>)<sup>xv</sup>.

## 5. A DERROCADA DE 1682

A obra da capela-mor, de 1678, a que atrás fizemos referência, terá sido “a causa da ruína que padeceu a igreja velha [isto é, a segunda, iniciada depois de 1630], desmoronando-se e desabando as paredes colaterais em uma noute de muita tormenta”, segundo diz o referido documento do pároco em 1758.

O mesmo se deduz da inscrição comemorativa, colocada por ocasião do início da edificação da 3ª igreja, em 1682 (... “at opere jam perfection proximo forte colapso...”).

Não consta em que dia, mês e ano, tal desastre aconteceu. Mas parece dever concluir-se que terá ocorrido pouco tempo antes. Indica-se a data de 19 de Fevereiro de 1681.

Uma vitória registada a 26 de Fevereiro notava que a situação era irremediável e que era necessário derrubar toda, porque sem isso não haveria segurança, nem se poderia fechar a abóbada. Assim se malograram 50 anos de tempo e mais de 120.000 cruzados de despesa.

Em 1692 foram vendidos os restos da “igreja velha” aos mestres que ergueram a “igreja nova” (a 3ª).

<sup>5</sup> Ver infra, em anexo, excertos do contrato então celebrado.

**XV** Os quatro contratos feitos no século XVII para a construção e reconstrução da igreja de Santa Engrácia, já identificados em estudos anteriores (Carvalho, 1971; Serrão, 2003b), foram recentemente publicados na íntegra, permitindo pormenorizar melhor as fases e as circunstâncias em que decorreu a obra, antes da intervenção decisiva de João Antunes (Soares e Oliveira, 2019). O primeiro destes ajustes, de 1606, atribui a responsabilidade da traça ao arquitecto régio Nicolau de Frias, que teria realizado antes de 1585 este plano de substituição do templo primitivo, atribuível a Jerónimo de Ruão. Em 1621 foi contratado Teodósio de Frias para dirigir uma empreitada de acabamento da igreja, presume-se que daquela que se teria iniciado no tempo do seu pai. Tratava-se então de um edifício de três naves, de abóbada e telhado mourisco e fachada dividida por três portais de acesso. Um contrato assinado em Junho de 1676 reportava-se apenas à construção da capela-mor, e é possível que este projecto de devesse ao arquitecto Mateus do Couto, o Velho, que havia algumas décadas estava à frente do estaleiro, embora à data deste instrumento de obrigação tivesse já falecido (†1664). A obra da capela-mor foi reconfirmada por contrato de 1678 em que aparecia já como responsável o arquitecto Mateus do Couto, sobrinho. Foi este o templo que chegou a 1681, quando uma tempestade o arruinou quase por completo, levando à realização do projecto de João Antunes, concebido já com outros pressupostos arquitectónicos, de feição muito diversa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A antiga igreja, depois de dessacrilizada, foi demolida por dentro, bem como a sua antiga torre, e serviu para quartel do 2º batalhão da Guarda Nacional de Lisboa<sup>XVI</sup>.

A Irmandade dos Escravos dissolveu-se no tempo das lutas de D. Pedro e D. Miguel. A festa de Desagravo continuou a fazer-se todos os anos na Sé, mas depois passou a fazer-se só a comemoração do desagravo, estando o Lausperene na igreja de Santa Clara, nos dias 16/17/18 de Janeiro. ...Até que esta também desapareceu...

vd. Igreja votiva de SANTA ENGRÁCIA Século XVIII [1682...]

XVI A igreja de Santa Engrácia conheceu uma atribulada história ao longo dos séculos XIX e XX, depois de abandonada a obra com a subida ao trono de D. João V. Do início de Oitocentos datam dois projectos para finalização do templo, de 1825 e de 1831, sem sucesso. Na 2ª metade do século XIX, a igreja foi cedida ao Ministério da Guerra para que a Direcção-Geral de Artilharia ali instalasse um depósito de sucata, carvão e areia para as suas fábricas circunvizinhas. Algumas dependências foram partilhadas com a Direcção-Geral do Serviço de Engenharia, pensando fazer-se ali o Museu da Arma de Engenharia. Em 1910, entregue ao Depósito Central de Fardamento, acolheu uma fábrica de calçado. A ocupação militar durou até 1954, mas a ideia de adaptação do monumento a panteão nacional, que remontava a 1837, ganhava novo alento, sobretudo desde a sua consagração oficial, por lei de 1916. Foram diversos os arquitectos envolvidos neste projecto: Ventura Terra, Bernardino Coelho (1936), António e Ruy do Couto (1939), Luís Benavente (1953-55), António Lino (1956), Joaquim Areal e Silva (1956), Raul Lino (1956) e Luís Amoroso Lopes (1956), cuja proposta viria a ser realizada, iniciando-se a obra em 1960 e sendo inaugurada em 1966. No programa escultórico colaboraram Leopoldo de Almeida e António Duarte (Melo, Neto e Araújo; Neto, 2010).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO

## EXCERTOS DO CONTRATO RELATIVO ÀS OBRAS DE SANTA ENGRÁCIA

“Cada braça de parede de pedra e cal a mil e quatrocentos reis. Cada braça de abobada dobrada guarnecida... Cada vara de pedraria pelo exterior da cappella, assim nos pillares, como nos transpillares e forros... por cada vara de volta de arcos de pedraria bornida e liós... e por cada capitel e vara juntamente de pedraria liós e bornida para os pillares interiores de obra Dorica ou Jonica sem talha... por vara de simalha de qualquer altura que seja de pedraria bornida lios com frizo e alquitrave... por cada vara de abobeda da mesma pedraria e lavramento na meya laranja... por cada vara de pedraria lios de duas escodas pelo exterior da cappella... e por cada vara e Capitel juntamente de duas escodas pelo exterior da cappella... E pelos ditos preços referidos se obrigam elles mestres... *fazer toda a dita obra conforme a que esta contenuada e trasa e pelos moldes que o Architeto lhes der sem alterarem nem diminuir cousa alguma.* E que o simples da meja laranja ou abobada não sera a despesa delles por conta delles mestres senão pela dita meza Item que avendo alguma alteração na forma da dita obra em qualquer tempo e parte della se aveliara o que mais ou menos elles mestres fizerem per duas pessoas sabias e iustas em semelhantes obras huma das quaes nomeara a meza e elles mestres outra *e avendo duvida em que seja necessario aver terceira sera hum dos mestres das obras de sua Alteza qual a mesa que ao tal tempo for nomear* e o que na dita forma de se asentar e avaliar sera desde logo por liquido, sera de effeito e se dara a execuçam sem mais liquidaçam nem adverguaçam alguma de juizo. *Item que toda a dita obra será m<sup>to</sup> perfeita e forte, e as pedrarias m<sup>to</sup> sans sem abilheiros nem defeituozas* e tudo assentado em seu devido lugar e muito bem bornido e limpo a custa delles mestres...

... Item que todas as vezes que se quizer mandar medir a dita obra quer seja para se dar balanço ou para se passar certidão do que estiver feito, o podera fazer a dita meza, ou a que nesse tempo for para se saber o que elles mestres tem obrado e se de todo tera despendido e gasto o dinheiro que ouverem recebido, e assim como forem obrando, lhe hira dando o Thesoureiro que for da dita mesa o dinheiro necessario; de que passarão seus Recibos na forma referida; e na mesma se declara que *os preços per que elles mestres ham de fazer a dita obra sam os mesmos porque a fazião os mestres João Ferreira Dinis de Souza, Antonio Leal* (por contrato feito em 25 de Junho de 1676) por assim se aver feito o assento em meza e tomado no livro dos assentos e escripturas da dita mesa a folhas quarenta e nove. E nesta forma prometem elles partes em seus nomes e nos que representam cumprir e guardar... *todas as condições e clausulas com que se celebrou e outorgou esta escriptura sobre as mesmas obras entre a dita mesa e os mestres Sebastiam da Motta e Pedro da Cunha...* em dezanove dias do mes de Abril de mil seiscentos e sinquenta e nove, cujas condições e clausulas tem bem visto lido e entendido...” (Carvalho, 1962: tomo II, 132-133).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, *Coleção Moreira*, mss. B. 16-11, fl. 211.

CARVALHO, Armindo Ayres de – *D. João V e a Arte do seu Tempo: As memórias d'el rey D. João V*. s.l.: Edição do Autor, 1962, 2 Vols..

CARVALHO, Armindo Ayres de – *As obras de Santa Engrácia e os seus artistas*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1971.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dictionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. VI. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1891, pp. 577-578.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Tomo I. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707, pp. 102-104.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA PAROQUIAL DE SÃO MARTINHO – 2ª** †**Século XVII [1634-1564] → 1838 †**

A 1ª igreja de São Martinho remontava a antes de 1168.

No século XVII achava-se o templo tão arruinado pelo tempo, que foi indispensável ser reedificado desde os alicerces. Um vizinho ilustre, o Conde de Vila Nova de Portimão, D. Gregório Taumatergo de Castelo Branco, é que custeou a reedificação.

A 1ª pedra desta reedificação foi lançada em 11 de Novembro de 1634, dia de S. Martinho.

Júlio de Castilho deixou-nos interessantes apontamentos:

“Depois da missa do dia levou-se a pedra numa padiola, em que pegavam o conde D. Gregório, alguns parentes seus e o prior da freguesia dr. Simão Torresão Coelho. Com todo o cerimonial se lançou a dita pedra nos alicerces do cunhal da igreja, sôbre o qual estava assente o passadiço. Não se deitou na cova oiro ou prata. A pedra ia coberta com outra, em que se viam gravadas em caracteres antigos as letras J. H. S. (*Jesus Hominum Salvator*, Jesus Salvador dos Homens): pedra que já servira no alicerce da igreja velha.

Nesta nova assentou por fundamento uma lápida com a seguinte inscrição:

ANNO A XPO NATO MDCXXXIV

SEDENTE AD ECCLESIAE ROMANÆ CLAVUM  
URBANO VIIJ. P. M., IMPERANTE PHIPLIPPO,  
HISPANIARUM 4.º ET 3.º HUIJUS NOMINIS LU-  
SITANLÆ REGE, ECCLESIAM ISTAM DIVO  
MARTINO TURONENSI EPISCOPO ET PAUPERUM  
PATRI DICATAM, TEMPORUM INJURIIS, JAM,  
AC VETUSTATE, LABANTEM, AVITA PIATATE ET  
REGIA MAGNIFICENTIA, PROPRIIS IMPENSIS,  
ITERUM A PRIMIS EREXIT FUNDAMENTIS, ET  
IN ELEGANTIOREM FACIEM, QUAM QUONDAM  
HABUERAT, RESTITUERE CURAVIT, D. D. GRE-  
GORIUS A CASTEL BRANCO, GOMES VILÆNOVÆ,  
SORTELLIÆ, ET GOESLÆ DOMINUS DYMNASTA ;  
REGIIQUE CORPORIS CUSTOS MAXIMUS :  
XI NOVEMBRIS DIE EIDEM SANCTISSI-  
MO PRÆSULI SACRO PRIMUM ISTUM  
LAPIDEM JECIT.

Para a obra nova serviu, segundo diz José Valentim nos seus citados apontamentos manuscritos do museu do Carmo, a pedra da igreja velha. Ficaram os antigos paramentos exteriores para os tardoze; e a pedra que, pela sua pequenez ou forma, se não pode aproveitar, serviu de alvenaria, suprimindo-se com pedra lioz nova a que faltou para a parte de dentro.

Parece que a obra levaria seus trinta anos; foi começada em 1634, segundo mostra a lápida que acima copiei; ora no cunhal da igreja para a parte do Limoeiro lia-se 1664 (in Castilho, 1937: vol. IX, 78 ss).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O mesmo Júlio de Castilho (Castilho, 1937: vol. IX, 80-82) deixou-nos uma descrição da igreja.

Ficou o templo com a portada principal para o poente. Tinha uma só nave com cinco altares, a saber:

O altar-mor, com o Santíssimo Sacramento; do lado do Evangelho, o orago da casa de S. Martinho; e do lado da Epístola, Santa Catarina; êste altar pertencia ao padroado dos condes de Vila Nova.

No corpo da igreja, do lado da Epístola:

O altar do Senhor Jesus Crucificado, com as imagens de S. João Baptista e S. Francisco de Paula;

O altar de Santo Eloi, com as imagens de Nossa Senhora da Assunção, Santo Andrónico e Santa Atanázia; tinha irmandade dos ourives da prata.

No corpo da igreja, do lado do Evangelho:

O altar de S. Francisco; e

O altar de Nossa Senhora da Piedade.

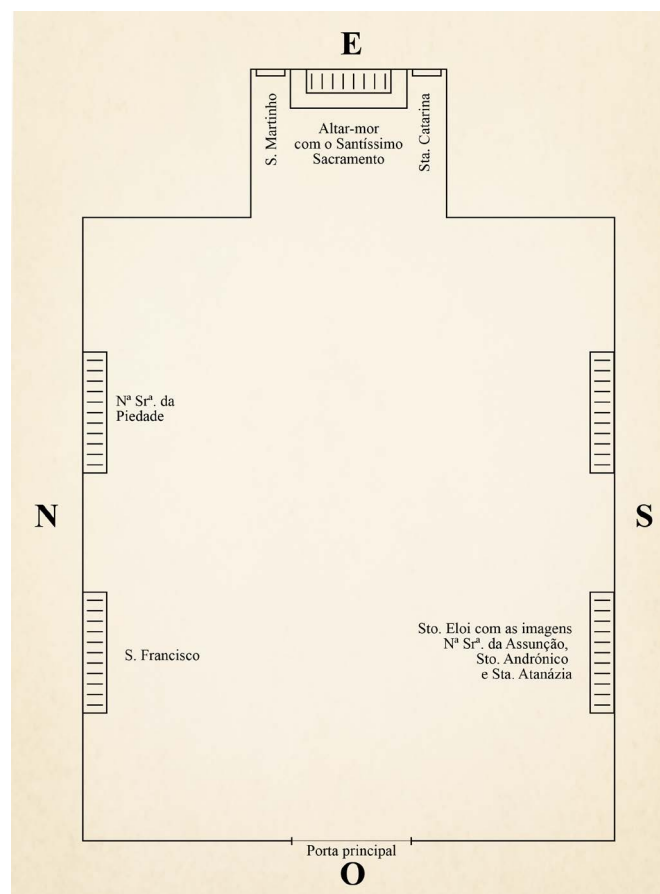


Figura 4 – Planta aproximada da Igreja de S. Martinho em 1664  
(in Castilho, 1937: vol. IX, 80).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 1. 1755

Esta igreja seiscentista veio abaixo com o terramoto. Abriu a parede do lado oriental pela porta de fora; abriu a abóbada e deu de si uma mão-travessa, assim como o fecho do arco cruzeiro. Arruinou-se a parede mestra que se arrimava sobre o arco do trono. O corpo da igreja ficou ileso.

Reedificou-se de novo a igreja de São Martinho. Já se achava restaurada em 1760. Foi feita de novo a capela-mor e esticada, em vez de abóbada como era antes. A sede paroquial, que se fora instalar, juntamente com a de São Jorge, na desaparecida ermida de Santa Bárbara, onde permaneceu durante nove meses, regressou à sua igreja em Setembro de 1756.

## 2. 1834 (APÓS)

Por portaria de 17 de Outubro de 1836, a paróquia de São Martinho foi anexada à de São Tiago, com a sede comum na igreja desta última invocação, e com um só prior e um cartório único.

Em Outubro de 1837, a vereação da Câmara de Lisboa, tendo obtido do Governo a igreja de São Martinho, resolveu demoli-la e dar o entulho por arrematação a quem o quisesse. Ninguém o quis... Mas a operação executou-se em Fevereiro de 1838.

O terreno da igreja foi doado à Câmara Municipal de Lisboa, por Decreto de 23 de Novembro de 1843. Nesse decreto se diz que a igreja de São Martinho, tal como a de Santo Tomé, “já foram demolidas para aformoseamento da capital e comodidade do público”.

**Bibliografia**

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª. edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. IX. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1937.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO TIAGO – 2ª

Século XVII [antes de 1650]

### 1. ANTECEDENTES

A fundação desta igreja remonta aos primórdios da nacionalidade: é certo que já existia em 1209 ou 1229. Sofreu restauros e transformações no século XVI, talvez depois de 1531, ano em que aconteceu um sismo grande.

É certo que a igreja de São Tiago, anteriormente ao século XVII, era de características muito diferentes do que ostentava no século seguinte: nomeadamente era de três naves, e com uma torre sineira do lado esquerdo da fachada.

### 2. TRANSFORMAÇÕES

Profundas transformações se terão efectuado na traça da Igreja, desde finais do século XVI. Quando, exactamente? Ignoramos. Mas terá sido na 1ª metade do século XVII, antes de 1650.

Efectivamente, na planta de João Nunes Tinoco [1650] nada faz suspeitar já da existência duma torre sineira; e as três naves góticas (ao que se supões e parece) tinham já sido reduzidas a uma só nave com três capelas do lado do Evangelho; e, do lado da Epístola, a grandiosa Capela de Nossa Senhora-a-Franca ou dos Cirieiros.

Segundo A. Carvalho da Costa (1712: vol. III, 350), a igreja era então de uma só nave, com a porta para o poente. Era Priorado do Padroado das Rainhas; rendia 350.000 réis; e tinha três beneficiados, cada um com 70.000 réis de renda; tinha um tesoureiro e 4 capelas (com a capela-mor).

Mas já o Padre João Baptista da Castro (1763: vol. III, 418) explicita a existência de cinco capelas, a saber: uma que instituiu o código magistral Nuno da Cunha Deça com oitenta mil réis de còngrua e com obrigação de rezar o capelão no coro com os beneficiados, os quais com o prior são os que a apresentam; outra, que deixou o prior desta igreja André Franco com a còngrua de cinquenta mil réis, de que são administradores os filhos de Joseph de Sousa Carneiro; outra que instituiu Pedro Nunes da Costa Gentil com a esmola de cinquenta mil réis; outra de sessenta mil réis, que apresentam os cirieiros da Irmandade aqui erecta de Nossa Senhora a Franca; outra de cento e cinquenta réis cada missa, que instituiu Baltasar Pinto, e seus administradores os herdeiros de Dionísio e Oliveira, escrivão que foi da chancelaria da corte.

O terramoto de 1755 fez cair o tecto; parece que não lhe causou outros grandes estragos. Todavia, os planos de urbanização da cidade implicaram algumas modificações na igreja. Daí, a reconstrução parcial, iniciada em 1773.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Vd. Igreja paroquial de SÃO TIAGO - 3ª 1773

Veja-se também a notícia sobre a Capela de Nossa Senhora a Franca – no Sec. XVI/XVII, mais à frente neste volume.

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

### 3. IGREJAS CONVENTUAIS DE FRADES ♂



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO****Século XVI [1ª pedra: 8 de Abril de 1591]**

Era da Ordem dos Monges de São Bernardo

**1. FUNDAÇÃO**

Tal como a Ordem de São Bento, que tinha como norma edificar casas para habitação dentro da cidade e lugares povoados, mas que se decidiu a fundar um Convento em Lisboa – Convento de Nossa Senhora da Estrela, em 1570. Assim a Ordem ou Congregação de São Bernardo deliberou fundar morada nesta cidade. Acharam no sítio escolhido largura bastante para fundarem um convento capaz de dar morada a 60 religiosos, e que juntamente pudesse haver na casa o noviciado.

Lançaram a 1ª pedra do edifício em 8 de Abril de 1591, estando Portugal sob domínio Castelhana. Dedicou-se o convento em honra a Virgem Maria, sob a invocação de Nossa Senhora do Desterro (não se sabe claramente porquê)<sup>6</sup>.

Não teve outro fundador senão a mesma Religião, que para a fábrica do edifício aplicou alguma quantia de dinheiro que tinha em depósito, a que o real magnífico Convento de Alcobaça, cabeça da Congregação neste Reino, acrescentou a doação de alguns foros que lhe pertenciam, tais como foram a Quinta de Barcarena, o Casal de São Marcos, e a Quinta dos Olivais (apud *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 3).

Destinavam o novo convento para ser a casa principal da Ordem em Lisboa.

As obras prolongaram-se durante muitos anos, não se podendo concluir até 1640. D. João IV não consentiu depois que ficasse sendo a casa principal na Corte; e desta forma não se acabou a igreja, destinando-se a capela anexa ao Convento para na Corte só poderem fazer hospício. As obras estiveram por muitos anos totalmente suspensas; até que em tempo do Rei D. Afonso VI, pela devoção que tinha ao glorioso São Bernardo, ofereceu uma esmola com que tornou a continuar a obra da igreja. Seguindo depois a mesma devoção, o Rei D. Pedro II consignou algumas esmolos, que ajudaram a promover a obra.

<sup>6</sup> No claustro do Convento estava a seguinte inscrição segundo diz o *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1707: tomo. I, 289): “[...] Fundata est domus ista Ordinis Cisterciensis / in laudem Dei parae Virginis Mariae de / Exílio, nec non Beatissimi Patris nostri Bernardi / eximii Doctoris anno a Nativitate Domini/ 1591. Octava die Aprilis”.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. A IGREJA INACABADA

A igreja nunca foi concluída.

Em 1707 tinha já muito adiantada a sua frontaria e prometia vir a ser uma das mais nobres que teria Lisboa. Para o pórtico davam larga entrada três fermosos arcos, divididos uns dos outros por bons pilares, em que assentavam seus capitéis, e neles principiavam os arcos a sua volta. E a cada lado do último se via um ninho bem lavrado, cujo frontispício terminava em triângulo. Nos extremos de toda a frontaria, se termina ela de cada parte com dois pilares imediatos um ao outro.

E logo sobre os ditos arcos e pilares, corria uma cimalha por toda a frontaria, que dividia o primeiro corpo inferior. Entre eles, entremetiam-se três fermosas janelas que caíam a prumo sobre o fecho dos três arcos do pórtico. Por estas três janelas, que eram imediatas ao coro, receberia este e a igreja toda muita luz. E aos lados destas janelas, tinham lugar dois nichos correspondentes aos dois do primeiro corpo, sendo os dois do segundo iguais em altura e largura com as ditas janelas; os seus remates, por cima de uma moldura que lhes servia de ornato, fechavam em triângulo. As janelas próximas aos nichos eram ornadas de ornato semelhante, mas por variedade fechavam em arco, sendo só a do meio semelhante à dos nichos, isto é triangular.

Sobre toda esta obra corria por toda a frontaria a cimalha real; e subindo mais a obra, chegava aonde se havia principiado nos extremos da frontaria, da cada parte, uma torre que prometia ser uma nobre obra.

Entrando pelos três arcos que davam entrada ao pórtico da igreja, correspondiam ao meio deles três grandes e fermosas portas de bem lavrada pedraria, assim nas obreiras, vergas, cimalkas e frontispício. “E entrando das portas para dentro, descobrem os olhos um grandioso templo todo de mármore brancos, o qual consta por cada lado de seu corpo de cinco capelas fundas com mui suficiente grandeza; e por cima dos arcos das capelas corre a primeira cimalha assentando sobre o meio de cada arco uma fermosa janela de tribuna, pela qual participará a igreja de muita luz e claridade; e superior às ditas tribunas se irá seguindo a cimalha real” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 6).

“No fim do corpo da igreja tem de cada parte um púlpito de boa e bem lavrada pedraria”

“De cruzeiro e capela-mor não se vê ainda coisa alguma feita...” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 6).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

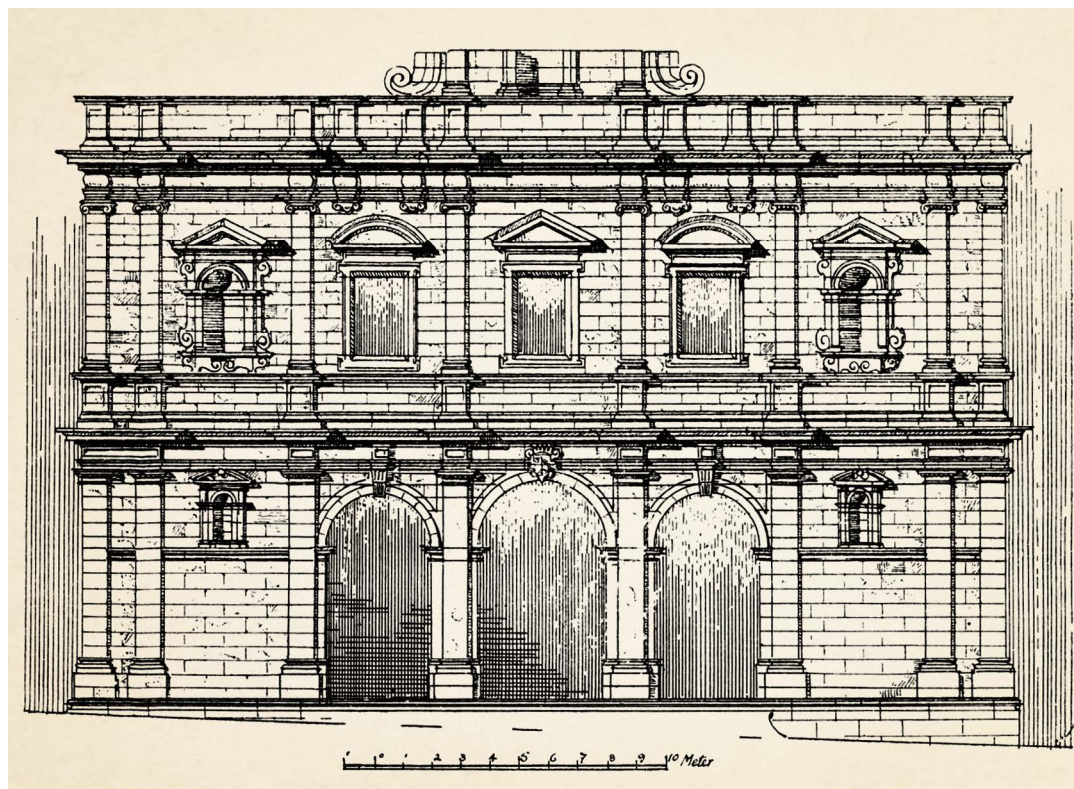


Figura 5 – Fachada da Igreja de Santa Maria do Desterro  
(in Haupt, 1986: 65)

Actualmente [1993] encontra-se reduzida à parte correspondente ao andar inferior do vestíbulo. A. Haupt deixou-nos um desenho, tal como se apresentaria ainda no século XIX (vd. gravura acima); Luís Gonzaga Pereira (*Monumentos Sacros de Lisboa*, 1927: 52-53) também nos deixou um desenho. “Do que nos resta, porém, da sua fachada [...], leva-nos a como um dos mais harmoniosos e cuidados monumentos portugueses dos inícios do Barroco. Por isso a sua destruição, actualmente quase consumada, apresenta-se-nos como um dos atentados de lesa-arte mais condenáveis praticados entre nós”. “A sua fachada sugere a de São Vicente de Fora, talvez, porém, menos fria e mais harmoniosa, impondo-se, como aquela, pela nobreza dos materiais, calcário e mármore, empregados” (Almeida, 1975: Vol. V, tomo 2, 154).

“Não tendo nunca sido concluído este grande templo, os monges adaptaram nova igreja na Portaria do convento. Esta nova igreja, afinal sempre provisória, sofreu muito com o terramoto, sendo completamente reconstruída, tendo sido beneficiada nos meados do século passado. O seu exterior é banalíssimo e o seu interior, que era simples, mas harmonioso, com os seus altares decorados com talha branca e dourada, restauros recentes destruíram todo o interesse” (Almeida, 1975: Vol. V, tomo 2, 154).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A traça é devida provavelmente a Filippo Terzi († 1597), sendo mestre provável das obras Baltazar Álvares († 1624).

O terramoto de Novembro de 1755, além de ter arruinado o convento, derrubou toda a abóbada da igreja, deixando apenas de pé as paredes e quase toda a frontaria.

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 2. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975.

HAUPT, Karl Albrecht – *A Arquitectura do Renascimento em Portugal: Do Tempo de D. Manuel, o Venturoso, até ao Fim do Domínio Espanhol*. Lisboa: Editorial Presença, 1986 [Trad. de Margarida Morgado; introdução crítica e revisão de texto de M. C. Mendes Atanásio].

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Tomo I. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO VALE DA MISERICÓRDIA, EM LAVEIRAS**

Século XVI/XVII

[1585 ou 1598: início da reedificação; 1612: instalação dos monges; 1736: reconstrução]

Era da Ordem dos Monges de São Bruno, ou Cartuxos, fundada em 1804, e introduzida em Portugal (Évora) no ano de 1587.

A Casa de Laveiras principiou a ser edificada em 1598 (ou 1595?); mas só em 1612 vieram os fundadores de Évora para Laveiras.

Em 1736 principiou-se um novo edifício, em sítio mais próprio.

A igreja é do título de Nossa Senhora da Conceição e São Bruno.

O Convento tinha a particularidade de cada cela ter a sua capela (e igualmente o seu jardim). Cada religioso vive no seu domicílio como totalmente separado dos seus irmãos.

A Igreja comum ficou fechada depois do Decreto de 1834; o Convento foi vendido. Hoje é ocupado pelo Reformatório Central de Lisboa.

A Igreja tinha boa fachada de cantaria. Interiormente, de uma só nave, de grandes dimensões. O famoso quadro da capela-mor era do pintor Francisco Vieira Lusitano: foi transferido para a Academia das Belas Artes de Lisboa. A imagem de Nossa Senhora do Vale da Misericórdia, escultura, foi transferida para a freguesia (Igreja Paroquial) de Oeiras.

Domingos Sequeira ali passou alguns anos (1796-1802).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Figura 6 – Igreja de Nossa Senhora de Laveiras em 1833  
(in Pereira, 1927: 57)

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 3. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1988.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO BENTO DA SAÚDE****Século XVII [1598]****1. FUNDAÇÃO DO CONVENTO**

Vinte e cinco anos decorridos sobre a fundação da primeira Casa que a ordem Beneditina abriu em Lisboa – que foi o Convento mais tarde chamado “de Nossa Senhora da Estrela”, ou “Estrelinha” -, deliberou a Ordem adquirir uma outra quinta mais abaixo e a leste, que pertencia a um honrado cidadão de Lisboa, de nome Antão Martines.

A situação era magnífica. Pelo sul defrontava a cêrca das Franciscanas (Convento da Esperança) e ainda avistava o rio Tejo e a praia de Santos; pelo poente, tinha a estrada que ia do Congro à Horta Navia e o oiteiro onde assentava a cêrca do Convento de Nossa Senhora da Estrela (actual calçada da Estrela); pelo Norte, ficavam-lhe os olivais que subiam a encosta da quinta da Cotovia e partia dali outro caminho (actual Rua de São Bento) que dividia a quinta de André Soares (da Cotovia) da de Antão Martines; e a nascente eram as terras dos Meneses de Tarouca e a porta da cidade que avançava do Congro para a Cruz do Poço (hoje dos Poiais de São Bento).

Era conhecida tal propriedade pelos nomes da “Quinta da Saúde, ou “Casa de Saúde” pelo motivo de ali se terem recolhido, por ordem do Senado, os doentes da pestenença de 1569 a 1570. É de crer que o Senado a tivesse arrendado para esse efeito.

O dito Antão Martines vendeu a quinta por 500.000 réis. Quando se propunham a fechar o negócio, a mulher de Antão Martines opôs-se terminantemente. Mas uma desastrosa queda, quando por ali ela cavalgava uma mula, levou-a a assinar o contrato...

Para arquitecto do novo convento chamaram Baltazar Álvares, famoso arquitecto que já trabalhava com seu tio Afonso Álvares na obra do convento de cima.<sup>7, XVII</sup>

<sup>7</sup> “Afonso Álvares, mestre das fortificações do reino e fidalgo da casa do Infante D. Henrique foi nomeado, em 1570, mestre das obras dos canos das Águas de Prata em Évora e mestre das obras reais da comarca do Alentejo. Baltazar Álvares, seu sobrinho, foi mestre de carpintaria da Ribeira das Naus em 1583 e mōço da câmara real. Sucedeu a seu tio no cargo de mestre das obras reais da comarca do Alentejo e, em 1581, foi nomeado mestre das obras dos paços de Santarém, Almeirim e Salvaterra. Foi êle quem fez o risco do colégio de Santo Antão-o-Novo. Foi também o arquitecto de São Vicente de Fora” (Viterbo, 1899: vol. I, 12-18).

XVII Como relata o cronista dos beneditinos, Frei Leão de São Tomás, no final do ano de 1571 o cardeal D. Henrique visitou a Quinta da Saúde, mandando logo nessa ocasião ao engenheiro-mor do reino, Afonso Álvares, e ao sobrinho, o arquitecto Baltazar Álvares, que «acomodassem» ali uma igreja e coro. Em 1573, construído também um dormitório, já ali se puderam instalar trinta religiosos, fazendo-se a primeira missa no dia de Natal desse ano (Branco, 2008, 111). Este primeiro convento beneditino, mas tarde chamado da Estrela, daria depois origem ao convento de S. Bento da Saúde, construído um pouco mais abaixo.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

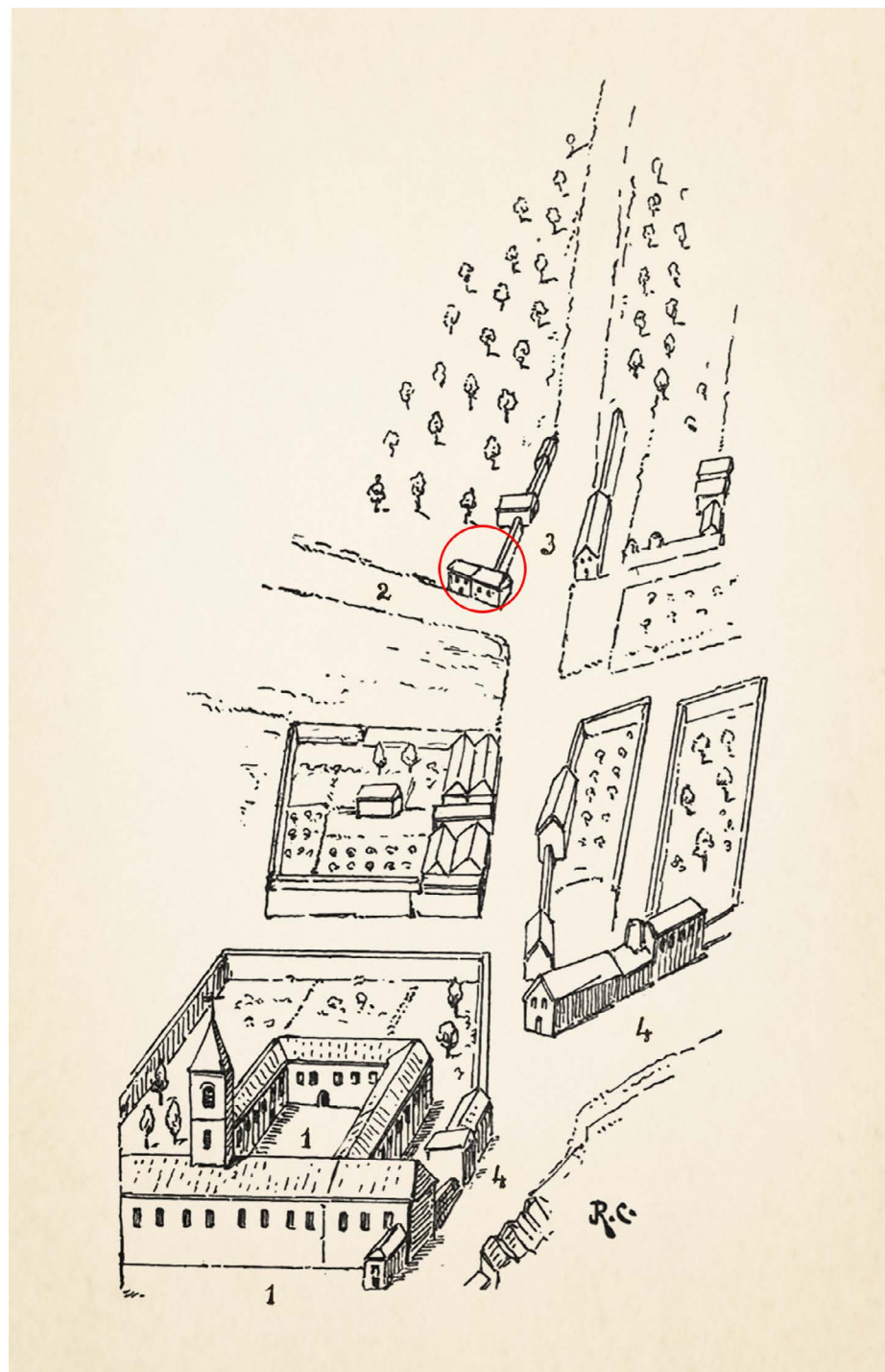


Figura 7 – Pormenor da Vista de Lisboa em meados do Séc. XVI (Bráunio, 1598).  
1- Mosteiro da Esperança; 2 – Estrada da fonte Santa (actualmente Calçada da Estrela);  
3 – Olivais chamados, depois, de S. Bento; 4 – Rua da Esperança para a Boa-Vista;  
Em destaque, o Local onde foi construído o Convento de São Bento da Saúde (in Sequeira, 1917: vol II, 32).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Para superintendente da obra foi designado o beneditino Frei Pedro Quaresma, pessoa de muito saber e engenho.

Era à data Geral da Congregação o Padre Frei Baltazar de Braga.

Deu-se princípio à obra no ano de 1598, a expensas da Ordem. Isso constava dos dísticos latinos abertos numa pedra, que se liam por cima da portaria que dava entrada para os claustros (segundo lemos em Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 265)<sup>8</sup>.

Não se deixa de anotar que Matos Sequeira (1917: vol. II, 38) diz que a obra fora principiada em 1596.

O Marquês de Castelo Rodrigo, D. Manuel de Moura, tomou a capela-mor à sua conta, para seu jazigo; e mesmo estando em Roma, para onde fora por embaixador do Rei Filipe IV de Espanha, mandava de lá excelentes pedras finas e jaspes de várias cores, com que determinava ornar a capela-mor e o lugar que por baixo dela queria fazer para nele poderem ter sepultura os seus descendentes. Mas toda essa obra ficou suspensa com a mudança do Reino de 1640; e o contrato foi desfeito pelos religiosos com os herdeiros do Marquez, dando-lhe a Ordem 10.000 cruzados, no ano de 1718. (vd. Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 267).

## 2. DESCRIÇÃO DA IGREJA<sup>XVIII</sup>

O Convento de São Bento da Saúde ainda marca a sua presença no lugar; e algo persiste dele, pela massa enorme e pelo ritmo da fachada. Mas da igreja, praticamente nada subsiste. Achamos que impõe evocar, o mais rigorosamente possível, o que era esse majestoso templo.

### Recinto ou praça

A entrada deste convento é antecedida de um grande recinto “capaz de dar lugar a muitas carruagens”. O dito recinto, ou praça, era “cercado de muro com duas portas que dão largo lugar aos que querem chegar ao convento, podendo ficar de noite fechadas as ditas portas”. Uma delas ficava em frente do frontispício da igreja, e a outra ficava a um lado da frontaria olhando para o sul.

<sup>8</sup> O Padre João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal* (1763: tomo III, 443) reproduz as primeiras quatro linhas da inscrição latina: “Cui tantum sacratur opus, cui nobile Templum / Haec Bene bis dicto dedicat Ordo Niger / Qui parat expensas Monachum ditissima pulchrum / Pauperica profiis sumptibus fecit opus, etc.

<sup>XVIII</sup> O programa geral concebido para o mosteiro de S. Bento da Saúde revela bem a erudição e cosmopolitismo da cultura arquitectónica de Baltasar Álvares, qualidades que demonstrara já em S. Vicente de Fora. A organização da planta, com a igreja a eixo ladeada por quatro claustros (só se construíram dois), pode ser aproximada, com algumas variantes, do plano do arquitecto italiano Filarete (1400-1469) para o Hospital Maior de Milão, plano esse seguido em edifícios hospitalares renascentistas – casos do Hospital Real de Todos-os-Santos, em Lisboa, de hospitais espanhóis e até do Escorial (Branco, 2008: 115-116).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Para ter acesso ao pórtico da igreja, tem de vencer-se alguma subida: para tal existiam alguns degraus que terminavam em dois tabuleiros, e depois deles com mais poucos degraus se chegava ao pavimento do pórtico da igreja.

### Frontaria

A frontaria fundava-se sobre seis grandes e firmes pilares de bem lavrada pedraria. E sobre eles assentavam cinco formosos arcos, sobre os quais corre uma forte cimalha. Por cima dela, superior aos três arcos do meio, viam-se três nichos de pedraria, todos na mesma linha; sobre o nicho do meio tinha lugar o frontispício com uma tarja no fecho do aro. No andar da volta dos arcos dos nichos, havia quatro óculos, pelos quais se comunicava luz ao coro e à igreja. Os três nichos do meio, correspondentes aos três arcos do meio, correspondiam às portas da igreja. E por cima dos outros dois arcos extremos, têm lugar duas mui grandes janelas rasgadas, com umas bem avultadas grades de mármore branco; as janelas eram guarnecidas de arcos de pedraria que excediam em altura os arcos dos nichos. De ambos os lados destas janelas continuam os pilares, que são os extremos do frontispício da igreja. Os quais se rematam com uma cimalha de pedraria, que corre não só sobre a frontaria da igreja, mas também pelos lados do frontispício, em que se viam de cada lado nove janelas de celas (as mais estimadas pelos religiosos, pela vista que gozavam os moradores delas). Nos extremos da dita frontaria, tem lugar outra grandiosa janela semelhante à que ficava próxima do coro. Ambas estas janelas estavam metidas entre dois grandes pilares, que formam os cunhais que seguram o edifício do convento. O cunhal que ficava à mão direita de quem entrar no pórtico da igreja (com face nascente para o terreiro, e a face norte voltada para o Noviciado da Companhia de Jesus) obrigou a nova despesa muito extraordinária, d que foi causa não se achar firmeza no fundo para os alicerces; assim foi necessário ir buscar muito abaixo, até que dando-se em água se veio a fundar o cunhal sobre estacaria de madeira; e como a profundidade foi tão extraordinária, seguiu-se também ser extraordinária a despesa em encher de pedra e cal uma altura tão notável com a largura requerida quer para a obra que se havia de fazer quer para nela poderem os oficiais trabalhar. Na outra extremidade, ângulo nascente/sul, foi menor a dificuldade e a despesa, pois se acham fundo adequado para o alicerce.

Além das nove janelas que ficam de cada lado do frontispício da igreja, a seguir às duas grandes janelas, viam-se por debaixo delas outros dois andares de janelas iguais às de cima, que eram grandes e todas guarnecidas de pedraria. São pois três andares de janelas a acompanhar o frontispício da igreja.

Não se chegaram a levantar as duas torres que estavam previstas no desenho.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

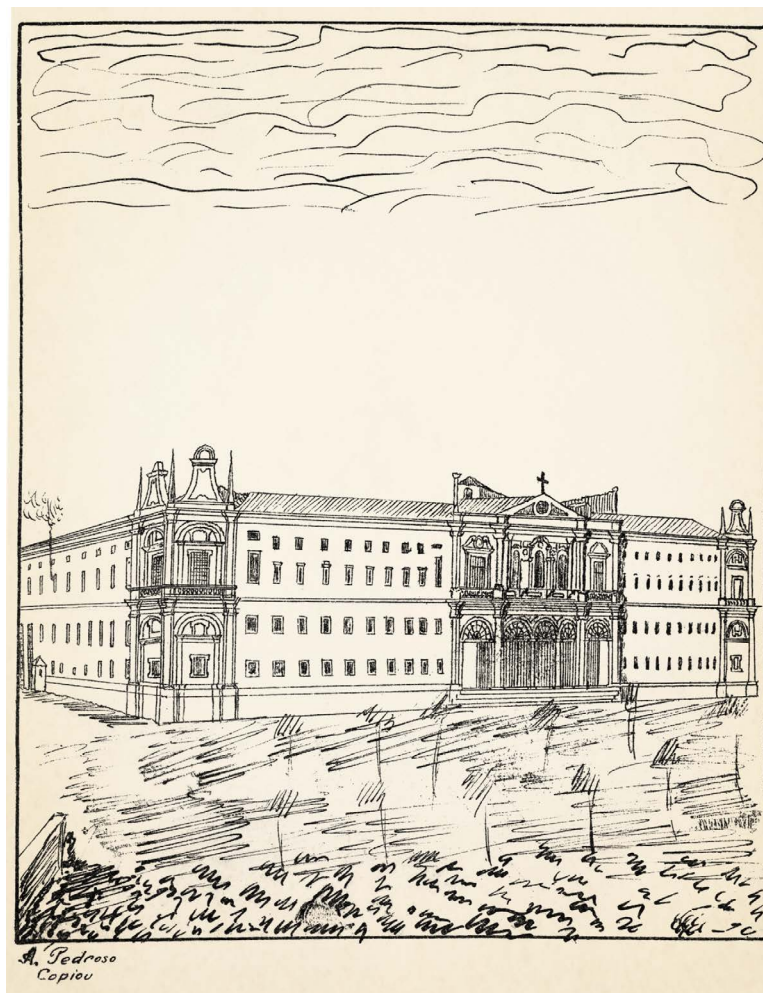


Figura 8 – Convento de S. Bento da Saúde em 1833, Palácio das Côrtes depois de 1834 e actualmente, Assembleia da República (Pereira, 1927: 44)

### Pórtico da igreja

Era “muito desabafado”, “com altura, comprimento, e largura competente, com muita luz e boa vista para a cidade e para o porto de mar”. No pórtico havia três grandes portas que davam entrada na igreja.

### Nave

A igreja era de uma só nave.

Tinha quatro capelas de cada lado, grandes e altas, com mui bastante fundo; e nos lados das capelas tinha pilares de pedra, sobre que assentavam arcos também de pedra que



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

formavam os das capelas. O ornato interior das capelas não era muito singular; mas não deixava de ser bom, especialmente nas que tinham Irmandades anexas.

O tecto da igreja projectara-se que seria de pedra. Mas no início do século XVIII era apenas de madeira pintada.

### Altar-mor provisório

Servia de altar-mor, no início do século XVIII, uma frontaria pintada com santuários de relíquias.

### Cruzeiro

Por detrás a dita frontaria do altar-mor provisório, ficava o cruzeiro, que nessa data ainda estava inacabado.

### Capela-mor

Como dissemos, o Marquez de Castelo Rodrigo tomara a capela-mor à sua conta, e para seu jazigo. Os acontecimentos políticos de 1640 fizeram parar as obras. Parece que a situação se arrastou: só em 1718 é que os Religiosos desfizeram o contrato com os herdeiros do Marquez, dando-lhes o Convento 10.000 cruzados, sendo então abade o padre Frei Bartolomeu de São Jerónimo<sup>XIX</sup>.

### Sala

Do lugar que nesta época (início do século XVIII) servia de cruzeiro, fazia-se então passagem para uma sala quadrada, cujo tecto era de abóbada. A sala era toda de bom azulejo.

XIX A relevância política dos marqueses de Castelo Rodrigo no âmbito da monarquia hispânica é um facto incontroverso e tema recorrente da historiografia contemporânea dedicada à governação dos Habsburgo entre finais do século XVI e a 1ª metade do século XVII. Políticos influentes e hábeis diplomatas, foram também sofisticados mecenas, um deles, D. Manuel de Moura Corte Real, bem conhecido pelas suas ligações a um dos maiores artistas italianos do Seicento, Francesco Borromini (1599-1667). Ora, foi justamente a Borromini que D. Manuel encomendou a concepção da cripta da capela de S. Bento para panteão familiar, aberta e preparada pelo arquitecto Teodósio de Frias cerca de 1629 (Serrão, 1984-1988). O arquitecto italiano chegou a enviar as primeiras peças de mármore para Lisboa, em 1638, mas a eclosão da Restauração, em 1640, e o banimento da família, que nunca mais regressou a Portugal, fizeram gorar a empresa (Gomes, 1988; Connors, 1991). Um frontal de altar, de mármore negro e ornatos a ouro, colocado de forma adventícia numa das capelas da igreja das Albertas (hoje integrada no Museu Nacional de Arte Antiga) é talvez a única peça remanescente desse perdido conjunto de obras. Os monumentos fúnebres terão sido pedidos a François Duquesnoy (1597-1643), destacado escultor flamengo, activo em Roma (Vale, 2004: 194). Em 1939, a cripta foi redescoberta e logo encerrada, quem sabe se pela desconfortável memória dos Castelo Rodrigo, sobre quem pesou, segundo o historiador Paulo Varela Gomes, uma verdadeira *damnatio memoriae*; em 2010, os restos da estrutura funerária foram de novo postos a descoberto, durante trabalhos arqueológicos levados a cabo no local.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**Sacristia**

De boas proporções. De cada lado do seu comprimento tinha quatro janelas grandes guarnecidas de boa pedraria (só as da esquerda são luz, as da direita são fictícias); sobre as ditas janelas corria por todos os lados da sacristia uma cimalha de pedraria. Começava-se em 1707 a levantar o tecto da sacristia, que seria todo de painéis em quadro, divididos com molduras de pedraria. No fim da sacristia, havia uma capela da mesma altura e largura, com um retábulo, e no altar um frontal de pedra obrado em Itália. Por baixo das quatro janelas, em cada lado da sacristia corria para baixo um azulejo.

**3. ALGUNS OUTROS ESPAÇOS DO CONVENTO**

Apenas registamos alguns apontamentos.

**Livraria**

Era “uma das obras mais digna e insigne deste magnífico convento” “grandiosa e majestosa casa da livraria”. A claridade era excelente. As estantes assentavam sobre quartelas de mármore vermelho; a matéria das estantes era angelim, obradas com muitas molduras. Era obra tão perfeita, que “até agora (não se vê) nas muitas livrarias desta cidade outra obra das estantes lhe faça vantagem”.

**Dormitórios**

Todas as celas tinham muito boa vista para a parte fora. O tecto das celas era de muito boa obra de bordo. As paredes eram revestidas de bom azulejo. Um incêndio no dia 21 de Março [de 1707?] causou muitos danos aos dormitórios.

**Coro**

Assentava sobre o grande pórtico da igreja. Tinha à roda duas ordens de cadeiras de madeira de angelim, todas almofadadas; e por cima das cadeiras que ficam encostadas à parede, corria um andar de painéis com suas molduras de talha. Entre painel e painel, havia uma coluna torcida de madeira preta com um capitel de angelim, e sobre cada coluna uma imagem estofada de ouro com atributos nas mãos. Ao meio do coro, uma estante de pau-santo toda entalhada, sustentada por umas águias em pé.

O coro tinha dois órgãos fronteiros um do outro.

**Escadaria nobre**

“A mui insígnia escada” deste convento, que tinha princípio em dois lanços largos e majestosos.

**Claustros**

A traça da obra previa quatro claustros, mas apenas dois foram feitos.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Hospedaria

Tinha cozinha própria com comodidade para recolher alguns criados. Tinha porta para a rua, para que o hóspede pudesse entrar e sair sem inquietar o porteiro.

## Portaria

Era uma “das maiores e melhores que se vê nos conventos de Lisboa”. O seu tecto era de abóbada. A luz vinha-lhe de oito janelas que ficavam na frontaria do convento. Por baixo das janelas corriam assentos; e por cima deles era a parede revestida de azulejo em boa altura. Do lado oposto, via-se um grandioso painel, em que se representava a Virgem isenta do pecado original e o carro que a transportava era puxado por uns cordoes em que seguravam vários Doutores que defenderam a Imaculada Conceição. Havia um outro quadro representando uma grande árvore em cujos ramos de viam os fundadores das ordens religiosas oriundas de São Bento. E havia ainda mais quatro quadros de pintura.

## Cerca

Não se omita a existência de uma fonte de água perene, no meio dum segundo claustro.

O convento foi projectado para 100 religiosos. No início do século XVIII acolhia cerca de 40.

## 4. ACONTECIMENTOS POSTERIORES

- Falta-nos documentação sobre as obras feitas na primeira metade do século XVIII.
- Nada sofreu este convento com o Terramoto de 1.755.
- Esteve em vias de ser instalada nela a Santa Igreja Patriarcal. Chegou mesmo a insinuar-se isso ao Dom Abade, por carta do Secretário de Estado, e futuro Marquês de Pombal, cuja cópia é a seguinte:

«Tendo a incomparavel piedade de El rei Nosso Senhor preferido a todos os grandes cuidados da conjuntura presente o de se restabelecerem logo, e sem perda de tempo os exercicios de Coro, e da Santa Igreja Patriarcal, em que se devem perennemente dar a Deus os infinitos louvores, que devemos á sua Divina misericordia, por nos preservar depois de uma tão grande calamidade as Reaes Pessoas de Suas Magestades com toda a Familia Real, e a uma tão grande parte das pessoas, que constituem todos os estados d'este Reino. E não se achando nem na Corte, nem nos seus suburbios outra Igreja com estado de substituir com a brevidade, que é indispensavel á Patriarcal, de que Deus foi servido privar-nos, se não for o Templo d'esse Mosteiro, que a Divina clemencia preservou dos estragos, a que se reduziram tantos outros: para que de todo não cessem os seus santos louvores, me manda Sua Magestade participar a V. Paternidade, que nesta extremosa urgencia, de acordo com o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca, tem assentado, em que nessa Igreja de S. Bento da Saude, e em algumas das casas, e officinas misticas a ella, que necessarias forem, se

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

celebrem por ora, e em quanto o mesmo Senhor não der mais ampla providencia, que tem determinado, todos os Officios Divinos, que até o dia, primeiro do corrente se celebrem na Santa Igreja Patriarcal: esperando que o zelo do serviço de Deus, e de Sua Magestade, que tanto tem resplandecido na Communidade, a que V. Paternidade reside, nesta ocasião o fará cooperar para o dito effeito, de sorte que os exercicios da Cathedral se façam compatíveis com os do Coro, que a mesma Communidade frequenta com tão exemplar observancia. Deus guarde a V. Paternidade. Paço de Belem a 17 de novembro de 1755.» (in Pombal, 1861: vol. I, 291-293).

Não teve então efeito esta ideia: a patriarcal começou por se instalar na Ermida de São João Joaquim, em Alcântara. Mais tarde sempre foi instalada lá a Patriarcal, por pouco tempo aliás...

- Em 1830, os Religiosos mandaram pintar o tecto da igreja, o do cruzeiro e o das capelas laterais, sendo estas ornadas de quadros alegóricos à vida de São Bento. A reedificação ficou por concluir, devido ao decreto da extinção das Ordens Religiosas em Maio de 1834.

- Em Outubro de 1757 teve início neste Convento o Arquivo Real da Torre do Tombo e a Academia Militar, ou Aula da Fortificação, que se estabeleceu em uma casa situada no pórtico da igreja, no lado oposto à portaria conventual. Aí permaneceu até ao ano de 1991.

- No ano de 1822, quando se deu a Constituição liberal, os Monges foram transferidas para o seu Mosteiro de Tibães, de onde regressaram em 1823.

- Em 1754, foi ali instalada a Patriarcal, depois do grande incêndio que reduziu a cinzas o edifício construído no sítio que hoje é a Praça do Príncipe Real. Mais tarde, depois de passar pela Ajuda, a Patriarcal foi unida à Sé de Lisboa (1834).

- Em 1834 resolveu-se instalar no Convento as Câmaras Legislativas. Para esse fim procedeu-se a grandes obras, que duravam poucos meses. A sala dos Deputados foi feita totalmente de novo. Sala das sessões dos Pares ocupava a antiga Casa do Capítulo.

- A grande cerca do convento foi, por volta de 1880 (?) aproveitada para um novo mercado, que se ficou intitulando de São Bento.

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

POMBAL, Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquês de – *Cartas e outras obras selectas*. 5ª edição. Vol. I. Lisboa: Typographia de Costa Sanches, 1861.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terremoto: Subsidios para a Historia dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Academia das Sciencias de Lisboa, 1917.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DOS CONGREGADOS DE SÃO RAFAEL****Século XVI [1600]**

Foi edificada em 1600.

A igreja, ou capela, estava situada no princípio da Rua da Adiça, entre as ruas de São Pedro e São João da Praça, no largo ainda hoje chamado de São Rafael. Constava de uma capela e um hospício da Congregação de São Rafael.

O Hospício caiu com o terramoto de 1755, escapando apenas a capela, com poucos estragos, que logo se repararam.

Depois de 1834, foi vendida a capela e o terreno ocupado pelo Hospício e o comprador edificou ali uma boa propriedade.

**Bibliografia**

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> – Editores, 1909.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA – 2ª****Século XVI / XVII [1582-1629]****1. ANTECEDENTES**

A primeira igreja e mosteiro de São Vicente de Fora foi fundada por D. Afonso Henriques, primeiro Rei destes Reinos, quando conquistou esta cidade de Lisboa aos Mouros, em 1147. Foi estabelecida no mesmo lugar em que esteve alojado o seu arraial e se enterraram os mártires que com o seu sangue a ganharam. A primeira pedra foi lançada em 21 de Novembro do ano de 1147, no sítio que ficava da parte do Evangelho do altar e capela-mor da igreja, onde depois foi achada, quando se derrubou esta antiga igreja para se fazer a nova. Era esta pedra fundamental quadrada e tinha abertas estas letras:

HOC TEMPLUM AEDIFICAVIT REX PORTUGALLIAE  
ALPHONSUS I. IN HONOREM BEATAE MARIAE VIRGINIS ET  
SANCTI VINCENTII MARTYRIS XI.KALENDUS DECEMBRIS SUB  
ERA MCLXXXV.

= Esta igreja fundou El-Rei D. Afonso I de Portugal, em honra da Bem-aventurada Virgem Maria e de São Vicente Mártir, em 21 de Novembro da era de 1185 [ano do Senhor de 1147].

Consta que foi reformada por D. João III.

O Rei D. Sebastião fez voto, com os vereadores e povo desta cidade, de fazer nela uma igreja de invocação do Mártir São Sebastião, em reconhecimento da protecção do Santo na peste de 1569, e também para nela encerrar algumas relíquias insignes desse mesmo santo, oferecidas pelo Papa. Essa igreja começou a edificar-se no Terreiro dos Paços da Ribeira ao longo do mar, junto ao Cais de Pedra. Quando D. Sebastião faleceu, a obra ainda estava longe de conclusão. E o Cardeal-Rei D. Henrique, para que a dita igreja prosseguisse e se acabasse com mais brevidade, fez doação perpétua de um conto de réis em cada ano sobre o direito dos açúcares da Ilha de São Tomé (padrão de 10 de Fevereiro de 1579).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. PROJECTO DE UMA NOVA IGREJA

Quando o rei castelhano Felipe II tomou posse de Portugal, havia já uns bons 434 anos que a igreja de São Vicente de Fora fora fundada; e achou-a muito arruinada. Resolveu que se procedesse à sua reedificação, acedendo aliás às súplicas dos Cónegos Regrantes da Ordem de Santo Agostinho, ali instalados, e aos pedidos da Câmara de Lisboa.

Por outro lado, o Rei Filipe II persuadira-se que o sítio onde se estava edificando a Igreja de São Sebastião era muito inconveniente para o efeito. Decidiu por isso proceder à reedificação de São Vicente, ordenando que toda a pedraria, achegas (materiais) e aparelhos empregados nas obras da igreja que D. Sebastião mandara construir no Terreiro do Paço fossem aplicados na Igreja de São Vicente de Fora. Pelos frisos da cimalha real da nova igreja de São Vicente, onde se evidenciam flechas aspidas, bem se mostram ser pedras do templo demolido, pois que el-rei D. Sebastião, o fundava com o intuito de o dedicar ao invicto mártir São Sebastião, para ser cabeça de uma Nova Ordem militar, intitulada da Flecha, que meditava instituir (cf. Castro, 1763: vol. III, 443).

## 3. EDIFICAÇÃO DA IGREJA E MOSTEIRO

A iniciativa da reconstrução do monumento coube a Filipe II de Espanha, que atribuiu o título de orago aos dois mártires, São Vicente e São Sebastião.

A primeira pedra foi lançada em 25 de Agosto de 1582<sup>XX</sup>.

O início da construção só se verificou depois de Novembro de 1590. Os trabalhos prolongaram-se pelo primeiro quartel do século XVI: em 1605 estavam de pé apenas a capela-mor, o coro dos cónegos, e o transepto; as naves foram concluídas em 1629.

Ainda que as cerimónias religiosas já li se celebrassem, a inauguração solene do monumento só se realizou em 28 de Agosto de 1629 (47 anos decorridos depois do lançamento da primeira pedra).

As obras continuaram durante todo o século XVII e na primeira parte do século XVIII: sacristia, baldaquino, órgão, etc.

O terramoto de 1755 deitou abaixo o zimbório e o topo do Transepto. Fizeram-se obras de restauro no 3º quartel do século XVIII; novos restauros em 1895.

XX A data de 25 de Agosto tinha um alto valor simbólico, uma vez que correspondia à da Batalha de Alcântara (1580), quando os exércitos espanhóis, comandados pelo duque de Alba, desbarataram os partidários de D. António, prior do Crato, às portas de Lisboa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

#### 4. OS ARQUITETOS DE SÃO VICENTE DE FORA. MODELOS POSSÍVEIS

Vinha sendo geralmente aceite a tese que atribuía o projecto inicial a Filippo Terzi ou Tércio, engenheiro italiano, radicado em Portugal desde 1577.

Ayres de Carvalho, baseando-se em novos documentos, defende ter havido no plano de São Vicente, a participação de Herrera, o autor do projecto do Escorial.

Embora não haja ainda documento autêntico indiscutível, podemos hoje corrigir a atribuição feita por D. Nicolau de Santa Maria ao arquitecto Filippo Terzi. Com efeito, D. Marcos da Cruz, em obra datada de 1626 (ele tinha recebido o hábito de cónego em 3 de Setembro de 1590), afirma que o Rei Filipe II “mandava fazer [o debuxo] por Juan Herrera, seu grande arquitecto, aprovado por Filippo Terzi e outros grandes arquitectos”. O arquitecto J. Herrera veio com o Rei para Lisboa em 29 de Junho de 1581 e com ele partiu em fins de Março de 1583<sup>XXI</sup>. Vd. Segurado, 1976: 23-26; Carvalho, 1971, 80.

Filippo Terzi terá ficado responsável pela construção. Mas faleceu em 1597, quando a edificação mal começara. A responsabilidade coube então aos engenheiros e arquitectos que se lhe seguiram no cargo de “mestres das obras da Igreja de São Sebastião e São Vicente” (como eram denominadas): Leonardo Turriano e Baltazar Álvares<sup>XXII</sup>. Depois, passaram a ser dirigidas por artistas da longa dinastia dos Tinocos: Pedro Nunes Tinoco foi nomeado mestre daquelas obras em 1624; João Nunes Tinoco (filho do precedente) foi nomeado em

XXI Na verdade, o arquitecto Juan de Herrera partiu de Lisboa cerca de um ano antes do rei. Pressionado pelas obras que decorriam no Escorial, foi obrigado a tornar para Espanha provavelmente em Janeiro de 1582, como relata o próprio monarca nas cartas endereçadas às filhas (Bouza, Álvarez, 1999: 120 e 126). Filipe II só saiu de Lisboa no início de Fevereiro de 1583.

XXII A questão do risco da obra filipina de São Vicente de Fora continua, ainda hoje, envolta em algumas incertezas. Não é de facto, de excluir, um aconselhamento geral de Juan de Herrera, que esteve alguns meses em Lisboa com Filipe I de Portugal. O concurso de Terzi também não pode ser completamente afastado, dado o seu papel proeminente em alguns dos empreendimentos mais importantes da Coroa e do seu valimento junto do rei, embora o envolvimento do engenheiro bolonhês nos trabalhos de fortificação entre o Minho e o Algarve até à data da sua morte, em 1597, tenha tornado difícil, senão impossível, a sua assistência no estaleiro lisboeta. Já em relação a Leonardo Turriano, não há qualquer evidência documental, ou outra, da sua colaboração. A crítica inclina-se, actualmente, para a valorização da figura de Baltazar Álvares, não apenas na condução do estaleiro até 1624, quando morreu, mas mesmo como responsável pelas traças da igreja e do mosteiro. A importância que este arquitecto português assume na cerimónia solene do lançamento da primeira pedra, a 25 de Agosto de 1582, descrita por Frei Marcos da Cruz em 1626, é aliás sintomática da sua relevância em todo o processo de concepção do conjunto monástico dos cónegos regantes de Santo Agostinho (Soromenho, 2010).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1640; e Luís Nunes Tinoco foi nomeado em 1691<sup>XXIII</sup>. No reinado de D. João V, aquele cargo foi ocupado por João Frederico Ludovici.

Se se pretender encontrar o possível modelo, onde Juan de Herrera poderá ter ido beber a inspiração para a igreja de São Vicente de Fora, encontrávamos dois templos muito sugestivos:

- A igreja de Gesù, de Vignola, 1568-1575, em Roma: planta em cruz latina, transepto com cúpula, três capelas colaterais à nave, por cada lado...

- A igreja de Santo André em Mântua, de Leo Battista Alberti, 1452-1480: além das características anteriores, uma ampla nave precedida de nartex de três vãos; jogo duplo de pilastras nos dois tramos menores que dividem e intercalam os três tramos maiores das capelas laterais; vasta abóbada de berço, com pronunciados caixotões clássicos...

O interior de São Vicente é de “autêntica Renascença florentina” (J. Segurado), bem diversa do exterior, que é barroco<sup>XXIV</sup>.

XXIII Os trabalhos desenvolvidos por Pedro Nunes Tinoco e pelo filho, João, como mestres das obras de S. Vicente de Fora, após a morte de Baltasar Álvares, em 1624, deram ao mosteiro a sua feição actual, de acordo com o programa geral traçado na refundação do conjunto monástico, imprimindo-lhe no entanto a sua marca expressiva ao nível de certos pormenores da linguagem arquitectónica, naturalmente diversa da de Baltasar Álvares. Pedro Nunes Tinoco seguiu a finalização da abóbada da igreja e começou a construção das zonas claustrais e conventuais, depois terminadas pelo filho, já em finais do século XVII, num processo progressivo que pode ser seguido, em parte, pelos cronogramas inscritos em muitos dos vãos do piso térreo. Se o ritmo dos trabalhos foi lento até cerca 1660, o fim da Guerra da Restauração, em 1668, garantiu o desafogo financeiro necessário aos acabamentos estruturais e, depois, à decoração do espaço interno da igreja: em 1704, por exemplo, ainda não estava instalado o retábulo da capela-mor. Foi ainda no contexto da retoma do estaleiro que, em 1671, se procedeu à trasladação do corpo de D. João IV para o seu novo mausoléu, em cujo desenho terá já participado Luís Nunes Tinoco. São já da época deste último, depois de 1690, a construção da sacristia, com a característica decoração em voga no final do século de embutidos de mármore, e o arranjo da portaria, de inícios de Setecentos, que ostenta o primeiro tecto pintado entre nós em quadratura, devido ao pintor florentino Vincenzo Bacherelli. Se não há indícios de qualquer obra de João Frederico Ludovice em São Vicente de Fora, porque o cargo de arquitecto do convento deixara de ter conteúdo funcional, conhece-se, pelo contrário, um retábulo de mármore riscado pelo engenheiro e arquitecto Carlos Mardel, dedicado a São Miguel, hoje remontado na capela de Santo António, junto ao claustro poente (Soromenho e Saldanha, 1994; Soromenho, 2010 e Coelho, 2018).

XXIV É importante a discussão sobre as fontes tipológicas da igreja de S. Vicente, uma vez que ela remete para o contexto de produção da grande arquitectura portuguesa de finais de Quinhentos e para a circulação internacional de modelos italianos, aos quais Portugal não se manteve alheio. Se foram já aduzidas as influências de Alberti e Vignola – devendo-se acrescentar que é também daqui que advém a disposição de galerias intercomunicantes compostas como naves criptolaterais – há também a considerar a recepção de uma ideia de Pellegrino Tibaldi para a ordem interna e a inspiração da fachada da Villa Cambiaso, em Génova, construída pelo arquitecto Galeazzo Alessi, em 1548 (Branco, 2008: vol. 1, 131-132); deve também ser considerada a lição de Sebastiano Serlio, nomeadamente de uma gravura inserta no seu Livro III (1540), ambas mostrando uma precedente composição da frontaria palaciana, com o seu ritmo de frontões curvos e triangulares alternados. As duas torres da fachada da igreja lisboeta podem, por outro lado, remeter para uma antiga tradição das catedrais portuguesas.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Na Academia Nacional de Belas Artes existe uma planta da igreja e anexos, datada de 1590, sem indicação de autor; e uma réplica da mesma planta, sem indicação de data, assinada por João Nunes Tinoco.

## 5. DESCRIÇÃO DA IGREJA

Achamos que o leitor beneficiará em lhe fornecermos uma descrição mais pormenorizada do que a minha. Assim, damos-lhe a que se encontra na obra *Monumentos e Edifícios Notáveis de Lisboa* (1975: vol. V, tomo II, 169-174).

“Situado em terreno alto e ocupando um vasto quadrilátero encravado entre a Calçada de São Vicente e o Campo de Santa Clara, impõe-se, desde longe, pelas suas proporções e alvura da cantaria, constituindo, no seu conjunto, um dos monumentos sacros de Lisboa mais grandiosos e de maior nobreza.

Exteriormente, há a assinalar a sua fachada, servida por imponente escadaria, com 34 m de largura e 32 m de altura (até à balaustrada) ou 48 m (até ao remate das torres). Esta dispõe-se em três corpos, um central e dois laterais, prolongados por torreões, e em duas zonas ou andares, separados por entablamento com cornija saliente, assente sob dez pilastras com capitéis dóricos. Na parte inferior do corpo central abrem-se três portões de volta perfeita, fechados com grades de ferro (datadas de 1826), centrados nos intercolúnios, que dão acesso ao vestíbulo. Os restantes elementos, nichos com esculturas e janelas, dispõem-se harmonicamente e em rigorosa simetria pelos vários corpos da fachada: sobre os portões de acesso, três nichos com imagens e grandes dimensões de São Vicente (o da esquerda) Santo Agostinho (o do centro) e São Sebastião (o da direita). Nos intercolúnios dos corpos laterais, mais dois nichos com as imagens de Santo António (à esquerda) e de São Domingos de Gusmão (à direita). No andar superior e em simetria com aqueles, dispõem-se, ao centro, três altas janelas quadrangulares e, abertas nos intercolúnios dos corpos laterais, dois nichos com as imagens de São Norberto (à esquerda) e São Bruno (à direita).

Quebra as proporções quadrangulares desta fachada, rematada por balaustrada e coruchéus, os dois torreões sineiros, no prolongamento dos eixos laterais.

A sábia disposição dos vários elementos, rigorosamente subordinados às proporções do edifício, dispondo-se num jogo de alternâncias estudadas, de forma a conseguir grande equilíbrio na sua distribuição – assim, às áticas semicirculares que emolduram os nichos do andar inferior, correspondem áticas triangulares, nos nichos do andar superior –, permitem-nos classificá-lo, num renascimento tardio.

Na face sul da igreja, insere-se a fachada da casa conventual, elevando-se apenas até meia altura daquela, com sua longa fiada de janelas de gradeamento seicentista, e na qual se abre o portal de acesso às dependências claustrais. A rica moldura deste portal, constituída por pilastras rematadas por acrotérios que enquadram uma janela, sobrepujada pelas armas reais, é uma nota destoante, mas incisiva, que contrasta pela exuberância, anunciando o barroco, com o geometrismo, um tanto frio, de conjunto.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O interior do templo corresponde-lhe, inteiramente, na beleza e magnificência dos finos mármore de cores suaves, empregados na sua decoração.

O acesso ao interior da igreja faz-se através de um vestíbulo rectangular onde há a assinalar: o pórtico central que dá entrada ao corpo da igreja, emoldurado com colunas caneladas e verga rematada pelas armas reais seiscentistas; um nicho, à esquerda, com a imagem de pedra de Santo Onofre; medalhões e capitéis decorados com a emblemática de São Sebastião (setas entrelaçadas) e de São Vicente (palma).

O corpo da igreja, toda forrada de boa cantaria e decorada com mármore de várias tonalidades é, talvez, um pouco fria, mas de grande nobreza. É de nave única que atinge 73 m de comprimento, por 28 m de largura. O pavimento é de mármore xadrezado e a abóbada de berço, decorada de caixotões relevados, de mármore branco e cinzento, sobre fundo de estuque rosado. Serve-lhe de moldura uma cornija muito saliente apoiada em quatro pares de pilastras caneladas, com seus capitéis decorados com a emblemática dos oragos, que ladeiam os arcos (três de cada lado) que dão acesso às capelas laterais. Estas que se alternam com altares, abertos entre as pilastras geminadas, têm mudado várias vezes de orago. São igualmente forradas de belos mármore rosados e guarnecidas com molduras de embrechados, apresentando, porém, decoração monótona. A assinalar, apenas, a capela do Santíssimo (terceira, à esquerda), com o seu portal de ferro forjado, adornado com motivos eucarísticos, bom trabalho dos finais do século XVII ou princípios do século XVIII, um retábulo representando a Ceia e uma imagem de São Tude, das mais antigas da igreja; também de assinalar é a capela de Nossa Senhora do Pilar (segunda, à direita), emoldurada por colunas duplas, com boa talha dourada, guarnecida de embrechados à italiana.

O transepto, de braços curtos, com abóbada idêntica à que cobre a nave, com o seu cruzeiro desfalcado do imponente zimbório, destruído pelo terramoto e substituído por uma cúpula de madeira fechada por clarabóia, é separado do corpo da igreja e da capela-mor, por teia com balaustrada de mármore rosado. Nele há a assinalar as duas capelas que ocupam os topos: a da parte do Evangelho, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, revestida de mármore e mosaicos policromos, de efeito muito decorativo e nítida influência italiana, rematase por uma composição alegórica à Santíssima Trindade, ladeada por dois Serafins. Data de 1698. A imagem da padroeira é de roca e substituiu outra que numa tradição, diz ter estado no arraial de D. Afonso Henriques.

A capela que ocupa o topo oposto do transepto, actualmente da Invocação do Coração de Jesus (antigamente da Invocação de Santo Agostinho), destruída pelo terramoto, é uma imitação da anterior, porém, de madeira pintada.

A capela de Santo António, interior, braço direito do transepto, guarda algumas recordações do templo medieval: uma lápide com inscrição em caracteres góticos, circundada de legenda em caracteres romanos, alude à sepultura de Teresa Taveira, mãe de Santo António; e uma lápide cuja inscrição alude à sepultura do *Cavaleiro Henrique, alemão*, o célebre Cavaleiro da Palma, morto no cerco de Lisboa, em cuja a sepultura a lenda refere que floresceu uma palma que tinha a virtude de sarar os enfermos. Nela ainda os altares de Santo António (que foi cônego regente neste mosteiro).

A capela-mor toda de mármore, desde o pavimento à abóbada, apresenta estrutura e tecto idênticos ao do corpo da igreja. Foi, porém, enriquecida por D. João V com um



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

aparatoso altar barroco, colocado sob o alto baldaquino, assente em quatro fortes colunas; ostenta dupla face, uma voltada para o corpo da igreja, e outra para o coro dos cônegos. A estatuária monumental que o decora é marcada pelo gosto italianizante da Escola de Mafra. As esculturas, em tamanho natural, de madeira pintadas de branco, são em número de oito, representando: as da esquerda, São Vicente, Santa Mónica, Santo Agostinho e São José; as da direita, São Sebastião, São Frutuoso, São Teotónio e a Virgem Maria. As estátuas dos padroeiros, São Vicente e São Sebastião, são de Manuel Vieira; as restantes são atribuídas a Alexandre Gomes e António Santos. Também são da autoria de Manuel Vieira, as duas movimentadas esculturas representando anjos, colocadas sobre o arco das portas que dão acesso ao coro dos cônegos. Este, que é muito espaçoso, fica por detrás do altar-mor. Nele, há a assinalar, além de um cadeiral de linhas severas, em pau santo, dez telas, distribuídas em grupos de cinco, colocadas nas paredes laterais, obras secundárias, atribuídas ao Padre Manuel José (segundo quartel do século XVII), representando episódios relacionados com a história da Ordem e dos Padroeiros: (lado esquerdo, ao alto) *Martírio de São Sebastião e O Mártir perante o Tirano*; (em baixo) *São Teotónio e os Pobres, São Teotónio curando D. Afonso Henriques e a Morte de São Teotónio*; (lado direito, ao alto) *São Vicente no Tribunal e Martírio de São Vicente*; (em baixo) *Baptismo de Santo Agostinho. Os cônegos regantes perante Santo Agostinho e Santo Agostinho ditando as suas obras*.

O fundo da cabeceira é ocupado pelo célebre órgão de São Vicente, considerado dos melhores da capital, sustentado por três anjos atlantes e emoldurado por serafins, obra de talha de grande qualidade.

As duas tribunas (real e patriarcal) que se abriam nas paredes laterais da capela-mor foram substituídas por nichos e neles colocadas estátuas de madeira pintada, representando Santo António (à direita) e São Boaventura (à esquerda).

Fazendo o balanço do que acabamos de descrever, e antes de penetrarmos nas dependências conventuais, insistimos no valor deste conjunto arquitectónico. Porém, nem o conjunto escultórico, que é apenas digno, e menos ainda o recheio pictórico alcançaram idêntico nível.

O acesso aos claustros e dependências conventuais faz-se ou pela própria igreja ou, pelo exterior, pelo portal lateral da fachada. À direita, antes de serem alcançados os claustros fica a Sala da Portaria (que serviu também de chancelaria e de capela dos patriarcas), quadrangular, de pé-direito baixo, constitui uma das peças mais preciosas de todo o edifício. Tudo nela concorre para tornar obrigatória a sua visita: o tecto com larga composição representando o *Triunfo da Igreja contra os Manicheus*, tendo como figura central, Santo Agostinho, obra de Vicente Baccarelli, datada de 1710, considerado por Cirilo Volkmar Machado, a melhor obra do género que existe em Lisboa. Efectivamente, pela largueza da composição, harmonia de cores, efeito da perspectiva, partidos de luz e de sombra, fazem dele uma obra admirável, se bem que diminuída pelos restauros de Manuel da Costa em 1796; a teia, das mais ricas de Lisboa, de embrechados policromos com balaustrada torneada em pau-santo; e, por último, os altos alizares de azulejos joaninos, a azul e branco, representando cenas relacionadas com a fundação do Mosteiro, considerados dos melhores espécimes que se fabricaram em Portugal. Neles representam-se: a *Tomada de Lisboa aos Mouros* e a *Tomada de Santarém aos Mouros; cenas da construção do mosteiro e da vida monacal; retratos de D. Afon-*



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

so *Henriques, D. Sebastião, D. João IV, D. Pedro II, D. João V*, isto é, os soberanos que deram protecção especial ao mosteiro.

(Para informação pormenorizada sobre os azulejos desta Portaria, recomenda-se a obra de José Queiroz *Azulejos de S. Vicente de Fora*, 1913).

Os claustros, assim designados no plural por estarem divididos em dois corpos, ocupam extensa área rectangular. São igualmente notáveis os vistosos alizares de azulejos recortados que revestem as paredes dos corredores claustrais em toda a sua extensão, de boa qualidade e grande efeito decorativo. Constituem um riquíssimo conjunto de 81 painéis, da primeira metade do século XVIII, representando assuntos vários (fábulas de La Fontaine, paisagens, vistas marítimas, cenas da corte, de caça, assuntos pastorais ou campestres).

A sacristia ocupa parte do corredor que divide os dois claustros. Iniciada nos princípios do século XVIII, estava concluída em 1716; é trabalho do arquitecto Luís Nunes Tinoco com a colaboração possível, na parte escultórica, de Claude Laprade. É no seu conjunto, de forte efeito decorativo, com o seu forro de mármore policromos que se completa com um tecto onde foi delineada larga composição ornamental de autor anónimo. É de assinalar: o retábulo do altar com pintura representado a *Assunção da Virgem*, de André Gonçalves; um busto representando o Magnânimo, relevado dum medalhão, na sobreporta interior; dois bons arcazes onde se guardam os paramentos e algumas alfaias e imagens, dispostas com certo cuidado de exposição, pelo actual cura, padre José Correia da Cunha. O portal de acesso apresenta notável composição escultórica, emoldurando as armas reais.

Os claustros dão acesso às dependências conventuais, vastas e numerosas. Para elas foi transferido o Paço Patriarcal, depois da extinção das Ordens Religiosas em 1834, encontrando-se, actualmente, ocupadas, em parte, por serviços do Patriarcado.

Algumas destas dependências, pelos numerosos azulejos que ostentam, mereciam exame mais detido, se outra fosse a índole deste trabalho. Não queremos, ainda assim, deixar de chamar a atenção para a rica composição dos alizares das escadarias que levam à torre e aos antigos Paços Patriarcais. Nos terraços do patamar superior aos claustros, há um notável painel de azulejos representando um aparatoso cortejo episcopal, infelizmente em muito mau estado de conservação.

Com acesso pela ala nascente do claustro fica capela onde jazem, em túmulos de mármore, os príncipes D. António e D. José, filhos legitimados de D. João V, conhecidos por Meninos de Palhavã”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 2. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975.

CARVALHO, Armino Ayres de – *As obras de Santa Engrácia e os seus artistas*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1971.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

SEGURADO, Jorge de Almeida – *Da obra filipina de São Vicente de Fora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1976.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA E CONVENTO DE SÃO BENTO DE ENXOBREGAS – 2ª †**< **Século XVI [c. 1600...]**

Este convento, que vinha do século XV e se encontrava na 2ª metade do século XVI necessitado de obras profundas, foi reconstruído completamente graças ao zelo de um dos seus cônegos, o padre António da Conceição.

O referido padre, sem encargo algum na Ordem, tentou reconstruí-lo, apesar de não ter recursos alguns: pois a tradição diz que ela apenas contava de seu setecentos réis. Porém, a sua fama de virtuoso e de santo, que adquiriu em toda a Lisboa, fez com que muitas pessoas, tanto nobres como populares, corressem a ajudá-lo. Até o próprio rei D. Sebastião. E desta forma nunca lhe faltaram braços nem dinheiro, apesar de o plano do convento e da igreja ser majestoso.

A igreja foi edificada desde os alicerces<sup>XXV</sup>.

Tal era a fama de suas virtudes, que logo depois do seu falecimento o povo lhe chamou Beato António, o que depois foi confirmado pela Bula de beatificação, no século XVIII. O mesmo nome de Beato António, ou simplesmente Beato, foi atribuído ao convento e ao sítio adjacente, nome que ficou popular e que se conserva ainda hoje.

Passaram os tempos, e os *Bons Homens de Villar*, ennobrecidos com o título de conegos e outras regalias concedidas pelos papas, fôram adquirindo bens por legados de pessoas devotas e os padroados de muitas egrejas que apresentavam, de fôrma que aquella ordem chegou a ser uma das mais ricas e nobres do paiz. O seu prelado maior denominavase D. Reitor Geral, e gozava de honras episcopaes. S. Bento de Xabregas era a cabeça da ordem, excedendo o seu rendimento annual a 30 contos de réis. A este convento estão ligadas algumas memorias historicas; dizem que D Sebastião ia ali muitas vezes visitar e consultar o padre Antonio da Conceição, que muito venerava, e ainda nas vespersas da partida para Africa se fôra despedir,

<sup>XXV</sup> Outro conjunto monástico a merecer atenção historiográfica. Pouco ou nada se avançou até hoje, mais do que aquilo que, em síntese, José da Felicidade Alves apresentou na presente ficha. Há novos dados documentais que podem ser adiantados sobre o mosteiro, mas falta, seguramente, uma visão analítica da sua especificade arquitectónica e artística. Algumas informações inéditas dão conta, por exemplo, de uma importante campanha de obras com projecto do architecto régio Teodósio de Frias, a partir de 1630 (Mendes, 2017: 46), e outras notícias permitem reconstituir, em Xabregas, uma actividade construtiva constante, desde a remodelação sebástica evocada por José da Felicidade Alves. De 1577 data um “concerto” com o mestre pedreiro João Luís para o dormitório novo, obra que ainda durava em 1590 (ANTT, *Convento de S. Bento de Xabregas*, maço 22, nº 8; ANTT, *Convento de Santo Elói*, Livro 15, fls. 1-52vº), além de outras intervenções miúdas que é possível rastrear no século seguinte, onde avulta a construção da nova igreja, na década de 30, e de um outro dormitório ao findar o século (ANTT, *Convento de S. Bento de Xabregas*, maço 22, nº 26). De resto, é preciso ressaltar a conversão da capela-mor em panteão familiar dos condes de Linhares e o uso ornamental de mármore de cor, de que Teodósio de Frias foi um importante divulgador. Os sepulcros ali dispostos, com as arcas assentes sobre elefantes, remetem, naturalmente, para os protótipos dos túmulos reais na igreja do mosteiro dos Jerónimos, e foram adoptados já no século XVII na capela dos Castro de São Domingos de Benfca e no de Fernão Teles de Meneses, no antigo noviciado jesuíta da Cotovia.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

pedindo-lhe que o recommendasse nas suas orações (in Pereira e Rodrigues, 1906: vol. II, 229).

Parece que o terramoto de 1755 não lhe causou grandes estragos. Por isso, o título de São Bartolomeu, orago duma paróquia situada no Largo dos Loios, perto do Castelo de São Jorge, foi trasladado para o convento de São Bento de Xabregas dos Cónegos Seculares de São João Evangelista, que pertenciam à mesma ordem religiosa do Convento dos Loios, que ficava junto à primitiva igreja de São Bartolomeu até Novembro de 1835, daí ter passado a denominar-se Paróquia de São Bartolomeu do Beato, apesar de ter deixado em 1835 de estar sediada na igreja do Beato (mas sim na Igreja do Convento de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição do Monte Olivete, também conhecido por Igreja “dos Grilos”).

Igualmente foram trasladadas do Convento de Santo Eloy de Lisboa, onde tinham jazigo, e depositadas na capela-mor da igreja do Beato, as cinzas da Infanta Dona Catarina, filha de el-rei D. Duarte.

Na capela-mor também se viam os túmulos dos antigos condes de Linhares, sustentados por elefantes de mármore.

## 1. 1834

Com a extinção das Ordens Religiosas, em 1834, os cónegos de São João Evangelista tiveram de abandonar o Convento. O templo passou a Próprio Nacional.

”O templo do antigo convento de S. Bento dos Loios, riquíssimo de obras d’arte, de preciosas alfaias e de memorias historicas, foi então profanado, suas primorosas molduras de obra de talha arrancadas, ficando as paredes nuas, as capellinhas da cerca que constituiam o celebre *embrexado* despojadas de seus bellos mosaicos, e arruinada tambem a capella ou gruta em que estava representado em figuras ao natural o passamento do Beato Antonion

No convento havia duas cousas dignas de menção: a livraria, que constava de uns 10:000 volumes, e a escada conventual pela sua beleza e magnificencia, construida de marmore branco e côr de rosa, e guarnecida de balaustradas com estatuas” (in Pereira e Rodrigues, 1906: vol. II, 229).

O convento ficou então servindo de hospital militar. Um grande incêndio o destruiu depois, em grande parte.

Pensou-se em destinar a igreja do Beato António para Panteão dos Nobres<sup>9</sup>. Depois o convento foi dividido em lotes e vendido a diversos particulares, para casas de habitação e armazéns.

A maior parte dos lotes leiloados foram arrematados pelo industrial João de Brito que ali montou uma fábrica a vapor de moagem de cereais e de fabrico de pão e bolachas e armazém de retém de vinhos da Estremadura.

<sup>9</sup> Depois da venda do convento, ainda a igreja serviu por muito tempo; porém desde o final do século XIX (?) ficou completamente arruinada.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

As fábricas e armazéns de João de Brito foram sucessivamente ampliados e a sua indústria tornou-se progressiva. Em 1917, foi integrada na Nova Companhia Nacional de Moagem, até que, dois anos depois (1419), se constituiu a Companhia Industrial de Portugal e Colónias, que se tornou depois numa poderosa força na indústria do nosso país. No entanto, é justo destacar aqui, mais uma vez, a actividade do industrial João de Brito, com a qual muito contribuiu para o progresso e desenvolvimento desta área. O seu nome também se fixou na memória do povo e tanto assim é que ainda hoje, muita gente designa as instalações da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, por Fábrica do Brito.

### Bibliografia

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. II. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> – Editores, 1906.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA****Século XVII [1604 - 1625]**

Este convento insere-se na história da Ermida de Nossa Senhora da Penha de França, pelo que é indispensável ter em conta o que se diz no artigo relativo à dita Ermida (vd. acima neste mesmo tomo).

Por volta do ano de 1600 “sentiu-se a urgência de que na dita Ermida estivessem alguns Religiosos que confessassem, e sacramentassem, e tratassem as mais coisas do serviço de Nossa Senhora. Daqui tomaram motivo os Religiosos de São Domingos para pedirem a Afonso de Torres que lhes fizessem doação do que tinha naquele sítio, e da aução [poder] da capela, e do direito senhorio das casas do Ermitão, com certas condições de que fizeram contrato no ano de 1600. Isto deu lugar a algum litígio”...

No princípio do ano de 1601, ofereceram António Simões e sua mulher, de sua livre vontade, a Ermida e juntamente as casas em que viviam o Provincial e mais religiosos da província de Nossa Senhora da Graça, dos Eremitas de Santo Agostinho, para a sua Ordem. No dia 4 de Janeiro de 1601 fez-se a escritura do contrato.

“O ermitão reservou para si a administração da dita Ermida em sua vida, e que os Religiosos entenderiam somente em confessar e sacramentar; contudo, logo ficaram dois religiosos conservando a posse, para o que a Religião mandou edificar umas casas” (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 68). Entretanto, a demanda com os Padres Dominicanos cessou.

**1. INSTALAM-SE OS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO (1603)**

Verificando os Eremitas que aquele regime não resultava bem, trataram com o Ermitão que lhes largasse toda a administração e lhes vendesse as suas casas para nelas viverem. No dia 1 de Agosto de 1603 celebraram uma escritura, pagando muito bem ao ermitão e fazendo-lhe outros favores.

E tomando posse de tudo em Outubro seguinte, ordenaram o seu recolhimento, que era muito pobre e humilde, pois não continha mais que as pobres casinhas que haviam feito, e as do Ermitão. Assim perseveraram enquanto se não fez o Convento Novo, que foi o mais perfeito que teve a Província.

Os religiosos obtiveram do Papa Clemente VIII alguns privilégios eficazes, em 1605 (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 68):

- que se não pudesse edificar de novo mais alguma ermida, em qualquer sítio que seja nem com quaisquer privilégios (ainda que seja com os de São João de Jerusalém), em distância de três milhas da dita Casa de Nossa Senhora;

- que nos Reinos e Senhorios de Portugal se não possa edificar mais alguma igreja com o título de Nossa Senhora de Penha de França;



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- concedeu muitas indulgências aos irmãos da Irmandade dos Mareantes da Índia, instituída na mesma casa por D. Jerónimo Coutinho;

- concedeu mais uma indulgência plenária e remissão perpétua de pecados a todos os que do porto de Lisboa partirem para partes onde a viagem costuma durar de um mês para o outro, se dentro dos últimos oito dias ordenados para se embarcarem, confessados e comunicados visitarem a casa de Nossa Senhora.

## 2. A CONSTRUÇÃO DA IGREJA E CAPELA-MOR

Os Religiosos trataram logo com a Câmara da Cidade sobre o cumprimento do voto feito em 28 de Janeiro de 1599, quanto à fábrica da capela-mor. Mandaram fazer a planta pelo arquitecto de el-Rei, Teodósio de Frias<sup>XXVI</sup>. Aberto concurso foi arrematado pelo Mestre pedreiro Adrião Jordão. Tratou-se logo de se lançar a primeira pedra: o que se fez em uma sexta-feira depois da Ascensão, nesse ano de 1604.

A obra da igreja, que pertencia aos Religiosos, também se começou logo a tratar dela; e assim correu tudo por conta do mesmo Mestre.

A igreja ficou acabada em 1625; e a imagem de Nossa Senhora da Penha de França transferiu-se então para o novo templo com a mais notável pompa que, segundo a tradição, foi das mais esplêndidas festas religiosas realizadas em Lisboa. A procissão percorreu grande parte da cidade; e durante o trajecto foram-se-lhe reunindo diversas irmandades e confrarias, músicas e danças, que ao recolher contava 200 guiões, 118 cruces, 18 turmas de charamelas, e muitos outros instrumentos e danças populares.

A conclusão do convento, porém, deveu-se a numerosas esmolos, concorrendo com especialidade de bens dados em 1667 por António Cavide, mestre do Infante D. Pedro, depois D. Pedro II.

## 3. A IMAGEM E OS SEUS MILAGRES

A imagem da Senhora foi colocada na tribuna da Capela-mor, dentro de uma rica charola de talha ricamente dourada. A Santa Imagem era de madeira. Porém, a devoção dos que a servem a tem revestida de prata em chapa, semeada de pedras ricas. Tem pouco mais de quatro palmos [c. 88 cm] de altura. É esta fada; no braço esquerdo tem o Menino Jesus, e na mão direita um ceptro. Põem-lhe mantos de ricas telas, segundo as cores de que usa a Igreja. Tem toalha feita da mesma escultura, mas de prata. Na fermosura é admirável. Está colocada sobre uma peanha de prata de cinco palmos de altura, primorosamente lavrada, e com algumas figuras do mesmo metal; a qual assenta sobre outra peanha de jaspe, que se

XXVI O culto a Nossa Senhora da Penha de França tornou-se, de facto, uma das devoções mais populares dos lisboetas, expresso em inúmeros testemunhos iconográficos espalhados por toda a cidade ao longo dos séculos XVII e XVIII (Moita, 1990-1998).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

levanta de outro pedestal quadrado de jaspes brancos e revestido de cores, que faz alguns dez palmos por cada face.

As maravilhas e milagres que esta Senhora tem obrado são infinitos, como se manifesta nas inumeráveis memórias de que está coberto todo aquele seu templo, e ainda a sacristia e via-sacra, como são: quadros, mortalhas, muletas, cadeias, pontas de espadartes, peles de grandes lagartos marinhos, braços e pernas de cera, e corpos inteiros.

#### 4. DESCRIÇÃO DA IGREJA, NO SÉCULO XVIII (C. 1704)

“O corpo da igreja não é grande, nem em comprimento nem em largura. Tem uma só nave; a porta principal é para Nascente, e outra para o norte. O tecto é de abóbada” (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 71).

Tem onze capelas: a capela-mor, seis no corpo da igreja (três de cada lado), duas colaterais no cruzeiro, e mais duas laterais também no cruzeiro.

As capelas do corpo da igreja (seis) “constam de seus arcos de pedra, e sobre eles corre uma cimalha também de pedra, que só se estende pelos dois lados do corpo da igreja e sobre a cimalha assentam três janelas quadradas. A igreja só recebe luz das janelas que ficam do lado direito, pois as do lado esquerdo são fingidas. O espaço que vai entre uma janela e outra é revestido todo de azulejo, como também aquele vão que vai entre os arcos das capelas e as janelas” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 72).

As capelas do cruzeiro da banda da epístola são as de São Tomás de Vila Nova, com sacrário, e São João Baptista; as da banda do evangelho são as de Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora do Livramento.

A dividir o corpo da igreja e o cruzeiro, correm umas boas grades retorcidas, com seus pilares de pedra da Arrábida.

**Capela-mor** – É de forma quadrada, em quatro arcos iguais, em altura e largura, com o principal da entrada. E sobre eles corre uma cimalha em círculo, de mármore vermelho, e dela para cima fica o tecto da capela, que é de pedraria em meia laranja, fingindo almofadas negras e vermelhas sobre a pedra.

No altar se vê uma nobre banquetta de mármore, e no meio dela, uma cruz de prata lisa com um crucifixo também de prata, a que assistem sempre a mesma banquetta seis castiçais grandes de prata; e de prata são quatro grandes alâmpadas, que ardem de dia e de noite na dita capela.

O retábulo desta capela é de boa talha e bem dourado, com duas colunas por banda. Entre as colunas tem lugar a boca da tribuna, enriquecida por umas grades de prata, sobre as quais assentam seis castiçais; e entre elas, seis jarras com ramalhetes, tudo obra de prata.

Do arco para dentro, vê-se uma tribuna, com muita largueza e capacidade, que goza de muita luz que lhe comunica uma janela que fica nas costas do trono em que está a imagem da Senhora. No meio desta tribuna fica assentada uma grande pedra de mármore branco, embutida de ramos, que tem de altura três palmos [=66 cm]; e sobre esta pedra, que é quadrada,

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

assenta outra de Arrábida, em forma de uma penha, mostrando vários penedos e rochedos, representando uma serra tosca (alusão à serra da Penha de França, em Castela). E sobre esta pedra de Arrábida, assenta outra penha de prata, que faz penha ao trono da imagem da Senhora, a qual em sua origem foi de pau. A piedade dos seus devotos a cobriu de prata batida.

Na mão direita tem a Senhora umas flores de prata. Sobre a cabeça tem a Virgem uma coroa, que se não é de ouro como representa, é de prata perfeitamente dourada. A imagem do Menino, que a Senhora sustenta no braço esquerdo, tem na cabeça outra coroa da mesma matéria e forma. Um rico dossel de lã encarnado cobre a imagem da Senhora.

## 5. SEPULTURA DE ANTÓNIO CABIDE

“Nos dois lados da capela-mor está a sepultura de António Cabide, o qual mandou lavrar para si uma e outra para a sua mulher” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 72). Este António Cabide comprou o padroado da capela-mor da igreja, que era do Prior de Alenquer Manoel da Silveira de Magalhães, por uma escritura feita em 1 de Outubro de 1663 (ou no ano de 1667?). Estão ali sepultados, António Cabide, e a sua (segunda) mulher, D. Mariana Antónia de Castro. Dotou a capela-mor com os rendimentos da Capela de Vasco Esteves de Gatos (nome de uma herdade também chamada do Cervo, no termo de Vila Viçosa, que rendia cada ano mais de um conto de réis). Aplicou juntamente ao Convento 820.000 réis de juro, por esmola de 14 missas quotidianas (60.000 réis cada uma), das quais aplicou duas por alma do Senhor Rei D. João IV (do qual tinha sido mui valido, e recebido muitas mercês), com um ofício solene todos os anos; mais uma pela vida e saúde do nosso rei, sendo ele português ou falando a nossa língua; uma pela alma de Maria Vaz Fialha, sua primeira mulher; duas pela alma de Dona Mariana Antónia de Castro, sua segunda mulher; uma pelas almas do Purgatório e pela alma do bispo D. Frei Gaspar, religioso agostinho; uma pelas almas do pai e mãe do dito António Cabide; e seis pela sua alma (de António Cabide)<sup>XXVII</sup>.

**Coro.** Foi feito muitos anos depois de concluída a igreja. Está previsto para quarenta religiosos, com quarenta cadeiras muito bem obradas; por cima tem seu respaldo de painéis, que correspondem às cadeiras, e se dividem uns dos outros por uns pilares com sua cimalha por cima.

O coro tem o seu órgão, que lhe fica imediatamente adjacente, do lado direito do corpo da igreja.

XXVII António Cavide foi uma importante personagem política no contexto da Restauração e da afirmação governativa dos primeiros Bragança e cujo papel está longe de se poder considerar bem definido. Fiel servidor de D. João IV e de D. Afonso VI, caiu depois em desgraça durante a regência do infante D. Pedro, tendo sido aprisionado. É sintomática da sua estreita ligação à nova dinastia a escolha de um modelo tumular na Penha de França que lembra o das arcas sepulcrais do panteão ducal de Vila Viçosa, na igreja dos Agostinhos, cuja obra seguiu de perto (Gonçalves, s.d.: 98-100).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**Sacristia.** Com capacidade proporcionada à igreja e convento. O tecto é de abóbada ornada de um brutesco de flores, ramos, e meninos. Fronteiro à porta fica o arcaz, que é obra-do com muito primor que se vê nas muitas molduras e frisos, tudo de pau-santo, com muita ferragem dourada.

Além do ornato material da casa da Sacristia, há nela muito bons e ricos ornamentos, especialmente os que pertencem ao altar-mor, que servem nas festas da Senhora.

**Irmândades.** Havia quatro Irmândades. A mais antiga, e mais célebre, era a dos mareantes, dedicada a Nossa Senhora da Penha de França, e que fazia a sua festa no mês de Setembro com grande solenidade, que dura três dias. Há mais duas consagradas a Nossa Senhora, das quais uma se intitula da Senhora do Livramento, e outra de Nossa Senhora dos Afligidos, ou dos Escravos de Nossa Senhora. A quarta é do serviço de São João Baptista.

## 6. ACONTECIMENTOS NO SÉCULO XVIII

Em 1754 renovou-se a igreja, que já estava bastante deteriorada. Mas em 1755 sucedeu a terrível catástrofe do terramoto, e a igreja ficou completa ruína, havendo a lamentar ainda a perda de mais de 300 pessoas que assistiam à festividade de Todos os Santos.

Três anos depois achava-se o templo novamente restaurado.

Vd. Igreja do Convento de NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA, Restauro: 1755-1758

### Bibliografia

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens.* Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, pp. 411-413.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972, pp. 71-77.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♂ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS DOS PADRES CARMELITAS DESCALÇOS [“MARIANOS”]

Século XVII [1611-1613]

### 1. SANTA TERESA DE JESUS E DE PORTUGAL

A Santa tinha encomendado muito a Nosso Senhor o exército com que El-Rei D. Sebastião passou a África com o desejo de triunfar dos inimigos do nome cristão. E como o Senhor revelasse à dita Santa Teresa que o exército português tinha sido totalmente derrotado [4.Agosto.1578], consolou-a da pena que ela teve com essa perda do exército português nos campos africanos, dizendo-lhe que permitira tal perda por achar os portugueses dispostos “para trazê-los a mim”. Diz ela que ficou com tão grande estimação da Nação Portuguesa, que lhe sobrevieram grandes desejos de ir fundar algumas casas do Carmelo Reformado naquele Reino. O Senhor lhe disse [em 15 de Agosto do ano de 1578] que não iria ela a Portugal fundar casas da sua reforma, mas iriam suas filhas e seus filhos<sup>10</sup>.

Logo no primeiro capítulo que se celebrou a 3 de Maio de 1580 na vila de *Alcalá d’Enares*, em que se assentou que os Padres Carmelitas Descalços ficavam isentos dos Provinciais Observantes e sujeitos ao Provincial que entre si elegessem, e fazendo-se logo eleição e declarado por ela Provincial o Padre Frei Jerónimo Graciano da Madre de Deus, – se passou a tratar de ser conveniente estender a nova reforma além dos limites de Castela.

Foram ponderadas as razões que aconselhariam a não estender a Portugal a nova reforma, por se achar o Reino unido de fresco à monarquia de Castela, com pouco gosto e vontade dos Portugueses; mas o Provincial, mantendo a confidencialidade do documento em que Santa Teresa manifestava a sua vontade e a promessa de Cristo, conseguiu com outras razões que todos se conformassem com o seu voto.

E tratando-se imediatamente de nomear os sujeitos que haviam de vir para Portugal, fez-se eleição do Padre Frei Ambrósio Mariano de São Bento para Superior de todos.

### 2. PADRE FREI AMBRÓSIO MARIANO

Não era castelhano por nascimento, mas sim italiano, cuja pátria era a cidade de Bitonto, no Reino de Nápoles, onde nos primeiros anos cultivou as letras. Depois passou ao exercício das armas, tomando o hábito da Ordem dos Cavaleiros de São João Baptista.

No ano de 1562, junto à cidade de Córdova, tomou o hábito de ermitão, unindo-se a alguns que no sítio chamado Tardon faziam vida eremítica, em que persistiu alguns anos. Sucedeu-lhe encontrar-se em Madrid com Santa Teresa que o afeiçoou ao seu hábito, estando a Santa em Pastrana, em casa do Príncipe Rui Gomes da Silva, o qual tinha dado a Ambrósio

<sup>10</sup> Ver infra, em anexo, a nota sobre as revelações de Santa Teresa.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Mariano e ao seu companheiro João uma ermida da invocação de São Pedro, junto a Pastrana, para nela fazerem vida eremítica.

A Santa atraiu os dois eremitas à sua nova Religião e fez que na mesma ermida se fundasse um convento para frades da reforma. O padre Frei Pedro Muriel, religioso dos Padres Carmelitas Observantes e delegado do Provincial, lhes deu o hábito para leigos, não querendo Ambrósio Mariano entrar para sacerdote; depois, porém, veio a ordenar-se. Este acto celebrou-se em 9 de Julho de 1569. A ele assistiu a Santa Madre Teresa; e ela com duas filhas suas coseu os hábitos por sua mão a Frei Ambrósio Mariano de São Bento (que este nome escolheu) e a Frei João, que adoptou o apelido da miséria. A mesma santa assistiu à sua profissão que fez em 12 de Julho de 1570.

O Frei Ambrósio Mariano escolheu ele próprio os companheiros no mês de Setembro de 1581 e chegaram a Lisboa no dia 1 de Outubro do dito ano. Foram hospedar-se no Convento dos Carmelitas Observantes. Achava-se nesse tempo em Lisboa o Rei Filipe II de Castela (I de Portugal), ao qual foi logo beijar a mão o Padre Frei Ambrósio Mariano. O Rei mostrou gosto de o ver em Lisboa e quis tomar à sua conta a fundação do convento. Ao que o Padre delicadamente obstou, dizendo: A mercê, Senhor, que peço a Vossa Majestade é que não queira meter sua real mão em obra que não sofre as grandezas e magnificências a que ela está costumada; e assim nos faça Vossa Majestade a mercê de construir que a fábrica da morada dos pobres corra por conta deles. Ao que o Rei respondeu: Só farei o que me pedirdes.

Pediu-lhe então que se servisse de lhe mandar dar uma esmola para alugar umas casas em que principiasse o convento; o Rei fez-lhe esmola cada ano para o novo convento de 100:000 réis de renda.

### 3. PRIMEIRA INSTALAÇÃO: NA PAMPULHA [1581-1604]

Para dar princípio à fundação, recorreu Frei Mariano pela licença do Arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida. Este afeiçoou-se-lhe tanto na primeira prática que não só pôs o despacho à petição, concedendo o que lhe pedia, mas depois ajudou com largas esmolas a mesma fundação. A mesma benevolência achou no Senado da Câmara.

Munido das licenças necessárias, tratou o Padre Frei Ambrósio Mariano de buscar sítio acomodado para a fundação. E vistos vários, mostrou mais satisfação de umas casas que eram de Francisco do Campo de Távora e de Dona Maria Ribeira sua mulher. Ajustou-se sem dificuldade o preço do aluguer, dando os proprietários a palavra de lhes venderem tanto que tivesse dinheiro para as pagar.

Acomodadas as casas para os oito religiosos, para lá se passou o Padre Mariano e seus companheiros, sem estrondo nem aparato (evitando a solenidade que haviam projectado os seus amigos portugueses). Terá sido em 14 de Outubro de 1581.

As Casas situavam-se na Pampulha, onde mais tarde foi o Convento e Hospital dos Caritativos Religiosos do português São João de Deus. O Padre Mariano quis que o dito Convento de Carmelitas Descalços ficasse sob a invocação de São Filipe (homenagem ao Rei Filipe?), ou São Filipe Real.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Aí permaneceram até ao ano de 1604 (22 anos). As Casas ficavam próximo à beira-mar, sobre um penedo que então ali existia, ficando com a frente para o lado sul.

Estavam os Padres Carmelitas satisfeitos do lugar em que estavam havia já mais de 20 anos.

Mas como para fabricarem o convento como desejavam, lhes fosse necessário comprar as casas, a mulher de Francisco do Campo de Távora (entretanto falecido), Dona Micia [ou Milícia] Ribeiro, pôs tais condições para efectuar a venda, que não as podendo cumprir os Religiosos, foram obrigados a deixar o sítio de São Filipe.

#### 4. SEGUNDA INSTALAÇÃO: A SÃO CRISPIM [1604-1611]

Os Carmelitas passaram então para umas casas que compraram a D. Garcia de Noronha, junto ao Castelo de São Jorge, defronte da primitiva Ermida de São Crispim, onde depois foi o Seminário de Colegiais Irlandeses, de São Patrício.

A este novo convento deram os Padres Carmelitas o título de Madre de Deus, continuando no entanto a Província a denominar-se de São Filipe.

Os Religiosos não se conservaram ali muito tempo. Não sabemos muito bem quais as razões.

#### 5. TERCEIRA E DEFINITIVA INSTALAÇÃO: EM SANTOS (DESDE 1611)

Buscando outro lugar, vieram a escolher um sítio vizinho da Igreja de Santos-o-Velho, na estrada que ia para Alcântara. Sobre lograr ares saudáveis, tinha a comodidade de boas vistas quer para a terra quer para o rio, com larga cerca que lhe podia fornecer hortaliza e fruta, e juntamente alívio para os Religiosos moradores do convento, que podiam fazer algum exercício útil à conservação da saúde. E dentro da cerca se encontrava outra, com uma Ermida mui devota.

Escolhido o sítio com satisfação dos que o haviam de habitar, comprou-se a maior parte dele por 700:000 réis a Vasco Fernandes César, e a outra parte a Francisco Soares por 120:00 réis, moderando os vendedores o preço por fazerem serviço à Religião de que ambos eram devotos. Por a terra ser foreira ao Mosteiro de Santos, em mil réis cada ano, era necessária a licença da Comendadeira de Santos para a compra ter efeito; porém, a Comendadeira, como tão devota de Santa Teresa e de seus filhos, não só consentiu na venda largando do Convento o directo senhorio da dita terra, mas também lhe largou o foro de 3:200 réis em umas casas que a Ordem lhe deu na freguesia de São Tiago. A Comendadeira era Dona Anna de Alencastre.

Ajustada a compra do sítio, o Padre Vigário Provincial lançou a 1ª pedra do edifício, numa quarta-feira 27 de Setembro de 1660, quase dois anos depois de estarem os Padres no Convento da Madre de Deus, a São Crispim. A diligência que se pôs na obra, e as esmolas de

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

muitos devotos, fez com que em 1611 o convento estava apto a poder ser habitado. E assim, em 3 de Maio de 1611, fizeram a mudança, levando diante na Procissão em andores ricamente ornados todas as imagens de culto que havia na igreja. Depois dos andores, seguiam acompanhando ao Senhor a Comunidade dos Religiosos Padres Carmelitas Observantes e muitos sacerdotes.

Mudaram então novamente o nome do Convento para Nossa Senhora dos Remédios.

## 6. A IGREJA CONVENTUAL

A igreja em que entraram em 1611 era exígua. Acomodaram-se no que depois passou a ser a portaria e alpendre. Mas não se descuidaram os Padres em a melhorar, fazendo outra igreja. E no dia de Páscoa de 1613 foi colocado o Santíssimo na nova igreja. As obras continuaram, com a ajuda de muitos benfeitores. Entre estes, merece particular menção Luís César de Menezes que, com o beneplácito de sua mulher Dona Vicência Henriques, fez em 1641 doação de uma terra, que depois se chamou Cerca Nova.

A igreja de Nossa Senhora dos Remédios está em sítio elevado. Antes de chegar à porta e ao pórtico que está diante dela, sobe-se da rua um degrau, sobre que assenta uma porta de grades de ferro; e entrando por ela em um tabuleiro, fica a cada lado dele uma escada, por onde se sobe a outro tabuleiro ou adro que fica antes do pórtico da igreja. O adro é quadrado e espaçoso, de pedra de várias cores. Logo defronte fica o frontispício da igreja, assente sobre colunas de pedra. À entrada havia um alpendre, sobre o qual se via num nicho a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, de pedra. Este nicho era acompanhado de duas tarjas de pedra, de mediana grandeza, onde estavam gravadas as armas da Ordem.

Entrando pela única porta que tem, encontra-se a igreja de uma só nave; o coro assenta sobre a abóbada do pórtico, entrando também com alguma parte no princípio do corpo da igreja.

A capela-mor tinha um retábulo ao antigo, portanto sem tribuna. Além do sacrário e imagens de culto que tinha no altar, assentava sobre ele uma banqueta com a imagem de um Crucifixo, com seus castiçais. Nas ocasiões de festa, viam-se entre o retábulo várias relíquias bem ornadas com muitos ramalhetes de flores artificiais e outras naturais<sup>XXVIII</sup>.

No cruzeiro, dos dois lados da capela-mor, ficavam outras duas capelas que não eram grandes. Em frentes da porta que dá acesso à Sacristia, ficava uma outra capela com um arco de vinte palmos de vão [= 4,40m] no topo. Este vão era revestido de mármore brancos e vermelhos, tal como as paredes da capela, em que estavam embutidos dois arcos em corres-

XXVIII No Museu Nacional de Arte Antiga conserva-se um magnífico tríptico do pintor flamengo Pieter Coeck van Aelste (1502-1556), figurando a Descida da Cruz, proveniente da igreja do convento dos Marianos. Executado entre 1540 e 1545, foi posto mais tarde à venda em Lisboa, onde, em finais do século XVI, foi adquirido por frei Ambrósio Mariano para a igreja do seu convento de Lisboa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

pondência, dentro dos quais se viam duas sepulturas lavradas de mármore. Na sepultura da parte da epístola lia-se a inscrição seguinte:

«SEPULTURA DE D. CATHERINA MARIA DE FARO HENRIQUES E GUSMAM ESCRAUA DE JESUS MARIA JOSEPH, MULHER DE BRAS TELLES DE MENESES, SENHOR DE LAMAROSA, FILHA DE D. FERNANDO DE FARO HENRIQUEZ, DA CASA REAL DE PORTUGAL E DE D. JOANNA DE GUSMAM, DA CASA REAL DE CASTELLA E SIDONIA: REQUIESCAT IN PACE».

(in *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 91)

Na parte do evangelho jazia seu marido com este epitáfio:

«SEPULTURA DO INUENCIVEL GENERAL BRAZ TELLES DE MENEZES, ESCRAUO DE JESUS MARIA JOSEPH, SENHOR DA LAMAROSA, FILHO DE LUIS DA SYLUA TELLES DE MENEZES, DA CASA REAL DE SILVIO E IJON, E DE D. ISABEL PEREYRA, DA CASA DA FEYRA, QUINTO NETO DEL REY DOM FERNANDO DE PORTUGAL E D'EL REY DOM HENRIQUE DE CASTELLA, QUE COMEÇOU A SER GENERAL DE IDADE DE VINTE ANNOS DA GENTE DE GUERRA DA CIDADE DO PORTO: E FOY POR GENERAL Á INDIA, E O FOY TAMBEM DE MAZAGAM E DE CEYTA CONSEGUINDO EM TODAS AS PARTES GLO- RIOSAS UICTORIAS CONTRA OS INIMIGOS DE NOSSA SANCTA FÉ EM DEFENSAM DA PATRIA: DOS QUAES GLORIOSOS FEYTOS FOY GOZAR O PREMIO AO CEO EM DEZASEIS DE AGOSTO DE 1637».

(in *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 92).

Nesta capela ardiam três lâmpadas em honra de Jesus, Maria, José, cujas imagens eram veneradas no altar em companhia de um grande e devoto crucifixo. Na mesma capela se conservava o Santíssimo Sacramento. E no altar, vasado no meio, estava a imagem do Senhor Morto.

No corpo da igreja havia quatro capelas. Na primeira que ficava no corpo da igreja na parte da epístola, tinha sepultado o Doutor Ignácio Ferreira; tomou-a para enterro de seu pai

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

sua filha Dona Bernarda Ferreira de Lacerda<sup>XXIX</sup>, a que acrescentou grande perfeição Dona Maria Clara de Menezes, filha de Dona Bernarda.

## 7. EVENTOS POSTERIORES

- Sobre o átrio estava a primeira capela ou ermida, que em 1840 se via toda destruída, servindo por várias vezes de casa da guarda.

- Depois da extinção das Ordens Religiosas em 1834, a igreja conservou-se com o seu capelão, que era um frade da extinta Ordem.

A cerca foi alugada, tomando-a a seu cargo pessoa também da mesma Ordem.

Algum tempo depois foi vendida, de que resultou estabelecer-se no muro da frente da rua um novo prédio bastante extenso, onde se instalou uma fábrica de louça, das faianças Battistini, ficando a cerca para expediente da mesma fábrica.

- O Convento esteve por muito tempo ocupado com tropa, servindo de arrecadação de objectos militares; mais tarde (1835) aquartelou-se ali o batalhão nº 17 da Guarda Nacional, servindo de hospital militar aquando da epidemia da febre amarela (1856-1857).

- Por fim, concedeu-se a maior parte do convento ao maquinista português Engenheiro Gaspar José Marques, para ali proceder aos seus trabalhos.

- O templo servia como oficina de fabricante de velas e navios, quando foi comprado pela Congregação da Igreja Escocesa (Presbyterian Church) de Lisboa que por sua vez o vendeu à firma Pulverstaf and Co, "Sociedade Missionária Protectora da Igreja Evangelica Lusitana" em 1898. Desde então ali exerce o seu ministério, sob a invocação de São Paulo (vd. Almeida, 1988: vol. V, tomo 3, 29).

XXIX Filha do Doutor Inácio Ferreira, chanceler-mor do reino, D. Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644), nascida no Porto, foi poetisa e escritora de mérito, autora, entre outras obras, da poesia épica em castelhano, *Hespaña Libertada*, publicada por Pedro Craesbeeck em Lisboa, no ano de 1618.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO

## NOTA SOBRE AS REVELAÇÕES DE SANTA TERESA

Santa Teresa registou a resposta que o Senhor lhe deu no dia 15 de Agosto de 1578 numa meia folha de papel, com a sua firma em baixo. O dito papel, tendo passado às mãos do venerável padre Frei Jerónimo Graciano da madre de Deus, Confessor da Santa e primeiro Provincial que foi da Reforma Carmelitana, foi conservado por este em grande segredo, entendendo que a publicação dele seria pouco grata ao Governo de Castela. Antes da sua morte, o Padre Frei Jerónimo Graciano o comunicou como grande relíquia ao Padre Frei Philippe de Jesus, em cujas mãos certifica o Padre Frei Melchior de Sancta Anna, religioso carmelita descalço, na Crónica que compôs desta Província, que viu, leu e trasladou o dito papel no ano de 1629.

Segundo Melchior de Sancta Anna, o Padre Frei Philippe de Jesus comunicara-lhe a notícia do referido papel sob juramento, não querendo, como castelhano que era, que enquanto fosse vivo passasse dele o segredo, de que por sua morte ficou desobrigado.

O teor do referido papel, em palavras vertidas fielmente do castelhano em português, é como se segue:

«Depoys que Deos Nosso Senhor pera me consolar da pena que tive com a perda do exercito portugues nos campos africanos me disse que a permittira por achar aos portugueses dispostos, fiquey com tam grande estimação da Nação Portuguesa na qual até os soldados estragados nas outras estavam tam bem dispostos, que me sobrevieram grandes desejos de ir fundar algumas casas do nosso Carmello reformado naquelle Reyno, parecendo me que resultaria disso grande glória a Deos e augmento da Religiam com os sogeytos portugueses que se me representavam tam bons e inclinados à virtude. Pedi à sua Divina Magestade com a mayor instancia que pude que me fizesse esta mercê, e dia d'Assumpçam da Rainha dos Anjos me disce o Senhor: «Tu, filha, não irás a Portugal fundar casas de tua reforma, mas iram tuas filhas e teos filhos, porque quero augmentar o numero dos bons Religiosos que ha naquelle Reyno com os teos, e que cresça o motivo de suspender o castigo que lhe dey e uzar de misericordia com elle. Tambem será levada a elle a tua mam esquerda, que lhe quero dar a mam de hum atam amada sposa pera o levantar da miseria em que estava caído e restituilo às felicidades antigas e darlhe o penhor de outras aventejadas». Até qui a Sancta e logo se seguia a sua firma na forma seguinte: «Thereza de Jesus Carmelita» (apud *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 80-81).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Tomo V, Vol. 3. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1988.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> – Editores, 1909.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DE JESUS****Século XVII [1615: 1ª pedra]**

Era de Religiosos da Terceira Ordem Regular de São Francisco, erguido no sítio então chamado “dos Cardais”.

**1. A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DE JESUS; E AS CASAS DE LUÍS RODRIGUES**

Os Religiosos da Terceira Ordem Regular de São Francisco, com vários conventos no Reino que formavam uma Província, desejaram muito erguer em Lisboa um Convento dessa Província (vd. *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 7).

“Ofereceu-se boa ocasião a existência, naquele sítio onde depois foi o convento, de uma Ermida dedicada a Nossa Senhora, da qual cuidava um devoto ermitão, que a ofereceu aos Religiosos.

Vizinho à Ermida tinham Luís Rodrigues, homem nobre e piedoso, e seu irmão umas casas em que moravam. Entendendo o muito que os ditos Religiosos desejavam fundar naquele sítio um convento, e que para isso lhes oferecia já o ermitão a Ermida de Nossa Senhora, quis ele também concorrer para a obra com as próprias casas da sua morada, fazendo delas e dum cardal que tinha vizinho a das doações aos Religiosos da Ordem Terceira”.

**2. INSTALAÇÃO DOS RELIGIOSOS EM 1595; 1ª PEDRA NA IGREJA EM 1615**

“Os Religiosos trataram logo de alcançar as licenças necessárias para fundar naquele sítio o convento que desejavam, no que encontraram não poucas dificuldades e contradições. Vencidas porém todas e alcançada finalmente a licença do Arquiduque e Cardeal Alberto, Governador do Reino e nele legado *a latere* de sua Santidade, vieram os Religiosos a tomar posse assim da Ermida como das casas e cardal, sendo Provincial o Reverendo Padre Frei Paulo da Maya” (vd. *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 8). Foi a tomada posse a 17 de Abril de 1595.

Logo se foram servindo da Ermida, acomodando também a sua habitação conforme lhe permitiam as posses. Os seus rendimentos provinham das missas, dos acompanhamentos que a sua comunidade fazia aos defuntos para que eram chamados, e da música pela qual eram bastante requisitados para muitas festas por ser muito bem executada.

Crescendo as esmolas, abalançaram-se a construir uma nova igreja, a que deram início, lançando a primeira pedra em 30 de Julho de 1615. Foi lançada por Cristóvão de Almada, provedor da Casa da Índia; e veio a celebrar-se a primeira missa em 24 de Fevereiro de 1623, dia em que ficaram concluídas as obras tanto do convento como da igreja.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A capela-mor mandou-a construir, à sua custa, o arcebispo de Lisboa Dom João Manoel, pertencente à família dos Condes de Atalaia e Marquês de Tancos, como dizemos em seguida. Era descendente do Rei Dom Duarte.

### 3. D. JOÃO MANOEL E A CONSTRUÇÃO DA CAPELA-MOR

Dom João Manoel, sendo ainda bispo de Vizeu, já se tinha ajustado com a Província da Terceira Ordem para lhe darem padroado da capela-mor para seu jazigo e dos Condes de Atalaya que na dita Casa se fossem seguindo.

Depois foi promovido do bispado de Vizeu ao de Coimbra: e no mesmo tempo se foi fabricando a capela-mor. Depois o dito senhor passou de bispo de Coimbra a arcebispo de Lisboa; e estando já de posse na Igreja metropolitana de Lisboa, foi elevado à dignidade de vice-rei deste reino; passou depois à Corte de Madrid, regressando dela no mês de Julho de 1633. A capela-mor ainda se achava sem retábulo. Decorrido, porém, um mês depois de chegar a Lisboa, faleceu.

Ainda assim, deixou ao Convento 140:000 réis cada ano de juro no Real d'Água desta cidade, das quais aplicou 100:000 réis para quatro missas quotidianas por sua alma e de seus pais; e os restantes 40:000 réis consignou para fábrica da sua capela. Deixou ainda mais 60:000 réis cada triénio, para a despesa que se faz no Capítulo Provincial em sustentar os Religiosos que cada três anos concorrem a ele, com a obrigação que os capitulares nos três dias em que se faz o capítulo celebrassem missas por sua alma.

O dito arcebispo dotou a capela-mor de muitos e ricos ornamentos, entre os quais havia dois de grande preço, um que servia nas festas solenes, outro que tinha uso no dia de defuntos e no ofício soleníssimo que na dita igreja se fazia todos os anos pela alma do seu padroeiro. O primeiro era de prata sobre dourada e lavrado com primor de arte. Além dos referidos paramentos, doou 6 grandes tocheiros que se colocavam no sepulcro, e 6 castiçais que ornamentavam a banqueta do altar-mor, mais 2 ciriais, uma cruz, umas galhetas, duas campainhas, um turíbulo, uma naveta, um prato grande com o seu gomil. Os tocheiros e os castiçais eram de ébano. Fez mais doação à sacristia de um missal iluminado, que lhe foi mandado de Roma como oferta digna de um grande príncipe eclesiástico.

É digno da maior estimação o tesouro de relíquias que aplicou à sua capela, colocadas em dois santuários; entre as quais se venerava uma insigne relíquia do santo Senhor em custódia de prata dourada; mais dois espinhos da coroa de Cristo, um braço de Santa Úrsula, um dente de Santa Apolónia, e outras.

Tomou o dito arcebispo à sua conta acabar e aperfeiçoar o cruzeiro da igreja, com obrigação que ninguém se possa enterrar em suas sepulturas sem instituir capela ou missa quotidiana na igreja.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

#### 4. DESCRIÇÃO DA IGREJA (COMO ERA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XVIII)

**Praça e escadarias.** É de notar a praça que lhe ficava fronteira, com um terraço de bastante grandeza para nos dias de festa acomodar muitas carruagens. E desta praça se começa a subir uma escada com largura competente ao frontispício, a que consta de 13 degraus, e vencidos estes se segue um tabuleiro formado de lajes e deste se torna a subir outra escada que consta de 7 degraus; vencidos estes, se chega ao segundo tabuleiro, do qual se passa ao último que fica na altura do pavimento do pórtico da igreja.

**Pórtico e frontispício.** No primeiro corpo do frontispício se levantam oito pilares, em que assentam três grandes arcos; e sobre estes arcos corre por toda a frontaria uma cimalha de pedra lavrada; e sobre a cimalha se vêem três grandes janelas; e cada uma das sobre-ditas janelas assenta a prumo sobre o meio de cada um dos arcos do primeiro corpo. E no segundo corpo, em que têm lugar as janelas, se continuam os mesmos pilares que dissemos haver no primeiro corpo. E sobre os pilares e janelas do segundo corpo corre a cimalha real; e dela para cima se fecha a frontaria em um ângulo com uma torre também de pedra lavrada, em que têm seu lugar os sinos, ficando a torre à mão direita de quem quer entrar na igreja. O espaço que vai dos arcos do pórtico até à porta da igreja é de abóbada, e o pavimento bem lajeado. Correspondente ao arco do meio, tem lugar a porta principal; e aos lados, duas portas colaterais, de pedraria.

**O Sub-Coro.** Entrando do pórtico para dentro, é a outra parte do sub-coro (a outra parte fica sobre o pórtico), cuja frontaria é sustentada por dois pilares quadrados de pedra branca, nos quais se acomodam as pias de água benta. O tecto que se vê por baixo do pavimento do coro, é guarnecido todo de vários painéis oitavados, de levantadas molduras. E nessa parte do sub-coro tem lugar de cada parte duas capelas mais pequenas, com arcos de pedrarias e retabulozinhos dourados. Cada uma tem grades na frente, com pilares de mármore vermelho e balaústres de pau-santo.

**Corpo da igreja.** Avançando até ao cruzeiro, vêem-se de cada lado quatro capelas com respectivos arcos de pedraria. Não são grandes nem de muito fundo; ficam à face da igreja, e alguns têm os tectos ornados de pintura; noutros são ornados os tectos com tarjas de meio-relevo também com pintura. Os lados de algumas são revestidos de azulejos, e os de outras, ornados de pintura. Todas têm grades na frente, cujos pilares são de mármore vermelho e balaústres de pau-santo. Sobre o meio de cada uma das quatro capelas há uma grande janela rasgada, com respectivas grades em frente, que representam serem de pedra branca, e por estas janelas se comunica muita luz à igreja. O espaço entre uma e outra janela é ocupado por painéis da mesma grandeza das janelas. E por cima das janelas e painéis corre a cimalha real, que é de pedraria, a qual começa onde acaba o coro e vai seguindo por toda a igreja até se ajuntar com a do retábulo do altar-mor.

**O tecto da igreja.** Sobre a dita cimalha, levantou-se o tecto da igreja, que era feito de abóbada de ladrilho, e assim permaneceu muitos anos na forma em que se tinha acabado. No mês de Dezembro de 1694, veio abaixo a dita abóbada. O Provincial Padre Frei João da Magdalena tratou logo de o reparar; e com tanta diligência o fez, que ao fim de um ano levantou o tecto da igreja, mas de madeira, fazendo-o arqueado, e o mandou pintar.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**Cruzeiro.** O corpo da igreja é dividido do cruzeiro por umas grades de pau-santo, guarnecidas de bronze dourado. Também o corpo da igreja é separado do cruzeiro por um grande arco. Há no cruzeiro mais três arcos iguais: um, que forma a entrada para a capela-mor; e os outros dois são os que ficam sobre as capelas do topo do cruzeiro.

**Capela-mor.** Bem proporcionada no comprimento, largura e altura, ao que pede a igreja. Toda ela nos seus lados é de pedraria bem lavrada, e da mesma é o tecto da dita capela. Em cada um dos seus lados se levantam quatro pilares, que sobem do pavimento até se ajustarem com a cimalha real. Entre estes pilares tem lugar, em cada lado, dois arcos de pedraria, cujo fundo não excede a grossura do mesmo arco. Dentro, têm painéis em molduras de talha dourada. Sobre cada um dos ditos arcos, vê-se uma janela quadrada. Bem no meio de cada lado da capela fica um arco, dentro do qual se inclui uma nobre sepultura dos pais e avós de Dom João Manoel. O retábulo – feito já depois da morte do arcebispo – tem duas grossas colunas por cada banda; entre elas, de cada banda, interpõem-se uns painéis. Sobre as colunas e capitéis corre a cimalha do retábulo. E por cima, um painel de Cristo crucificado; e no meio do retábulo, há lugar para expor o Senhor (apud *Historia dos Mosteiros*, ed. 1972: vol. II, 11).

**Coro.** Era grandioso. Antes de entrar nele, encontra-se a casa chamada ante-coro, que assenta sobre a portaria principal. Possui duas janelas com muita luz e bela vista sobre alguma parte da cidade. Tem assentos à roda. O tecto é de esteira, forrado com várias formas de painéis e todo pintado de brutesco. Entre as duas janelas, há uma capelinha com o seu retabulozinho dourado de três colunas, por banda, e dentro dele a imagem da Virgem Senhora da Conceição. O Coro dispõe de dois andares de cadeiras, de bordo, bem ornadas: são um cento delas com o respectivo respaldo da mesma madeira, e nele, 30 painéis de boa mão que representam a Vida da Virgem, tudo obra de talha. Por cima do respaldo vêem-se três grandes painéis, no lado em que tem lugar a porta que dá entrada para o coro; no lugar fronteiro, um bom órgão embebido na parede. Ao dito órgão, seguem-se dois painéis iguais aos que se deixam ver no lado por onde se entra no coro; e mais dois painéis ao fundo do coro. Todos estes sete painéis representam a Paixão do Senhor, e todos são ornados de largas molduras de talha. Ao meio das grades do coro, assenta uma imagem do Senhor Crucificado. Há mais no coro uma nobre estante, de madeira de jacarandá (*Historia dos Mosteiros*, ed. 1972: vol. II, 14).

**Sacristia.** O tecto é de abóbada. Os arcazes são de boa madeira, embutidas de negro com ferragens de bronze dourado. Sobre os arcazes, corre um respaldo em que se contam dez painéis. Aos topos da sacristia, há dois arcos de pedraria, fronteiros um ao outro: num deles fica o lavatório; no outro, uma capela com um retábulo com a imagem do Senhor Crucificado. Há ainda uns armários que incluem as gavetas dos amitos; uma mesa de pedra, embutida, assente sobre um pé de pedra branca, para se colocarem os cálices; e dispõe de prata conveniente ao serviço da igreja (*Historia dos Mosteiros*, ed. 1972: vol. II, 14).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 5. ALGO SOBRE O INTERIOR CONVENTUAL

**Claustro.** Quadrado, em cada lado sete pilares com seus pedestais, em que assentam seis arcos. É um dos melhores entre os que há nos grandiosos conventos da cidade.

**Portaria principal.** Casa quadrada, com tecto de abóbada, lados guarnecidos de azulejo e painéis de retratos por cima.

Dormitórios.

**Enfermaria.** Dá para 12 enfermos. Muita claridade. Uma capela própria. Cozinha e despensa privativa, junto; dois religiosos só para a cozinha e despensa.

Refeitório

Noviciado.

O **Terramoto de 1755** causou muitos estragos à igreja.

Vd. Igreja do convento de NOSSA SENHORA DE JESUS – 2ª

## Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS DE BENFICA – 2ª****Século XVII [1624-1632]**

A primitiva igreja do Convento de São Domingos de Benfica foi fundada em 1399. Era igreja simples, e com pouco custo, mas devota; pouco correspondente em obra e artifício.

No início do século XVII mal podiam já as paredes da igreja suportar as cargas da construção; envelhecidas dos rigores dos tempos, ameaçavam por muitas partes tal ruína, que era necessário acudir-lhe com rapidez, para não arriscar o edifício maior dano.

**1. INÍCIO DA REEDIFICAÇÃO, EM 1623. CONCLUSÃO EM 1632**

Corria o ano de 1623. O Prior do Convento de Benfica, o Mestre Manuel Telles cessava as suas funções de Prior; e foi eleito o Padre Mestre Frei João de Vasconcellos, que na altura lia Teologia no Convento de São Domingos de Lisboa, e que depois veio a ser Provincial da Ordem, Pregador da Capela Real, e do Conselho Superior do Santo Ofício. Entra em conselho dos mais velhos, convence mesmo os mais renitentes, faz cotejar várias plantas; manda derrubar todo o corpo e cruzeiro da igreja velha, ficando em pé apenas o Coro e a Sacristia.

A primeira pedra foi lançada em 29 de Junho de 1624. O último remate foi em 1632, dia em que se disse a primeira missa na Igreja Nova, 5ª feira de Endoenças. Mudou a portaria, fazendo-se para ela uma fermosa casa; fez-se novo Claustro, novo Refeitório, com todas as mais oficinas necessárias, novo Capítulo e nova Igreja.

**2. A IGREJA NOVA**

Estava a igreja nova do Convento de Benfica no mesmo sítio em que ficava a antiga. É fabricada de uma só nave, em forma de uma perfeita cruz.

No meio do cruzeiro, rematava-se com um alteroso zimbório. As paredes eram grossos muros, por todas as partes guarneçadas de pedraria bonita; e sobre os cunhais, cerca a igreja uma bem saída e pomposa cimalha, donde nascem as voltas de quatro arcos, em cujas cabeças faz círculo outra cimalha que dá princípio ao referido zimbório. Ocupam as paredes frestas rasgadas, e abrigadas com vidraças cristalinas, com que o templo fica muito claro.

As capelas desta igreja são, ao todo, nove: seis no corpo da igreja, duas nos braços do cruzeiro, e finalmente a capela-mor. As demais têm correspondência entre si, no sítio, na marcenaria dos retábulos, somente diferem em ser diferentes as imagens que nelas estão, umas de vulto, outras pintadas em quadro; mas todas trazidas de fora do Reino, pelo Padre Mestre, por serem feitas pelos mais insignes artífices da Europa.

Entrando pela porta, à mão direita é a primeira Capela, dedicada aos Santos Auxilia-dores, dezassete em número, singulares na prerrogativa de se alcançar do Senhor tudo quanto



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

se pedia por sua intercessão. Esta é a única capela que se via a estes Santos dedicada. Em frente, à mão esquerda, é da prodigiosa Imagem de Nossa Senhora chamada do Soriano, tomando o nome do lugar em que a Rainha do Céu trouxe à terra, do seu servo São Domingos; a Senhora está acompanhada das duas protectoras da Ordem Dominicana, Santa Catarina e Santa Maria Madalena.

A segunda capela em ordem é a do Espírito Santo (Pentecostes). E em frente, a capela da Assunção da Senhora.

A terceira é da Transfiguração; e em frente, representa-se a Descida do Senhor a libertar as Almas dos Santos Patriarcas.

Fazem guarda a estas capelas grades bem torneadas de pau santo, com seus remates de bronze, que continuando fecham todo o cruzeiro; e sobre elas nos cantos, de uma e outra parte, fazem sacada dois peitoris lavrados de pedra branca, sobre que estribam dois proporcionados púlpitos marchetados, com sombreiros sobrepostos.

Entrando no Cruzeiro, vemos nos topos duas capelas mais alterosas, fazendo rosto e competência uma a outra, lavradas ambas com o mesmo debuxo de marcenaria entalhada. Levantam-se quatro colunas, emparelhadas de duas em duas, que sustentam um airoso frontispício de flores e vários brutescos; abre-se no meio de toda esta obra um grandioso nicho, cercado pelo interior de ressaltados florins da mesma talha.

As imagens que ocupam os nichos são ambas de vulto; e eram consideradas “as melhores de toda a Europa”... Da parte da epístola, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, de estatura natural, com os olhos postos no Menino, que tem sobre a mão esquerda, dando com a direita o Rosário a seus devotos. Veste a Senhora túnica branca, semeada de flores de ouro; e cobre-a manto azul com rica bordadura também de ouro, ao pincel. São tais as dobras e meneios destes vestidos, que houve quem se enganou por vezes, julgando por seda o que é pura madeira. A Senhora pisa uma nuvem coberta de um tropel de Serafins, e remata-se em baixo com uma bem traçada peanha. Neste altar está a milagrosa imagem de São Domingos, que comumente lhe chamou de Barba Dourada.

Na capela fronteira, outra imagem do Senhor Jesus, da mesma estatura e mão. Tem os braços cravados ao alto, está com os olhos no céu.

Vieram estas imagens (e outras duas, que veremos no altar-mor) do Reino de Castela, feitas por um insigne oficial, e por tal chamado à corte de Castela, português, natural do Porto. Chamava-se Manuel Pereira.

Em respondência da imagem de São Domingos, se pôs neste altar, outra de São Francisco.

A capela-mor. Subindo três degraus do cruzeiro, descobre-se o pavimento matizado de um xadrez de pedras pretas e brancas; daqui se sobem outros três degraus ao altar que fica separado do retábulo, quanto dá lugar a uma franca Via-sacra. O altar é de uma pedra branca, embutida de vários jaspes negros e vermelhos, com a banquetta de mármore vermelho, lavrado com boa arte, para serviço dos castiçais e mais ornato. Detrás das pontas deste altar, afastado dele quanto cabe a Via-sacra que dissemos, começa a obra do retábulo, assente sobre oito alterosos pedestais de jaspe vermelho, brunidos e perfilados com diamante em cada face, e largas molduras; ficam quatro a uma banda, e quatro a outra, postos em quadro, de

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

sorte que dão pelo meio de cada uma bastante serventia. Sobre ele se levantam oito alterosas colunas, que vão receber uma formosa cimalha, sobre a qual se levantam dois nichos, um de cada parte, nos quais estão as duas boas imagens (que vieram da mesma parte que as que dissemos atrás). A da direita é de São Domingos, lançando a bênção a seus filhos; e ao pé o seu costumado companheiro (o cão) com sua divisa na boca; a outra imagem correspondente é do glorioso São Pedro Mártir. Entre estes dois nichos, dá volta um formoso arco, que faz assento de cada parte sobre duas das colunas interiores, e vai fazendo volta até as outras duas da outra banda. Sobre o fecho do arco corre outra mais extensa cimalha, que tomando toda a largura, se vai unir com a da pedraria da capela. Daqui se levanta um prolongado quadro na mesma mão: este quadro contém um agradável Presépio, em que está a Senhora descobrindo o Menino Jesus aos Pastores, sob o olhar enleado de São José.

Detrás do altar, entre os primeiros pedestais de jaspe, uma grandiosa peanha de jaspe, em corpo oitavado; sobre esta peanha sobem oito airosas melhas, que começando em retorcidos quartões, continuam em meios corpos de umas alegres figuras, que com as cabeças sustentam o primeiro e maior corpo do sacrário, em que se conserva o Santíssimo Sacramento. Cercam o Sacrário oito colunas no mesmo estilo oitavado, entre os quais se abrem nichos com vários Santos da Ordem, tirando só a face dianteira onde fica a porta do sacrário no meio de uma tarja de vários serafins e talha. A outra face que fica para o Coro mostra um painel que contém a Adoração dos Santos Magos. Esta primeira peça é rematada com oito lindos remates, que divisão(am?) os oito cantos; de entre eles saem outras oito colunas mais pequenas, que fazem uma charola descoberta e nela uma figura abraçada com uma cruz: a Fé. Coroam em torno esta charola outros oito remates; no meio destes nasce a última peça mais pequena, também oitavada, rodeada de várias methas e flores, que dão lugar a dois nichos, um para a igreja, em que está a figura da Esperança, com sua divisa de âncora, outro para a parte do côro, em que se recolhe a figura da Caridade, ocupada com uns meninos inocentes.

Finalmente sobre esta última peça arremata um globo, cercado de dois querubins, que vão receber o pé de uma cruz entalhada ao vize, cujos remates nas pontas são flores de liz (vd. Cacegas e Sousa, 1662: 98-101).

### 3. ALTERAÇÕES POSTERIORES

a) Por detrás do altar-mor fica o Coro conventual. É um espaço de muito equilíbrio, onde sobressaem: o cadeiral monástico; um órgão alemão do século XVII; os quadros no espaldar do Coro, representando a vida de Nossa Senhora, obra de André Gonçalves († 15 de Junho de 1762), que também foi o pintor da Vida de José no Egito na Sacristia da Madre de Deus. É neste coro que está colocado, desde o início do século XX, o sarcófago de João das Regras.

b) Em 1685, foi mandada construir, no lado direito do transepto, ao canto, a capela de São Gonçalo de Amarante. Uma porta encimada por um brasão abre para a capelinha onde está a imagem do Senhor Jesus dos Passos. A capela dedicada a São Gonçalo de Amarante é pequena mas rica. É de planta octogonal, construída de jaspes. Uma inscrição latina declara que em 1685 o bispo do Brasil D. Frei Manuel Pereira mandou fazer a capela. É muito e apura-

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

do trabalho, em lindos mármore. Estatuetas de finíssimo Carrara povoam os nichos. Preside São Gonçalo de Amarante, tendo aos lados a Senhora do Rosário, São José, Santa Apolónia, Santa Teresa, São João de Deus, São Filipe, São Domingos e São Tomás de Aquino.

As colunas salomónicas aos lados de São Gonçalo são de pedra fina da Arrábida, de um trabalho apuradíssimo (vd. Pereira, 1905: 8-9)<sup>xxx</sup>.

c) O terramoto de 1755 arruinou alguns sectores do convento e da igreja, mas foram prontamente restaurados.

d) No ano de 1818 houve um incêndio no convento, que esteve quase a ponto de se perder. A Livraria é que ardeu completamente, queimando-se muitos livros raros e manuscritos de bastante apreço.

e) Em 1834 foi extinto o Convento. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, existente na igreja, tomou posse dela, com autorização do governo, e a conservou por algum tempo com decência, tendo capelão próprio.

Mais tarde, o convento foi vendido à infanta Dona Isabel Maria, conservando-se o claustro e a portaria.

A igreja, parece que deixou de pertencer à Irmandade do Rosário, ou porque esta acabasse, porque esteve alguns anos sem culto.

Estabeleceu-se ali um Asilo e casa de educação à infância.

Depois do falecimento de Dona Isabel Maria, dizem ter ali estado uma fábrica de chitas, depois foi entregue a umas irmãs de caridade francesas.

A cerca foi vendida e passou a propriedade particular.

f) Temos notícia de que a igreja esteve encerrada durante muito tempo. Só foi reaberta ao culto no domingo de Páscoa, 3 de Abril de 1904. Nesse dia celebrou-se missa no altar-mor, a primeira depois das morosas obras de concerto e reparo que durante anos impediram os exercícios do culto (vd. Pereira, 1905: 29).

g) Houve algumas obras por volta do ano de 1979. Neste ano de 1979, o templo foi cedido à Força Aérea.

XXX A capela de São Gonçalo de Amarante, como José da Felicidade Alves sugere, é um excelente exemplo de um gosto artístico qualificado e cosmopolita. Concluída cerca de 1685 pelo mestre pedreiro José Lopes (a quem dificilmente, no entanto, se atribuiria a responsabilidade do projecto) apresenta planta em octógono irregular, inscrevendo-se por isso no gosto coevo pela exploração das possibilidades dinâmicas das planimetrias centralizadas. A exigência estética de D. Fr. Manuel Pereira, que ressalta na predilecção por um revestimento exclusivo de mármore coloridos, ou ainda no elegante lançamento das colunas salomónicas do altar-mor, revela-se sobretudo nas esculturas de mármore de Carrara, dispostas em nichos, que provavelmente trouxe de Roma, onde viveu de 1670 a 1677. Embora sem testemunho documental, foi já atribuída a sua autoria ao escultor Ercole Ferrata, discípulo de Gian Lorenzo Bernini (Vale, 1996).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

#### 4. ALGUNS TESOUROS QUE ENCERRA

A igreja constitui um belo exemplar do barroco seiscentista.

Encerra belos silhares de azulejos. São obra de António de Oliveira Bernardes, que pertencia a uma família de artistas, que trabalhou imenso em vários géneros. Datam do 1º quartel do século XVIII e figuram vários passos da vida de São Domingos e de São Francisco de Assis.

A talha é o “conjunto mais perfeito da primeira metade do século XVII existente no país” (Smith, 1962). O seu autor foi Jerónimo Correia.

O sacrário é de madeira entalhada, de grande elegância, principalmente no corpo superior.

As imagens de Nª Sr.ª do Rosário e do Senhor Jesus (nas capelas do transepto) são de Manuel Pereira, artista que nasceu no Porto em 1588 e trabalhou muitas décadas ao serviço da corte de Madrid. Serão também dele as imagens de São Domingos e de São Pedro Mártir, no altar-mor.

Os quadros de pintura conservados no espaldar do coro, que representam cenas da vida de Nossa Senhora, são de André Gonçalves (falecido em 15 de Junho de 1762). As pinturas das capelas laterais da nave são de Carduchi, assim como o quadro da Natividade, por cima do sacrário. Baldaquino.

O órgão alemão é do século XVII.

#### 5. SEPULTURAS E EPITÁFIOS

- Em primeiro lugar, o túmulo do **Dr. João das Regras**, a que dedicaremos um parágrafo especial.

- De valor excepcional são os túmulos de **D. João de Castro e outros familiares**, de que daremos notícia em Capela dos Castros – 16.

- Existia no Convento um epitáfio que primitivamente marcava o lugar de repouso das relíquias de **Frei Vicente de Lisboa**, a quem D. João I cedeu a Casa Real de Benfica para estabelecimento do instituto dominicano, em 1399. Este Frei Vicente era provincial da sua Ordem em Castela e Portugal, Inquisidor Geral de Espanha, confessor e pregador de D. João I. Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*, (1752: tomo III, 783) diz que “*per illum* [Frei Vicente] *in hac civitate* [Lisboa] *et in diversis hujus regni partibus, desfructa fuerent opera et diaboli et haereses erroresque, atque idolatriae. Edidit etiam vários libros excellentis doctrinae*”.

- No antecoro, existe o sarcófago de “**Vasco Martins de Albergaria**, cavaleiro fidalgo da casa do Sr. Infante D. Henrique e seu camareiro-mor, filho de Afonso Lopes da Albergaria, o qual passou da vida deste mundo das feridas que houve na Tomada e no descerco de Ceuta aos ... dias do mês de Dezembro da era de Jesus Cristo de 1436 anos”. É um pequeno sarcófago de tampa alta; o letreiro na facha anterior da tampa e da arca. No meio o brasão com a

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Cruz de Avis, sanguinha, aberta e floreteada, com oito escudetes azuis das quinas reais. Aos lados do escudo uma fita em relevo, onde se lê a divisa porém vede bem.

- Olhando para a capela-mor, a porta à nossa esquerda abre para uma passagem que serve o coro e a sacristia, o antecoro. Aí, no chão, próximo dos degraus que levam ao coro, está uma campa singela. Diz:

AQUI JAZ  
FREI LUIZ DE SOUZA.  
NASCEU EM 1553  
MORREU EM 1632.

A seguir, na mesma campa:

MANDOU COLLOCAR  
ESTA LAPIDA  
O PADRE JOAQUIM  
PINTO DE  
CAMPOS  
NATURAL DE  
PERNAMBUCO  
(BRAZIL)  
AOS 4 DE JUNHO DE  
1878.

Frei Luís de Sousa chamava-se Manuel de Sousa Coutinho. Por 1583 contraiu matrimónio com uma senhora rica, Dona Madalena de Vilhena, viúva de D. João de Portugal, morto na batalha de Alcácer-Quibir (1578). Após vários acontecimentos, os dois esposos separaram-se: ela foi para o Convento do Sacramento em Alcântara, ele entrou no Convento de São Domingos de Benfica, com o nome de “Frei Luís”.

- Outro letreiro tem inscrição sepulcral de **Frei Diogno Gonçalves Belliagua**, frade dominicano, primeiro povoador do mosteiro, isto é, o primeiro que aqui residiu, falecido em 31 de Agosto de 1410.

- À direita da capela-mor, na parede, está a sepultura de **Fr. Arnao**, da mesma Ordem, falecido em 2 de Maio de 1502.

- Outras sepulturas: S. Diogo Antunes, 1662. S. de Maria Coelha. D. G.º Veloso d'Araújo, cavaleiro fidalgo da Casa d'el-rei N.S. e de sua mulher Joanna de Bulhão. F. a 3 de Março de 1603. S.ª de João Velho Lobo... Travassos...

- Há ainda sepulturas de membros da família dos marqueses da Fronteira: marquesa de Fronteira D. Helena Josefa de Lencastre. F. em 14 de Março de 1763. D. Maria Constança da Câmara, marquesa de Fronteira e de Alorna. N. em 24 de Julho de 1801. F. em 11 de Setembro de 1860.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 6. OUTRAS RECORDAÇÕES

- D. Frei Bartolomeu dos Mártires [1514-1590] foi Prior de São Domingos de Benfca, que era o grande noviciado da Ordem em Portugal, antes de ser criado o Arcebispado de Braga em 1558.

- Deixou nome a Romaria de São Domingos de Benfca. A origem desta romaria vem contada na *Historia de São Domingos* de que extraímos:

«Partia para a Alemanha certo mercador, quando os frades começavam a povoar a casa. Assentou el-rei D. João I com elle que lhe fizesse lavrar n'aquellas partes, em fino alabastro, uma imagem do santo para dar aos frades. Não foi descuidado o mercador; fez a imagem e embarcou-se com ella. Na viagem levantou-se tormenta, e foi o perigo tal, que os que mandavam a via se deram por perdidos, tratando cada um dos remedios da alma, mais do que do governo da embarcação. N'este estado foi instincto do céu lembrar-se o mercador da peça que trazia. Cheio de animo e confiança, deu vista d'ella aos companheiros; exhortou-os a se encommendarem ao santo, esforçou-se a devoção com a necessidade; mostrou o Senhor que a intercessão do seu servo dava vida e salvação aos affligidos; porque n'um momento cessou a furia dos ventos, abrandou o mar, e correram com bonança até tomarem a barra de Lisboa, e entrarem o rio. Celebrou-se o successo como verdadeiro milagre, e tanto que soou na cidade, como sua vida e substancia pende de navegações, obrigou o povo a estimar e buscar a imagem; e porque constou que valêra aos navegantes que a traziam em um domingo de maio, dura a romagem em taes dias, tem seu assento no altar do Rosario em um nicho dourado que fica aos pés da Senhora.» (in Cacegas e Sousa, 1662: 92).

A concorrência tornou-se tão importante, que se julgou indispensável instituir-se uma feira naquele lugar para abastecimento dos romeiros. A requerimento do prior e mais religiosos do Convento de Benfca, el-rei D. José a concedeu por alvará de 2 de Maio de 1751. Esta romaria acabou com a extinção dos Conventos, em 1834.

## 7. O TÚMULO DO DOUTOR JOÃO DAS REGRAS

João das Regras foi um notável jurisconsulto, filho de João Afonso das Regras e de Sentil Esteves; e enteado de Álvaro Pais, em virtude do segundo matrimónio de sua mãe. Nasceu em Lisboa, em data que se ignora; e faleceu em Lisboa a 3 de Maio de 1404.

Foi cavaleiro da Casa de El-Rei; Senhor das Vilas de Castelo Rodrigo, Tarouca e Baldigem, de Cascais e seu termo, do reguengo de Oeiras; das dízimas das sentenças condenatórias de Évora; da jurisdição da Lourinhã; e das rendas da portagem d Beja.

É provável que tenha estudado na Universidade de Bolonha; e foi professor na universidade de Lisboa.

Teve papel do maior relevo (juntamente com o Doutor Martim Afonso) no levantamento popular que conduziu à eleição de D. João, Mestre de Avis, como regedor e defensor do Reino, de que logo foi nomeado chanceler e conselheiro. Mas foram as admiráveis peças jurídicas pronunciadas nas Cortes reunidas em Coimbra em Março de 1385, que verdadei-



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ramente immortalizaram o seu nome: foi a sua argumentação que poderosamente contribuiu para que o Mestre de Avis se chamasse Rei.

Por carta de 25 de Outubro de 1400, foi nomeado encarregado ou protector da Universidade de Lisboa.

Actualmente o seu túmulo está colocado no Coro da Igreja Conventual de São Domingos de Benfica. Inicialmente a sua sepultura teria estado no adro da igreja, junto da porta. Não se sabe ao certo a época em a se terá efectuado a primeira trasladação do túmulo. Consta, todavia, que esteve muitos anos no centro do templo primitivo, causando grande transtorno devido à estreiteza deste. Quando no século XVII se reconstruiu a igreja, foi o túmulo mudado para junto da porta, à direita de quem entra. No início do século XVII, Nepomuceno fê-lo transportar para o Coro monástico, colocando-o com os pés voltados para o órgão. No restauro efectuado em 1979 foi rodado 180°, de modo a ficar com a cabeça virada para o altar. Nepomuceno “reconstruiu” o braço esquerdo da estátua, que na altura se encontrava quebrado, alterando-o em relação ao original.

É a sepultura uma grande caixa de mármore, assentada sobre quatro leões de mármore; e em toda a roda é lavrado por oito escudos de armas, quarteadas em aspa (ou “X”), representando todos, o brasão de armas de João das regras. Nos campos alto e baixo, em cada um sua cruz floreada da feição das da Ordem de Avis. E nos campos de cada lado uma serpe com asas, ameaçando para fora. Na lágea da tampa que cobre a caixa, está a figura do defunto, onde evidentemente o escultor quis reproduzir o aspecto do famoso jurisconsulto, entalhado em alto-relevo, vestido de vestes talares largas, e com o barrete posto, insígnias de letrado; a gola larga segura por três botões. É também acompanhado com as insígnias de cavaleiro, que são o seu estoque à ilharga. Aos pés, um grande libreo (cão), com sua coleira de tachões, e labores arrendados, assentando sobre pés e mãos, em acto de guarda e vigia. As mãos, parece que primitivamente estavam juntas sobre o peito, como quem faz oração; mas houve alteração posterior: actualmente, a mão direita da estátua segura um livro sobre o peito; a esquerda que inclinava sobre o coração e se partira e extraviara, está agora substituída por outra nova, erguida, segurando um rolo de papel. Os cabelos um tanto ondeados, caindo sobre a fronte. À esquerda da figura, a espada com o cinturão enrolado; a espada está tratada com minúcia, o punho lavrado em linhas, o extremo com sua flor; é uma espada direita, larga, curta. O cinto é lavrado também de flores, tendo bem definidas a fivela e a ponteira.

Aquela estátua é um documento precioso de indumentária medieval.

Em volta da tampa lê-se em caracteres góticos, bem lavrados; as palavras todas divididas por dois pontos:

`== AQI : JAZ : JOAN : DAREGAS : CAVALEIRO : DOUTOR: EM : LEIS:  
PRIVADO : DELREI : DOM : JOAN : FUNDADOR : DESTE : MOESTEIRO :  
FINOU : III : DIAS : DE : MAIO : ERA : M : IIII<sup>c</sup> : XL : II : ANS :==

Ou seja:

Aqui jaz João das Regras cavaleiro doutor em leis / privado d’el-rei D. João, fundador deste mosteiro / finou três dias de Maio era mil quatrocentos quarenta e dois anos

[corresponde ao ano de 1404 da era de Cristo]

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

CACEGAS, Fr. Luis de e SOUSA, Fr. Luis – *Segunda Parte da História de S.Domingos particular do reino e conquistas de Portugal por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica*. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, por António da Encarnação, 1662.

MACHADO, Diogo Barbosa – *Biblioteca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica*. Tomo III. Lisboa: Ignacio Rodrigues, 1752.

PEREIRA, Gabriel – *S. Domingos de Benfica*. Lisboa: Officina Typographica, 1905.

SMITH, Robert C. – *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1962.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO JOÃO DE DEUS, À PAMPULHA****Século XVII [c. 1629]**

De Religiosos Hospitalários de São João de Deus

O sítio em que teve seu assento a Casa e Hospital de São João de Deus, à Pampulha, era próximo à beira-mar, sobre um rochedo. Foi aí a primeira instalação dos Padres Carmelitas Descalços, em 1581, sob o título de São Filipe; aí estiveram até 1604, tendo-as então deixado a seu dono Francisco do Campo de Távora e sua mulher Dona Mícia Ribeiro. Ao fim de vinte e cinco anos, venderam essas casas a Dom António de Mascarenhas, doutor em Sagrada Teologia, do Conselho de Sua Majestade, Deão de sua Real Capela, deputado da Mesa da Consciência e Ordens, comissário geral apostólico da Bula da Santa Cruzada nos Reinos e Senhorios de Portugal. Foi a compra efectuada em 1629.

Este eclesiástico, movido pela sua muita piedade e especial devoção ao Santo Protector dos pobres enfermos, São João de Deus (1495-1550), desejando prestar ao Santo algum serviço que lhe fosse agradável, e entendendo que nenhum lhe poderia ser mais aceite que o que fosse a favor dos enfermos pobres, ajustou com os Filhos de São João de Deus fabricar-lhe um convento em que eles exercitassem a sua caridade com os enfermos. Por outro lado, como sabia que concorriam a Lisboa muitos clérigos de todo o Reino que, não tendo outros meios para seu sustento mais que a esmola de sua missa, sucedia adoecerem e faltar-lhes a possibilidade para se curarem, e desejando que aos ditos sacerdotes enfermos não faltasse meio para com decência se poderem curar, instituiu no dito convento uma enfermaria com treze leitos para outros tantos clérigos pobres. E para a dita obra aplicou 600:000 réis de renda, que foi toda o que o fundador pôde aplicar.

Dom António Mascarenhas procurou fabricar casa para os Religiosos e Hospital para os enfermos, o que foi fazendo durante o tempo em que viveu. Antes de acabar a obra, se lhe acabou a vida, em 7 de Setembro de 1637. Depois da sua morte os Religiosos vieram a acabar a igreja.

**1. DESCRIÇÃO DA IGREJA**

A igreja era de uma só nave; o tecto é de abóbada muito bem pintada. Sobre a porta principal estava a imagem de São João de Deus.

Tinha o corpo da igreja da cada parte três capelas, e nos topos do cruzeiro duas.

A capela-mor, onde estava o Santíssimo Sacramento, tinha um retábulo de talha dourada, com o seu sacrário e com a sua tribuna conforme ao uso do tempo. Do lado do evangelho tinha a imagem de São João de Deus, de tamanho colossal; do lado da epístola, a imagem de Santo António. Ao centro do altar via-se a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Na capela-mor foi sepultado o fundador, Dom António de Mascarenhas<sup>XXXI</sup>.

Eram padroeiros desta capela os Condes de Atouguia.

## 2. EVENTOS IMPORTANTES

O terramoto de 1755 em nada prejudicou o convento. Depois da extinção das Ordens Religiosas em 1834, a imagem de São João de Deus foi para a igreja de São Francisco de Paula, ficando na capela-mor, num grande nicho, do lado da epístola.

Em 1835 foi ordenado que servisse de quartel da Brigada Real da Marinha, mudando-se para aqui do quartel da Boa Vista, em que estava havia muitos anos.

A igreja foi desactivada.

No convento ficou também a funcionar o Tribunal da Corte. Depois instalou-se ali o Regimento de Infantaria nº 2. A partir de 1919 foi ocupado pela Guarda Nacional Republicana.

## Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972, pp. 103-105.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionário histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> – Editores, 1909.

XXXI D. António de Mascarenhas comprou aos padres o direito de padroado da igreja, com reserva sepulcral da capela-mor. O túmulo, descrito numa relação coeva que se conserva inédita, teria sido realizado com grande riqueza de mármore de cor, como aliás se tornara corrente em arquitecturas funerárias desde o século XVI (BNP, Secção de Reservados, cod. 6958, fl. 72). Em 1694, Fr. Manuel da Nazaré, à data prior do convento, contratou o pintor João de Sousa para o douramento do altar-mor pela soma de quatrocentos mil réis (Ferreira, 2009: vol. 2, 589). É ainda digna de nota a decoração de azulejos barrocos na escadaria e zonas de corredores com cenas da vida de São João de Deus.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS PORTAS DO CÉU, EM TELHEIRAS**

Século XVII [1633]

De Religiosos franciscanos da Provincial de Portugal

Foi fundado para convalescença dos religiosos enfermos daquela Província, pelo Príncipe D. João, vulgarmente chamado Príncipe Negro.

Este Príncipe, senhor príncipe de Candia (ou Candi), reino na Ilha de Ceilão. Sendo menor, foi-lhe a coroa usurpada por um vassalo. Os Padres Franciscanos, que o tinham instruído na fé, conduziram-no a Goa, de onde veio para Portugal, juntamente com um seu primo chamado Filipe. Completaram a sua educação em Coimbra onde D. Filipe morreu. D. João regressou a Lisboa, donde passou a Madrid. Nesta cidade foi ordenado presbítero.

Erigiu em Telheiras uma igreja sob o nome de Nossa Senhora das Portas do Céu, e junto dela, um Convento, para o qual convidou a Ordem dos Clérigos Menores, com a condição de alcançarem licença régia. Como em 1632 ainda a não tivessem obtido, chamou para lá os Franciscanos.

D. João de Candi faleceu a 1 de Abril de 1642.

“A igreja é de excelente arquitectura, toda de pedraria bem lavrada, com quatro capelas ricamente adornadas de excelente pintura, que se fizeram em vida do Príncipe Fundador” (vd. Costa. 1712: vol III, 642). Na capela-mor, a sepultura do fundador, num belo túmulo de pedra mármore.

No início do século XVIII residiam neste Convento 10 frades (Costa. 1712: vol III, 642).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO****Século XVII [1633-1659]**

No Pátio das Fangas da Farinha, à Calcetaria

Foi o 1º Convento dos Religiosos Irlandeses da Ordem de São Domingos.

Querendo o Rei Henrique VIII de Inglaterra, e depois dele sua filha a Rainha Isabel, extirpar a Fé Católica no Reino da Irlanda, tomaram por assunto principal destruir de todo as Ordens Religiosas, não deixando convento algum que não botassem por terra, confiscando todos os seus bens e aplicando-os logo aos hereges, matando e desterrando a todos os Religiosos. Destruída com as mais religiões, a Ordem dos Pregadores, os poucos que ficaram escondidos, tomaram alguns sujeitos de grandes esperanças: e depois de professos os mandavam às Províncias de Espanha, Itália e França, onde florescesse a Religião Católica; e logo, depois de bem cultivados assim na virtude como nas letras, os tornavam a remeter à sua Província de Irlanda, onde sempre fizeram grande fruto. O zelo dos Religiosos Padres do Reino de Irlanda não parou em ir provendo sujeitos para a sua Província na forma referida; mas também lhes pareceu muito conveniente, fundarem um Seminário para seus naturais em alguns Reinos de Espanha. E puseram os olhos no Reino de Portugal, então unido ao de Castela.

Para este efeito, mandaram ao Mestre Frei Domingos do Rosário, religioso de muita virtude e prudência, como a tinha bem demonstrado no que trabalhou para adiantar o Seminário que esta Ordem tinha na cidade de Lovaina, em Flandres. Achava-se então Frei Domingos do Rosário na Corte de Madrid. Procurou logo Cartas do Rei Filipe IV, para que os Governadores de Portugal favorecessem a pretensão dos Religiosos Dominicanos Irlandeses. Alcançadas as Cartas, veio com os seus companheiros, o P. Frei Matheos da Cruz e o P. Frei Pedro Mártir à Cidade de Lisboa. (vd. *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 123).

Chegaram a Lisboa pelo São João de 1629. Dirigiram-se ao Convento de São Domingos, ao Rossio, onde foram recebidos com significações de muito gosto e benevolência, particularmente pelos Padres Mestres Frei João de Vasconcellos e Frei Álvaro de Castro. Propondo-lhes o dito Padre frei Domingos o intento com que vinha, e as Cartas que trazia de El-Rei para os Governadores do Reino, para favorecerem aos ditos religiosos a fim de terem em Lisboa um hospício no qual se poderiam recolher os Religiosos Irlandeses que acabassem os seus estudos em qualquer lugar das Províncias de Espanha, e conseguindo ocasião de embarcarem, o que de Lisboa para Irlanda ocorria muitas vezes, poderem voltar a sua pátria.

“Assistida a súplica do favor dos Mestres Frei João de Vasconcellos e Frei Álvaro de Castro, foi-lhes concedida a licença para o Hospício que pediam” (*Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 124). A licença foi confirmada por Monsenhor Colleytor, que à data era Lourenço Tramalho, bispo Hyeracense, por um Breve passado em 6 de Novembro de 1629.

“Alcançadas as ditas licenças, trataram logo os Padres Irlandeses de assentar seu Hospício. Para o qual alugaram umas casas no sítio da Cotovia” (*Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 124), aonde chamavam a Quinta da Legacia. E se passaram para elas o Padre frei Domingos do Rosário, e os seus companheiros referidos. E se juntou com eles, outro religioso



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

irlandês, residente no Convento de São Domingos de Benfica, chamado Frei Duarte Nogle. Ali viveram menos de um ano.

“Porém, como o sítio era algo distante dos tribunais, aonde tinham seus negócios, julgaram que lhes convinha não ficar afastados do centro da cidade; e também lhes convinha ficar perto das casas dos Fidalgos, que os ajudavam com as esmolas para seu sustento; e também porque os Fidalgos, pela satisfação que tinham do seu bom procedimento os ocupavam em serem seus confessores... Trataram pois de virem para dentro da cidade, aonde alugaram umas casas na Calçada do Combro. Aqui viveram perto de dois anos. *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 125).

Até que se lhes ofereceu a oportunidade de outra habitação, vizinha a Nossa Senhora do Loreto, aonde tinham da porta adentro comodidade para dizerem missa, que lhes serviu de grande consolação, e também de descanso (por não andarem cada dia percorrendo por oratórios de Fidalgos). Aqui assistiram até ao mês de Setembro de 1633.

## 1. NO PÁTIO DAS FANGAS DA FARINHA, EM 1633

Luís de Castro do Rio, Senhor de Barbacena e alcaide-mor da Covilhã, pelo bom conceito que tinha dos Religiosos Irlandeses, e particular inclinação do Padre Mestre Frei Domingos do Rosário, compadecendo-se de o ver andar a ele e aos religiosos seus companheiros mudando tantas vezes de habitação, lhe fez doação de um pátio em que se representavam comédias, vizinho a suas casas, para onde tinha tribuna para ver as comédias. Os Religiosos apreciaram muito o local, pois podiam assim viver em clausura. Luís de Castro do Rio, e sua mulher Dona Catherina Telles, determinaram ambos fundar ali um Colégio: mas a morte lhe impediu o cumprimento de sua vontade, e também a falta de licença para a fundação do Colégio.

O Pátio ficava no sítio que chamavam as Fangas da Farinha, junto à Calçetaria (onde depois foi a Boa-Hora, à Rua Nova do Almada). Para lá passaram os Religiosos em 13 de Setembro de 1633, véspera da Exaltação da Santa Cruz.

Ali foram vivendo com não poucos discómodos, acomodando os camarotes que serviam de ouvir as comédias com umas esteiras, formando umas celazinhas para habitação.

E no lugar que servira de teatro compuseram uma capela-mor, toda lavrada de madeira de pinho, que pintaram pela parte de dentro. Adornaram-na com imagens, e no mais alto uma de vulto de Nossa Senhora do Rosário, que tomaram por orago da nova Casa. Era muito adequada a invocação para os filhos de São Domingos e em particular os filhos Irlandeses, que têm por empresa estarem toda a vida feitos fronteiros de hereges, para cujo remédio e conversão trouxe a Virgem seu Rosário, dando a São Domingos na ocasião em que trabalhava na conversão dos hereges Albigenses, em França.

Concertada com a decência da capela-mor, celebrou-se a Primeira Missa em 21 de Novembro desse ano de 1663, dia da Apresentação da Senhora no Templo, assistindo a ela muita Fidalguia e povo.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Por este sítio ficar no coração da Cidade, vieram a ser muito conhecidos; e lhes acudiam esmolas para o sustento dos Religiosos, que naquele tempo já eram doze.

Informado disso, o Padre Geral, Frei Nicolao Rodulfo, instituiu no ano seguinte, de 1634, por primeiro Reitor do novo Colégio o Padre Mestre Frei Domingos do Rosário, que até então governava os Religiosos com o título de Vigário do Hospício.

Dita a primeira missa, puseram a Casa em clausura com suas oficinas. E em 26 de Junho de 1636 colocaram o Santíssimo Sacramento, com licença de D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa. E começaram logo a viver em forma de Comunidade, como dispõem as suas Constituições, com suas horas de Coro e oração. Acrescentaram às obrigações ordinárias da religião rezarem em Comunidade em voz entoada cada dia um terço do Rosário da Virgem Santíssima, a que costumavam acudir todos sem nenhum gozar de intenção

Com estes exercícios e modo de proceder foram os Religiosos ganhando grande crédito para toda a cidade, e em particular com a nobreza.

Na afeição e devoção excedeu a todos a Princesa Margarida, Duquesa de Mântua, que então governava este Reino. Ela vinha todos os primeiros Domingos do mês a este Colégio assistir, enquanto se rezava o terço e se fazia a procissão. Esta Duquesa acudiu aos Religiosos com suas esmolas; e mostrou grande vontade de adiantar a fundação, o que não teve efeito por se ter de retirar do Reino no princípio de 1641 (em virtude da Restauração, do 1º de Dezembro de 1640).

O rei D. João IV também favoreceu muito o Colégio. Mas a Senhora Rainha Dona Luísa Francisca de Gusmão a todos se avantajou.

Em 1644, em Capítulo Geral celebrado em Roma, foi aceite por toda a Ordem a Casa de Lisboa como Colégio, assim como o Mosteiro das Religiosas Irlandesas do Bom Sucesso, e no ano de 1650 foi isento o Colégio (assim como o Convento do Bom Sucesso) da jurisdição do Provinciais da Irlanda, passando a estar sujeitos imediatamente ao Padre Geral.

## 2. MUDANÇA DO CONVENTO (OU COLÉGIO) PARA O CORPO SANTO

Em 6 de Novembro de 1656 faleceu em Lisboa o Rei D. João IV, ficando o governo do Reino a cargo da Rainha Dona Luísa. Como ela favorecia muito ao Padre Mestre Frei Domingos do Rosário, animou-se este a pedir à dita Senhora licença para fundar em Lisboa um Colégio em qualquer sítio que achasse conveniente. A Rainha concedeu ao Vigário Geral (pois o dito Frei Domingos já tinha este título) licença para que os Religiosos Dominicados Irlandeses pudessem fundar um Colégio na Cidade.

Assim, ia nascer o Colégio dos Irlandeses, no Corpo Santo, no ano de 1659.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

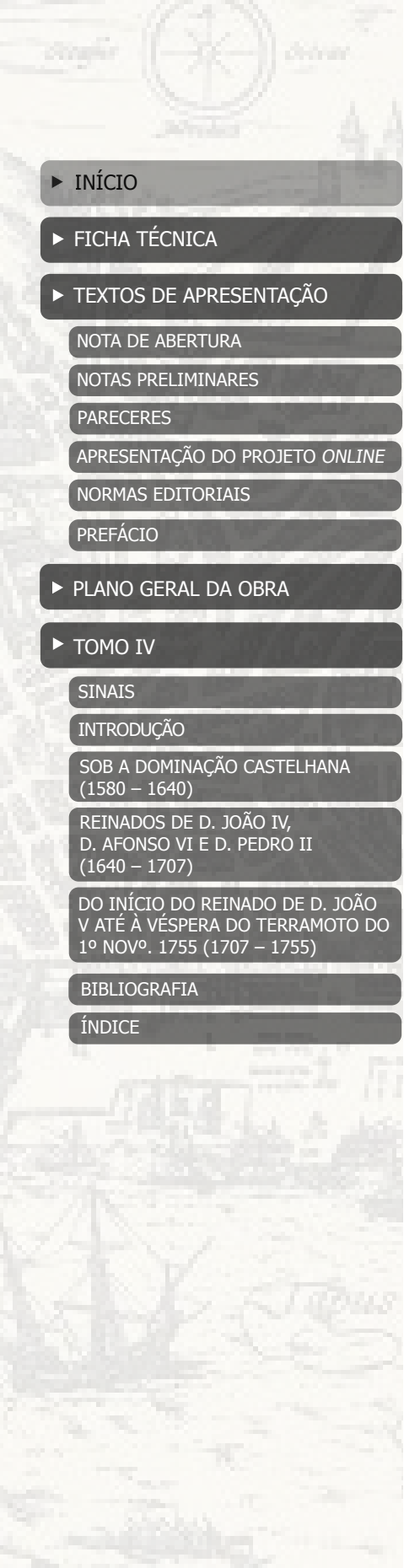
DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972, pp. 103-105.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 4. IGREJAS CONVENTUAIS DE FREIRAS

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DE SANTA MARTA****Século XVI/XVII [Convento: início em 1583; Igreja: início em 1612]**

Era de Clarissas da 2ª Ordem de São Francisco.

**1. RECOLHIMENTO DE ÓRFÃS**

Ao contrário do que era habitual, este Convento não teve origem na generosidade de um mecenas fundador, nem no testamento de um fidalgo preocupado com os sufrágios pela sua alma: nasceu duma necessidade social.

A terrível peste que afligiu a cidade de Lisboa em 1569 - chamada por antonomásia a “peste grande” – não só dizimou a população, mas deixou sequelas gravíssimas, entre as quais o desamparo em que ficaram muitas donzelas, que o mal tinha deixado sem pai, sem mãe, sem irmãos, e finalmente sem aqueles de quem dependia o seu amparo e remédio. As que pertenciam à classe plebeia engrossaram o caudal de criadas e servas, exploradas e miseráveis, que viveriam de esmolas e dos trabalhos humildes da cidade; as que eram “nobres e honradas” tiveram quem delas se preocupasse com mais desvelo.

Os Padres de São Roque, que com dispêndio das próprias vidas tinham usado de tanta caridade com os moradores de Lisboa enquanto durou a peste, compadecidos da extrema necessidade em que tinham ficado tantas donzelas nobres e honradas, recorreram a D. Sebastião (que já governava) para que ele com sua real grandeza mandasse acudir a tantas donzelas e mulheres com falta do preciso para sustentar a vida ou suas honras e consciências.

A proposta dos Padres Jesuítas foi bem aceite. E assim, El-Rei ordenou que sem dilação alguma todas as donzelas órfãs e mulheres honradas, de cujo desamparo constasse, se recolhessem em algumas casas particulares de pessoas honradas e que aí fossem sustentadas por conta de sua real fazenda, até se determinar o modo de vida que haviam de ter.

Feita esta diligência, assim dentro como fora da idade, se acharam duzentas e tantas pessoas nas quais concorriam as razões de necessidade que os Padres tinham representado a El-Rei. Essas mulheres foram logo repartidas por casas honestas que as governavam das portas a dentro, e da parte de fora havia homens que as proviam e lhe negociavam o que lhes era necessário.

Das ditas donzelas e mulheres assim recolhidas, se casaram muitas: El-Rei deu-lhes dotes competentes, conforme sua qualidade. Outras recolheram-se em vários mosteiros, umas por freiras de véu preto, outras por conversas. As mais, a que atingia o número de 54, foram recolhidas em uma casa que chamaram de Santa Marta, na qual viviam com tanta clausura, recolhimento e virtude como se fossem já religiosas.

E para que não lhes faltasse o necessário para o sustento da vida, por meio e diligência dos Padres lhes concedeu El-Rei que de sua fazenda se lhe dessem cada ano 20 moios de trigo (=1200 alqueires) e 1:000 cruzados em dinheiro. A provisão foi passada em 4 de Maio de 1571, começando a ter efeito do dia 1 de Janeiro desse ano. Estabelecia que, falecendo



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

alguma das ditas recolhidas, ou casando, ou saísse do Recolhimento, se descontasse a parte proporcional da sua porção nos tais vinte moios e mil cruzados: no lugar da que faltava não devia entrar outra de novo.

O Padre António de Monserrate, jesuíta, que estava encarregado do Recolhimento, apresentaria certidão das porções das que actualmente estavam no dito recolhimento; que era apresentada a pagamento ao tesoureiro da Casa da Mina.

Era tal a observância e exemplo e edificação que havia no Recolhimento, que passaram a chamá-lo Mosteiro de Santa Marta, sem ser ainda mosteiro. Os Jesuítas da Casa de São Roque asseguravam as confissões e as práticas espirituais.

## 2. O RECOLHIMENTO CONVERTE-SE EM MOSTEIRO DE RELIGIOSAS

Vendo tão boa disposição da parte daquelas senhoras, os Padres recorreram ao Arcebispo de Lisboa, que então era D. João de Almeida, ao qual o Prepósito da Casa de São Roque, o célebre Padre Pedro da Fonseca, propôs que seria bem que o dito Recolhimento se convertesse em mosteiro, e que devia ficar debaixo da obediência e administração do Arcebispo e seus sucessores.

Concordou o Arcebispo, impetraram um Breve do Papa Gregório XIII, com autorização do Cardeal D. Henrique, que entretanto fora nomeado Rei, lançaram a primeira pedra no novo edifício em 6 de Fevereiro de 1580. Por fundadoras vieram três Religiosas do Convento de Santa Clara de Santarém: Soror Maria do Presépio (que foi a primeira abadessa, e que era da Casa dos Condes da Sotelha e da Feira), que veio com duas sobrinhas suas, Soror Isabel da Madre de Deus e Soror Maria da Encarnação.

D. Jorge de Almeida havia encarregado os Padres de São Roque de elaborar os Estatutos. O que fez o referido P.<sup>e</sup> Pedro da Fonseca, tentando harmonizar o rigor da observância com as condições daquelas mulheres.

Estabelecia-se que se levantariam às 5 horas, no verão (e às 6, no inverno); e depois de dizerem Prima, tinham uma hora de oração mental. Às 9 horas se rezava Terça e se diz a missa; acabada esta, dizem Sexta e Noa. Às 3 horas no verão, ou às 2 no inverno, dá-se sinal para se cantarem as Vésperas; às 5 da tarde no inverno às 6 horas no verão, tangia-se as Completas. As Matinas eram rezadas no inverno às 6 horas e no verão às 7. Acabadas as Matinas fazia-se o Exame de Consciência por espaço de meia hora. Acabado o exame, dava-se o sinal para se recolherem: às 8 horas no inverno e às 9 no verão.

No ano de 1707, havia neste Convento 65 Religiosas de véu preto, mais uma noviça e três educandas; havia mais 16 conversas, que asseguravam o serviço da Comunidade. Estas eram verdadeiras religiosas, fazendo os votos e observando as obrigações da Regra como as de véu preto. Só que não vão ao coro aos ofícios divinos: durante estes, ficam com as suas ocupações e no fim rezam pelas contas. Não tinham criadas particulares.

NB. As notícias dos parágrafos acima são extraídas da *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 363-367).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3. A IGREJA CONVENTUAL

Não teve este mosteiro fundador que o dotasse de rendas suficientes. Foi sempre vivendo com muita limitação e pobreza. A sua igreja era muito rudimentar.

Mas no ano de 1612 abalançaram-se a melhorar de igreja e deram início à que ainda hoje subsiste.

Para descrever a igreja podíamos recorrer ao texto, já referido, da *História dos Mosteiros...* Mas como todo o mosteiro é um imenso reportório de azulejaria, podendo ainda hoje considerar-se, apesar das depredações de que foi vítima, um “magnífico museu do azulejo português”, com espécimes notáveis dos séculos XVII-XVIII – achámos preferível transcrever a notícia que nos é fornecida no volume V-2 do livro *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*:

«A bela e severa fachada lateral, onde, como sucede quase sempre nos mosteiros de monjas, se abre a porta principal do templo, encontra-se retraída e a nível superior ao da Rua de Santa Marta, tendo acesso por escadaria de dois lances simétricos paralelos à fachada e ligados, no nível superior, por longo tabuleiro que, por uma porta travessa, dá serventia igualmente ao Palácio dos Condes de Redondo. A entrada do escadório é defendida por grade e portão forjados.

Embora prejudicada pela sobreposição parcial do vizinho palácio, que lhe ocultou o transepto e piorou a iluminação da capela-mor, esta fachada merece uma detida atenção pela sóbria beleza do seu risco que acusa com rigor a organização interna da nave. Dois andares bem definidos por cornija correspondem: o inferior às capelas laterais da nave, o superior às janelas iluminantes da mesma. Cada tramo é separado dos seguintes por pilastras toscanas, cujos capitéis se integram na cornija citada acima. As pilastras prolongam-se para o alto formando gigantes, que compensam a pressão lateral da abóbada da nave, e entre os quais se rasgam, um pouco recuadas, grandes aberturas rectangulares, emolduradas de pedra e dando nascença a penetrações piramidais, terminadas nas janelas já referidas. Entre as pilastras o paramento de alvenaria é liso e caiado. No eixo da composição abre-se o portal, em que ombreiras e verga se enquadram numa moldura formada por pilastras toscanas e arquitrave, cujo friso ostenta a data de 1630. A cornija saliente é base de um frontão triangular, aberto no vértice e sobrepujado por acrotérios laterais de plinto paralelepípedo, coroado de pequena esfera. Pela abertura do vértice, sai a cruz, sobre plinto do mesmo tipo.

O portal não tem hoje serventia. Com efeito, a entrada para o hospital faz-se por uma abertura mais a sul que por rampa, conduz à portaria, onde, em molduras de madeira, se vêem dois enormes painéis de azulejo historiado setecentista, de iconografia clarista e de modesta qualidade. Daqui se passa ao claustro, de cantaria, um dos bons claustros maneiristas de Lisboa, onde os elementos estruturais das arcarias – seis arcos de volta perfeita por lado – são idênticos aos da fachada da igreja. Cada arco articula-se aos arcos adjacentes por pilastras toscanas rompendo do chão até a cimalha do terraço, defendido por grade forjada; e define um tramo quadrado coberto de abóbada de aresta limitada por arcos torais, de perfil rectangular, apoiados em mísulas pouco salientes.

A relativa severidade da arquitectura do claustro é adocçada pela presença do elegante chafariz setecentista e pela profusa decoração de azulejo, ao nível térreo e ao do terraço. A

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

bacia do chafariz é de planta quadrada intersectada em cada face por um arco saliente, semicircular. Ao meio levanta-se uma elegante haste que simula um bolbo de jacinto estriado, servindo de suporte à taça que repete, em menor escala, a planta da bacia inferior e da qual sai uma urna onde nascem sucessivamente duas formas bolbulares, sendo a superior de menor diâmetro.

Os azulejos do andar térreo formam lambris, onde cestos com frutos e flores alternam com jarras guarnecidas de cercaduras de volutas. Devem ser do princípio de Setecentos. Em época posterior, foram-lhe apostos remates recortados, simulando frontões de molduração barroca tardia, com anjos e urnas ornamentais, de gosto e execução menos felizes. As composições do terraço, em forma de espaldar recortado devem pertencer a este ciclo. Em patamares da escada que leva do claustro ao terraço encontram-se, emoldurados, dois painéis policromos, um de motivo alegórico – a Primavera –, outro de motivo religioso – S. Miguel –, provavelmente do terceiro quartel do século XVIII, de boa execução. Mas a colecção mais notável da azulejaria setecentista encontra-se na antiga sala do Capítulo, que já foi museu e serve hoje de sala de aula da Nova Faculdade de Medicina, com entrada pelo claustro, junto ao canto noroeste. Trata-se de uma sala rectangular, cuja abóbada abatida, com penetrações nos eixos das aberturas, deve ter sido pintada e cujas paredes norte, sul e nascente são, por completo, revestidas de azulejo de pintura azul sobre branco, da mais alta qualidade, talvez da década 1730/1740. Em quadro habilmente justapostos, de finíssimo desenho, desdobra-se toda a legenda franciscana, numa sucessão deslumbrante.

Todavia, num monumento tão rico em azulejos, são ainda os seiscentistas, do segundo terço do século, os que constituem o núcleo mais importante. A variedade de padrões e, até, a raridade de alguns fazem deste acervo o mais representativo de Lisboa, no que àquela época se refere, apesar de muito delapidados e, em certos casos, deslocados do local primitivo. Pode dizer-se que a partir do corredor que do claustro conduz ao coro baixo e à igreja, todas as paredes eram revestidas de azulejos de tapete policromos até ao nascimento das abóbadas, sendo que no interior das capelas laterais esse revestimento era total. E, salvo os da capela-mor danificados por um incêndio, todos se encontram em bom estado de conservação.

A igreja do Mosteiro de Santa Marta, classificada como imóvel de interesse público, encontra-se desafectada e tem servido de depósito do hospital. A sua nave rectangular é abobadada de volta perfeita. A capela-mor, de menor elevação, tem abóbada de aresta. O seu arco triunfal, bem como os do transepto e capelas laterais – estes de igual altura – são também de volta perfeita, sobre pilastras toscanas, geminadas na face interior.

A partir do corredor que vem do claustro, ao nível do coro baixo, o acesso à nave, a nível inferior ao deste, faz-se por alguns degraus, na face fronteira ao altar-mor. A parte central desta face é ocupada pelas grades que, em dois andares, defendem os coros, alto e baixo. Seguindo à mão direita encontra-se um altar, após o qual se abrem quatro recessos iguais, equidistantes, sendo os três primeiros as capelas laterais e o último o transepto, o qual se destacava do corpo da igreja por uma teia de madeira preciosa que já não existe. Entre as duas primeiras capelas laterais, vê-se a bacia do único púlpito. O lado do Evangelho tem disposição simétrica ao da Epístola; porém, a primeira capela está substituída pelo portal já descrito, que dá para a Rua de Santa Marta. Uma cornija saliente separa os dois andares do alçado.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

No lado direito da capela-mor pode ver-se o que resta do formoso revestimento de azulejo, azul, amarelo e castanho sobre branco, de padrão diagonal com doze por doze elementos, que foi o máximo jamais conseguido. Na face oposta, no tempo em que habitou o vizinho Palácio Redondo, mandou a rainha Dona Catarina, viúva de Carlos II de Inglaterra, abrir uma tribuna, de onde assistia à missa e de que apenas restam vestígios. Os segmentos laterais do transepto e a capela a seguir a este, do lado do Evangelho, conservam, completo, o seu magnífico revestimento de azulejo policromo. Na capela em frente àquela e no vestíbulo da entrada, falta apenas o revestimento da abóbada. Todos os restantes foram retirados, podendo ver-se em parte em dois recantos com forma de capelas – que, porém, nunca o foram – os quais ladeiam, no claustro, a entrada do corredor já citado, que conduz ao coro baixo e à igreja. Neles se podem admirar variados padrões, que os revestem por completo, alguns raros, como o que imita o tecido oriental e se encontra no recanto do lado direito de quem olha a porta. No do lado esquerdo foi colocado um notável frontal de altar, com sanefa e sebastos de brutesco, em cujo pano se vêem, sobre fundo de flores e ramagens, aves de plumagem brilhante, bem como um coelho, um leão e uma cabra, em escala menor, tudo finamente desenhado. No corredor, vê-se à entrada, do lado esquerdo, numa pequena capela, um outro altar de excelente execução – esse completo com a sua cantoneira.

Chegamos finalmente ao coro baixo, actual capela – quadra rectangular coberta de abóbada abatida com penetrações laterais que definem prolongamentos triangulares com o vértice apoiado em mísulas – onde se casam de forma surpreendente o revestimento azulejar parietal, com a pintura do tecto, recentemente restaurada. Nesta, em torno de um quadro central desenvolvem-se arabescos de brutesco largamente desenhados, tendo em cada prolongamento triangular um medalhão com flores. Nas pequenas abóbadas das penetrações vêem-se paisagens, de época mais recente. O revestimento de azulejo de tapete policromo, com variados padrões pouco vulgares, acompanha as ondulações do perímetro da abóbada. Infelizmente a metade inferior foi substituída por lambril de azulejo branco, incaracterístico.

Voltando ao claustro e seguindo a galeria que conduz à saída, vê-se, ao fundo do corredor em rampa que o prolonga, mais uma composição de azulejo policromo, formando espaldar de um lavabo com duas bicas. Sob a bacia encontra-se um rectângulo de azulejo de tapete seiscentista, provavelmente retirado da igreja; por cima um painel representando Nossa Senhora da Salvação com S. Sebastião e Santo António, certamente da segunda metade do século XVIII. Nas ilhargas duas composições de desenho híbrido – aliás de excelente execução como todo o conjunto – em que a base, de inspiração barroca, se resolve em moldura pompeiana, mostram cenas da iconografia clarista. A da esquerda representa Santa Clara e Santa Inês de Assis, quando a primeira mostra aos soldados de Frederico II, que pretendem escalar as muralhas do Mosteiro de S. Damião, a custódia que os põe em fuga, a da direita representa o rei D. Diniz e a rainha Santa Isabel no milagre das rosas. Devem ser do final do século XVIII e posteriores ao painel central». (Almeida, 1975: vol. V, tomo 2, 100-104).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

#### 4. HISTÓRIA POSTERIOR

- O terramoto de 1755 causou alguns estragos no convento e na igreja, o que obrigou as freiras a refugiarem-se na cerca, numas barracas improvisadas. Mas, depois de reparados esses estragos, recolheram-se outra vez à sua antiga casa.

- Não possuímos elementos para determinar a data em que, morta a última freira, o convento passou a ser utilizado para fins profanos.

- É actualmente o Hospital de Santa Marta.

#### Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 2. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972, pp. 103-105.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTO ALBERTO OU: DAS ALBERTAS

Século XVI [1585, 25 de Abril]

Era de Religiosas Carmelitas Descalças, da Reforma de Santa Teresa de Jesus, ou de Ávila (1515-1582).

### 1. FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO

Os Padres Carmelitas Descalços tinham-se instalado em Lisboa, numas casas alugadas sitas no lugar onde mais tarde se fixaram os Religiosos de São João de Deus, á Pampulha. Fora essa instalação em 14 de Outubro de 1581, ainda em vida de Santa Teresa e com as bênçãos da Santa Fundadora. Disso tratámos a seu tempo, no capítulo dedicado ao Convento de Nossa Senhora dos Remédios, dos Padres Carmelitas Descalços.

A grande edificação e procedimento exemplar que se notava nos Padres Carmelitas Descalços, e a singular discrição que com muito espírito e suavidade a nobreza de Lisboa encontrava no Padre Frei Ambrósio Mariano, levaram muitos fidalgos a significar ao dito Frei Ambrósio que os moradores da cidade, tendo já na cidade um convento de Filhos da Madre Teresa, desejavam também um outro convento de Filhas da mesma Santa. Sucederia isto logo a seguir à morte da grande fundadora, que ocorreu em 1582.

Para o mais o forçaram, pediram ao mesmo Padre Ambrósio que fosse em pessoa a Sevilha, onde estava o Padre Provincial dos Padres Carmelitas Descalços de Castela, o Padre Frei Jerónimo Graciano, para que fosse o próprio Provincial a conduzir as Religiosas que haviam de vir. Partiu em 16 de Outubro de 1584. O Provincial achava-se muito pronto para mandar as religiosas a fundar em Portugal; apenas hesitava em as mandar a Lisboa ou a Évora, para onde as tinha também pedido o Senhor D. Teotónio de Bragança, arcebispo daquela cidade, ilustre por suas virtudes e pelo sangue real que tinha como filho do Senhor D. Jaime, Duque da Casa de Bragança. Finalmente, resolveu que as Religiosas viessem primeiro fundar em Lisboa, como solicitava o Padre Mariano.

Foram escolhidas as religiosas que haviam de vir; e foi a primeira eleita a Madre Priora do Convento de Sevilha, Maria de São José, que havia convivido com a Santa Fundadora, que aliás a tinha prevenido e avisado de a ter eleito o Céu para vir fundar a Portugal. As outras foram: as Madre Soror Maria dos Santos, Branca de Jesus, e Inês de Santo Eliseu, todas discípulas da fundadora.

Partiram de Sevilha para Lisboa aos 10 dias de Dezembro de 1584, acompanhadas do P. Provincial Frei Jerónimo Graciano, de Frei António de Jesus que foi o Segundo Descalço e era Prior do Convento de Sevilha, e de Frei Ambrósio Mariano, Prior do Convento de Lisboa, e de outras pessoas seculares. Entre estas vinha Pedro Sereso Pardo, nobre e virtuoso varão que se dispôs aos incómodos da viagem e fez toda a despesa dela às religiosas e aos mais que as acompanhavam, e ainda deu de esmola às Religiosas 3:000 cruzados para a fundação.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Chegaram a Lisboa na véspera do Natal ao meio-dia, desembarcando em lugar vizinho ao Convento de São Filipe, de onde saíram ao Religiosos que nele moravam, indo buscá-las ao lugar aonde tinham aportado (Cais da Rocha). Em procissão e cantando o *Te Deum* as levaram à sua igreja, e nela ficaram aquela tarde e noite santa, com mais devoção no espírito que comodidade no corpo.

No dia seguinte, soleníssimo por ser o do Nascimento de Jesus, foram as quatro Religiosas recolhidas em um coche para o Convento da Anunciada (de Freiras Dominicanas), a cuja Prioriza o Senhor Cardeal Arquiduque Alberto tinha encomendado agasalhar, enquanto não tivessem casa própria. Os 25 dias que lá viveram cimentaram uma tão profunda ligação entre as duas Comunidades (cada uma aberta a venerar os exemplos da outra), e a caridade recíproca era tanta, que fundou entre umas e outras tal união que fizeram um contrato entre si as Religiosas da Anunciada com as de Santo Alberto, obrigando-se por uma escritura umas às outras, fazendo-se participantes mutuamente as de um convento das obras do outro.

Logo que as Religiosas se recolheram ao Mosteiro da Anunciada, o Padre Mariano sem perder tempo procurou sítio acomodado para a fundação do novo convento. E depois de ter visto alguns, escolheu umas casas pouco distantes do Convento de São Filipe, que além desta vantagem primordial era sítio saudável, sem ser devassado de ninguém e logrando boa vista sobre o rio e porto de Lisboa; e posto que as casas não eram grandes, tinham um quintal em que o convento se podia de algum modo estender.

Acomodaram-se as casas em pouco tempo: eram tão poucas as que de presente lá iriam habitar! Em 19 de Janeiro de 1585 deixaram o Convento da Anunciada, com afectuosas demonstrações de verdadeiras saudades. E passaram as 4 religiosas Carmelitas para o novo domicílio, que a Madre Maria de São José quis tivesse o título de Santo Alberto (homenagem ao Cardeal Alberto, então Governador de Portugal, em nome de Filipe II). Nesse mesmo dia disse missa e colocou o Santíssimo Sacramento no lugar que entretanto havia de suprir a falta de igreja, o Padre Provincial Frei Jerónimo Graciano da Madre de Deus.

Para que o mosteiro tivesse número bastante de Religiosas para seguir o Coro e acudir às mais obrigações da Comunidade (o que se não podia fazer sendo só quatro) mandou vir logo de Sevilha outras tantas. E logo que estiveram todas juntas, fizeram a eleição da Prioriza; e juntas as oito Religiosas em 25 de Abril de 1585, elegeram a Madre Maria de São José por Prioriza, e por Superioreza, a madre Isabel de São Jerónimo.

É deste dia, 25 de Abril de 1585, que se pode começar a contar a fundação do Convento de Santo Alberto.

Fazemos questão de transcrever as palavras de um Cronista:

«[...] aonde as oyto Religiosas resplandeciam com tantas virtudes que parecia aquelle pequeno convento, posto que no material muyto pobre e limitado, mas pella sanctidade de suas moradoras tam rico de perfeçã que a fama delle lhe grangeou muyto em breve grande estimaçã por toda a cidade, admirando todos a grande clausura e recolhimento daquella casa em que se vivia com grande pobreza, rigurosa penitencia, continua oraçã, sendo a mental que tinham no coro huma hora pella manhã, e outra de tarde, e no mesmo coro examinavam a consciencia duas vezes no dia. A devoçã com que rezavam o officio divino no coro era maravilhoza, e tal que aos que as ouviam rezar infundia piedade e consolaçã.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Se das obrigações do coro e do exercicios spirituaes da oraçam e liçam spiritual sobejava algum tempo, este gastavam em alguma ocupaçam de labor de mãos, dentro de sua cella, nam permittindo a regra às Religiosas Carmelitas Descalças casa commua, que chamam de labor, na qual em outros conventos se costumam ajuntar e ocupar as Religiosas, o que a sancta fundadora nam permittio às suas filhas, parecendolhe que a soledade e o silencio della era mays a preposito pera o tracto e communicaçã com Deos, que ella dezejava muyto em suas filhas». (in *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 378).

## 2. RELIQUÍA DA MÃO ESQUERDA DE SANTA TERESA

O Mosteiro de Santo Alberto possuía como riquíssimo tesouro que notável relíquia de Santa Teresa de Ávila: a sua mão esquerda. No arquivo do Mosteiro existia um pergaminho em que o Rev.º Padre Frei Jerónimo Graciano, escrito na língua castelhana. O Padre Frei Belxior de Santa Anna, na Crónica que compôs desta sua província de Portugal traduziu o documento para português. Diz assim:

«Jesus Maria. Eu Frey Jeronimo Graciano da Madre de Deos, Prior de Sam Phelippe e Vigario Provincial da Ordem de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços deste Reyno de Portugal. Pella prezente dou noticia e testemunho de verdade a todos os que a presente virem que nos annos passados de 1584, sendo eu Provincial desta mesma Ordem de Carmelitas Descalças e visitando o convento de Nossa Senhora d'Anunciaçam de Religiosas Descalças da villa de Alva, onde estava o corpo de Sancta Madre Theresa de Jesus, fuy rogado e requerido, por parte das Religiosas do mesmo convento, descobrisse o sepulchro da Sancta Madre pera por bem o corpo, por que o haviam mettido em o vam de huma parede que está no coro baxo, deytado em muyta copia de cal e temiam que esta o queymasse. E assim, entrando no coro baxo com meo companheyro Frey Christovam de Sancto Alberto, descobrimos o Sancto corpo do qual sahia huma fragancia e cheyro suavissimo e o achámos inteeyro e cheyroso e os peytos altos como se estivera viva e com sangue fresco como se acabara d'espírar, havendo dous annos que estava sepultada, ainda que o rosto e as mãos que estavam descubertas se haviam posto denegridas com a cal, o de mays estava com muy fermosa cor. Eu então corteey do ditto corpo a mam esquerda a qual trazia comigo em huma arquinha de papeys, aonde manava como hum azeyte que manchava os papeys e pannos em que estava envolta. Depoys a pus em um cofrezinho juntamente com a chave do sepulchro em que deyxey o corpo melhor accommodado e dey a guardar o cofrezinho fechado com a chave às monjas do mosteyro de Avila, com intento que, se o corpo nam fosse pera Avila, gozassem ellas da mam e se fosse levado a Avila tornasse eu a tomala. Nam sabendo as freyras o que estava no cofrezinho, succedeo que entrando huma noyte a encomendarse a Deos no coro, a Madre Anna de Sam Pedro, Suprioreça do ditto convento, vio visivelmente à mesma Madre Theresa de Jesus e o coro com muyto resplandor, a qual, estendendo a mam pera a parte do cofrezinho lhe disse: *Tenham em muyto o que esta alli que he a minha mam*. E logo dezapareceo. E desde entam aconteceo à Madre Priora Maria de Sam Jeronymo tomar o jarro pera beber, e tomar a bençam à Sancta Madre, como se a tivera prezente e ver visivelmente huma mam que lhe

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

deytava a bençam, e assim mesmo acodir ao ditto cofrinho algumas Religiosas que se viam atribuladas com algumas tentações e affligidas com algumas dores, e ficar çãs e quietas.

«Depoys, no anno de 1585, celebrandose Capitulo Provincial da nossa Ordem na villa de Pastrana, se ordenou que o sancto corpo se tresladasse de Alva pera Avila, e eu passey por Avila e pidi o cofrezinho pera tirar della a chave que ali estava e tirei juntamente a mam, a qual achey cheyrosa e que havia enchido de azeyte todas as sedas em que estava envolta, depositandoa no mosteyro de Sancto Alberto das Carmelitas Descalças desta cidade de Lisboa. E hum dedo mininho que della falta se cortou pera mandar a nosso P. Provincial frey Nicolao de Jesus Maria. E por esta mam tem feyto Nosso Senhor algumas maravilhas no mosteyro de Sancto Alberto em fé do qual dey esta firmada de meo nome e cellada com o cello de nosso officio. Neste mosteyro de Sam Phelippe dos Carmelitas Descalços de Lisboa a doze do mez de Março de 1587. A firma diz assim: Frey Jeronimo Graciano da Madre de Deos Vigario Provincial». Esta notícia é-nos dada pela obra *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 379-381).

Ignoramos o paradeiro actual, quer do referido pergaminho, quer da relíquia da mão de Santa Teresa<sup>11</sup>.

### 3. A IGREJA CONVENTUAL

O espírito de Mosteiro de Carmelitas, da Reforma de Santa Teresa, exigia que na sua igreja resplandecesse a pobreza que professavam.

O edifício não é grande: apenas o que basta para recolher 33 religiosas em cujo número se não permite excesso, porque assim o ordenou a prudência da sábia fundadora.

A igreja era pois pequena, e de uma só nave. A porta era lateral e voltada ao norte; a capela-mor ficava à esquerda de quem entrava.

Havia a capela-mor, dois altares colaterais, e duas capelas no corpo da igreja. A capela lateral do lado da epístola tinha a imagem do Santo Cristo; a do lado do evangelho tinha a imagem de Santa Teresa.

Em círculo de toda a igreja possuía alguns quadros a óleo, trabalho do pintor Bento Coelho. Havia também um quadro pequeno com a imagem de Santa Filomena, o qual estava colocado em forma de altar, com devoção particular. Das imagens, a que mais se salientava era a de Cristo Expirando na Cruz.

O seu alçado é lateral, como quase todos os mosteiros de Religiosas; e olhava em frente para o lado do Norte. Na porta da igreja vêem-se na cimalha as armas da Ordem,

<sup>11</sup> ver infra, o anexo com notícias posteriores acerca da mão de Santa Teresa.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

esculpidas em pedra. A sacristia era debaixo da capela-mor, tendo escadas que descem aos lados (não há segunda deste projecto)<sup>XXXII</sup>.

#### 4. ACONTECIMENTOS POSTERIORES

- O terramoto de 1755 deixou o convento tão arruinado, que as Religiosas estiveram bastante tempo abarracadas na quinta do Provedor dos Armazéns, a São Sebastião da Pedreira. Depois retiraram-se para o Palácio do Conde da Ribeira, à Junqueira. E dali foram para o seu mosteiro, onde estiveram abarracadas na cerca, enquanto não se consertou (vd. Castro, 1763: vol. III, 426).

- Por morte da última freira, procedeu-se a obras no edifício, e na cerca formou-se um bonito jardim (vd. Pereira e Rodrigues, 1904-1915).

XXXII Único espaço remanescente do Convento das Albertas, a capela está actualmente integrada no percurso museológico do Museu Nacional de Arte Antiga. Sobrevive, da época da fundação, o retábulo do Santo Cristo da Fala, datado de 1597, que foi possivelmente encomendado pelo instituidor da capela onde se encontra integrado, o padre Diogo Fernandes. Já do século XVII (ca. 1668), o retábulo da capela da Santa Mão, foi, com reservas, atribuído ao arquitecto Luís Nunes Tinoco, sendo desconhecido o respectivo entalhador. No presbitério, o retábulo de Nossa Senhora do Carmo, do lado do Evangelho, e o altar-mor são já obras datáveis da segunda década do século XVIII. Para este último pintou Pedro Alexandrino de Carvalho (1729-1810) uma tela representando a entrega do colar a Santa Teresa, conservada no acervo do MNAA (Lameira e Vechina, 2015: 127-133).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO

## NOTÍCIAS POSTERIORES ACERCA DA MÃO DE SANTA TERESA

Em 21 de Outubro de 1899, os herdeiros de Zeferino José da Silva venderam a Quinta do Candieiro às Carmelitas Maria do Carmo Queirós Leite, Maria Fausta Barbas, Ana Emília de Paiva e Vasconcelos, Madalena Rodrigues y la Plana, Maria Joaquina da Silva, Maria José da Silva e Alexandrina do Santíssimo Sacramento Avelar, moradoras no Recolhimento de Monte Carmo, representadas pelo Padre Adolfo Maximiano Gomes de Faria, empregado na Nunciatura.

As referidas religiosas constituíam “destroços dos antigos Carmelos de Santo Alberto, Carnide e Estrela, juntamente com monjas espanholas”. Formando nova comunidade, “restauraram a Gloriosa Ordem em Portugal, erigindo o seu Carmelo”, na antiga fazenda da Estrada de Moscavide. (vd. Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima: 1955: 98).

As carmelitas levaram consigo, para a Quinta do Candieiro, a mão esquerda de Santa Teresa, que se venerava antigamente no Carmelo de santo Alberto, em Lisboa; e guardaram-na na Capela, num “altar levantado na parede esquerda entre a porta da entrada e a porta da sacristia; capela feita em 1710 e atribuída a Lázaro Mongiardino, com entrada pelo pátio.



Figura 9 – Mão de Santa Teresa de Jesus  
(in *Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*: 1955: 104).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Com o advento do regime republicano, o Carmelo da Estrada de Moscavide foi extinto e os seus bens reverteram para o Estado, nos termos do decreto de 8 de Outubro e de 31 de Dezembro de 1910.

Por esta razão, as freiras do Candieiro afastaram-se para Espanha, levando consigo a relíquia de Santa Teresa, e instalaram-se em Ronda – Málaga.

Quando rebentou, no país vizinho, o movimento comunista, o Convento de Ronda foi assaltado; e a mão de Santa Teresa foi roubada pelo General Vilalba. Foi encontrada, depois, nas malas abandonadas do citado oficial e guardada pelo Generalíssimo Franco (vd. Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima: 1955: 103-105)<sup>XXXIII</sup>.

XXXIII Tratava-se, de facto, de uma relíquia verdadeira, entregue em 1585 ao convento por frei Jerónimo Gracián, um dos seguidores predilectos de Santa Teresa. Exiladas em Espanha depois de 1910, as carmelitas portuguesas levaram consigo a preciosa relíquia, a que se seguiu um percurso rocambolesco que a levou ao oratório privado do ditador Francisco Franco. Devolvida, em 1975, ao Carmelo de Ronda (Espanha), continua ainda hoje a ser reclamada pela Ordem em Portugal. Conserva-se num relicário de prata, adornado com gemas e cristais, em forma de mão, obra provavelmente portuguesa de inícios do século XVII (Loureiro, 2016: 451-456).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA QUIETAÇÃO [FLAMENGAS]

Século XVI

Das Religiosas Descalças Franciscanas da 1ª Regra de Santa Clara.

Pela perseguição que houve nos Estados de Flandres a toda a Religião Católica, movida pelos Calvinistas, foi destruído o Mosteiro de Santa Clara de Anvers, de Religiosas Descalças da Ordem Seráfica. Dali vieram, pelos anos de 1582 algumas religiosas para o Reino de Portugal, buscando a protecção de El-Rei D. Filipe II, que naquele tempo se achava em Lisboa.

O Rei mandou-as recolher no Convento da Madre de Deus, onde foram tratadas com grande amor e regalo. Depois de estarem nele alguns dias, as acomodou o mesmo Rei nas casas de Nossa Senhora da Glória, no ano de 1582, onde estiveram quatro anos.

Finalmente, fundou-lhes o Mosteiro, que foi junto ao Palácio Real de Alcântara, dotando-o de rendas suficientes para sustento de 32 religiosas. Para lá se mudaram as religiosas em 1586.

Não teve este mosteiro ruína considerável no terramoto de 1755; e o que padeceu, se achava reparado já em 1763 (vd. Castro, 1763: tomo III, 212).

A igreja ainda subsiste e bem merece um cuidadoso estudo. Foi construída pelo arquitecto Nicolau de Frias<sup>XXXIV</sup>. A igreja é de uma só nave, com a porta para nascente<sup>XXXV</sup> (vd. Costa, 1712: vol. III, 650).

XXXIV Nicolau de Frias (†1610) pode, de facto, ter sido o autor das traças do Convento de Nossa Senhora da Quietação, embora sobre isso não haja qualquer registo documental. As freiras, fugidas das guerras religiosas na Flandres, foram primeiro acolhidas em instalações provisórias na calçada da Glória. Em 1586 começaram a habitar o novo convento de Alcântara, que estava pronto em 1588. O interesse do cardeal Alberto pela sorte das religiosas não exclui o recurso a Nicolau de Frias, arquitecto régio e mestre de obras do paço da Ribeira, tanto mais que o arquitecto instituiu aqui o seu jazigo familiar. De qualquer forma, esse primeiro edifício desapareceu para dar lugar ao conjunto monástico actual, reconstruído entre 1620 e 1630 pelo filho de Nicolau de Frias, Teodósio (I), que disso deixou memória na sua lápide sepulcral colocada na igreja (Simões, 2002). A ligação dos Frias às Flamengas explica-se também por outra via. Desde 1604 que Teodósio (e talvez o pai, cujo assento de óbito foi passado na vizinha igreja de Nossa Senhora da Ajuda) habitava a quinta real de Alcântara, praticamente encostada ao convento, de cujos jardins e obras era superintendente, ofício que correu por três gerações da família

XXXV Um dos pontos de interesse da igreja é a sacristia-panteão, doada pelas freiras a Miguel van Vessel (1620-1699), comerciante de origem flamenga que chegou a provedor da Alfândega de Lisboa. No último quartel de Seiscentos, van Vessel patrocinou a reconstrução da sacristia para instalar o sepulcro familiar, encomendando ao pintor Bento Coelho da Silveira (1620-1708) uma série de doze telas, em parte dispersas nas instalações do antigo convento (Simões, 2002: 93-107). O conjunto, bom exemplo da “sacristia como pinacoteca” no tempo barroco, desenvolve de forma coerente o tema do Caminho da Perfeição, em que se cruzam a devoção da cruz e da via penitencial, imitativa da vida de Cristo. Tal como no ciclo pictórico da sacristia de São Pedro de Alcântara, Bento Coelho socorreu-se das gravuras insertas na 1ª edição da Regia Via Crucis de Benedictus van Haften, publicada em Antuérpia em 1635.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTA MÓNICA, DAS RELIGIOSAS DE SANTO AGOSTINHO

Século XVI [1586]

Este mosteiro vivia sob obediência do Rev.º Padre Provincial dos Religiosos Eremitas da Província de Portugal [Convento da Graça].

### 1. FUNDAÇÃO

Deve a sua fundação a Dona Maria de Abranches, filha de D. Álvaro de Abranches, capitão-mor de Azamor, e de Dona Joana de Mello. Dona Maria de Abranches estava destinada para dama da Princesa Dona Joana, filha do Imperador Carlos V, e mãe do nosso Rei D. Sebastião; mas, ouvindo na Igreja de Nossa Senhora da Graça um sermão ao Padre Mestre Frei Sebastião Toscano, que discorrem sobre a vaidade das coisas deste mundo e da pouca estimação que mereciam, decidiu-se a deixar tudo o que o mundo lhe podia oferecer e recolher-se a um Mosteiro de que ela mesma quis ser fundadora. Deu parte da sua resolução ao Padre Provincial de Santo Agostinho, visto que em Lisboa não havia nenhum mosteiro de Religiosas de Santo Agostinho, ela lhe queria edificar um para nele se recolher.

E logo ofereceu para se fundar o mosteiro, as próprias casas de sua morada, que eram na vizinhança do mosteiro de Nossa Senhora da Graça e no mesmo sítio em que se fundou o mosteiro. E para dote seu aplicou aquilo que podia.

Depois de tudo ajustado, deu princípio à fundação, fazendo lançar a primeira pedra à igreja no dia 1 de Janeiro de 1586. A construção terá sido da limitada fábrica, já que ao fim de apenas 9 meses e poucos dias, em 18 de Outubro do mesmo ano de 1586 se colocou o Senhor nela.

Nesse dia vieram para fundadoras três Religiosas do Mosteiro do Menino Jesus de Évora: Dona Isabel de Noronha, que foi a primeira Priora; Dona Jerónima de Menezes, primeira sub-priora; e Dona Margarida da Silva, primeira mestra de noviças. Também nesse dia entraram as primeiras doze noviças.

A fundadora não se resolveu a fazer profissão, “para que a falta dela a não fizesse capaz de ser eleita Priora, para cujo cargo parecia ter a preferência de todas, assim pelas virtudes como por ser fundadora do mosteiro”. Aconteceu algo de muito estranho: viu-se obrigada a retirar-se do mosteiro, devido a “alguma desconfiança para que lhe tinham dado ocasião algumas religiosas”, diz um cronista. E sem arrependimento de o ter edificado, nem deixar nunca de lhe desejar os aumentos, retirou-se do Mosteiro e saiu para fora dele, sem perder a vizinhança dele e do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, aonde continuava a assistir todos os dias aos ofícios divinos e ocupando-se em sua casa com santos e religiosos exercícios (como pudera fazer se tivera professado no seu mosteiro). Veio a falecer em sua casa. E achando-se já sem esperança de vida, lhe mandou perguntar a Priora do mosteiro que visse o lugar que nele escolhia para sua sepultura, pois, como fundadora podia escolher o melhor.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Ao que, como discreta que era, respondeu que não queria estar por morte com aquelas que tinham mostrado não a querer ter consigo na vida. E assim, enfeitando a oferta de sepultura em Santa Mónica, a escolha no cruzeiro de Nossa Senhora da Graça, onde fez companhia a sua mãe, acomodada ambas mãe e filha na mesma sepultura.

## 2. DESCRIÇÃO DA IGREJA

A igreja estava situada na que veio a chamar-se Travessa das Mónicas, tendo a frente para o lado da barra.

Sobre o portal tinha o seu frontispício de pedra; e em um nicho, a imagem de Santa Mónica.

**Capela-mor.** O arco que dava entrada para a capela-mor era todo pintado de embutidos fingidos; e por cima do arco ficavam vários óculos de vidro, pelos quais se comunicava a luz e claridade à igreja. Nos dois lados desta capela tinham lugar os dois arcos de pedraria guarnecidos de almofadas pintadas; e os espaços da parede aos lados dos arcos eram revestidos de bom azulejo. E por cima dos arcos e do azulejo havia três painéis de cada banda, com molduras de talha dourada; e entre os ditos painéis viam-se duas janelas de cada parte, da mesma altura dos painéis, também com guarnições de talha dourada; e sobre as janelas e os painéis corria uma cimalha de talhas pelos dois lados. Funda-se em seus pedestais de pedra embutida, que começando no pavimento da capela chegam até à altura da banquetta do altar. O retábulo tinha duas colunas coríntias por banda; e dos capitéis que vão sobre elas nasciam os traços que acompanhavam a volta do retábulo. Havia a tribuna com o trono para a exposição do Senhor. A capela-mor tinha três alâmpadas de prata, seis castiçais de banquetta, grandes, boa sacra, turíbulo, naveta e galhetas. Tinha também muito bons ornamentos e entre eles tinha para as festas um de tela branca e alcachofras de ouro.

**Capelas Colaterais.** Do lado do evangelho, a capela consagrada à Puríssima Conceição da Virgem. Tinha sacrário e nele o Santíssimo Sacramento; havia nela uma alâmpada de prata grande, com dois castiçais de banquetta, e respectiva sacra.

Na outra capela colateral, havia um retábulo de talha dourada, semelhante ao da capela da Senhora da Conceição. Ornada igualmente de alâmpada, dois castiçais, e sacra.

**Capelas laterais.** Eram cinco, incluídas em seus arcos de pedra, ficando três da parte do evangelho, e duas da parte da epístola, porque a porta da igreja tomava o lugar em que o havia de ter a terceira capela.

Do lado do evangelho, a primeira tinha retábulo de uma coluna por banda; a segunda era dedicada a São João Baptista; e a terceira (?). Do lado da epístola, a primeira é de São João Evangelista; a segunda era de Santo António.

Além da prata que orna todas as capelas, havia nela 9 cálices de prata dourados, duas custódias em que se consagravam as partículas para a comunhão, 3 vasos para o lavatório,

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

duas cruzes grandes processionais, outras duas mais pequenas, 6 varas do pálio, 2 ceriais, prato grande e gomil.

Nos vãos entre os arcos das capelas laterais e por cima, viam-se boas molduras de talha.

O tecto da igreja tinha uma agradável pintura de figuras, meninos, ramos e flores.

Ao fundo da igreja, a grade do coro baixo; e sobre ela um grande painel muito mais largo que alto, com boas molduras de talha dourada representando Santo Agostinho. Por cima, o coro alto.

A igreja possuía muitos **quadros**, havendo entre eles alguns que se julga serem trabalhos de Bento Coelho da Silveira. Das **imagens**, a mais perfeita era a de São Pedro de Alcântara, que estava num dos altares do lado da epístola.

### 3. FÁBRICA INTERIOR DO MOSTEIRO

Pouco diremos das instalações interiores.

Se tivermos em conta que, em Setembro de 1707, se contavam no dito mosteiro 277 religiosas profetas, de véu preto, além de 14 noviças, 16 pupilas, 7 educandas, 4 conversas, e 15 criadas da Comunidade, facilmente se concluirá que, para dar habitação a tantas pessoas, seriam necessários muitos e grandes **dormitórios**. Efectivamente, no ano de 1707 havia nada menos de dez dormitórios, de diferente grandeza.

Também se pode avaliar como seria grandioso o **coro**. Além de ser grande, e muito bem ornado, encerrava no seu interior quinze capelas, com bastantes peças de prata e ornamentos.

Grandes eram igualmente a **casa do capítulo** e a **casa do lavor**. Mas a todas excedia na grandeza o **refeitório**. Refiram-se ainda as muitas **oficinas** que demandava tão grandioso convento.

E não deixava de ter a sua **cerca**, capaz de poderem ter nela algum alívio e recreação.

O cronista termina com esta reflexão: “...sendo muito para admirar que para tudo achassem lugar suficiente dentro da cidade”.

### 4. O QUE LHE SUCEDEU

- O terramoto de 1755 arruinou-o bastante, falecendo naquela terrível catástrofe sete religiosas, duas seculares, duas criadas e uma negra.

Na igreja destruiu-se totalmente a capela-mor.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

As religiosas e demais habitantes do mosteiro foram refugiar-se na cerca; e depois foram para a quinta contígua chamada da Abelha, onde prontamente mandaram erigir um altar para a celebração da missa e dos ofícios divinos. Seguiram mais tarde em procissão para a quinta da Mitra, em Marvila, pertencente ao Patriarca e acomodaram-se nalgumas salas do palácio, que o prelado lhes franqueou. Ali se demoraram, até que voltaram para o seu convento, de reconstruído. Vd. Castro, 1763: vol. III, 445.

- Um grande incêndio em 1820 destruiu o grande dormitório, do lado da Igreja de São Vicente, ficando as religiosas com o resto do edifício para sua habitação.

- Em 1872 foi instalada no Convento das Mónicas a Casa de Correção que havia sido instituída por decreto de 15 de Junho de 1871. Os menores do sexo masculino passaram depois para o Convento da Cartuxa, em Laveiras, conservava-se nas Mónicas apenas as menores do sexo feminino.

Vd. “Casa de Correção” in Pereira e Rodrigues, 1906: vol. II, 838; “Laveiras” in Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 87-88; Leal, 1874: vol. IV, 408-409); Leal, 1874: vol. V, 410-413.

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho – *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Vols. IV-V. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1874-1875.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vols. II e IV. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> – Editores, 1906, 1909.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO SALVADOR DE SIÃO – 1º** **OU: DAS INGLESINHAS OU: DAS BRÍGIDAS**

Século XVI/ XVII [1594 a 1651]

Vale a pena demorar-nos na longa e agitada história deste convento, antes e depois da chegada das “brígidistas” a Lisboa: é uma história de heróica resistência.

### 1. A COMUNIDADE DE SÃO SALVADOR, EM INGLATERRA [1415-1558]

A Ordem de São Salvador foi fundada no século XIV [1344] por Santa Brígida, princesa da Suécia, com uma Regra que a santa princesa dizia ter-lhe sido revelada por Deus; o papa Urbano V aprovou-a em 1370.

“O rei de Inglaterra Henrique V – o segundo rei da Casa de Lencastre que se sentou no trono inglês – desejando ter a Deus propício para as guerras que queria empreender [...] fundou dois grandiosos mosteiros próximos a um palácio seu chamado Richmon, ficando sobre as ribeiras do rio Tamisa, duas léguas acima de Londres, ficando um de uma parte e correspondente a ele o outro, de maneira que um visse e ouvisse o outro. Um quis que fosse de Religiosos Capuchos, que ordenou se chamasse Belém; e o das religiosas quis que fosse da Ordem de Santa Brígida, debaixo do nome de Sião.” (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 391-392).

O rei queria que em ambos se estivesse louvando a Deus, sem cessar, de dia e de noite, de maneira que, quando em um dos conventos se acabasse uma hora, se começasse no outro, e assim sucessivamente.

Fundou o católico rei o Mosteiro de Sião no ano de 1415, dotando-o de maneira que nele pudessem viver sempre 60 religiosas professa, e que todas fosses de sangue nobre; e que elas tivessem vizinha à sua habitação outra em que vivessem 25 religiosos da mesma Ordem, os quais fazendo os ofícios divinos na mesma igreja tivessem no baixo dela o seu coro, e as religiosas o seu próprio coro na parte superior. Estabeleceu que um dos 25 religiosos fosse confessor de todas as religiosas como dos religiosos, em as coisas espirituais; posto que nas temporais do mosteiro, todo ele como todas as religiosas estavam à obediência da Abadessa.

Assim foi crescendo em tanta opinião de santidade, que granjeou grande crédito e reputação no Reino de Inglaterra.

Sucedeu que Henrique VIII (1491-1547) entrou em conflito com a Igreja Católica, pelo facto de o Papa ter recusado anular o casamento do rei com Catarina de Aragão; e o Parlamento em 1535 votou o *Acto de Supremacia*, que colocava a Igreja de Inglaterra sob a autoridade do rei. A resistência das instituições religiosas serviu de pretexto para a dissolução dos mosteiros. Deteve-se, porém, Henrique VIII em fazer logo o mesmo aos dois mosteiros de Sião e Belém, pelo respeito que mostrava ter ao seu fundador, o rei Henrique V. Mas, finalmente, também a estes não poupou: só que, não mandou derrubar as casas deles, querendo que se preservassem para habitação dos senhores seculares, e que a cada um dos Religiosos e

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Religiosas que saíssem dos ditos dois mosteiros se lhes dessem alimentos competentes à qualidade de cada um e que com eles fossem viver a casa de seus pais ou parentes. Assim foram passando as Religiosas enquanto viveu Henrique VIII [† 1547] e nos cinco anos do reinado de Eduardo VI [† 1553].

Nesse tempo, uma religiosa chamada Soror Catherina Palmera, com outras religiosas irmãs suas saíram de Inglaterra para a vila de Delmo, na Flandres, a viver em um mosteiro da sua mesma Ordem, que mostraram muito gosto em conservar no seu convento aquelas relíquias do célebre mosteiro de Sião.

Subindo ao trono inglês, em 1533, a rainha D. Maria Tudor, casada com Filipe II, rei de Castela, foi concedido o Mosteiro de Sião às religiosas que dele tinham sido despojadas. Sendo eleita por abadessa a religiosa Soror Catherina Palmera, em breve tempo congregou no dito convento as Religiosas que andavam espalhadas; e congregou também os Religiosos seus Irmãos.

Mas após a breve vida da rainha Maria [† 1558], e sendo elevada à coroa de Inglaterra Isabel, filha de Henrique VIII e de Ana Bolena, de novo foram forçadas os Religiosos e Religiosas de Sião a sair do Reino.

## 2. AS MÚLTIPLAS PEREGRNAÇÕES DA COMUNIDADE PELA EUROPA [1558-1594]

Durante 37 anos, depois de saírem do seu mosteiro de Sião, andaram peregrinando por uns 8 lugares na Europa.

- Primeiro, passaram outra vez à Flandres. Sem casa própria, juntaram-se com as mais Religiosas flamengas da sua mesma Ordem de Santa Brígida. Ali viveram num apartamento distinto, fazendo como que dois mosteiros, com diferentes Preladas, uma de flamengas outro de inglesas. Filipe II ocorreu-lhes com uma esmola ordinária. Assim viveram alguns anos, até 1563.

- Em 1563, a Duquesa de Parma Margarida, governadora da Flandres, deu-lhes um mosteiro de freiras flamengas, que estava numa ilha da província da Zelândia, donde as ditas freiras flamengas tinham saído, em parte em razão da pobreza e em parte por o lugar ser pouco conveniente à saúde. Ali estiveram até ao fim de 1568.

- Em 1568, passaram à Província de Brabante, por conselho de Nicolao Sandero, que lhes comprou uma casa e habitação, chamada Merhagen, distante uma língua de Anvers. Ali residiram 4 ou 5 anos.

- Avisadas do perigo que corriam, por que por vezes de noite os hereges assaltavam as portas dos conventos, recolheram-se para dentro da cidade de Anvers, aonde assistiram mais de um ano muito mal acomodadas de habitação.

- Depois passaram à cidade de Malines, onde compraram uma casa, ajudando-as muito para isso a caridade de um cavalheiro inglês. Aqui viveram três ou quatro anos. Aqui estiveram, até que a cidade foi tomada pelo príncipe de Orange. Padeceram desacatos e bar-

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

baridades; e passariam ainda pior, se uns capitães ingleses, embora hereges, se não se tivessem compadecido do que viam sofrer as pobres religiosas, tirando-as em segurança de Malines e pondo-as às portas de Anvers.

- Daqui tiveram de fugir, entregando-se aos perigos do mar.

- E passaram à cidade de Ruão, no ano de 1580, onde Filipe II as ajudou com algumas esmolas. Aqui sofreram vexames sem conta. Finalmente, no cerco que os hereges puseram sobre Ruão, sofreram por tempo de seis meses grande fome e apertadas de necessidades. Entregue a cidade aos hereges franceses, no primeiro de Abril de 1594, ficaram elas na mão destes hereges; e com a alternativa de, embarcando, caírem em poder dos hereges ingleses que ajudavam aos da Normandia.

- No entanto, as Religiosas resolveram sair também de Ruão e de toda a França. Expondo-se aos perigos do mar e dos piratas que nele andavam, fizeram-se à vela. E em 4 de Maio de 1594 aportavam á cidade de Lisboa.

### 3. PRIMEIRA INSTALAÇÃO EM LISBOA [1594 A 1651]

Chegaram pois a Lisboa no dia 4 de Maio de 1594. Eram 15 Religiosas e 3 Religiosos sacerdotes. Governava então o país o Rei Filipe II, que as recebeu debaixo da sua protecção, atribuindo-lhes de esmola para seu sustento 2:000 réis cada dia, para as Religiosas que tinham vindo de Inglaterra e para as que fossem continuando em vir para se conservar este convento como relíquia de Inglaterra.

Foram recolhidas provisoriamente no Convento da Esperança. Depois, uma nobre senhora chamada Isabel de Azevedo, deu-lhes umas casas que possuía no sítio de Mocambo, para ali habitem. Ali construíram uma igreja. Este local era na Rua (ou Travessa) das Ingle-sinhas, dentro de um pátio, guarnecido de arvoredos sem brios. Estava voltado para sul.

D. João IV não só continuou a mesma ordinária às Religiosas, mas lhes acrescentou mais 12 moios de trigo cada ano, o que foi continuado pelos descendentes de D. João IV.

Mas em 17 de Agosto de 1651, no dia oitavo da festa de São Lourenço, um incêndio accidental reduziu tudo a cinzas. Ficaram as Religiosas sem mosteiro e sem as alfaías de seu uso, e sem saberem o que haviam de fazer nem aonde se haviam de recolher.

Era o número das Religiosas, quando se incendiou o Convento, de 33 freiras de coro, e 7 conversas; os Religiosos eram 4 sacerdotes e 1 leigo.

Naquela manhã em que o convento ardeu, recolheram-se a uma quinta vizinha do mosteiro, que então era de Fernam da Sylveyra; mas, movidas de caridade e compaixão, as madres do Convento da Esperança as convidaram para se recolherem ao seu convento, onde foram recebidas com grandes demonstrações de afecto. Aí permaneceram seis ou sete meses.

*O Anno Histórico, Diário Portuguez...*, composto pelo Padre Mestre Francisco de Santa Maria (1744: tomo II, 537-538) dá a seguinte notícia:

“No dia 17 de Agosto de 1651, pelas 9 horas da manhã, pegou o fogo no Convento das Religiosas Inglesas de Santa Brígida de Lisboa; e com tanta violência, que em duas horas

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

o consumiu todo, e reduziu a cinzas com o móvel e alfaías que nele havia. Saíram as freiras em comunidade, e acompanhadas de muitos Senhores da Corte se recolheram no Mosteiro da Esperança, cuja Abadessa com prontidão e generosidade lhes ofereceu hospedagem. Nele estiveram as inglesas sete meses, até se prepararem na mesma vizinhança umas casas, em que separadamente habitaram enquanto se não edificou o seu novo e magnífico Convento. Atribuiu-se a especial providência divina ao incêndio do primeiro que ameaçava ruína por ter sido fundado sem alicerces competentes; e se caísse improvisamente poderiam ficar sepultadas as suas habitadoras. Assim o entenderam depois todos os mestres e arquitectos, de que se fez um instrumento público, reconhecendo-se que convertera Deus em felicidade aquela desgraça”

Vd. Igreja do CONVENTO DE SÃO SALVADOR DE SIÃO – 2º

ou: DAS INGLESINHAS ou: DAS BRÍGIDAS

Depois de 1651

### Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

SANTA MARIA, Fr. Francisco – *Anno Historico, Diario Portuguez, Noticia Abreviada de pessoas grandes e cousa notáveis de Portugal*. Vol. II. Lisboa: Officina de Domingos Gonsalves, 1744

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO MOSTEIRO DE SÃO FÉLIX E SANTO ADRIÃO,  
EM CHELAS – 2ª****Século XVII [1604] – profunda reedificação****1. ANTECEDENTES**

Este local tem o privilégio de ostentar a primazia da tradição religiosa sobre todos os lugares de Lisboa. Vamos evocar brevemente os principais marcos da tradição, que em volumes anteriores ficaram mais amplamente explanados (vd. tomo II, 99-104 e tomo III, 108 desta obra).

1 – Lendas do templo das Vestais e da estadia ali do grande Aquiles. Essa lenda afirmava que no sítio de Chelas teria existido um “convento” de Virgens Vestais, consagradas ao culto do fogo sagrado. A esse “convento” se teria abrigado Aquiles, fugido da Grécia; e ali o veio descobrir Ulisses...

2 – Consistência histórica tem a tradição que afirma ter havido ali um templo romano, ou pelo menos uma *domus* romana com o seu altar votivo. Isto parece confirmado por várias inscrições latinas e outros vestígios religiosos.

3 – Depois de reconhecido o Cristianismo, foi esse templo transformado em igreja cristã. Em 666, vindo aqui ter por mar as relíquias de São Félix e seus companheiros, fundaram logo os cristãos um convento de frades (não se sabe de que ordem).

4 – Na invasão dos árabes, em 716, foi a igreja de São Félix convertida em mesquita. Os frades foram expulsos, ou fugiram. Alguns supõem que, passada a primeira sanha dos mouros, conseguiram os monges a conservação do seu mosteiro mediante certo feudo, como aconteceu a muitos.

5 – Quando Afonso III, o Magno, rei das Astúrias e Leão, tomou Lisboa aos mouros em 804, o mosteiro parece que era habitado. Foi por esse tempo que o conde Servando depositou neste mosteiro as relíquias que lhe dera o papa Leão III: eram as relíquias de Santo Adrião e sua Mulher Santa Natália e mais onze companheiros martirizados em Nicomedia, imperando Maximiano.

6 – Os Mouros retomaram Lisboa em 812 e aí permaneceram até 1147.

7 – Quando D. Afonso Henriques conquistou Lisboa em 1147, mandou a D. João Peculiar que tratasse da reedificação deste convento, ao que ele logo procedeu e foi a Coimbra buscar sua irmã Justa Rabaldes (que depois em Chelas tomou o nome de Justa da Cruz), cónega do mosteiro das Donas, com mais 4 freiras, para povoarem este mosteiro, sendo Justa da Cruz a sua primeira prioreza. A igreja foi então purificada pelo bispo D. João Peculiar, assistindo o Rei a esta cerimónia, e à trasladação das relíquias, que estavam em duas caixas de mármore; as quais foram colocadas na capela-mor e ficaram servindo de altares de S. Félix e de Santo Adrião.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

8 – Vieram também então para aqui 4 cônegos de Santa Cruz, para viverem no mesmo convento, que ficou sendo “dobrado”, isto é, de ambos os sexos. Há algumas hesitações entre os historiadores: Frei Luís de Sousa e outros sustentam que o Convento de Chelas foi no seu princípio (séc. XII) de cavaleiros de São João; outros dizem que foi da Ordem de S. Tiago; outros dizem que foi de bernardos. Parece inegável que foi “dobrado” e de crúzios: porque o breve apostólico do papa Gregório IX, de 1234, que concede muitos privilégios ao mosteiro, diz que ele é de agostinianas.

UMA DOAÇÃO QUE AO MOSTEIRO FEZ GONÇALO JOÃO, FILHO DE JOÃO ERMORIGES E DE D. AUSENDA, EM 1191 (MARÇO) DE TODA A SUA HERDADE QUE TINHA NO LOGAR DE AROIL, COM CASAS, AGUAS E QUANTO EM SI TINHA, CLARAMENTE DIZ QUE O MOSTEIRO É DE CONEGOS E CONEGAS.

EM 1192, ESTANDO EM LISBOA D. SANCHE I E SUA MULHER, D. ALDONÇA, E SEUS FILHOS, FIZERAM ELLES AO MOSTEIRO DOAÇÃO DE UMAS VINHAS QUE AQUI TINHAM. AINDA ENTÃO ERA DUPLEX (DOBRADO) MAS NÃO SE SABE DESDE QUANDO PRINCIPIOU A SER SÓ DE FREIRAS. É OPINIÃO DE ALGUNS, QUE FOI DESDE O REINADO DE D. AFFONSO II, A PEDIDO DE SUAS SANTAS IRMANS<, PARA SE EVITAREM OS ESCANDALOS A QUE ESTA PROMISCUIDADE DAVA LOGAR (in Leal, 1874: vol. II, 289).

9 – Temos conhecimento de obras de reconstrução deste mosteiro, posteriores à instituição da monarquia: obras feitas por D. Afonso Henriques, em 1147-1148; obras do bispo de Lisboa, D. Soeiro Viegas, em 1220-1226; obras feitas por D. Manuel, pelos anos de 1510...

10 – Em 1580, as tropas do Duque de Alba deram de noite assalto ao mosteiro, mas não puderam entrar.

11 – Em 1589, os ingleses que vieram com o Prior do Crato levaram as freiras a fugir para Lisboa.

As notícias referentes ao Mosteiro de Chelas seguem de perto as de Barbosa (1864b: vol. 7/47, 374-376) e Leal (1874: vol. II, 287-292).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. A REEDIFICAÇÃO DE 1604

As reconstruções operadas até ao início do século XVII transformaram completamente a arquitectura primitiva<sup>XXXVI</sup>. A igreja que actualmente subsiste nada revela que seja anterior a 1604, com excepção do portal manuelino.

Neste ano de 1604 foram praticadas obras de reconstrução bastante profundas, à custa da ordem, sendo prioriza Dona Luiza de Noronha<sup>12</sup>.

As relíquias dos 26 santos mártires, padroeiros do convento, foram tiradas das suas caixas de mármore, em 1604, sendo metidas em 26 meios corpos de santos, obra de boa escultura, que mandou fazer a prioriza D, Luiza de Noronha, trasladando-se para dois altares colaterais da capela-mor.

No altar do lado do evangelho, consagrado a São Félix, ficaram as relíquias deste santo e os seus 12 companheiros, em 13 meios corpos. Junto do altar foi colocada uma lápide com a inscrição seguinte:

BEATISSIMO XPI DNI MARTIRI FELICE DIACONO, ALIIS  
QUE XII MARTIRIBUS QUI IMPIORUM GLADIIS SUB DIOCLE-  
CIANO OCCUBUERUNT, QUORUM CORPORA HIC JACENTE, ANTE  
ALPHONSUM I PORTUG. REGEM, HOC ALTARE EST DICATUM

Isto é:

Este altar é dedicado ao beatíssimo mártir de Cristo Nosso Senhor, o diácono Félix, e a outros doze companheiros, que foram mortos pelas espadas dos tiranos, sendo imperador Diocleciano; cujos corpos aqui jazem sepultados, antes do tempo do Rei de Portugal, Afonso I.

<sup>12</sup> Por essa ocasião, foram encontradas diversas lápides com ou sem inscrição, que remontam algumas ao período de dominação romana, outras à época visigótica.

XXXVI A data indicada por José da Felicidade Alves de remodelação do convento, 1604, deve referir-se a uma fase adiantada de uma campanha que tivera início ainda em finais do século XVI, orientada por Nicolau de Frias. Ali professava uma irmã, Filipa do Espírito Santo, que morreu em Chelas em 1617 (Viterbo, 1988: vol. III, 327); e, em 25 de Agosto de 1599, a madre Filipa do Espírito Santo participou como testemunha na escritura de venda da quinta dos Arciprestes, em Chelas, propriedade do cenóbio, a Afonso Dias de Medina. A quinta fora aforada por três vidas a Nicolau de Frias, que a deu como dote à filha Filipa, pelo seu casamento, em 1594, com o engenheiro italiano Alexandre Massai (Viterbo, 1988: vol. II, 461). Estas ligações explicam, assim, a ligação do arquitecto régio ao convento a cuja remodelação deve ter estado ligado desde o início: em 1589, passou-se contrato com o mestre de obras de pedraria Fernão Dinis para o acabamento de dois lanços do claustro novo do Mosteiro de Chelas, com colunas de pedra nos andares de baixo e de cima, «segundo a ordem de Nicolau de Frias», tendo sido escrivã do documento sua irmã, Filipa do Espírito Santo; em 1596 foi feita a respectiva medição, por Lourenço Gomes (Viterbo, 1988: vol. III, 283-288) e, ainda outra, em 1598, por Diogo Rodrigues, que ali se deslocou com Nicolau de Frias.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Igualmente, junto do altar consagrado a São Félix, no lado do evangelho, foi colocada uma lápide com os seguintes dizeres:

ESTA CAPPELLA SE REEDIFICOU EM TEMPO DO ILLUS=  
TRISSIMO SENHOR D. MIGUEL DE CASTRO, ARCEBISPO DE  
LISBOA, PRELADO DESTA CAZA, CÔ CUIO GOVERNO FOI SEM=  
PRE ADMINISTRADA ANTES DOS REIS DE PORTG. COMO  
SE UE DE UM CIPO FEITO NA ERA DO S, DE MIL, E DAS  
ARMAS DE ELREI VUAMBA, Q REPARTIO OS BISPADOS, EM  
ESPANHA, O Q TUDO SE ACHOU NESTA REEDIFICAÇÃO  
CÔ RUINAS DE HUM CAIS DE ENXELHARIA. ONDE DE=  
SEMBARCARAÕ ESTES SANTOS MARTIRES, POR ESTE UA.LE.  
SER MAR.

Do lado da epístola, no altar dedicado a Santo Adrião, estão as relíquias deste santo, se sua mulher Natália, e de seus 11 companheiros. Junto está uma lápide com a inscrição seguinte:

FIDELISSIMO AC INVICTÍSSIMO XPI DNI MARTIRI ADRI-  
ANO ET NATALIE, UXORI EJUS ALIIS QUE UNDECIM SOCCIS,  
QUI SUB MAXIMIANO VARIO TORMENTORUM GENERE OC-  
CUBUERE, QUORUM CORPORA ANTE ALPHONSUM PRIMUM  
PORTUGALLÆ REGEM HIC QUIESCUNT, HOC ALTARE DICA-  
TUM EST.

Isto é:

Este altar é dedicado ao fidelíssimo e invictíssimo mártir de Cristo Nosso Senhor, e a Natália sua mulher, e aos outros onze companheiros, os quais, sendo imperador Maximiano, foram mortos com vários géneros de tormentos; cujos corpos aqui descansam antes do Rei de Portugal, Afonso I.

Concomitantemente, foi colocada outra lápide, no mesmo lado da epístola, com os seguintes dizeres:

ESTE CONUENTO HE DE CONEGAS REGRANTES DE  
S. AUGOSTINHO; POR ESCRIPTURAS ANTIQISSIMAS. FOI CAZA  
DAS UESTAES ANTES DA UNIDA DE CHRISTO N. S. O Q SE  
UÊ PELLOS UESTIGIOS DAS PEDRAS Q ESTÃO NA CLAVSTRA  
UELHA POR. O. CIPO DE IULIA FLAMINEA, E ARA DAS UES=  
TAES, CÔ O BURACO DA URNA DO IGNE PERPETUO, ASSIM  
Q SE ACHA SER REEDIFICADA ESTA CAPPELLA QVATRO  
UEZES; HUMA EM TEMPO DAS UESTAES, OUTRA NA PRI=  
MITIUA IGREIA DE HESPANHA, E DUAS DEPOIS.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Estas 4 inscrições foram ali mandadas colocar pelo arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, no dito ano de 1604.

Nas escavações a que se procedeu para as obras de 1604, apareceram no claustro diversas lápides do tempo dos romanos, umas colunas coríntias e as figuras de Juno e Minerva e doutras divindades mitológicas. Parece que estas pedras, como estavam partidas, se não conservaram, sendo aproveitadas para outras obras.

Subsistiam ainda as lápides comemorativas do primeiro depósito das santas relíquias naquele lugar. Acharam-se enterradas, depois foram embebidas nas paredes<sup>13</sup>.

### 3. DEPOIS DE 1604

- Subsistem desta reedificação de 1604: o claustro, rico em azulejos; um alpendre forrado a azulejo seiscentista do tipo tapete; algum recheio de talha e azulejos.

- A igreja foi ampliada e melhorada em 1690<sup>XXXVII</sup>.

- O terramoto de 1755 fez bastantes danos à igreja e ao mosteiro. Para reparar os estragos, fizeram-se obras em 1756 e 1757.

- Nesse mosteiro entrou aos 8 anos de idade a célebre poetisa Marquesa de Alorna, prisioneira de Marquês de Pombal, tal como sua mãe e irmã. Ali esteve durante 18 anos.

- Desde 1898, no edifício conventual estabeleceu-se a fábrica de pólvora sem fumo, pelo sistema Barreto.

- Actualmente, é sede da paróquia de São Félix de Chelas.

<sup>13</sup> Sobre estas lápides veja-se o que diz Barbosa (1864: vol. 7/47, 376) , já reproduzido no tomo I desta obra, pp. 76-78.

XXXVII Deve ter sido no âmbito desta campanha de obras de 1690, referida por José da Felicidade Alves, que se encomendou ao pintor Bento Coelho da Silveira uma série de telas que ainda ali se encontravam em 1833, distribuídas pela capela-mor, pela nave e pelo coro. Algumas delas conservam-se ainda hoje no Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim. Dado o estado fragmentário do conjunto é impossível reconstituir o programa iconográfico original, que incluía quadros relativos à infância da Virgem e de Jesus, os Quatro Evangelistas e temas eucarísticos (Sobral, 1998: 209-304).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

BARBOSA, Inácio de Vilhena – “Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito)”, *Archivo Pittoresco*, vol. 7/47, 1864, pp. 374-376.

LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho – *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Vol. II. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1874, pp. 287-292.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO SEGUNDO MOSTEIRO DE SANTOS-O-NOVO****Século XVII [1609 - 1635] – Reconstrução**

[Comendadeiras de Santos]

**1. ANTECEDENTES**

Embora não seja o edifício religioso com mais antigas tradições na área de Lisboa – privilégio que pertence ao Convento de Chelas – o Mosteiro de Santos evoca o monumento cristão mais antigo da cidade e o mais ligado à sua gente. Evocam-se esquematicamente os tópicos principais.

**a) Antes da conquista de Lisboa (1147)**

Conta a tradição que no dia primeiro de Outubro do ano de 307 da era de Cristo, o rio Tejo lançou à praia os corpos dos Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, irmãos, naturais de Lisboa, filhos de pais nobres e ricos, mandados executar por Públio Daciano, legado do imperador Diocleciano<sup>14</sup>.

Diz-se que estes cidadãos lisboetas foram executados naquele mesmo sítio, e sepultados ali pelos cristãos, que descobriram os três corpos na margem do rio. Nesse local, que por este facto se ficou chamando “praia de santos”, se erigiu uma capelinha.

A dita capelinha conservou-se até ao ano de 1147, por ser a única que os Mouros consentiram aos cristãos por estes sítios, mediante avultado tributo anual. Ou, segundo outra versão, para que as santas relíquias não caíssem em poder dos Mouros, os cristãos esconderam-nas no lugar onde agora se vê a igreja paroquial de Santos-o-Velho. Em 1147, os Cruzados terão encontrado ali algumas pedras de ruínas, sendo incerto o local preciso das relíquias.

<sup>14</sup> “Fez muyto o impio tyrano por dissimular com brandas palavras a indignaçã que concebera da liberdade com que fora repreendido pellos tres sanctos irmãos; mas vendo que nem a brandura das palavras, nem as promessas de premios, nem as ameaças de castigos lhe davam esperanças de vencer o valor dos tres animosos irmãos, passou a mandar executar nelles muytos e graves tormentos. Mas como todos nam bastassem a abrir brecha no invencivel peyto dos inclitos martyres de Christo, cansada já a engenhosa feresa do tyrano de inventar tormentos, e os executores delles de os applicar, mandou que os invictos soldados de Christo fossem atados pellos pés a cavallos e arrastados pellas ruas da cidade. Mas como ainda nos corpos despedassados concervassem a vida, lhes mandou o cruel presidente cortar as cabeças, e que com ellas fossem seos corpos lançados naquella parte do rio fronteyra ao castello de Almada, atando aos corpos grossas pedras pera que fossem ao fundo. Quando porem o barco voltou pera a praya donde tinha partido, achou já nella as reliquias dos Sanctos Martyres, de que os gentios admirados nem se atreveram prohibir aos christãos lhe dessem sepultura, no qual foram veneradas suas reliquias em huma pequena igreja, até que os Mouros, entrando em Hespanha, chegaram a Lisboa, aonde os christãos pera que as sanctas reliquias nam caissem em poder dos malditos sectarios de Mafoma as esconderem no lugar aonde agora se ve situada a igreja parochial chamada Sanctos o Velho.” (In Historia dos Mosteiros, 1972: vol. II, 224).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**b) O mosteiro de Santos [-o-Velho] – 1147/1490**

Ao conquistar Lisboa aos Mouros, em 1147, D. Afonso Henriques mandou erguer naquele sítio uma igreja com o nome de Santos. Depois, seu filho D. Sancho I entregou a igreja à Ordem Militar de Santiago, que ali se estabeleceram e ali perseveraram até ao tempo em que foi conquistada aos Mouros a vila de Alcácer do sal, depois para Mértola, depois para Palmela.

Ao deixarem os cavaleiros a Casa de Lisboa, ficaram nesta as mulheres de maior obrigação das Comendadeiras e Freiras. E como das ditas mulheres algumas vieram a professar os votos dos Cavaleiros, elegeram elas uma que como Prelada as governasse, á qual deram o título de Comendadeira. A primeira que teve este título foi uma senhora ilustre no sangue, e mais ainda na virtude, chamada Dona Sancha Martins. Da virtude desta Senhora algo dissemos ao tratar das igrejas de Lisboa no século XII/XIII; e também fizemos menção de como ela descobriu as relíquias dos Santos Mártires, do que o Mosteiro recebeu notável prestígio (Vd. Costa, 1712: vol. III, 511).

Ao tempo em que era Comendadeira Dona Inez Pires, mãe de D. Afonso, primeiro Duque de Bragança (nascido de ligação amorosa com o Rei D. João I), o Príncipe D. Duarte, por lhe dar gosto, lhe largou os seus Paços, que eram no sítio onde depois foi a Casa da Relação e as Cadeias Públicas da Corte e da Cidade. Mas não passou muito tempo que as Freiras com sua comendadeira não tornassem a se recolher ao primeiro Mosteiro.

Vd. Castilho, 1893: livro V, 583-586.

**c) O Primeiro Mosteiro de Santos-o-Novo – De 1490 a 1685**

D. João II, querendo-as melhorar de habitação, lhes mandou fazer um novo mosteiro, o qual se fundou no sítio chamado Santa Maria do Paraíso, entre o Mosteiro de Santa Clara e o da Madre de Deus, à Cruz da Pedra. E estando o Mosteiro já capaz de ser habitado, se ordenou a mudança que, conforme refere Garcia de Resende na *Crónica d'El Rey D. Joam o Segundo*, foi em 5 de Setembro de 1490, a qual se celebrou com uma solene procissão que foi acompanhada do Cabido e de todas as Religiões da Cidade, com as cruzes das igrejas paroquiais dela. A Comendadeira, que era uma grave dona chamada Violante Nogueira, com todas as Freiras, foram a pé na procissão, acompanhando as santas relíquias que iam dentro de uma tumba dourada, seguindo a procissão grande concurso de todo o estado de gente da cidade; e chegando ao novo mosteiro se recolheram na igreja as santas relíquias, e a Comendadeira e Freiras dentro do novo mosteiro, que quiseram tivesse também o mesmo nome de santos (ou Santos-o-Novo) (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 226).

A Confraria proprietária da Ermida de Santa Maria do Paraíso, para evitar ambiguidades, transferiu-se para outro local, no Campo de Santa Clara, onde estabeleceu uma nova Ermida, a que deu o nome anterior de Santa Maria do Paraíso: esta veio a ter uma história própria, como sede da paróquia de Santa Engrácia, desde 1630 até 1834.

Foi continuando a morada das Comendadeiras no novo mosteiro que, como obra e fundação do Rei D. João II, foi muito assistido por seu filho o Mestre de Santiago D. Jorge. D. João II, passado algum tempo, fez de D. Anna de Mendonça, mãe do seu filho D. Jorge, Comendadeira do Mosteiro; por morte desta, sucedeu-lhe no mesmo lugar Dona Elena de



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Alancastre, filha do Duque de Aveiro Dom João; e a Dona Anna sucedeu Dona Brites, filha do Duque Dom Álvaro. Todas estas senhoras, descendentes do Mestre Dom Jorge, ocuparam com muita razão o lugar de Comendadeiras no Mosteiro de Santos-o-Novo, assim por ele ter sido fundação do Rei D. João II, como pelos grandes benefícios que recebeu do Mestre D. Jorge, o qual da Mesa Mestral aplicou algumas comendas para sustento do mosteiro, as quais comendas do Cardeal Rei Dom Henrique por breves apostólicos uniu ao mosteiro, e a renda das ditas comendas é a principal que o mosteiro tem para sua conservação. (as notícias dadas nestes dois últimos parágrafos são extraídas da *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 226-227).

## 2. O SEGUNDO MOSTEIRO DE SANTOS-O-NOVO

Feita a mudança do Mosteiro de Santos-o-Velho para o sítio de Santa Maria do Pa-raíso, passando a denominar-se Mosteiro de Santos-o-Novo, foram continuando nele sua habitação as moradoras da casa, mas pouco satisfeitas com ela. É que, apesar de ter o nome de Real, por ter sido seu autor o Rei D. João II, não foi o mosteiro feito com tanta grandeza que se não achassem nele “com aperto e discómodos” as suas moradoras.

Para mais, como veremos abaixo no §5, não se tratava rigorosamente de “religiosas”, mas de “mulheres nobres e fidalgas”, sem obrigação de votos. Nos meados do século XVI, em que eram 24 freiras professoras e 15 noviças, tinham as freiras 33 servidores; e só à conta da Comendadeira estavam de serviço 40 pessoas, entre mulheres e escravos e pessoas de fora...

Conhecendo-se a razão que tinham para não estarem plenamente satisfeitas, resolveu-se construir outro mosteiro. O impulso terá sido protegido por Filipe II. O projecto era tão grandioso que, na melancólica reflexão do jesuíta autor da *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 227), o mosteiro seria “tão grandioso que, pelo ser tanto, não há muitas esperanças de se acabar conforme traça com que se começou”<sup>XXXVIII</sup>. Isto era escrito em 1708.

Aliás, segundo se colhe de uma das suas Cartas, já o Cardeal Rei projectara ampliar o Mosteiro, assim em número de freiras como em rendas e edifícios. Faleceu, porém, antes de cumprir o desejo. Vd. Sousa, 1745: tomo XI, 203, referido em Castilho, 1893: livro. V, 618.

As obras começaram em 1609. E ainda que o mosteiro se achava sem “igreja competente”, e falta também de outras obras que se requeriam, estando porém de algum modo capaz já de se poder habitar, fez-se a mudança para ele em 23 de Maio de 1685, sendo comendadeira Dona Isabel de Castro.

O edifício, embora não corresponda à vastidão que o projecto inicial lhe dava, é monumental. Merece ser citado o já referido autor da *História dos Mosteiros* que escreveu em 1708:

XXXVIII A construção do novo mosteiro de Santos-o-Novo inscreveu-se, sem dúvida, numa estratégia de aliciamento das ordens militares por parte da coroa filipina. Após o desejo inconsequente do cardeal D. Henrique, o impulso decisivo foi dado por Filipe II de Portugal, a partir, pelo menos, de 1605. O rei controlou de perto toda a empresa, contando com a gestão administrativa da provedoria das obras reais e o envolvimento dos arquitectos régios, primeiro Baltasar Álvares († 1624), a seguir Mateus do Couto († 1664) (Soromenho, 2001).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

«He a fabrica tam magnifica que leva os olhos a todos o que nella empregam, admirando a grandesa dos dormitorios, numero das janelas em os diversos andares, que multiplicadas humas sobre outras fazem hum soberba e magestosa apparencia, logrando dellas as moradoras do mosteyro hum varia e deleytosa dista sobre o rio Tejo, em que nam falta nunca que ver pellas muytas embarcações que continuamente discorrem por elle, e quando da corrente do rio passam os olhos à terra que fica da outra banda os empregam em muytas quintas e povoações que tem seo assento na margem fronteyra do rio, e estendendo a vista mays pera diante se descobrem largas campinas e levantados montes formando tudo huma muy agradável vista pera as moradoras do sumptuosissimo mosteyro de Sanctos, cuja fabrica está lançada em quadro, ficando no meyo delle hum grandioso claustro que formar os muytos pilares que sustentam os arcos dos quatro lanços delle, e por cima das abobedas dos lanços de bayxo correm varandas cubertas sobre as quaes se segue ainda outro andar de varandas, que tudo faz hum grandioso e soberbo claustro» (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 228).

Diz ainda que o mosteiro era “um dos maiores de Lisboa”. Efectivamente, as 365 janelas em três pavimentos, e o claustro com quatro lados e cada um destes com 13 arcos de volta redonda, e em dois pisos (perfazendo 104 arcos!...), merecem com razão o qualificativo de “grandioso mosteiro”. Refiram-se ainda as capelas dos ângulos da galeria, revestidas de azulejo setecentista, uma sala cujas paredes estão cobertas por painéis historiados, dando cenas do Novo Testamento, uma camarata abobadada com pinturas do século XVII, a antiga Sala do Capítulo, também decorada com boa cerâmica de azulejo, do final de seiscentos, representando cenas de corte e do campo. E no pavimento inferior, as habitações das recolhidas em dependências que abrem para o claustro; nas quatro alas deste claustro, ainda se conservam pequenas capelas cavadas nas paredes, duas das quais, nos ângulos nordeste e sudoeste, merecem especial menção: a da Encarnação<sup>XXXIX</sup> e a dos Passos<sup>XL</sup>, revestidas de rica talha do século XVII e de azulejos.

### 3. A IGREJA DESTE NOVO MOSTEIRO

O autor anónimo que vimos citando sublinha que “não tem, porém, este grandioso mosteiro igreja que seja proporcionada à que pede o edifício ou mosteiro; e assim, enquanto se não s faz a que se deseja, se servem de uma em que não há cousa que mereça particular

XXXIX Esta capela da Encarnação serviu de igreja das recolhidas desde ca. 1685 até 1730-40, enquanto não se finalizava o novo templo. É um interessante exemplar do período inicial do barroco nacional, de abóbada pintada com motivos de “brutesco”, retábulo e molduração das pinturas com talha dourada, rica decoração azulejar (1685-90) de painéis alusivos à genealogia da Virgem, e, em correspondência iconográfica e narrativa, oito telas com passos da Vida de Maria dispostas nas paredes laterais (Monteiro, 2001: 63-71).

XL Outro testemunho notável de um interior compósito do barroco português, embora mais tardio do que o da capela da Encarnação. A talha dourada, que reveste integralmente as paredes laterais é já do período joanino, com sugestões rocaille. Do mesmo período são os azulejos com dois elegantes painéis exteriores ladeando a porta de acesso, com figuração de serafins empunhando os Símbolos da Paixão, e cenas da Vida de Cristo no silhar interior (Meco, 2001).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

relação. Mas ainda que o mosteiro se achava sem igreja competente... [em 1685]” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 228).

Escasseiam-nos notícias sobre o que se passou com a igreja depois deste ano de 1708.

Todavia, a igreja que vemos pode ser considerada “muito bela”. Está defendida do coro por uma boa grade de ferro forjado, dourado<sup>XLI</sup>, seiscentista. O corpo da igreja mostra cinco capelas (além da capela-mor); e está revestido nas paredes por altos silhares de azulejo, dando episódios da vida dos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia. Um desses silhares foi cortado para aposição do rico púlpito de mármore com embutidos.

As capelas, com as invocações do “Menino Formoso”, dos Santos Mártires, de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora das Angústias, e da Sagrada Família possuem cada uma o seu interesse, com imagens de certo mérito e de ingénua factura.

A capela-mor é toda coberta de mármore lisos, no frontal e na banqueta do altar, este com profusa talha dourada, coroado por tímpano onde avulta um grupo escultórico e escudo com amas reais, sustentado por seis colunas salomónicas.

Na igreja existem também alguns quadros a óleo, cuja pintura não tem merecimento de maior; mas as molduras de talha dourada são riquíssimas.

A capela-mor tem as imagens de Nossa Senhora e de São Tiago.

#### 4. A PARTICULAR NATUREZA DA VIDA CONVENTUAL NESTE MOSTEIRO

“Mas, posto que o Mosteiro de Santos é tão grandioso como temos dito em sua fábrica, não se acham porém nele neste ano que vai correndo de 1708 mais que 16 Freiras que fazem companhia á Sua Comendadeira, Dona Inês de Vilhena. Sobre o número das Freiras referido se acham ao presente só duas das que chamam moças de coro. Há também mais no mosteiro 16 senhoras recolhidas, a que fazem companhia 8 meninas parentes suas, sendo as criadas que servem assim à Comendadeira como às Freiras e recolhidas oitenta e três” (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 229-230).

XLI Já foi notada a unidade estilística do interior da igreja, sobretudo ao nível dos retábulos de talha dourada da capela-mor e das paredes laterais, realizados na década de 40 do século XVIII, pelo que é de presumir um programa único concebido para estes notáveis exemplos do barroco joanino, mas já com apontamentos rococó (Lameira, 2001). Contemporâneos são os azulejos azuis e brancos que revestem a nave, com iconografia dos Santos Mártires de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júlia, remetendo para a fundação original de Santos-o-Velho, em cuja praia teriam aparecido os seus corpos; estilisticamente estão próximos das produções da oficina de Valentim de Almeida. A decoração de mármore embutidos da capela-mor será talvez anterior, de cerca 1720, ou mesmo anterior, lembrando as produções de João Antunes (Meco, 2001). Existe ainda na igreja um bom acervo de escultura em madeira, barroca e tardo-barroca, com peças ligadas ao culto dos Santos Mártires, São Tiago (patrono da Ordem), Meninos Jesus e santas Mártires, sendo abundantes, sobretudo, as obras de invocação mariana (Carvalho, 2001).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O tipo de vida destas “freiras” é especial, substancialmente diferente do estatuto de “religiosas” (pois não o eram): viviam como “senhoras nobres e fidalgas”.

“Professam as Freyras deste mosteyro sem obrigaçam de votos que constituem a essencia do estado religioso, porque o voto de castidade nam as obriga a castidade absoluta, mas sòmente à conjugal, mas ainda que podem tomar o estado do matrimonio nam usam da liberdade que pera isso tem. Tambem as nam obriga o voto da pobreza, e assim podem possuir rendas, e testar dellas por sua morte. A obediencia, ainda que a observam com grande respeyto assim às leys e regras do mosteyro, como às ordens de sua Prelada a Commendadeyra mór e do Prior mór de Palmela que tem sobre o mosteyro jurisdiçam spiritual, nam as obriga porem a obediencia a culpa grave, ficando sòmente sogeytas à pena quando faltam ao cumprimento das regras do mosteyro ou das ordens da Prelada.

Nam sam tambem as ditas Religiosas de tal maneyra obrigadas a clausura que com licença da Prelada nam possam sahir do mosteyro a visitar aos pays e irmãos em suas casas. A dignidade de Commendadeyra tem de ordinario igual duraçam com a vida e quando pella morte vaga o lugar, nam se provê por eleyçam das Religiosas mas por nomeaçam d’El Rey, precedendo consulta da Mesa da Consciencia e Ordens que pera fazer a consulta com mays acerto manda hum ministro da Meza ao mosteyro, e nelle se informa da que serve de Vigayra pelas Freyras mays antigas da que julgam mays conveniente pera ocupar o lugar de Commendadeyra e sempre no provimento tem El Rey atença a que o lugar seja provido em senhora da primeyra qualidade, sendo muyto posto em rasam que sendo as subditas de tam conhecida nobreza seja de tal qualidade a que he Prelada e superior a todas que a nenhuma seja inferior na nobreza.

Tem sobre o mosteyro jurisdiçam o gravissimo tribunal da Mesa da Consciência pella ter sobre todas as Ordens Militares. A authoridade porem spiritual pera os confessores e pera a rescervação dos casos e poder de absolver delles procede do Prior mór do convento de Palmela que assim como tem jurisdiçam sobre os Freyres e Cavalleyros da Ordem de Sanctiago, assim a tem tambem sobre as Freyras que professam a mesma Ordem Militar.” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 228-229).

## 5. DEPOIS DA INAUGURAÇÃO, EM 1685

- Com o terramoto de 1755 ficou este grandioso edifício muito arruinado por dentro; as religiosas tiveram de armar barracas na cerca para se abrigarem, enquanto se não reedificou o convento.

- Em 1833, por ocasião de se formarem pela segunda vez as linhas de defesa de Lisboa, D. Pedro IV mandou que as religiosas de todos os conventos se recolhessem para dentro das linhas da cidade; as comendadeiras de Santos recolheram-se, na maior parte, no Mosteiro da Encarnação da ordem de São Bento de Aviz, e regressaram ao seu convento quando terminaram as lutas civis.

- As Comendadeiras de Santiago, que não constituíam em rigor uma Ordem Religiosa, foram conservadas no seu mosteiro quando da extinção das Ordens.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- Depois da Implantação da República, o edifício converteu-se num dos Recolhimentos da capital para “donas de bom nascimento”, embora as comendadeiras” não ocupem área tão grande como até 1910.

- A parte superior do antigo mosteiro foi destinada à secção masculina do Instituto do Professorado Primário Oficial.

### Bibliografia

CASTILHO, Júlio de – *A Ribeira de Lisboa: Descrição Historica da Margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até. Santos-o-Velho*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

SOUSA, Antonio Caetano de (1745) – *Historia genealogica da Casa Real Portugueza: desde a sua origem ate o presente, com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Braganca: justificada com instrumentos, e escritores de inviolavel fe: e offerecida a El Rey D. Joao V (...)*, Tomo XI. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO MOSTEIRO DO SACRAMENTO, EM ALCÂNTARA****Século XVII [1612]**

Era de Religiosas da ordem de São Domingos. Situava-se onde é agora a Praça d'Armas, em Alcântara.

**1. OS FUNDADORES**

A história deste convento está ligada a um caso de vocação religiosa de um casal já adulto e com um filho: Dom Luís de Portugal, 4º Conde de Vimioso; e Dona Joana de Castro Mendonça, sua mulher, irmã do Conde de Basto, Dom Diogo de Castro<sup>15</sup>.

O intento de ambos, de se consagrarem à vida religiosas, por muito tempo adiada, pode finalmente realizar-se; conformes nas vontades e unidos no mesmo espírito de servir a Deus, assentaram não só fazer divórcio entre si mas com tudo o que se chama mundo, recolhendo-se ambos na Religião de São Domingos. Ele fez profissão no Convento de São Paulo, em Almada. Ela tomou o hábito e fez profissão na mesma casa que instituíam, e de que agora estamos a tratar.

Deram à Ordem não apenas as suas pessoas e o dote do mosteiro; sem embargo de ser costume do Reino ficarem por donos da capela-mor e com título de padroeiros as pessoas que dotam e fundam qualquer mosteiro, eles não quiseram para si nem para seus herdeiros as honras de padroeiros nem o privilégio de jazigo na capela-mor, por título de fundadores. A doação foi feita a 20 de Outubro de 1605. Outra escritura feita a 18 de Julho do mesmo ano pela qual desistiam os Condes do padroado do convento, e da capela-mor, com condição que jamais o poderiam dar, nem enterrar nela pessoa alguma.

Ainda houve dúvidas sobre a quantia do dote, que os Condes prometiam que era de 200:000 réis de juro, pagos nas rendas da Casa de Vimioso. Julgavam os Padres por mui curta porção esta, para haver de sair dela a sustentação das Religiosas e a fábrica dos claustros que as haviam de agasalar. Quanto mais que os Condes pretendiam ser muito conveniente que o Convento possuísse tal abundância de renda, que escusassem mendigar pelo povo e parentes (cuidado de que ordinariamente nasciam relaxações...). Mas, para não contrariar a vontade dos instituidores, entendeu-se que a novidade e título da Casa, que havia de ser do Santíssimo Sacramento, chamaria tantos sujeitos nobres e famílias ricas (como logo se foi vendo), que os dotes suprirão para o edifício a erguer e para acrescentar as rendas.

<sup>15</sup> Ver infra, em anexo, a notícia sobre os fundadores deste convento.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. A PRIMEIRA INSTALAÇÃO DO CONVENTO (9 JULHO 1606)

Aceite pela Ordem a criação do mosteiro, começou logo a tratar-se do sítio em que se lhe havia de dar princípio. E como na altura faltava cabedal para a fábrica nova – “e os fundadores sentiam mais do que se pode dizer qualquer hora que se lhes dilatava o entregar-se a Deus na Religião: porque as grandes resoluções perdem muitos quilates nos olhos do mundo, e até dos mesmos que as tomam, se depois de públicas e assentadas, correm com frouxidão”, comenta Frei Luís de Sousa – trataram de tomar de aluguer umas casas nobres e capazes. Escolheram-se as Casas, que foram do Morgado, dos campos abaixo de S. Vicente de Fora, e sobre o Bairro de Alfama. E, como se tomavam como interinas, compuseram-se com pouco aparato e brevidade a sua igreja, coro e mais oficinas.

Assim, aos 9 dias do mês de Julho do ano de 1606, se acharam dentro em perfeita clausura as madres que vieram para fundar a Comunidade. Eram seis as religiosas que nesse dia entraram na nova casa: quatro delas vieram do Convento de santa Catarina de Sena, da Cidade de Évora, fundação também da Casa de Vimioso; uma veio do Convento de Jesus, de Aveiro; e outra, do Convento da Anunciada, de Lisboa. Das seis, uma foi eleita por Prioriza: foi a Madre Isabel de Jesus. E de suas mãos a primeira que recebeu o hábito foi Dona Filipa de Portugal, irmã do Conde fundador. E a esta senhora seguiram-se outras, quer da mesma Casa do Conde de Vimioso, fundador, quer da Casa de Basto, de que era filha a Condessa fundadora.

A condessa entrou em seu noviciado. E de fora ficou por Vigário o Padre Mestre Frei João de Portugal, que depois foi Bispo de Viseu, que era também da Casa de Vimioso; era Vigário, porque a Casa ficou directamente sujeita ao Geral de toda a Ordem, isenta do governo ordinário da Província. Também ficaram de fora o Confessor e Capelães, segundo o costume.

O Arcebispo de Lisboa, Dom Miguel de Castro, e tio da fundadora (irmão de seu pai), acolheu este convento com gosto e bênçãos.

Começaram logo a pedir o hábito muitas pessoas, “não só nada espantadas das asperezas, que se contavão, mas antes convidadas dellas, e para ellas alvoroçadas” (Cacegas e Sousa, 1866: 508).

## 3. INSTALAÇÃO DEFINITIVA, NO SÍTIO DE ALCANTÂRA (1ª PEDRA: 7 JANEIRO 1612)

Isso foi causa que o Vigário, passados poucos anos, começou a tratar de lhes levantar morada própria e perpétua. E reconhecidos muitos sítios, veio a escolher um, que então era fora de muros. “Havia na estrada, que corre do bairro que chamam da Pampilha, para a ribeira e ponte d’Alcântara, um estendido pedaço de terra lavradia chão, e desabafado, cuja largura capaz de um grande edifício era da estrada para o mar, e o comprimento corria dos fornos da cal até pegar nos muros da quinta do Aposentador-mor Lourenço de Sousa, quinta nobre, que fica sobre a ribeira de Alcântara. E com ser terra que se lavrava cada ano, tinha o fundamento sobre uma pedra viva. Esta pedra descendo a talhada e pendente sobre as águas do rio, onde

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

com estreiteza correm como em garganta apertadas com os montes altos de Almada, faz o sítio forte para bom fundamento do edifício, e tão alto e sobranceiro que fica senhor de todo o rio, e livre dos danos e vizinhanças da praia que lhe lava os pés: oferece defronte como painel as rochas d'Almada vestidas em parte de verdura, parte ao natural descompostas; e contra a boca da barra, larga e fermosa perspectiva, até se perder a vista no mar. Em tal sítio, e no mais eminente dele, foi o Vigário desenhando o seu mosteiro” (Cacegas e Sousa, 1866: 508).

Era entrado o ano de 1612. Assistia nesta cidade de Lisboa Dom Frei Aleixo de Menezes († 3.Maio.1617), da ordem dos Padres Eremitas de Santo Agostinho, Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, depois de ter governado muitos anos a Igreja de Goa na Índia Oriental, também primacial dela. Pediram-lhe as religiosas quisesse dar princípio à Casa de Deus, assentando por suas mãos a primeira pedra do edifício. Determinou-se o dia 7 de Janeiro de 1612. Veio o Arcebispo, fez-se a santa cerimónia com grande solenidade. A pedra levaria entalhada a letra seguinte:

JESU DOMINI, VERI FILIJ DEI ARCANÆ DEITATI,  
IN BONÆ GRATIÆ SACRAMENTO, VIVO PANI  
IMMORTALITATIS ALIMONIÆ VITALIS MORTIS SYM-  
BOLO DIVINI Q AMORIS MONUMENTO, PAUPERES  
SORORES DOMINICANÆ PRIMITIVLÆ OBSERVANTIÆ  
VOTO, DOMUM IN SOLO PURO SACRANT ET NUN-  
CUPANT DEVOTORUM COMITUM DE VIMIOSO FUN-  
DATAM REDITIBUS. ADSIT QUÆ DEUM CEPIT VIRGO  
QUE EDIDIT ALTRIX ROSARIJ ET MUNDI UTRIVSQUE  
DOMINATER BEATA MARIA, UNA CŪ SPONSO JOSEPH  
& LOCI PATRONIS SERVO DOMINISCO VIRGINE QUE  
SENENSI & CUM TOTA COLITUM AULA, NUMINE  
PROPTIO. SACRAT ILLUSTRISSIMUS DOMINUS D. ALE-  
XIUS MENESIUS ORIENTIS OLIM ECCLEISLÆ & NUNC  
HISPANIARUM PRIMAS, ANNO DOMINI 1612. JANUA-  
RIJ. DIE SEPTIMA

(*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 407)

Em vulgar significa o seguinte:

“Á Divindade do Senhor Jesu, verdadeiro filho de Deos: Divindade encuberta e encerrada no Sacramento da boa graça: ao Pão Vivo, que he Mantimento de immortalidade, Symbolo de morte vital; penhor e lembrança do Amor Divino, as pobres Freiras de S. Domingos dedicação, e consagração esta Casa, com voto da primeira Observancia, em terra pura, e nova, de que são fundadores com sua fazenda, e rendas os devotos Condes do Vimioso. Acuda-lhe com seu favor, e ajuda aquella Senhora, que em si recebo a Deos, e o pario, ficando Virgem, Mãe do Rosario, Senhora de hum, e outro mundo, mil vezes Bemaventurada Maria, e acompanhem-na seu esposo Joseph, e os Padroeiros naturaes da Ordem, seu Servo S. Domingos, e a Virgem Catharina de Sena, com toda a Corte Celestial. Fez o auto da Sagração o

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Illustrissimo Senhor Dom Aleixo de Menezes, Primaz que foi da India Oriental, e agora o he das Espanhas, em sete dias de Janeiro, anno de 1612.” (Cacegas e Sousa, 1866: 509).

#### 4. ENTRADA SOLENE DAS RELIGIOSAS (5 SETEMBRO 1616)

A obra prosseguiu sem levantar mão. Quando entrou o mês de Setembro de 1616, havia bastante gasalhado para as religiosas, sem embargo de faltar muito para ficar completo. Estava acabado o dormitório, que ficou lançado no comprimento do sítio, ao longo do rio; a igreja ficava no topo do Nascente; e no lado contrário, a Poente, a casa de labor com janelas altas; e para o lado da terra, espaço de recreação para seus tempos.

Aprazou-se logo dia para a transmigração da anterior instalação, no Hospício de São Vicente, para a nova. As Religiosas tinham crescido em número: contavam-se já 24.

A mudança foi soleníssima. Vale a pena dar a palavra a uma testemunha presencial, Frei Luís de Sousa:

“Porque acudio toda a Nobreza da terra, parte por auto de devação, e christandade; parte para acompanharem suas parentas; e outro por curiosidade de ver, e notar cousa poucas vezes vista. Seguio o Povo a Nobreza: e como o de Lisboa he geralmente pio, e muito devoto, tanto que soou a nova da passagem, não ficou homem em casa, nem em tenda; foi o concurso, como da mais celebre procissão de todo o anno. Forão em coches até ao Mosteiro de Santo Alberto. Ali se formou a procissão. Estava na rua posta em ordem a Comunidade dos Frades de São Domingos de Lisboa, com sua Cruz diante, acompanhados de alguns dos Conventos vizinhos. Forão sahindo as Madres, e tomando o meio da rua, segundo suas antiguidades, e precedencias no habito. Chegarão-se os parentes ás que os tinham, e forão-se com ellas ao seu passo com toda a cortesia, e bom termo. Cerrava procissão o Arcebispo, não tanto por tio da Condeça fundadora, como por Prelado zelosíssimo de todo bem, levando debaixo do rico pallio o Santissimo Sacramento, preço de nossa salvação, e titulo, e honra do novo Mosteiro. Deu o caminho ocasião aos bons entendimentos de se edificarem, e compungirem, vendo mulheres fracas caminhar com gosto para encerramento, e sepultura perpetua; gente illustre cuberta de saco do mais vil, mais seco, e aspero, que usão os moradores dos montes; rosto, e olhos tapados de toucas negras, sinal não só de mortificação, mas de verdadeira morte. Mas não fez menos aballo o que muitos virão no Mosteiro novo. Estava aberto, e a entrada franca aos seculares, enquanto tardavão as Madres. Espantados da estreiteza das celas, pasmavão do enxoval de cada huma para cama, enxergão de palha sobre uma vil táboa, fazendo officio de cubertor, lençoes e travesseiro o mesmo saco dos hábitos ou outro mais crespo...” (Cacegas e Sousa, 1866: 510).

#### 5. A AUSTERIDADE CONVENTUAL

Emociona-se o cronista Frei Luís de Sousa com a austeridade destas Religiosas, neste que era então “o benjamim” dos Mosteiros da Província, e último em idade<sup>16</sup>. Mais ainda nos impressiona o testemunho do autor (anónimo) da *História dos Mosteiros* que era jesuíta:

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

“Tomaram as Religiosas do veneravel convento do Sacramento, por exemplar pera imitar o austero instituto com que o Sancto Patriarca deo principio em Roma ao convento de Sam Xisto, sem que o tempo que tanto altera os melhores prepositos e as rezoluções mayns firmes podesse até gora introdusir a minima indulgencia no rigor e austeridade com que começou este religioso convento, sendo sempre a mesma no refeytorio a austinencia de tudo o que he carne, em quanto a saude o permite. E quando por falta della sam obrigadas pello medico a nam uzar do peyxe, tem outro lugar pera comer carne, fora do refeytorio, pera que no da Comunidade se nam deyx de ver sempre a abstinencia de carne. Sendo muy conforme à austeridade da mesa, a pobreza que todas as Religiosas igualmente observam na sua cella, na qual sobre huns bancos de ferro se vem humas taboas e sobre ellas hum enxergam de palha com huns lençoes d'estamenha e hum cobertor de papa, sendo tambem d'estamenha a camisa de que usam, nam se permittindo de linho se nam por falta de saude, por cujo deffeyto uzam tambem as doentes de colcham de lã, lençoes de linho e fronha do mesmo no cabeçal, com que assim no tratto da cama como na qualidade do alimento, com que se nam falta às enfermas com aquillo que ordena o medico e pede a caridade, temperando tudo sem faltar a nada a discriçam.

As mayns alfayas da cella sam hum crucifixo pintado sobre huma taboa, huma meza baixa de pinho pera poderem escrever, com o aparelho necessario sem que nelle se veja sinal de coriosidade. Sua pia de agua benta de barro, algum livro spiritual e os instrumentos de penitencia cujo exercicio lha nam permite estarem ociosas. Estas sam todas alfayas que se acham na cella, ainda que ellas que pello illustre sangue com que nasceram deyxaram muytas e muy ricas no mundo.

O numero das Religiosas deste convento nam pode passar de trinta e tres, nam se permittindo nelle supernumeraria alguma, como nem tambem criada secular pera serviço do convento, pera o qual costuma haver quatro Religiosas conversas que sam trattadas em tudo nam como criadas mas estimadas como Irmãs, e em seos officios as nam deyxam sós no trabalho as Religiosas de veo preto, que ambiciosas todas do merecimento e invejosas do exercicio de mortificaçam e humildade, acodem a elle todas tam sofregas que pera nam ficar sem parte no trabalho repartem entre si os dias, sendo a Prioreça a primeyra que com mayns pontualidade acode ao homilde exercicio da cosinha. O tratto pera fora do convento he tam pouco, e tam circunspecto, que se escrevem he só àquelles parentes com os quaes os vinculos do sangue fazem licita alguma correspondencia, e ainda as cartas que se escrevem, ou aquellas a que se responde, ham de ser humas e outras registadas com a Prelada. E quando com licença della de lhe[s] permite o falar, ha de ser só com os parentes mayns conjunctos, aos quaes nam he licito verem com quem falam, assistindo ainda assim sempre a que chamam escuta, pera poder testemunhar qual seja a conversaçam.

Com serem tantas as mortificações que de tam rígido modo de proceder resultam continuamente às Religiosas deste convento, sam ellas tam fervorosas que nam se satisfazen-

16 Dona Madalena de Vilhena, mulher em primeiras núpcias de D. João de Portugal, e que depois casou em segundas núpcias com Manuel de Sousa Coutinho, aqui professou como Soror Madalena das Chagas. O seu marido Manuel de Sousa Coutinho professou no Convento de São Domingos de Benfica, adoptando o nome de Frei Luís de Sousa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

do com as que se lhe offerecem por obrigação do instituto, voluntariamente buscam outras, privandose muytas vezes da honesta recreação com que o sitio em que estam as convida pera se aliviarem, vendo da janella de suas cellas entrar no porto desta cidade, ou sahir delle, as naos da India e as frotas do Brazil, e outros muytos navios que entram e sahem cada dia, os quaes podendo ver, por nam terem pera isso prohibiçam alguma, se privam de sua vista, por nam perderem o interesse da mortificaçam”. (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 409-410).

## 6. DESCRIÇÃO DA IGREJA

Nada sabemos da igreja da primitiva instalação, em São Vicente.

Quanto à igreja com que se iniciou a instalação em Alcântara, no ano de 1616, sabemos que era “igreja pequena, porém maior que a tenção e animo das Religiosas, em que tudo querião conformar-se com aquella antiga pobreza da nossa Regra” (Cacegas e Sousa, 1866: 510).

Da entrada para a igreja procurou-se boa distância, tanto para fugir da perturbação dos passageiros, como para lhe ficar diante de uma praça cómoda e autorizada. Esta mesma tem com aposento o Vigário, e Capelães, que fabricou para quietação por detrás da capela-mor, com suas janelas e varandas de sol sobre o rio.

Mais tarde, sendo vigário do dito convento o Padre Mestre Frei João de Vasconcellos, do Conselho Geral do Santo Ofício, não se conformando que as religiosas daquele convento não tivessem melhor igreja do que tinham, fez derrubar a que havia e fundou de novo uma outra.

Sabemos que esta tinha três altares.

A igreja era de uma só nave, tendo a fachada lateral com frente para o norte, e a entrada principal fechada num pátio. Na capela-mor via-se uma excelente tribuna; era toda dourada, e sobre o altar estava o Santíssimo Sacramento dentro de um globo de madeira dourada, rodeado por uma parreira, sustentada por um anjo e dois serafins, aos lados, tendo cada um deles uma vela na mão, que sempre se acendiam à missa conventual. Sobre o globo



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

viam-se muitas espigas de trigo, com sete colunas que o cercavam, figurando tudo figuras do divino Sacramento<sup>XLII</sup>.

Nesta capela havia no lado da epístola as imagens de São Domingos e São Tomás; e no lado do evangelho, as de São Francisco e Santo António.

A capela colateral do lado da epístola era do Santo Cristo; e a do lado do evangelho era de Nossa Senhora do Rosário, de tamanho natural, imagem de muita devoção, com sua irmandade.

No adro havia mais duas capelas, sendo uma de Nossa Senhora do Rosário e a outra de São Domingos, tendo ambas muitas relíquias.

Por cima da grade do coro, via-se a imagem de Jesus Crucificado, junto da qual se expunha o Santíssimo Sacramento duas vezes no ano.

Tinha o convento um bom claustro com sua fonte de jaspe ao centro; uma cerca espaçosa, em cujos muros batiam as ondas do rio Tejo, para onde o convento gozava dum lindo ponto de vista.

(apud Pereira e Rodrigues, 1909: vol. 4, 299).

## 7. ACONTECIMENTOS POSTERIORES

- O terramoto de 1755 causou-lhe pequenos estragos, que foram logo reparados.

- Hoje (e de há muito, não sei dizer desde quando) é uma instituição militar<sup>17</sup>. A igreja está abandonada e arruinada até certo ponto.

<sup>17</sup> NC: Com a extinção das ordens religiosas em 1834, a comunidade religiosa deixou de admitir noviças, embora tenha continuado a habitar o convento, acolhendo a partir de 1889 associações de solidariedade. Entre 1911 e 1916, a ala poente foi ocupada pela Academia das Ciências, instalando-se também no convento o Depósito Geral de Material de Aquartelamento do Exército. Desde 2005 está ali instalada a Divisão de História e Cultura da GNR e, desde 2016, alberga ainda o sítio oficial do Ex-Presidente da República Aníbal Cavaco Silva.

XLII Foi Paulo Varela Gomes quem, recentemente, chamou a atenção para a igreja do convento do Sacramento de Alcântara, que cria representar um «tipo arquitectónico único na Península Ibérica». A ideia geral do templo pode ter sido dada por frei João de Vasconcelos (1590-1652), religioso dominicano com conhecimentos de arquitectura, embora, dificilmente, tivesse sido sua a traça operativa. O templo apresenta uma planta em cruz grega, inscrita, por sua vez, numa “caixa” de planta quadrangular, rematada por cúpula hemi-esférica sem tambor. No primeiro piso desenvolve-se uma galeria que percorre todo o perímetro da igreja, dividida em duas secções autónomas, uma destinada a fiéis ilustres e, outra, às próprias freiras. Atrás do altar-mor ergue-se, sobreelevado sobre uma cripta, um espaço também invulgar, que descreve um pentágono irregular, que Paulo Varela Gomes interpretou como uma capela-camarim construída para albergar o sacrário do Santíssimo Sacramento (Gomes, 1998: 102-122). A peça, descrita nas crónicas seiscentistas como um anjo-custódio, de tamanho natural, sustentando um globo, tem sido identificada com uma obra mista de escultura em madeira e ourivesaria, exposta no Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra (Ferreira, 2008b: 183), mas permanecem sobre isto algumas dúvidas, uma vez que parece tratar-se de uma peça bastante mais tardia. Actualmente, propriedade do Ministério dos Negócios Estrangeiros, a igreja e o convento foram recuperados para o Arquivo Histórico do MNE. Algumas das dependências conventuais servem ainda como gabinetes de apoio aos ex-Presidentes da República.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 8. O QUE RESTA ACTUALMENTE

Da obra Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa extraímos o que segue:

“... O muro em que se firma um gradeamento, revestido de chapa, tal como o portão de acesso, da Rua do Sacramento a Alcântara, limita a norte o pátio onde se ergue a que foi igreja do antigo Convento do Santíssimo Sacramento”.

[...] Corre o alçado da fachada norte, paralelo ao arruamento, dele restando o portal à direita, sob a torre, vendo-se a encimar o edifício a torre zimbório, cuja clarabóia ilumina a nave única e, interiormente, com friso que corre sobre os quatro arcos, alterosos, que estruturam e travejam o corpo da igreja, ornada com “almofadas” de pedra fingida, toda de estuques como os tectos, sem qualquer pintura; o arco a poente abre a capela-mor, que outrora, em retábulo de talha dourada, acolhia no camarim o ostensório do Santíssimo Sacramento. E diante ficava o coro superior, sob o qual enfia o corredor que parte do portal; frente à entrada para a igreja (onde teria sido o coro baixo), está um lavabo circundado com azulejos azuis, de anjos segurando reposteiros (de fraca pintura), típico do primeiro quartel seiscentista. Outros silhares de azulejaria do primeiro terço do século XVIII se topam nos corredores nas escadas e em vários recintos; especialmente relevantes os de figura avulsa do antigo refeitório (?) e sala anexa. Num compartimento (que serve de arquivo), topam-se silhares de personagem azul, desde os tipos seiscentistas de camélias às repetições ornamentais 4X4, sendo uma delas bastante rara” (Almeida, 1988; vol. V, tomo 3, 89-90).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO

## NOTÍCIAS SOBRE OS FUNDADORES DESTE CONVENTO

A propósito da fundação do Convento do Sacramento, em Alcântara, juntamos uma breve notícia sobre os seus fundadores.

Dom Luís de Portugal, 3º Conde de Vimioso

Nasceu no ano de 1555, terceiro filho dos 2<sup>os</sup> Condes de Vimioso. Era naturalmente de um génio pio e devoto; e assim desde os primeiros anos começou a mostrar inclinação para o estado religioso. Levado por um natural impulso, largou a própria casa, buscando o Convento da Arrábida para sua habitação; dele o tirou o respeito e autoridade dos Condes seus pais, seguindo a vida militar.

No ano de 1578, achou-se D. Luís de Portugal em companhia de seu pai e irmão na infeliz batalha de Alcácer-Quibir, onde seu pai morreu. Ele ficou gravemente ferido, e em toda a vida sofreu os efeitos das feridas. Ficou cativo, sendo resgatado por seu irmão D. Francisco. Voltando a Portugal, foi desterrado com a Condessa sua mãe e irmãos que foram conduzidos a Espanha e presos no Castelo de São Torcaz. Aqui sofreu trabalhos e muitas privações. Nesta prisão estiveram enquanto durou a vida de seu irmão D. Francisco de Portugal, que andava ao serviço do Prior do Crato, e com a notícia da sua morte foram postos em liberdade. Voltando para o Reino, no lugar de Santo Antão do tojal, faleceu a Condessa sua mãe; e as filhas da Condessa foram por ordem d'el-rei recolhidas em diversos conventos.

Só em 1590 é que lhe mandaram restituir os bens patrimoniais e próprios de sua casa. Nesse mesmo ano casou com Dona Joana de Mendonça, filha de D. Fernando de Castro, Conde de Basto, que lhe deu em dote 40:000 cruzados. Após incansáveis requerimentos, foi feito Conde de Vimioso, por Carta Real de 6 de Março de 1604, sendo-lhe restituídas diversas mercês.

Achando-se com numerosa descendência, de comum consentimento com a Condessa, sua mulher, dissolveram o matrimónio pelo estado religioso. Fundaram o Mosteiro do sacramento de Lisboa, de Religiosas da Ordem de São Domingos, onde a Condessa tomou o hábito e professou; e o Conde professou no Convento de São Paulo de Almada, da mesma Ordem, no ano de 1607.

Dele se conta que em África fizera voto de ser religioso; mas que, com a morte de seu irmão, vendo a sua Casa sem sucessão, se vira na obrigação de tomar o estado de casado; e que depois que vira seguro o estabelecimento de sua Casa pela sucessão, dera cumprimento ao voto. Resolveu-se pois o Conde, com o consentimento da Condessa, a entrarem ambos na Religião.

O Conde primeiramente tinha-se recolhido no Convento de Benfica, onde esteve algum tempo sem hábito religioso; passou depois por ordem do Prelado para o Convento de São Paulo de Almada, onde tomou o hábito no referido ano de 1607, e professou com admirável resolução, e se chamou Frei Domingos do Rosário.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Cheio de amor e de boas obras, acabou santamente em Évora, aos 30 de Julho de 1637, contando 82 anos, e sendo enterrado no Capítulo dos seus religiosos. Mandaram-lhe pôr campa particular, e nela este bem merecido Epitáfio:

P. FR. DOMINICUS DO ROSORIO, IDEM IN SÆCULO  
D. LUDOVICUS DE PORTUGAL COMES VIMIOSENSIS  
ANNO 1607. UNA CUM UXORE COMITISSA D. JOANNA  
DE MENDOÇA ILLO CONSENSU ANIMORUM QUO PII VIXE-  
RANT, PRÆDicatorum RELIGIONI SE DEVOVIT. TAN-  
DEM ANNO SUÆ ÆTATIS 82. AB ORTU CHRISTI 1637.  
DIE JULII 30. OPTIMÆ MEMORIÆ CONSECRATUS PLACI-  
DISSIME OBIIT VIRTUTUM OMNIUM MONUMENTIS ORNA-  
TUS, TUM VERO PRÆCIPUIS OBEDIENTIÆ, PAUPERTATIS,  
RELIGIONIS ZELI, CHARITATIS, & HUMILITATIS, QUIBUS  
SINGULARITER FLORUIT QUIQUE VIVENS SE CONSEPIVIVAT  
SÆCULO. HIC DEFUNCTUS IN TUMULO FELICITER VIVIT DEO.

Dona Joanna de Mendonça

Filha de D. Fernando de Castro, 1º Conde de Basto, e da Condessa Dona Filipa de Mendonça sua segunda mulher (irmã do 1º Conde de Vila Franca).

Como dissemos, na separação que seu marido fizera, entrara no Mosteiro do Sacramento, onde foi religiosa, e se chamou Sor Joanna do Rosário. Nele foi três vezes Priora.

Era muito instruída na língua latina.

Faleceu a 21 de Maio do ano de 1543, com mais de 80 anos de idade.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 3. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1988.

CACEGAS, Fr. Luis de e SOUSA, Fr. Luis de – *Terceira Parte da História de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portuga por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica*. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, por António da Encarnação, 1622 [3ª edição. Lisboa: Typographia do Panorama, 1866].

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

SANTA CATHARINA, Fr. Lucas de – *Quarta Parte da Historia de São Domingos particular do reino e Conquistas de Portugal*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Silva, 1733 [3ª Edição, Lisboa: Typographia do Panorama, 1866].

NB: o mais importante cronista é Frei Luís de Sousa: O tema foi retomado por Frei Lucas de Santa Catharina, na *Quarta Parte da História de São Domingos*, livro 4º, capítulos 18 a 25, redigidos nos primeiros anos do reinado de D. João V (Santa Catharina, 1733). Este segundo cronista, além de exarar documentos de notário, faz as biografias de várias Religiosas.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DE N.ª SENHORA DA ENCARNAÇÃO****Século XVII [início: C. 1617]**

[Comendadeiras de S. Bento de Aviz]

**1. A INFANTA DONA MARIA, FUNDADORA DESTE CONVENTO**

É imperioso evocar aqui a figura da Infanta Dona Maria [1521-1677], uma das mais insignes Princesas que o Reino de Portugal produziu e que no seu tempo se conheceu na Cristandade. Era filha de el-rei D. Manuel e da sua terceira mulher a rainha Dona Leonor, irmã do imperador Carlos V e da Rainha Dona Catherina (mulher do rei D. João III) (vd. *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 413).

Ficou órfã de pai quando só tinha seis meses e cinco dias de nascimento. Sua mãe retirou-se para Castela, não conseguindo o seu intento de levar consigo a Infanta, ficando esta em Portugal com um pouco menos de dois anos. A dita rainha D. Leonor casou depois com o rei Francisco I de França. A infanta D. Maria ficou, pois, em poder de seu irmão o rei D. João III.

Encarregaram-se da sua educação senhoras versadas em latim, grego, francês e castelhano. Foi discípula da erudita Luísa Sigea, que clarificava a sua aluna de “primaz em humanidades, erudição e virtudes”. Princesa do Renascimento, manjava com facilidade a língua latina, o que lhe permitia responder de improviso a embaixadores, e redigir cartas a soberanos estrangeiros. Graças à sua inteligência e cultura, tornou-se uma mulher excepcional e ocupou lugar de destaque entre os eruditos do seu tempo.

A partir dos 16 anos viveu em paço privado, rodeado do fausto inerente à sua condição e fortuna. Do seu paço fez a Infanta um centro de cultura, apelidado pelos coevos de “Universidade feminina”. Ali se reuniam as mulheres mais cultas da sua época, tais como as irmãs Sigea, Públiã Hortênsia de Castro, Paula Vicente, e outras.

Toda a sua vida foi ocupada também com projectos e negociações de casamentos, sempre frustrados. O primeiro foi para casar com o delfim de França, casamento que deveria efectuar-se quando a princesa completasse 12 anos; quando o delfim morreu, tinha ela já 15 anos e ainda ela se conservava solteira. Depois, sucessivos noivos lhe foram apontados, entre eles o Duque de Orleães, o arquiduque Maximiliano, Filipe II de Espanha, o arquiduque de Áustria, etc. A princesa viu sempre malogrados os consórcios que lhe apontavam, mercê das intrigas públicas do imperador Carlos V, seu tio, e principalmente de seu irmão D. João III, que não queria desfalcas o erário público com a entrega do avultado dote da infanta.

Era a mais rica infanta da cristandade. O último quartel da sua vida passou-o a dispor da sua enorme fortuna em prol de obras de arte, de instituições de beneficência, e de congregações religiosas. Fundou o Convento e Hospital da Luz, o Convento da Encarnação



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de Lisboa, o Convento do Calvário, em Évora, o Convento de Nossa Senhora dos Anjos, em Torres Vedras, etc<sup>XLIII</sup>.

Morreu em Lisboa, a 10 de Outubro de 1577, e foi sepultada na capela-mor do Convento da Luz.

## 2. DISPOSIÇÕES TESTAMENTÁRIAS DA INFANTA

Por seu testamento, a Infanta Dona Maria constituiu herdeiras de todos os seus bens as almas de seu pai o Rei D. Manuel, de sua mãe a Rainha Dona Leonor, e a sua própria, instituindo muitas obras e legados pios.

Entre todos, ordenou que se edificasse em Lisboa um mosteiro de Religiosas da Ordem de São Bento, no sítio que melhor parecesse ao Padre Geral da dita Ordem, a cuja obediência haviam de estar sujeitas, querendo que no dito mosteiro se observassem as regras da religião beneditina com a mesma exactidão que se notava nos mosteiros mais reformados e exemplares da Ordem de São Bento, de cujo santo fundador foi a infanta sempre muito devota.

Ordenou que no dito futuro mosteiro que ordenava fundar houvesse sessenta e duas religiosas [62], e que delas vinte e cinco [25] seriam de sangue nobre, e pela maior parte órfãs; e que entrariam sem dote algum, e seriam nomeadas para os ditos lugares por el-rei, a quem pedia fosse protector e padroeiro do dito mosteiro.

Ordenou mais que as trinta e sete [37] que haviam de preencher o número de 62 (com as 25 já referidas), haviam de ser todas limpas de sangue; e que o seu dote não seria fazenda de raiz, para não ficarem sujeitas aos cuidados de administração, mas seriam 10:000 réis de juro perpétuo e 25:000 réis para seus alimentos [da religiosa] em sua vida; e as referidas tenças das religiosas seriam totalmente administradas pela Abadessa do Mosteiro, querendo que dos bens da Comunidade se acudisse às Religiosas com tudo o que lhes fosse necessário; e que as tais Religiosas entrariam no mosteiro com licença de el-rei.

Declarar também ser sua vontade que as vinte [20] servidoras que havia de ter o mosteiro não fossem admitidas nele antes de jurarem perpétua clausura, ficando como oblatas e donatas à Ordem; e que a Ordem ficava obrigada a provê-las de tudo o necessário, assim no tempo da saúde como no da enfermidade, por toda a vida; com a declaração de que, se por suas culpas merecessem ser despedidas do mosteiro, o poderiam ser sem o mosteiro ficar obrigado a sustentá-las (vd. *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 431).

E na dita forma instituiu a Infanta Dona Maria a fundação do seu Convento, que quis tivesse o título e invocação de Nossa Senhora da Encarnação, pela singular devoção que teve sempre com tão inefável mistério.

XLIII Não é demais encarecer a figura de intelectual e de mecenas da infanta D. Maria, cuja acção tem sido objecto de importantes trabalhos de investigação. Vejam-se, entre outros, Pinto, 1998 e Braga, 2012.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3. AS GRAVES DISTORÇÕES FEITAS À EXPRESSA VONTADE DA INFANTA

Causam-nos admiração e reprovação os atropelos feitos contra a vontade expressa pela Infanta.

Sabemos que eram imensos os bens que a Infanta possuía e deixou por sua morte: os bens que lhe pertenciam por morte do Rei D. Manuel, seu pai; os bens que tinha herdado da Rainha Dona Leonor sua mãe, falecida em 25 de Fevereiro de 1558, porque além do muito que importavam as alfaías preciosas de ouro, prata, jóias, tapeçarias, eram também muitos os bens que lhe tocavam e tinha deixado em França, assim de seu dote como de suas arrhas o que tudo tinha sido estimado em trezentos mil [300:000] cruzados pertenciam-lhe também muitas terras que o Imperador Carlos V doara à sua irmã, a mencionada rainha Dona Leonor, nas Ilhas Canárias, cujo domínio passara à Infanta Dona Maria, como herdeira universal de sua mãe a Rainha de França Dona Leonor.

Sendo tão grande a fortuna deixada pela Infanta, para se poderem cumprir todos os legados que em seu testamento deixou, causa-nos escândalo que se lhe não tivesse dado cumprimento com a brevidade que ela queria, mas que se retardasse a execução de alguns por muitos anos, mesmo décadas. E mais nos choca que a outros se não desse cumprimento na forma que a Infanta ordenou, sendo um dos que menos se cumpriu e se desrespeitou sua vontade o mosteiro que mandou fundar da Ordem de São Bento da mais perfeita observância.

Além do muito tempo que passou sem se dar à execução, quando se veio a tratar dela foi com grande mudança na forma que a dita Senhora tinha ordenado. O Rei Filipe II de Castela, que passou a dominar em Portugal no ano de 1580, movido de conveniências políticas, alcançou uma Bula de Comutação do Papa Paulo V para que as “religiosas” do dito mosteiro a fundar fossem, não da Ordem de São Bento, mas sim da Ordem Militar de São Bento de Aviz. Em vez de ficarem sujeitas ao Padre Geral da dita Ordem de São Bento, passaram a ficar sujeitas a El-Rei de Portugal, como Grão-mestre da ordem Militar de São Bento de Aviz, tendo a jurisdição espiritual sobre as religiosas do dito mosteiro o Prior de Aviz, de quem aos confessores das ditas religiosas se concede toda a jurisdição no foro espiritual (*Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 431).

A obrigação dos votos, que constitui o estado religioso, foi alterada de tal forma que não eram já religiosas no sentido próprio da palavra. Assim, o voto de castidade de que professavam era o da castidade conjugal, e assim ficaram livres para poderem contrair matrimónio (embora, com terem liberdade para licitamente o poderem fazer, nunca usaram da dita liberdade, que conste). No voto de pobreza estavam também dispensadas, porque podem possuir bens pessoais e por morte dispor deles como lhes parecer. A obediência também não as obriga a culpa; apenas são sujeitas à pena se não cumprirem o que lhes manda a Regra e a Prelada. A clausura que têm lhes permite sair do mosteiro com licença da Prelada, a qual lhes concede para visitar as parentes próximas e também para irem a algumas igrejas e a outros mosteiros.

O número de freiras professas, em vez das 62 estabelecidas pela fundadora passou para 25 como máximo; e cada uma delas se dava das rendas do Convento 30:000 réis cada ano, para ajuda de seus alimentos.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Não comem em comunidade, mas cada uma tem seu aposento; e por isso o mosteiro não tem refeitório.

Para seu serviço tem cada uma sua criada, ou mais, conforme lhes é necessário e as posses lhes permitem.

Além das que são professoras, que como dissemos podem ser 25, cujos lugares são da nomeação de el-rei, há também outro estado, das que chamam Moças do Coro, do qual estado passam a Professas. Estas, ainda que observem as Regras como as Professa, não têm coisa alguma da renda do Mosteiro; antes, quando entram, são obrigadas a fazer oferta ao mosteiro de 60:000 réis. Há mais no dito Mosteiro outro estado, de recolhidas nele, as quais são casadas e por terem seus maridos ausentes no serviço de el-rei escolhem estar no dito mosteiro; outras são viúvas, cujo estado lhes dá ocasião de conveniência para a li se recolherem e servirem melhor a Nosso Senhor; o que fazem também outras que estão no estado de donzelas preferindo a vida claustral. Mas todas estão recolhidas e dão ao mosteiro pela entrada, 200:000 réis.

A Prelada deste mosteiro tem o nome de Comendadeira. É eleição de el-rei como Grão-mestre, precedendo para isso consulta da Mesa da Consciência, como tribunal que é das Ordens Militares, sendo antecedente à dita consulta uma informação que por ordem do tribunal faz um ministro dele, que vindo ao Mosteiro toma notícia de algumas Professas das mais graves e antigas dele, de quem lhe parece mais digna e conveniente, merecendo toda a atenção o provimento deste gravíssimo lugar, que sobre ter por súbditas pessoas de grande nobreza, tem também ser o governo da Prelada de duração igual à vida da mesma Prelada.

#### 4. PRIMEIRA INSTALAÇÃO DO MOSTEIRO

Ao fim de 40 anos após a morte da Infanta, em 5 de Agosto de 1617, iniciava-se a existência da Comunidade conventual de Nossa Senhora da Encarnação. Ainda não tinha edifício próprio, por isso o dito Mosteiro teve princípio na Igreja de São Mateus (que se situava a nascente da Praça da Figueira). A primeira Comendadeira foi Dona Luiza de Noronha, religiosa que era no Convento da Esperança de Lisboa, eleita para o cargo por Filipe III de Espanha.

A dita comendadeira fez na referida igreja, no dia 5 de Agosto de 1617, a sua profissão na forma seguinte:

«Eu dona Luisa de Noronha, da Ordem de S. Bento de Aviz, por El Rey nosso Senhor como Mestre com autoridade apostolica que pera isso ouve, me offereso e dou a Deos e ao bem aventurado Sam Bento, e prometto obediencia a El Rey Nosso Senhor Mestre da ditta Ordem, e a seos successores, e faço voto e prometo de viver segundo a Regra, Privilegios e Statutos da ditta Ordem em todos os dias da minha vida e se pera isso devo renunciar o anno da provaçam daqui o renuncio» (*Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 433).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 5. A EDIFICAÇÃO DEFINITIVA (1617 A 1630...) <sup>XLIV</sup>

Logo que o Mosteiro da Ordem Militar de São Bento de Aviz teve princípio como dissemos, na Igreja de São Mateus, procurou-se sítio para fundar o mosteiro. Escolheu-se o local onde ainda agora está, do qual era proprietário Don Aleixo de Menezes, que o vendeu à Comendadeira Dona Luiza de Noronha. Era o sítio retirado do tráfego e comércio da cidade, por detrás, ao lado esquerdo da calçada que sobe para o Campo de Santana.

Iniciada a construção em 1617, só em 1630 foi inaugurado o edifício hoje existente. Nele entraram a 15 de Setembro de 1630 as primeiras religiosas fundadoras, que eram Dona Luiza de Noronha, e Maria da Purificação do Mosteiro da Esperança, e Dona Antónia da Silva de Odiveias, por Breve do Papa Paulo V, as quais se transferiram desde a Ermida de São Mateus e Palácio da Casa de Cascais, sito no Borratém, onde haviam estado esperando por empréstimo que se acabasse este mosteiro desde Agosto de 1614 (Castro, 1763: vol. III, 404).

No dia 10 de Agosto de 1734, um terrível incêndio causou grandes prejuízos no convento e na igreja, destruindo uma grande parte do edificado. As religiosas passaram provisoriamente para o mosteiro de Santos-o-Novo, enquanto duraram as obras de reconstrução, mandadas fazer por Dom João V.

Em 1755 “O formidável tremor de terra fez estremecer e abalar todo o mosteiro, de sorte que suposto o não precipitasse, lhe causou bastantes ruínas; e deixando-o incapaz de se habitar, foram as religiosas abrigar-se cheias de sustos, na Cerca do Colégio de Santo Antão, onde cada uma à sua custa fez o seu abarracamento. E ali estiveram até 15 de Março de 1752, em cujo dia por ordem de el-rei fidelíssimo D. José foram conduzidas em coches da casa real para o seu antigo mosteiro, que o mesmo Senhor com incomparável piedade lhes mandou concertar do melhor modo que foi possível, em quanto se cuida uma reedificação mais ampliada”. Assim o diz o P. João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal* (1763: tomo III, 404).

## 6. DESCRIÇÃO DA IGREJA: A ENTRADA E A NAVE

A igreja tem a sua fachada, que é lateral, voltada para o sul, em ângulo recto com a fachada da portaria do mosteiro. O portal é aberto entre dois gigantes e mostra as colunas dórico-romanas que o enquadram caneladas e filetadas no terço inferior e assentes sobre alto soco: é o maneirismo seiscentista (embora pouco frequentes na arte maneirista nacional as colunas dórico-romanas, pois eram mais frequente as ordens jónicas e toscana). A arquitrave é mais elaborada e saliente e os acrotérios de bojo estriado. O remate ostenta o brasão da infanta Dona Maria, atestando o seu celibato na metade vazia da lisonja. É uma composição assaz modesta.

<sup>XLIV</sup> Não é conhecido o nome do arquitecto responsável do projecto. Numa petição dirigida ao rei, em 1661, Mateus do Couto, então com 80 anos, afirmava ter estado na fundação de uma série de edifícios colegiais e monásticos, entre eles o da Encarnação; a expressão, ambígua, pode tanto referir-se a uma autoria conceptual – o mais provável – como a uma tarefa de condução prática do estaleiro (ANTT, *Mesa da Cons ciência e Ordens, Offícios*, maço 12).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A entrada faz-se a meio da nave, sob uma tribuna, relativamente moderna e pobre de insipação, destinada ao órgão.

A nave tem planta rectangular e elevado pé-direito; e está coberta de abóbada de berço, de volta perfeita. O arco triunfal é quase tão largo e alto como a nave: daí resulta que a capela-mor, também coberta por berço de volta perfeita, pouco difere da nave em altura e largura, sendo de planta aproximadamente quadrada.

A igreja não é grande, nem era necessário que fosse maior; mas é bem proporcionada no comprimento, largura e altura.

Consta o corpo da igreja de cinco capelas com altares, das quais três ficam na parede fronteira à porta (lado do evangelho) e dois no lado da porta (lado da epístola). As capelas têm seus arcos de pedra, altares à face, cada uma com seu retábulo com duas colunas por banda. Tudo de boa talha dourada.

Os alçados laterais da nave mostram dois andares, separados por uma moldura de talha dourada. No andar inferior abrem-se arcos de volta perfeita, equidistantes, em que se alojam os cinco altares já mencionados, e o portal. Uma cornija de fraco relevo une entre si, ao longo das paredes da nave, os capitéis dos pilares dos altares e os do portal. Abaixo desta linha, os espaços livres da parede, entre as capelas (espaços de cinco ou seis palmos), são revestidos de azulejo azul sobre branco, começando num rodapé decorativo, organizado em torno de uma cartela oval e ornamentada com flores, frutos e meninos; e continuando para cima, em painel com barra de volutas e cenas da vida monástica e eremítica. Tais painéis de azulejos já existiam no 1º quartel do século XVIII.

Acima do friso ou moldura que separa os dois andares dos alçados laterais da nave, rasgam-se tribunas na prumada dos arcos, com três grandes janelas de cada parte, sendo iluminantes só as do lado da epístola. Por cima das janelas e da série superior dos painéis (de que já falaremos) corre uma cimalha ou cornija de pedra branca, que vai pelas três faces da nave, a partir dos entablamentos dos pilares onde se apoia a volta do arco triunfal.

Desde o revestimento de azulejos, no andar inferior, até à cimalha superior, todo o espaço livre é preenchido por painéis de pintura a óleo. Até à moldura ou friso já referido, e acompanhando a curvatura dos arcos, desenrolam-se cenas da vida de São Bento; no andar superior, entre as tribunas, assenta uma série de painéis grandes, quatro de cada lado, ornado de molduras de talha dourada, relatando passos da vida da Virgem.

Os frontais de altar são revestidos de azulejo branco e cor de vinho, em xadrez, tendo ao centro, numa cartela rococó, motivos relacionados com os oragos. Todos os altares possuem boas imagens, dos séculos XVII e XVIII.

Na parede fronteira ao altar-mor, ao fundo da igreja, a organização do alçado é diferente. Abaixo da cornija inferior abre-se a teia do coro-baixo, com um pequeno varandim de acesso. O coro alto ocupa o andar acima da grande cornija superior, e olha o altar-mor por três aberturas gradeadas, que preenchem o tímpano da abóbada.

Um grande quadro, cuja figura central é São Bento, preenche os dois andares de painéis entre o coro alto e o coro baixo; e alude à cerimónia de investidura das armas aos Cavaleiros de São Bento de Aviz, que se realizava nesta igreja.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Todos os quadros são emoldurados de talha barroca; esta prolonga-se em belas sa-nefas no remate das tribunas e completa os esplêndidos retábulos dos altares, de estilo na-cional, com duas ordens de colunas ditas salomónicas, povoadas de pâmpanos e arquivoltas do mesmo tipo. Neste tipo de artes terá trabalhado Matias Roiz de Carvalho, em actividade entre 1688 e 1704.

A pintura, de expressão maneirista e barroca, é atribuída a Bento Coelho da Silveira († 1708) e André Gonçalves (1692-1762), mas sem confirmação documental.

## 7. DESCRIÇÃO DA IGREJA (CONT.): A CAPELA-MOR

O arco da capela-mor com sua altura avizinha-se muito do tecto da igreja; e os pilares deste arco se igualam em altura com a dos lados do corpo da igreja.

A capela-mor fica um pouco elevada em relação à nave; e é dela separada por teia de balaústres de madeira do Brasil com pilares de mármore rosa.

Em cada um dos lados da capela-mor tem um painel de grandes dimensões com pinturas a óleo; do lado do evangelho figura Nossa Senhora amamentado nos seus peitos os irmãos meninos São Bento e Santa Escolástica, do lado oposto São Bento comungando na presença da Santíssima Trindade. As molduras destes quadros, coroadas de opulentos fron-tões, integram-se na riquíssima talha que recobre as paredes laterais, envolvendo as janelas (uma de cada parte, por cima dos painéis) e arranca até ao nascimento da abóbada, terminan-do em frontão barroco ladeado por duas grandes figuras humanas.

Por baixo dos painéis corre uma cimalha de pedra vermelha. E toda a mais pedraria que vai por baixo da dita cimalha até ao pavimento é formada por um magnífico lambril de embutidos de mármore florentinos, que reveste a base do retábulo e as ilhargas da capela, enquadrando as pequenas portas laterais.

O retábulo da capela-mor, da época de D. João V, é um festival de arte barroca, per-tencente ao seu ciclo mais brilhante. O seu arco profusamente esculturado, ladeado por figu-ras alegóricas de grande vulto sentadas sobre fortes volutas, com as colunas ditas salomónicas descansando em consolas suportadas por atlantes, e no fecho do arco de armas da ordem Militar de São Bento de Aviz, sob o dossel semi-circular e ladeado por anjos; a disciplina arquitectónica da sua volta perfeita; na base, ao nível dos atlantes, o sacrário ladeado pelas imagens de São Bento, o fundador das ordens beneditinas, e São Bernardo, o seu reformador; mais acima, na base do trono, as imagens de Nossa Senhora da Encarnação e do Anjo da Anunciação..., tudo é majestoso, tudo é sumptuoso!

Acresce a banqueta do altar com seis formosos candelabros; o rico sacrário de prata maciça, com esbeltas colunas coríntias suportando entablamento e cúpula; o trono poligonal

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de vários andares e o seu enquadramento: tudo inteiramente de prata repuxada e cinzelada, obra de requintada execução<sup>18</sup>.

“Com sua profusa decoração barroca, em que pintura, azulejo e talha não deixam livre uma polegada de muro, a capela de Nossa Senhora da Encarnação caminha para a realização ideal da igreja-forrada-de-ouro, de que apenas a afastam os estuques das abóbadas...” (in Almeida, 1975: vol. V, tomo 2, 120).

Não se pode omitir a cópia de prata com que a igreja era servida. Já no início do século XVIII se mencionavam: 4 alâmpadas ao uso moderno, 10 castiçais grandes, outros 10 castiçais mais pequenos, 4 sacras, 2 caçoulas grandes e 2 inferiores, 4 peviteiros, 6 evangelhos, 1 prato e 1 gomil, 2 pratinhos com suas galhetas, 1 turíbulo e uma naveta, 14 vasos para flores, 1 missal guarnecido de prata, caldeirinha com seu hissope, 6 várias de palio, etc. Haveria ainda cálices, píxides e outras peças. E os cinquenta anos do período de D. João V teriam acrescentado muito mais...

Igualmente são de referir os muitos e ricos ornamentos, tais como frontais, casulas, véus de ombros, panos de púlpito, dalmáticas, capas de asperges, palio, etc. A sacristia estava provida de ricos ornamentos de todas as cores de que se usa na igreja.

## 8. REFEREM-SE OUTROS ESPAÇOS CONVENTUAIS

**Coro alto e Coro baixo.** O Coro alto da igreja, que era destinado às “recolhidas”, tem algumas obras de arte dispersas, mas o seu interesse é mais arquitectónico que decorativo: com o seu sistema de iluminação por janelão sobre a teia central e óculos ovóides sobre as laterais. Tem interesse um quadro, “Jesus perante Pilatos” e um altar de talha

Mais sumptuoso é o Coro baixo, com o magnífico cadeiral de madeira preciosa, os belos e complexos alçados marmóreos, o tecto largamente pintado e os altares e capelas laterais profundas. É uma grande quadra rectangular, de dois andares em que as faces maiores são centradas por uma composição de grande estilo; porta com um frontão de arco segmentar e cabeça de serafim no tímpano, sobrepujada por moldura arquitectónica em pintura, integrada no andar superior.

De cada lado desta porta abrem-se dois arcos de volta perfeita; e sobre eles janelas rectangulares, de cuidada moldura (as do lado norte são fingidas, ...

**Portaria conventual.** Abre-se sob um dossel de mármore em que, acima da verga sinuosa da porta, se rasga um óculo oval, com grade de ferro, decorado inferiormente com uma concha integrada no jogo das molduras. A cobertura, de largo desenho contracurvado, assenta em duas consolas que se projectam em curvas divergentes, e numa pequena mísula sobre o óculo referido. Uma cúpula simulada remata o dossel.

<sup>18</sup> O projecto destas obras de ourivesaria seria de Ludovice, segundo opinião de Reinaldo dos Santos. Ayres de Carvalho afirma que o trono da capela-mor é obra dos irmãos Rodrigues Palma, do ano de 1699. E o sacrário seria da autoria de Pedro da Silva, do ano de 1738. Vd. Almeida, 1975: vol V, tomo 2, 119-120 e estampa 87.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**Escada conventual.** A portaria dá passagem para uma imponente escada conventual. A seguir ao primeiro lanço encontra-se uma bela porta de ombreiras rodadas, suportando um entablamento angular com um querubim no tímpano: dá acesso ao coro baixo. Mais acima abre-se uma outra semelhante. Nas paredes dos patins vêem-se quadros, de que o mosteiro era particularmente rico, quase sempre dedicados à vida e obras de São Bento. Têm sido atribuídos na sua maior parte a Bento Coelho da Silveira († 1708) e a André Gonçalves († 1762).

**Claustro.** O terceiro patim da escadaria dá acesso ao claustro, vasta quadra de 7 por 9 arcos de volta perfeita, de maneirismo tardio, cuja construção se arrasta pelas primeiras décadas do século XVIII. Nos quatro ângulos dos pilares, de planta rectangular, esboçam-se pilastras toscanas, a que correspondem molduras salientes nos largos arcos formeiros. As galerias são cobertas por abóbadas de aresta, de volta abatida, sem arcos torais, excepto nos pilares dos ângulos. As moradas das senhoras que habitam o Recolhimento distribuem-se em torno do terraço superior do claustro, vendo-se nas varandas bonitos ferros forjados setecentistas, em especial do lado nascente.

**Capelas.** Por toda a parte, e em especial no claustro, encontram-se capelas abertas nas paredes, defendidas por teia de madeira e de variadas dimensões e decoração: algumas com talha, outras com azulejos, com imagens e pinturas, tendo por vezes um pouco de tudo.

Tem dois grandes **dormitórios** e uma grande **Casa do Capítulo**.

## 9. DA IRMANDADE DAS ESCRAVAS DO SANTÍSSIMO

Uma singularidade a não omitir é esta. No ano de 1643, muitas senhoras nobres e residentes em Lisboa formaram uma Irmandade dedicada ao culto do Santíssimo Sacramento, com o nome de Escravas; e colocaram-se sob a protecção de Nossa Senhora da Encarnação, por te sido ela que se honrou com o título de “escrava” quando o anjo lhe anunciou que iria conceber.

Para formar a dita Irmandade e melhor se governar, fizeram um Compromisso que consta de vários capítulos. O 1º capítulo estabeleceu que a Comendadeira que foi do dito mosteiro será perpétua Irmã da Mesa, com voto nela, sendo sempre uma das Doze a que cada ano há-de caber a sorte de servir ao Senhor. O 2º capítulo declara que a eleição das 12 irmãs se fará por sortes, cada ano, tirando de um vaso doze nomes de entre os cem que constam. O 3º continua o mesmo assunto. O 4º capítulo trata da escolha da Tesoureira, da Escrivã, e da Escrava das Escravas; este último cargo, que é além das Doze, será desempenhado por quem por sua devoção o pedir, e era uma espécie de agente executivo. O 5º capítulo trata da Tesoureira. O 6º capítulo encara o caso de alguma se escusar das funções para que foi eleita. O 7º capítulo determina o que se fará quando alguma das irmãs adoecer ou morrer. O 8º capítulo ordena que todos os terceiros domingos esteja o Senhor exposto pela manhã com missa cantada e pregação (excepto na Quaresma e Advento, e quando cair no dia de Pentecostes). De cada 3º domingo fará o gasto uma das irmãs da Mesa. Também estabelece as festividades a realizar no Oitavário do Corpus Christi.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Por Bula de 3 de Março de 1708, o Papa Inocêncio X concedeu às Irmãs Escravas muitas graças e indulgências.



Figura 10 – Portal do Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação  
(in ALMEIDA, 1975: vol. V, tomo 2, 116).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO

Registamos a reflexão com que o Autor da *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 440-441) termina o capítulo sobre este mosteiro: achamos interessantes os seus sensatos comentários...

“Deyxando finalmente outras cousas que podera dizer em louvor deste nobilissimo convento, nam posso porem deyxar de notar huma que me parece muyto digna de ponderaçam, e he o grave procedimento com que vivem estas senhoras, as quaes nam tendo os apertos que por regra professam outro conventos de Religiosas, e participando de mayor liberdade, sam contudo de grande ezeemplo e edificaçam aos que tem noticia de seo grave procedimento, nam havendo entre ellas as parcialidades que tanto inquietam as Religiosas em outros muytos mosteyros, de que he cauza nam elegerem as Religiosas a Prelada que as ha de governar, porque, como esta se faz só por eleyçam d’El Rey nam tem occasiam a ambiçam pera procurar o governo nem as mays Freyras pera se inquietarem e procuram a Superior que esperam mays favoravel. E como o governo da Commendadeyra lhe dura tanto como lhe dura a vida, segue-se que como a Prelada nam necessita dos votos das subditas pera a tornarem a eleger governa sem dependencia, e porisso may[s] conforme com o que pede a razam e as obrigações e leys da Religiam.

Outra couza que parece conduzir muyto ao grave procedimento deste mosteyro he que como a Prelada costuma ser sempre huma senhora de grande qualidade, e as subditas sam tambem senhoras, nem a Prelada as pode deyxar de estimar como a senhoras que sam, nem ellas deyxar de ter grande respeyto à Prelada, nam só como Prelada mas tambem pella qualidade e nobreza que nella reconhecem. Tambem de serem todas fidalgas rezulta trataremse sempre com muyta cortezia, o que muyto ajuda pera conservar a paz, uniam e caridade, virtudes muy importantes em huma Communnidade.”

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distritode Lisboa*. Vol. V, tomo 2. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975.

CARVALHO, Armindo Ayres de – *D. João V e a Arte do seu Tempo: As memórias d’el rey D. João V*. s.l.: Edição do Autor, 1962, 2 vols..

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972, pp. 413-441.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO****Século XVII [1639]**

De Religiosas Dominicanas Irlandesas.

**1. A IDEIA DA FUNDAÇÃO, E AS LICENÇAS**

A ideia de uma Casa para senhoras irlandesas, atendendo à situação religiosa vigente na Irlanda, que não permite que nesse Reino haja Convento algum, partiu do Mestre Fr. Domingos do Rosário<sup>XLV</sup>, que também fundou em Lisboa o Colégio dos Missionários Irlandeses (1ª pedra: 4 de Maio de 1659).

A esta sua ideia aderiu Dona Catarina Telles de Menezes, Senhora de Barbacena que lhe prometera 4:000 cruzados para a compra de sítio para o mosteiro; e também Dona Mariana de Mello, filha mais velha de três que teve Ruy de Mello de Sampaio, a qual prometeu logo que seria a primeira a entrar na clausura; e ainda a sua irmã Dona Luiza de Mello. Estas duas irmãs, em companhia de uma outra, Dona Angélica de Mello, encontravam-se já nesse tempo no Mosteiro de Santos, das Comendadeiras da Ordem de Santiago. Aí nesse Mosteiro granjearam para o dito projecto Dona Magdalena da Silva, filha de D. Manuel de Menezes.

O Padre Mestre Fr. Domingos do Rosário, numa viagem que fez a Madrid, conseguiu obter de Filipe IV de Espanha um alvará concedendo-lhe licença para fundar o mosteiro: foi em 21 de Março de 1639<sup>19</sup>.

Obteve também a licença de Padre Mestre Fr. João de Vasconcelos, Provincial da província da ordem de São Domingos em Portugal; o dito Provincial encontrava-se nessa data em Madrid. A licença é datada de 15 de Junho de 1639<sup>20</sup>.

**2. A CONDESSA DA ATALAIA**

Quando chegou a Lisboa teve a surpresa de que a referida Dona Magdalena, tendo por medianeira a Condessa de Sabugal, já obtivera garantia do terreno, uma quinta e muita fazenda, de que era senhora a Condessa de Atalaia D. Iria de Brito.

<sup>19</sup> Ver infra, (Anexo A) a transcrição do alvará real.

<sup>20</sup> Ver infra (Anexo B) a transcrição da licença do Padre Mestre Frei João de Vasconcelos.

XLV Frei Domingos do Rosário (1595-1662) era um súbdito irlandês chamado, no século, Daniel O'Dailey; alguns dados biográficos em Faria, 2006.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A quinta em que havia de principiar a clausura estava reduzida pela Condessa de Atalaia a um recolhimento com sua Ermida, e mais alguns cómodos estreitos e acanhados. Tinha ficado naquela forma devido a várias tentativas de utilização falhadas. Primeiramente a Condessa intentara fundar ali um Convento de Santa Paula: frustrara-se o intento. Depois foi assediada pelos Padres Jerónimos, pelos Trinos, Gracianos, Terceiros, as Religiosas de Santa Mónica, do Calvário, de Sant'Anna...: que todos pretendiam a Condessa como benfeitora ou padroeira. A Condessa resolveu fazer uma Enfermaria para os padres Arrábidos, no que foi embargada por um dos Governadores do Reino.

Merece a memória da Condessa de Atalaia uma palavra de homenagem. Foi esta Senhora filha de João de Brito e de Dona Antónia de Ataíde. Seu nome era Iria de Brito. Criou-se na protecção de Dona Filipa de Ataíde, tia de sua mãe e Camareira-mor da rainha Dona Catarina, avó do Rei D. Sebastião, porque seus pais, “de feitiços que lhes deram ficaram incapazes de administrar casa e doutrinar família. Assim passou Dona Iria os primeiros anos em o Mosteiro de santa Clara, com uma parenta; de onde passou para o de Santos das Comendadeiras, para o cuidado e ensino de Dona Grimaneza de Brito, tia sua. Contava catorze anos, quando se viu herdeira de sua casa, porque tinha, um que era Cristóvão de Brito, acompanhando a El-Rei D. Sebastião, que perdeu a vida na campanha de África, e Lopo de Brito (que era o outro irmão) perdeu a vida na batalha em que foi destruído o exército do Príncipe D. António Prior do Crato no lugar de Alcântara, junto a Lisboa. Herdada a casa, casou Dona Iria com D. Forjaz Pereira, Conde da Feira, e em breve ficou viúva; celebrou segundas bodas com D. Francisco Manoel, primeiro Conde de Atalaia, do qual enviuvou também. De ambos os matrimónios teve filhos: e destes a mágoa de os perder em poucos anos. Golpes que lhe chegaram tão fundo à alma, “que parece lhe ofenderam o juízo” (Santa Catharina, 1866: 377). No meio de tantos desgostos, resolveu dar sua fazenda e quinta às filhas de São Domingos, que a respeitavam como mãe. Mas em breve a choravam sem vida: porque, fundando-se a casa (como dissemos) em 12 de Novembro de 1639, faleceu em 26 de Janeiro de 1640.

### 3. A ENTRADA EM CLAUSURA

Voltando Fr. Domingos do Rosário para Portugal, foi bem recebido da Condessa de Atalaia e das religiosas em promessa, as três filhas de Ruy de Mello e Dona Magdalena da Silva. Havia seis anos que sustentavam os santos propósitos.

A entrada deu-se em 12 de Novembro de 1639<sup>21</sup>. Vieram para fundadoras a madre Soror Anna da Conceição e a Madre Soror Antónia Teresa de Jesus, ambas do Convento de São João de Setúbal.

<sup>21</sup> O Gabinete Histórico (Conceição, 1819: tomo III, 237) dá notícia da 1ª missa celebrada na igreja, entendida-se na Ermida inicial. Mas data-a do dia 13 de Novembro (em vez de 12). E informa que o filho único de Dona Iria de Brito, sepultado na capela-mor, morreu de uma queda de cavalo.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Acompanhava-as a Duquesa de Mântua, que governava o Reino em nome de Filipe IV. Celebrou-se na Ermida, com toda a solenidade e pompa, a missa com música de capela e sermão feito pelo Mestre Frei Domingos de Santo Tomás. Assistiu a Comunidade de São Domingos, nobreza da Corte, e povo inumerável.

Nesse dia foram lançados os hábitos a cinco noviças. Foram elas: Dona Magdalena da Silva (que se chamou Soror Magdalena de Cristo), Dona Luísa de Mello (Soror Luísa Maria do Sacramento), Dona Leonor Ilavanor, irlandesa (Soror Leonor de Santa Margarida), Soror Leonor do Calvário e Soror Jacinta de Jesus Maria (pessoas nobres, ambas portuguesas).

Daí a poucos meses entraram as outras duas filhas de Ruy de Mello, Dona Mariana (Soror Mariana de Jesus) e Dona Angélica (Soror Angélica Maria das Chagas); as quais foram acompanhadas por duas irlandesas ilustres, Soror Cecília do Rosário e Soror Joanna da Trindade.

Todas estas noviças trouxeram peças de valor e estima para ornato e serviço da igreja: uma formosa custódia e cofre rico, jóias, sedas, alcatifas.

Em Novembro de 1640 fizeram profissão as primeiras noviças. E entraram no mesmo dia duas irlandesas: Dona Leonor de Burgo (Soror Catarina do Rosário) e Dona Ursula Bautista.

#### 4. A IGREJA CONVENTUAL

Começaram, como vimos, a servir-se da Ermida que havia na quinta. Em 1545 foi lançada a primeira pedra para a igreja nova. Fez a cerimónia o Mestre Fr. Domingos do Rosário, porque o Bispo de Targa estava impedido e delegou nele os seus poderes. Pregou o Mestre Fr. Fernando Sueira. Indo a imagem da Senhora do Bom Sucesso debaixo do pólio, foi lançada a pedra, em que ia insculpida uma estrela sobre as ondas, e estas letras: S.M.M.S.P. (que queriam dizer: *Stella, Maria, Maris, Sucurse, Pissima, Nobis*).

Falecida a Condessa fundadora, e ficando a Casa (não Mosteiro, mas um Recolhimento acanhado) com uma pequena Ermida (antes que igreja), suspiravam as Religiosas por consagrar a Deus mais grandiosa e decente Casa. Aconteceu então que faleceu D. João de Menezes, irmão da Madre Soror Maria Magdalena, sem herdeiro, lhe veio a ela o morgado, com rendimento de 4:000 cruzados. Todos aplicou especialmente à fábrica da igreja. Ela própria deu aos oficiais a ideia da igreja.

Crescem as paredes em forma oitavada até ao friso, em que descansa uma abóbada continuada até fechar no centro dela com umas faixas de pedra, e sustentada por grandes contrafortes salientes no exterior. Os oito pilares acompanham seis arcos das capelas, que em circuito formam o corpo da igreja.

A porta fica no arco do meio na parte da epístola, a norte. No arco do poente fica a capela-mor. Fronteiro à capela-mor fica o arco com duas grades dos dois coros. Os outros cinco, são cinco capelas laterais. Por cima das capelas e da porta, ficam seis janelas, dando a

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

pedraria entre elas lugar a seis quadros de santos da ordem. Assim fica todo o corpo da igreja alegre, ornado, e vistoso<sup>XLVI</sup>.

Ocupam o circuito da igreja (afora o arco da capela-mor e o dos coros) cinco capelas. Da parte do evangelho, é a primeira da Senhora do Rosário, imagem fermosa, mandada fazer pela Madre Soror Maria Magdalena de Cristo; segue-se a do apóstolo da Hibernia (Irlanda) São Patrício; e a seguir a de São Gonçalo. Da parte da epístola, a primeira é do Santo Cristo, toda ao moderno de boa talha, devido ao cuidado e dispêndio da Madre Soror Maria de Jesus, que era Prioriza no início do século XVIII; segue-se o arco em que fica a porta da igreja; e a seguir a capela de Santa Brígida.

Notável a capela-mor, cujo arco é mais largo e alteroso. Toda a capela é de pedraria vária. O retábulo ocupa todo o vão dela, e cresce em oito colunas de jaspe matizado, sustendo um arco da mesma matéria, que com bastante vão de uma abóbada de graciosa pedraria fica com o tecto servindo de dossel ao sacrário.

O Sacrário é todo de prata, de altura de três côvados [=1,98m], e mais de cinco [=3,30m] no circuito da base. Sobe em forma oitavada e piramidal, com suas quartelas da mesma matéria, lavradas de relevo, e vai-se formando nas faces em graciosas molduras, acompanhadas de finas lâminas em que se lê a História dos Cantares. Remata em cima com uma cruz bem lavrada da mesma matéria.

Na face do retábulo (que cresce sobre o arco que cobre o sacrário, e remata no alto da capela, subindo desde as oito colunas, atlantes de toda a obra), abrem-se quatro nichos dos mesmos jaspes, em que se vêem as imagens, São Domingos da parte da epístola, São Francisco da parte do evangelho. Sobre os arcos destes dois primeiros nichos com a mesma correspondência: neles se vêem a imagem de Santo Tomás (esquerda) e Santo António (direita).

Acompanha estes dois nichos o arco de uma fermosa tribuna, airosa e desafogada, em que se remata e fecha todo o retábulo. Ocupa o vão dela um trono majestoso, em que descansa a imagem da Senhora do Bom Sucesso. Acompanham o trono dois anjos, que estendendo as asas recolhem a cortina com que se cobre ou se descobre a imagem. Ao pé dela vêem-se as imagens do arcanjo São Miguel, e a do Anjo Custódio do Reino.

Cresce toda esta máquina à face da capela sobre o altar; acompanha-a uma banquetta de jaspe preto, com embutidos de finíssima pedra branca, outra vermelha, preciosa e resplandecente como rubi. Sobre esta banquetta, em lugar mais subido, como servindo de peanha ao Sacrário, vê-se outra banquetta de talha bem lavrada e dourada, em que se recolhem várias relíquias; a principal, que ocupa o meio, é a cabeça de São Sotero, papa e mártir.

XLVI A configuração insólita da arquitectura da igreja, realçada por José da Felicidade Alves, mereceu entretanto a apreciação da historiografia da arte, além de ter sido estabelecida com mais pormenor a história da fundação (Diniz, 2004) e estudada a decoração interna (Ferreira, 2008a). Paulo Varela Gomes viu na forma do templo em torre, de ressaibos goticizantes, uma alegoria mariânica, acertada com o contexto político pós Restauração, quando se colocou o reino sob a protecção da Imaculada. Além do invulgar retábulo-mor, de duas ordens sobrepostas e todo em mármore (ca. 1680) (Gomes, 2001: 126-139), conservam-se na igreja dois retábulos de talha, ambos da década de 40 do século XVIII. Sobre um deles, o de Nossa Senhora do Rosário, foi possível apurar-se ser de autoria do entalhador Manuel de Barbuda, que o contratou em 1746 (Ferreira, 2008b: 172).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nas paredes da mesma capela-mor, duas sepulturas, de uma e outra parte, em que se abrem dois arcos de jaspe preto, cobrindo a mais obra, que é de vários e bem lavrados jaspes. Na parte do evangelho, lê-se este epitáfio:

«Aqui descansão os ossos de Dona Iria de Brito, Condessa que foi da Feira, e viuva segunda vez do primeiro Conde da Atalaya D. Francisco Manoel; de cada Conde d'estes lhe levou Deos hum filho, e em seu lugar lhe deu toda a nobreza do Reino da Irlanda por filhas; pera ellas fundou este Convento, e deu a sua fazenda com larga mão. Nomeou Nossa Senhora do Bom Successo por Padroeira, em 13 de Novembro de 1639 se disse a primeira Missa, e em 26 de Janeiro do anno de 1640 a levou Deos com todos os Sacramentos a gozar os prémios da sua devoção.»  
Pater noster (Santa Catharina, 1866: 401).

No lado da epístola outro nicho, em outra semelhante sepultura, lê-se este outro epitáfio:

«Aqui nesta dura pedra descansão os ossos de D. Nuno Manoel, de treze anos, unico filho dos primeiros Condes de Atalaya D. Francisco Manoel, e Dona Iria de Brito, sua esperança da posteridade, e mais amado por suas partes, que pela successão, que d'elle esperavão; de que a morte os desenganou no anno de 1639.»  
Pater noster (Santa Catharina, 1866: 402).

## 5. ALGUMAS PARTICULARIDADES

Não nos vamos deter nos espaçosos dormitórios, nas escadas artificiosas e alegres, nas proporcionadas oficinas. Nem no singular refeitório com 15,50m de comprimento e 8,80m de largura, casa alegre e bem acabada, meias paredes de azulejo... nem no claustro grande, airoso e desassombrado, com um jardim de muitas flores, animado de uma fermosa fonte, que no meio se levanta, de lavradas e polidas jaspes brancas, pretas e encarnadas...

Mas merece um estudo pormenorizado a imagem da Senhora do Bom Sucesso. É relatada com desvelo, por Frei Lucas de Santa Catharina a circunstância com que veio a casa da Condessa de Atalaia<sup>22</sup>.

Contavam-se maravilhas dos favores que a santa imagem prodigalizava<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> Ver infra (Anexo C) o relato da chegada da imagem.

<sup>23</sup> Ver igualmente o relato pelo mesmo autor dos favores prodigalizados pela Santa (Santa Catharina, 1866: 379-380).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO A

## TEOR DO ALVARÁ:

«Eu el-Rei faço saber aos que este Alvará virem, que, por quanto, Fr. Domingos do Rosario, da Ordem de S. Domingos, Qualificador do Santo Officio da Inquisição, Commissario geral da Missão de Irlanda, me representou, que he tanta a perseguição, que padece o dito Reino, de muitos annos a esta parte, por razão de nossa Santa Fé Catholica, sem por isso haver afrouxado hum ponto n'ella, que em nome do dito Reino recorria a mim Protector d'ella, para que fosse servido de assentar, e favorecer os Catholicos d'aquelle Reino, no que houver lugar, pedindo-me que, por quanto não se lhe permite que n'ella haja Convento algum, por cuja causa padecem muita necessidade, e descommodidade as pessoas nobres, que não tem dote, nem possibilidade para casar suas filhas, com que ficão toda a vida sem estado, lhe faça mercê dar licença, para que na Cidade de Lisboa, ou seu termo, possa fundar um Mosteiro de Freiras da mesma Ordem de S. Domingos, pois he tão grande serviço de Deos, e consolação d'aquelle Christandade, concedendo-lhe que possam aceitar quaesquer doações e esmolas, que se lhe derem para a dita fundação. E tendo eu consideração ao fim referido, e por outros justos respeitos, hei por bem, e me praz, conceder licença ao dito Fr. Domingos do Rosario, para fundar hum Convento de Irlandezes na Cidade de Lisboa, ou seu termo, no qual poderá haver numero de cincoenta Religiosas, e de ter renda até cinco mil cruzados, em juros, ou pelo menos, ametade, e o mais em bens de raiz. E da permissão d'esta fundação se pagou de mea Annata seis ducados, e pelo que mais tocar á mea Annata, da renda, e calidade d'ella, se deu fiança de pagar o que se dever. Pelo que mando a todos, e a quaesquer Ministros, Officiaes, e pessoas de qualquer calidade, estado, ou condição, que sejam, a que o conhecimento d'esta pertencer, que a cumprão, e guardem, e fação cumprir, e guardar como n'ella se contém, sem embargo de quaesquer leis, que em contrario haja, que todas por esta vez hei por expressas, e derogadas, ainda que sejam de calidade, que d'ellas se deva fazer expressa menção; e valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do livro segundo, titulo 40. Martim de Figueiredo Sarmento a fez em Madrid, aos 21 dias do mez de Março de 1639 annos. Diogo Soares a fez escrever.» - REY. (Santa Catharina, 1866: 368-369).

## ANEXO B

## LICENÇA DO PADRE MESTRE FREI JOÃO DE VASCONCELOS

«Nós o Mestre Fr. João de Vasconcellos, Prégador de Sua Magestade, do seu Conselho, e do Geral da Inquisição, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores, nos Reinos de Portugal, por quanto o Padre Fr. Domingos do Rosario, Irlandez de nação, e Religioso da dita nossa Ordem, nos representou os grandes trabalhos, que de annos a esta parte padece o Reino de Irlanda, com continuas perseguições aos hereges, sem poder fundar Casa alguma, ou Mosteiro, aonde em Communidade possam viver as pessoas devotas, que se querem dedicar, e consagrar ao serviço de Deos nosso Senhor; no que passam grandes incommodidades,

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

particularmente as Senhoras, e mulheres nobres, que ou por inspiração de Deos, ou por não poderem casar conforme sua calidade, ficão toda a vida sem estado nenhum, não sem perigo de offensa de Deos, e do credito de sua nobreza. E por quanto outro si, o dito Padre Fr. Domingos do Rosario tem achado pessoas nobres, e pias de nossos Reinos, que com liberalidade, e charidade Christãa, offerecem, e dão suas fazendas para se fazer hum Mosteiro Freiras recoletas, e mui observantes, para recolhimento das mulheres illustres da dita nação Irlandeza; desejosos nós de favorecer tão pios intentos, dando todo o favor, que n'esta parte podemos, pela presente: Damos licença ao dito Padre Presentado Fr. Domingos do Rosario, para fundar hum Mosteiro de nossa Sagrada Religião na Cidade de Lisboa, ou seu termo, e districto: aonde achar sitio accommodado para a dita fundação, com as condições seguintes. Primeiramente, que o dito Mosteiro seja sempre recoleto, e muito pontual na observancia de nossas leis, e Sagradas Constituições: que nenhuma Religiosa de qualquer calidade, que seja, possa ter algum tempo deposito, nem fazenda alguma, mais do que lhe der a Comunidade, e que muito menos possa ter rendas, nem cousa anual. Segunda, que nunca poderão comer carne, nem trazer pano de linho, senão em enfermidades graves. Que tenham sempre Coro, donde em Comunidade se dirão todas as Horas do Officio Divino, e o Rosario da Virgem. Que não possam ter locutorios, nem grades abertas para fallar a pessoa alguma, salvo a parentes muito chegados, dentro do terceiro grão, ou alguma vez, ou por algum fim de grande importancia, de charidade, ou de serviço de Deos, e com expressa licença dos Prelados, e da Prioreza, para as quaes cousas acima referidas, e juntamente, para de novo estabelecer quaesquer Estatutos, e leis conducentes á dita observancia regular, damos, e concedemos ao dito Padre Presentado Fr. Domingos do Rosario toda nossa authoridade, e plenaria faculdade; e outro si lhe damos poder para obrigar as Religiosas, que no dito Mosteiro sub qualquer protesto viverem, com preceitos, e censuras, a guardar tudo acima referido. E para alcançar quaesquer doações, ou esmolas de bens moveis, ou de raiz, e para fazer obras, e comprar sitio, e casas para tal fundação, e em geral para celebrar quaesquer escrituras, contratos, e concertos pertencentes de qualquer maneira ao dito Mosteiro, com todas as mais faculdades no espiritual, e temporal, que para seu bom governo forem necessarias. Dada em Madrid, a 15 de Junho de 1639.» = *Fr. João de Vasconcellos, Prior Provincial*". (Santa Catharina, 1866: 369-370).

## ANEXO C

## RELATO DA CHEGADA DA IMAGEM

“Occupava-se a Condessa com os cuidados, e diligencias da sua fundação, quando hum dia lhe trouxeram a imagem de huma Senhora, dizendo, que alli chegava um peregrino com ella, e a vendia. Alvorçou-se a Condessa, e levada da grande devoção, que tinha com a Senhora (e a muita com que esta a representava) mandou, que lhe trouxessem o peregrino, para ajustar o preço. Porém não só se não achou na sala, em que o tinham deixado, mas nem a gente da casa, que estava no pateo, soube dar razão se tinha sahido. Cresceo a devoção com este reparo, e depois se lhe poz a invocação da Senhora do Bom Successo (já apontámos o

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

motivo); e querendo a Madre Sor Marianna de Jesus, que por aquelle molde se lavrasse outra, para se collocar com o mesmo titulo na capella collateral da parte do Evangelho (que escolhia para jazigo de seu pai) por duas vezes se cançou debalde a Escultura, até que mudando a Religiosa a tenção, e resolvendo-se, que fosse a imagem da Senhora do Rosario, sahio logo perfeita, mas não parecida. Assim se collocou a imagem peregrina na capella mór como orago da Casa.” (Santa Catharina, 1866: 378-379).

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – *Gabinete Histórico que a Sua majestade Fidelíssima o Senhor Rei D. João VI em o dia de seus elicíssimos anos 13 de Maio de 1818 oferece...* Tomo III. Lisboa: Impressão Regia, 1819.

SANTA CATHARINA, Fr. Lucas de – *Quarta Parte da Historia de São Domingos particular do reino e Conquistas de Portugal*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Silva, 1733 [3ª Edição, Lisboa: Typographia do Panorama, 1866].

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DE SANTA CLARA – 2ª****Século XVII [c. 1641]: Reedificação † 1755****1. ANTECEDENTES**

O Mosteiro de Santa Clara teve origem na devoção de uma nobre Senhora chamada Dona Inês Fernandes, nascida na província das Astúrias e casada em Lisboa com Dom Vivaldo Pandulfo, por pátria genovês, ambos de nobre sangue, e naturalizados em Lisboa, onde Dom Vivaldo exercia os negócios. Sendo já Dom Vivaldo possuidor de muitos bens, veio a falecer; e, como não tivesse filhos, e estimasse muito a sua mulher, deixou-a herdeira e senhora de todos os bens. Dona Inês quis dispor de todos eles em serviço de Nosso Senhor, determinando fazer um mosteiro dedicado a Santa Clara. Obteve as devidas licenças do Papa Nicolau IV, com data de 24 de Agosto de 1288, assim como a aprovação do Custódio de Lisboa e do Guardião do Convento que já havia na cidade (e que depois foi cabeça da Província Observante de Portugal).

Procurou sítio para a fundação. E escolheu um, que ficava por detrás daquela onde depois se construiu a capela-mor do Convento da Trindade. Porém as obras não luziam...

Em sonhos, foi Dona Inês avisada do sítio onde devia edificar o mosteiro: era efectivamente onde se veio a construir, perto do Mosteiro de São Vicente de Fora. A devota senhora comprou o sítio necessário e em breve o edifício estava em bom estado, de forma que no dia 1 de Fevereiro de 1292 já lá havia religiosas com título de Abadessa e Vigária.

Aos 7 de Setembro de 1294 foi lançada a primeira pedra pelo bispo de Lisboa, que então era Dom João Martins de Soalhães.

Antes de falecer, Dona Inês deixou ao mosteiro renda suficiente para continuar o sustento de muitas religiosas e fez-lhes doação de uma quinta que possuía no sítio de Sarilhos; e ainda fez honrada sepultura a seu falecido marido, Dom Vivaldo Pandulfo, na capela-mor da igreja.

A primeira igreja, feita com muita pressa, não possuía a grandeza e a perfeição que a fundadora quisera; todavia, no decurso dos anos, a devoção das religiosas foi melhorando muito a igreja.

**2. REEDIFICAÇÃO DA IGREJA NO SÉCULO XVII**

Não se deram nunca por satisfeitas as Religiosas com a obra da sua antiga igreja. Até que, sendo Abadessa a Madre Soror Maria de Jesus, resolveram dar início à reedificação de igreja, no século XVII.

Foi arquitecto Pedro Nunes Tinoco, que a fundou com tanta capacidade que se lhe não igualava nenhuma de todas as igrejas que se viam nos muitos mosteiros de Lisboa.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Pedro Nunes Tinoco († antes de 1641) fora nomeado em 1604 para um dos lugares de aprender arquitectura; em 1624 foram-lhe confiadas as obras da Igreja Conventual de São Vicente e São Sebastião (= São Vicente de Fora). Além de arquitecto régio, era também arquitecto do Priorado do Crato: nesta qualidade deixou 24 plantas e perfis das igrejas e vilas do dito priorado, feitas em 1620. Realizou obras no Convento de Santa Clara de Coimbra.

**Tecto.** Era um “nobilíssimo tecto em meio círculo”, ornado de painéis que não eram menos de vinte e oito, em que se representavam algumas das profecias que são referidas no Apocalipse, enquadradas por vistosas molduras de talha dourada.

**Capela-mor.** A obra que deu maior lustre e formosura à igreja era a capela-mor, fabricada de novo há poucos anos com tanta grandeza e majestade que leva os olhos e aplauso de todos os que entram na igreja, alegrando-se de ver tão bela e fermosa capela, confessando não haver na s igrejas de religiosas de Lisboa alguma que em tudo lhe seja igual.

O arco da capela era em tudo mui avultado, sendo guarnecido todo de talha dourada; [...] entrando do arco para dentro, via-se o pavimento coberto de bons mármore de várias cores. Os lados da capela, da altura da banquetta para baixo, eram ornados de pedraria de perfeitas almofadas, que vestem também os presbitérios. Sobre a pedraria que cobre os lados da capela, assentava de cada banda um bom painel com fermosas molduras de talha dourada, acompanhando o dito painel sua janela, dando muita claridade; a capela, tanto nos lados como no tecto, resplandece toda coberta de talha dourada.

O retábulo, da altura e largura da capela, que é muita, tem por cada banda duas mui altas e grossas colunas de talha, obra coríntia, as quais têm seu nascimento no primeiro corpo do retábulo; e entre as colunas têm lugar três nichos de talha dourada, vendo-se no meio um sacrário de prata, ornado de colunas, quartelas, mísulas, frisos, molduras, serafins, pirâmides, obra tudo de reboco, na qual a perfeição do feitio parece se aposta a vencer o precioso da matéria. Aos lados deste nicho via-se de cada parte outro, ficando no do evangelho a imagem de [São Francisco] ricamente estofada, correspondendo-lhe da parte da epístola uma muito fermosa imagem de Santa Clara, que na mão direita sustenta uma custódiazinha de prata sobredourada e dentro dela uma hóstia, com que se representa a Santa quando, tendo na mão a custódia com a hóstia consagrada, fez fugir do mosteiro os bárbaros mouros, obrigando-os a precipitar-se dos muros da cidade de Assis. Na mão esquerda a imagem da Santa tem, como abadessa, um báculo de prata sobredourado.

Por cima destes nichos corria uma boa moldura de talha dourada, a que se seguia a boca da tribuna, à qual serviam de balaústres uns meninos de talha dourada metidos entre ramos, dando as mãos uns aos outros; nos meios da dita moldura, quatro castiçais grandes de prata, e nos extremos dois pevitários altos, triangulares.

No trono da tribuna, que era majestoso, assentavam mais quatro castiçais de bojo, também de prata. Para expor o Senhor na tribuna, tinham uma mui rica custódia de prata sobredourada, obra de grande feitio, e como tal de muito custo. Por detrás tem a custódia um resplendor de prata dourada, de belo louvor, que nascia da mesma custódia, a cujos lados se viam dois anjos bem estofados, com dois turíbulos de prata na mão, na atitude de incensar o Senhor. Sobre a Custódia, via-se uma coroa imperial, sustentada por quatro anjos. Tinha ainda um serafim, que servia para desencerrar o Senhor.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

No altar assentava uma banqueta obrada de embutidos, com grande miudeza e perfeição, com seis castiçais adequados. O altar tinha frontal de prata batida, uma sacra grande, mais seis jarras de prata lavrada; estantes de prata, missal chapeado, Evangelho e Lavabo, galhetas, prato com gomil, turíbulo, naveta, ceroferais e vários vasos em que se metiam flores. Alumiamam na capela o Senhor, duas lâmpadas de prata.(vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 235-237).

**Cruzeiro.** Havia ainda na igreja guarnição do púlpito de prata lavrada. E no cruzeiro, duas capelas, fronteiras uma à outra.

**Corpo da igreja.** Nele se viam quatro capelas de cada banda, com seus arcos de pedraria. Estas capelas do corpo da igreja iam-se reformando de novo ainda no início do século XVIII, estando então em acabamento os novos retábulos, a condizer com a tribuna da capela-mor. Por cima dos arcos das capelas havia painéis; e entre eles três janelas de cada banda. Por cima das ditas janelas corria pelos lados da igreja a cimalha real, que de novo era coberta de talha.

**Coro alto.** Depois da capela-mor, era talvez o coro alto o que havia de mais insigne no mosteiro. O tecto era apainelado com pinturas de boa autoria, guarnecida de molduras de talha dourada. As paredes eram também revestidas de painéis com caixilhos de talha dourada. Tinha seis grandes janelas rasgadas para a parte do rio, o que assegurava ao coro muita claridade.

Disponha o coro de duas ordens de cadeiras de pau de angelina, em dois andares. Não se diz quantas cadeiras eram ao todo. Sublinham “a sua grande capacidade” e chamam-lhe “belíssimo coro”.

Havia nele sete capelas; eram mais singulares e ricas: a da Conceição da Senhora e a de São João Baptista, ambas de pedraria, embutidas com vidraças de cristal. Os retábulos e frontais destas duas capelas eram de prata lavrada, além de possuírem excelentes peças e curiosidades. Especialmente, havia na capela do Baptista brincos de grande valor e estimação; acrescentam a devoção para com a dita capela as relíquias que nela se veneram, entre as quais é muito singular uma do Santo Lenho, uma cabeça das Onze Mil Virgens, e a imagem do Santo Baptista, a que chamavam do “Menino Jesus do Natal”, com as quais era muito especial a devoção das religiosas deste mosteiro, fundadas em uma tradição muito antiga que nele há<sup>24</sup>.

Há mais no mesmo coro uma capela dedicada a Nossa Senhora da Piedade, toda revestida de nichos dourados com lindas imagens de santos, ornatos de vários brincos e curiosidades de prata.

**Sacrário no coro.** Era uma singularidade. Além do sacrário do altar-mor, tinham estas religiosas um outro sacrário com o Santíssimo Sacramento, no coro. Tal privilégio já existia pelo menos em 1404. O sacrário estava numa tribuna ou nicho assente sobre meio da grade do coro, que ocupava toda a largura do dito coro. E o sacrário estava em tal forma que, sem entrar dentro do coro, um sacerdote vai da igreja a renovar o Sacramento; subindo a escada de pedra que ia da igreja para cima, entrava por um trânsito que formava uma varanda, sustentada por uns cães de pedra que vão por cima da grade do coro; para segurança do

<sup>24</sup> Ver infra a nota sobre esta tradição antiga (Anexo A).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

sacerdote, essa passagem estava protegida por umas grades que assentavam onde terminava a largura do trânsito. Chegando ao lugar correspondente ao sacrário, o sacerdote abria uma porta de prata que fechava a roda, do mesmo metal, que incluía dentro o cofre que recolhia o Santíssimo. Pela parte que olhava para o coro, o sacrário tinha uma vidraça de cristal, tão claro que servia o cofre que encerrava, como se o sacrário não tivesse porta. Era de prata não só o sacrário, mas o retábulo e o altar. Ardiam sempre diante do Senhor oito alâmpadas, de dia e de noite; e demais uma vela de cera sempre acesa, por conta o Lausperene que se faz no coro em homenagem ao Santíssimo Sacramento; o qual é dedicado na forma seguinte: ao Domingo, à Gloriosa Ressurreição; à 2ª feira, às Almas; à 3ª feira, a Santa Clara e a São Francisco; à 4ª feira, a Santo António; à 5ª feira, ao Santíssimo Sacramento; à 6ª feira, à Paixão do Senhor; ao Sábado, à Virgem Santíssima. Este Lausperene tem por conta religiosas particulares.

**Ante-coro.** Havia duas capelas: uma consagrada a São José, outra a Santo António. Ambas douradas, com muitos bons ornatos de prata, entre os quais duas alâmpadas sempre acesas. As paredes eram todas azulejadas de azulejo da Holanda; e o tecto era guarnecido de boas pinturas. Havia ainda uma terceira capela, do Senhor Morto, imagem muito antiga e venerada como milagrosa. Fazem-lhe companhia as imagens da Virgem dolorosa, São João, e Maria Madalena. Todas são de vulto.

**Coro-baixo.** Do ante-coro descia-se para o coro-baixo, onde se achavam oito capelas com imagens devotíssimas, entre elas um Senhor Crucificado de grande estatura. Em cada uma das capelas havia duas alâmpadas de prata, sempre acesas de dia e de noite. Era neste coro que estava a sepultura da fundadora.

**Claustros.** Não pode omitir-se o mui grandioso claustro quadrado, com quatro varandas com pilares de pedra que sustentam os arcos em que assentam as varandas. O claustro era repartido em quatro ruas ladrilhadas, com assentos e canteiros de pedraria; e no espaço que ficava livre para os ângulos do claustro havia em cada um o seu jardim; e bem no ângulo, via-se um nicho com lindos e curiosos embrechados com santos penitentes e em cada um, sua fonte de pedra, a que vinha água da cerca para regar as flores de que o jardim era bem povoado. No meio do jardim, uma grandiosa fonte de pedraria, e à roda dela assentos de pedra e canteiros. As quatro ruas terminavam na fonte.

Havia um outro claustro, em que ficava o cemitério das Religiosas. Nele existiam nada menos do que treze capelas. Uma era a capela do Senhor dos Passos, cuja arquitectura era em figura esférica, toda de vidraça e marcenaria dourada, com painéis dos sete passos, e o Senhor com a cruz às costas numa tribuna dourada. A capela de São João Evangelista, riquíssima. E a capela do Menino Jesus do Natal. A capela de São Francisco. A capela do Senhor Crucificado... Em todas as treze capelas estavam sempre acesas em cada uma duas alâmpadas de prata. Havia mais nas varandas quatro capelas todas de talha dourada. E ainda capelas muito lindas dos sete passos da Paixão.

**Outros espaços.** Deixamos de lado outros espaços conventuais dignos de memória. Tais como a Casa do Capítulo, a Casa do Refeitório (com 21 mesas), os Dormitórios (10 para as religiosas sãs, 1 para as doentes; e 46 alâmpadas acesas toda a noite...).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3. ALGUMAS NOTÍCIAS COMPLEMENTARES

Seguindo as Crónicas, poderíamos ainda falar “das devoções, exercícios de virtude, perfeição no culto divino que floresce neste Mosteiro” (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 248-251); da “muita estimação que deste Mosteiro fizeram sempre muitas senhoras ilustres e grandes Princesas”, nomeadamente a Infanta Dona Catarina, filha do Rei D. Duarte<sup>25</sup> e a Princesa Dona Joana de Castela<sup>26</sup> (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 251-253); e “Da honra que ao Mosteiro de Santa Clara fizeram sempre assim o estado eclesiástico como secular, e da protecção que dele tiveram os Reis deste Reino e mercês que lhe fizeram” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 253-258).

O terramoto de 1755 arrasou completamente a igreja e o mosteiro, exceptuando a tribuna e as costas da capela-mor. Nesta catástrofe morreram mais de 400 pessoas, que estavam assistindo aos ofícios divinos. O coro alto também abateu, sepultando nas suas ruínas 56 religiosas, 1 educanda, 1 noviça, 14 recolhidas, 43 criadas e 9 escravas.

<sup>25</sup> Ver infra a nota sobre a infanta D. Catarina (Anexo B).

<sup>26</sup> Ver infra a nota sobre a Princesa D. Joana (Anexo C).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO A

## UMA TRADIÇÃO ANTIGA DO MOSTEIRO

A tradição dizia que uma religiosa de grande opinião de virtude desejava muito ter a imagem do Menino Jesus, na forma em que ele saiu à luz deste mundo do ventre virginal de sua puríssima Mãe; e que andando a devota religiosa um dia ocupada de tão santo desejo e pensamento, chegaram à roda sem se saber quem, e nela meteram a imagem do Menino Jesus na forma em que a santa religiosa a desejava, e com a soberana imagem do Menino Jesus veio juntamente outra do grande Baptista, com o qual a mesma religiosa tinha particular devoção. E voltando a roda para dentro, se achou a madre rodeira com tão admirável presente, sem saber quem o trouxera, nem quem o mandava, e fazendo-se todas as diligências possíveis por descobrir o portador de tão rico tesouro o não puderam nunca alcançar. A imagem do Baptista tinha lugar sobre uma peanha, com pouco menos de 5 palmos de alto [= c. 1,10m], toda de prata sobredourada, guarnecida de várias figuras de relevo; o diadema era de ouro, guarnecido de diamantes e pérolas (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 238-239).

## ANEXO B

## A INFANTA D. CATARINA

A Infanta Dona Catarina, filha de El Rei D. Duarte e da Rainha Dona Leonor, estando desposada com D. Carlos, príncipe de Aragão e Navarra, por morte do dito príncipe, retirou-se do Paço e se recolheu a este Mosteiro de Santa Clara, onde viveu com grandes exemplos de virtude, tratando com tanta afabilidade as Religiosas como se entre as Freiras e ela não houvesse diferença, continuando a vida entre a Religiosas. Estando recolhida no dito mosteiro, tratou-se do seu casamento com o príncipe herdeiro de Inglaterra, que depois se chamou Henrique IV; mas não chegou a realizar-se. Quando faleceu, foi sepultada neste mosteiro. Mas o Cardeal D. Jorge da Costa trasladou os seus ossos para uma nobre sepultura que lhe deu na Igreja de Santo Elói (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 252).

## ANEXO C

## D. JOANA, PRINCEZA DE CASTELA

A Princesa de Castela, Dona Joana, apelidada de “A Beltraneja”, tomou o hábito de Santa Clara em Santarém; depois professou no Mosteiro de Santa Clara de Coimbra; depois passou ao Mosteiro de Santa Clara de Lisboa. Neste viveu com grande exemplo de virtude e nele faleceu. Foi sepultada na Casa do Capítulo, sem epitáfio. Uma carta passada por Dona Catarina, em nome de seu neto D. Sebastião, escrita em 18 de Fevereiro de 1558, informa-nos que a “Excelente Senhora” Dona Joana ordenara em seu testamento que dissessem para sempre no Mosteiro de Santa Clara de Lisboa, onde tem sua sepultura, seis missas cantadas em cada ano (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 252-253).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**Bibliografia**

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> – Editores, 1909.

SOLEDADE, Frei Fernando da – *História Seráfica*. Tomo V. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1721.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DO MONTE CALVÁRIO, EM ALCÂNTARA****Século XVII [1618]**

[Freiras Observantes Franciscanas]

**1. AS FUNDADORAS E O SEU DRAMA**

Foram fundadoras Dona Violante de Noronha e sua filha Dona Maria Magdalena Telles. Dona Violante de Noronha era filha de António Gonçalves da Câmara e Dona Joana d'Eça; seus bisavós, João Gonçalves da Câmara, 2º capitão da Ilha da Madeira e Senhor da Calheta, e Dona Maria de Noronha, neta do Conde de Guijou. Por parte de sua mãe, era neta de D. Pedro de Noronha, Senhor de Vila Verde, e de Dona Violante Silveira.

Dona Violante de Noronha entrou no Paço com 4 anos de idade [em 1561?], com o título de Dama da Rainha Dona Catarina; a qual muito a estimara, quer por ser neta da sua camareira-mor Dona Joana d'Eça, quer pela sua beleza e dotes naturais.

Casou muito nova, com 15 anos, com Manuel Telles de Menezes, Senhor de Unhão, do qual teve uma única filha, Dona Maria Telles de Menezes. Este foi um dos que acompanharam D. Sebastião na trágica expedição de África; e foi dos que morreram no campo de batalha, de que nunca mais apareceu notícia. Dona Violante ficou viúva, aos 17 anos, e havia ficado em Santarém com sua filha única (então apenas com 2 anos).

Atingida violentamente com esta desgraça, depois de um prolongado sentimento resolveu oferecer os frutos da flor da sua idade em sacrifício ao Senhor. Os cuidados da educação de sua filha não lhe permitiam fazer-se religiosa: mas não a impediás de recolher-se a uma clausura. Escolheu para este fim o Mosteiro da Esperança, quer pela fama da reformação com que florescia, quer por ser obra de sua avó, Dona Joana d'Eça, que nele foi sepultada.

Em 1581 recolheram-se ambas – ela com 20 anos, e sua filha com 5 – no dito Convento da Esperança, tendo obtido do Papa Gregório XIII licença para ambas se recolherem no dito mosteiro, com liberdade de poder assistir no Coro e em todos os actos conventuais, excepto no Capítulo.

**2. O PROJETO DE EDIFICAR EM ALCÂNTARA UM CONVENTO DE CLAUSURA**

Pensava Dona Violante preparar sua filha para o casamento, a fim de dar sucessão a seu marido. Mas esta nunca concordou com tal projecto, recusando mesmo um que a pretendia e a quem tinha passado o morgado de seu pai.

Chegou um momento em que ambas decidiram fundar um mosteiro em Alcântara, num sítio banhado a sul pelas águas do rio Tejo e confinado a norte, apenas com uma rua de permeio, com a galeria das casas e quinta que serviam de recreação à família real.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Chamava-se Quinta do Porto, porque junto a ela se abrigavam os barcos nas maiores tormentas e estavam contíguas umas tercenas, aonde com muita comodidade se desembarcavam e recolhiam as mercadorias. Alguns factos ligados a esta quinta não teriam talvez de excitar a vontade de desagravo daquelas duas devotas: nessa quinta havia sido agasalhado em tempos um embaixador da Pérsia, o qual com sua família se lavava ostentadamente no tanque da horta, fazendo as cerimónias e ritos da sua “abominável seita”; ali também tinha ficado hospedado um nobre inglês, herege...; e ali morava um ingrato judeu renegado do cristianismo, conhecido pelo sobrenome de Milão, quando pelo Tribunal do Santo Ofício foi preso e castigado “ como pérfido apóstata da Fé cristã... ”

O projecto de ali edificar um Convento não sofreu oposição das Flamengas logo ali em frente, apesar de haver Breves Apostólicos proibindo a pouca distância entre clausuras que se fundam de novo.

A oposição veio da Condessa de Atalaia, a quem pertencia o directo senhorio da quinta. E também esbarrou com a resistência da Corte e do Arcebispo de Lisboa. A recusa em concederem licença foi tal, que Dona Violante desanimou e entregou todo o negócio a sua filha Dona Maria Telles, que já era maior. Esta lançou-se na luta e levou a bom termo o projecto.

É curioso notar que, na mesma Carta em que o Arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro (arcebispo de Lisboa de 1585 a 1625) lhe enviava licença real, lhe transmitia também a mercê que o monarca fazia a sua mãe Dona Violante de 300:000 réis de tença, todos os anos, na Comenda de Fernão Telles (de que ela beneficiava).

A Licença da Sé Apostólica foi dada por Paulo V, por um Breve passado a 12 de Dezembro de 1617 [Dona Violante tinha agora 56 anos; a filha tina 41...]

As cláusulas eram precisas:

a) Que se pudessem passar para o novo mosteiro, levando consigo três religiosas, que as mesmas fundadoras escolheriam de onde lhes parecesse melhor para plantar a Ordem de Santa Clara na sua clausura.

b) Que esta nova casa sempre estaria sujeita à obediência da província de Portugal, como as mesmas fundadoras lhe haviam pedido.

c) Que o seu título seria o Monte Calvário.

d) Que a Comunidade constaria de 14 religiosas com uma Abadessa.

e) Que em tudo seria este mosteiro semelhante ao da Esperança, assim no vestir das Freiras como nas graças e privilégios concedidos àquele.

No dia 12 de Agosto de 1618, dia da Madre Santa Clara, já havia cómodo bastante para recolher as primeiras religiosas; e uma igreja que se fizera a título provisório, enquanto não se fazia a definitiva. Foi benzida nesse mesmo dia.

Entretanto, tinham escolhido três religiosas de diferentes mosteiros: eram as Mães Fundadoras. Eram elas: a Madre Ignês de São Francisco, que veio do Mosteiro da Esperança e foi logo abadessa; a Madre Maria da Assunção, que foi Vigária, e que veio do Convento de Alenquer; e para porteira-mor veio do Convento de Santa Clara do Trono a Madre Brites da Natividade.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A 14 de Agosto de 1618 fizeram a sua entrada as três ditas religiosas fundadoras referidas; mais uma servente de Dona Violante, chamada Maria dos Anjos; mais a fundadora Dona Maria Telles. Algum tempo depois veio também a Madre Soror Maria do presépio, irmã de Dona Violante de Noronha, professa da Esperança.

No dia 14 de Setembro de 1618, festa da Exaltação da Santa Cruz, foi colocado o Santíssimo num formoso sacrário.

Ainda no ano de 1618 pediu para ser admitida como noviça Dona Maria Telles de Menezes, que na profissão se chamava Soror Maria Magdalena.

Em 2 de Maio de 1619, foi colocada a 1ª pedra do dormitório principal, celebrando o acto o Padre Frei Jerónimo da Madre de Deus, Ministro Provincial.

Para memória regista-se que no dia 2 de Janeiro de 1620 caiu sobre o mosteiro uma horrenda tempestade, caindo o dormitório.

### 3. SEPULTURAS DAS FUNDADORAS

Dona Violante veio a falecer a 17 de Dezembro de 1634. A sua vida fora exemplar. Passados 7 anos e 5 meses sobre o seu enterro, a Madre Soror Maria Magdalena (sua filha) determinou depositá-la num sepulcro melhor. Encontraram então o seu corpo incorrupto, do que se lavrou auto, com testemunhas idóneas, datado de 28 de Outubro de 1642. Fez-se um túmulo de mármore branco, com a tumba de mármore preto, em que se encerrou o caixão de madeira, com os santos despojos. Tinha uma vara [5 palmos = 1,20m] de comprido, e ficou contíguo à grade do coro baixo, junto ao comungatório. Nele lia-se o seguinte epitáfio:

Aqui jaz D. Violante de Noronha, mulher de Manoel Telles de Menezes, Donna que foi do Paço da rainha D. Catharina, Fundadora e padroeira deste Mosteiro, o qual dotou e fez com sua fazenda a 14 de Agosto na era de 1618, e faleceu a 17 de Dezembro na era de 1634.

Sua filha mandou pôr uma sepultura para seu corpo junto do monumento de sua mãe, onde de facto foi deposto a 31 de Janeiro de 1648, como declarava o letreiro:

Aqui jaz a Madre Maria Magdalena, Padroeira e Fundadora deste Mosteiro, o qual fez e dotou com sua fazenda na era de 1618, e faleceu a 31 de Janeiro de 1648. Foi filha de Manoel Telles de Menezes e de D. Violante de Noronha.

Foi deste Mosteiro que saíram as Religiosas que deram início ao Convento de Religiosas Descalças da Ordem da SS. Trindade, com o título de Nossa Senhora da Soledade, do Mocambo.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 4. A IGREJA

A igreja era de uma só nave, com porta voltada ao norte.

Tinha oito capelas, além da capela-mor. Da banda da direita: Nossa Senhora do Rosário (imagem milagrosa), Nossa Senhora da Nazaré (onde se fazia o presépio pelo Natal), Santo António... Da banda da esquerda: São João Evangelista, São Francisco, São Bento (onde estavam as imagens de São Francisco Xavier e Santa Catarina).

No antecoro de baixo estava uma capela de Nossa Senhora da Graça, com sua tribuna, obra sumptuosa, onde estavam dois passos, um do Senhor com a cana verde na mão, e outra do Senhor atado à coluna. No antecoro de cima estava uma capela de Nossa Senhora da Conceição, toda doirada.

Conservava no coro 12 painéis com muitas relíquias, mandadas por alguns cardeais às fundadoras, a saber: a cabeça de uma das Onze Mil Virgens; uma grande relíquia do Santo Lenho; e um espinho da Coroa de Jesus Cristo. No coro notavam-se boas pinturas feitas em Roma.

O Convento fora programado para 33 freiras; mas o Geral acrescentou-lhe mais 10. Tinha 25 irmãs terceiras, para servirem no convento, e 8 na sacristia.

## 5. TERRAMOTO DE 1755

O terramoto de 1755 arruinou totalmente o convento, vitimando 22 religiosas, 4 recolhidas e 6 serventes. Das poucas que escaparam, refugiaram-se algumas no Mosteiro das Flamengas, que ficava defronte, indo outras para as casas dos seus parentes.

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763, pp. 211-212.

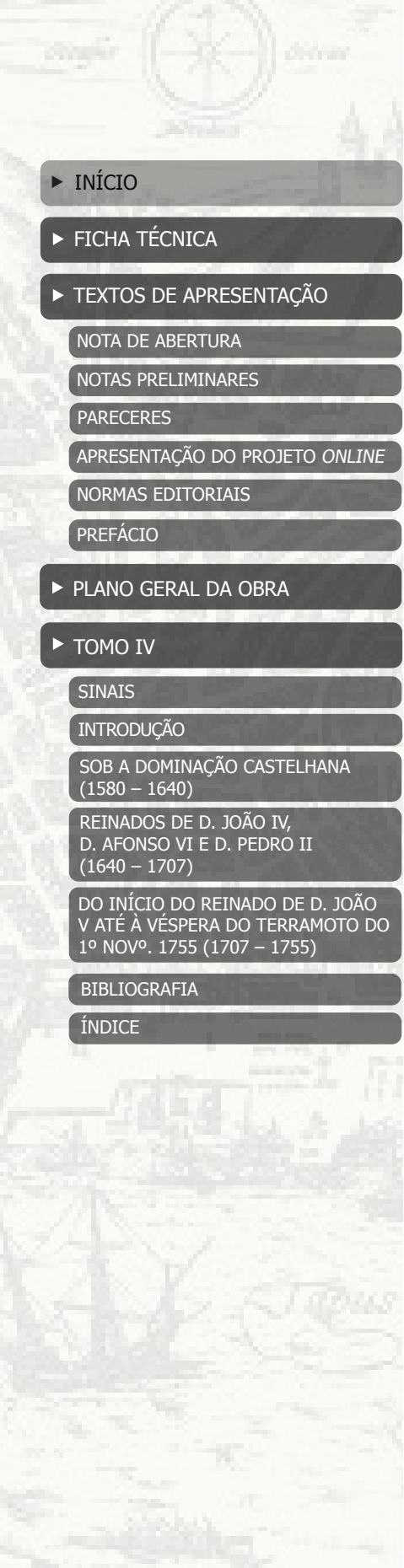
COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, pp. 650-651.

SOLEDADE, Frei Fernando da – *História Seráfica*. Tomo V. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1721, pp. 335-372.

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |







► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## **5. IGREJAS DE INSTITUIÇÕES PARTICULARES GRUPOS NACIONAIS, COLÉGIOS, NOVICIADOS, SEMINÁRIOS, RECOLHIMENTOS...**

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DO COLÉGIO DOS CATECÚMENOS

**Século XVI [1579-1608]**

Instituído em 1579 pelo cardeal D. Henrique, a instâncias do padre Pedro Fonseca, jesuíta, para serem catequizados e instruídos na doutrina cristã e na crença da fé católica os turcos e quaisquer infiéis que venham a esta cidade.

Estava na Rua dos Calafates.

Tinha regimento, que se lhe fez no ano de 1608; era dirigido por um reitor clérigo secular e por um provedor com título de superintendente, que depois de o haver sido vinte e cinco anos o bispo de Targa D. Frei Jerónimo de Gouvea, a Mesa da Consciência encarregou depois esta superintendência a um dos seus deputados.

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 267.

TELLES, Balthazar – *Chronica da Companhia de Jesus*. Vol. II. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1647, p.183.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DO RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

**Século XVI [1583]**

Alguns religiosos e homens de negócio desta Corte erigiram este Recolhimento para amparo e abrigo de algumas órfãs nobres e pessoas honradas, e sustentavam-no. Vendo el-rei D. João III o bom fim a que se dirigia tal acção tão pia, tomou este recolhimento debaixo da sua protecção no ano de 1543, dotando-o com rendas certas e anuais, para sustentação de 21 órfãs honradas, filhas de ministros, e ainda fidalgas, cujos pais houveram falecido em serviço da coroa: ordenando que, de três em três anos se enviassem para a Índia e Brasil algumas das ditas órfãs com carta para os vice-reis e governadores as casarem com a decência possível, preferindo-as nos provimentos de ofícios para seus dotes; e tiveram na Índia tanta estimação estas órfãs, que uma chamada Dona Maria foi rainha da Maldiva, porque o rei daquelas ilhas casou com ela em Goa no ano de 1548 (vd. Santa Maria, 1697: 1015-1019. Em reconhecimento pela criação que teve no Recolhimento, mandou para a igreja dele um frontal e uma casula, que para memória ainda se conservava no ano de 1731.

A primeira habitação das órfãs foi junto ao Hospital Real, em umas casas contíguas à roda ou beco dos enjeitados, na Betesga.

Por ocasião de um contágio que houve na corte, el-rei D. Sebastião as mandou mudar daquele sítio para umas casas junto do Castelo. O bom trato, recolhimento e honra com que viviam estas órfãs, lhes fez adquirir tal nome, que muitas donzelas, e ainda viúvas, com as qualidades do Estatuto, procuravam recolher-se como porcionistas neste recolhimento. E assim cresceu tanto o número, que já não cabiam.

Por cuja causa, no ano de 1583 passaram para as casas do Duque de Aveiro, que eram onde se fez o hospital dos soldados.

No tempo de el-rei D. João IV passaram para as casas, em que estavam antes do terramoto, e tinham sido de D. Fradique Manoel; a superioridade do tal recolhimento, que tinha sua igreja com sacrário e capelães, era da Mesa da Consciência.

Tudo foi desfeito pelo terramoto e incêndio. As recolhidas passaram para diversas partes, até se repararem as ruínas e poderem restituir-se ao antigo domicílio.

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763, pp. 255-256.

SANTA MARIA, Fr. Francisco – *O Ceo Aberto na Terra. História das Sagradas Congregações dos Conegos Seculares de S. Jorge em Alga de Venesa, & de S. João Evangelista em Portugal*. Lisboa: Oficina de Manoel Lopes Ferreira, 1697.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DO RECOLHIMENTO DAS CONVERTIDAS [N.ª SENHORA DA NATIVIDADE]

Século XVI [1586]

Este Recolhimento teve princípio no tempo do Cardeal Alberto, e foi da iniciativa do Padre Frei Jerónimo Graciano, conforme nos diz Frei Belchior de Santa Anna (1656: tomo I, 237, n. 271 e ss).

O dito padre mandou “acomodar o recolhimento nas Casas de Nossa Senhora da Glória, donde tinham saído as Madres Flamengas” (Santa Anna, 1656: tomo I, 238), quando estes se deslocaram em 1586 para Alcântara.

Dali, o Recolhimento foi mandado para o Bairro das Chagas, talvez logo em 1587.

Era governado por doze homens nobres; e o Provedor era sempre um fidalgo de título. Cada ano se fazia nova eleição, a que assistia um padre da Companhia de Jesus, por mandado do Prepositivo de São Roque.

O Recolhimento persistia (pelo menos até ao início do século XVIII) no bem espiritual de suas almas, com práticas e confissões muito a miúdo; e viviam com tanta clausura e recolhimento, governadas por uma Regente (que sempre era mulher de porte), que parecia um mosteiro reformado. Daqui se mandavam algumas para as Conquistas, depois de alguns anos, aonde casavam com o favor de nossos reis.

Sendo Provedor desta Casa D. Manuel de Moura, Conde de Lumiares, filho de D. Cristóvão de Moura, Marquez de Castelo Rodrigo, alcançou de el-rei Dom Filipe II doze moios de trigo de renda e 300:000 réis de juro para seu sustento, e Breve de Roma para poderem ter o Santíssimo Sacramento na Igreja. O rei D. Pedro II lhe deu também 200:000 réis de renda cada ano.

A igreja era de uma nave, com a porta para o sul; e tinha três capelas, a maior com sua tribuna dourada com Santa Maria Madalena por parte do Evangelho, e Santo António da banda da Epístola. Tinha capelão próprio com obrigação de confessar, com 80:000 réis de renda.

As marcações exactas do edifício do Recolhimento eram em 1755: sobre a rua do Lo-reto media o Recolhimento 99 palmos de frente [= 21,78m]; de fundo, pelo lado oriental, que era a rua direita das Chagas, 216 palmos [= 47,52m]; pelo nascente, partindo com pardieiros que em 1755 eram de António Luís Sinel de Corde, 225 palmos e meio [= 46,61m]; chegando os fundos até à rua da Horta Seca, sobre a qual era a serventia da igreja, da invocação de Santa Maria Madalena (vd. Castilho, 1955: vol. II, 259).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

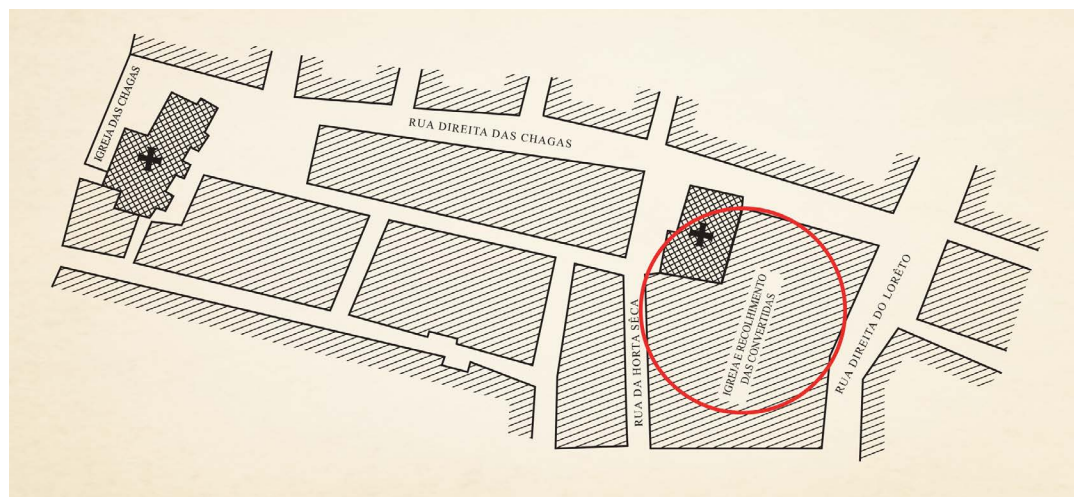


Figura 11 – Planta do fragmento da cidade contido entre as Chagas e a Rua Direita do Loreto antes de 1755 (in Castilho, 1955: vol. II, 228). Em destaque a Igreja e Recolhimento das Convertidas.

O terramoto fez-lhe gravíssimo prejuízo, de forma que as obrigou a passarem para um sítio da Fonte Santa, onde estiveram abarracadas até passarem para o sítio do Rego (Mappa de Portugal, freg.<sup>a</sup> da Encarnação).

### Bibliografia

CASTILHO, Julio de – *Lisboa Antiga. Primeira parte. O Bairro Alto*. 3ª edição revista e anotada por Gustavo Matos SEQUEIRA. Vol. II. Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa, 1955.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 267.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, p. 452.

FRANCO, Padre Antonio – *Imagem da Virtude em O Noviciado da Companhia de Jesu na Corte de Lisboa*. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1717.

SANTA ANNA, Fr. Belchior de – *Chronica de Carmelitas Descalços, particular do Reyno de Portugal e Provincia de Sam Felipe*. Tomo I. Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1656.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⊖ IGREJA DO COLÉGIO DOS EREMITAS CALÇADOS DE SANTO AGOSTINHO

Século XVI [1595]

### 1. VICISSITUDES DESTA CASA

Passou por várias vicissitudes esta casa. Vamos apontá-las.

a) Foi primeiramente mesquita de Mouros, que lhes concedeu D. Afonso Henriques ao conquistar Lisboa em 1147.

b) Quando D. Manuel expulsou do Reino os Mouros, no ano de 1496, a Mesquita foi purificada e ali se construiu uma igreja dedicada à Nossa Senhora da Anunciação, onde viveram umas devotas Recolhidas, durante alguns poucos anos.

c) Em 1519 foi ali criado o Mosteiro da Anunciada, de Religiosas Dominicanas vindas de Aveiro.

d) No ano de 1539, as Religiosas Dominicanas permutaram com os Religiosos de Santo Antão: elas foram para as Portas de Santo Antão ocupar a casa dos Religiosos, levando para lá o título do seu Mosteiro “da Anunciada”; e eles vieram para a Mouraria, trazendo consigo o título ou invocação de “Santo Antão”.

e) No ano de 1541 já não havia ali religioso algum de Santo Antão; e a recém-chegada Companhia de Jesus adquiriu as instalações para ali instalar um Colégio, o que sucedeu em 5 de Janeiro de 1542.

f) Em 8 de Novembro de 1593, os ditos Religiosos da Companhia de Jesus mudaram desse Colégio, dito de Santo Antão-o-Velho, para o novo Colégio, que então acabavam de inaugurar, e que se passou a denominar Colégio de Santo Antão-o-Novo.

g) E como pela dita mudança, o Colégio Velho ficava totalmente inútil aos Padres, e ao mesmo tempo lhes era necessário maior cabedal do que tinham para continuar a fábrica do novo Colégio, trataram de vender tudo o que tinham no Colégio Velho. Sabendo desta sua vontade os padres Eremitas do Convento de Nossa Senhora da Graça, dos Agostinhos Calçados, trataram de comprar à Companhia de Jesus o dito sítio com tudo o que nela havia. Ajustaram em que o preço seria 11:000 cruzados livres para a Companhia, a qual quantia os compradores se obrigaram a pagar dentro de quatro anos, com a declaração que enquanto não satisfizessem pagariam deles juros, na mesma forma em que os estava pagando da dita quantia o Colégio Novo de Santo Antão.

h) Esses 11000 cruzados foram tomados à sua conta por Dom João da Costa e sua mulher Dona Maria de Aragão, com intenção de no dito local fazerem um Convento de Religiosos de Santo Agostinho: de que os Religiosos se deram por contentes. E nesse sentido, se fez a escritura de contrato de venda, em 28 de Abril de 1594.

i) Mas depois, mudando de parecer, os Religiosos de Santo Agostinho, em 23 de Outubro de 1595, fizeram outra escritura de declaração, de que o destino dessa casa, em vez de

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ser Convento de Religiosos, fosse Colégio de Estudantes da mesma religião de Santo Agostinho. Como fiador do pagamento dos ditos 11:000 cruzados ao Colégio de Santo Antão-o-Novo, os Padres Agostinhos deram o mesmo Dom João da Costa.

Os Reverendos Padres Agostinhos acabaram de pagar a dita quantia no ano de 1599.

Não sei se o nome de Coleginho, com que ficou sendo conhecido, vem do primeiro Colégio dos Jesuítas (1542 a 1593), ou do posterior Colégio dos Agostinhos (posterior a 1595).

## 2. COMO ERA A IGREJA ANTES DO TERRAMOTO DE 1755

Os Jesuítas não fizeram grandes alterações nem na habitação nem na igreja que as Dominicanas haviam deixado em 1539; também os Agostinhos continuaram ali sem grandes melhorias. Correndo, porém, o tempo, vieram estes últimos a melhorar muito o templo. A *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 37-40) informa-nos sobre o estado da igreja no ano de 1707.

Omitimos a descrição do claustro, portaria, sacristia, aula de teologia, escada para subir à parte superior do convento.

O frontispício da igreja fica olhando para o Noroeste. O portal é de pedra lavrada com alguma obra. Além do portal, apenas há mais no frontispício um nicho, cuja altura não excede a de 5 palmos [= 1,20m]; e dentro do nicho, a imagem de Santo Agostinho. Por cima do nicho, uma janela de vidraças que ilumina o coro. Este tem todo o seu vão dentro da igreja; e o tecto dele é de abóbada pintada com um brutesco de ramos e flores.

O tecto da igreja é de madeira em volta redonda, mas pintado também em brutesco. As paredes do corpo da igreja são todas revestidas de azulejo. Há nela cinco capelas.

A capela-mor é em comprimento, largura e altura, proporcionada ao corpo da igreja. Pertence o padroado desta capela aos Condes de Soure. Foi feito um retábulo novo com duas colunas por banda com seus troços e boa obra de talha. Semelhante será a tribuna (que ainda não estava acabada em 1707). Para ela mandou lavrar um riquíssimo cofre de prata Dom Frei António Bottado, bispo de Hispânia.

Aos lados do arco da capela-mor tem lugar, de cada parte, um altar cujos retábulos se encostam á parede, de talha dourada. O que fica do lado da epístola é da Anunciação da Senhora: tem uma pequena tribuna, a Virgem tem a acompanhá-la seu Filho e São José; há um painel quadrado com suas mísulas ao lado, por cima da tribuna, e é servida por uma Irmandade de oficiais esparteiros. O altar do lado do evangelho é dedicado a São Nicolau, cuja imagem está no nicho que faz o retábulo, e ao lado mais dois nichos de outros santos. Diante de cada um destes dois altares ardem alâmpadas de prata (*Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 38).

Aos dois lados do corpo da igreja, vizinhos à capela-mor, têm lugar duas capelas, ambas dedicadas à Virgem Mãe de Deus. A que fica à mão direita de quem entra na igreja é consagrada ao Mistério da Conceição da Virgem. O arco da capela, posto que de pedraria,

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

está todo coberto de talha dourada, assim como o retábulo que é de duas colunas por banda. O fundo do retábulo é guarnecido de talha dourada; sobre uma peanha de talha, outra peanha de prata, e sobre esta a imagem da Senhora, que não excede a altura de dois palmos; a imagem é estofada e tem sobre a cabeça uma coroa de prata sobredourada e ornada de pedras. Possui dossel de rica tela com franjas de ouro, sacra de prata com muitas pedras engastadas, quatro castiçais grandes, duas jarras grandes de prata, quatro lâmpadas grandes de prata, etc. Na outra capela, do lado esquerdo de quem entra, dedicada à Senhora do Bom Despacho, esta um retábulo semelhante, com a imagem da Senhora, e diversas peças semelhantes à anterior (*Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 39).

### 3. OCORRÊNCIAS POSTERIORES

Na época de D. João V são excelentes os azulejos e as magníficas marcenarias da Sacristia.

”Nestas, há que admirar o arcaz com rico espaldar, de madeira escura, tendo, ao centro, um oratório ladeado por dois espelhos emoldurados de talha dourada, de fino desenho e esmerada execução; e ainda o soberbo armário de três corpos e madeiras preciosas embutidas, que possui delicadas ferragens com as armas dos Agostinhos, reproduzidas em pintura, no tecto.

Os azulejos, joaninos, cobrem todas as superfícies livres. O mais vasto representa o triunfo da Igreja, na obra de Santo Agostinho. Sobre o armário referido, vê-se um friso evocativo da vida de Santo Antão em três pequenos quadros” (Almeida, 1973: Vol. V, tomo 1, 100).

### Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 1. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1973.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

SOLEDADE, Frei Fernando da – *História Seráfica*. Tomo V. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1721.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊖ **CAPELINHA DO HOSPÍCIO DE SÃO BRUNO****Século XVII [1609] - ?**

Este Hospício era dos Religiosos da Cartuxa de Laveiras.

Situava-se na Estrada do Salitre, na Rua da Palmeira. Nessa data, estava dentro do território da freguesia de São José.

Foi principiado em uma horta, que a esses religiosos deu o Bispo Capelão-mor D. Jorge de Ataíde, no ano de 1609, para dote de duas celas, que estabeleceu no dito Convento.

Nesse hospício existia uma capelinha, em que dizia missa o Procurador da Cartuxa, quando vinha à cidade.

Sofreu alguma ruína com o terramoto de 1755, que prontamente foi recuperada.

**Bibliografia**

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 286.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terremoto: Subsídios para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1917, pp. 290-294.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⊖ IGREJA DO SEMINÁRIO DE SÃO PATRÍCIO, DE COLEGIAIS IRLANDESES

Século XVII [1611]

1. Para ajudar no bem espiritual da nação irlandesa, sob a perseguição da Inglaterra, pareceu bem ao zelo dos Padres Jesuítas de São Roque, e em especial ao Padre Pedro da Fonseca, que assistissem nessa Casa alguns padres que dominassem a língua irlandesa, para exercerem apostolado junto dos marítimos dessa proveniência que em grande número corriam ao porto de Lisboa.

Por volta de 1592 residia na dita casa um padre irlandês, chamado João Olingo, muito respeitado dos mercadores daquela ilha, entre os quais era grande o fruto que fazia. Logo chegaram à ideia de que seria muito útil que se instituisse nesta cidade um Seminário em que se recolhessem alguns moços irlandeses, filhos de pais católicos, que estudando latim, artes e teologia, e bem instruídos nas controvérsias, pudessem voltar para a sua pátria prestar assistência religiosa aos católicos que lá permaneciam.

Comunicaram este seu pensamento ao Arquiduque Cardeal Alberto, que então governava Portugal, que aprovou o projecto. Para favorecer essa obra, o Padre Pedro da Fonseca contactou alguns fidalgos e com eles formou na igreja de São Roque uma Confraria para o efeito. Eram doze os confrades, e no dia 1 de Fevereiro de 1593 ordenou-se a primeira Mesa, que ficou composta da seguinte forma: para Juiz, Garcia de Mello da Silva; e para mordomos o Conde Meirinho-mor D. Duarte de Castello Branco, e D. Luís de Alencastre, comendador-mor de Aviz.

Fizeram logo vir da Irlanda alguns moços nobres e de boa índole; e tanto que chegaram, os recolheram numas casas alugadas pela Confraria na Mouraria, onde por assim dizer teve princípio o Colégio de São Patrício. Depois transferiram-se para outras casas alugadas próximas do Convento de Santa Ana; e mais tarde, para a Ermida de Nossa Senhora da Glória, junto das casas do Conde de Castanheira.

A Confraria entregou aos Padres da Companhia de Jesus a direcção do Seminário. Em 3 de Fevereiro de 1605, os fidalgos que eram da Mesa e tinham à sua conta o governo do Seminário fizeram entrega dela ao Padre António de Mascarenhas, Provincial que era da Companhia, o qual aceitou a entrega em nome da Companhia para ela governar o dito Seminário pelo modo mais conveniente ao fim para que ele fora instituído. Deram prévio conhecimento ao vice-rei D. Pedro de Castilho, o qual aprovou. De tudo isto se elaborou uma escritura feita pelo escrivão Francisco Frazão, e nela estão assinados o juiz e mais irmãos, e o Padre António de Mascarenhas, que por parte da Companhia aceitou a entrega.

2. Na ladeira que sobe quem vai do sítio da Madalena para o Castelo, bem defronte da primeira Ermida de São Crispim - actualmente Escadinhas de São Crispim - existia ali um palácio pertencente a D. Garcia de Noronha, que foi nomeado em 1538 vice-rei da Índia, onde morreu em 3 de Abril de 1540, deixando muitos filhos e filhas.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 1566, desejando o Cardeal Infante D. Henrique fundar um Seminário (na linha dos Decretos do Concílio de Trento), e procurando em diversos pontos da cidade palácios e casas grandes que pudessem servir, entrou na concorrência a antiga propriedade de D. Garcia de Noronha, que parece estava abandonada nessa data. Não foi porém aproveitado o dito palácio para o efeito.

Em 1604, estando ainda desocupado o palácio, os Carmelitas Descalços compraram-no aos descendentes do falecido fidalgo; e para ali se mudaram em 21 de Outubro de 1604, largando então umas casas alugadas no sítio da Pampulha, onde mais tarde se instalou o Convento de São João de Deus. Os Carmelitas conservaram-se ali até 1611, ano em que se transferiram para o Convento de Nossa Senhora dos Remédios, em Santos, que acabara de ser construído.

Os Carmelitas deixaram de todo a Casa das Escadinhas de São Crispim, em 3 de Maio de 1611. E venderam tudo o que aí possuíam, fronteiro à Ermida (Velha) de São Crispim, a António Fernandes Ximenes, fidalgo da Casa de Sua Majestade, pessoa de muitos haveres e de grande piedade. A escritura de compra aos Carmelitas tem a data de 21 de Maio de 1611 (segundo Baltazar Telles).

O dito Ximenes, movido do bom exemplo que davam os habitantes do Seminário Irlandês (que então estavam, aliás com muitos incómodos, na referida casa à Nossa Senhora da Glória), e entendendo o muito fruto que depois de instruídos nas letras fariam com sua doutrina em sua pátria, comprou a Casa dos Carmelitas para uso dos Colegiais Irlandeses, e assim lhes fez dela doação.

E não contente em dar habitação aos Colegiais, passou a unir à morada deles a sua própria morada, fazendo umas casas contíguas ao Seminário, posto que mais levantadas, e vivendo nelas com grande consolação sua e exemplo que dava aos do Seminário.

As obras de adaptação do colégio foram feitas, na maior parte, a expensas do dito António Fernandes Ximenes, em cuja fábrica gastou 20:000 cruzados.

Ao falecer, em 13 de Maio de 1631, foi sepultado na capela-mor da igreja que é sua e dos seus herdeiros, ficando padroeiro da igreja. Deixou ainda ao Colégio o rendimento de 80:000 réis para uma missa quotidiana, e renda para uma lição ou cadeira de Teologia. Isso constava dos papéis que se conservavam no Arquivo do Colégio, assim como do título da sua sepultura.

Faleceu com 68 anos de idade, e sem deixar descendência.

Depois, Luís Fernandes de Almada e sua mulher, entendendo que fariam serviço a Nosso Senhor em ajudar o pouco que tinha o Seminário para alimentar os seus alunos, deixaram-lhe por sua morte a melhor porção que o Seminário tinha de renda no início do século XVIII.

3. O Padre Carvalho da Costa diz que a igreja era pequena e tinha uma só nave. A porta estava voltada para o lado do sul. Havia quatro capelas, incluindo a capela-mor, onde se venerava a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, e as quatro de santos da Companhia de Jesus: Santo Inácio, São Francisco Xavier, São Francisco de Borja e São Luís Gonzaga.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Do lado do Evangelho era a capela de São Patrício, instituída por Luís Fernandes de Almada [ou Almeida?], com a condição de dizerem três missas, deixando-lhes por sua morte mais de 10:000 réis a mais, para ornamentos. Na capela foram sepultados o instituidor e sua mulher.

Do mesmo lado existia a capela de São João Baptista, onde se rezava missa todos os dias. Esta capela encerrava as relíquias de São Francisco Xavier, Santo Inácio de Loyola, São Cláudio, São Plácido, Santa Úrsula, e do Santo Lenho.

No altar estava a imagem do beato Estanislau, jesuíta.

Vd. Costa, 1712: vol. III, 389-390.

4. O reitor do Colégio, quando se estabeleceu a São Crispim, era o padre jesuíta Cornelio da Rocha.

O número dos colegiais era incerto, mas ordinariamente não passava de dez. Os padres da Companhia eram sete: entre eles, o Reitor, o Ministro, o Procurador, dois padres mestres de Teologia (um deles, de Matérias Morais; outro de Controvérsias da Fé).

Ambas as lições referidas eram dadas de tarde. As mais lições as vão tomar ao Colégio de Santo Antão, ao qual vão pela manhã os que estudam Teologia, e são ouvintes de duas lições de Teologia Especulativa. Os que estudavam Filosofia ou Latim iam de manhã e de tarde ao Colégio.

O Seminário tinha de rendimento 3:000 cruzados, entre juros e duas quintas. Uma das quintas era no sítio que chamam de Charneca, em distância que lhe permite irem a ela nos dias de passeio, servindo-lhes de bom exercício o caminho que não deixa de ser longo. E lá logram boa fruta no tempo dela.

5. Seminário e igreja sofreram muito com o terramoto de 1755, mas restauraram-se completamente.

Na ocasião da expulsão dos jesuítas em 1759, um padre irlandês, vendo que o governo do Marquês de Pombal queria confiscar o Colégio de São patrício, opôs-se energicamente, provando como era pertença dos Irlandeses e não dos Jesuítas, porque os Padres da Companhia só o dirigiam, mas não eram proprietários. Os Irlandeses venceram a questão, e continuaram com o Seminário.

Estando depois sem moradores o edifício de São Patrício, os proprietários o entregaram ao padre Raymundo dos Anjos Beirão, o qual conservou ali as Irmãs da Caridade portuguesas, chegando a contar com 100 bondosas irmãs, mantendo-as e sustentando o culto da capela à custa das esmolas dos devotos e de grande parte dos seus próprios proventos.

Mais tarde declarou-se naquela casa uma forte epidemia, de que foram vítimas muitas irmãs; as sobreviventes abandonaram o edifício, indo recolher-se ao extinto Convento das Trinas.

Estabeleceram-se depois naquela casa diversas escolas para crianças desvalidas do sexo masculino.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

E por volta de 1884 ou 1885, o edifício foi entregue às Irmãzinhas dos Pobres [“Petites Sœurs des Pauvres”], sendo estas obrigadas a tratar do culto na capela.

Actualmente [1993], o edifício pertence ao Ministério da Justiça.

### Bibliografia

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª. edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. IX. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1937, pp. 236-247.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, pp. 379-390.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972, pp. 95-102.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dictionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Ca – Editores, 1909.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊖ **IGREJA DA CASA PROFESSA DE SÃO ROQUE – 2ª****Século XVI /1555-1566-1577/ - 1755 - 1759**

## 1. .

No tomo III desta obra (p. 219), resumimos as diferentes fases que marcaram a construção do novo templo, encomendado por D. João III para atender aos pedidos dos Padres da Companhia de Jesus, desejosos de possuir uma igreja com capacidade para acolher os numerosos fieis que os procuravam. Foi inicialmente desenhada pelo arquitecto Afonso Alvares († ca 1579) e depois pelo seu sobrinho arquitecto Afonso Alvares. As obras arrastaram-se por largos anos e ficaram concluídas no reinado de Filipe I, sob orientação do engenheiro Filipe Terzi.<sup>XLVII</sup>

A nova igreja, profusamente descrita em *História dos Mosteiros* (1950: vol I, 220-286) é de planta quase quadrada e constitui um amplo espaço, adornado de mármore, talha dourada, telas e painéis de azulejo. Para além da capela mor, onde figuram as imagens dos santos

<sup>XLVII</sup> A apreciação crítica da arquitectura da Companhia de Jesus e, em geral, da produção artística ligada aos jesuítas é um dos mais vastos temas da investigação da historiografia da arte do último meio século. Desde a primeira grande revisão sistemática operada pelos ensaios reunidos, em 1972, por Rudolf Wittkower e Irma Jaffe (Wittkower e Jaffe, 1972), até hoje, são incontáveis os avanços ensaísticos que resgataram do esquecimento, da incompreensão e do preconceito um dos capítulos mais surpreendentes da arte do tardo-classicismo e do barroco, incluindo aqui tanto as suas criações em solo europeu como as inúmeras declinações a que deu origem à escala global.

Iniciada, entre nós, com o estudo inaugural de Paulo Santos (Santos, 1966), a avaliação arquitectónica e construtiva das igrejas jesuítas portuguesas foi depois aprofundada por George Kubler, que deixou das mais sagazes análises tipológicas sobre os espaços de culto inicianos, especialmente sobre S. Roque, cujo processo de construção historiou, desde a fundação, em 1565, com risco do arquitecto Afonso Álvares († ca. 1579), às alterações subsequentes dirigidas pelo sobrinho, o arquitecto Baltasar Álvares, depois de 1575, e ainda pelo engenheiro bolonhês Filipe Terzi (1520-1597), que criou o sistema de cobertura e finalizou a fachada, entre 1582 e 1585. Da igreja de São Roque ressaltou Kubler a originalidade tipológica (planta que designou de criptolateral, com sala quase quadrada, e cobertura plana) e a sua dependência dos programas jesuítas que impunham a concepção de espaços internos desenhados como auditórios próprios para a predicação (Kubler, 1988, pp. 63-65). Com assinalável repercussão nos meios académicos portugueses, as teses de Kubler foram retomadas e aprofundadas especialmente pelos trabalhos de José Eduardo Horta Correia (CORREIA, 1986); a dimensão da bibliografia correlata, por tão extensa, é impossível de elencar aqui.

Além das novidades documentais trazidas já em 1953 por Serafim Leite (Leite, 1953) e por Fausto Sanches Martins (Martins, 2014), este último com importantes revelações sobre a intervenção decisiva de um arquitecto “interno” em S. Roque, Padre Silvestre Jorge (†1608), entre 1560 e 1565 e, de novo, entre 1601 e 1602, cumpre ainda destacar, entre muitos outros contributos, os de Paulo Varela Gomes e de Rui Lobo (Gomes e Lobo, 2012, e Lobo, 2014). Este último autor, especialmente, tem vindo a valorizar o alcance das alterações seiscentistas que quase configuraram uma «igreja nova»: uma primeira intervenção, no 1º quartel do séc. XVII, que levou à substituição dos confessionários e das tribunas originais por um sistema de capelas laterais intercomunicantes; e uma segunda, pouco posterior, responsável pela introdução das galerias e clarabóias e pela transformação das janelas em tribunas altas (Lobo, 2014, pp. 250-252).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

patronos da Companhia de Jesus e das pinturas em perspectiva do tecto<sup>XLVIII</sup> da autoria de Francisco Vanegas, pintor de origem espanhola, existem ainda oito capelas, distribuídas pelas superfícies laterais, quatro de cada lado (Santa Isabel, São Francisco de Xavier, São Roque, Santíssimo Sacramento Sagrada Família, Santo António, e Nossa Senhora da Piedade)

De entre todas elas, destaca-se a Capela de São João Baptista, toda em mármore de rara beleza, encomendada por D. João V, segundo projecto dos arquitetos Luigi Vanvitelli e Nicola Salvi.

Dela falaremos detalhadamente no final do capítulo IV deste tomo.

Refira-se também o interesse da sacristia, nomeadamente no que diz respeito às pinturas do tecto, mármore do pavimento e madeiras dos arcazes (*ib.* pp. 277-280)<sup>XLIX</sup>.

**XLVIII** Os trabalhos de restauro do tecto da igreja de São Roque, iniciados em finais de 2000 e concluídos em Junho de 2001, deram origem um fundamentado estudo sobre o programa iconográfico ali desenvolvido, talvez sugerido pelos próprios padres da Companhia de Jesus, dadas a coerência da composição e uma sólida fundamentação doutrinal. Ao rei, Filipe I de Portugal teria cabido, cerca de 1588, a decisão final sobre três projectos dos maiores pintores da época, lenda com longo curso na cronística mas autorizada pela importância da obra e pelo que sabemos do interesse do monarca na definição artística das maiores empresas no reino conquistado. A escolha terá recaído em Francisco Venegas (ca. 1525-1594), pintor de origem espanhola mas activo em Portugal já durante a década de 70 do século XVI, presumível responsável pelo enquadramento arquitectónico em *trompe l'oeil*. Ao longo do século XVII o tecto terá sido remodelado, ou apenas concluído, pelo pintor Amaro do Vale (†1619), a quem se pode tributar o medalhão central, com a *Apresentação da Santa Cruz*, porventura inspirado numa gravura publicada em 1610, na obra de Jacopo Bossio, «Tratatto della Trionfante e Gloriosa Croce». A evocação da Eucaristia é o tema dominante de toda a composição pictórica: ela está presente nos quadros inspirados no Novo Testamento (a *Ceia de Cristo*, na capela-mor, no topo oposto, *Cristo em Casa de Marta e Maria*, a *Ceia de Emaús* e a *Multiplificação dos Pães e dos Peixes*, a meio da nave, dos lados da Epístola e do Evangelho, respectivamente) e é aludida também em quatro outros painéis com cenas veterotestamentárias, tomadas como sua prefiguração. Além das nove cartelas a cor, distribuem-se outras doze em grisalha, também com cenas extraídas do Velho Testamento (Caetano, 2002).

**XLIX** Apesar da apreciação duvidosa sobre a sacristia de São Roque do autor anónimo da *História dos Mosteiros...*, que a achava inferior à grandeza que o templo inaciano pedia, a verdade é que é um testemunho eloquente das sacristias-pinacotecas que se formaram em Portugal no âmbito da emergente cultura barroca da Contra-Reforma.

A obra de modernização deste espaço foi levada a cabo no final do 1º quartel do século XVII, incluindo então a construção do arcaz, de ricas madeiras exóticas e ornatos geométricos em embutidos de marfim, e a colocação das vinte telas figurando passos da vida de São Francisco de Xavier, que André Reinoso (act. 1610-1641) pintou em 1619, com clara intenção programática de exaltação das virtudes do taumaturgo jesuíta, que viria a ser canonizado em 1622.

O aparato pictórico da sacristia foi enriquecido, em 1761, com uma série de dezasseis telas de André Gonçalves (1685-1754) alusivas à Paixão de Cristo, e, mais recentemente, com outros catorze quadros do pintor jesuíta Domingos da Cunha, o *Cabrinha* (ca. 1598-1644), com episódios da Vida de Santo Inácio de Loyola, provenientes do noviciado da Cotovia, arruinado pelo terramoto, e datáveis de cerca de 1635. A decoração do tecto (1694), em motivos de *brutesco*, muito refeita depois do megassismo, deve-se ao pintor Francisco Ferreira de Araújo (Serrão, 1993).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. ALGUNS ACONTECIMENTOS DECISIVOS NA HISTÓRIA DESTA IGREJA

A igreja de São Roque foi testemunha de acontecimentos fartos e infaustos de suma importância.

Sem nos determos nas pregações do Padre António Vieira ou na Procissão da introdução das Relíquias, registamos apenas os pontos seguintes:

– O terramoto de 1755 fez desabar a varanda e passadiço que havia sobre a cimalha do frontispício, bem como o tímpano, onde estava o nicho com a imagem de pedra de S. Roque. A sua reparação foi de imediato executada.

– A expulsão dos Jesuítas, decretada por Don José, em 3 de Setembro de 1759 - exactamente um ano após o atentado - ocorreu na sequência de uma longa trama de acusações, que o Marquês de Pombal foi tecendo, de forma pensada, com o objectivo de neutralizar progressivamente a influência dos jesuítas nas esferas do poder e extinguir em definitivo, as actividades desenvolvidas pela Companhia de Jesus.

– A igreja de São Roque e a Casa Professa anexa foram doadas, por Carta régia de 8 de fevereiro de 1768, à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, para instalar o Recolhimento das órfãs e expostos.

D. Tomás de Almeida, primeiro Patriarca de Lisboa, a quem o Papa concedera imensos privilégios, a pedido de D. João V, jaz sepultado no cruzeiro da igreja.

### Bibliografia

ARAÚJO, Norberto – *Peregrinações em Lisboa*. Vol. V. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1938, pp. 91-99.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 265.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. I. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1950, pp. 220-286.

SANTOS, Reynaldo dos – "S. Roque" in *Guia de Portugal*. Santanna DIONISIO (apres. e notas). Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 238-246.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⊖ IGREJA DO COLÉGIO DE SANTO ANTÃO-O-NOVO

Século XVII/XVIII [Colégio: 1593; Igreja: 1613-1652]

Da Companhia de Jesus

### 1. ANTECEDENTES

Para se situar bem a obra deste Colégio na História dos Monumentos de Lisboa, é necessário evocar várias etapas:

- A Mesquita Moura existente no lugar da Mouraria, onde habitavam os Mouros depois da conquista de Lisboa (1147). A mesquita acabou, quando D. Manuel expulsou do Reino os Mouros (1496).

- Purificada a mesquita, passou a ser igreja consagrada ao mistério da Anunciação da Virgem; e foi cedida a umas boas mulheres que viviam juntas, e se chamavam Beatas da Terceira Ordem de São Francisco.

- Determinou o Rei fundar no sítio vizinho à igreja um convento de religiosas de São Domingos, para o que obteve um Breve de Leão X (1515). Vieram para fundadoras três religiosas ilustres, do Convento de Aveiro, seguidas logo de mais três. Chegaram a Lisboa em 12 de Novembro de 1519.

- Em 22 de Fevereiro de 1538 celebrou-se uma escritura entre o Convento da Dominicanas e os Religiosos de Santo Antão, permutando as suas casas: as freiras vieram para a Rua das Portas de Santo Antão, trazendo o nome do Convento da Anunciada, e os Religiosos foram para a Mouraria, levando o nome de Santo Antão. A permuta efectuada em 1539.

- Tendo chegado a Lisboa os primeiros jesuítas (em 1540), ficaram a viver no Hospital de Todos-os-Santos. Dois anos depois, em 5 de Janeiro de 1542, os Jesuítas passaram a residir em Santo Antão, que haviam adquirido aos possuidores.

- Em 1552, Santo Inácio deu à dita Residência de Santo Antão título de Colégio, nomeando-lhe Reitor. As classes abriram-se em Outubro de 1552. E foi um sucesso. Em 1558, a Casa Professa da Companhia passou para São Roque.

### 2. O NOVO COLÉGIO DE SANTO ANTÃO [DE 11 MAIO 1579 A 8 NOVEMBRO 1593]

O crescimento e o sucesso do Colégio de Santo Antão levaram ao projecto de se alargarem as suas instalações. Então, o Cardeal D. Henrique ordenou que se procurasse local para um novo Colégio que substituísse o da Mouraria. Assentou-se que o sítio mais conveniente seria que, do alto do Jogo da Pela corria para a parte do Mosteiro das Religiosas de Santa Ana.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Para assegurar ao Colégio a renda suficiente, o Cardeal D. Henrique desmembrou da Mesa arquiiepiscopal a igreja de Nossa Senhora da Serra, no lugar de Enxara do Bispo (termo de Torres Vedras); e também a terça que a mesa arquiiepiscopal tinha na Colegiada de Ourém.

Pediu-se a aprovação do Papa Pio V, que a concedeu em 18 de Janeiro de 1567. E pediu o mesmo Cardeal ao sobrinho D. Sebastião que aplicasse ao Colégio a Obra Pia da Casa da Índia (que consistia em 50 réis por cada quintal de pimenta, e 100 réis por cada quintal de canela, cravo, gengibre, massa, noz moscada, anil e lacre. Esta doação foi feita em 10 de Janeiro de 1574.

Uma Provisão do rei D. Sebastião, de 1576, passada ao Senado de Lisboa, destinava parte do Campo do Curral a cerca do Colégio de Santo Antão-o-Novo.

Mas quando, para dar cumprimento à dita Provisão de El-Rei, os vereadores da Câmara foram com seus oficiais a demarcar o sítio, a reacção popular foi tremenda! Houve grandes divergências e árdua oposição da parte das pessoas que por ali viviam, por imaginarem que a vizinhança do novo colégio as obrigaria a abandonar o seu alojamento. O padre confessor das Freiras de Sant'Anna ajudava a guerra das pessoas no Curral, impedindo que os vereadores da Câmara se aproximassem quando iam demarcar o sítio, lançando-lhes excomunhões, até que eles, vendo-se impossibilitados de trabalhar, se retiravam, perseguidos também pela gente do Curral que lhes atirava pedras. Nestas circunstâncias os jesuítas desistiram de começar as obras, esperando que o tempo esfriasse a paixão.

Intentaram retomá-las quando, depois da malograda expedição de Alcácer-Quibir, em 1578, subiu ao trono o Cardeal D. Henrique, decidido protector da Companhia de Jesus. Vendo-se os Padres, obrigados pela resistência a desistir de fechar com um muro a cerca, trataram de dar princípio à fábrica do Colégio. Lançaram então a primeira pedra do corredor principal que devia ter o Colégio, o que fizeram com pouca solenidade em 11 de Maio de 1579.

Mas logo que se viu que começava o edifício do Colégio, e que o desenho se mostrava grandioso, e consequentemente muito custoso, e que a despesa acabaria por sair da Coroa, que agora estava segura na cabeça do fundador do Colégio, que era o Infante Cardeal e juntamente Rei, cresceram as murmurações na cidade contra o Rei e contra os Padres. Ainda que muitos, mesmo entre os jesuítas, se julgassem dignos de ter melhor Colégio do que tinham, admitiam, contudo, que as calamidades em que o Reino e a Cidade se achavam, não eram propícias a intentar obra tão sumptuosa.

Muita gente do bairro acudia ao sítio e, às pedradas, obrigava os operários a fugir. Para se evitarem tão grandes e repetidas desordens, o Senado de Lisboa recorreu a El-Rei, pedindo-lhe por mercê que mandasse desistir da obra, porque os tempos não permitiam obra de tanto custo, e o muito que se havia de gastar no edifício do Colégio seria melhor que se empregasse em acudir aos que, nas masmorras de África com lágrimas e gemidos, solici-tavam seu resgate para alcançar a liberdade que tinham perdido, servindo e acompanhando o seu Rei.

A esta proposta, que não deixava de parecer digna de atenção, respondeu o Cardeal-Rei com uma longa carta, aliás muito ajustada à verdade e à razão. Mas nem por isso acalmaram as fúrias dos vizinhos do Curral; apenas o confessor das freiras de Sant'Ana se acomodou, com a intervenção de El-Rei, que o mandou chamar. Os Padres, querendo acalmar os ânimos,

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

intentaram de novo fechar com muros o campo que lhes fora dado para cerca. Mas o mesmo foi pôr mão à obra, que logo o sino das Religiosas repicou a rebate; e os vizinhos do bairro acorreram tão furiosamente, que foi necessário mais uma vez desistir da empresa.

As atenções foram desviadas com a morte do Cardeal-Rei (31 de Janeiro de 1580) e com a invasão das armas castelhanas.

A construção do Colégio progredia no entanto, concorrendo muito para isso o ter-se encontrado naquele recinto muita areia e uma grande pedreira que servia para a alvenaria. Foi entretanto nomeado presidente da Câmara D. Pedro de Almeida, fidalgo muito benquisto e respeitado, que estivera na Índia, onde se distinguira por bons serviços e conhecera o muito que os Jesuítas haviam feito naquelas partes. Tomando em consideração a causa dos padres da Companhia, não só deu ordens positivas para obrigar os moradores do Campo do Curral a não estorvarem a continuação das obras, mas foi pessoalmente assistir à abertura do cabouco, que devia receber o alicerce do muro da cerca, chegando até a pegar numa enxada, para cavar também ao lado dos trabalhadores.

A muito custo, os Jesuítas foram continuando os seus trabalhos, criando avultadas dívidas, com que a Companhia ficou empenhada por muito tempo.

Embora não de todo acabado – faltava, entre outras coisas, a igreja, que estava provisoriamente acomodada nos baixos do Colégio – fez-se para lá a mudança do Colégio de Santo Antão, em 8 de Novembro de 1593.

### 3. A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DO COLÉGIO [1612 A 1652]

a) A igreja improvisada, que serviu até 1652, era nos baixos do Colégio. As três naves eram sustentadas por duas ordens de pilares de pedra de cantaria, que seguravam os arcos sobre os quais se levantavam as paredes que, por sua vez, formavam o corredor e os cubículos. Sobre os arcos levantados sobre os pilares e as grossas paredes-mestras corriam abóbadas muito firmes, sobre as quais assentava o pavimento quer do corredor quer dos cubículos que serviam de morada aos religiosos.

b) A fundadora da igreja do Colégio de Santo Antão-o-Novo foi Dona Filipa de Sá, filha de Mendo de Sá, 3º Governador do Estado do Brasil. Ali se manteve durante o espaço de 14 anos (desde 1558 até 1572, ano da sua morte). As rendas de Mendo de Sá no Brasil, juntas a outras que tinha no Reino, permitiram á filha um dote tão grande que a pretendeu por mulher D. Fernando de Noronha, conde de Linhares. E como este morresse sem filhos, tornou ela a recuperar o grande dote com que tinha casado, tornando-se numa das viúvas mais ricas que havia em Portugal.

Retirou-se para uma quinta que tinha em Telheiras. Entretanto deu conta ao seu confessor, o Prior de S. João do Lumiar, de como prometera a Deus de com suas riquezas lhe dedicar um templo mui sumptuoso, ao qual desejava ajuntar um mosteiro de freiras. Esse prudente varão sugeriu-lhe a construção de uma igreja nova para o Colégio de Santo Antão. A dita Condessa expôs algumas dificuldades, que foram superadas por negociação amigável.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Por escritura de Outubro de 1612 assentou-se, entre outras cláusulas:

- Que o templo fundado no Colégio Novo de Santo Antão satisfazia a sua promessa de mandar fabricar um templo mui sumptuoso;
- Que, uma vez acabada a igreja e a sacristia, se fariam ali casas suficientes para nelas poderem morar 12 capelães, com um chamado Deão, para cumprir certas obrigações;
- Que todos os dias se diria no altar-mor uma missa cantada de cantochão; e mais cinco rezadas noutros altares, pela intenção da dita Condessa;
- Que no dia de certas festas (que ela definia) a missa seria de canto e órgão, e celebrada pelo Deão;
- Determinava outras cláusulas quanto aos 12 capelães, e a um mestre de canto, etc.

E determinava deixar, depois de acabada a igreja, sacristia, capelania, e tudo o mais pertencente ao ornato da igreja, 600:000 réis cada ano para sustento dos moradores do Colégio, e 400:000 réis para despesa de cera, azeite de alâmpadas, guisamento de missas e outras muitas miudezas que podem ser necessárias para a igreja, provimento de sacristia, etc.

c) Depois desse contrato, tratou logo a Condessa de dar princípio à obra. A 1ª pedra foi lançada com muita solenidade em 1 de Janeiro de 1613.

Só em 31 de Julho de 1652 é que a igreja foi aberta ao culto, e celebrada ali a primeira missa.

As obras só se ultimaram em 1655; a construção do retábulo da capela-mor é iniciada em 1692; o sacrário foi colocado no altar-mor (apenas a base) em 3 de Dezembro de 1706.

A Condessa faleceu no dia 2 de Setembro de 1618. Jaz num mausoléu, ainda existente na Sacristia da igreja.

d) Acabada a abóbada do corpo da igreja, cobriu-se o cruzeiro, fingindo no meio dele com madeira pintada o zimbório, que mais tarde se faria em pedra. Fingiu-se também na capela-mor um retábulo pintado na parede fronteira; identicamente se fez nos dois altares do cruzeiro; e dividiu-se o cruzeiro do corpo da igreja com umas grades pintadas, pondo-se outras semelhantes nas capelas do corpo da igreja.

E ornada inteiramente a capela-mor e as do cruzeiro e do corpo da igreja, resolveu-se proceder á mudança do Santíssimo da igreja velha para a nova. Isso aconteceu no dia de Santa Ana do ano de 1653 (ou 1652, divergem os relatos). Para tanto, organizou-se uma majestosa procissão, que constava de vários carros triunfais; acompanhavam a procissão todos os religiosos da Companhia moradores nas casas de Lisboa, os cônegos e dignidades da Igreja Metropolitana, o bispo de Targa (que substituíu o arcebispo, na altura sede vacante), muitos religiosos de diversas religiões, notável concurso de gente. Para que a comodidade de ver a procissão fosse maior, saiu esta da igreja velha, desceu às Portas da Mouraria, passou ao Poço do Borratém, do qual fez caminho pela Cutilaria e Pichelaria, e vindo ao largo da rua dos Escudeiros passou à praça do Rossio, donde se foi recolhendo à nova igreja do Colégio.

Durante vários dias, pela manhã, houve pregação e missa cantada e, de tarde, Vésperas com música selecta. A solenidade foi maior na tarde de 30 de Julho, por ser o dia da véspera de Santo Inácio, em que se verificou uma afluência extraordinária da nobreza e do povo de Lisboa para admirar o novo templo.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Sobre os rendimentos do Colégio veja-se o que diz Carvalho da Costa na sua *Corografia*:

**Capelanias:** “Há neste Colégio onze capelas: duas de 50:000 réis; e duas de 40:000 réis, que apresenta a Casa da Misericórdia; duas de 25:000 réis, que apresenta o Reitor desta casa; uma da Irmandade de Santa Luzia, de 40:000 réis; outra da confraria de Santo Antão, da mesma renda [40:000rs]; outra de Nossa Senhora da Piedade, de 40:000 réis; outra de 30:000 réis; e outra de 36:000 réis pela Condessa de Linhares. Total 416:000 réis. (Costa, 1712: vol. III, 409)

#### 4. DESCRIÇÃO DA IGREJA DO COLÉGIO NOVO DE SANTO ANTÃO À DATA DE 1707

Temos uma descrição da igreja na *História dos Mosteiros*, (1950: vol. I, 415-449). Nessa data ainda não estava totalmente acabada a igreja, faltando nomeadamente acabar a Sacristia e o famoso Sacrário. Vamos resumir essa descrição.

**Frontaria da igreja.** A igreja era voltada para o sul, com vista sobre boa parte da cidade. Antes de entrar no adro, previa-se que para facilitar a subida haveria alguns degraus, que teriam princípio num terreiro (que ainda nessa data não estava organizado). Tinha no frontispício três portas, sendo a do meio a mais imponente. Aos lados dela, assentavam sobre dois pedestais duas boas colunas com base e capitéis, a que se seguia uma bem obrada cimalha, e sobre esta um belo frontispício, que rematava em uma cruz. Toda esta obra do portal, como a mais do frontispício, era de mármore branco, e bem brunido. Na largura do frontispício, viam-se oito pilares [a figura anexa sugere apenas seis], dos quais os quatro que ficam entre as portas sobem por toda a altura da frontaria; e os dois que se seguem depois destes têm no meio um nicho (em que se haveria de colocar a imagem de um santo, em mármore). Sobre o ornato das portas e nichos corriam na mesma linha cinco janelas, três das quais caíam sobre o coro. A janela do meio, sobre a porta principal, era de maior largura, ficando as duas que estavam nos seus lados na vertical sobre as outras duas portas da igreja. As outras duas janelas, iguais às que mencionámos, davam para o corredor que ia por cima das capelas laterais da igreja, em que assentavam as tribunas dela. Por cima das ditas cinco janelas corria uma formosa cimalha ressaltada e com boa sacada para fora. E por cima da dita cimalha, correspondente à janela que ficava sobre a porta principal, ficava uma outra janela, que como era única nesse segundo corpo do frontispício, era de Maior grandeza e com guarnição de maior feitio, porque ao lado das ombreiras tem suas mísulas e por cima seu frontispício de quartelas. Aos lados desta janela continuavam de cada parte dois pilares; entre eles, tinham de cada parte um nicho com seu frontispício de molduras que fechavam em ângulo; e sobre as janelas pilares e nicho, em boa altura, corria a cimalha real e última do frontispício, que sobre os pilares era ressaltada.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Figura 12 – Santo Antão o Novo, segundo um desenho de Gonzaga Pereira (1927:157).

Tinha esta grande cimalha, ou cornija, uma grande sacada, sustentada por cachorros bem lavrados, semelhantes aos que a igreja tinha por dentro.

**Torres.** Originalmente, não se projectava construir torres no frontispício, mas construir nas costas da capela-mor uma torre capaz para os sinos e relógio. Arrependeram-se disso depois os Padres: e acomodaram torres na extremidade da largura do frontispício, mas como estas não nasceram de baixo, não puderam ter em cima a capacidade suficiente. Por isso, à data de 1707, as obras das torres estavam suspensas, aguardando resolução.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**Exterior do zimbório do cruzeiro.** Deixando de lado a descrição da parte exterior do cruzeiro, falemos da máquina exterior do seu zimbório. Era todo revestido de pedra de cantaria; e nele oito grandes janelas que terminavam em arco, acompanhadas de dois pilares por banda. E assim cada uma das janelas ficava entre quatro pilares, que ao todo faziam o número de 32.

**Corpo interior da igreja.** Entrando na igreja pela porta principal, encontrava-se logo um guarda-vento, que não havia na cidade outro que o igualasse. Era todo de madeira de angelim lavrada de talha. No meio tinha uma grande porta, que constava de duas meias; e em cada uma das meias-portas, três grandes almofadas lavradas. Omitimos a descrição deste guarda-vento; apenas sublinhamos que ao alto se via o escudo com as armas da Condessa fundadora. Da parte de dentro do guarda-vento, fica de cada banda nos extremos uma coluna monolítica, com a altura de 5,50m e circunferência de 1,65m, (sem contar com a base e o capitel). Serviam estas colunas para sustentar a frontaria do coro.

O corpo da igreja tinha de comprimento (tomando a medida desde a parte inferior da parede que sustenta o frontispício até ao degrau que dividia o corpo da igreja do cruzeiro) cento e vinte e oito palmos [= 28,16m]; e de largura sessenta e quatro palmos [14,08m]. O corpo da igreja era todo de mármore branco, cujas pedras além de bem lavradas foram todas brunidas.

Em cada lado do corpo da igreja havia três capelas, iguais em fundo, altura e largura.

Da parte do corpo da igreja davam entrada para dentro de cada capela dois pilares que terminavam com sua moldura, que corria pelos lados da capela; e sobre os ditos pilares, que formavam a entrada da capela, se levantava o arco dela, a que correspondia outro arco no fundo, sustentado por outros dois pilares iguais aos que a capela tem na entrada.

Sobre os arcos das capelas seguia-se, por todo o espaço que elas ocupavam, sua cimalha; e ficava no meio do arco uma formosa tribuna. Nestas, assentava sobre um cepo de mármore vermelho seis balaústres de pedra branca de Estremoz, servindo-lhe de frechal outro mármore vermelho bem polido.

Aos lados de cada capela levantavam-se dois grandes pilares, que assentavam em arrogantes bases e terminavam com bem lavrados capitéis. Sobre estes ditos pilares – que eram 10 de cada parte – corria a arquitrave, friso e cornija, a qual tem de sacada seis palmos e meio [= 1,43m]; e esta arquitrave é sustentada, por todo o corpo da igreja, no comprimento e largura dele, 102 cachorros lavrados com boa arte.

Sobre a cornija se levantava a abóbada da igreja. A princípio, era intenção fazê-la toda de mármore branco (como era a mais obra). Mas depois de muitos anos, em que a obra se interrompeu (por ocasião de litígios que houve sobre os bens da Condessa fundadora), quando no ano de 1650 se tratou de continuar a abóbada começada, pareceu aos Padres que ficaria muito mais formoso o tecto da igreja se fosse variado e ornado com mármore de diversas cores. E assim se veio a executar, compondo-o de mármore brancos, pretos e vermelhos, que se ajustaram em nove grandes painéis afora outros mais pequenos.

O cruzeiro era dividido do corpo da igreja por umas grades pintadas; puseram outras semelhantes nas capelas do corpo da igreja.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**As seis capelas do corpo da igreja.** Lado do Evangelho. A 1ª capela que, depois do púlpito, se segue no corpo da igreja, é dedicada à Virgem Senhora do Socorro. Para a ornar e compor, comprou-a ao Colégio Manoel Rodrigues da Costa, fidalgo da Casa de Sua Majestade. Ali foi sepultado o seu corpo. Antes de morrer, fez a capela de muito bem lavrada pedraria. Nos lados da capela, emoldurados de mármore, ficavam dois painéis: “A Ceia do Senhor” (lado do Evangelho) e “Nascimento do Senhor” (lado da Epístola). Além de outras decorações, deixou-lhe bens ornamentais, dois perfeitos castiçais de prata, alâmpada de prata, etc. Nesta capela tinha assento a Irmandade da Virgem do Socorro (fundada nas Índias Orientais em 1649, e propagadas por toda a Cristandade).

A 2ª capela estava ainda vaga em 1707.

A 3ª foi comprada ao Colégio no ano de 1701 pela Irmandade de Santa Luzia (iniciada em 1693), que a ornaram com um retábulo de talha.

Da parte da Epístola, a 1ª capela é dedicada a Nossa Senhora da Piedade. Foi comprada por Gregório Mendes da Silva e sua mulher, que a ornaram à sua custa, pintando e dourando o tecto, colocando retábulo e painéis; e instituindo missa quotidiana, para o que deixaram renda de 20:000 réis anuais.

A 3ª capela era de Santo Antão, memória do Colégio Velho veio para onde os Jesuítas entraram em 1542 e com eles veio para o Novo em 1593. A Irmandade de Santo Antão comprou esta capela em 1685, ornando-a depois com retábulo, e painéis.

No ano de 1701, os lados do corpo da igreja foram revestidos com almofadas de mármore das mesmas cores que se viam na abóbada: assim, nos entrepilares que ficavam entre as capelas assentaram em cada um onze almofadas de mármore preto e vermelho, com um embutido branco no meio, que perfaziam trinta e seis almofadas, e mais dezoito, repartindo a cada lado de uma das três tribunas três almofadas.

Refira-se a colocação de dois púlpitos, colocados no mais apropriado lugar para o pregador ser ouvido.

**As capelas do cruzeiro.** O cruzeiro era grandioso: a largura dele era igual à largura do corpo da igreja, e o comprimento quase igualava o do corpo da igreja. Para ele subia por um degrau, em que estavam assentadas umas boas grades de jacarandá, asseguradas por oito pilares de mármore vermelho bem lavrados.

Nos topos do comprimento do cruzeiro viam-se duas grandes e fermosas capelas, ambas à face, correspondente uma à outra.

Da parte do evangelho, a capela era dedicada a São Francisco Xavier. O retábulo era de boa talha dourada; em cada um dos dois corpos de que se compunha, duas colunas por banda, de obra coríntia, e entre as duas colunas do primeiro corpo tinha santuário de várias relíquias. No meio do dito corpo, ficava um nicho, e nele uma fermosa imagem do Santo. No meio do segundo corpo, via-se um painel de figura oitavada, que representava o Santo em sobrepeliz e estola. Esta capela foi comprada ao Colégio por Dona Joana de Sousa, viúva do Doutor Gabriel Pereira de Castro. Esta senhora fundou nesta capela duas missas quotidianas, com esmola ao capelão de 50:000 réis anuais.

No lado oposto do cruzeiro, a capela era dedicada a São Francisco de Borja. Estava reservada para sepultura de Francisco de Sá, irmão da Condessa fundadora.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Omitimos descrever os mármore de cores com que foram forradas as paredes; e assim, as janelas e as portas. No meio do pavimento do cruzeiro, debaixo do zimbório, havia um bom espaço ornado de pedras brancas, pretas e vermelhas; ali ficavam as sepulturas para os religiosos que falecessem neste colégio.

**O zimbório.** Devia ser obra notável: é chamado “insigne zimbório”, “é sobre toda singularíssima a majestosa máquina do seu zimbório”, “sumptuosa obra”...

A sua estrutura assentava sobre quatro arcos: um, que ficava na entrada do cruzeiro, a que correspondia outro antes de chagar à capela-mor, e a estes dois arcos eram em tudo iguais outros dois que tinham lugar da parte das duas grandes capelas do cruzeiro. E unindo-se estes quatro firmíssimos arcos com uns seguintes de mármore brancos, formavam o grande círculo em que se sustentava o peso todo da estrutura do zimbório. Era extraordinário o zimbório pela grande circunferência [que andaria pelos 44 metros], altura e grossura das paredes, que pela parte de fora eram cobertas todas de pedra de cantaria e pela parte de dentro eram revestidas de mármore de diversas cores, com variada obra nas bases, pedestais, pilares, entrepilares, mísulas, molduras, ressaltos, cimalthas. No corpo mais alto, situavam-se oito janelas grandes, que fechavam em arco, ficando entre cada duas janelas dois pilares revestidos todos de embutidos, os quais rematavam com capitéis de mármore branco de Génova. No entrepillar tinha lugar uma peanha para sustentar uma imagem; e esta peanha era sustentada por baixo por um serafim. Os arcos das janelas e os pilares em que se fundam, e todo o vão das mesmas janelas, estava revestido de vários e perfeitos embutidos; e por cima das janelas e dos pilares e entrepilares que as ornaram se seguia a cimaltha real sustentada de cachorros de mármore vermelho.

Abaixo desse corpo das grandes oito janelas, ficavam dois andares de painéis de mármore lavrados, de diversas cores. Os painéis do primeiro corpo, que eram oito, estavam divididos uns dos outros por duas mísulas de mármore branco, entre cada dois painéis: eram assim dezasseis mísulas. Entre o primeiro e o segundo corpo, havia uma cimaltha. E no segundo corpo, outros oito painéis, com diverso feitiço.

**Capela-mor.** Era também obra majestosa. Ficou já muito adiantada em vida da condessa fundadora. A pedraria era da melhor que se descobria nas pedreiras vizinhas a Lisboa. A capela media de comprimento 63 palmos [=16m], e de largura apenas quarenta e dois [=9m]. Na segunda metade do século XVII foi a capela-mor toda revestida com mármore embutidos. E fez-se uma majestosa escada de cinco degraus de mármore vermelho, embutindo na face de cada um dos degraus umas mui lindas rosas; o degrau primeiro, que ficava no pavimento da capela, era quase da largura da capela, e os outros que iam subindo para o pavimento dos presbitérios iam-se recolhendo mais para dentro. No lado do último degrau havia três pilares, que sustentavam o frechal que era de ébano bem polido, e do mesmo ébano eram os balaústres, que eram revestidos. O pavimento dos presbitérios e de todo o espaço que circundava o altar era de um xadrez muito elegante. O altar era composto de pedraria e ficava muito livre para se poder andar à roda dele. Para ele se subia por um só degrau. Bem ao meio do altar correspondia uma porta, cujas ombreiras e verga eram de mármore vermelho, tudo de embutidos; dava a porta para uma casa, sobre que assentava a tribuna.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 5. A SEPULTURA DA CONDESSA DONA FILIPA DE SÁ

Bem no meio do comprimento do lado da parte do Evangelho, fez-se um arco com a altura, largura e fundo competente para se fabricar a sepultura da Condessa fundadora.

Não nos deteremos na descrição do mausoléu, que era obra admirável. Foram escolhidos os melhores mármore do Reino (Estremoz, Montes Claros, Arrábida, Sintra), e mandaram-se vir peças obradas em Génova. O túmulo assentava em quatro mármore de tonalidade cinzento claro, que figuravam quatro leões; e sobre eles assentava um mármore da Arrábida. Sobre essa base descansava uma caixa de mármore branco de Estremoz; e no meio dela se via um mármore preto lustrosíssimo, no qual se lia em letras de metal dourado o epitáfio seguinte:

“HOC MAUSOLEO CONDITA SPIRAT AD HUC  
ILLUSTRISSIMA D. D. PHELIPPA DE SA COMES  
DE LINHARES, CUJUS SI ERGA DEUM, AC SANCTUM  
IGNATIUM PIETATEM, AC MUNIFICENTIAM  
QUERAS, HOC TEMPLUM SUSPICE, ILLUD CUM  
POSUIT, ÆTERNUM UTRIUSQUE EXEGIT  
MONUMENTUM, OBIIT POSTRIDIE KALENDAS  
SEPTEMBRIS. 1618.

(História dos Mosteiros, 1950: vol. I, 439).

**Retábulo da capela-mor.** No ano de 1692 foi decidido fazer o retábulo. A alguns parecia mais conveniente fazê-lo de madeira, com a melhor obra de talha que fosse possível, alegando que bem dourado sairia com mais graça e fermosura, além de ficar a obra de menos custo que se fosse de pedra. Prevaleceu porém o voto dos que diziam que, pois a igreja era toda em pedra, seria mais conveniente o fosse também o retábulo. E que seria singular, por não haver outro semelhante na cidade.

Procurou-se que assim a pedraria como a traça fosse o mais primoroso a que se pudesse chegar: buscou-se dos arquitectos o melhor desenho, e deu-se início à obra, lavrando dois pedestais com grande perfeição de embutidos, assentados sobre pedras brancas de Génova. Por cima dos pedestais, seguia-se uma perfeita cimalha, a qual corria também pelo vão que ficava entre os pedestais e sobre uma porta que ficava a meio do dito vão, cujas ombreiras e verga eram de mármore vermelho bem polido; tanto as ombreiras como a verga eram oroadas de umas rosas, embutidas nas mesmas pedras da porta. Por esta porta se passava a uma casa que ficava por baixo da tribuna; e dali, duas portas davam para duas escadas de pedra, com bastante largura e claridade, para subir à tribuna. Por cima da cimalha de que se ornavam os pedestais, viam-se duas grandes mísulas de mármore branco de Génova, oroadas de muitos embutidos. Sobre as mísulas, seguiam-se as bases sobre que assentavam de cada parte duas colunas com altura de vinte e cinco palmos [= 5,5m] e com pouco menos de quatro de diâmetro [= 88cm], na grossura. Estas 4 colunas primeiro procuraram-se em Itália; mas, falhando esse propósito, foram buscá-las à Serra da Arrábida. Foi grande o problema para as arrancar do sítio fundo em que estava a pedreira; depois para as transportar ao porto de Coi-

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

na, depois para embarcar cada uma no batelão que servia de acarretar a artilharia às fragatas de El-Rei; depois, para desembarcar cada uma no sítio fronteiro ao Convento das Religiosas da Madre de Deus, de onde foram levadas ao Colégio de Santo Antão, puxando por elas algumas 25 juntas de bois, causando não pequeno embaraço pelo caminho. Postas em salvamento no Colégio, começaram a lavar-se, dando-lhes com grande perfeição o feitio que chamam salomónico. A última dificuldade era a de levantar no ar as colunas, para as assentar na base que lhes estava preparada. Afinal tudo correu bem...

Colocadas em seu lugar as colunas, tratou-se logo dos capitéis, que se formaram em quatro grandes pedras brancas de Génova, lavradas com boa folhagem. Seguiu-se a boca da tribuna. Dois anjos de meio relevo, fabricados em Génova, ornavam a boca da tribuna; e sobre ela e sobre os capitéis das colunas corria uma arquitrave, seguida de um friso composto por uns seis serafins de cabelos dourados. Via-se ainda um bom painel de figura oitavada, representando a visão que Santo Inácio teve da Santíssima Trindade. E mais dois meninos obrados em mármore branco de Génova, sustentando sobre a cabeça um açafate de frutas, em pedra de várias cores; e o retábulo era rematado com um grande serafim, também de mármore branco, com os cabelos dourados.

Deixemos a tribuna. E o trono, que foi feito de madeira com bom desenho e perfeita talha.

A boca da tribuna é fechada com um grande painel, representando Santo Inácio.

**O Sacrário.** Era “sumptuosíssima e admirável obra” esta do Sacrário, começado em 3 de Dezembro de 1706, dia em que se assentou no altar-mor a banqueta lavrada em prata. No meio da banqueta seria depois assente o sacrário, que era um grande globo de cobre dourado. Na porta tinha uma perfeitíssima sacra de prata. Por baixo, viam-se dois serafins venerando o Senhor que está dentro do sacrário. Por cima do globo assenta o pé de uma cruz, com uma perfeitíssima imagem de um Cristo Crucificado, de pouco mais de dois palmos de altura [c. 45cm], obrado pela cópia de um que teve por autor o célebre Miguel Ângelo. O autor deste Sacrário, que era único no seu género, foi o célebre Frederico Ludovice<sup>27</sup>.

Ainda não estava completa a obra quando foi escrita a presente relação (1707).

**A Sacristia.** Estava em 1707 a construir-se a Sacristia, com tanto primor de mármore tão bem lavrados, a condizer com toda a obra da igreja.

<sup>27</sup> A presença de João Frederico Ludovice entre nós justifica-se, justamente, pela realização do sacrário de prata para Santo Antão. Ourives de formação, foi contratado em Roma pelos jesuítas para esta obra de Lisboa, que o ocupou entre 1700 e 1706. Tendo grande parte da sua formação decorrido na cidade vaticana, não admira que se tivesse inspirado no sacrário do altar de Santo Inácio, da igreja romana do Gesù, em cuja obra, aliás, colaborou.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 6. ACONTECIMENTOS POSTERIORES

O terramoto de 1755 derrotou completamente a igreja e arruinou muito o convento, tendo os padres de se refugiarem em barracas que se armaram na cerca. Os estragos do Colégio repararam-se; mas a igreja continuou em ruínas.

Pouco tempo depois, foram expulsos os Jesuítas, por decreto de 3 de Setembro de 1759; e os seus bens passaram para o domínio da Coroa.

O Hospital de Todos-os-Santos, que estava situado nas dependências do Convento de São Domingos, fora destruído em grande parte por um incêndio em 10 de Agosto de 1750, completando-se a sua ruína cinco anos mais tarde com o terramoto. O incêndio obrigara a formarem-se enfermarias provisórias para os doentes, os quais estavam disseminados por diferentes partes, no Mosteiro de São Bento, nos Palácios do Conde de Castelo Melhor, e no de Antão Vaz de Almada, etc. Reconhecida a urgente necessidade de se reunirem todas as enfermarias em um novo Hospital, foi aproveitado o edifício do Colégio de Santo Antão-o-Novo (vago pela expulsão dos Jesuítas), tomando o nome de Hospital Real de São José.

O terramoto de 1755 fez ruir o zimbório, que era um dos melhores de Lisboa. O que a terrível catástrofe ainda deixou, foi depois derrubado no princípio do século XIX: a parte superior da fachada, as magníficas colunas interiores, os belos mosaicos e as admiráveis esculturas. As torres foram derrubadas: a da esquerda em 1807, e a da direita em 1836, servindo a pedra para calçadas...

A Sacristia escapou ao terramoto. É sumptuosa, sendo inteiramente coberta, tanto nas abóbadas como no pavimento e paredes, de lindos mármore de várias cores, lavrados em excelentes relevos e polidos como espelhos. Também ali se conservaram uns arcazes feitos de pau-santo, de um lavor primoroso e com ferragens e adornos de grande merecimento.

As colunas gigantesas que actualmente se encontram no retábulo da capela-mor da Igreja de São José da Anunciada, pertenciam ao famoso altar-mor da igreja do Colégio de Santo Antão, delineado pelo grande mestre-pedreiro e arquitecto João Antunes e executado sob a sua direcção na última década do século XVII.

Havia as estátuas dos 12 Apóstolos, todas de pedra, que tinham sido feitas em Roma. O enfermeiro-mor D. Francisco d'Almeida mandou-as colocar aos lados da portaria que é hoje a porta do Hospital, no ano de 1811, mas o governo impediu esta ordem, estando então algum tempo as estátuas cobertas com uma caixa de madeira, que o tempo destruiu.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 435.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, pp. 485-487.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. I. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1950, p. 449.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⊖ IGREJA DO NOVICIADO DA COMPANHIA DE JESUS [OU DE DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO NO MONTE OLIVETE]

Século XVII [1ª pedra da igreja: 1605; inauguração: 1614]

### 1. EVOCAÇÃO...

Colocados hoje em frente ao edifício da Faculdade de Ciências, na Rua da Escola Politécnica, fechando os olhos, não podemos deixar de evocar mentalmente o que ali floresceu, antes de ser o que é hoje: Escola Politécnica, construída sobre os restos do Colégio dos Nobres, onde primitivamente fora a Casa do Noviciado dos Jesuítas; e antes era uma Quinta chamada de Monte Olivete; ali se postou o rei castelhano D. João I ao cercar Lisboa (“...se postou em um monte alto a que ora chamam Monte Olivete”, diz Fernão Lopes, *Cronica de el-Rey D. João I*).

Evoquemos também a Companhia de Jesus, então ainda na frescura da sua juventude: fundada em 1534, expandiu-se a partir de Roma, sob a autoridade ilimitada do Geral dos Jesuítas por toda a Europa; estabeleceu-se em Lisboa no ano de 1540, sendo a sua primeira residência fixa no Convento de Santo Antão à Mouraria, em 1542 (convento fundado pela rainha Dona Leonor para as dominicanas da Anunciada, que entretanto elas permutaram com os religiosos de Santo Antão; e aliás fundado numa anterior mesquita moura...). E estabeleceu a sua Casa Professa em São Roque, de cuja ermida os jesuítas tomaram posse em 1553 (?).

Na própria casa professa de São Roque começara, em 1553, o Noviciado em comum com os Padres; e aí continuou até 1569, data em que os noviços foram transferidos para os Colégios da Província, por então lavrar a peste em Lisboa.

Até 1587 nada ocorreu de digno de especial memória com respeito à formação dos noviços.

Da história da fundação da Casa do Noviciado da Companhia de Jesus é que vamos agora tratar<sup>28</sup>.

### 2. O NOVICIADO: OS FUNDADORES DA CASA

Para qualquer religião é muito importante a formação inicial dos seus membros. A Companhia de Jesus, porém, não se contentou com que os seus noviços vivessem um ano de provação, como têm as demais religiões; e assim os obrigou a continuar o noviciado por dois anos; e para que dos dois anos de noviciado fosse maior a utilidade e o progresso em sólidas virtudes, ordenou que, podendo ser, houvesse em cada Província uma casa separada para a

<sup>28</sup> As notícias sobre a construção deste Noviciado e da sua igreja fomos buscá-las fundamentalmente à *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 43-60 e a Matos Sequeira (1916: vol. I, 199-379).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

boa educação dos noviços, na qual só habitassem eles e os que fossem necessários para sua criação.

Mas esta casa separada não havia nesta Província, posto que se desejasse muito.

Em 1587 – quase meio século depois da sua instalação em Portugal – numa Congregação provincial celebrada em São Roque, assentou-se em que era necessário fazer o Noviciado em casa separada, para boa educação dos noviços. E assim concordaram todos que se pedisse ao Padre Geral, que então era o Padre Cláudio Aquaviva, a aprovação para se fundar a dita casa. E tendo chegado a licença do Padre Geral, começaram os Padres a pensar instalar o dito Noviciado no Colégio Velho de Santo Antão, pois este ficara vago com a transferência do Colégio para Santo Antão-o-Novo; mas sucedeu que o dito Colégio Velho, ou Coleginho, havia sido vendido aos Gracianos pelo Reitor do Colégio Novo, a despeito da oposição dos padres de São Roque.

Aflitos os Jesuítas, enquanto procuravam outro local e recursos para fundar o desejado Noviciado, procuraram também fundador para a dita Casa.

Chegou a notícia a Lagos, onde estava Fernão Telles de Meneses a desempenhar o cargo de Capitão General do Algarve<sup>29</sup>, com sua mulher Dona Maria de Noronha. Não tinham filhos.

Tendo eles manifestado o desejo de serem fundadores da Casa de Provação da Companhia de Jesus, o Visitador e o Provincial da Província de Portugal da Companhia – respectivamente o Padre Pedro da Fonseca e Padre João Correia – passaram uma procuração ao Padre Pedro Lopes, para que este fosse a Lagos ajustar com os ditos Senhores a fundação que se desejava. As conversações tiveram pleno êxito: e assim foi lavrada em Lagos uma escritura, no dia 18 de Setembro de 1589. Por tal escritura, obrigavam-se os doadores a fundar a dita Casa do Noviciado, para a qual ofereceram de dote 500:000 réis de juro, ou fazenda que rendesse 20:000 cruzados em dinheiro. O Geral Padre Aquaviva aceitou a oferta, declarando a Fernão Telles de Meneses e sua mulher por fundadores da Casa referida e mandando-lhes sua patente de fundadores, ficando à dita Casa e a toda a Companhia as obrigações que as Constituições põem à Companhia em gratificação do benefício recebido da fundação.

Oito anos depois, estando Fernão Telles já em Lisboa, fez outra escritura em 26 de Dezembro de 1597, em que o Padre Provincial Cristóvão de Gouveia se deu por pago e satisfeito dos ditos 20:000 cruzados, assinando a escritura juntamente com os doadores.

Para que não se retardasse muito o funcionamento da Casa de Noviços, deu-se logo início ao Noviciado, instalando-o interinamente na Quinta da Companhia – que depois se chamou “dos regulares da Companhia de Jesus” – que estava em poder da Companhia desde 1585, e que ficava fronteira ao actual edifício da Penitenciária, entre a rua de Entremuros, a estrada da Circunvalação, e um caminho que vinha desse ponto até Vale do Pereiro.

A inauguração desta sede provisória do Noviciado fez-se no dia 12 de Dezembro de 1598, com 15 noviços vindos dos Colégios de Coimbra e Évora. À inauguração assistiram os fundadores e muitos padres, celebrando missa o Provincial Cristóvão de Gouveia. Todos celebraram depois um jantar festivo.

<sup>29</sup> Ver infra a nota sobre Fernão Telles de Meneses (Anexo A).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A Casa do Noviciado tomou o título e invocação de Nossa Senhora da Assunção. E ficou a governá-la como Reitor o Padre António Mascarenhas, que em Março de 1601 passou a ser Reitor do Colégio de Coimbra.

O Noviciado foi continuando. Mas não se dava princípio à edificação da nova Casa, por se verem os jesuítas em sérios embaraços quanto à escolha do local: terreno que lhes convinha pelo preço, era rejeitado pela situação, ou vice-versa. Assim andaram “vendo e pal-pando” (sic!) uns vinte sítios! O que muito desgostava os fundadores.

Finalmente decidiram erigir o noviciado em uma quinta que fazia parte da dotação para essa obra, pertencente antes ao referido Fernão Telles de Menezes, e que se situava no alto da Cotovia, descaindo desde a linha da cumeada daquele outeiro até às hortas de Valverde. O sítio era muito saudável de boas vistas, vizinho de São Roque e da Cidade, tendo poços de água e lugar largo para cerca e horta. Este lugar chamava-se Monte Olivete.

Os tratos de terreno destinados para a edificação do Noviciado constituíam uma extensa propriedade de campos de trigo, horta, olival, pomar, casas de residência, afora a pequena capela; estava situada à beira da estrada para Campolide, alongando-se nessa direcção desde a esquina da Patriarcal Queimada até ao Rato, e desde este ponto, pelo Salitre abaixo, até à Alegria. A situação não podia ser melhor!

Ainda surgiram graves problemas com o terreno: pouco firme, em virtude das minas de que era cortado, feitas para a extracção do barro pelos oleiros do sítio. Ajustou-se, porém, uma traça conforme ao sítio, no alto do outeiro onde o terreno apresentava maior resistência.

Os alicerces começaram a abrir-se em 23 de Abril de 1603. A primeira pedra foi lançada nesse dia com a maior solenidade. Assistiram os Fundadores; o Reitor da Casa; o Provincial da Companhia; e muitos padres jesuítas que se achavam em Lisboa por terem vindo a uma Congregação Provincial.

A pedra fundamental, ornada de ramos de folhagem e de flores silvestres, continha as seguintes inscrições:

1ª face:

DEO TRINO. UNI. ET B. VIRG. SANCTUS 23 APRILIS  
ANNO D. 1603. HORA NONA

2ª face:

FERDINANDO TELLES DE MENEZES ET D. MA  
RIA DE NORONHA EJUS

3ª face:

UXORE FUNDATORIBUS

4ª face:

PAPA CLEMENTE VIII REGE PHILIPPO III

5ª face:

PRAEPOSITO GENERALI SOCIETATIS CLAUDIO  
AQUAVIVA. PROVINCIALIS IOANNE CORREIA

6ª face:

(sem inscrição; apenas havia uma concavidade, feita no mármore destinada a reco-lher medalhas devotas e moedas do tempo, como era uso nas pedras fundamentais)

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Fernão Telles de Menezes, depois de ter deitado na concavidade um português de oiro, tomou nas mãos um dos cordões de seda, que aparentemente sustentavam o cubo de mármore, ao passo que o Provincial segurava em um outro. Enquanto este recitava algumas preces, a pedra descia lentamente e assentava no fundo do alicerce, ao som das charamelas de prata.

Tinha terminado a festa do lançamento da primeira pedra no edifício do Noviciado da Cotovia, ou no Monte Olivete.

Pouco depois principiaram as obras. Delas era encarregado o Padre João Delgado.

Fernão Telles de Menezes morreu em 26 de Novembro de 1605. Não chegou a ver a sua obra concluída.

Suspendeu-se entretanto o Noviciado em Campolide, para se poder aplicar ao novo edifício o que haviam de despender com o sustento dos noviços. Estes tornaram para os Colégios de Coimbra e Évora.

Em 1607 passou a ser encarregado da fábrica o arquitecto das obras de El-rei, Baltazar Álvares.

Todavia, o andamento das obras estava emperrado: faltava o dinheiro.

### 3. PROSSEGUE O NOVICIADO COM A DECISIVA AJUDA DE LOURENÇO LOMBARDO

Estando a fábrica do Noviciado, quer no tocante á igreja quer quanto à parte do edifício onde haviam de habitar, a revelar-se muito mais custosa do que a princípio se cuidava, e as rendas não chegassem para as despesas, seguia-se ser grande a desconfiança que havia, não só de que a obra se não acabaria de todo em muitos anos, mas que seria necessário passar largo tempo antes de se pôr em estado de se poder habitar.

Nesta ansiedade, surgiu um inesperado auxílio com a entrada para a Companhia de um candidato rico e empreendedor: Lourenço Lombardo.

Este era um homem de negócios, flamengo, natural de Anvers (Antuérpia), que viera para Portugal no último quartel do século XVI. [Divergem as interpretações: uns dizem que teria 30 anos à data da sua vinda para Portugal; outros, que havia 30 anos que viera para Portugal].

Com a mercancia, tornou-se um dos estrangeiros mais ricos de Lisboa: fez repetidas viagens à Costa da Mina e à Índia, correndo-lhe sempre próspera a fortuna. Entretanto casara com uma senhora filha de um seu compatriota e de uma portuguesa. E tiveram um filho e uma filha. O filho, porém, era “mentecapto”, e como tal incapaz de nele se constituir casa. O pai mandou-o para Flandres. E determinaram fundar casa na filha, e para tal edificaram umas casas nobres no sítio chamado Moinho de Vento.

Mas quando as casas estavam já acabadas e ele com tenção de se passar para elas, dez dias antes da mudança sucedeu adoecer e morrer a filha, “golpe que ele, como bom cristão que era, conformando-se com a divina vontade, levou com grande igualdade de ânimo”. “E

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

para melhor servir a Nossos Senhor, começou a significar a sua mulher que seria grande a sua consolação se ambos se recolhessem em religião a servir Nosso Senhor. Mas a mulher não mostrou tanta conformidade com a vontade do marido, como ele desejava e esperava”. “E assim, dissimulando, sem porfiar com a mulher em a persuadir ao que pretendia, se mudaram ambos para as novas casas” no Moinho de Vento, que acabavam de se concluir.

Não haviam passado mais de dez dias que nelas habitavam, e apenas vinte dias após o falecimento da filha, quase de súbito, de um acidente que parecendo ao princípio leve, acabou brevemente a vida da mulher, “deixando ao marido com liberdade de poder dispor de si como melhor lhe parecesse”. Estas duas mortes, com tão breves intervalos e aparentemente semelhantes, e tão úteis para os desígnios do flamengo, deram azo a graves acusações para a Companhia de Jesus, como facilmente se adivinha...

Liberto portanto das afeições domésticas e terrenas, o mercador seguiu o conselho do seu director espiritual, o Padre Fernão Guerreiro, com quem já se confessava cada oito dias: mandou vir de Flandres o filho, que para lá enviara, a fim de em Lisboa o submeter a um exame médico-jurídico. Efectuado este, foi dado como mentecapto. O mercador continuou a entender-se com o seu confessor e este declarou-lhe que devia entrar na Companhia e aplicar a sua fazenda, ou a maior parte dela, à obra que se julgasse ser de maior serviço de Deus. O padre, aliás, lhe disse que entendia que seria obra mais aceite de Deus empregar o que lhe parecesse da sua fazenda em acabar o edifício da Casa do Noviciado. E que, posto se lhe não podia dar o título de fundador da Casa por estar já dado a Fernão Telles de Menezes, se lhe fariam os sufrágios com que a Companhia costumava mostrar-se agradecida aos fundadores, conforme a esmola que aplicasse.

Lourenço Lombardo repartiu largamente os seus bens pelos parentes da defunta esposa; casou uma irmã da mesma, que criara em casa, em que empregou muitos mil cruzados; fez muitas esmolas a obras pias; fez também partilhas com o filho, por razão da legítima da mãe, que lhe cabia<sup>30</sup>, fez ainda testamento por ele. E aplicou ao Noviciado 30:000 cruzados, sendo 15:000 em dinheiro imediatamente disponíveis, e os outros 15:000 em bens de raiz (que eram a parte que cabia à legítima do filho), com a garantia de que a Companhia cuidaria do seu filho mentecapto, sustentando-o em alguma residência do Colégio de Coimbra, no qual ainda viveu o filho muitos anos depois da morte do pai. Os 15:000 cruzados em dinheiro aplicaram-se todos em levar por diante as obras do Noviciado, que assim puderam avançar com mais dinamismo.

Em Junho de 1613, entrou Lourenço Lombardo na Companhia de Jesus, fazendo o seu noviciado na casa de São Roque, por especial concessão do Padre Geral. Ali estava ao cuidado do Padre Fernão Guerreiro.

Em Março de 1614, foi transferido para a Casa do Noviciado (que se ia fabricando), sempre acompanhado do seu inseparável confessor o dito Padre Fernão Guerreiro.

<sup>30</sup> “A legítima era de 3:000 cruzados, que só mais tarde entraram em poder da Companhia, porquanto o mentecapto morreu muito depois do pai, no Colégio de Coimbra. Os restantes bens do mercador, afora o dinheiro, compunham-se de prédios de moradia em Lisboa, ao todo vinte e umas moradas de casas no Moinho de Vento, Boa Vista, Rua da Rosa, e Rua da Cutelaria” (vd. Sequeira, 1916, vol. I, 223).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Acabados os dois anos da provação, fez em 5 de Julho de 1615 os votos de estudante, conforme o Instituto da Companhia. Não quis ser sacerdote. Ficou professo de três votos, como pediu ao Padre Geral: o que lhe foi imediatamente concedido, em atenção aos imensos benefícios de que a Companhia lhe era devedora.

O Irmão Lourenço Lombardo continuou a dinamizar as obras, sobretudo agora que era membro da Companhia; e mesmo depois da abertura do Noviciado (como veremos). É que ele tinha muita diligência e indústria de lidar com obras; e assim, mal assumiu a direcção da fábrica do edifício, logo se principiou a gastar menos e a aproveitar muito mais.

Veio a falecer em 2 de Junho de 1634. Foi sepultado a meio da sacristia, em campa rasa, com um singelo epitáfio.

#### 4. INAUGURAÇÃO DO NOVICIADO

Em 1 de Novembro de 1616 estava a Casa do Noviciado em condições de ser utilizada: a igreja estava acabada, assim como a sacristia e a claustro que lhe fica próxima, feita também a portaria e claustro dela, escadas e corredores da banda do mar. Nesse dia se disse a primeira missa e se colocou nela o Santíssimo Sacramento.

Passados oito dias, em 8 de Novembro de 1616, trasladaram-se para ela os ossos do fundador. Havia nove anos que jaziam na sacristia da igreja de São Roque, encerrados num cofre de veludo negro com fechaduras doiradas. Foi imponentíssima essa trasladação. Citamos da *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 50-51):

“E passados oyto dias [em 8.11.1616] se trasladaram os ossos do fundador da sancristia de Sam Roque, onde estavam, pera a sua sepultura que estava acabada com grande perfeição como já dissemos, e pera que a trasladoam se fizesse com mayor solemnidade e pompa funeral, a igreja [do Noviciado] se cobrio toda de luto e no cruzeyro se fez huma essa grande com sette degraos com um rico pavilham. E vindo todas as Religiões, que costumam acompanhar, a Sam Roque, onde estavam os ossos metidos em hum cofre de veludo preto com sua fechadura dourada posto em um throno no cruzeyro da igreja, e ali foy metido na tumba da Misericordia [onde ele fora Provedor várias vezes] e levado por seos parentes, vestidos de luto acompanhando os Religiosos todos, e sincoenta clerigos com sobrepelizes e velas asezas, dobrando-se os sinos de Sam Roque. Chegaram à igreja da Casa de Provaçam e colocado o cofre dos ossos no alto da essa lhe cantaram seo responso com que se despediram; e no dia seguinte [9.11.1616] pella manhã, nove de Novembro, foram os Religiosos de Sam Francisco fazerlhe hum officio muy solemne de nove lições com sua missa, cantandolhe no fim della hum responso, dizendose pelos Religiosos de Sam Francisco e da Companhia pella alma do defuncto muytas missas e sendo levado o cofre fechado pelos parentes, acompanhado dos Padres à porta da sepultura, dandose os parentes todos por muy satisfeytos do que a Companhia tinha obrado e muyto em special se deo por obrigada Dona Maria de Noronha, que querendose mostrar agradecida doou huma alampada, huma casoula [= caçoila] e dous pevitarios, tudo em prata, pera ornato da capella e altar mor”.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Dona Maria de Noronha mandara construir um mausoléu para os restos mortais do marido. O sumptuoso túmulo era de mármore liso, assente sobre dois elefantes, tendo na face do caixão um extenso epitáfio<sup>31</sup>. Custara à viúva cerca de 3:000 cruzados<sup>L</sup>.

Depois de recolher os ossos do fundador na sua sepultura, o Provincial resolveu que o irmão Lourenço Lombardo aplicasse toda a sua indústria e cuidado a fabricar as oficinas necessárias, como refeitório, cozinha e despensa, e outros mais, preparando também o móvel necessário para elas e para os cubículos dos noviços com tantas outras miudezas, que foi bem necessária a muita diligência e indústria do Irmão Lourenço Lombardo para os noviços começarem a habitar a casa.

No dia 13 de Junho, “dia do melhor filho de Lisboa o glorioso Santo António, no ano 1619, entraram os noviços a acomodar-se no colégio. Vieram de Coimbra e Évora 15 noviços que deram princípio ao noviciado. Para mestre dos noviços veio o Padre António de Moraes (que tinha exercido a mesma ocupação no Colégio de Coimbra). Concorreram mais para a dita casa o Padre Pedro Correa, procurador dela, o referido irmão Lourenço Lombardo, que atendia à fábrica do edifício, o irmão Francisco Alveres, porteiro da casa e que também tinha o cuidado da horta e pomar.

O edifício, tal como o delineara Baltasar Álvares, o arquitecto do Mosteiro de São Bento, possuía dois andares, atravessados de extensos corredores abobadados e alegres.

O projecto de Baltasar Álvares nunca se chegou a executar completamente. Dos quatro lanços de corredores, em derredor, que o edifício deveria ter, só três se chagaram a concluir. O espaçoso pátio interior, que ainda hoje se vê no Edifício da Escola Politécnica (Faculdade de Ciências) é o pátio primitivo do Noviciado.

## 5. DESCRIÇÃO DA IGREJA DO NOVICIADO

**Frontaria.** A igreja ficava a meio da fachada. A frontaria da igreja e a Casa do Noviciado ficava voltada a sul. Diante da porta da igreja tinha um tabuleiro levantado da estrada em altura de uma lança; e o dito tabuleiro, não só correspondia à largura da igreja, mas também de uma parte à portaria principal; subiam alguns degraus antes de chegar ao dito tabuleiro, assim de uma parte como da outra. O frontispício é lavrado com pouca obra, porque só tinha sobre a porta um espelho pelo qual recebem luz o coro e a igreja.

<sup>31</sup> Ver infra uma descrição do mausoléu (Anexo B).

<sup>L</sup> Este túmulo, inspirado nos protótipos funerários dos Jerónimos, e que seriam depois retomados nas arcas fúnebres da capela dos Castro de São Domingos de Benfca, tem uma história rocambolesca. Depois da destruição da igreja foi recolhido num barracão, tendo sido redescoberto, em 1893, por Sousa Viterbo. Tornou então a cair no esquecimento, escondido por um tabique, num espaço da Faculdade de Ciências de Lisboa, à Escola Politécnica. Em 2011 foi identificado, recuperado e integrado no circuito museológico do edifício do Museu de História Natural e da Ciência.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

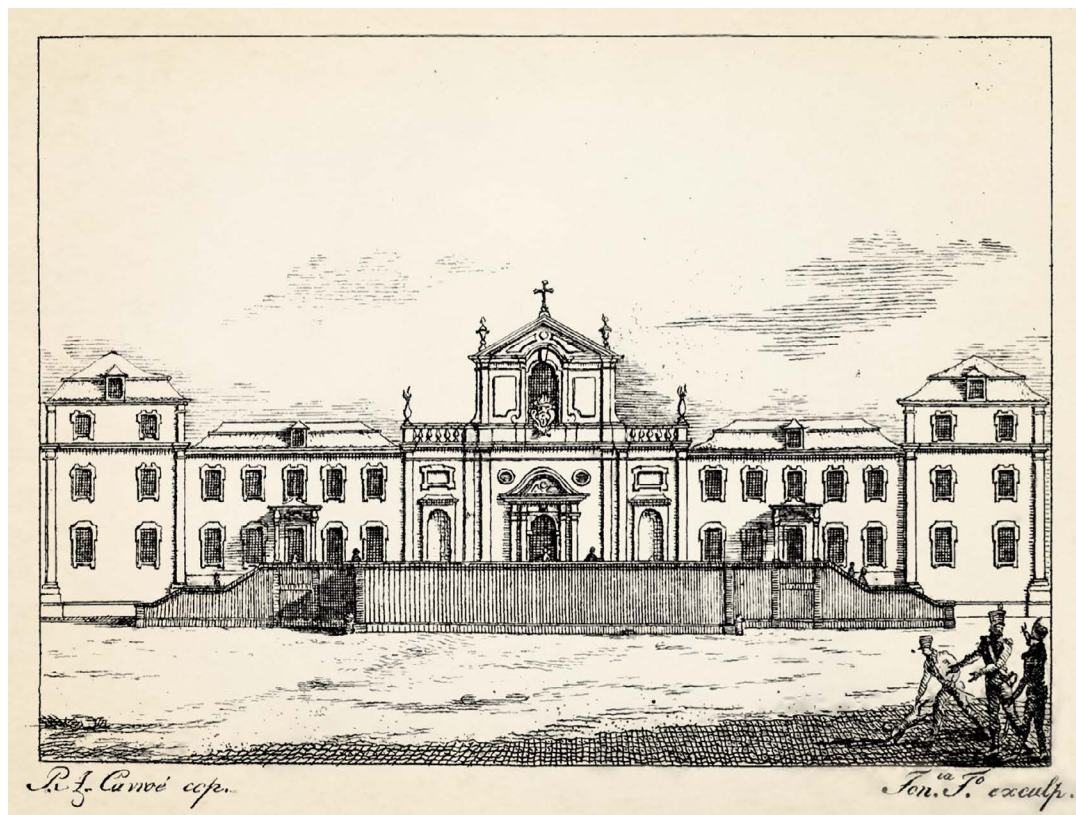


Figura 13 – O edifício do Noviciado da Cotovia, tal como se achava em 1817, segundo a gravura estampada na *Mnemosine Lusitana* (Sem autor, 1817: 400-401).

**Nave.** O templo era de uma só nave e tinha a forma de cruz. A abóbada era muito bem pintada.

**Capela-mor.** Consagrada a Nossa Senhora da Assunção, padroeira da casa, tinha o chão lajeado de mármore multicores. Do lado da epístola, tinha uma tribuna, á qual a toda a hora do dia e da noite podiam recorrer os noviços a fazer oração diante do Senhor; do lado do evangelho, sob um arco de cantaria, com bastante fundo, o túmulo dos fundadores assente sobre dois elefantes. No retábulo, sem tribuna (que nesse tempo não se usava), havia um painel representando a subida da Virgem ao Céu, assistida dos apóstolos e dos coros de anjos. Era obra do pincel de um religioso da casa, chamado Domingos da Cunha.

**Cruzeiro.** Colaterais à capela-mor havia dois arcos de pedraria, com seus retábulos de talha bem lavrados e dourados. O que estava do lado do evangelho, era dedicado à Senhora da Graça, cuja imagem era de vulto, com o Menino Jesus no braço esquerdo; aos lados, as imagens de São José e de Santa Ana. Esta capela fora instituída, em 1620, pelo cônego da Sé Zacarias Agostinho da Rocha, que a comprara aos padres do Noviciado para sua sepultura, dando por ela 150:000 réis e legando-lhe por morte um juro de 160:000 réis no Almojarifado de Abrantes; a Casa ficou com a obrigação de rezarem três missas quotidianas, para as quais deixou de esmola anual 90:000 réis (30:000 para cada um dos três capelães), mais 20:000 réis

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

para a fábrica e guisamentos, ficando para o Reitor da Casa os 50:000 restantes (sobre o total dos cento e sessenta mil réis de juro). O dito cônego faleceu a 20 de Julho de 1636 e foi sepultado aos pés do altar desta capela; ali se disseram sempre três missas quotidianas por sua alma. (vd. Sequeira, 1916: vol. I, 236).

Do lado da epístola, a capela era dedicada ao Cristo Crucificado, que tinha um retábulo com um painel feito por um noviço da casa. Esta capela fora comprada ao Noviciado por D. Paulo de Meneses, pelo preço de 180:000 réis, com a faculdade de fazer um carneiro aos pés do altar, para sua sepultura (data: 9 de Março de 1637). Ficou o Noviciado com o encargo de duas missas diárias, para as quais deixou 60:000 réis de renda, mais 40:000 réis para a fábrica e guisamentos. Deixou ainda D. Paulo a esta capela uma lâmpada, castiçais, galhetas, gomil e prato, tudo de prata.

No meio da largura das extremidades do cruzeiro havia uma porta para a sacristia (do lado oriental) e outra para o claustro da portaria (lado poente). E sobre cada uma das ditas portas, havia uma tribuna muito larga, que ocupava quase a largura do cruzeiro, aonde concorrem os religiosos a fazer oração, escusando descer à igreja.

Termina-se o cruzeiro com umas grades de pau-santo, assentes sobre um degrau, as quais dividem o cruzeiro do corpo da igreja.

**Corpo da igreja.** Havia no corpo da igreja mais quatro capelas. Do lado do evangelho, saindo do cruzeiro, a primeira era dedicada a São Luís Gonzaga. Foi comprada ao Noviciado, por escritura de 30 de Junho de 1666, por Luís Correia da Paz, a fim de ali ter jazida, dando por ela 390:000 réis, e dando três anos depois mais 350:000 réis.

Nesta capela existia, embebida na parede, a seguinte lápide, depois transferida para o Museu do Carmo:

Á EXALTAÇÃO DE CHRISTO  
DEDICADA ESTA CAPELLA AO  
B. LVIS GONZAGA POR LVIS COR  
REIA Q. A COMPROV A ESTE  
COLLEGIO PARA SEV JAZIGO E DE  
TODOS OS DESCENDENTES E AS  
CENDENTES DE SEV PAI FER  
NÃO CORREIA E SVA MAI BRANCA  
DA PAZ E IAZ NELLA SEV FILHO LV  
IS CORREIA DE SOUSA Q. FALECEV A  
21 DE ABRIL DE 1665

(in Sequeira, 1916: vol. I, 241)

Ao falecer em 1691, deixou por testamento um juro de 69:000 réis, para dois anos de missas, 30:000réis cada uma, e os restantes para os administradores. Ao que se acrescentou mais uma missa quotidiana e mais uma anual, por morte de seus filhos.

A segunda capela do lado do evangelho era dedicada a Nossa Senhora da Conceição, fora instituída pela rainha Dona Maria Francisca Isabel de Sabóia, que deu por ela 300:000



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

réis, mandando-a guarnecer de pedrarias e embutidos, e deixando por sua morte à Casa da Provação 5:000 réis para o seu ornato<sup>32</sup>.

Do lado da epístola, a primeira capela que depois do cruzeiro se segue no corpo da igreja era dedicada a São João Baptista. Teve um painel grande sobre o altar, e mais dois de menores dimensões de cada lado. Foi comprado por João Vieira Matoso, rico português natural de Tânger, por 300:000 réis, por escritura de 12 de Abril de 1669, destinando-a para seu jazigo e dos seus, com o encargo de uma missa quotidiana por sua alma e da de sua mulher.

A segunda capela do mesmo lado, dedicada a São Francisco Xavier, foi tomada sob sua protecção pela rainha Dona Maria Ana de Áustria, que nela instituiu uma missa quotidiana por sua alma e alma de el-rei seu marido. Para tal, deixou à casa um legado de 10:000 cruzados.

**Outras capelas.** São citadas outras “capelas”, incorporadas naquelas que mencionámos. Veja uma relação delas (seis ao todo) em Sequeira, 1916: vol. I, 242-244.

**Obras de arte.** Havia muitas obras de arte na igreja e na Casa do Noviciado. Além de peças de ourivesaria e de paramentaria, são referidas obras de pintura. Veja-se o mesmo Sequeira, 1916: vol. I, 246-247; e também pp. 247-255, sobre o irmão-pintor Domingos da Cunha.

## 6. ACONTECIMENTOS POSTERIORES À FUNDAÇÃO DO DITO NOVICIADO

Resta-nos indicar esquematicamente alguns acontecimentos mais importantes que afectaram esta Casa do Noviciado da Companhia de Jesus.

- Em Dezembro de 1731 houve um incêndio, ateado pela chama de uma vela tombada sobre os estofos que ornamentavam um presépio. (cf. Sequeira, 1916: vol. I, 233).

- O terramoto de 1755, segundo uns, causou poucos prejuízos; mas segundo um outro documento, de 1765, a igreja terá ficado arruinada e demolida (Sequeira, 1916: vol. I, 262).

- No dia 3 de Setembro de 1759, foi abolida a Companhia de Jesus, todos os padres seculares expulsos do Reino e confiscados os seus bens. Em Janeiro desse ano saiu o alvará que sequestrava os bens dos Jesuítas; em 5 de Fevereiro, outro diploma tornava-os reclusos e punha-lhes guardas à porta. O Colégio de Monte Olivete teve 143 anos de existência. Expulsos os sete padres professores que habitavam o Noviciado, aquele edifício que o oiro de Fernão Telles e de Lourenço Lombardo construíra, fora sequestrado pela Fazenda Pública.

- Por decreto de 7 de Março de 1761, foi criado o Real Colégio dos Nobres. As suas aulas foram solenemente inauguradas em 19 de Março de 1766, assistindo toda a família real, o cardeal patriarca D. Francisco Saldanha, ministros e conselheiros de Estado, o Corpo Diplomático e a corte em peso.

<sup>32</sup> Tinha uma imagem, em vulto, da Senhora da Conceição, escultura em madeira feita por José de Almeida, que viveu no século XVIII. Na opinião de Cirilo Volkmar Machado, é “boa escultura”. Está presente na igreja paroquial de São Mamede.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Foi escolhido para se instalar a nova instituição, o edifício da extinta Casa do Noviciado, abandonado desde 1759, e então em poder do fisco real. Fizeram algumas obras e adaptações na Casa (Sequeira, 1916: vol. I, 278-281; e especialmente as pp. 281-283).

- A partir do Congresso Nacional de 1823, a existência do Colégio dos Nobres foi violentamente contestada. Foi abolido por decreto de 11 de Janeiro de 1837.

- O mesmo decreto de 11 de Janeiro de 1837 criou, em lugar do Colégio Militar, a Escola Politécnica, mandada instalar no edifício do antigo Noviciado da Cotovia. As aulas começaram a funcionar, com toda a regularidade...

No dia 22 de Abril de 1843, uma espantosa catástrofe interrompeu o funcionamento da Escola Politécnica. Um incêndio destruiu quase completamente o velho edifício. Foi das três para as quatro horas da tarde que se notou a primeira labareda. Ao cabo de cinco horas, da fundação dos jesuítas, da sumptuosa casa construída pela generosidade de Fernão Telles de Menezes, restavam apenas firmes as paredes enegrecidas, cingindo um monte de destroços calcinados.

O templo foi o último que veio a terra. Ainda se conseguiram salvar alguns painéis da capela-mor e parte das teias. Todas as alfaías, imagens e mais objectos de culto escapados ao incêndio, foram recolhidos na Imprensa Nacional, onde também se arrecadaram os livros e as riquíssimas colecções de zoologia, botânica e história natural.

- As obras de reedificação, concluídas em 1879, alteraram substancialmente o edifício primitivo. Onde outrora havia a igreja, passou a abrir-se um átrio espaçoso e claro. Desapareceu o tabuleiro que corria à frente. Etc. etc.

- Entretanto haviam sido criados um Observatório Astronómico, um Gabinete de História Natural, um gabinete de Física, um Gabinete Químico, um Jardim Botânico (1873).

Cada uma destas instituições merece a sua monografia específica.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO A

## NOTA SOBRE FERNÃO TELLES DE MENESES

Fernão Telles de Meneses era o 6º filho de Brás Telles de Meneses, guarda-mor, capitão-mor e capitão dos ginetes do Infante D. Luís, e de sua mulher Dona Catarina de Brito.

Embarcou para a Índia em 1566, na armada do vice-rei D. Antão de Noronha. Aires Gomes da Silva, irmão mais velho de Fernão, também já passara a África a tentar a fortuna. Foi Fernão Telles de Meneses capitão de uma galé na expedição a Chaúl; serviu como capitão em Ormuz e no Malabar. Em 1581 foi-lhe cometida a governança da Índia. Seis meses depois, tendo Filipe II tomado posse do Reino, demitiu Fernão Telles e nomeou vice-rei D. Francisco de Mascarenhas, Conde de Santa Cruz.

Ao chegar a Portugal, foi nomeado por Filipe II capitão Geral do Algarve. Além de duas pingues comendas, recebeu da régia mão os lugares de Presidente do Conselho da Índia, General da Armada, Conselheiro de Estado, Regedor das Justiças da Casa da Suplicação.

O seu escudo de armas ostentava, junto do leão rompante dos Silvas, o anel encober-to dos Meneses, foi-lhe acrescentado, por ser fundador da Casa do Noviciado, um quartel: em campo azul um coração de oiro.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO B

## DESCRIÇÃO DO MAUSOLÉU DE FERNÃO TELLES DE MENESES

Reproduzimos um desenho do mausoléu mandado construir por D. Maria de Noronha.

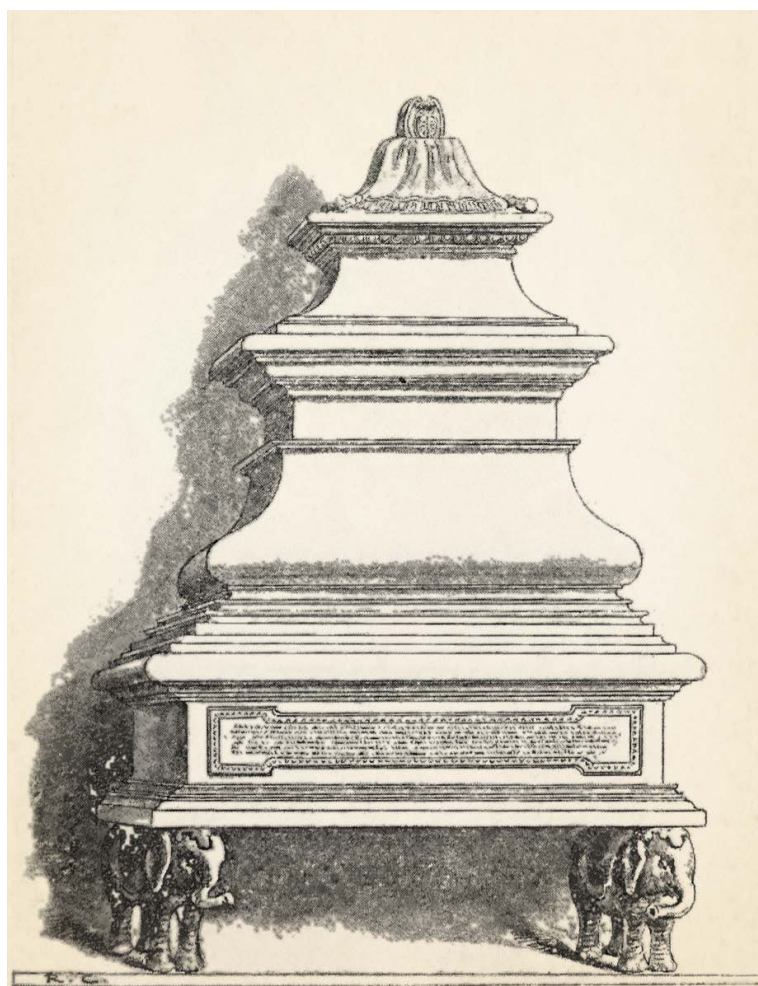


Figura 14 – Mausoléu de Fernão Telles de Menezes, fundador da Casa de Provação da Companhia de Jesus, na Cotovia (in Sequeira, 1916: vol. I, 256-A).

Depois do grande incêndio de 1843, o túmulo dos fundadores foi removido para um barracão, onde ficou ao abandono (Sequeira, 1916: vol. I, 245-246). Em 1916 (vd. Sequeira, 1916: vol. I, 256-A) achava-se entaipado por um tabique, no quarto de cama de um serventuário da Faculdade de Ciências

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A inscrição lavrada em mármore no dito mausoléu, colocado na capela-mor da igreja, dizia assim (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 54 e Sequeira, 1916: vol. I, 217, nota 1):

AQUI JAZEM FERNAM TELLES DE MENEZES, FILHO DE BRAS TELLES DE MENEZES, CAMAREYRO MOR E GUARDA MOR E CAPITAM DOS GINETES QUE FOY DO INFANTE DOM LUIZ E DE DONA CATHERINA DE BRITTO SUA MULHER: O QUAL FERNAM TELLES FOY DO CONSELHO D'ESTADO D'EL REY NOSSO SENHOR, E GOUERNOU O ESTADO DA INDIA E REYNO DO ALGARUE, E FOY REGEDOR DAS JUSTIÇAS DA CASA DA SUPPLICAÇAM, E PRESIDENTE DO CONSELHO DA INDIA E PARTES ULTRAMARI-NAS, E SUA MULHER DONA MARIA DE NORONHA, FILHA DE DOM FRANCISCO DE FARO, VEDOR DA FAZENDA DOS REYS DOM SEBASTIAM, DOM HENRIQUE, E DONA MECIA DE ALBUQUERQUE SUA PRYMEIRA MULHER: OS QUAES FUNDARAM E DOTARAM ESTA CASA DE PROVAÇAM DA COMPANHIA DE JESVS E TOMARAM ESTA CAPELLA MOR PERA SEO JAZIGO: FALECEO FERNAM TELLES DE MENEZES AOS VINTE E SEYS DE NOVEMBRO DE 1605 E DONA MARIA DE NORONHA A SETTE DE MARÇO DE 1623

### Bibliografia

FRANCO, Pade Antonio – *Imagem da Virtude em O Noviciado da Companhia de Jesu na Corte de Lisboa*. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1717.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972, pp. 43-60).

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Tomo I. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DE SÃO LUÍS DOS FRANCESES – 2ª

Século XVII [1622: completada e ampliada]

Nos princípios do século XVII foram praticadas algumas modificações e ampliações. Conforme a inscrição que se lê na porta principal (cf. tomo III desta mesma obra, p. 190), esta igreja só ficou concluída em 1622. Este portal revela, assim, um desenho maneirista: enquadra-se em duas colunas dórico-romanas de forte canelado e alto soco, correctamente desenhadas, e cujas afinidades com as do pórtico da igreja do vizinho Mosteiro das Comendadeiras de Avis poderiam não ser casuais. Estas colunas suportam o entablamento em cujo friso se lê a legenda já referida. Sobre ele se eleva um espaldar, em que dois anjos em baixo-relevo ostentam as armas dos Bourbons e que remata por pequeno frontão triangular. Lateralmente, o conjunto é completado por acrotérios piramidais. [...]

O interior do templo é um salão quadrado, dividido em duas partes sensivelmente iguais, por um grande pórtico de três arcos de volta redonda, sendo o do meio de maior altura e largura. A organização do pórtico corresponde à da capela-mor, que fica a nível superior ao da nave, e onde dois altares menores ladeiam o principal, todos de mármore de Carrara e mandados executar em Itália pelo rei Luís XV. O altar lateral da esquerda tem uma bonita imagem de Nossa Senhora do Porto Seguro, da mesma origem. No fecho do arco central e na caixa do púlpito repete-se o brasão flordelizado. Sobre a entrada, a toda a largura do templo, desenvolve-se o coro alto ou tribuna, ondulado no meio e apoiado em dois pilares de mármore de secção quadrada. No seu espaldar vêem-se azulejos setecentistas de desenho azul, tendo a espaços, flor-de-lis dourada. Tanto a nave como a cabeceira são cobertas por tectos abobadados, e ornados de estique policromado.

Completam a decoração do templo alguns quadros de boa pintura, dois dos quais, segundo documentação encontrada pelo actual reitor, devem ser do Caravaggio. Duas tábuas portuguesas representam o Juízo Final e Nossa Senhora de Porto Seguro; e numa curiosa pintura francesa, S. Luís é representado sob a fisionomia do cardeal Mazarino – obra de pintor-cortesão. Importante, quer pelas suas dimensões, quer pelo seu valor iconográfico, é o grande quadro que se encontra à esquerda da nave, ao nível do coro alto e que se julga um ex-voto de um português. Foi atribuído ao pintor régio Amaro do Vale, activo entre 1602 e 1619, e representa a Virgem sobre uma panorâmica da cidade de Lisboa tendo no canto inferior esquerdo uma cartela com a seguinte legenda.

N. SE.<sup>a</sup> DE PORTO SEGURO.  
ROGA A SEV PRECIOSO  
. FILH POR ESTA SIDADE  
E SVA NAVEGASÃO.

Sob este quadro, em nicho aberto na parede, vê-se uma bonita imagem, seiscentista, da Virgem com o Menino; e, do mesmo lado, no coro baixo, uma bela pedra funerária, de mármore, retirada do pavimento da nave, e que, na sua cartela maneirista nos diz ter perten-



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

cido ao túmulo do capitão António Manhõne e sua mulher.”<sup>LI</sup> (in Almeida, 1975: vol. V, tomo 2, 113-114).

Em 1628, o viajante Mr. de Monconys faz uma referência à dita igreja, que Júlio de Castilho regista: “Je ne veux pas laisser l’église de S.<sup>t</sup> Louis, qui est petite mais très gentille. Le retable est doré, et l’église est toute petite aux dépens des français qui trafiquent dans Lisbonne” (Castilho, 1936: vol. IV, 275).

Um outro, anónimo autor da Description de la Ville de Lisbonne (Paris, 1730) refere-se a ela nestes termos: «Il y a une Eglise Française dédiée à Saint Louis, qui est fort petite et assez mal entretenue. On dit que ce sont des Chaudronniers qui l’ont fait anciennement bâtir» (Castilho, 1936: vol. IV, 275).

A *Gazeta de Lisboa* (nº 35, de 2 de Setembro de 1717 relata os festejos que ali se celebraram a 25 de Agosto de 1717, em honra de S. Luís (Castilho, 1936: vol. IV, 276).

A igreja foi gravemente atingida pelo terramoto de 1755 e incêndio subsequente. A igreja foi rapidamente reparada das ruínas sofridas. O citado Júlio de Castilho fornece alguns dados sobre o novo período:

“Segundo documentos que se conservam no cartório, os desenhos para o tecto e cadeiras do côro, tribuna e vestiário, que ainda existem, foram feitos por Jean Baptiste Philippe Signol, em 1769, e importaram em 20\$080 réis.

O altar-mor e os dois colaterais, de mármore de Carrara, foram mandados fazer em Genebra pelo mencionado embaixador Saint Priest; encarregou-se da encomenda M.<sup>r</sup> Regny, consul de França naquela cidade, e da sua execução o célebre escultor genovês Pascal Bocciardi, autor da estátua do doge de Rovere, que está em Savonna. O custo do altar-mor, posto em Lisboa, foi de 4.000 libras genovesas, e o dos outros dois foi de 2.000 libras cada um.

Em 12 de Agosto de 1770 fez-se a sagração dos altares pelo bispo de Macau, Bartolomeu Mendes dos Reis, assistindo à cerimónia o sr. De Clermont d’Amboise, ministro da França, o rev.<sup>o</sup> Francisco de Torres, prior do Carmo e conservador espiritual da nação francesa, o capelão-mor Carlos Francisco Garnier, que celebrou a missa, etc.

Êste Garnier, que governou a igreja por largos anos, era muito douto, inclinado às letras, e muito curioso do seu ofício, tendo deixado no seu cartório livros cheios de interessantes apontamentos para a história da confraria e do templo de S. Luiz, que espiritualmente administrava. Entre êsses livros há um que contém as despesas feitas com a iluminação da fachada da igreja nas solenidades públicas, desde 1767 a 1777, sendo a última a 13 de Maio deste ano, pela aclamação da rainha D. Maria I.” (Castilho, 1936: vol. IV, 272-273).

LI Sobre este painel com uma vista seiscentista de Lisboa, ver Serrão, 2009: 70-71; Flor; Coutinho; Ferreira e Varela-Flor, 2014: 96.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 2. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975.

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª.edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. IV. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1936.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DO SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO, DOS “INGLESINHOS”

Século XVII [1632]

A perseguição feroz movida contra a Igreja Católica em Inglaterra, por iniciativa da Rainha Isabel [1558-1603], deu origem a estabelecerem-se também em Portugal institutos para formação de sacerdotes que depois fossem assistir os católicos em Inglaterra.

Perante a conveniência de haver em Lisboa uma casa onde pudessem estudar e formar-se jovens ingleses que depois, clandestinamente, fossem ajudar os seus compatriotas a conservarem-se na fé católica, um fidalgo de Lisboa, chamado D. Pedro Coutinho, conhecendo aquele santo empenho dos ingleses católicos, ofereceu o sítio, acomodando em umas suas casas os aposentos para os sujeitos que haviam de residir no projectado Seminário. Os católicos ingleses residentes em Lisboa, assim como alguns seus confidentes de Inglaterra, prometeram ajudar a obra, concorrendo para o sustento dos moços.

No ano de 1632 deu-se princípio á edificação do referido Seminário. E quando foi no ano de 1644 estava acabada a igreja. Seminário e igreja foram dedicados ao Apóstolo São Pedro [e São Paulo].

Os moradores eram todos ingleses. O Superior era sempre sacerdote; tinha dois mestres de teologia e um de filosofia, que também eram sempre sacerdotes. Não havia número certo de estudantes, mas não costumavam passar além de 20.

O fundador tomou a capela-mor para seu jazigo. Entregou a protecção deste colégio aos Inquisidores Gerais, sendo o primeiro que aceitou este cargo D. Francisco de Castro, em 23 de Fevereiro de 1632. D. Pedro Coutinho deixou 500:000 réis anuais, com obrigação de três missas quotidianas.

O terramoto de 1755 causou alguns estragos no edifício, logo reparados.

### Bibliografia

CARITA, Hélder – *Bairro Alto. Tipologias e Modos Arquitectónicos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990, pp. 95-96.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 381.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, p. 508.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ RECOLHIMENTO DE SANTA ISABEL DA HUNGRIA

**Século XVI/ XVII**

Foi fundado em fins de Quinhentos, ou começo de Seiscentos, por Dona Isabel de Jesus.

Era no Bairro da Madragoa. Subsiste a memória no topónimo Travessa das Isabéis (entre a Rua da Esperança e a Rua Vicente Borga).

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |







|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

**6. CAPELAS ANEXAS**

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Ø CAPELA DE NOSSA SENHORA-A-FRANCA

Século XVI (FINAIS) ou Século XVII (1ª METADE)

Esta capela está integrada na Igreja Paroquial de São Tiago, no lado direito de quem entra. Certamente foi erigida nos finais de Quinhentos ou princípios de Seiscentos.

Pertencia à Confraria dos oficiais Cerieiros.

Qual a origem deste título “Nossa Senhora, a Franca? Frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1707: tomo I, 366) diz que “o título de Franca vem de ser o mesmo que a Senhora liberal e generosa para com os pecadores, aos quais nunca cessa de fazer bem”. Mas não deixa de referir uma lenda, segundo a qual o nome provinha de que “um devoto seu, que vendo que se estava fabricando a sua capela ou retábulo, para nele se colocar uma imagem da Senhora, dissera que ele tinha uma Imagem, a qual viria muito ajustada àquele lugar, que se lhe tinha preparado; e que, vindo a Santa Imagem, a colocaram, e que vinha para ele muito ajustada. Perguntou-se-lhe o que se havia de dar da manufatura: respondeu o devoto que a dava franca. E que daqui nascera o chamar-se-lhe Senhora Franca” (Santa Maria, 1707: tomo I, 369).

A Confraria dos Cerieiros foi erecta por autoridade do Ordinário em 16 de Junho de 1576, confirmada pelo Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida. Todavia já antes os Irmãos Cerieiros a tinham organizado, como se vê de um contrato celebrado entre o Prior da Igreja de Santiago e os Irmãos, em 24 de Junho de 1568 (Santa Maria, 1707: tomo I, 368).

O primeiro irmão que começou a servir Nossa Senhora a Franca foi Fulano Cotão, cerieiro, que jazia sepultado na mesma capela. (Santa Maria, 1707: tomo I, 368).

Quanto à capela de Nossa Senhora a Franca, impõe-se logo notar a grandeza e perfeição do pórtico com três arcadas, tudo em mármore, que dão acesso, do lado da epístola da referida igreja paroquial de São Tiago, á tão celebrada Capela. O *Santuário Mariano* regista: “Pela parte de fora faz três entradas com três arcos, que dividem e guarnecem as colunas de muita grandeza e de excelentes jaspes brancos, coroadas de capitéis coríntios tão perfeitamente obrados que os grandes oficiais, quando querem obrar alguns com toda a perfeição, deles vão tirar os modelos” (Santa Maria, 1707: tomo I, 367).

A Capela de Nossa Senhora-a-Franca é dividida em três corpos abobadados e revestidos de estuques setecentistas, tendo o corpo central uma cúpula, a que só falta o lanternim; todo o conjunto quase se assemelha a uma nave lateral que o pórtico de colunas justificaria.

Nas mesma obra (ib, id.), lê-se: “Vê-se esta Santa Imagem [de Nossa Senhora-a-Franca] colocada em uma magnífica Capela que toma todo o lado esquerdo daquela Igreja, e é de tão soberba e perfeita arquitectura, que a não tem a Corte melhor. (...) Está esta Capela adornada de ricas pinturas; e a imagem da Senhora está colocada no meio do retábulo e tem de estatura sete palmos [=1,54m]. Vê-se com o Menino Deus sobre o braço esquerdo e com um rosto muito majestoso e agradável. São obradas estas imagens de escultura de madeira e com muita perfeição estofadas e se vêem com ricas coroas de prata dourada” (Santa Maria, 1707: tomo I, 367-368).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Após o terramoto, terá havido algumas alterações em relação ao que é referido pelo dito Autor. E assim, no livro *Monumentos e Edifícios Notáveis* (Almeida, 1973: vol. V, tomo 1, 29-31, sob a assinatura de A. C., fazem-se algumas considerações complementares. “Das Transformações operadas na primitiva capela e no grandioso retábulo de Nossa Senhora-a-Franca, da rica Irmandade dos Cerieiros, apenas ficou o pórtico coríntio, de mármore; e, do primeiro quartel de Setecentos, o belíssimo retábulo escultórico, feito à compita com tantas outras irmandades que, com o exemplo do rei e da corte, remodelaram com novas formas estilísticas e ornamentais os edifícios religiosos que subsistiam de Quinhentos e até de mais recuados períodos” (Almeida, 1973: vol. V, tomo 1, 30).

“À mesma época da remodelação de finais de Setecentos, pertencem ainda os painéis de azulejo com representações da vida de Nossa Senhora, sendo de notar mais algumas imagens provenientes doutras igrejas, como uma Piedade setecentista, da extinta paroquial de São Martinho, à qual se levantou um altar na Capela de Nossa Senhora-a-Franca, ou uma Santa Luzia, curiosa na ingenuidade da representação escultórica, e oriunda da vizinha igreja do mesmo nome” (Almeida, 1973: vol. V, tomo 1, 30-31).

“Algumas pinturas seiscentistas e setecentistas decoram ainda a nave e a Capela da Senhora-a-Franca, que é de presumir tenham pertencido ao primitivo retábulo da Irmandade dos Cerieiros...” (Almeida, 1973: vol. V, tomo 1, 31).

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 1. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1973.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Tomo I. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Ø CAPELA DO PALÁCIO DOS MARQUESES DE ABRANTES

Século XVII

“A capela é nitidamente seiscentista, com dois corpos marcados pela teia, e pelo desdobramento que o tecto apresenta, em dois conjuntos de cinco telas, a simular nave e capela-mor”.

“No altar, uma tábua com cenas do Novo Testamento; e, a ladeá-lo há duas pequenas portas de talha dourada, uma encimada pelo brasão dos Lencastres (a que conduz à Sacristia) e a outra, por outro brasão”<sup>LII</sup>.

“O corpo da capela é revestido de azulejos do século XVII, com cenas da Fuga para o Egipto; e a sacristia possui silhares de azulejos de composição geométrica, com «grandes cordas entrelaçadas»”.

A capela e o Palácio são actualmente a embaixada de França.

### Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo 2. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975, p. 25 [A. M. G. [António Manuel Gonçalves].

LII Na 2ª metade do século XVII, o 3º conde de Figueiró, D. José Luís de Lancastre (1639-1687), conferiu ao oratório do palácio o aspecto que ainda hoje apresenta, com a habitual trilogia barroca de pintura, talha e azulejo. As tábuas do altar-mor, com moldura em talha dourada, foram já atribuídas, por Vítor Serrão, ao pintor Amaro do Vale († 1619); trata-se de uma Crucificação a que falta, no entanto, o ícone central, com Cristo na Cruz, que uma escultura entretanto desaparecida, substituíra. Os tectos da pequena nave e da capela-mor são recobertos de telas coladas sobre madeira com pinturas (10, no total) referentes às Vidas de Cristo e da Virgem, algumas das quais saídas da oficina de Marcos da Cruz (1610-1683). Sobre um lambril de azulejos azuis e brancos, que ocupa dois terços da altura do pé-direito da capela, dispõem-se mais vinte e cinco telas, de desigual qualidade, distribuídas em cinco conjuntos, com uma peça central de maiores dimensões e mais duas, menores, por lado, estas, maioritariamente, com retratos do hagiólogo (Samoyault, 2011).



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### III

## REINADOS DE D. JOÃO IV, D. AFONSO VI E D. PEDRO II (1640 – 1707)

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

**1. ERMIDAS**

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ☉ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA RESTAURAÇÃO, AO GRILO

Século XVII [a seguir a 1640]

Foi fundada por D. Gastão Coutinho, que foi um dos quarenta fidalgos que concorreram para a Restauração da Independência da pátria, tirando o Reino de Portugal da sujeição a Castela e restituindo-o à Sereníssima Casa de Bragança.

A este fidalgo tocou ir render a Fortaleza de Cascais; e entrando nela foi logo à sua Ermida a dar graças à Senhora do Rosário (que era a mesma que depois passou para a Ermida de que estamos agora a tratar), e lhe prometeu pelo bom sucesso que tivesse, de lhe fundar uma Casa, aonde estivesse com toda a veneração devida.

Assim cumpriu, trazendo a imagem da Senhora do Rosário, da Ermida da dita Fortaleza de Cascais para o sítio do Grilo, na freguesia de Santa Engrácia, deixando lá outra que para isso mandou fazer à sua custa.

Tinha quatro capelães, que diziam Missa quotidiana pelas almas de seus ascendentes e descendentes, e um Tesoureiro, aos quais lhes mandaram fazer casas, onde vivem.

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 277.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, p. 374.

SANTA MARIA, Fr. Francisco – *O Ceo Aberto na Terra. História das Sagradas Congregações dos Conegos Seculares de S. Jorge em Alga de Venesa, & de S. João Evangelista em Portugal*. Lisboa: Oficina de Manoel Lopes Ferreira, 1697, p. 493.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO ALECRIM** †**Século XVII [1641] – † 1755**

Estava situada, pouco mais ou menos, no local ocupado hoje pelo prédio que torneja a Rua das Flores para o Largo do Barão de Quintela.

A ermida foi fundada ano de 1641, por uma senhora muito distinta da ilha de São Miguel, chamada Dona Anna de Vilhena, casada com o desembargador da Casa da Suplicação, Cristóvão Soares de Albergaria, que faleceu no próprio dia da aclamação de D. João IV. A ermida começou a edificar-se em 10 de Maio de 1641, dizendo-se já ali a primeira missa nesse mesmo ano.

Esta ermida serviu de paróquia de recurso várias vezes:

- desde 7 de Maio de 1651 até 7 de Setembro de 1676, à freguesia de N.ª Sr.ª do Loreto (dos italianos e portugueses), em consequência de ter ardido a igreja do Loreto, onde a freguesia estava estabelecida;

- em 1664, à freguesia da Trindade (Santíssimo Sacramento);

- desde 1679 até 8 de Setembro de 1708, à freguesia de Nossa Senhora do Loreto (dos portugueses). Recorde-se que a Igreja do Loreto, incendiada em 1651, foi reconstruída e para lá voltou a freguesia; porém, por divergências com a irmandade do Loreto, voltou novamente para a ermida do Alecrim a paróquia de N.ª Sr.ª do Loreto dos portugueses, em 1679, tendo-se edificado a Igreja de N.ª Sr.ª da Encarnação, para lá transitou a dita paróquia de N.ª Sr.ª do Loreto, agora já denominada Nossa Senhora da Encarnação.

O terramoto de 1755 destruiu completamente a ermida (“acha-se arruinada e totalmente destruída com o terramoto e incêndio”, diz J. Bautista de Castro (1763: vol. III, 268). A irmandade, com a imagem de Nossa Senhora do Alecrim, refugiou-se na ermida e hospício dos Clérigos Pobres, a São Pedro de Alcântara, mais tarde, pela demolição desta ermida e hospício, passou para a Igreja do Sacramento.

A irmandade de Nossa Senhora do Alecrim fazia a procissão do Enterro de Cristo, que saía na sexta-feira da Paixão, de tarde; esta procissão ainda chegou a sair alguns anos da Igreja do Sacramento.

Parece que a irmandade já não existe.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 268.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dictionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> – Editores, 1909, p. 323.

SILVA, Augusto Vieira da – *As freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1943.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ☉ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

**Século XVII [1646]: reedificação**

Esta ermida estava no adro da igreja paroquial de São Julião.

Foi mandada fazer por Pedro Esteves e sua mulher Clara Giraldes, naturais de Guimarães, conforme diz o Padre A. Carvalho da Costa (1706: vol. I, 444) e Santa Maria (1707: vol. I, 57).

Passou ao domínio dos lavapeixes da Ribeira, os quais, como pobres, não podendo reedificar a ermida, que se havia arruinado, renunciaram a todo o domínio dela e posse, em favor do prior e beneficiados de São Julião.

Depois do ano de 1646, o prior e os beneficiados referidos venderam o chão da ermida aos confeitores por 70:000 réis, para a reedificarem, e com o direito de poderem apresentar capelão, o qual presidiria em todas as funções que se fizessem na dita ermida, sem que a igreja de São Julião pusesse obstáculos em coisa alguma. Para o que, os confeitores se obrigaram a dar à igreja paroquial, como foro de censo, cada ano 6:000 réis; e das festas, que pertenciam à casa, sendo com vésperas, 1200 réis, e sendo só missa seis tostões, entrando o capelão igualmente com o dito prior e beneficiados em todas as ofertas que pertencem à dita ermida.

O incêndio subsequente ao terramoto destruiu e desfez completamente a ermida, perecendo nela o seu capelão-mor.

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, pp. 305-306.

COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. I. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, vol. I, 1706, p. 444.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707, pp. 57-58.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA****Século XVII [c. 1654] - ?**

O místico e reformador São Pedro de Alcântara (1499-1562), influenciou decisivamente na formação da Congregação Reformada dos Alcantarianos, que se distinguiu pela mais severa observância, difundindo-se em Espanha, Portugal e Itália.

A existência da ermida, a Santa Apolónia, é mencionada por J. Baptista de Castro. (1763: vol. III, 277).

António Carvalho da Costa (1712: vol. III, 366) dá a informação seguinte:

“Foi fundada por Luíz de Abreu de Freytas, fidalgo da Casa d’el-Rei, em 26 de Outubro de 1654. E aos 21 de Julho de 1655 disse nela a 1ª missa o P.º André Martins, prior de Santa Engrácia. Foi a primeira igreja que neste Reino se dedicou a este santo. Deveu-se à devoção de Dona Anna da Fonseca, segunda mulher do dito Luís de Abreu de Freytas, que era filha de D. Pedro da Fonseca, da Vila de Alcântara em Castela, e sobrinha do dito santo.”

A ermida tinha três capelas. A capela-mor, onde estava a imagem do Santo com Santa Teresa [note-se que o Santo tinha dirigido Santa Teresa de Ávila, dando-lhe inteiro apoio na reforma carmelita], na parte do evangelho; e Santo António, da parte da epístola, com duas tribunas, e sobre elas a imagem do Senhor dos Passos e o corpo do mártir São Celestino, com outras relíquias que o Papa Clemente X dera ao Doutor Gaspar de Abreu de Freitas no ano de 1676. As duas capelas que ficavam fora do arco, eram dedicadas ao Papa São Dâmaso e a Santa Isabel, rainha de Portugal.

A ermida foi sacrificada pelas obras de ampliação da Estação dos Caminhos de Ferro.

**Bibliografia**

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 277.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, pp. 366-367.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE

Século XVII [1662]

### 1. ANTECEDENTES

Retome-se a história da igreja ou Ermida de São Sebastião da Mouraria, fundada em 1506, que teve origem na epidemia da peste que assolou o País, em especial Lisboa, em 1503 e ss.

Recorde-se ainda que, em 1569, Lisboa se viu novamente oprimida pelo terrível mal da peste. Procurando os seus moradores remédios para se verem livres dela, acharam que não havia outro mais eficaz que o da intercessão da Virgem Maria Nossa Senhora.

Convictos de que a Virgem os tinha atendido, mandaram logo fazer uma imagem de Nossa Senhora, para com ela fazerem uma solene procissão em acção de graças. Formou-se então a Irmandade de Nossa Senhora da Saúde.

### 2. A PROCISSÃO DE 20 DE ABRIL DE 1570

Terminado o horrível flagelo da “peste grande”, o Senado de Lisboa dirigiu ao Rei D. Sebastião, que então se achava em Salvaterra, a petição do Povo de Lisboa, pedindo-lhe o consentimento para se fazer uma procissão em acção de graças a Nossa Senhora, esperando que assim se aplacassem a “iras celestes”(!).

O Rei respondeu com a seguinte Carta Régia, datada de 13 de Abril de 1570:

«Vereadores e Provedores dos Mesteres da Cidade de Lisboa Eu El-Rey vos envio muito saudar. Vi vossa Carta de 10 d'este mez, e os testemunhos dos Fisicos, que com ella me enviastes sobre a saude d'essa Cidade, pelos quaes parece que, louvado Nosso Senhor, está agora sã; e porque he já tempo de se fazer a Procissão solemne, que me escrevestes, que tínheis assentado, que se fizesse, para se darem graças a Deus por tão grande mercê, como esta he, vos encomendo, que ordeneis como logo se faça dita Procissão com toda a solemnidade, devoção, e demonstrações de reconhecimento, que se deve a Nosso Senhor por esta mercê sua tão mal merecida dos homens, e tão propria da sua Misericordia; e deveis tambem ter muy particular cuidado de fazer prosseguir com toda a diligencia a obra do Templo do Bemaventurado S. Sebastião, conforme ao que vos tenho escripto, e ao voto, que eu fiz, e assim ao que vós tendes feito em nome da Cidade, eu o hey. Escripto em Salvaterra a treze de abril de mil quinhentos e setenta. Rei.» (Machado, 1747: vol. III, 219).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Sete dias depois de se ter recebido a carta régia com a autorização real, ou seja, em 20 de Abril de 1570, fez-se pela primeira vez a solene procissão em acção de graças a Nossa Senhora, pelos grandes milagres e maravilhas que operara, restituindo a saúde à cidade. Nas *Memórias para a História del-rei D. Sebastião*, de Barbosa Machado, vem assim descrita essa procissão:

«Na vespera illuminaram se todos os edificios e todas as egrejas, formando os sinos uma plausivel e estrondosa consonancia. Precediam a procissão varias danças e invenções jocosas, que augmentavam o jubilo geral. Compunha-se de toda a comitiva do clero, familias religiosas, parochiaes e confrarias, sendo tão numerosa, que saindo da sé pela manhã, eram duas horas depois do meio dia quando entrou na igreja do convento de S. Domingos. Sobre um precioso andor ia a imagem de Nossa Senhora da Saude, a cuja protecção era a cidade devedora do que experimentava depois de tão horrivel contagio. No fim de toda a procissão, se via outro andor onde iam collocadas as mais insignes reliquias, que se veneram nêsta côrte. Depois de entrar a procissão em S. Domingos, subiu ao pulpito o mestre fr. João da Silva, da ordem dos prégadores, o qual fez um eloquente discurso.» (Machado, 1747: vol. III, 220).

### 3. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DITA PROCISSÃO

Era a terceira quinta-feira do mês de Abril aquele dia 20 de Abril de 1570. E por ser “cousa mui devida, que tão milagrosa saúde e victória recebida de Deus tão propício e misericordioso, ficasse para sempre lembrada” assentou a mesma Câmara, em 10 de Abril de 1572, que a cidade, em memória daquele alto beneficio, repetiria anualmente a procissão, com a mesma pompa e grandeza, na quinta-feira mais próxima do dia 20 de Abril.

Mais tarde, por assento da vereação, de 18 d Abril de 1592, ficou estabelecido que a procissão se fizesse na última quinta-feira de Abril; e que nela fosse uma charola com as relíquias de Sant’Ana e de S. Sebastião, e bem assim que houvesse sermão e que fossem as charamelas d’el-Rei.

«Asentouse q̃ a procisão, q̃ se faz cada anno polla saude, se faça a derradeira quinta feira do mes dabrill, e pera ella se dara Recado ao Cabido e ao prouisor, pera q̃ mande as freguesias q̃ a acompanhem a dita proçisão, e ira huã charola cõ as Reliquas da bem aventurada sta ana e de são sebastião, auaera preguação e irão as charamelas dellRey.» (Liv.º 1 d’Assentos, fs. 6v).

Então, em 1592, e ainda durante muitos annos, era a camara que mandava recado ao cabido; mais tarde era o patriarca que fazia participação á camara, como se vê do seguinte officio dirigido ao presidente do senado:

«Em quinta feira, que se contam 15 do corrente, se ha de celebrar a procissão da saude, saindo da Santa Igreja Patriarchal ao convento de S. Domingos; porque, como é de voto (?) pela saude d’esta cidade e reino, não devemos faltar em contribuir pela nossa parte com as rogativas a Deus Nosso Senhor, para que nos conserve livres da oppressão que se padecia

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ao tempo em que se fez o voto. Participo a V. E.<sup>xcia</sup> esta noticia, para que se sirva de ir com o senado na fôrma do estylo, para maior devoção, autoridade do acto e gloria de Deus. – Deus G.<sup>de</sup> a V. E.<sup>xcia</sup> muitos annos – Lisboa Occidental, 11 d'Abril de 1717. – Patriarcha –. Ex.mo Sr. Conde da Ribeira (Liv.º VI de cons. e dec. D'el-rei D. João V, Occidental, fs. 87).

Ultimamente é a irmandade de Nossa Senhora da Saude e a de S. Sebastião dos artlheiros que convidam a camara para tomar parte na procissão; assim como tambem são estas irmandades que teem desde muito tempo a seu cargo a realisação d'aquelle acto religioso, a que a mesma camara se obrigara e á cidade pelo assento de 10 d'abril de 1572.

Na procissão da saude incorporavam-se, entre outras confrarias, a de Nossa Senhora da Saude, que ao que parece foi instituida pela nobreza da côrte, e de S. Sebastião, instituida pelos artilheiros.” (Oliveira, 1882: vol. I, 584).

#### 4. A TRANSFORMAÇÃO DA ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO EM ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE

Depois da procissão de 20 de Abril de 1570, a imagem de Nossa Senhora da Saúde foi recolhida na Igreja do Colégio dos Meninos Órfãos à Mouraria, fazendo-se todos os anos a solene procissão, a qual se dirigia à Sé, donde era acompanhada até São Domingos por todo o cabido patriarcal, regressando depois à sua residência. Assim aconteceu durante 92 anos, ou seja, até 1661.

Mas naquele ano de 1661, começaram algumas desinteligências entre os administradores do Colégio dos Meninos Órfãos e a Irmandade da Senhora da Saúde, o que levou a Irmandade a pensar na edificação duma capela propriamente dedicada à sua padroeira.

Os Artilheiros, que possuíam a sua igreja de São Sebastião da Mouraria, tiveram notícia daquela resolução, e foram oferecê-la à Irmandade de Nossa Senhora da Saúde. A oferta foi aceite, com a condição porém de ficar a igreja com o título da Saúde, sendo a imagem da Virgem colocada no altar principal. Os Artilheiros não se opuseram a tais condições. As duas Irmandades fundiram-se então numa só, e fez-se a competente escritura desta junção, a qual foi aprovada pelo Papa Alexandre X<sup>33</sup>.

Foi na 3ª quinta-feira, 20 de Abril de 1662, que a imagem da Senhora da Saúde saiu do Colégio dos Meninos Órfãos; e, depois da costumada visita à Sé e a São Domingos, deu solene entrada na Capela de São Sebastião, que passou a ser chamada Capela ou Ermida de Nossa Senhora da Saúde.

<sup>33</sup> Em *Elementos para a História do Município de Lisboa* (Oliveira, 1894: vol. VIII, 541-544) pode encontrar-se uma história quase burlesca sobre questões de protocolo das entidades que integram esta procissão e que estão na base de um conflito com ela relacionado.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

As duas confrarias – de N.ª Sr.ª da Saúde e a de São Sebastião – que em 1662 se reuniram numa só – assumiram então o encargo da procissão. Durante estes últimos trezentos anos, a procissão tem-se mantido com pequenas variantes.

A procissão sae das 9 para as 10 horas da manhã da ermida de Nossa Senhora da Saude e S. Sebastião, à Mouraria, segue pela rua do Arco do Marquez d'Alegrete, Poço do Borratem, rua da Magdalena, até á Sé, onde se canta um *Te Deum*: ahi reune-se-lhe o cabido e a camara, que a acompanha pela rua da Conceição e rua Augusta, praça de D. Pedro IV até á igreja de Santa Justa, onde se préga um sermão. D'esta igreja para a ermida, em que recolhe, vae pela travessa de S. Domingos e ruas Nova da Palma e de S. Vicente á Guia, mas sem o acompanhamento do cabido.

No religioso cortejo vão as confrarias Nossa Senhora da Saude e de S. Sebastião, irmandades do Santissimo, de Santo Antonio e das Almas da freguezia do Socorro, e contingentes de todos os corpos da guarnição da capital, e marinheiros militares, formando estes contingentes a guarda d'honra.

Os andores com as imagens de S. Sebastião e de Nossa Senhora da Saude são conduzidos pelos irmãos das duas referidas confrarias.

Em 1848 começou-se a fazer a procissão com maior apparato do que nos últimos tempos mais proximos fôra costume. Em 1861 fez-se com mais ostentação ainda; e desde esse anno, em que, pelo alvará regio de 6 de fevereiro, as duas confrarias fôram tomadas sob a immediata protecção do monarca sempre á procissão se tem dado o maior luzimento e pompa. (Oliveira, 1882: vol. I, 584-585).

No anno de 1857, quando a epidemia da febre amarella tanto horror causou em Lisboa, onde fez milhares de victimas, entre as muitas procissões de penitencia, que então se fizeram, a devota imagem de Nossa Senhora da Saude saiu tambem da sua igreja, sendo levada para a de Jesus, parochial das Mercês, onde se conservou alguns dias, em que se fizeram fervorosas preces, regressando depois á sua igreja” (in Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 322).

## 5. DEPOIS OS VESTIDOS E COROAS DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE

Depois lhe fabricaram à Senhora os seus Irmãos um rico retábulo com tribuna de talha dourada, em que a Senhora está colocada em um trono debaixo de dossel, coberta com uma rica cortina, para maior veneração e reverência, e se não descobre senão em Domingos e dias Santos, à Missa, e nos sábados e dias da Senhora, às Ladainhas. A imagem da Senhora, de grande formosura; e de vestidos, e de roca e está de mãos postas. É milagrosa: e por essa causa é sempre grande o concurso que de manhã e de tarde acode à sua casa.

“A imagem da Senhora da Saude tem sido sempre de grande devoção, e possui valiosos e ricos vestidos com os respectivos mantos, e joias preciosas, offertas de piedosos devotos, e cumprimento de promessas, feitas durante o largo espaço de mais de trezentos annos, da sua instituição em 1570. O vestido mais rico é de gorgorão côr de cereja bordado a ouro fino, e de preço, segundo dizem tão alto pela mão d'obra, que não se lhe assignala o valor. É

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

tradição que este vestido e o competente manto fôra do casamento da rainha D. Maria Anna d'Austria, mulher de D. João V, e dado depois d'aquella cerimonia, á imagem, como era uso fazer-se. O imediato em valor é de setim branco bordado com estrellas de ouro fino, o qual lhe foi offerecido por devoção em 1856, por occasião da epidemia da cholera-morbuus. Dos outros sete vestidos não ha assentamentos relativos á proveniencia; um é de seda branca bordado a ouro, que parece de mais recente data; todos os outros fôram offertas feitas em remotas epocas, e teem as seguintes côres: de seda branca tecido em ramagens de côres e bordado de ouro; de setim azul bordado tambem a matiz e ouro; de setim de côr castanha bordado a ouro; de setim roxo com riscas de seda brancas bordadas de matiz; de damasco roxo tecido de ouro; e de veludo azul recortado, com renda dourada.

A imagem tambem possui tres corôas, sendo uma com pedras e duas lisas, tendo uma d'estas, de peso o valor de 61\$000 réis; quatro cordões de ouro, uma pulseira com fechos de diamantes; um fio de perolas e outros objectos de menor valor.” (in Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 322).

O terramoto de 1755 arruinou parte da igreja<sup>LIII</sup>; mas foram logo reparados os danos.

O Colégio dos Meninos Órfãos, onde a imagem esteve desde 1570 até 1662, foi depois o edificio onde esteve a Ermida de Nossa Senhora da Guia.

## Bibliografia

GARCEZ, Costa – “Duas procissões tradicionais em Lisboa (II) – A Senhora da Saúde”. *Revista Municipal*, vol. XXIV, nº. 96, 1963, pp. 53-66.

MACHADO, Diogo Barbosa – *Memorias para a Historia de Portugal que Compreendem o Governo Del Rey D. Sebastião, Unico em o Nome e Decimo Sexto entre os Monarchas Portuguezes: do Anno de 1568 até o Anno de 1574*. Vol. III. Lisboa: Officina Sylvianna e da Academia Real, 1747.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*. Vol. VIII. Lisboa: Typographia Universal, 1894.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

<sup>LIII</sup> O templo que ficou muito arruinado em 1755 correspondia já ao que tinha sido traçado pelo architecto régio João Antunes (1643-1712), mantendo-se do edificio original alguns elementos da fachada e o portal (BIRG, 1988).



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PARAÍSO – 4ª – À CRUZ DA PEDRA****Século XVII [1685] – ?**

1. Vimos como a Ermida de Nossa Senhora do Paraíso, inicialmente estabelecida no Bairro da Pampulha, foi transferida em 1366 para o sítio da Cruz da Pedra; e como em 1490 passou a ser igreja do Mosteiro das Comendadeiras de Santiago (levando os confrades a erguer outra ermida do título de Nossa Senhora do Paraíso, em frente da Porta da Cruz).

Sabemos que o Mosteiro das Comendadeiras não servia bem as ditas, e por isso foi construída uma nova e sumptuosa Casa em frente, que foi iniciada em 1609. A transferência das freiras só foi definitiva em 23 de Maio de 1685.

Com a deslocação das comendadeiras, a igreja que fora ermida de Nossa Senhora do Paraíso até 1490, ficou vaga.

2. Quatro anos depois, entraram para a velha casa então abandonada, no dia 22 de Julho de 1689, como hóspedes, os Capuchinhos ou Barbadinhos Italianos, com licença de D. Pedro II, sendo procurador deles o padre Frei Paulo de Varace, ex-missionário de Angola. Serviu-lhes de templo a igreja que as comendadeiras tinham usado; e havia celas bastantes que, em 1706 ou 1708, davam lugar a uns 12 missionários, mais a cerca e a horta (vd. Castilho, 1893: 83, que cita uns manuscritos da B.N.L.).

Os ditos Barbadinhos daí se mudaram para a casa própria, fundada em 1738, a expensas do rei D. João V (vd. Conceição, 1827: vol. XI, 314).

3. Em 1747, foi ali instituído o Recolhimento de Nossa Senhora dos Anjos, pelo Principal D. Lázaro Leitão, para recolhimento de viúvas nobres, ou “para donas de bom nascimento, caídas na pobreza”.

**Bibliografia**

CASTILHO, Júlio de – *A Ribeira de Lisboa: Descrição Historica da Margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até. Santos-o-Velho*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893.

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da – *Gabinete Historico Publicado no Dia 26 de Outubro, Dia em que o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel Completa os 25 Annos da sua Idade*. Vol. XI. Lisboa: Impressão Regia, 1827.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DE MONTEAGUDO****Século XVII [1693]**

Estava no caminho da Penha de França, sendo construída em 1693 por Lourenço Pires de Carvalho, comissário da Bula da Cruzada.

Foi depois seu administrador o Conde de Soure.

Nada sofreu com o terramoto de 1755.

Desapareceu no século XIX.

**Bibliografia**

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 138.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⦿ ERMIDA DE SANTA BÁRBARA, A ARROIOS

Século XVII [cerca de 1695]

Foi construída depois de 27 de Julho de 1695, conforme se deduz da Consulta da Câmara a el-rei em 27 de Julho de 1695 e respectiva Resolução Régia de 17 de Agosto seguinte. A troco de que o Senado lhe conceda um determinado pedaço de terra, o desembargador Ignacio Lopes de Moura oferecia algumas contrapartidas, das quais a primeira era a seguinte: “há-de fazer no dito campo uma ermida a Santa Bárbara, em que se louve a Deus em satisfação dos grandes pecados e ofensas suas que de noite se fazem continuamente no dito campo, e se renove a memória que lhe deu nome” (vd. Oliveira, 1896: vol. IX, 401).

O *Mappa de Portugal* (Castro, 1763: tomo III, 231) menciona-a também: “[Ermida de] Santa Bárbara. Na quinta, que foi do desembargador Luís Borges de Carvalho, e hoje é de Ignez Rosa de Moura. Não teve com o terramoto destroço algum, antes ficou tão intacta, que se abrigou nela a paróquia de São Jorge”.

Foi de facto sede da paróquia de São Jorge, após o terramoto de 1755, até Setembro de 1756.

Situava-se no local do prédio nº 50 a 55 do actual Largo de Santa Bárbara.

Foi demolida em 1855.

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*. Vol. IX. Lisboa: Typographia Universal, 1896.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DA RAINHA DONA CATARINA, RAINHA DE INGLATERRA****Século XVII [1695]**

Esta ermida foi edificada sob a direcção do Mestre José Pereira, no meio da cerca da Quinta do Monte Olivete, onde se encontrava o Noviciado da Companhia de Jesus.

Em 24 de Novembro de 1695 foi vistoriada pelo arquitecto João Antunes, que também a mediu e avaliou.

**Bibliografia**

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terremoto: Subsidios para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Vol. I. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1916, pp. 259-260.

VITERBO, F. Sousa – *Diccionario Historico e Documental dos Architectos e Engenheiros e Constructores Portugueses*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, pp. 247-248.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO** †**Século XVII [1697] - † 1755**

Estava situada na antiga rua dos Prateiros ou da Prata. Esta rua foi quase toda subvertida com o terramoto, e não é fácil designar hoje o lugar que ocupava: mas parece que estava situada, pouco mais ou menos, em parte da actual rua da Assunção.

1. No reinado de D. Manuel colocaram os “prateiros”, como se designavam então os ourives da prata, no seu arruamento, que então se chamava “Rua dos Prateiros” ou da “Prata”, um nicho com a imagem de Nossa Senhora da Assunção, à qual faziam uma solene festividade em 15 de Agosto, sendo então a rua adornada com vários altares de grande riqueza. Esta rua era tão estreita, que não podia passar por ela uma besta de carga; e tinham os seus moradores, por privilégio real, duas colunas, uma em cada extremidade da rua, e no centro dela, para impedirem o trânsito de bestas carregadas, pelo grande transtorno que causavam aos peões, que ficariam sem ter por onde passar.

2. No reinado de D. Afonso VI, mandou a Câmara de Lisboa alargar a rua, ficando desde então até ao terramoto de 1755 de forma que podiam passar por ela três carroças emparelhadas. Ora, quando se alargou a rua, projectaram todos os moradores, de comum acordo, edificar à Senhora da Assunção, em vez do nicho, que tinha sido desfeito com o alargamento da rua, uma boa ermida, majestosa e ornada à custa deles.

Alguns anos decorreram, antes de porem em execução a projectada obra. Até que em 1697 se deu princípio à ermida, que ficava ao centro da rua, na parede do lado oeste.

Desde que se desmanchou o antigo nicho, até à conclusão da nova capela, esteve a imagem em casa de um prateiro da rua, com a maior devoção e reverência. Terminada a obra da capela, foi transferida para ela a imagem da Senhora, no próprio dia da sua Assunção, com grande pompa e magnificência, havendo à noite uma vistosa encamisada (cavallhada), de figuras com os atributos da Senhora.

3. A imagem da Senhora da Assunção tinha apenas dois palmos [=44cm] de altura, mas era muito linda de rosto, sendo o corpo de vestir.

Redobrou a devoção do povo de Lisboa com esta santa imagem, e a concorrência dos fiéis a implorarem da Senhora remédio para as suas aflições e enfermidades era imensa.

4. A ermida ficou inteiramente destruída pelo terramoto de 1755, com tudo quanto encerrava (altar, imagem, etc.). Conservou-se por memória o título da Rua da Assunção.

Mais tarde edificou-se na Rua da Prata uma pequena ermida dedicada a Santo Eloy, advogado dos ourives. Era muito pequena. Desapareceu ainda no século XIX.



### Bibliografia

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707, pp. 294-296.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE SÃO FILIPE E SÃO TIAGO** †**Século XVII [?] – † 1755**

Esta ermida pertencia a um edifício que havia sido conhecido por Hospital dos Castelhanos. Em 1755 era administrado por Rodrigo António de Figueiredo, um dos avoengos dos condes de Belmonte, e proprietário também do palácio no pátio de D. Fradique.

A ermida desapareceu pelo terramoto de 1755.

O seu local era no lado sul do pátio de D. Fradique de Cima. Além da imagem da Senhora do Amparo, que o citado administrador lá mandou colocar (facto que motivou ser a ermida também conhecida por Ermida do Amparo), tinha dois altares, um pertencente à Irmandade da Senhora Mãe dos Homens, de Xabregas, e outro do Senhor Jesus, com o título de Reformador de Lisboa.

Esta última imagem foi colocada na capela que existiu depois debaixo do arco de comunicação entre os dois pátios de D. Fradique (de Cima e de Baixo), a qual foi construída pelo ano de 1878, e cujo acesso se fazia por duas pequenas escadas laterais (cf. Castilho, 1938: Vol. XI, 267-268).

**Bibliografia**

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 419.

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. XI. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1938, pp. 267-268.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE SÃO JOAQUIM E SANTA ANA****Século XVII [?]**

Situada na quinta do Marquez de Abrantes, em Alcântara, esta ermida foi edificada “segundo o gosto moderno da architectura” (Castro, 1763: tomo III, 213-214); não sei qual o alcance exacto deste juízo.

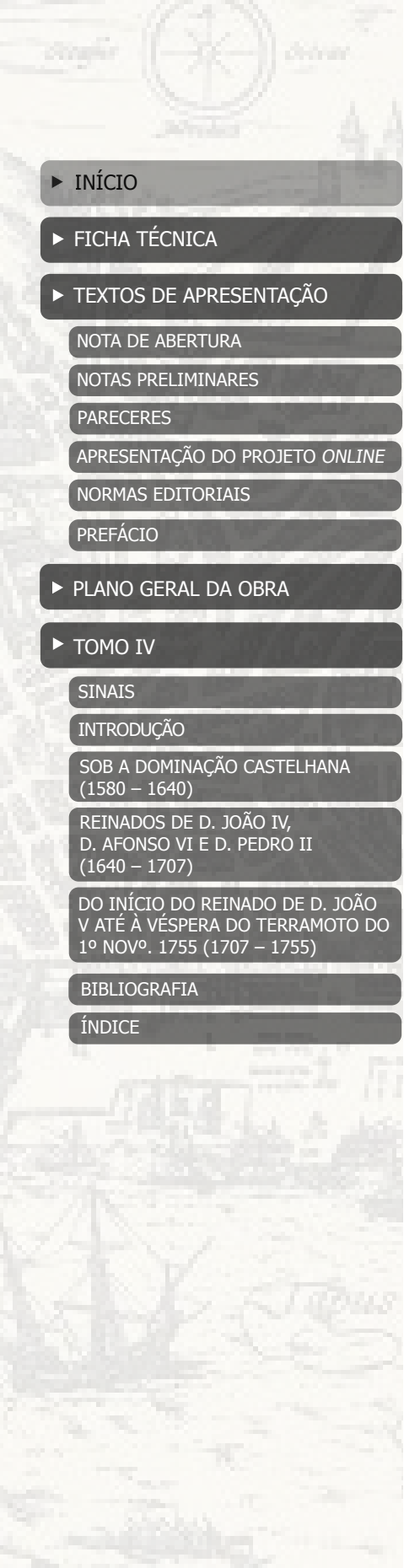
Constava de três altares ornados de excelentes pinturas do nosso insigne lisbonense Francisco Vieira. Tinha muitos e preciosos paramentos solenemente asseados, “e tais que puderam bastantemente suprir a indigência em que se viu a Santa Igreja Patriarcal no princípio da sua destruição e incêndio, estabelecendo-se aqui, por benigno consentimento dos excelentíssimos marqueses seus padroeiros, acharam os ministros da santa igreja cómodo e agasalho tão amplo, que os nossos maiores elogios não são bastantes para engrandecer a nobreza de ânimo e piedade com que ali fomos recebidos” (Castro, 1763: tomo III, 213-214).

Carvalho da Costa (1712: vol. III, 651) diz que a Ermida de São Joaquim e de Santa Ana ficava “mais adiante [do Mosteiro do Calvário] da banda da terra, com a porta para o nascente, a qual fundou a Marquiza de Fontes”.

**Bibliografia**

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. IGREJAS PAROQUIAIS

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ☪ **IGREJA DE SÃO TOMÉ (DO PENEDO) – 2ª**

**Século XVII [?]**

Em data que ignoramos (século XVII) foi o primitivo templo “reformado, adornado de cantaria lisa, só nos vãos, e forrado de azulejo” (Castilho, 1937: vol. VII, 125). Em 1755, ao tempo em que a freguesia contava duzentos e cinquenta fogos, o terramoto poupou esta igreja.

Em Outubro de 1837, a Câmara de Lisboa ofereceu de arrematação, a quem a quisesse, a demolição da dita igreja. As obras da demolição começaram em 2 de Abril de 1839, por um partido de homens da limpeza. Antes dessa data, e também por conta do município, tinham ido tirar o degrau de pedra da teia, as campas das sepulturas da capela-mor, e a madeira das sepulturas do corpo da igreja. Segundo Júlio de Castilho, a seguir referido, no Museu do Carmo, sob os números 619 a 623 do catálogo, guardam-se azulejos deste templo de São Tomé; e no Cartório da Associação dos Arqueólogos encontram-se arquivados muitos desenhos vários do templo, tomados por José Valentim, que ainda viu a igreja em 1839, com as paredes em tosco, apenas com alguns sarrafos onde dantes tinha pregada a talha, e por baixo forro de azulejos pintados de ornato (Castilho, 1937: vol. VII, 129).

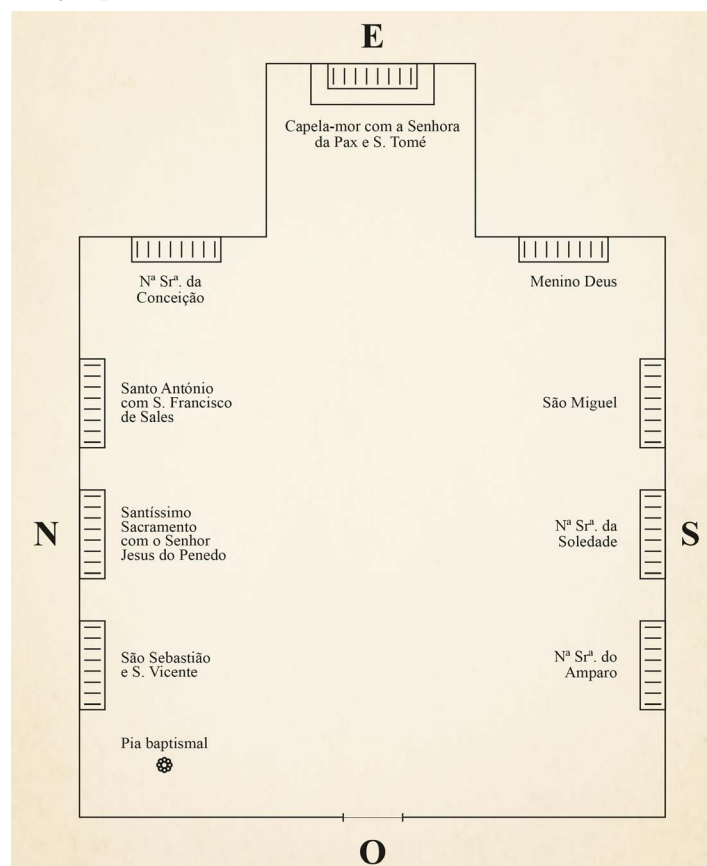


Figura 15 – Reconstituição da planta da igreja Paroquial de S. Tomé, ao tempo da sua demolição, segundo indicações de José Valentim de Freitas em 1834.  
Reprodução de Castilho (1937: vol. VII, 127).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O mesmo Júlio de Castilho (1937: vol. VII, 124 ss) dá-nos algumas informações suplementares:

“Ficava a matriz num largo de desigualíssimo nível, no começo ocidental da actual rua do infante D. Henrique (antiga rua de S. Tomé), defronte da portaria do carro do mosteiro das freiras do Salvador, portaria destruída em Janeiro deste ano de 1886, para alargamento da Rua das escolas Gerais” (Castilho, 1937: vol. VII, 124-125). “Esse largo a que me referi pouco acima, primeiro chamado de S. Tomé, hoje encorporado na denominação da Rua do Infante D. Henrique, é aquele taboleiro alto, gradeado, adiante da rua das Portas do Sol, a cavaleiro da travessa actual de S. Tomé, e em frente mesmo do beco do Funil” (Castilho, 1937: vol. VII, 129).

“As duas capelas que ficavam aos lados do arco da mor tinham seus arcos de pedra lisa; e o daquela também era liso, com bases iguais às dos dois vizinhos, mas com a imposta moldurada. A porta do baptistério, as janelas pequenas, e algumas grandes do corpo da igreja, as da capela-mor e as suas portas, também tinham pedraria lisa, que José Valentim julgava ter pertencido a uma reedificação total, pois não encontrou objecto algum que parecesse aproveitado da obra anterior.

Tinha S. Tomé três capelas por banda, duas colaterais, e a mor; porta principal ao poente, do lado da rua das portas do Sol, porta travessa ao sul, do lado da portaria do Salvador.

À mão esquerda de quem entrava, estava a pia baptismal. Passado o canto, na parede para o lado do castelo, via-se primeiro a capela de S. Sebastião, com a imagem dêste santo e a de S. Vicente;

depois a capela do Senhor Jesus do Penedo, servindo de Sacrário da Eucaristia;

depois a de Santo Antonio, com S. Francisco de Sales;

a colateral do lado do Evangelho, dedicada a Nossa Senhora da Conceição;

a capela-mor, com S. Tomé e a Senhora da Paz;

a colateral do lado da Epístola, dedicada ao Menino Deus;

a de S. Miguel;

a da Senhora da Soledade; e emfim

a da Senhora do Amparo, logo antes da porta travessa que dava para a banda do mosteiro do Salvador.

A frontaria, voltada ao poente, era singela e sem caracter: porta ao meio com ática; por cima dela três janelas em desigual altura, dando para o côro; a central sobrepujada de ática, com luneta em cima; a empena ponteguda coroada de cruz: à porta dois degraus, com dois marcos de pedra singelíssimos.

Conjecturava José Valentim, segundo li nos seus apontamentos autógrafos, que tivesse havido, depois da reconstrução referida, o plano de aumentar a igreja de S. Tomé, plano começado a executar, segundo parecia, mas não concluído. Os arcos das seis capelas do corpo do templo eram de mosaico sobre liós pardo, e os da capela do Menino Deus eram-nos igualmente, sobre mármore vermelho. Estes mosaicos melhores, quiz comprá-los não sei que inglês apreciador. O arco da capela-mor ficou o mesmo que estava, mas pintaram-no a fingir

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

mosaico, ao passo que tôda a mais pedraria não se pintou, mas se recobriu de madeira, assim como grande extensão das paredes, cobertas de talha e painéis.

O côro era a obra mais moderna, assim como a pintura dos tectos”. (Castilho, 1937: vol. VII, 125-128).

## Bibliografia

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. VII. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1937.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DO SOCORRO – 1ª

Século XVII [1646]

Desmembrada da freguesia de Santa Justa em 1596, no tempo do arcebispo D. Miguel de Castro. A nova paróquia foi instalada na Ermida de São Sebastião da Mouraria (que depois tomou o nome de Ermida de N.ª Sr.ª da Saúde), pertencente aos Artilheiros. Intitulou-se por isso inicialmente Paróquia de São Sebastião da Mouraria (vd. Castro, 1763: tomo III, 433).

Aumentando consideravelmente o número dos paroquianos, reconheceu-se que a Ermida era acanhada para igreja paroquial. Determinou-se assim construir um templo mais vasto, para o qual concorreram Agostinho Franco de Mesquita, e sua mulher Dona Ana da Cunha com o maior gasto. Estes dois beneméritos devotos, como não tinham filhos, deixaram todos os seus bens à Santa Casa da Misericórdia, com a administração da nova igreja e certos encargos para a fábrica e para os ornatos. Os dois padroeiros foram depois sepultados debaixo da capela-mor.

As obras da nova igreja ficaram concluídas em 1646. E em 29 de Setembro desse ano de 1646, foi nela colocado o Santíssimo Sacramento, vindo em solene procissão da referida Ermida de São Sebastião da Mouraria. Juntamente veio a Imagem de Nossa Senhora do Socorro, que deu nome ao novo templo e à Paróquia (Santa Maria, 1707: vol. I, 370-373).

Logo nos primeiros tempos tiveram os párocos predicamento de Curas; depois se intitularam Vigários. Os rendimentos chegavam no século XVIII a 600.000 réis. A Irmandade do Santíssimo administrava e apresentava seis capelas de missa quotidiana, três das quais rendiam 60.000 réis cada uma, e as outras três eram de 50.000 réis. A Irmandade das Almas, com a invocação de Santo André, apresentava dezasseis capelães de missa quotidiana com 50.000 réis de cõngrua. Havia mais nesta igreja duas capelas instituídas pelos padroeiros, apresentadas pela Mesa da Misericórdia deste cidade, com a cõngrua de 35.000 réis, e casas para morar o capelão junto à capela-mor da igreja, onde também estão casas para habitem três merceeiras com obrigação de ouvirem as ditas missas; e se lhes dá dinheiro a cada uma 14.400 réis, e se lhes assiste com médico e botica nas doenças. O Pároco tem casas com os ditos capelães, com obrigação de tomar conta da residência das merceeiras.

A igreja era de uma só nave, com a porta principal para o nascente, e outra para o Norte. Tinha as seguintes capelas: (1) a do Menino Jesus, e Santo Cristo; (2) a de Nossa Senhora do Socorro, que chama a Velha (imagem de vestidos, e de muitos milagres, a qual estava antigamente sobre o Sacrário), aonde está São Brás com São Vicente e Santa Luzia; (3) a de São Miguel com a Irmandade das Almas, aonde estão as imagens de São Pedro e Santo André; (4) a de Nossa Senhora da Conceição, aonde está a imagem de São João Baptista; (5) a de São José; (6) a de Santo António; (7) a de Santa Catarina; (8) e a Capela-mor, aonde os Irmãos do Senhor colocaram outra nova imagem da Senhora do Socorro, de excelente escultura e ricamente estofada; festeja-se esta Senhora a cinco de Agosto com grande dispêndio; e a Senhora

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

do Socorro, a Velha, festejam também algumas pessoas, pela grande devoção que têm com ela, e o fazem com muita grandeza, estando o Senhor exposto (Costa, 1712: Vol. III, 408).

Todas estas capelas têm bons ornamentos, muitas peças de prata, e cortinas de damasco carmesim com sanefas de veludo lavrado com franjas de ouro (Costa, 1712: vol. III, 409).

“No dia memorável do grande terramoto se arruinou, e ficou por terra a capela-mor, e o cruzeiro da igreja, como também as capelas do Santo Cristo, Nossa Senhora do Socorro a Velha, a de Santo António. E o mais que permaneceu em pé ficou sumamente estremecido e arruinado. Não morreram neste estrago mais que quatro pessoas, que foram o padre José Formão, capelão das almas, e três mulheres (Castro, 1763: tomo III, 435).

vd. Igreja Paroquial de NOSSA SENHORA DO SOCORRO – 2ª. Depois de 1755

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prègadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Século XVII [1652]

### 1. ANTECEDENTES

Tenha-se em conta a existência – no início do século XVII, ou mesmo já no século XVI – de uma Ermida dedicada a Nossa Senhora das Mercês, e de um Recolhimento de mulheres devotas, situada na esquina da Rua Formosa com a Travessa (agora chamada) das Mercês. O desembargador do Paço, Paulo de Carvalho, tio-bisavô do Marquês de Pombal, reedificou à sua custa a Ermida, e fê-la cabeça de um morgado que instituiu.

Depois, atendendo a que a Igreja Paroquial (que era Santa Catarina) ficava muito distante, e que tinham aumentado muito os fregueses, pediu ao Cabido Lisbonense que criasse uma freguesia nova, a das Mercês, assente na sua capela. O Cabido delineou-a em 1625 à custa da de Santa Catarina: a confraria de Santa Catarina, sentindo lesados os seus interesses, opôs-se rijamente. Até que, metendo-se de permeio a autoridade Real, as duas partes acederam.

### 2. CRIAÇÃO DA NOVA PARÓQUIA

A concessão que Paulo de Carvalho desejava foi feita em 26 de Outubro de 1652, sendo a escritura de separação da antiga matriz lançada nas notas do tabelião João Lobato de Almeida.

Os limites da freguesia de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Mercês partiam do canto da Rua Rosa das Partilhas, defronte da Bica de Duarte Belo, e continuando até à Ermida da Ascensão inclusivamente, e dali para o norte com a travessa de André Valente e com a outra de trás da dita ermida da Ascensão (travessa desaparecida), continuando com os Cardais de Baixo até ao Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição inclusivamente, e dali até à quinta da Cotovia, voltando para o Moinho de Vento até ao dito canto da Rua da Rosa das Partilhas, com todas as mais ruas interiores dentro desse circuito.

“Na rua Formosa havia uma antiga Ermida, com hum Recolhimento de mulheres virtuosas, & a Ermida era dedicada a nossa Senhora com o titulo das Mercês, (& aqui se diz estiveraõ algum tempo os Padres Mercenarios.) Com esta Santissima Imagem da Senhora teve muyta devoção do Desembargador do Paço Paulo de Carvalho, & por devoção da mesma Senhora, lhe reedificou elle à sua custa a mesma Ermida, fazendo-a cabeça de hum Morgado, que instituhio, & acabada ella com muyta grandeza, & perfeição, attendendo, a que a Igreja da Freguesia lhe ficava muyto distante, & que tinhaõ crescido muyto os freguezes, pedio ao Cabido Sede vacante, quizesse eregir aquella sua Igreja em huma nova Paroquia, em que veyo

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

o Reverendo Cabido, pela grande utilidade que resultava aos Paroquianos, em 26 de Outubro, do anno de 1652. cuja escritura se lançou nas notas do Tabaliaõ, Joaõ Lobato de Almeyda.”

“Ficou o desembargador Paulo de Carvalho com o Padroado da igreja, e com o privilégio de apresentar cura anual, coadjutor, e tesoureiro; e que sendo necessários mais coadjutores, sempre seriam da sua apresentação dos Padroeiros. Por morte do dito desembargador, sem filhos, entrou na administração daquela casa e morgado da Senhora das Mercês o seu sobrinho Sebastião de Carvalho e Melo”<sup>34</sup> (in Santa Maria, 1721: vol. VII, 91).

### 3. COMO ERA A IGREJA

“Quanto à configuração do templo, parece (a querermos dar inteiro crédito ao desenhador da vista holandesa de 1650) variava já então do que tinha sido. Aí se nos mostra uma frontaria em bico, uma portada, e duas janelas por cima. No alto da empena um olho de boi, ou mezarino. A Nascente uma construção que talvez indique tórre por concluir. Ao Poente outra torre sineira coroada de ameias ornamentais, e tendo uma só ventana a cada banda” (Castilho, 1955: vol. II, 311).

Frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuário Mariano*, descreve-nos a igreja:

“Está toda coberta de ricas pinturas, com fermosas e avultadas molduras de talha dourada, que assentam sobre um pano de rico azulejo. Tem cinco capelas. A primeira e a principal, [a capela-mor] ricamente adornada com um excelente retábulo moderno, e com uma airosa tribuna, tudo ricamente dourado. Na boca da tribuna sobre o Sacrário se vê a imagem da Senhora das Mercês, que é de excelente escultura de madeira, colocada sobre um trono de Serafins, é de grande proporção, porque tem alguns sete palmos [+/- metro e meio]. Tem a mão esquerda sobre o peito, e a direita estendida (...). É de grande fermosura, e com ela tem todos os seus paroquianos muita devoção.

As outras quatro capelas, que se vêem no corpo da igreja, que também são de excelente talha, feitas ao moderno. A primeira capela da parte da epístola é dedicada a Nossa Senhora da Ajuda: nela se vê colocada uma preciosa imagem desta Senhora, de grande estatura e de muito singular escultura, que tem sete palmos e tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deus, e ambas as imagens com preciosas coroas. Esta capela é muito majestosa. A segunda da mesma parte da epístola é dedicada à Conceição puríssima da Senhora. E a primeira da parte do evangelho é dedicada a Cristo Crucificado, aonde se vê uma devota imagem deste Senhor; a segunda é do Arcanjo São Miguel. Todas estas capelas estão ricamente douradas, e tudo está com grande asseio e perfeição” (cf. Santa Maria, 1721: vol. VII, 92)

<sup>34</sup> ou seja, o avô do primeiro Conde de Oeiras e primeiro Marquez de Pombal.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nesta igreja foi baptizado, em 6 de Junho de 1699, Sebastião José de Carvalho e Mello, futuro Marquês de Pombal. E ali estiveram depositados os seus ossos, até que em 1923 se fez a trasladação para a igreja da Memória.

#### 4. MUDANÇA DA SEDE PAROQUIAL

O Padroado da igreja ficou sempre pertencendo aos descendentes de herdeiros do desembargador Paulo de Carvalho, até 1833.

Pela extinção das Ordens Religiosas em 1834, foi por ordem superior transferida a paróquia para o Convento de Nossa Senhora de Jesus, que ficara vaga pela saída dos religiosos. A transferência foi feita com pompa e solenidade, indo as imagens em devota procissão no dia 26 de Outubro de 1835.

A antiga igreja continuou pertencendo aos Marqueses de Pombal, que sempre conservaram o culto divino. No recolhimento anexo à capela esteve em tempos a administração do antigo Bairro Alto; depois a Congregação das Irmãs Reparadoras; mais tarde, em Março de 1902, os Terceiros de São Francisco passaram a celebrar ali os actos religiosos, reformando a capela; no ano de 1907 saíram de lá os Terceiros. Em 1909, o recolhimento e a capela ficaram entregues a uns padres estrangeiros que fizeram muitos melhoramentos.

#### Bibliografia

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Primeira parte. O Bairro Alto*. 3ª edição revista e anotada por Gustavo Matos SEQUEIRA. Vol. II. Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa, 1955.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuario mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. VII. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1721.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 16 – Igreja de Nossa Senhora das Mercês em 1833 (in Pereira, 1927: 459)



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA

### Século XVII [1652-1654?]

Naquele local existia uma Ermida dedicada a São Sebastião, que era dos Carpinteiros da Rua das Arcas, a qual se supõe ter sido fundada nos primeiros tempos da monarquia.

Para junto daquela Ermida veio morar o Patriarca das Índias, D. João Bermudes, quando regressou a Portugal em 1559, durante a regência da rainha Dona Catarina, viúva de D. João III; o santo varão trouxera de Roma uma imagem da Senhora da Saúde, que deu à referida ermida. Mandou que o sepultassem nessa antiga ermida: o que sucedeu no ano de 1570. Quando depois se construiu a igreja paroquial, os seus ossos foram trasladados para o novo templo, por ordem de sua sobrinha Dona Filipa de Távora, a 16 de Outubro de 1653; ficaram (e permanecem) no cruzeiro da capela-mor da igreja, em sepultura rasa, tendo as suas armas esculpidas sobre a campa, e com a singela inscrição: Sepultura do Patriarca de Alexandria Dom João Bermudes.

Foi no reinado de D. João IV, estando a Diocese *sede vacante*, que se estabeleceu a paróquia, em 1652. É esta a informação do P. João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal* (1763: tomo III, 431. Todavia já é mencionada por Frei Nicolau de Oliveira no seu livro *Grandezas de Lisboa* (1620: 61); e A. Vieira da Silva opina que “foi criada talvez no ano 1601”, alegando que “o 1º registo que consta dos livros paroquiais é o dum baptismo, realizado em 18 de Novembro de 1601” (vd. 1943: nº36, 59). No entanto, não vem citada no alvará de 25 de Dezembro de 1608, que fez a distribuição das freguesias de Lisboa por 10 bairros. É portanto provável que tivesse sido criada entre os anos 1601 e 1620.

A igreja terá sido construída por volta de 1652-1654, junto da antiga ermida, à custa dos paroquianos, auxiliados com algumas esmolas do rei D. João IV. Para ele passaram os restos mortais de D. João Bermudes (como dissemos) em 1563; a imagem de Nossa Senhora da Saúde, atrás referida; e a imagem de São Sebastião, que é de pedra, e veio da ermida velha.

A igreja é de uma só nave, e está situada num sítio elevado, próximo das antigas portas da cidade e das entradas de Palhavã e das Laranjeiras. A fachada é voltada a poente, tendo à frente um adro com escadaria, por onde se entra para a porta principal, sobre a qual se vê um emblema de pedra, e mais acima duas janelas que deitam para o coro. Ao lado está a torre dos sinos. A igreja tem mais duas portas de entrada, uma para norte e outra para sul. A capela-mor é toda adornada de bonitos relevos de pedra, tendo sobre o altar a imagem de São Sebastião. Junto ao arco desta capela há dois altares colaterais, tendo o do lado do evangelho a imagem de Santa Rita de Cássia, imagem de muita devoção, que pertencia aos frades Grilos, e que veio para esta igreja em 1834; a do lado da epístola tem o Senhor Crucificado. No corpo da igreja, do lado do evangelho, está a capela do Santíssimo, muito espaçosa<sup>LIV</sup>; e fronteira outra capela com uma alta imagem de São José. A frente do coro e as colunas que o sustentam são embelezadas com elegantes ornatos de pedra. As paredes são revestidas de bons azulejos,

LIV A capela do Santíssimo foi construída entre 1811 e 1812, com risco do mestre Tomás Aquino. Em 1814 foi instalada no novo altar uma tela, figurando a *Última Ceia*, devida ao pintor Cirilo Volkmar Machado (1748- 1823) (Saldanha, 2010, 42-45).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

até certa altura; e na parte superior vêem-se quadros com ricas molduras douradas, havendo em cada um o seu santo com o martírio que sofreu<sup>LV</sup>.

O Pároco tinha predicamento de Vigário, apresentado pelo Arcebispo, e lhe rendia 350.000 réis. Existiam nesta igreja, no século XVIII, quatro Irmandades: a do Santíssimo, que apresentava três capelas (uma de 73.000 réis, e duas de 60.000 cada uma); a das Almas, que administrava e provia oito capelas (seis e 60.000 réis cada uma, e duas de 50.000); a de São Sebastião, que apresentava e provia uma capela de 50.000 réis; e a do Senhor Jesus da Via-Sacra, com seu depósito e oratório separado pouco mais abaixo da igreja. Possuía uma casa de despacho, das mais nobres que tinha Lisboa, com um precioso móvel de todos os paramentos preciosos para o culto divino.

Na igreja conserva-se ainda uma relíquia de São Sebastião, que veio de Roma: é um osso do santo mártir.

O terramoto de 1755 não causou dano algum à igreja. Assim, a igreja conserva-se ainda hoje como na primitiva, tendo sofrido apenas alguns reparos, devido a estragos causados pelo decorrer dos anos.

Entre as imagens que figuram actualmente na igreja mencionam-se:

- a de Nossa Senhora da Saúde, quinhentista, de roca, que pertencia à primitiva ermida de São Sebastião da Pedreira;

- a de Santa Rita de Cássia, que fazia parte do recheio do Hospício de Santa Rita, pertencente aos frades agostinhos.

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

OLIVEIRA, Frei Nicolau de – *Livro das Grandezas de Lisboa*. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1620. Versão fac-simile com prefácio de Francisco Santana e texto actualizado por Maria Helena BASTOS. Lisboa: Vega, 1991.

SILVA, Augusto Vieira da – *As freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1943.

LV Estas obras com cenas do martírio do orago, S. Sebastião, e autoria do pintor Jerónimo da Silva (1687-1753), são provavelmente procedentes da ermida de S. Sebastião da Padaria, da freguesia da Madalena, destruída pelo terramoto de 1755 (Saldanha, 2007: 113).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO, DA AMEIXOEIRA – 2ª

Século XVII [1664]

A memória desta igreja perde-se no tempo, por falta de documentos. Mas há a tradição de ter sido primitivamente edificada sobre os alicerces de uma velha igreja ou ermida do século VII (vd. Araújo e Lima, 1955: fasc. X, 77).

Já devia existir como ermida no tempo do rei D. Dinis (vd. Santa Maria, 1707: vol. I, 425).

“No lugar da Ameixoeira havia já no 2º quartel do século XVI, em 1539, uma ermida com a invocação de Nossa Senhora do Funchal da Ameixoeira, anexa à igreja de São João Baptista do Lumiar [e que era da apresentação das abadessas de Odivelas]. Esta invocação [do Funchal] ainda se conservava em 1580; e nos fins do mesmo século (1591) passou a denominar-se simplesmente igreja de Nossa Senhora da Encarnação, do lugar da Ameixoeira

(...) Por causa da distância a que se achavam da sua igreja paroquial do Lumiar, os fregueses residentes na Ameixoeira solicitaram e alcançaram a sua desanexação daquela freguesia, e a constituição duma paróquia privativa, com a sede na sua antiga ermida. A bula pontifícia de desanexação emanou do Papa Paulo III, em data de 4 de Abril de 1541, e a separação efectuou-se a 16 de Outubro do mesmo ano [1541], mediante pesadas e severas condições” (Silva, 1943: nº 45, 67)<sup>35</sup>.

A imagem milagrosa de Nossa Senhora antigamente se chamou do Funchal, “por se achar entre uns funchais, aonde conforme a tradição apareceu a um pastor perto do lugar em que se fundou a igreja” (Costa, 1712: vol. III, 639)<sup>36</sup>.

Em 1664 a igreja foi reedificada reconstruída ou ampliada. Dom Pedro, então regente, e D. Miguel de Portugal, conde de Vimioso (então Juiz da Confraria) concorreram muito para estas obras. Novas ampliações e restauros em 1682-1685, construindo-se então a actual capela-mor.

<sup>35</sup> Vd. infra o anexo sobre a constituição de uma paróquia privativa.

<sup>36</sup> Vd. infra o anexo sobre a imagem de Nossa Senhora da Encarnação da Ameixoeira.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Os painéis que adornam a igreja são de Bento Coelho da Silveira, um dos nossos melhores pintores do século XVII. A capela-mor foi feita a expensas do referido D. Pedro II, em 1681 (Leal, 1873: vol. I, 195-197)<sup>LVI</sup>.

Na igreja existiam nos meados do século XVIII três Irmandades: a do Santíssimo, com muitas indulgências; a da Senhora do Rosário, incorporada na do Santíssimo; e a das Almas (Castro, 1763: tomo III, 448).

O pároco, até ao ano de 1726, teve o título de cura; em 1763 era colado no título de reitor, apresentado pela Mesa da Confraria da Senhora, e lhe renderia 100.000 réis (Castro, 1763: tomo III, 448).

Sofreu parcial ruína no terramoto de 1755, caindo a frontaria e o coro, e fendendo-se as paredes; os restauros demoraram até 1760.

LVI A capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Encarnação da Ameixoeira é outro exemplo da voga tardo-seiscentista dos interiores eclesiais com decoração integral de talha e pintura que caracterizaram o primeiro barroco português. A qualidade da intervenção realizada entre 1682 e 1685 explica-se pelo envolvimento do regente D. Pedro e do sétimo conde de Vimioso, como Felicidade Alves aponta, mas há também a registar o patrocínio do secretário de Estado Mendo de Fóios Pereira e do desembargador Gonçalo Mendes de Brito. Foi este último que custeou o retábulo do altar-mor, encomendado ao mestre entalhador Manuel Álvares, que foi também o autor da talha do arco-cruzeiro e das molduras das pinturas dispostas nas paredes laterais. Em 1697 continuava a obra, com o douramento dos trechos em talha, e, em 1702, pintava-se o tecto da capela-mor com motivos de brutesco e medalhão central com uma Anunciação, creditados aos pintores António da Serra, Caetano de Almeida, Manuel do Monte e Manuel Dias. Telas de Bento Coelho da Silveira e Pedro Alexandrino (Ferreira, 2009: 337-339).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO A

### SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE UMA PARÓQUIA PRIVATIVA

“Antigamente [esta igreja] era anexa à freguesia de São João do Lumiar, que é da apresentação das Abadessas de Odivelas (...).

Não se deram por satisfeitos os moradores da Ameixoeira, de que a igreja que eles haviam reedificado fôsse anexa e subordinada à de São João do Lumiar: e assim alcançaram da Sé Apostólica um Breve (que guardam no seu arquivo), por onde fazia isenta aquela igreja da sugestão da do Lumiar; concedendo-lhe o privilégio de apresentarem o Pároco, que é o cura daquela igreja; porque não só a expensas próprias levantaram a igreja, mas a fabricaram de tudo o que lhe é necessário, e pagam ao Cura, e acodem a tudo o mais do culto e serviço da Senhora. (Santa Maria, 1707: vol. I, 425).

## ANEXO B

### SOBRE A “MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO DA AMEIXOEIRA”

“... É esta Santa Imagem tão antiga, que se não sabe o tempo do seu aparecimento, nem as circunstâncias; e só consta por uma continuada tradição, que aparecera esta Santa Imagem, não muito distante do lugar aonde se lhe edificou a Igreja, em que hoje é venerada; este lugar se vê dentro de uma quinta, que fica junto, e possui Desembargador Miguel Nunes de Mesquita; era esta antigamente campo, ou matos, como eram quase todas as fazendas e quintas que por aquele distrito se vêm hoje enobrecidas com grandes e excelentes casas; e tudo faria a vizinhança da Senhora da Encarnação.

Apareceu entre uns funchais, e por esta causa a invocaram em seus privilégios Nossa Senhora do Funchal; e com este título foi buscada e venerada por muitos anos. Depois lhe deram o título da Encarnação: e também se não sabe a causa por que se impôs este fermoso título; crê-se que vindo de algum Prelado a visitar aquela Igreja, achando que o título do Funchal não era mui próprio, que com esta consideração mandara se invocasse com o título da Encarnação.

Também se ignora a quem apareceu; poderia ser a algum simples pastorinho, ou pastorinha, porque muitas vezes achamos que estes, por cândidos em suas almas, foram dignos de lograr semelhantes favores.

Com o título pois da Encarnação invocam a Senhora os seus devotos, que de várias partes concorrem a venerá-la em aquela Casa e em todos os trabalhos e enfermidades que padecem acham na sua piedade remédio e alívio, como o testemunham muitas memórias, que pendem nas paredes da sua Casa, assim de quadros e mortalhas, como de vários sinais

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de cera, pernas, braços e cabeças. E, se o descuido dos que lhe assistem não fora tão grande, para fazerem memória das muitas maravilhas e milagres que tem obrado; e se não estivera tão distante da cidade, sem dúvida fora servida ainda com muito maior culto e devoção.

Está colocada esta Santa Imagem em o Altar-mayor, em uma tribuna de talha; a igreja é grande, e fermosa, antigamente era anexa à Freguesia de São João do Lumiar. (...)

A Senhora tem cinco palmos de estatura; é de vestidos, e está com as mãos levantadas. Isto é o que podemos alcançar, indo à Casa da Senhora”. (Santa Maria, 1707: vol. 423-425).

## Bibliografia

ARAÚJO, Norberto de e LIMA, Durval Pires – *Inventário de Lisboa*. Fascículo 10. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1955.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

LEAL, Augusto S. A. B. de Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*. Vol. I. Lisboa: Livraria Editora de Matos Moreira & Co., 1873.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707

SILVA, Augusto Vieira da – *As freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1943.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO – 1ª

Século XVII [1667] → † 1671

Foi inicialmente criada a paróquia, com o nome de “Trindade”, na 1ª capela da Igreja do Convento da Trindade, à direita de quem entrava na igreja, no ano de 1584, por iniciativa do Arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida. Era constituída por parte das freguesias de São Nicolau e dos Mártires, cuja população havia enormemente aumentado.

Em 1164 deram-se umas discórdias entre os Religiosos e os Irmãos do Santíssimo da paróquia, de que resultou recolher-se a Irmandade na igreja do Recolhimento das Convertidas, situado na Rua da Horta Seca; os baptismos faziam-se na paroquial dos Mártires, com licença do Cabido (vd. Conceição, 1750: 217, nº 267). Aqui estiveram pouco tempo.

A 21 de Abril de 1666 passaram para uma pequena capela a modo de ermida, que se construiu e se benzeu, celebrando-se ali a primeira missa, recebendo a capela o título de Santíssimo Sacramento.

Havia-se entretanto dado princípio a uma nova igreja, para servir de paróquia, no sítio fronteiro ao Palácio do Marquez de Arronches, correspondente ao ângulo sul das actuais Travessa do Carmo e Largo Bordalo Pinheiro, que ao tempo não existiam, tendo-se lançado a primeira pedra nos alicerces a 26 de Novembro de 1667.

Estando as obras já muito adiantadas, foi o edifício demolido, por embargos do referido fidalgo.

Vd. Igreja paroquial do SANTÍSSIMO SACRAMENTO – 2ª 1667

### Bibliografia

CONCEIÇÃO, Fr. Apolinário da – *Demonstração histórica da primeira, e real paróquia de Lisboa de que he singular patrona, e titular N. S. dos Martyres*. Lisboa: Oficina de Ignacio Rodrigues, 1750.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO – 2ª

Século XVII [1671] → † 1755

Vimos em notícia anterior sobre a igreja paroquial do Santíssimo Sacramento, como a sua sede percorreu diversos lugares, até se lançar a 1ª pedra da igreja, em 26 de Novembro de 1667. E, estando já feita uma grande parte da igreja, foi demolida por mandado do Marquez de Arronches, que dizia lhe impedia a vista das suas casas.

Então, o Conde de Valadares, senhor dos Chãos da actual Calçada do Sacramento, onde tinha o seu palácio, cedeu um terreno mesmo defronte do seu palácio.

Logo se começou a edificar a nova igreja no ano de 1671. e se concluiu no ano de 1685, no Domingo da Quinquagésima, vindo neste dia o Santíssimo Sacramento em solene procissão da Igreja do Carmo, onde esteve quarenta dias, enquanto se cobriu a Igreja, sendo pároco Manuel da Costa.

A igreja era de uma só nave, com a porta principal para o Nascente, e outra travessa para o Sul. Tinha sete capelas, além da capela-mor. A capela colateral da parte do evangelho era de São Francisco, com sua Confraria de devotos; à qual se seguia desta parte a capela de Nossa Senhora da Conceição, com Irmandade dos Soldados da Ordenança, que veio para esta igreja dos Cardais; e a capela de Santa Caterina, junto à porta da travessa, que tem Confraria de devotos. A outra capela colateral da parte da epístola era de Santo António, à qual se seguiam a de Jesus-Maria-José, ambas com Confrarias de devotos; a de São Miguel com Irmandade das Almas; a capela do Santo Cristo com Nossa Senhora da Piedade em sua tribuna, que ficava em correspondência da porta travessa, à qual algumas pessoas lhe faziam festa por sua devoção.

Tinha esta paróquia no início do século XVIII, um Cura, apresentado pelos Arcebispos, e um Tesoureiro, que apresentavam alternativamente o Pároco e os Irmãos do Santíssimo. O curado renderia 300.000 réis, e a Tesouraria mais de 120.000. Tinha quatro capelães, que a Irmandade do Senhor apresentava, dois das Almas e dois mais de Santa Catarina. Estas quatro capelas são de 400.000 réis (Costa, 1712: vol. III, 458).

Sobre os arruamentos abrangidos, veja-se minuciosa notícia na referida *Corografia* (Costa, 1712: vol. III, 459).

O terramoto de 1755 arruinou totalmente a igreja. “Padeceu esta igreja uma total derrota; porque o templo se arruinou, sepultando 75 pessoas, e todo o móvel da igreja se reduziu a cinzas, reputando-se a sua perda em mais de 200.000 cruzados, pois só escapou a sagrada píxide com o Santíssimo Sacramento. Com o susto deste lastimoso sucesso, passou logo o pároco o Sacramento para a Ermida de N.ª Sr.ª da Conceição dos Catecúmenos, refugiada e erecta no Telheiro de Águas Livres, onde esteve três meses. Depois se mudou para o Mosteiro das Religiosas Trinas ao Rato, mas permaneceu até se transferir para a nova acomodação, que se fez mística à mesma igreja” (Castro, 1763: tomo III, 408).

Vd. Igreja paroquial do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, 3ª. Depois do terramoto

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO CRISTÓVÃO – 3ª

Século XVII [c. 1671-1672]

A igreja de São Cristóvão chamava-se primitivamente Igreja de Santa Maria de Alcamim. E já existia no tempo de D. Afonso II ou D. Sancho. Passou a chamar-se de São Cristóvão nos finais do século XIII ou princípios do século XIV.

Foi reedificada no 1º quartel do século XVI, por ter sido totalmente destruído o existente, devido a um incêndio. Foi restaurado em 1610.

Foi remodelada no século XVII, concluídas as obras em 1671 ou 1672<sup>LVII</sup>. Em virtude dessa grande remodelação, foi alterada a feição primitiva da igreja, aproveitando as grossas paredes do corpo central, com mais de 2 metros de espessura, e as nervuras das abóbadas da capela-mor.

Pouco tempo antes do terramoto, sofreu um incêndio; mas o prejuízo então foi pequeno.

Com o terramoto também pouco sofreu, sendo os estragos mais nas torres. Foi um dos poucos monumentos do século XVII da região central de Lisboa que resistiu ao sismo. Os poucos estragos foram prontamente reparados.

Como a antiga igreja paroquial de São Mamede, que estava situada onde existe a Calçada do Conde de Penafiel, ficasse completamente em ruínas com o dito terramoto, e nunca mais se reconstruísse, passou parte da freguesia para a de São Cristóvão.

Até 1834 houve Colegiada, composta de 5 beneficiados com 100.000 réis cada um, prior, coadjutor e tesoureiro, e várias capelanias administradas por devotos.

<sup>LVII</sup> A igreja, que pouco sofreu com o terramoto de 1755, apresenta intacto o arranjo dado por esta reforma do século XVII. Do edifício medieval conserva-se o panteão tardo-gótico dos Miranda [entre eles de D. Fernando de Miranda, capelão-mor de D. Afonso V e bispo de Viseu († 1505)] e um cálice de prata dourada, também gótico, com as armas daquela família de patronos; outros vestígios anteriores à campanha seiscentista resumem-se a restos de revestimentos azulejares e algumas tábuas maneiristas. A obra, que decorreu entre 1666 e 1685, teve a direcção do padre-arquitecto João Duarte; em 1671 estava pronta a nova capela-mor, realizada pelo pedreiro Vicente Ribeiro; em 1678 passava-se à sacristia, lageada com mármore policromos, enriquecida com lavatório também marmóreo e arcaz. O padre-arquitecto desenhou ainda o retábulo do altar-mor, um exemplo precoce do “estilo nacional”, contratado com o mestre entalhador Manuel João da Fonseca e terminado em 1681. Uma profusa decoração pictórica completa um programa artístico de rara coerência formal nas igrejas de Lisboa. Além da pintura do tecto da nave, distribuída em caixotões e tributável aos pintores Ferreira de Araújo, realizada cerca de 1680, conta-se um assinalável conjunto de telas, vinte e duas das quais pintadas pelo mais importante e operoso pintor da época, Bento Coelho da Silveira. Duas telas suas, de grandes dimensões e com temas eucarísticos, dispõem-se nas ilhargas da capela-mor, iconografia adequada à propriedade daqueles espaços – a Irmandade do Santíssimo Sacramento. As restantes obras de Bento Coelho detêm-se na hagiografia do orago, S. Cristóvão, nos Doutores da Igreja, em Santo António e em São Francisco e nos santos jesuítas. No Museu Nacional de Arte Antiga guardam-se seis tábuas do retábulo quinhentista, onde se tem querido entrever a continuidade oficial da arte do pintor Garcia Fernandes. (Serrão, 1990-1998).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Depois de 1839 foi reedificada

Vd. Igreja paroquial de SÃO CRISTÓVÃO – 4ª 1839

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol.V, tomo 1. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1973, pp. 90-93.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dictionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. VI. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1912, p. 672.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO BARTOLOMEU DA CHARNECA

Século XVII [1685]. reparações: 1725. Grandes restauros: 1946

A Paróquia de São Bartolomeu da Charneca remonta pelo menos a 1585: o que leva a crer que já então existisse alguma igreja ou ermida naquele sítio, na qual a paróquia tivesse a sua sede. Mas está em aberto investigar os elementos documentais que o comprovem. Antes de 1585 o lugar pertencia à freguesia de São João Baptista do Lumiar.

A igreja paroquial actualmente subsistente é substancialmente uma construção de 1685. Dessa época restam várias peças. Nomeadamente:

- A sua nave única, revestida até à cimalha real de um enxadrezado de azulejo verde sobre branco;

- O perfil da sua frontaria e torre;

- As duas capelas do topo da nave, de talha;

- Na capela lateral (inteiramente reparada no ano de 1946, e então dedicada a N.ª Senhora de Fátima), um silhar de azulejos de tapete, policromos aproveitados de uma dependência;

- A teia, de madeira do Brasil, graciosamente trabalhada e com remate de pilastras barrocas de mármore vermelho;

- Duas imagens antigas no altar-mor, de tamanho natural, figurando São Pedro e São Bartolomeu;

- A imagem de Nossa Senhora com o Menino, na Sacristia, bom trabalho de talha, estofada e dourada;

- Duas pinturas em tábuas, presumivelmente do século XVI, uma delas representando o Martírio de São Bartolomeu;

- Na capela lateral do lado do evangelho, há várias sepulturas rasas; uma delas, de letra gótica, será de proveniência estranha ao templo.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 17 –Igreja Paroquial de São Bartolomeu da Charneca (in Araújo e Lima, 1956: fasc. XI, 40)

Parece que a igreja sofre obras na 1ª metade do século XVIII. Pelo menos há nela uma capela lateral, actualmente dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, mas que era a antiga Capela do Santíssimo, que é datada de 1725 Esta capela tem dois painéis de azulejos, azuis e brancos, feitura do ceramista espanhol Gabriel del Barco. Os seus temas são: “O Senhor no Horto” e “Cristo no Pretório”.

Também é do século XVIII o altar-mor com frontal de madeira pintada, imitando pedra, com trono.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Depois da proclamação da república, esta igreja foi assaltada e profanada, datando dessa época as destruições que arruinaram a capela do Santíssimo, que era toda de talha, e os desacatos praticados contra as melhores alfaías da igreja.

Grandes restauros em 1946.

## Bibliografia

ARAÚJO, Norberto de e LIMA, Durval Pires – *Inventário de Lisboa*. Livro XI. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1956, pp. 40-43.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO – “CONCEIÇÃO NOVA” – 1ª

Século XVII [1699] → † 1755

Extraímos do *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1721: vol. VII, 40-43) esta notícia sobre a paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Rua Nova dos Ferros, por a acharmos cheia de pitoresco:

1. É de saber que a Casa de Nossa Senhora da Conceição das Freiras da Ordem de Cristo a fundou El Rei Dom Manoel: porque, desfazendo-se por seu mandado a Ermida de Nossa Senhora do Restelo, para edifício daquele magnífico Convento e sumptuosíssimo Templo de Belém, a que deu princípio no ano de 1497, para que a Ordem de Cristo (a quem ela pertencia, por lha haver dado o Infante Dom Henrique como Mestre que era dela) não ficasse defraudada, lhe mandou edificar, ou reedificar, a que havia sido Sinagoga dos Judeus, que se dedicou ao mistério da Conceição puríssima da Senhora, depois que a mandou purificar ou benzer; porque a Senhora do Restelo ficou no Convento de Belém, onde no presente se venera. Desta mesma igreja fez o sereníssimo Rei Dom Manoel, Capela Real, ou porque os Reis eram Mestres da Ordem, ou por mais a engrandecer (Santa Maria, 1721: vol. VII, 40-41).

2. Sendo Arcebispo de Lisboa o Cardeal Dom Henrique, vendo que as freguesias se haviam aumentado muito em fregueses, dispôs que se erigissem outras de novo em Ermidas que não fossem curadas, para assim se administrarem os Sacramentos com mais prontidão aos fregueses enfermos, tirando alguns fregueses à Paróquia de Santa Maria Magdalena, e outros à de São Julião. E assim erigiu a Casa da Senhora da Conceição – ou Paróquia de Nossa Senhora da Conceição – com a concordância dos Freires. E com o seu sobrinho El Rei Dom Sebastião, que era o Mestre da Ordem, fez um contrato, em que os Curas daquela nova Paróquia seriam nomeados por ele Arcebispo e confirmados pelo tribunal da Mesa da Consciência, onde aquela Igreja dos Freires pertencia, e onde a Paróquia se incorporava (Santa Maria, 1721: vol. VII, 41).

O decreto da criação desta Paróquia é de 16 de Janeiro de 1568.

3. Alguns tempos se conservou este modo de governo pacificamente. Mas, como o demónio seja inimigo da paz e da concórdia, tudo alterou e tudo desuniu. Porque começaram assim o Vigário dos Freires, e os mesmos Freires, a perturbar tudo (e não sei se entrou também aqui o demónio da ambição, que hoje faz ao mundo tão cruel guerra), que assim os fregueses e o Cura, todos tinham motivos de sentimento e de queixa. Recorriam aos ilustríssimos Arcebispos, e estes ao tribunal da Mesa da Consciência: e assim, se se parava por algum tempo a desunião, não durava muito a paz. Começaram os Padres Freires, e o seu reverendo Vigário, a tratar tão mal os fregueses e Irmãos do Santíssimo Sacramento, com uns termos tão alheios da Caridade; e, ou fosse porque eles se lhe não submetiam a tudo quanto eles queriam, ou porque lhe não obedeciam a quanto mandavam, destas moléstias se queixavam

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

aos Arcebispos, e eles reconhecendo as vexações e injustiças que se faziam às suas ovelhas, e que os Freires por isentos da sua jurisdição não temiam a sua espada, procuravam quanto podiam compor e remediar tudo. Também os Irmãos, e fregueses, por obrigar aos Freires, faziam muitas despesas, que lhes não tocavam; porque gastaram naquela igreja mais de 60.000 cruzados, porque reedificaram a Igreja *quasi a fundamentis*, adornaram-na de ricas pinturas, mas nada bastou para que aqueles senhores Freires fizessem àqueles seus hóspedes o agasalho e o acolhimento que eles lhes mereciam, porque cada vez mais cresciam as queixas e os motivos de sentimento, e também os requerimentos que se faziam à Mesa da Consciência, assim contra os Arcebispos como contra os Fregueses. E assim se viam o Pastor e as ovelhas perturbados, porque os lobos infernais incitavam aos Freires a causar aquela guerra com algumas aparentes desconfiças com que o inferno os sugeria (Santa Maria, 1721: vol. VII, 41-42).

4. Tanto cresceram as queixas dos Fregueses, e Irmãos do Santíssimo Sacramento, que com tanta liberalidade e fervor serviam ao Senhor e cuidavam do seu divino culto, que vendo o Eminentíssimo Cardeal Dom Luís de Sousa, Arcebispo de Lisboa a vexação de suas ovelhas e a pouca caridade dos Freires, se resolveu no ano de 1682, mudar de Paróquia e tirar da Igreja dos Freires o Santíssimo Sacramento, como fez, mudando-o para a Igreja de Nossa Senhora da Vitória na Caldeiraria, anexa à Paróquia de São Nicolau por entretanto, e também para ver se os Freires, faltando-lhes os grandes emolumentos, que tinham em a liberalidade de tão generosos Irmãos do Senhor Sacramentado, e os fregueses se acomodavam. Porém, nada aproveitou (Santa Maria, 1721: vol. VII, 42).

Esteve o Senhor na Igreja da Vitória 16 para 17 anos; e em todos eles se trabalhou por se ajustarem as dúvidas, em forma que se não faltasse, nem ao respeito que se devia aos Arcebispos, nem também aos fregueses, e Irmãos do Senhor, que com tanto zelo despendiam naquela Igreja a sua fazenda. E como se não tivesse esperança alguma de paz e concórdia, que muito se desejava; porque a Mesa da Consciência por parte de El-Rei não se ajustava com o Arcebispo... à vista destas demoras tão nocivas ao bem espiritual das almas, recorreram os fregueses ao Arcebispo, expondo-lhe a muita necessidade que se padecia no espiritual em o serviço da freguesia, e o detrimento grande que padeciam os enfermos, pela grande distância do lugar de donde se lhe haviam de administrar os sacramentos; e que assim fosse servido de lhe dar licença para edificarem uma igreja para sua Paróquia, em sítio donde se pudesse acudir dela aos fregueses com mais diligência e suavidade. E como tiveram o seu consentimento, lhe pediram lhe mandasse passar provisão, para com ela suplicarem também as licenças reais. E assim conseguiram tudo (...) (Santa Maria, 1721: vol. VII, 42-43).

5. Alcançadas as licenças reais com as do Arcebispo o Cardeal Dom Luís de Sousa, Capelão-mor do rei D. Pedro II, em 28 de Fevereiro do ano de 1697, elegeu-se o sítio da Rua Nova dos Ferros, ou dos Mercadores, aonde dispondo as coisas para a função da primeira pedra fundamental daquele precioso templo, se assentou o dia que foi o de 15 de Junho do seguinte ano de 1698; e nele se lançou a primeira pedra do alicerce para a nova Igreja dedicada à rainha dos Anjos, com o título de sua Conceição Puríssima. A qual pedra, por comissão do Arcebispo Dom Luís de Sousa, benzeu e lançou o Bispo de Bona, Dom Fr. Pedro de Foios (Santa Maria, 1721: vol. VII, 43).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Costa (1712: vol. III, 450), ao relatar a fundação da igreja no ano de 1698, dá alguns pormenores com interesse. Diz que foi fundada “com esmolas dos fregueses e de alguns devotos da Senhora, que estando muito enfermos e bebendo água da sua milagrosa fonte, logo recuperaram a saúde perdida”.

Governava a Igreja de Deus o Santo Pontífice Inocêncio XII. Tudo isto constava nos padrões feitos em pergaminho, com as armas do mesmo Arcebispo Cardeal, que ficaram guardadas no Arquivo da Paróquia.

No alicerce do arco cruzeiro se lançou a pedra com uma chapa de prata em que se declarava o dia, o ano, o Pontífice Romano, que presidia à Igreja, o Rei de Portugal, e o Arcebispo Diocesano. E neste dia se viu um grande prodígio: e foi que, quando se lançou aquela primeira pedra, se achou no alicerce uma cruz de metal, a qual tinha de uma parte a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Com cuja vista se alegraram todos, reconhecendo neste prodigioso achado, que a Senhora da Conceição aceitava e aprovava aquela dedicação e eleição de tão formoso título (Santa Maria, 1721: vol. VII, 44).

6. No meio da área da nova Igreja, que se edificava, se levantou uma pequena Capela, ou Ermida, para que servisse enquanto se fazia a grande, para dela se acudir com mais pronta diligência às necessidades espirituais dos fregueses. E esta se benzeu em 22 de Agosto do ano de 1699. E foi fazer também esta função o mesmo Bispo de Bona, por comissão do mesmo Arcebispo Cardeal. E nesta ocasião se benzeu também a cruz e imagem de Nossa Senhora da Conceição, que se achou no alicerce do arco cruzeiro. Esta Cruz com a Imagem guardou-se com veneração [não sabemos até quando]. E no dia seguinte, 23 de Agosto de 1699, disse-se a primeira Missa na nova capela (Santa Maria, 1721: vol. VII, 44).

7. Ordenou então o Cardeal Arcebispo D. Luís de Sousa que para essa capela se transferisse o Santíssimo Sacramento, da Ermida de Nossa Senhora da Vitória. E em 13 de Setembro [de 1699], se fez a mudança do Santíssimo Sacramento, da Igreja da Vitória para esta referida que se levantou no meio da nova. O que se fez com uma muito solene procissão, e nela trouxe o Senhor o mesmo Cardeal, acompanhando-o o Cabido, e todo o clero da Cidade, obrigando-o a isso o mesmo Cardeal com uma Pastoral que mandou fixar nas igrejas e publicar nas paróquias (Santa Maria, 1721: vol. VII, 44-45)

8. A Imagem da Senhora da Conceição, que é de preciosa escultura de madeira, foi feita pelo escultor Manoel Machado, e foi estofada por Amaro Pinheiro e depois a mandaram pôr ocultamente na Sé, aonde o Arcebispo Cardeal a mandava benzer pelo seu Bispo Coadjutor. E querendo ele fazê-lo, se moveu uma questão entre o Bispo e os Cónegos, e assim se suspendeu o efeito. Recorrendo o Bispo ao cardeal para saber o que resolvia, acudiu também um dos Irmãos da freguesia e disse ao Prelado: Senhor, esta questão é obra do demónio. Amanhã, em todo o caso, há de ir a Senhora para a sua nova igreja, lá se poderá benzer por quem V. Ilustríssima o ordenar. Ao que o Prelado, como tão prudente, disse: Vá a imagem da Senhora, e lá a mandem benzer pelo seu Cura. Como se fez. E assim no dia de Santo André, 30 de Novembro de 1699, foi levada a Senhora em procissão, acompanhada da Comunidade

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de São Francisco da Cidade; e na sua mesma Igreja a benzeu o Cura dela, e logo foi colocada em um majestoso trono. Tem sete palmos [=154cm] de estatura, e a peanha 3 [=66cm]. Está com as mãos levantadas, e rosto elevado alguma coisa inclinada à parte esquerda; é de soberana escultura, e mostra grande majestade. Logo que foi colocada, começou a obrar muitos milagres e maravilhas, como o testemunhavam (já em 1712) vinte quadros que se viam sobre a porta pela parte de dentro. (Santa Maria, 1721: vol. VII, 45).

9. A construção desta igreja foi feita à custa dos Irmãos do Senhor. Nela se terão gasto, até ao ano de 1712, alguns 60.000 cruzados. A área desta igreja custou (por serem muitas casas que se derrubaram, de morgados e capelas) mais de 50.000 cruzados. E como nesse ano de 1712 ainda estava muito por fazer, tem-se orçado o custo desta obra em muito mais de 200.000 cruzados: só o frontispício está avaliado em 20.000 cruzados. (Santa Maria, 1721: vol. VII, 45-46).

As obras só foram concluídas em 1730. Erguia-se então na Rua Nova dos Ferros, no próprio leito da actual Rua da Prata, á altura do segundo quarteirão, ocupando cerca de metade do troço compreendido entre a Rua do Comércio e a rua de Julião.

10. A igreja era de uma só nave, toda de pedra lavrada e embutida, com a porta para o sul; tinha um bom frontispício com duas torres, tudo em igual correspondência (Costa, 1712: vol. III, 450).

O Pároco até ao ano de 1754 teve o predicamento de Cura amovível; o Cardeal Patriarca D. Tomás de Almeida, conferindo a dita igreja como Prelado Donatário em o seu gentil-homem eclesiástico Braz Joseph Rebello Leite, o colou com o título de Reitor. A este Reitor rendia-lhe a paróquia 350 mil réis. Ao Cura, com sua capela e mais benesses, renderia nessa época uns 140 mil réis. Tinha um Tesoureiro, apresentado pela Mesa da do Santíssimo, sem recorrer ao Prelado, e levava a terça parte das ofertas por costume assim introduzido (Castro, 1763: tomo III, 249).

Havia nesta igreja 12 capelães com obrigação de coro, cujas capelas se levavam por concurso, e eram providos nelas, os que tinham melhor voz e ciência de canto chão. Quem administrava estas capelas era a Mesa do Santíssimo, que dava a cada capelão 80 mil réis (excepto um, que tinha 100). Havia mais um Ajudante do Coro, com 30 mil réis. A Irmandade do Santíssimo tinha 9 capelães com diversa cõngrua (4 a 60\$000 réis, 3 a 50.000, 1 a 55\$000, e outro a 30\$000). A Irmandade das Almas tinha 15 capelães com 50\$000 réis cada um. E mais três Irmandades, uma de Santa Ana, outra de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rosário erecta no ano de 1715, com um capelão de 80\$000 réis, e outra de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> Mãe dos Homens com seu capelão de 60\$000 réis (Castro, 1763: tomo III, 249).

11. O Padre J. Baptista de Castro (Castro, 1763: tomo III, 250-251) estava bem informado do que aconteceu no trágico dia 1 de Novembro de 1755:

“Neste estado se conservava esta Paróquia, quando sucedendo o grande terramoto, o Coro se abateu, e a frontaria da igreja algum tanto se abriu pelo meio de entre as duas torres, ficando tudo o mais em pé, com a perda porém de 76 pessoas que ali morreram.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Havia o cura Joseph Frazão pouco antes saído com o Santíssimo debaixo do palio, como é costume, para dar o sagrado Viático a um enfermo que habitou na Rua da Tinturaria; e suportando com grande susto a violência daquele fatal fenómeno, vendo-se exposto ao urgente risco de vida no meio de ruas estreitas, cujos edifícios ameaçavam manifestas ruínas com os amiudados tremores de terra, não podendo voltar para a sua igreja com o receio do perigo, se conduziu como pode para o Terreiro do Paço.

Ali mal acomodado, mas com a assistência de 25 Irmãos do Santíssimo, que sempre o acompanharam zelosos, sacramentou mais de 400 pessoas que já em turbas desordenadas e em tristes clamores tinham vindo buscar o desafoço daquela praça para evitar os estragos, em que viam perecer os amigos e parentes. Informado, porém, que sobre a primeira aflição padeciam os moradores a violência do fogo, que já sem haver quem o atalhasse ia abraçando toda a freguesia, determinou procurar o abrigo da Igreja dos Cónegos Seculares de S. João Evangelista, chamada vulgarmente o Beato António, que fica na distância de meia légua pela marinha acima, onde com o Senhor Sacramentado se recolheu, seriam quase 10 horas da noite, levando após si uma grande multidão de homens, mulheres e meninos, em maior número de 3.000 almas; que como gente arrancada das suas casas, e despedaçada dos seus bens, com vozes e lágrimas iam lamentando a sua perda; mas sempre louvando e seguindo aquele supremo Senhor, e Onnipotente, que sem resistência pode fundar e desfazer os Reinos e as Cidades, esperando só nele o remédio de tanto desarranjo”.

“Passados dez dias, ordenou o Arcebispo Vigário Geral que, visto ficar livre de ruína a Ermida de Santa Rosa de Lima, contígua ao palácio do Senhor de Murça Luiz Guedes de Miranda, situada às Fontainhas, se transferisse para ela a freguesia, onde esteve até 4 de Abril de 1756, em cujo dia passou a estabelecer-se no Terreiro do Paço em uma barraca de frontal, que consta de três Altares, com a porta para o Nascente; e aqui actualmente [1763] existe com o desconforto que a estreiteza da habitação ocasiona e a sua indigência permite; tendo só a consolação de livrar do incêndio os livros dos baptizados, recebimentos, confissão, e defuntos, com os mais que pertenciam a esta freguesia, excepto o dos baptizados que corriam desde Março de 1754 até ao dia do terramoto, que se queimaram na Sacristia.”

“Não seria prodígio, mas pareceu mais que pura casualidade, o que agora referimos. Observou-se que, ficando totalmente destruídas no âmbito desta paróquia as mais propriedades, só escapassem à veemência do terramoto e voracidade das chamas aquelas casas da Tinturaria, onde como temos dito, se havia recolhido o Santíssimo Sacramento ao primeiro estremecimento da terra; as quais desamparadas de seus inquilinos, a Providência os defendeu da sorte no meio de tanto incêndio, a até umas inocentes aves, ficando ali reclusas e solitárias pelo espaço de cinco dias, testemunhando tão lastimoso espectáculo, se salvaram depois ilesas com admiração universal”.

Foi derrubada pelo terramoto de 1755 e arrasada depois para a reconstrução da Baixa. O plano de urbanização da Baixa determinou a construção de uma nova igreja de Nossa Senhora da Conceição para a mesma Paróquia.

Vd. Igreja Paróquia de NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO – 2ª. Depois do terramoto

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## APÊNDICE

Já agora não deixamos de registar um ponto muito interessante. Extraímos-lo do citado (Santa Maria, 1721: vol. VII, 46-47):

“Por huma obra tão grande, & digna dos generosos corações de huns tão fervorosos, como devotos Irmãos, era justo se lhe concedesse alguma regalia, & assim se lhe concedeo, que elles pudessem nomear hum Thesoureyro por nomeação absoluta; para a qual haõ de concorrer o Juiz, o Escrivão, Thesoureyro, & Procurador da Irmandade do Santissimo. E esta nomeação a haõde fazer em hum Sacerdote, que lhes parecer, filho de Irmão, aõ, & emulumento que gosaõ outros quaesquer Thesoureyros desta Cidade de Lisboa. E outro si, que gosaria o tal Thesoureyro a terça parte de todas as offertas paroquiaes, & emolumentos dos officiaes dos defuntos, que na dita freguesia falecessem; o que o Paroco della lhe entregaria pontualmente. E para que todo este contrato que os officiaes da sobredita freguesia fizeraõ com o referido senhor Arcebispo ficasse realmente seguro, recorrêraõ os mesmos officiaes à Sé Apostolica, pedindo à santidade do Papa Clemente XI. a confirmação do mesmo contrato, aonde sendo ouvido o mesmo Illustrissimo Arcebispo por seus Procuradores, foy confirmado a favor dos officiaes da mesa da Senhora, & Padroeiros da mesma Igreja, em Roma a 18 de Fevreyro do anno de 1707 como na dita confirmação se vê, em que vem assinados o Eminentissimo Cardeal Gaspar Carpenha, & Fernando Arcebispo de Nicêia Secretario. E em Lisboa foy tambem approvedo pelo Cardeal Nuncio Miguel Angelo Conti, & resistado pelo Sacretario Ignacio Taranti. E estes são os principios da casa da Senhora da Conceyção, & da sua nova Paroquia fundada em a rua Nova dos Ferros, aonde ella com as maravilhas, que logo começou a obrar por meyo daquella sua milagrosa Imagem, mostrou o muyto, que lhe era aceyto este Santuario.”

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, pp. 249-251.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, pp. 449-451.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuario mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. VII. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1721, pp. 40-47.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO MIGUEL – 2ª

Século XVII/XVIII [1673-1720]

Reconstrução; adorno de talha e pinturas 1723-1728

### 1. ANTECEDENTES

Remonta esta igreja (e paróquia) aos primeiros tempos da nacionalidade, talvez ao ano de 1150 (?). Primitivamente foi consagrada esta igreja paroquial à “Aparição de São Miguel”, que anda referida no Calendário do Patriarcado de Lisboa ao dia 8 de Maio (segundo Gomes Brito).

Terá sido restaurada, ou reedificada, em 1220, no reinado de D. Afonso II.

Novos restauros no século XVI (1574).

### 2. RECONSTRUÍDA A PARTIR DE 1673: CONCLUÍDAS AS OBRAS EM 1720

Na segunda metade do século XVII [1673], estando a igreja muito danificada e “ameaçando ruína”, deliberou a Irmandade do Santíssimo Sacramento mandá-la reconstruir “desde os seus fundamentos”.

Para maior amplidão do cruzeiro e da Capela-mor, compraram “cinco propriedades de casas” e iniciou-se a construção por uma planta feita pelo arquitecto João Nunes Tinoco († c. 1689) que, desde 1641, era o Mestre de Obras de São Vicente de Fora. Arrastaram-se as obras por muitos anos, devido à “indigência dos moradores” da freguesia e aos poucos meios da Irmandade, “uma das mais pobres” da cidade. As obras ficaram concluídas no ano de 1720, mas ainda com muita falta de adornos<sup>LVIII</sup>.

LVIII É de salientar a qualidade dos artistas chamados a colaborar nesta prolongada campanha de obras, que só terminou em 1728. Além do arquitecto régio João Nunes Tinoco, autor do risco, coube ao padre-arquitecto Francisco Tinoco da Silva a avaliação do madeiramento do cruzeiro, em 1680, e logo depois a medição da obra da igreja, a que deu parecer favorável. A obra de pedraria foi avaliada pelo mestre António João, figura habitual em alguns dos mais importantes estaleiros da capital, e, a partir de 1689, dá-se início ao acabamento da fachada da igreja, já sob responsabilidade do arquitecto João Antunes. Altares e púlpitos estavam a ser realizados, em 1676, pelo entalhador Domingos da Silva, retomando-se, em 1694, os trabalhos de decoração interna, com a construção de uma nova tribuna, o forro da casa do trono e o ajuste da pintura do tecto e da cimalha aos pintores Miguel dos Santos, Amaro Pinheiro e Lourenço Nunes Varela. Em 1700, o pintor António Pereira era pago por um conjunto avantajado de telas, enquanto decorriam outras empreitadas de ornamentação miúdas, mas foi só em 1723 que se contratou, com o entalhador Manuel de Brito, o retábulo-mor com um desenho já existente e no espírito da emergente talha joanina. Manuel de Brito não acabou a máquina retabular, por falta de pagamentos. Para completar a talha da capela-mor e emendar o que estava feito foram chamados Félix Adaúto e Manuel Nunes, e o célebre entalhador Santos Pacheco. Em 1728 estava a obra terminada (Santos, 2002: 109-122).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A fachada do templo desenvolvia-se em altura, com as duas torres sineiras, as coberturas de forma bulbosa, tendo ao centro, sobre a cimalha, o frontão com aletas, destinado a um nicho com a imagem de São Miguel<sup>37</sup>.

O interior da igreja é de uma só nave, ricamente decorado o tecto de madeira com apainelados ornamentais, e, na quadrela central, o símbolo da Eucaristia, conjunto semelhante ao de Santos-o-Velho, este da autoria do pintor decorador José Ferreira de Araújo, especialista em grotescos, arabescos e ornamentos, cuja actividade ainda se prolongou pelo primeiro quartel do século XVIII. Dezasseis telas ricamente emolduradas de talha dourada decoram todos os espaços das paredes da nave, do arco triunfal e das tribunas colocadas sobre as capelas laterais, representando os quatro doutores da Igreja e diversas cenas do Velho e Novo Testamento. Têm sido atribuídas estas pinturas ao célebre pintor português Bento Coelho da Silveira. (Deve-se exceptuar, pelo menos, a que representa O Senhor curando os hydropicos do lado da epístola, sobre o coro, que, segundo Cirilo, é da autoria de seu tio e mestre, o pintor João Pedro Wolkmar (1712-1782) que, em Roma, foi discípulo de Corrado Giaquinto

O Padre Carvalho da Costa (1712: vol. III, 386) descreve assim as capelas da Igreja: “Tem, além da capela-mor, seis capelas: a primeira da parte da epístola é de Nossa Senhora da Estrela, a segunda de São Sebastião, a terceira de São Pedro Gonçalves; e junto a esta capela está uma porta de pedra com escada do mesmo, pela qual se sobe para o Coro. As outras três capelas da banda do evangelho são: a de Nossa Senhora das Candeias, que algum tempo se intitulava dos Milagres, pelos muitos que fazia e ainda hoje obra; é imagem de pedra, mas de vestidos; a do Senhor Jesus Crucificado, e a de Santo António, junto à qual está a pia de Baptismo. Todas estas capelas têm seus retábulos dos mesmos santos a que foram erigidas, excepto a do Senhor Jesus”.

Os referidos retábulos pintados desapareceram. De facto os altares laterais foram quase todos remodelados ou reconstruídos depois do terramoto. Mas já antes do dito terramoto, na década de 1720, houve extensas intervenções decorativas.

### 3. A CAPELA-MOR...

Pelo seu esplendor e magnificência destaca-se a Capela-mor. é toda revestida de talha dourada, só comparável à dos Paulistas ou da Pena em Lisboa, ou de Santa Clara no Porto, apesar das suas diminutas e graciosas proporções.

<sup>37</sup> A imagem de São Miguel, de terracota, foi substituída (já nos meados do século XX) por uma imagem de cimento. Mas a primitiva foi arrecadada numa dependência da Sacristia. Embora muito danificada pelos anos, trata-se de um belíssimo espécime escultórico do primeiro quartel do século XVIII, certamente contemporâneo do revestimento e adorno de talha da Capela-mor (1723-1728) e, com muitas probabilidades, da autoria do escultor de Avinhão, Claude Laprade († 1738), dadas as suas afinidades estilísticas com obras suas bem identificadas, em Coimbra e na Vista Alegre.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Pela abundante documentação já revelada, conhecem-se em pormenor todos os passos da sua execução e ainda todos os artistas entalhadores e escultores que nela intervieram, desde o ano de 1723 ao de 1728.

O retábulo do altar, a tribuna com o trono para exposição do Santíssimo, e o sacrário, foram encomendados ao entalhador Manuel de Brito, que tudo executou por “hum risco e plantas que lhe foram apresentados pela Irmandade do Santíssimo”. Tanto o entalhador Santos Pacheco como o escultor Claude Laprade, ambos com notória actividade na concepção de retábulos como até na sua execução qualquer deles, tem probabilidades de ser o mestre da sua traça. Mas sem dúvida que a prodigiosa interpretação escultórica se deve a Manuel de Brito, que pouco tempo depois parece ter partido para o Brasil, onde deixou, nalgumas igrejas, os ecos da sua fama e talento. Assim se compreende que, no mês de Novembro de 1724, seja chamado pela Irmandade outro entalhador, Félix Adaucto, para mais enriquecer de talha as “ilhargas” da capela-mor, acrescentando-lhe os quatro evangelistas com os seus atributos, tudo executado também por “hum Risco ou estampa” que seria obrigado a seguir escrupulosamente.

Apesar de a Irmandade ter pago a Félix Adaucto o preço estipulado no ano de 1725, daí a dois anos, em Novembro de 1727, é chamado Santos Pacheco, não só para emendar e fazer de novo toda a talha das ilhargas, exceptuando os evangelistas, as únicas esculturas que seriam aproveitadas, como ainda para revestir de talha todo o tecto da mesma Capela-mor. da mesma forma Santos Pacheco teve de seguir “hum risco” para a talha do tecto que poderia “fazer melhor se pudesse ser”, o que realmente executou com uma mestria e um sentido decorativo verdadeiramente excepcionais, mesmo no seu tempo. (in Almeida, 1973: vol. V, tomo 1, 66).

#### 4. O TERRAMOTO DE 1755

As notícias sobre esta igreja, em especial sobre as obras realizadas entre 1723 e 1728 foram reproduzidas textualmente da obra *Monumentos e Edifícios notáveis do Distrito de Lisboa*..

Sobre o que aconteceu com o terramoto de 1755, e as posteriores reparações ou restauros,

Vd. Igreja paroquial de SÃO MIGUEL 3ª – Depois de 1755.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo I Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1973, pp. 64-66.

BRITO, J. J. Gomes de – “Calendário do Patriarcado de Lisboa”, In *Antiguidade e Orientação das Igrejas Parochiais de Lisboa. Estudos publicados no Correio Nacional, no ano de 1893*, coligidos no vol. III da obra póstuma do mesmo autor: *Ruas de Lisboa*, revista e prefaciada por António BAIÃO, 1935.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, pp. 386-387.

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3. IGREJAS CONVENTUAIS DE FRADES ♂



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♂ IGREJA INTERINA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Século XVII [1640]

Em 1586, a Congregação dos Monges de São Bernardo (Alcobaça), da Ordem de Cister, obteve de Filipe I licença para construir em Lisboa um convento, inicialmente destinado a ser a casa principal da Ordem. Acabou, no entanto, por se tornar num hospício para acolher os seus monges quando se deslocavam a Lisboa.

O projecto, confiado ao arquitecto Baltazar Álvares, teve início em 1591 mas as obras arrastaram-se durante os reinados dos Filipes, de Afonso VI, Pedro II e D. João V.

A igreja conventual, esplêndida, nunca chegou a ser construída<sup>LIX</sup>. A título provisório e interino, foi construída uma capela na Portaria do Convento. O patamar da Portaria correspondia ao segundo andar do convento, dando acesso a dois claustros e a três dormitórios. Seria nesse patamar que devera ter sido construída a igreja conventual.

Esta capela/igreja acabou por ficar definitiva, ficando na sua capela-mor a imagem de Nossa Senhora do Desterro.

Os danos causados pelo terramoto foram reparados: ruiu toda a abóbada e quase toda a frontaria. Em meados do século XIX, sofreu modificações que lhe fizeram perder o interesse: exterior banal, altares decorados com talha branca e dourada, etc ...

Depois de secularizado o Convento, esta igreja continuou a funcionar; e ainda actualmente persiste como capela do Hospital do Desterro<sup>38</sup>.

<sup>38</sup> NC: o Hospital do Desterro foi desactivado em 2007.

**LIX** O risco do novo convento, gizado pelo arquitecto régio Baltazar Álvares, foi aprovado a 12 de Maio de 1592 pelo Geral da Ordem de São Bernardo, Fr. Gerardo das Chagas. A decisão da edificação fora tomada em 1581 e autorizada, em 1586, por Filipe I de Portugal, no âmbito da política de captação do apoio das Ordens religiosas à Casa de Áustria. Como refere José da Felicidade Alves, o edifício não chegou a ser concluído, tendo sido suspenso o respectivo estaleiro em 1640. D. Afonso VI e D. Pedro II contribuíram ainda com esmolas para a obra, entretanto retomada, mas a extensão do programa original, que previa quatro claustros – tendo sido construídos apenas dois – tornou a empresa irrealizável. O terramoto de 1755 agravou a situação; o mosteiro acolheu doentes provindos do Hospital Real de Todos-os-Santos e a sua ligação ao universo hospitalar da capital veio a durar até ao século XX (Branco, 2013).

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

PORTUGAL, Alfredo de e MATOS, Fernando – *Lisboa em 1758: Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1974.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DA SANTÍSSIMA TRINDADE**

Século XVII [1640ss - reconstrução] → † 1755

**1. ANTECEDENTES**

Tem uma longa história este Convento, hoje totalmente desaparecido. Evocamos algumas etapas:

1º Tendo aportado a Lisboa oito Religiosos Franceses no ano de 1218, que haviam naufragado quando navegavam para a Terra Santa (a Ordem da Santíssima Trindade fora miraculosamente instituída no 1º ano do Pontificado de Inocêncio III, pelos anos de 1198), foram encaminhados para Santarém, onde o Rei D. Afonso II lhes mandou dar a Ermida de N.ª Sr.ª da Abóbada, em cujo lugar fundaram um Convento, entre os anos de 1218 e 1223.

2º Vindos de Santarém, os primeiros fundadores receberam da cidade de Lisboa, liberalmente, o sítio em que se incluía uma Ermida de Santa Catarina, que lhes ficou a servir de igreja. Esta foi a sua 1ª igreja Conventual em Lisboa [1218].

3º À custa das esmolas dos fiéis, e particularmente da Rainha Santa Isabel, foi-se edificando o Convento e a Igreja: terá sido iniciada a edificação em 2 de Janeiro de 1283 e terá ficado concluída em 1294. Nesta igreja, a rainha Santa mandou edificar uma riquíssima Capela pela alma de el-rei D. Dinis seu marido, dedicada á Conceição de Nossa Senhora, e foi esta a primeira que neste Reino se consagrou a tão soberano mistério. Esta foi a 2ª igreja conventual [1289 ss].

4º Assim esteve e se conservou até ao ano de 1560. No dia 25 de Março de 1560, sendo ministro o R.P. Fr. André Fogaça, redentor geral, e sendo provincial o Venerável P. Fr. Roque do Espírito Santo, lançou-se a primeira pedra para o novo edifício [3ª igreja conventual].

**2. AS RENOVAÇÕES POSTERIORES A 1560**

Como os dois grandes sismos de 1531 e 1551 tinham causado no anterior templo isabelino tais estragos que praticamente teria de ser refeito de novo todo ele, as obras alteraram grandemente a estrutura da igreja: a dita igreja, que era antes de três naves, passou a ter uma só nave, ao modo de grande salão, com três portas para o Poente. As suas dimensões, só no templo, ficaram a ser de 231 palmos de comprimento, 122 palmos de largo, 148 palmos de altura [=50,82m X 26,84m X 32,56m].

As obras iniciaram-se em 1565, tomando maior incremento passados quatro anos (1569). A derrocada de uma das naves nesse mesmo ano de 1569 deve ter influído na modificação radical que a planta da igreja veio a sofrer.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Só em 1635 começou a reconstrução da Capela da Rainha, ou da Senhora da Conceição, no topo do braço direito do Cruzeiro. Em Setembro de 1640 ruíram de velhice o Coro e as duas naves que se conservam ainda de pé.

Reiniciada a reconstrução, só ficou concluída na segunda metade do século XVII.

### 3. DESCRIÇÃO DA IGREJA, NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XVII

O autor anónimo da *História dos Mosteiros* (1950, vol. I, 149-156) deixou-nos uma descrição pormenorizada da igreja conventual, tal como ele a podia observar nos primeiros anos do século XVII (c. 1705), que resumimos:

O frontispício subiu muito em altura, era todo de cantaria, apresentava três nobres portas, tendo a meio um bom frontispício de quartelas, e sobre ele um nicho com uma imagem de Nossa Senhora, também de pedra; sobre as outras duas portas vão também seus frontispícios de moldura arqueada, com seu nicho sobre cada uma, em que estavam as imagens dos santos fundadores das Ordens, S. João da Mata e S. Félix Valois. Sobre os ditos nichos, três grandes janelas que comunicavam ao coro e à igreja muita luz e claridade. Sobre as janelas corria uma cimalha; e no remate, um nicho tendo dentro um anjo, a cujos pés se representavam dois cativos presos com duas cadeias que estão nas mãos do anjo.

O interior da igreja era de muita grandeza no comprimento, largura e altura. As capelas do corpo da igreja não ficaram bem proporcionadas, dado que se conservaram as capelas que tinha a igreja velha, quando esta se reformou e toda de novo. Assim as capelas ficaram inferiores; e sobre as quatro que não ficavam debaixo do coro, fez-se uma tribuna sobre cada uma, e por cima delas, uma grande janela.

As capelas da igreja eram ao todo 18: a capela-mor; 12 capelas laterais, no corpo da igreja, seis de cada lado, ficando duas de cada lado debaixo do coro; mais duas capelas no cruzeiro, em tudo iguais (na grandeza e altura) à capela-mor; mais duas capelas colaterais, mais pequenas, semelhantes às do corpo da igreja; e outra que se fez depois, que correspondia à Via-Sacra, que ia para a Sacristia, em cujo altar se via a imagem de um Crucifixo de muita devoção [12+2+2+1+1].

A capela-mor é toda de pedraria ou mármore branco, inclusive o tecto que é de abóbada. Em cada um dos lados de cada parte, ficavam três arcos com vão suficiente para terem neles lugar sepulturas pertencentes ao padroeiro da capela<sup>39</sup>. Era sumptuosa a baixela privativa desta capela-mor<sup>40</sup>.

<sup>39</sup> ver infra anexo 1 sobre o padroado da Igreja.

<sup>40</sup> ver infra anexo 2 sobre a capela-mor.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Duas capelas colaterais à capela-mor. a) Do lado do evangelho, a capela da Senhora da Encarnação, com sua Irmandade própria, em que se contavam 100 irmãos. Nesta capela se guardavam várias relíquias, nomeadamente os corpos dos santos Bono e Liberato, oferecidos pelo Provincial frei António Teixeira e que vieram de Roma trazidos pelo cardeal Barberino em 1658. b) Da parte da epístola, a capela dedicada à Puríssima Conceição da Virgem pela rainha Santa Isabel, que nesta capela instituiu sufrágios pela alma do rei D. Dinis seu marido.

Duas capelas do cruzeiro. a) do lado do evangelho, a capela do Anjo São Miguel; não tem irmandade. b) da parte da epístola, capela de Todos-os-Santos, com um majestoso retábulo em dois andares povoados de nichos com imagens de santos, estofadas. Sobre a banqueta, um sacrário dourado, onde se conserva o Santíssimo Sacramento. Nesta capela, duas sepulturas sobre leões de pedra [Dona Violante Coronel e seu marido D. Francisco de Ataíde]; a dita capela celebrava duas missas quotidianas pelas almas instituidoras, para o que deram ao Convento 50 mil réis de juro cada ano. A esta capela de Todos-os-Santos estava anexa uma Irmandade que constava de alguns 600 irmãos; tinha a Irmandade um sumptuoso mausoléu, em que se depositava o Senhor na Sexta-feira Santa; e por conta da dita Irmandade corria no mesmo dia à tarde a procissão do Enterro.

Capelas laterais do corpo da igreja: eram seis de cada lado. Do lado do evangelho: Nossa Senhora da Salvação; São João Baptista; Nossa Senhora da Nazaré; Santo António, com irmandade; Santa Luzia, com irmandade; a Senhora Resgatada, “e a serve uma irmandade de gente preta, que para servir à Senhora tem melhor vontade que posses” (sic!). Da parte da epístola, outras seis capelas, sem irmandades (não se referem as invocações).

O coro era dos melhores dos Conventos de Lisboa. Era celebrado o seu cadeiral<sup>41</sup>, os 7 painéis de cada banda, as grades de mármore, a imagem de Cristo Crucificado, o órgão.

A sacristia ampla e guarnecida de quanto era mister para tão numeroso convento<sup>42</sup>.

#### 4. OUTRAS CAPELAS DISTRIBUÍDAS PELO CONVENTO

Além das 18 capelas da igreja conventual, o Mosteiro encerrava ainda um grande número de outras capelas, erguidas nos diversos espaços conventuais. Como tudo foi destruído mais tarde (pelo terramoto de 1755, e pela secularização de 1834), pareceu-nos conveniente deixar aqui uma pequena nota acerca das diversas dependências do interior do Convento, e especialmente acerca das capelas ali erguidas.

Portaria. Via-se ali uma capela grande com a imagem do Senhor dos Passos, que saía em procissão todas as sextas-feiras da Quaresma, à noite. Foi seu fundador D. Afonso da Costa

Claustro grande, quadrado. Composto por 4 lanços, e em cada um deles havia cinco arcos de pedra sobre pilares da mesma, e o tecto dos ditos lanços era de abóbada de ladrilho.

<sup>41</sup> ver infra anexo 3 sobre o coro da igreja

<sup>42</sup> ver infra anexo 4 sobre a sacristia.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Varandas superiores. Por cima das referidas abóbadas, situavam-se varandas e em cada lanço havia cinco janelas de sacada. Só no lanço encostado para a parte da igreja havia algumas celas. Os lanços das ditas varandas eram revestidos de azulejos. Encostados às grades de ferro, que têm as vinte janelas, os religiosos podiam gozar de um belo jardim, que no meio tinha uma grande cisterna.

Primeiro lanço do claustro. No meio do lanço em que entra quem sobe da sacristia, bem no meio há um arco pelo qual se entra em uma grande casa, que servia de aula: no lugar da cadeira, existia um arco com o seu altar e painel com boa moldura; era a capela de Jesus Cristo Crucificado. Nesse mesmo lanço, há em cada um dos dois ângulos terminais uma capela.

Segundo lanço. O lanço seguinte, oposto à parte da igreja, tem uma grande e boa porta por onde se entra na casa chamada “De Profundis”, em que se benze a mesa antes de entrar no refeitório, e se dão graças ao sair dele. É casa fermosa com tecto de abóbada, ornada de pintura, e os lados da dita casa é guarnecida de painéis que representam a vida do Senhor (vd. Matos Sequeira, 1967: vol. I, 289-290); por baixo dos painéis tem azulejo em altura competente, e por baixo se seguem assentos de pedra sustentados por quartelas da mesma. Fronteiro à porta, por onde da dita casa se passa ao refeitório, vê-se um arco de pedraria com seu painel guarnecido de moldura dourada e dentro do dito arco tem lugar uma fermosa imagem de vulto do Senhor Crucificado. Aos lados da dita capela há duas portas, por uma das quais se sai da casa do lavatório, e pela outra tem serventia as cousas pertencentes ao refeitório.

Refeitório. O tecto é de abóbada com sua cimalha, tudo muito branqueado e com bastante luz que se lhe comunica pelas vidraças que sobre a mesa travessa ocupam toda a largura do refeitório. Por baixo das ditas vidraças, vê-se um grande e fermoso painel da “Ceia do Senhor”. A parede, a que ficam encostados os que estão à mesa, é revestida de bom azulejo que corre por todas as mesas do refeitório.

Outro lanço do claustro. Do lanço onde tem lugar o refeitório, passa-se para outro onde é mais próxima a serventia para a portaria. Nos ângulos dele, há duas capelas; e correspondente ao lugar da aula, há outro espaço cujo uso é dar sepultura aos religiosos defuntos. Muito a propósito, tem um painel que representa o “Juízo Final”, cópia do célebre que fez Miguel Ângelo. Esta casa serve também para os prelados fazerem nela seus Capítulos: é toda à roda guarnecida com assentos de pedra e com bom azulejo a que ficam encostados os religiosos.

Claustro mais pequeno. No topo deste lanço, encontra-se uma porta que dá entrada a uma escada de pedra mármore, por onde se sobe a umas varandas que caem sobre outro claustro mais pequeno. Nestas varandas, que são só três, com seus arcos de pedraria, têm lugar as portas de algumas celas grandes, destinadas a alguns religiosos mais idosos.

Dormitórios. A dita escada de pedraria dá acesso aos dormitórios antigos, do segundo andar, e a um novo dormitório feito “há poucos anos” (isto era escrito em 1706). Neste dormitório havia uma janela grande que caía sobre a Rua Larga de São Roque, seguindo-se oito celas com vista sobre a mesma rua, e por cima outras tantas.

Livraria. Dos dormitórios passava-se á Livraria, cujo assento era sobre a Sacristia. O seu tecto era de abóbada, com uma boa tarja ao meio; e fronteira á porta tem lugar um arco de capela e nela uma fermosa imagem do Senhor Crucificado; e a cada lado da dita capela

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

fica uma janela rasgada, e outras janelas. O Padre João Baptista de Castro (1763: vol. III, 412) avaliava a Livraria, em 1755, em 200 mil cruzados.

NB. Para outra descrição da Igreja, ver no anexo 5, uma reconstituição baseada na *Corografia...* (Costa, 1712: vol. III, 460-464).

## 5. ACONTECIMENTOS POSTERIORES

- A maior parte deste grandioso edifício ficou destruída com o incêndio sucedido em 22 de Setembro de 1708. Somente escaparam: a igreja, a livraria, algumas oficinas inferiores e casas que a abóbada defendeu (como foram: a Casa “De Profundis”, o refeitório, o claustro grande, o capítulo).

- Foi prontamente reparado. E em 1755 achava-se quase na última perfeição, e reputado entre os mais importantes e majestosos de Lisboa.

- O terramoto de 1755 destruiu este Convento. Veremos o que sucedeu, quando chegarmos a essa data, nomeadamente aquando da revolução liberal e da Extinção das Ordens Religiosas de 1834.

Vd. A IGREJA E O CONVENTO DA TRINDADE – 4º, após o terramoto de 1755

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO 1

## SOBRE O PADROADO DA IGREJA

Esta capela-mor fora “padroado da casa Vimioso pelo casamento da filha de Duarte de Albuquerque Coelho, donatário ou senhor da Capitania de Pernambuco, seu padroeiro, com o conde de Vimioso D. Miguel de Portugal. Vago ele, passou por contrato a Roque Monteiro Paim, Secretário de Estado de D. Pedro II, o qual se comprometeu a enobrecer a capela, o que o fez sem olhar parece que a despesas. Enriqueceu-a de cantarias e adornou-a com retábulo de talha doirada. Da leitura do ms. parece inferir-se que o padroeiro lhe destinava seis sepulturas, mas dois dos arcos ficaram devolutos pois Monteiro Paim apenas dotou a capela de quatro masoleus de jaspe com embotidos de flores. Assentavam sobre dois leões cada um deles e ostentavam as armas da casa. Os letreiros eram de pedra preta. Dois dos mausoleus guardavam os restos dos pais do padroeiro, D. Constança Paim e o desembargador Pedro Fernandes Monteiro; os outros, os do Secretário de Estado e de sua mulher D. Joana Maria de Meneses” (*História dos Mosteiros...*, 1950: vol. I, 151).

## ANEXO 2

## AINDA SOBRE A CAPELA-MOR

“E posto que esta capella se nam acha ainda com toda a perfeçã que deve ter, nam deyx a porem de ser ornada de muyta e boa prata que os religiosos lhe foram applicando, achando-se nella pera seo ornato: oito tocheiros grandes, donativo de hum religioso do mesmo convento que empregou nelles dez mil cruzados que licitamente lhe pertenciam; duas grandes alampadas; hum cofre de sinco palmos de comprido com mays de tres de alto, pessa de consideravel valor; seys castiças de banquetta, grandes; outros seys que servem ordinariamente nos mays dias; uma duzia de castiças pequenos, que servem no altar nas ladainhas dos sabados; huma nobre sacra, de sinco palmos de alto; duas cassoylas; quatro pevitarios de grande altura; um cofre sobre dourado, pessa rica; duas galhetas com seo prato que serve ordinariamente; hum prato com seo gumil pera dar agua às mãos; hum vaso sobre dourado da communham; duas estantes de prata lavradas; dous calices grandes de muyto feytio, proprios da capella-mor” (*História dos Mosteiros...*, 1950: vol. I, 151-152).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO 3

## DESCRIÇÃO DO CORO

“Entrando pello coro, começam à mam direyta, dous andares de cadeyras que correm os tres lados do coro, acabando em outra porta correspondente à da entrada pera o coro. Sam as cadeyras, que se continuam nelle em ambos os andares, noventa e seys, obradas de boa madeyra e com bom feytio, e sobre as que estam encostadas à parede corre hum nobelissimo respaldo em que tem lugar sette payneys de cada banda, postos em competentes distancias com humas boas tarjas de talha, que os dividem. E por cima se segue sua simalha tambem de talha que em partes tem seos ressaltos, e por cima da simalha se levantam huns remates, e no meyo de cada hum tem lugar hum minino em pé, obra tambem de talha, com que a obra deste respaldo se faz muy agradavel aos olhos, sem pera isso lhe faça falta o nam estar ainda dourado, sendo excellencia deste coro, que com ser tam grande nam se nota nelle falta claridade pella muyta que recebe das tres grandes janelas que estam no frontispicio da igreja, a que o coro está encostado

Pella parte que olha pera a igreja se termina o coro com humas boas grades de marmore branco de Extremós e no meyo das dittas grades se ve huma charola, dentro da qual se venera huma fermosa imagem de Christo Crucificado, com bom asseyo e ornato. E pera que nada lhe falte de perfeçam a este coro se acha nelle hum bom organ.

Aqui mesmo se vê hum veado que representa o que appareceo aos sanctos fundadores, Sam Joam da Mata e Sam Felix de Valoes, trazendo entre as pontas o habito de que Nosso Senhor quis uzassem os religiosos desta sagrada Ordem” (*História dos Mosteiros...*, 1950: vol. I, 157).

## ANEXO 4

## DESCRIÇÃO DA SACRISTIA

E tendo dado já noticia da igreja, de suas capellas e de seo coro, passemos à sanchristia, pera onde saindo da igreja se entra em huma boa casa, no meyo da qual está a porta da sanchristia, e fronteyra a ella, no meyo da largura da casa, huma capella com huma imagem grande do Senhor Crucificado.

A capella tem bom ornato pera celebrar o Sancto Sacrificio da Missa. Aos lados desta capella tem lugar as gavetas dos amitos e nos lados do comprimento da casa se vem os cayxões, que sam de boa madeyra do Brazil, com seos fios de madeyra amarela que lhe nam dam pouca graça.

Sobre os cayxões corre o respaldo em boa altura, em que ficam quatro payneys quasi quadrados, os quaes se dividem por dous e dous pilares, e sobre elles suas piramedes. Por cima da obra do respaldo vam de cada parte tres janelas entre as quaes tem logar de cada



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

parte dous grandes payneys quadrados, com suas molduras douradas, que com sua altura se avizinham com a cimalha de pedraria que corre por toda a sanchristia. E nos lados collateraes à capella por cima das gavetas dos amitos vam tambem dous payneys que seguem a mesma altura que tem os que vam sobre o respaldo dos cayxões.

O tecto da sanchristia he de aboboda com algum ornato de pintura com alguns ramos de ouro.

O pavimento he de marmores em forma de quadrados brancos e pretos, e no meyo do pavimento se deyx a ver um bofete de pedra marmore no qual tem lugar os calices.

E tendo dado noticia do material da casa da sanchristia, he bem que demos tambem alguma do movel que ella recolhe, pertencente ao serviço e ornato da igreja. E começando pella prata tem uma grande cruz sobre dourada, de singular feytio e valor, que sahe a publico na procissam de Corpus quando succede haver religioso de tantas forças que a possa levar. O pé serve muytas vezes de pianha no altar-mor.

- Hum descanso de altura de sette palmos, de que se uza nas procissões quando se leva o Senhor em custodia.

- Huma custodia que corresponde à cruz, e descanso de grande valor e feytio.

- Outra que serve em muytas festas é obra lavrada na India com grande perfeçam.

- Huma Cruz com seo Crucifixo, sobre dourado, com reliquia do Sancto Lenho.

- Hum espinho da coroa de Christo em huma ambula de cristal com seo pé sobre dourado.

- Dous ceriaes grandes, quatro turibolos, dous grandes e dous ordinarios. Quatro navetas, duas mayores e duas mays pequenas.

- Duas caldeyrinhas de agua benta.

Sobre os ditos dous calices, de que já fallamos, pertencentes ao altar da capella-mor, tem mays a sanchristia dez sobre dourados além de oito que servem ordinariamente. Seys varas grandes de prata lavradas que servem com o palio rico, mays outras seys que servem em outro palio ordinario.

Tem mays a sanchristia muyta copia de ricos ornamentos de todas as cores de que uza a Igreja entre os quaes tem alguns de bordado de ouro, tam relevado que por muyto pezados sam bem custosos aos que se revestem com elles. E porque referir o numero dos ornamentos, assim de frontaes como de casulas, seria fazer processo muy largo, por isso nam faço delles relaçam particular, mas nam posso passar em silencio o jogo de frontaes de requissima tela branca de que pera os dezoito altares de igreja lhe fez doaçam o Illustrissimo e Reverendissimo Arcebispo de Evora Dom Luis da Silva, religioso da mesma Religiam de que he o convento, o qual se creou nelle e por memoria e agradecimento da creaçam recebida lhe doou o ditto ornamento, e com os dezoito frontaes juntamente doze casulas, irmãs dos mesmos frontaes.

Tem mays a sanchristia muytas e boas alcatifas, e entre ellas duas de tanta grandesa que cobrem todo o pavimento da capella-mor” (*História dos Mosteiros...*, 1950: vol. I, 157-159).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO 5

### AS CAPELAS DA IGREJA DO CONVENTO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

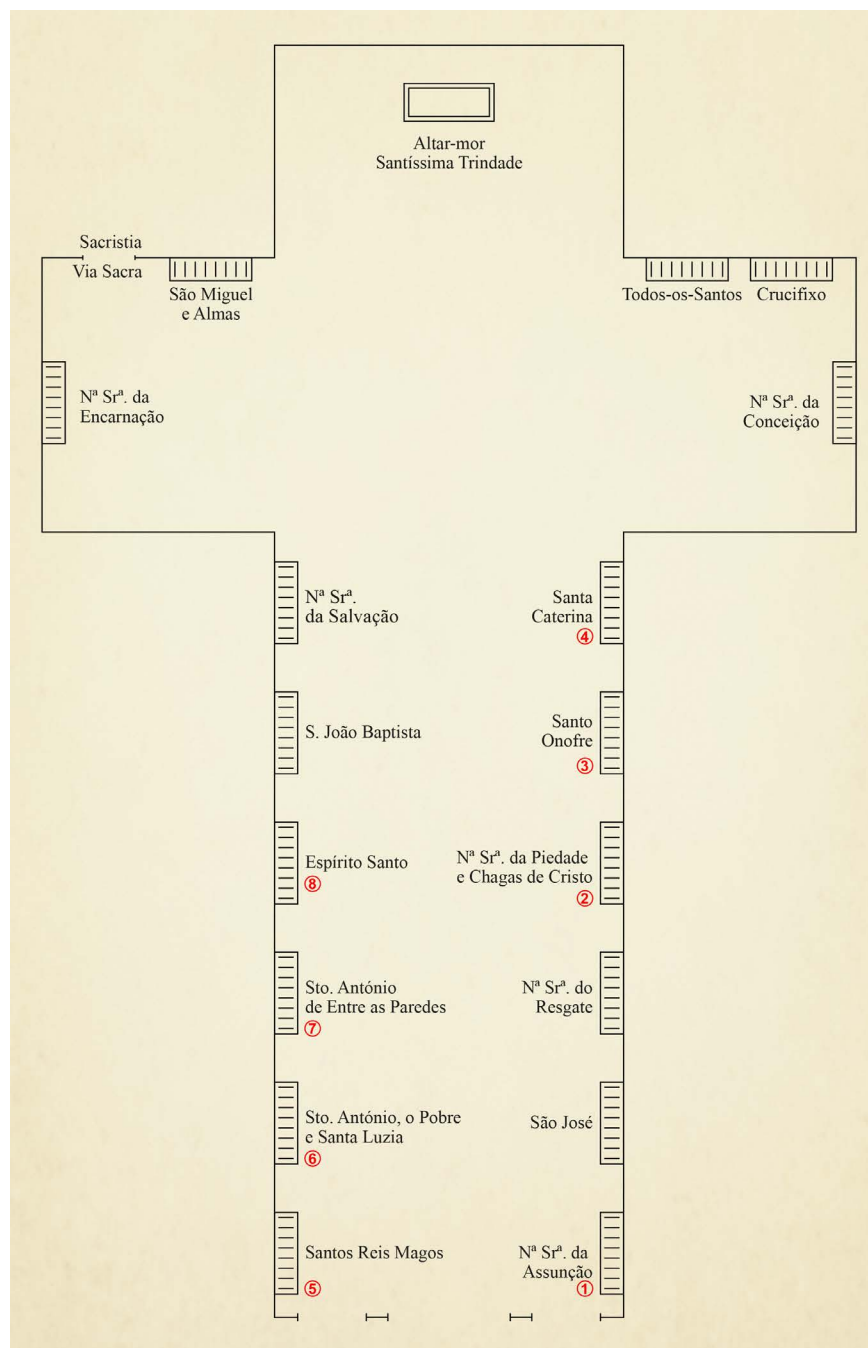


Fig. 18 – As capelas da Igreja do Convento da Santíssima Trindade. Reconstituição segundo Carvalho da Costa (1712: vol III, 460-464).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Na figura acima, os números a vermelho associados a algumas das capelas remetem para informações que se podem encontrar nessas mesmas páginas:

**1** – Nesta capela esteve muitos anos o Santíssimo Sacramento, para os fregueses da freguesia da Trindade, que depois se denominou do “Santíssimo Sacramento”.

Fundou e dotou esta capela António Carneiro, Secretário de Estado dos reis D. Manuel e D. João III.

**2** – Esta capela erigiu o Venerável Padre Frei Diogo de Lisboa uma devota Confraria para os homens do mar, a qual passou [em 1542] para a Igreja das Chagas, que o dito P. Fr. Diogo fez edificar e nela celebrou a primeira Missa, e alcanço da Sé Apostólica um especial privilégio, para que fosse Freguesia dos mesmos Irmãos.

**3** – Esta capela mandou-a fazer a Infanta Dona Maria, filha de el-rei D. Manuel, pela muita devoção que tinha a este glorioso Santo; e dela fez mercê a Gaspar Rebelo, seu criado depois que se resolveu a fazer para seu enterro a Capela de N. Senhora da luz e o Convento da ordem de Cristo.

**4** – Esta capela mantém a ligação com a invocação da primitiva capela ou Ermida de Santa Catarina, que existia antes da instalação da Comunidade dos Frades Redentoristas, e lhes servia de igreja desde o ano de 1218 até à igreja conventual de 1289.

**5** – Dedicadas aos Santos Reis Magos. Desde o século XVII estava nela com toda a veneração uma santa imagem de jasper, que representa N.ª Sr.ª do Rosário resgatada, a quem os Pretos festejam com a sua bem notória e singela devoção. Foi seu fundador o governador da Índia, Lopo Vaz de Sampaio; e sua nora D. Antónia Henriques a enobreceu, instituindo nove merceiras, que nela assistissem e ouvissem pelas almas de seus instituidores todos os dias duas Missas, e deixando grandes legados para casas órfãs e resgatar cativos.

**6** – Mandaram-na fazer os testamenteiros de Dona Catarina Rocha, a que deram princípio no ano de 1635. Têm seus administradores obrigação de vestir doze pobres em Quinta Feira Maior, e dar esmola a trinta todas as sextas-feiras da Quaresma; e outrossim casar quatro órfãs, e resgatar um cativo cada ano.

**7** – Assim chamada por se ter achado entre umas ruínas a sua imagem.

**8** – Nela estava estabelecida uma devota Confraria de Nossa Senhora da Nazaré.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (1950) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Tomo I.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1939) – *O Carmo e a Trindade: subsídios para a história de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO PAULO DA SERRA DE OSSA****Século XVII [Início da fundação: 1647]**

A igreja era da invocação do “Santíssimo Sacramento”. Pertencia à Congregação dos Religiosos de São Paulo da Serra de Ossa (“Paulistas”). Desde 22 de Fevereiro de 1835 é sede de Paróquia de Santa Catarina.

Os Padres Eremitas de São Paulo estavam confinados ao Alentejo, na Serra de Ossa. Desejando fundar uma casa em Lisboa, e não tendo fundador nem rendas bastantes, decidiram extinguir alguns conventos pouco necessários para suprir com as rendas deles as que lhes faltavam. Recorreram ao Papa Clemente VIII, que lhes concedeu a autorização que pretendiam.

Escolheram um sítio na Calçada do Congro [Combros], onde tinham umas casas. Mas mal se descobriu a intenção que os Paulistas tinham de fundar convento no dito sítio, logo lhes fizeram oposição o padre-cura da igreja de Santa Catarina e a Irmandade dos Livreiros. Esfriaram nos desejos, os Religiosos.

Mas no ano de 1545, num Capítulo Geral celebrado na Serra de Ossa, o eleito Geral, Padre Frei Rodrigo da Ponte, decidiu aproveitar a protecção de D. João IV, cujo pai fora sempre dedicado ao convento da Serra de Ossa, muito vizinho de Vila Viçosa. A petição feita ao Rei foi despachada com a licença desejada. Postos de lado dois sítios intentados, optaram por umas casas na mesma Calçada do Congro, que por estar ausente em Castela o proprietário, estavam em sequestro.

Os Padres vieram a entrar na posse dessas casas em 29 de Junho de 1646. Logo surgiram contradições. As principais vinham dos Religiosos Terceiros do Convento de Jesus, que embargaram a obra e prosseguiram tenazmente a demanda. Afinal ficaram vitoriosos os Paulistas. A Irmandade dos Livreiros, que haviam renovado a sua demanda, desistiu dela ao verem que os Terceiros tinham perdido a causa. Ainda houve a oposição da Irmandade dos Clérigos Ricos, à qual eram foreiras as casas em que se havia de fundar o Convento. Houve ainda mais problemas, que acabaram por ser ultrapassados.

Tendo começado a primeira habitação em 1646, lançaram a primeira pedra da igreja em 5 de Março do ano de 1654.

A 1ª pedra foi lançada na capela colateral, consagrada a Santo António.

Continuou-se a obra com boa diligência, de maneira que em 6 de Dezembro de 1680 se mudou o Senhor da igreja velha provisória para a nova igreja, com grande pompa e solenidade, estando presente o Rei D. Pedro II e assistindo a Corte nos três dias que durou a festa.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 1. DESCRIÇÃO DA IGREJA

Na opinião do Padre A. Da Costa, o convento “conforme a planta, que se tem feito, e alicerces principiados, será um dos maiores e melhores conventos que terá esta Corte, o que já hoje [1707] se colhe pela sua magnificência, tanto na grandeza dos dormitórios, como na arquitectura da igreja, alpendre e portaria” (Costa, 1712: vol. III, 490-491).

A capela-mor ainda não estava então principiada. No cruzeiro havia quatro capelas, duas colaterais e outras duas no topo do cruzeiro.

As duas capelas colaterais tinham dois retábulos, um feito de pedra embutida com suas colunas de jaspe de Cintra, onde estava uma devota imagem do Santo Cristo, que a sua pia Irmandade fez, em que gastou cerca de 5.000 cruzados; outro feito de pau de bordo pintado à sua imitação, dedicado ao glorioso Santo António.

Das outras duas capelas do topo do transepto, fronteiras uma à outra, a de Nossa Senhora da Conceição, do lado do evangelho, pertencia à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição instituída em 1654 pelo religioso paulista Frei António de São João. Esta Irmandade constava só de mulheres; e passava, no início do século XVIII de novecentas, tão empenhadas na devoção com a Senhora, como se deixava bem ver na riqueza e ornato da sua capela, diante da qual pendiam três alâmpadas de prata de bom feitio, com quatro castiçais de banqueta da mesma matéria, e bons e ricos ornamento. E fizeram também as irmãs carneiro com jazigo para sua sepultura.

A outra capela em frente, é dedicada a Nossa Senhora com o título de Atocha, palavra que deriva ou do termo grego Theotocos (que quer dizer Mãe de Deus), ou de Antioquia (conforme atestam alguns eruditos antiquários). Esta imagem foi trazida para este templo por um devoto castelhano, chamado Gabriel del Barco<sup>LX</sup>, na era de 1681. Suscitou tal devoção que em breve se erigiu uma Confraria, tanto de homens como de mulheres, à qual o Papa Clemente XI concedeu uma Bula com cinco indulgências plenárias, para gozarem delas os Confrades em cinco festas de Nossa Senhora, e além disso altar privilegiado para todas as segundas-feiras do ano e oitavário de todos os Santos.

As mais capelas, que eram quatro mais de cada lado, eram consagradas a vários Santos. E todas bem ornadas.

O rendimento anual do Convento dos Paulistas era superior a 6.000 cruzados. Na fábrica da igreja, desde 5 de Março de 1654 (1ª pedra) até 6 de Dezembro de 1680, constava dos livros da despesa da obra da igreja ter chegado a 14.995\$500 réis.

<sup>LX</sup> Trata-se sem dúvida do famoso pintor de azulejos de origem espanhola com larga actividade em Lisboa e no sul do país que viveu em Lisboa até à data da sua morte, cerca de 1707 (Meco, 1979).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A seu tempo, veremos o que lhe sucedeu com o terramoto de 1755, assim como com a extinção das Ordens Religiosas em 1834<sup>LXI</sup>.

## Bibliografia

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

LXI José da Felicidade Alves não teve ensejo de completar, como prometia, a sua notícia sobre o Convento de São Paulo da Serra da Ossa, à calçada do Combro. Uma monografia recente, embora dedicada à talha da capela-mor, traça um quadro muito completo e actualizado da história da igreja e do convento dos paulistas. Além dos oito retábulos laterais de talha dourada, típicos exemplos do «estilo nacional», montados entre finais do século XVII e inícios do século XVIII, conserva-se a grande máquina retabular da capela-mor, patrocinada por Frei Pedro Caldas († 1745), um religioso de avantajada fortuna que chegou a pregador da Ordem. O retábulo e as ilhargas, também em talha, foram encomendados em 1727 ao entalhador Santos Pacheco (1684-1768). A circunstância de o acto notarial se ter realizado em casa do engenheiro-mor do reino, Manuel de Azevedo Fortes (1660-1749), pode eventualmente sugerir alguma responsabilidade autoral no risco (Carvalho, 1964), senão mesmo do arquitecto-mor, João Frederico Ludovice (1673-1752), de quem há notícias em tarefas similares (Ferreira, 2008a). Um outro aspecto da modernização da igreja que as obras pós-terramoto propiciaram foi o revestimento das abóbadas do cruzeiro e da nave, que ruíram, com estuques decorativos, esta «uma das mais belas composições em estuque da cidade de Lisboa». Enquadrados por moldura arquitectónica em perspectiva, desenvolvem-se dois grandes painéis representando Nossa Senhora da Conceição e a Ascensão de São Paulo, acompanhados, transversalmente, por cartelas ovais com cenas alusivas à ordem dos eremitas de São Paulo. O trabalho, do mais puro requinte rocaille, foi realizado por João Grossi, Sebastião Toscanelli, Agostinho Guadri e Pedro Chantoforo, mestres estucadores do norte de Itália e do cantão suíço do Ticino, e estava concluído em 1757 (Mendonça, 2009: 92-97).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE CORPUS CHRISTI – 1ª****Século XVII [Fundada em 1648; inaugurada em 1661] → † 1755:**

Reedificada após o terramoto

Era de Carmelitas Descalços.

“No ano de 1646, foi para Castela Domingos Leite Pereira, natural da vila de Guimaraes, escrivão que era do Cível da Corte desta cidade de Lisboa, por mercê que do dito ofício lhe tinha feito D. João IV. Estando em Madrid, os Ministros daquela Corte o persuadiram para que tornasse a Lisboa e desse morte violenta ao Senhor Rei D. João IV. Para executar tão atroz delito, partiu de Madrid penhorado daqueles Ministros com dádivas e promessas. Chegou a Lisboa no mês de Maio de 1647 e aqui se deteve até 20 de Junho do mesmo ano, dispondo o que lhe parecia mais conveniente para executar a perversa intenção com que vinha. Para tal, mandou alugar três moradas de casas, todas contíguas umas com as outras, no sítio onde depois foi a igreja do convento que estamos analisando, dispondo entrada para elas pela porta da freguesia de São Nicolau, onde estava o beco chamado de Pero Ponce de Leão; e na última morada, que caía para a Fancaria de Cima, onde depois ficou a Capela do Coro do dito Convento, abriu duas brechas no tabique, para que ao passar El-Rei, acompanhando como sempre costumava o Senhor, dali lhe fizesse tiro com uma escopeta; e para que fosse mais seguro de ser mortal, tinha cravado as balas com veneno” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 132).

“E porque era certo que, feito o tiro com efeito, se havia logo de buscar o autor dele pela porta que ficava por baixo da janela que as casas tinham para a rua, mas a porta estava tão impedida com muito entulho que necessariamente se havia de passar largo tempo para desembaraçar a entrada da porta, e o traidor entretanto poderia muito a seu salvo sair pelas outras casas, por onde tinha feito comunicação para a parte de São Nicolau, e dali mui disfarçado determinava passar ao sítio em que o companheiro Roque da Cunha, natural da vila de Moura, o estava esperando posto a cavalo, com outro pronto para nele montar Domingos Leite (o traidor). Chegado o dia do Corpo de Deus, que nesse mesmo ano foi aos 20 de Junho de 1647, tendo passado o palácio e debaixo dele o Santíssimo Sacramento, ao qual seguia logo El-Rei, e parecendo ao traidor que a distância era proporcionada para empregar o tiro, meteu a espingarda à cara. Porém, perturbou-se-lhe a vista e assombrou-lhe o coração com um súbito estupor: a espingarda caiu-lhe das mãos, e do ânimo o atrevimento com que estava. E assim, falhado o intento, partiu com o companheiro para Castela, onde se desculpou com os Ministros que o tinham mandado, dizendo que pela muita gente de que El-Rei ia cercado, não pudera fazer o tiro. Mas atribuindo-se-lhe a falta de coragem para o executar o que tinha prometido, confuso e envergonhado de se ver reputado por homem cobarde, fazendo novas promessas de dar cumprimento a sua palavra e satisfação ao desejo daqueles que o mandavam, partiu de novo para Portugal o dito Domingos Leite Pereira, trazendo por companheiro o mesmo Roque da Cunha. E da Vila de Moura o mandou adiante, para que fizesse prestes casas onde se recolhessem. Mas este seu companheiro, denunciou ao Juiz da inconfidência e ao Conde de Odemira o intento com que vinha o companheiro. Logo o mandaram prender

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

à Póvoa de Dom Martinho, onde Domingos Leite esperava o seu companheiro. Sendo preso, não se fez muito rogado para confessar o intento com que viera da primeira vez, e com que tornava da segunda. E assim convencido por sua própria confissão do gravíssimo delito que intentara, foi condenado a ser arrastado ao lugar do suplício e aí lhe serem cortadas as mãos e depois enforcado. O que tudo se executou aos 16 de Agosto de 1647” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 133).

“A Sereníssima Rainha Dona Luísa de Gusmão, sentindo-se obrigada do benefício que ela e o Reino todo tinha recebido do Santíssimo Sacramento ter preservado da morte intentada a El-Rei D. João seu marido, tratou logo de dar testemunho do seu agradecimento, levantando no mesmo lugar um tempo consagrado ao Corpo de Cristo. Para isso, deu logo ordem para se comprarem as casas, que se haviam de derrubar para dar lugar a que se erguesse a igreja e o convento.

E assim, em 28 de Setembro de 1648, entre as oito e as nove horas pela manhã de uma segunda-feira, lançou a primeira pedra fundamental da Igreja, com as cerimónias em uso em tais funções, Dom Manuel da Cunha, bispo de Elvas, capelão-mor de El-Rei e arcebispo nomeado de Lisboa, assistido de toda a Capela Real e de muita nobreza.

Foi continuando a obra. E sem embargo de a obra demandar largo tempo para se acabar, por ser toda de mármore mui duros, lavrados não só com muita perfeição mas também lustrados com muita paciência e larga despesa, no ano de 1661 pôs-se em estado de se poder usar dela, e o convento em termos de poder ser habitado dos religiosos que nele houvessem de morar” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 134).

Em 24 de Abril de 1661 (13 anos depois de se ter lançado a primeira pedra), a rainha Dona Luísa mandou chamar o Reverendo Padre Frei Miguel da Madre de Deus, Provincial dos Padres Carmelitas Descalços, ao qual disse que pela devoção que tinha com a gloriosa Santa Teresa de Jesus, e pela estimação que fazia de seus Filhos, obrigada de sua muita observância e bom exemplo de virtudes, os tinha escolhido para que fossem seus capelães na igreja que tinha fabricado em honra do Santíssimo Sacramento, pelo benefício de livrar da morte a El-Rei D. João seu marido, quando seus inimigos tinham determinado de lhe dar na mesma ocasião em que ele, com piedosa devoção, acompanhava a Soberana majestade de Cristo Sacramentado; e que esperava deles, que não só dariam contínuas graças pela mercê que Nosso Senhor tinha feito a El-Rei, a ela, e ao Reino todo, e que também se lembrariam de encomendar à Divina Majestade a El-Rei defunto, a ela, e a seus filhos, e a conservação e a prosperidade do Reino, para que tudo fosse para maior glória de Nosso Senhor.

“Anunciou a Rainha que ela tinha determinado que o Senhor se colocasse na nova igreja em 12 de Junho do mesmo ano de 1661, domingo da Festa da Santíssima; e que tudo por sua ordem estaria pronto para no dito dia começar a habitação dos Religiosos daquela Casa, em que queria ter seis capelães com obrigação de missa quotidiana por sua alma” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 135).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Assim se cumpriu exactamente. No dia assinalado, 12 de Junho de 1661 com a assistência do Infante D. Pedro, depois Rei deste Reino, e da Senhora Infanta Dona Catarina, rainha que foi da Grã-Bretanha, assistindo toda a nobreza da Corte – faltando somente, com não pouca mortificação sua, El-Rei D. Afonso VI, por se achar enfermo -, expôs com a maior solenidade o Santíssimo Sacramento Dom Francisco de Souto Mayor, bispo de Tarja e deão da capela real; e logo o mesmo prelado começou a Missa; e nela depois do Evangelho se seguiu o Sermão, que correu por conta do Reverendo Padre Mestre Frei Cristóvão de Almeida, religioso que era dos Eremitas de Santo Agostinho, pregador de sua Majestade e bispo que depois foi de Martyria.

A Rainha faleceu em 26 de Fevereiro de 1666, e foi sepultada no dia 27 no Convento, num majestoso mausoléu, da parte do Evangelho. Alguns anos depois D. Pedro II, seu filho, o mandou trasladar para debaixo do sacrário<sup>LXII</sup>.

## 1. DESCRIÇÃO DA IGREJA, TAL COMO ERA EM 1707

Conforme vem na *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 137-140):

“Como o sitio da igreja e convento fica muyto no coraçam da cidade nam ouve commodidade de largueza pera grande fabrica, e assim se trattou somente de comprar as casas sufficientes, o que se fez com grande custo, pera se levantar hum templo que fosse sinal do animo agradecido de quem o mandava levantar. He a sua frontaria de pedraria lavrada, com seo frontispicio, que ornam quartelas e piramedes grandes sobre os cunhaes. Dá entrada pera a igreja hum arco largo de huma volta abatida, e por bayxo do ditto arco ficam humas grades de ferro, que como portas se abrem e fecham quando querem, e destas grades pera dentro ha hum spaço que será de dez palmos até á porta da igreja, e o ditto spaço corresponde a toda a largura da igreja, sendo o tecto do tal spaço de pedraria em esteyra, com almofadas metidas dentro de quadrados. Bem no meyo do ditto spaço tem lugar a porta da igreja, ficando aos lados della, de cada parte, uma janela grande, com suas grades de ferro que imitam a forma de huma jaluzia.

Entrando pella porta da igreja se vê nella um quadrado, que formam quatro arcos largos e altos, sobre os quaes corre huma cimalha, e della pera cima se segue o zimbório, que fecha com as mesmas almofadas de que sam ornados os lados da igreja, ficando as almofadas postas humas em figura ovada, outras em redonda, e outras em quadrado, metidas todas em quadrados de pedra vermelha, as quaes almofadas, ficando no meyo destes quadrados tem outras triangulares á roda, que sam brancas, assentando cada huma per si dentro dos dittos quadrados vermelhos. Nos dous lados de que acabamos de falar se vem em cada hum delles duas janelas rasgadas, que olham pera dentro da igreja, as quaes sam de sacada, com suas

LXII No dia 17 de Junho de 1713, os restos mortais da rainha foram trasladados para o convento de Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete, ou do Grilo, de acordo com a sua vontade. Em 1889, transitou para o panteão dos Bragança, no convento de São Vicente de Fora.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

grades de ebano guarneçadas de bronze dourado e por cima sua cimalha que se une com a real, que corre toda a igreja. E às ilhargas destas janelas, por aquelle espaço que devida hum da outra, se prosegue guarniçam de almofadas pretas metidas no dittos quadrados vermelhos, a qual se estende por toda a igreja em forma que assim os dous lados della, como a frontaria das grades do coro pera bayxo e o coro por dentro, e seo tecto por cima, tudo he guarnecido com o ditto feytio de almofadas, humas mayores, outras mays pequenas, mas tudo em boa correspondencia, que nam deixa de ser vistosa e agradavel aos olhos. Tem mays o coro duas janelas rasgadas, das quaes recebe muyta luz, e por cima dellas e da cimalha real da igreja todo aquelle vam que vay pera cima, e he o que resulta de hum dos dittos arcos grandes que deyxaram livre pera a igreja receber mays claridade, mas com grades e vidraças diante.

Por bayxo do arco da capella mor se segue o mesmo feytio da obra já declarada, e nos lados da ditta capella se vem duas portas, fronteyras huma á outra, ambas de sufficiente grandeza, guarneçadas com sua moldura, as quaes fecham em angulo, e sobre cada huma das portas se vê huma janela igual em tudo ás que dissemos ter o corpo da igreja em seos lados, com suas vidraças. Das dittas duas portas, a que tem lugar á mam direyta dá serventia da igreja pera a sancristia, a que lhe fica fronteyra tem a mesma guarniçam de pedraria, e se fez só por fazer correspondencia. E porque nam havia por ella serventia lhe encostaram hum altar, com seo paynel, e sobre a banqueta do altar se colocou hum sacrario, o qual se ministra a Communham a quem a quer receber.

O retabolo desta capella mor ha singular na materia, porque he todo de ébano, com guarniçam de metal dourado, cousa que se nam vê em retabolo algum deste Reyno. Tem de cada banda duas grandes colunas, com seos capiteis e cornija sobre elles, tambem de bronze dourados, e do mesmo modo a moldura de hum paynel redondo que fica sobre a ditta cornija, e serve de remate ao retabolo, acompanhando pelos lados duas almofadas triangulares do mesmo ébano, com suas guarnições de bronze dourado. E o mesmo ornato se vê em outras obras do retabolo. E no meyo delle, entre as duas grandes colunas que dissémos, tem lugar hum grande paynel, ornado de largas molduras, e na pintura delle se representa a procissam em que El Rey Dom Joam atraz do palio ia acompanhando a Christo Sacramentado. No altar-mor em que se venera o Sanctissimo ardem continuamente duas alampadas de prata, de muy bom feytio. Fronteyras á capella mor tem humas boas grades guarneçadas tambem de metal dourado.

Tem mays a igreja dous pulpitos, fronteyro hum ao outro, nos extremos dos pilares do arco de capella mor, com seos balaustres de ebano e do mesmo he tambem o toldo, huma e outra couza com a mesma guarniçam de ouro.

A cada hum dos dous lados da igreja se vem tres confessionários, a que vem assistir os Religiosos quando sam chamados. Como a igreja nam tenha mays que dous altares, nam tem necessidade de muytos ornamentos, mas ainda assim nam só tem os que sam necessarios mas todos elles sam de muy boa qualidade, e tratados com aquelle asseyo que os Reverendos Padres Carmelitas Descalços observam nas suas igrejas, sendo por isso e por muytos outros titulos dignissimos de grande louvor. A fabrica interior nam está ainda [em 1707] de todo perfeyta, e ainda que de todo se acabe nunca poderàm ter muyta largueza, porque o sitio he tam apertado que lhe nam permite sufficiente claustro, nem outras commodidades muy necessarias em hum convento de religiosos. Mas nam obstante ter o convento tam pouca

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

largueza, ainda assim sam de prezente moradores nelle dezoyto sacerdotes e quatro donatos, número mayor daquelle pera que se fundou o convento.

## 2. EM 1755

O terramoto de 1755 destruiu o Convento quase totalmente<sup>LXIII</sup>.

Mas foi logo reconstruído no ano seguinte, integrado aliás nos esquemas da nova urbanização pombalina.

Vd. Igreja do CONVENTO DO CORPUS CHRISTI – 2ª 1756 ss

## Bibliografia

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

<sup>LXIII</sup> A tradição olissipográfica acolhe, de facto, a tese da destruição completa da igreja e do mosteiro do Corpus Christi no terramoto de 1755, embora haja fundadas razões para pensar que a estrutura da igreja, salvo a cúpula abobadada, sobreviveu ao sismo, tendo sido reaproveitada na obra pombalina. Novas pesquisas sobre o monumento (Soromenho, 2004: 116-123) puderam apurar que o arquitecto escolhido foi Teodósio de Frias (II), que logo em 1647, data do atentado falhado contra D. João IV, preparou o projecto, lançado solenemente em Setembro de 1648. As características da planta centralizada da igreja que ainda hoje se conserva correspondem às descrições seiscentistas do templo primitivo, bem como são claramente daquela época o desenho da membratura arquitectónica interna e o tipo de decoração com mármore de cores. A identificação de um manuscrito, de Manuel Tomás Machado, frade bernardo, de 1758, com um relato inédito sobre a catástrofe, parece esclarecer cabalmente a questão: “O convento do Corpus Christi aos torneyros o terramoto e incêndios o consumirão porem a Igreja ficou illeza com o seu precioso altar mayor...” (Biblioteca Nacional de Portugal, *Secção de Reservados*, cod. 1772, fl. 53vº).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PORCIÚNCULA****Século XVII [1648]**

Era Hospício dos Religiosos Capuchinhos Franceses, pertencentes à Província da Bretanha, em França.

Sucedendo no 1º de Dezembro de 1640 ser restaurada a independência de Portugal e elevado ao trono o Duque de Bragança, com o nome de D. João IV, as novas condições políticas aproximaram com recíproca amizade a Coroa de Portugal e a da França. Aproveitando-se de tão boa ocasião, passaram de França a este Reino alguns religiosos capuchinhos; e a instâncias de Fr. Cyrillo Mayene, obtiveram do rei D. João IV, em 11 de Agosto de 1647, licença para fundarem um Hospício, com a alegação de que se propunham empregar o seu zelo nas conquistas de Portugal.

Enquanto não edificaram casa própria, acomodaram-se fora da cidade, no sítio de Santo Amaro. Mas, com o favor da Duquesa de Aveiro, Dona Maria de Guadalupe (e de seu filho Dom Raimundo de Alencastre), que lhes deu um sítio junto ao seu Palácio, fronteiro ao Convento da Esperança, e ajudando-os com suas esmolas, começaram no ano de 1648 a construção do seu Hospício, sob a invocação de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula.

No dia de Reis de 1649, celebrou a primeira missa na sua igrejainha o Bispo de Targa, D. Francisco de Soutomayor.

“Correndo o tempo, passaram do dito Hospício alguns, com o título de missionários, ao Estado do Brasil, onde fundaram alguns conventos; mas julgando-se menos necessária a sua assistência no Brasil, voltaram para Portugal” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 108).

Casando o Rei D. Afonso VI com Dona Maria Francisca Isabel de Sabóia, com o seu favor foram fabricando maior convento.

Durante algum tempo, ali se agasalharam também os Padres Capuchinhos Italianos, por serem da mesma Família Religiosa, que tinham vindo para Lisboa para passar às missões do Reino de Angola; assim continuaram alguns anos. Mas, “achando os Padres Italianos mais conveniência em terem habitação própria, procuraram que o Rei D. Pedro II lhes concedesse as Casas que tinham sido das Senhoras Comendadeiras de Santos” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 108), à Cruz da Pedra, e que estas tinham deixado para se mudarem para o grande e novo Mosteiro de Santos-o-Novo.

Tinha excelente vista para o mar, com o seu jardim e uma cerca junto às Casas dos Condes de Vilanova de Portimão.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A porta principal era virada a Nascente, e outra porta era virada ao Norte, que se fechava com grades de ferro.

A igreja era (tal como o Convento) de grande pobreza: tinha uma só nave e três capelas, incluindo a capela-mor. Nesta via-se a imagem de Nossa Senhora dos Anjos, dentro duma maquineta. Os dois altares eram da banda da epístola: um dedicado a Sant'Anna, outro a Nossa Senhora da Conceição.

O Convento não teve ruína com o terramoto de 1755.

Os ditos religiosos conservaram-se ali desde 1648 até 1833, havendo neste ano apenas um religioso de missa, tanto que na Procissão do Corpo de Deus, em que eram obrigados a comparecer, se incorporavam com os Barbadinhos Italianos (sob o pendão dos Barbadinhos Franceses, por estes serem mais antigos na Cidade). Ficava na Rua da Esperança, na esquina para a Travessa dos Barbadinhos.

Depois de 1834 instalou-se no antigo edifício conventual um dos Asilos da Infância Desvalida.

Sobreveio o incêndio de 27 de Outubro de 1837 e tudo reduziu a cinzas (vd. Araújo, 1939: vol. III, liv. 7, 22).

Na 1ª metade do século XX, foram ali instalados uns balneários municipais, assentes em restos de casas que haviam sido convento (Araújo, 1939: liv. 7, 22).

Com a extinção das Ordens Religiosas em 1834, foi concedido ao único capuchinho francês e aos italianos que ficassem no Convento dos Barbadinhos Italianos, vestindo o hábito de São Pedro: só um é que aceitou (não sei dizer qual), partindo os demais para Itália.

Em 27 de Outubro de 1837, todo o edifício se incendiou, ficando muito arruinada a igreja e o convento. Mais tarde instituiu-se ali um colégio de primeira infância.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

ARAÚJO, Norberto – *Peregrinações em Lisboa*. Vol. III. Livro 7. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1939.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> – Editores, 1909.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✍ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO – 1ª, AO CORPO SANTO**

Século XVII [1659] → 1755

Dos Religiosos Irlandeses da Ordem de São Domingos.

Vimos em notícia especial, relativa ao ano de 1633, a história da vinda para Lisboa de alguns Religiosos Dominicanos Irlandeses, sob a chefia do Padre Frei Domingos do Rosário. Chegados a Lisboa em 1629, foram-se instalando por aqui e por ali, até se fixarem no Pátio das Fangas da Farinha junto à Calcetaria, para onde se passaram em 13 de Setembro de 1633. Aqui iriam permanecer até 1659.

Tendo falecido em 6 de Novembro de 1656 em Lisboa o Rei D. João IV, o governo do reino ficou a cargo da Rainha Dona Luísa de Gusmão, muito afeiçoada a Frei Domingos do Rosário, que já então tinha o título de Vigário Geral. O dito Frei Domingos animou-se então a pedir à dita Senhora licença para fundar em Lisboa um Colégio em qualquer sítio que achasse conveniente. A Rainha concedeu então licença para que os religiosos Domínicos irlandeses pudessem fundar um Colégio na cidade, em sítio conveniente para poderem viver 50 religiosos, e que para seu sustento poderiam ter de renda 5.000 cruzados, achando quem lhes quisesse dar, com declaração que mudando-se do sítio das Fangas dariam conta à Rainha do novo lugar para onde se quisessem mudar.

Aproveitando-se do favor da rainha, trataram logo de buscar sítio onde fundar. E para isso puseram os olhos em umas casas caídas que estavam no Corpo Santo, defronte do Palácio de Corte Real. Estava o sítio repartido em três donos diversos, dos quais dois não queriam ir na venda. Foram-se porém vencendo as dificuldades, porque uma parte do sítio, por dívidas em que o seu dono estava obrigado, foi arrematada em praça pública e os Padres a compraram. Outra parte sucedeu morrer o dono, ficando uns órfãos por herdeiros, e se vendeu para dar a cada um o seu quinhão, e assim a compraram também os Padres. A terceira parte, embora o seu dono viesse a vendê-la ao Padres de boa vontade, padeceu mais dificuldade, porque tinha cláusula de Morgado e os Ministros do Desembargo do Paço não queriam dar licença para a sub-rogação. Mas o Padre Vigário Geral, com sua muita prudência e destreza em negociar, e com o favor da rainha, conseguiu licença para a venda. A Rainha contribuiu com uma esmola de 8.000 cruzados, que tanto vieram a custar as casas caídas.

Parecendo aos Padres que tudo estava desimpedido, trataram de principiar as obras, começando a abrir os alicerces. Mas logo lhes vieram três embaraços: um, do Senado da Câmara, que lhes impedia fazerem alguma obra fora das paredes velhas; outro, da Irmandade de Nossa Senhora da Graça, sita na Ermida do Corpo Santo, que era dos Pescadores, que alegavam ser o terreiro todo seu por doação muito antiga dos Reis deste Reino, que lhes fizeram mercê dela para enxugarem suas redes; o terceiro embargo veio do cura e mais clérigos da Igreja Paróquia de São Paulo, que não queriam admitir Convento de Religiosos nos limites da sua freguesia. Pararam logo com as obras, e começaram a correr demandas em três diferentes juízos, que duraram alguns meses. Mas as demandas acabaram com grande honra e crédito dos Religiosos: o Senado da Câmara lhes fez doação livre do que pretendiam do terreiro; a

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Irmandade dos Pescadores fez termo de desistência na sua demanda; e a causa do Cura de São Paulo foi sentenciada na Relação Eclesiástica a favor dos Padres.

Continuaram as obras. E “em 4 de Maio de 1659 veio-se a fazer a mudança com grande solenidade do lugar das Fangas da Farinha para o novo Convento, assistindo a ela os Religiosos Irlandeses, a grave comunidade do Real Convento de São Domingos, muitos senhores e ministros de grande autoridade, e grande concurso de povo. Chegando ao lugar destinado para o novo Convento, o bispo de Targa, Dom Francisco de Souto Mayor, com as cerimónias ordinárias benzeu a pedra, na qual se lia a inscrição seguinte:

A SOBERANA E REAL MAGESTADE DA RAINHA DE PORTUGAL DONA LUISA DE GUSMAM FUNDOU ESTE MOSTEYRO PERA OS RELIGIOSOS IRLANDESES DE SAM DOMINGOS DEDICADO A NOSSA SENHORA DO ROSARIO E AO PATRIARCA SAM DOMINGOS, EM QUATRO DE MAYO DE 1659“

(*Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 127-128).

Continuando as mercês feitas ao Padre Frei Domingos do Rosário, a Rainha-mãe mandou-lhe passar em 3 de Novembro de 1660 um padrão, para o qual ordenou se pagassem ao novo Colégio dos Religiosos Domínicos Irlandeses, para ajuda do seu sustento, as mesmas Ordinárias que se pagavam ao Seminário de São Patrício, no qual, debaixo do governo da Companhia de Jesus, vivem sujeitos da mesma nação irlandesa. E assim ficaram com 460.000 réis de renda, que tanto importavam as Ordinárias do dito Seminário. E na dita quantia dos 460.000 réis entraram 120.000 réis que os ditos religiosos já tinham nos miúdos da Alfândega desta cidade.

É digna de registo a seguinte informação extraída da *Corografia* do Padre Carvalho da Costa:

Sahiraõ deste Convento para Irlanda, atè o anno de 1663. quarenta Religiosos insignes em virtude, & letras, que são os seguintes.

O P. Fr. Pedro Martyr Percis, hum dos Companheyros do P. Fr. Domingos do Rosario, Fr. Vicente Dillon, que morreo Martyr, Fr. Arturo Geochagan, que tambem morreo Martyr, Fr. Diogo Dillon, Fr. Duarte Nogle, o P. M. Fr. Thadeo Moriarty, que padeceo martyrio, o P. Presentado Fr. Lourenço o Ferial, que tambem padeceo martyrio, Fr. Terencio Modonoch, Fr. Diogo do Espirito Santo, o Donel, que tinha sido Reytor do Collegio, Fr. Miguel do Rosario, que morreo Martyr, Fr. Ambrosio de Santo Andre, o Chael, que morreo Martyr, Fr. Joaõ Giralдино, Fr. Ambrosio Kennedy, o P. M. Fr. Guilherme de Burgo, que foy Provincial de Irlanda, o P. Presentado Fr. Raymundo Brimigaõ, Fr. Joaõ Horan, Fr. Guilherme Kelis, Fr. Gerardo de Baggou, Fr. Diogo Thuri, Fr. Miguel Claro, Fr. Joaõ de Burgo, Fr. Miguel de S. Vicente, Fr. Arturo Tife, Fr. Thadeo de Santa Theresa, Fr. Diogo de S. Domingos, Fr. Miguel de Tulevan, Fr. Joseph Carrel, Fr. Dionysio da Purificação, o P. M. Fr. Gregorio o Ferial, Fr. Diogo Arturo, o P. M. Fr. Constantino Hife, Fr. Nicolao Dilon, Fr. Raymundo Giralдино, o P. M. Fr. Thomás Linceo, Fr. Andre de Santo Thomas

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Hurleo, Fr. Felliipe Lobo, o P. M. Fr. Fabiano Rian, Fr. Pedro Manuncio, Fr. Patricio Giggins, Fr. Pedro Butheros, & outros muytos, que depois passaraõ a Irlanda, & fizeraõ grande fruto na conversão dos hereges” (Costa, 1712: vol. III, 488-489).

Notícia da igreja, no início o século XVIII

O frontispício da igreja deste Convento ficava voltado para o Nascente. A porta era uma só, bem lavrada de pedraria, tendo ornato de quartelas.

Entrando nela, depara-se-nos o Coro proporcionado ao número de religiosos: a frontaria do coro assenta sobre uma grossa viga que ocupa toda a largura da igreja; e sobre ela correm as suas grades. Pela parte de baixo, que olha para o pavimento da igreja, é muito bem forrado em painéis, tudo de madeira de bordo. Debaixo do coro, fica de cada parte um arco á feição de capela, sem o ser.

A igreja é de uma só nave. Por cada lado tem três capelas, cada uma com seu arco de pedraria; e sobre os ditos arcos das capelas do corpo da igreja corre uma cimalha de pedra, por ambos os lados, a qual se termina junto das grades do coro. E por cima da dita cimalha, bem sobre o meio de cada capela, tem lugar uma janela, a que se segue a cimalha real, que é de pedraria; e da dita cimalha para cima nasce a abóbada da igreja, a qual é de ladrilho, em meia laranja. No coro vêem-se três janelas rasgadas, que não deixam de ser algum ornato ao frontispício da igreja, servindo também para dar bastante luz e claridade ao coro e à mesma igreja.

As seis capelas do corpo da igreja são, da banda do Evangelho, a de Nossa Senhora do Rosário, com sua Irmandade, a de Santo António, e a de São Gonçalo de Amarante; as da parte da Epístola são a de Santa Rosa de Lima (religiosa da ordem), a de Nossa Senhora da Pérsia (imagem milagrosa), e a de São Patrício, apóstolo da Irlanda.

Além dessas seis capelas, fica mais aos lados do arco da capela-mor uma de cada banda, com seu arco de pedra, mas mais pequeno do que os que se vêem nas capelas do corpo da igreja. E as ditas duas capelas têm seus retábulos com colunas que fingem pedra da Arrábida, com bases e capiteis dourados. As duas capelas colaterais são a de Jesus da parte do Evangelho, e a de Santa Luzia da banda da Epístola.

A capela-mor é toda ela de pedraria, assim como o tecto e os lados, guarneecendo tudo almofadas de mármore negro dentro de quadrados vermelhos com molduras e frisos, tudo de pedraria bem lavrada. Tem mais duas portas, uma fronteira à outra, metidas dentro de seus arcos de pedraria. A da parte do Evangelho dá serventia para um pequeno claustro e para a Sacristia que fica em um lanço dele; e a que tem lugar do lado da Epístola só serve para fazer correspondência à que fica da parte do Evangelho. O retábulo da capela-mor é pintado, com uma só coluna por banda, que finge pedra da Arrábida, com seu bastante arco de tribuna. Na capela-mor estava o Santíssimo Sacramento, com São Domingos e São Francisco de Assis.

Além do lugar ocupado pela igreja, portaria, claustro e sacristia, não ficou muita largura para a fábrica do convento; mas ainda assim se edificaram celas bastantes para o número de religiosos que costumavam ser moradores do dito convento. Em 1708, residiam no convento 20 frades.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 1. O TERRAMOTO DE 1755

“Padeceu esta igreja, e convento, grande ruína com o terramoto do primeiro de Novembro memorável. Um religioso irlandês, que se achava nesse tempo dando a comunhão, animou fortemente os fiéis; e desembaraçando-se intrépido de entre as ruínas, prevendo maior perigo, não largando das mãos a sagrada Píxide, com ela caminhou até à Igreja Paroquial de Santa Isabel, acompanhado de inumerável povo, que a altas vozes ia implorando a misericórdia do Todo Poderoso. Depois se restituiu para uma decente ermida, que se fez no seu antigo convento, onde era portaria, enquanto se não cuida em maior cómodo” (Castro, 1763: tomo III, 395).

Vd. IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO AO CORPO SANTO – 2ª, depois do terramoto

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. VII. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1721.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♂ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MONTE OLIVETE OU DOS GRILOS

Século XVII [1666. 1684] → ♂ A partir de 1835

Religiosos Eremitas Descalços de Santo Agostinho.

Nota prévia:

Convém não confundir as Ordens Religiosas que têm em comum o apelido de “Agostinhos”:

Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, velha Ordem dos inícios da nacionalidade. Tinha em Portugal, neste século XVII, 14 Mosteiros e Hospícios do sexo masculino, mais 4 mosteiros reunidos, mais um mosteiro feminino. Em Lisboa: o Mosteiro de São Vicente de Fora (♂); e o Mosteiro de S. Félix de Chelas (♀).

Os Eremitas Calçados de Santo Agostinho. Esta Ordem compunha-se de 21 conventos de Frades e 4 conventos de Freiras. Em Lisboa: N.ª Sr.ª da Graça, Penha de França, Coleginho de Santo Antão-o-Velho, N.ª Sr.ª do Monte (♂) e Santa Mónica (♀),

Os Eremitas Descalços de Santo Agostinho. Possuíam 17 conventos de Frades (dos quais 10 conventos priorados e 7 vigararias), e mais 4 Hospícios; e um convento de Freiras. Em Lisboa: Convento dos Grilos, Boa-Hora (ao Chiado), Boa-Hora (na Ajuda), Santa Rita de Cássia (♂); e o Convento das Grilas (♀).

### 1. HISTÓRIA BREVE

A construção foi principiada em 1666, por iniciativa de Frei Manoel da Conceição, confessor da Rainha Dona Luísa de Gusmão. Seu filho, el-rei D. Afonso VI lançou a 1ª pedra nos alicerces do templo, com grande acompanhamento e solenidade, no dia 15 de Maio de 1666.

“Ateando-se violento incêndio neste edifício no dia 23 de Outubro de 1683, em menos de duas horas destruiu toda a igreja e a maior parte do convento. Porém, passado pouco tempo, estavam completamente reconstruídos.” (Barbosa, 1864a: 213).

O terramoto de 1755 também lhe causou graves danos, mas como não se incendiou, foi depressa restaurado.

Depois da extinção das Ordens Religiosas, em 1834, instalou-se na parte do Convento o Recolhimento de N.ª Sr.ª do Amparo, que antes estivera na Mouraria e que tem uma história longa e famosa.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Quanto à igreja, sabe-se que um aviso do Governo, de 16 de Outubro de 1835, ordenou a mudança da freguesia de São Bartolomeu para a igreja do extinto convento de Frades Franciscanos de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Jesus, de Xabregas (depois, Fábrica de Tabacos). (Vd. Castilho, 1938: vol. XI, 70) Antes, estivera esta freguesia estabelecida na Igreja do Beato António, da ordem dos Cónegos Seculares de São João Evangelista: para lá tinha sido transferida em 1755, depois do terramoto. Assim, ficou com o título de São Bartolomeu do Beato. Ora bem: o povo não acatou bem a transferência ordenada em 1835; e com as influências de alguns nobres conseguiram que a freguesia de São Bartolomeu (agora do Beato...) se instalasse na Igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, do anterior Convento dos Agostinhos Descalços.

Assim, em 1835 (ou 1836...), o Santíssimo Sacramento foi transferido, em solene procissão, com o maior sentimento e lágrimas dos seus paroquianos, que há 80 anos ali a possuíam em melhor local e mais majestoso templo. A razão era que a Igreja do Beato António foi então destinada a Panteão dos Nobres: para tal, se arrancaram os quadros, órgão e mais objectos fixos. O Convento foi vendido.

## 2. DESCRIÇÃO DA IGREJA

A igreja é de uma só nave. Segundo Norberto de Araújo (1939: vol. III, liv. XV, 25):

“...Ostenta no corpo seis capelas, três por cada lado, e duas colaterais no transepto.

Pela esquerda temos a capela de São Sebastião, onde esteve também uma tradicional imagem de Nossa Senhora da Atalaia. Logo, a capela de Nossa Senhora das Barraquinhas (deliciosa invocação, da qual não se sabe a origem, e representada numa pintura a óleo), ou de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Bom Despacho, imagem principal da capela; a seguir está a capela do Santíssimo, na qual se vê uma imagem de Nossa Senhora da Soledade.

Pelo lado direito, há a capela do Senhor dos Passos; a de Nossa Senhora do Carmo; e, finalmente, a capela do Senhor no Horto, que foi há anos a de Nosso Senhor da Cana Verde, outra pitoresca invocação.

As capelas do transepto são: a da esquerda, do Sagrado Coração de Jesus, antiga de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Graça; e a da direita, de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> das Dores, antiga da Soledade.

A Capela-mor ostenta alguns materiais nobres, sendo o altar-mor ornado de colunas salomónicas enfloradas, em mármore policromo, e coroado de armas reais. Neste altar estão as imagens de Nossa Senhora do Monte Olivete, orago do Convento; de São Bartolomeu, orago da paróquia; e de Santo Agostinho.

O tecto da igreja não tem interesse: estuque em abóbada de arco de cesto.

Na Sacristia vemos azulejos historiados, bons, do século XVIII; dois quadros, representando Nossa Senhora da Boa Viagem e a Fuga para o Egito”.

As armas que estão no fecho do retábulo da capela-mor: é um escudo de armas posto em pala, na direita as armas reais, na esquerda as armas da rainha.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

ARAÚJO, Norberto – *Peregrinações em Lisboa*. Vol. III. Liv. XV. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1939.

BARBOSA, Inácio de Vilhena – “Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito)”, *Archivo Pittoresco*, vol. 7/27, 1864a, pp. 212-214.

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. XI. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1938.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DA CONVALESCENÇA****Século XVII [1640. 1746]**

Da Ordem dos Religiosos Capuchos da Província de Santo António.

Este convento, vulgarmente chamado da Cruz da Pedra, principiou em 1640<sup>LXIV</sup>, e foi reedificado em 1746.

Ficava na Estrada de Benfica, no sítio chamado Cruz da Pedra, próximo de um chariz.

A igreja tinha capacidade para mais de 600 pessoas. Possuía lindas capelas, além da capela-mor. A mais notável era a Capela do Senhor Jesus da Paciência, tanto pelos quadros como pelos lindos ornatos de que era enriquecida.

Tinha algumas pinturas: entre elas, o quadro do Senhor Jesus da Paciência (Jesus preso à coluna), que se podia pôr a par dos melhores quadros de Lisboa. Entre as esculturas, merecia atenção a imagem de “Santo António” e a imagem de “Cristo no postíbulo”.

LXIV A construção do convento foi prodigamente patrocinada pelos Gomes da Mata, correios-mor do reino, uma das famílias mais poderosas da época, que lograram o padroado da igreja. Sobre as origens e a constituição da fortuna da linhagem vd. Abecassis, 2017.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 19 – Igreja de Santo António da Convalescência em 1833 (in Pereira, 1927: 65)

Pela extinção das Ordens Religiosas em 1834, saíram os Padres do seu convento. A parte conventual foi vendida, e em seu lugar foi construído um palacete<sup>LXV</sup>. Quanto à igreja, o povo das redondezas caprichou em manter esta igreja aberta e com decência, de forma que estabeleceram seu capelão e mais objectos precisos para a conservação do culto, assim se conservando até data que não sabemos precisar.

### Bibliografia

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1927 [Prefácio de Vieira da Silva], pp. 65-67.

<sup>LXV</sup> O edifício veio a ser adquirido pelo arquitecto José Maria Nepomuceno (1836-1895), que o adaptou a sua residência particular. Coleccionador e bibliófilo, foi responsável por intervenções de restauro em muito do património religioso de Lisboa desafectado depois de 1834. Nas obras da sua casa de Benfica utilizou vastos espólios de azulejaria recolhidos em algumas dessas campanhas.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DA CASA DO ESPÍRITO SANTO, DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO****Século XVII [1674]****1. O PADRE BARTOLOMEU DO QUENTAL**

São Filipe de Néri (1515-1595) consagrou-se em Roma ao serviço dos doentes e dos peregrinos. Em 1551, ano da sua ordenação sacerdotal, começou a ocupar-se da educação das crianças e dos jovens, fundando para isso a Congregação do Oratório. Este Instituto estendeu-se a diversas cidades de Itália, passando a outras províncias e reinos da Cristandade. Mas decorreram muitos anos até que fosse introduzido em Portugal. Deve-se a sua introdução em Portugal ao Venerável Padre Bartolomeu de Quental (1626-1698)<sup>43</sup>.

Era este oriundo da Ilha de São Miguel, da cidade de Ponta Delgada. Tendo vindo para Lisboa, foi estudar para a Universidade de Évora, onde cursou Filosofia. O seu engenho, que não era vulgar, deu tão boa conta que mereceu por oposição uma bolsa do Real Colégio da Purificação; e entrando no Colégio, estudou quatro anos a Teologia, continuando mais cursos para obter a láurea doutoral. Fazendo os actos que se requerem, recebeu o grau com grande aplauso. Veio depois para Lisboa, onde começou a fazer alguns sermões, que lhe granjearam notável prestígio pela rara persuasão do seu púlpito. Tinha sido ordenado presbítero em 1653, com 27 anos. Em 22 de Outubro de 1654, foi nomeado por D. João IV capelão, confessor e pregador da Casa Real. A partir de 1659 a actividade do P.º Bartolomeu do Quental concentra-se na fundação e consolidação em Portugal da Congregação do Oratório. Os que viriam a ser os primeiros congregados portugueses reuniram-se inicialmente na própria capela real, onde faziam públicos exercícios de oração mental e práticas espirituais aos domingos e dias santos. Com o venerável Padre Francisco Gomes foi ocupar o pequeno Colégio que nas Fangas da Farinha tinham deixado os Religiosos Domínicos Irlandeses, quando se mudaram para o seu novo Convento do Corpo Santo (em 4 de Maio de 1659). Em 16 de Julho de 1668 deram princípio ao seu Instituto, lançando a roupeta um ao outro<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> Ver infra, em anexo, a nota sobre o Padre Bartolomeu de Quental.

<sup>44</sup> Está ainda por fazer a história da Congregação do Oratório em Portugal, isenta de paixões, nomeadamente sem a fazer rival da Companhia de Jesus. Vd. Dicionário de História de Portugal ( direcção de Joel Serrão), artigos “Oratorianos” e “Quental, Bartolomeu do” (Martins, 1968a e 1981). Ver também infra, em anexo, a nota sobre Bartolomeu do Quental.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. FUNDAÇÃO DA CASA DO ORATÓRIO JUNTO DA IGREJA DO ESPÍRITO SANTO

A Congregação do Oratório – que era de Padres Seculares, e não propriamente de Religiosos, excluindo os votos religiosos, e assegurando a autonomia de cada sede ou oratório – estabeleceu-se na Igreja do Espírito Santo, que vinha já do século XIII e sofrera reedificação ao tempo de D. Manuel. A doação foi feita pelo Provedor da Irmandade, Diogo Lopes de Ulhoa e mais irmãos da Irmandade do Espírito Santo, constando da sua igreja e ornamentos, dirigida ao Padre Bartolomeu do Quental e mais padres da referida Congregação. A Irmandade reservou para si a capela-mor e a administração total dos seus rendimentos. A doação foi feita em 1 de Maio de 1671, sendo confirmada pelo arcebispo de Lisboa D. António de Mendonça em 6 de Agosto do mesmo ano de 1671, e pelo Breve do Papa Clemente X expedido em 6 de Dezembro de 1671.

As obras para instalação dos Padres iniciaram-se em 1672. Os Congregados permaneceram nas Fangas da farinha até 1674, até fabricarem nova moradia junto à Igreja do Espírito Santo.

E estando já capaz a casa de se poderem nela recolher, no dia 14 de Agosto de 1672 fizeram a mudança, por meio de uma procissão que pareceu muito bem, “porque ainda não teve carros triunfais, teve contudo muito boa aparência na composição e modéstia com que na procissão foram assim os nossos Padres do Oratório como muitos religiosos graves e de muita autoridade que na procissão se quiseram acompanhar” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 143).

“E porque foram crescendo os Padres em número e viviam com grande aperto, foram obrigados, para ampliar o edifício, a comprar na rua que fica por detrás da igreja e vem do sítio chamado Crucifixo, muitas moradas de casas, por excessivo preço; as quais vieram a custar ainda mais, porque sendo necessário derrubar todas, e sobre o custo do desentulho se seguiu o gosto de abrir largos e profundos alicerces, para solidamente levantar as paredes, com as quais fundaram dois andares de casas para alugar; e como os tectos delas são de abóbada, que demandam grandes repuxos [= pressão, peso, violência] nas paredes, bem se deixa entender o custo que a fábrica das ditas casas podia fazer. E agora [c. 1707] sobre o dito segundo andar vão levantando um dormitório, que também há-de ser mui custoso por causa da grossura das paredes, para fabricarem ainda dormitório superior. E feitos estes dois, poderão os Reverendos Padres ter, não só habitação melhorada para os sujeitos que vivem na Congregação, que passam já de setenta; e os que ficarem nos ditos dormitórios lograrão das janelas de seus aposentos muito boa vista, que não deixa de ser necessária para algum alívio, visto carecer dele a habitação que até agora tinham, e faltar-lhe cerca e algum jardim, pelo não permitir a estreiteza do sítio, no mais povoado e apertado da cidade. E assim, para ter lugar capaz para os sujeitos que já tem, foi fabricar a casa na forma que tem feito, que acabada não deixará de ser grandiosa, mas nos ditos Padres mui bem empregada” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 146-147).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Devemos acrescentar que a dita Congregação fez tão admiráveis progressos e produziu tão esclarecidos sujeitos, que nas sete Casas que possuía no Reino (ao tempo de terramoto de 1755) “tem levantado ao zénite de maior exaltação as letras e as virtudes” (Castro, 1763: tomo II, 98).

### 3. ESTADO DA IGREJA EM 1707

Quando os Padres do Oratório entraram na sua nova casa, acharam a igreja em estado que tinha muita necessidade de reparo. Atente-se que não era igreja de convento, nem freguesia, mas “ermida”.

Com as obras a que os Padres do Oratório procederam, “ficou ela tão melhorada do que era, que parece feita de novo” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 145).

O portal da igreja era (no início do século XVIII, segundo a descrição da já referida *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 144-146) de lançaria de pedra; a rua que fica diante da igreja tinha suficiente largura.

Entrando da porta para dentro, via-se uma igreja de três naves; e nela se encontram logo duas colunas que sustentam o coro, cujas grades correm por todas as três naves. A nave do meio é sustentada por seis colunas de pedra de cada parte, nas quais se firmam cinco arcos de pedraria que não são muito grossos, como também o não são as colunas em que eles descansam. São os arcos pintados e do mesmo modo as colunas. Sobre os ditos cinco arcos, ficavam de cada banda cinco painéis com largas molduras lisas douradas. E afastadas um pouco dos ditos painéis, corria uma cimalha pintada, fingindo embutidos. E esta cimalha estende-se somente pelos dois lados da nave do meio, na qual sobre os painéis corriam cinco grandes janelas quadradas, guarnecidas de pedraria vermelha; e por cima das ditas janelas se levantava o tecto com uma pintura muito vária e vistosa.

“O arco da capela-mor era conforme com a nave do meio. À obra da capela-mor aplicaram os Padres grande perfeição, porque a fizeram toda de pedraria muito bem lavrada. Nos lados da capela-mor havia duas janelas rasgadas, a que faziam companhia os respectivos pilares com seus capitéis. O tecto era em quadrados de pedraria, guarnecidos de levantadas molduras; e dentro dos quadrados, viam-se uns florões ou tarjas de pedra entalhada. O retábulo era também todo de pedraria, bem lavrada e lustrosa. Tinha por banda duas colunas retorcidas, de uma pedra que chamam azul, que com mais propriedade se pode chamar cinzenta. E sobre os capitéis das colunas subiam troços da mesma pedra, que seguiam à volta do retábulo: e tinha a sua tribuna com boa entrada, e o trono no interior era de talha dourada. A capela ficava assim muito perfeita “e mui diferente do que era a antiga”. (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 144)

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Aos lados da capela-mor, havia dois altares colaterais, voltados para as duas naves extremas da igreja, que eram consideravelmente mais baixas que a do meio.

Nas extremidades do cruzeiro, mais duas capelas. A do cruzeiro da parte do evangelho “foi mandada fabricar pela rainha Dona Maria Francisca Isabel de Sabóia, em honra de São Francisco de Sales. Dava entrada para esta capela que era funda, um arco de pedraria igual em altura e largura aos das duas capelas colaterais. Era guarnecido o dito arco de targinhas embutidas; e do arco para dentro ficava um vão quadrado, e em cada um dos lados um arco semelhante em tudo ao da entrada, com os mesmos embutidos; e sobre os ditos quatro arcos, corria à roda uma linda cimalha muito bem embutida; e dela para cima seguia-se o tecto da capela, que era em meia-laranja, e este tecto ou cúpula era lavrado em quadrados de pedra, que iam sempre em diminuição para o meio da dita abóbada. Aos dois lados da capela têm lugar dois painéis quadrados de boa pintura, com avultadas molduras de pedra todas mui bem embutidas. O retábulo era todo de pedra, com duas colunas por banda, retorcidas, de um mármore cinzento, com troços que seguem à volta o retábulo. Dentro ficava um nicho, da mesma pedra, muito bem embutido, e nele se via uma imagem do grande São Francisco de Sales. O altar tem um sacrariozinho próprio, com umas colunas proporcionadas ao sacrário, de pedra encarnada com os seus capitéis e a sua cupulazinha por cima, obra em tudo mui perfeita, e tal era também a banqueta de pedra que havia no altar” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 145).

Além das capelas de que fizemos menção, havia mais duas no corpo da igreja, uma de cada parte, as quais são à face, mas com o seu arco de pedra, na altura das capelas do cruzeiro, as quais tinham retábulos “ao moderno, com uma coluna por banda, com troço que seguia à volta o retábulo e dentro do retábulo tinha um painel muito bom. Assim ficavam as duas capelas do corpo da igreja bem compostas e ornadas.

A igreja foi também reformada nos ornamentos que serviam ao culto divino, vendo-se nos altares grande asseio; e nos ornamentos de frontais e casulas de muita perfeição e riqueza.

O Autor que estamos seguindo, termina com esta reflexão:

“O que tudo serve para atrair a gente à igreja, que merece ser mui frequentada por se achar sempre nela boa expedição de confessores para ouvir os penitentes, que pelas manhãs concorrem a se confessar e comungar, e á tarde também em grande número aos santos exercícios, todos mui proporcionados para a reformação dos costumes e conservação da virtude”. Daqui deriva que “muitos, obrigados do bom exemplo dos ditos padres e do fruto que por meio da sua doutrina e santos exercícios experimentam, desejando o seu aumento, lhe têm assistido com tantas esmolas, que não só puseram a sua igreja no estado em que se acha, mas também puderam edificar casa para sua morada, o que fizeram com tanta despesa, comprando por alto preço as casa vizinhas à igreja, que derrubaram para fundar a sua habitação” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 146).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

#### 4. O QUE SUCEDEU COM O TERRAMOTO DE 1755

Sobrevindo o terramoto de 1755, o convento e a igreja ficaram completamente destruídos; entre as enormes perdas, conta-se uma preciosíssima custódia de diamantes, uma devota colecção de relíquias, e a grande cópia de livros religiosos que formavam uma biblioteca importantíssima. Na catástrofe morreram 4 padres congregados e muitas outras pessoas. Os padres recolheram-se ao Convento das Necessidades, da mesma Congregação, onde continuaram o Magistério.

A casa foi reconstruída, e para ela voltaram os padres<sup>LXVI</sup>.

Vd. CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO – depois do terramoto

<sup>LXVI</sup> A reconstrução do convento do Espírito Santo da Pedreira após o terramoto de 1755 só foi feita a partir de finais dos Anos 80 do século XVIII, com projecto de José Joaquim Ludovice, filho mais novo do arquitecto-mor de D. João V, João Frederico Ludovice. Não se conhecem outras empreitadas relevantes de sua responsabilidade, pelo que deveria tratar-se, porventura, de um diletante com bases teóricas aprendidas com o pai e com o irmão, João Pedro Ludovice, este sim, arquitecto com obra largamente referenciada. Alguns desenhos para a obra, recentemente identificados e estudados, dão conta da dimensão do encargo atribuído a Ludovice, que ideou uma igreja monumental, a erguer no enfiamento sul do convento e com a fachada virada para o Tejo. São Vicente de Fora, Mafra e a Basílica da Estrela – ou seja, a tradição autóctone – constituem as fontes de inspiração da frontaria, que vai buscar também a estes dois últimos modelos do barroco nacional o exemplo das torres sineiras laterais, os nichos térreos com figuração escultórica e a cúpula, lançada sobre o cruzeiro da igreja. Se o templo nunca chegou a ser construído, os cómodos conventuais foram-no, em parte, seguindo o plano de Ludovice. As soluções de desenho, nomeadamente no amplo portal da portaria – reconhecível no actual edifício – reflectem, por seu turno, a influência de alguma tratadística francesa de pendor clássico, caso do tratamento das superfícies murárias com cantaria de junta fendida, mas sem o aproximar das propostas mais radicais do neoclassicismo, de implantação difícil e tardia em Portugal. A revelação da planta do novo convento permitiu, também, a identificação de alguns trechos do edifício original que se desejava manter por questões de custo e de rapidez construtiva. Conta-se, entre eles, o claustro (que acabou por ser demolido) em forma rectangular de cantos cortados, uma moda de planimetrias proto-barrocas com algum sucesso em igrejas de Lisboa na 2ª metade do século XVII. A sua aplicação a organismos claustrais não foi ainda estudada, mas sabe-se que existiu, pelo menos, um outro com organização afim, no convento dos Lóios, ao Castelo (Soromenho e Silva, 2015: 250-265).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

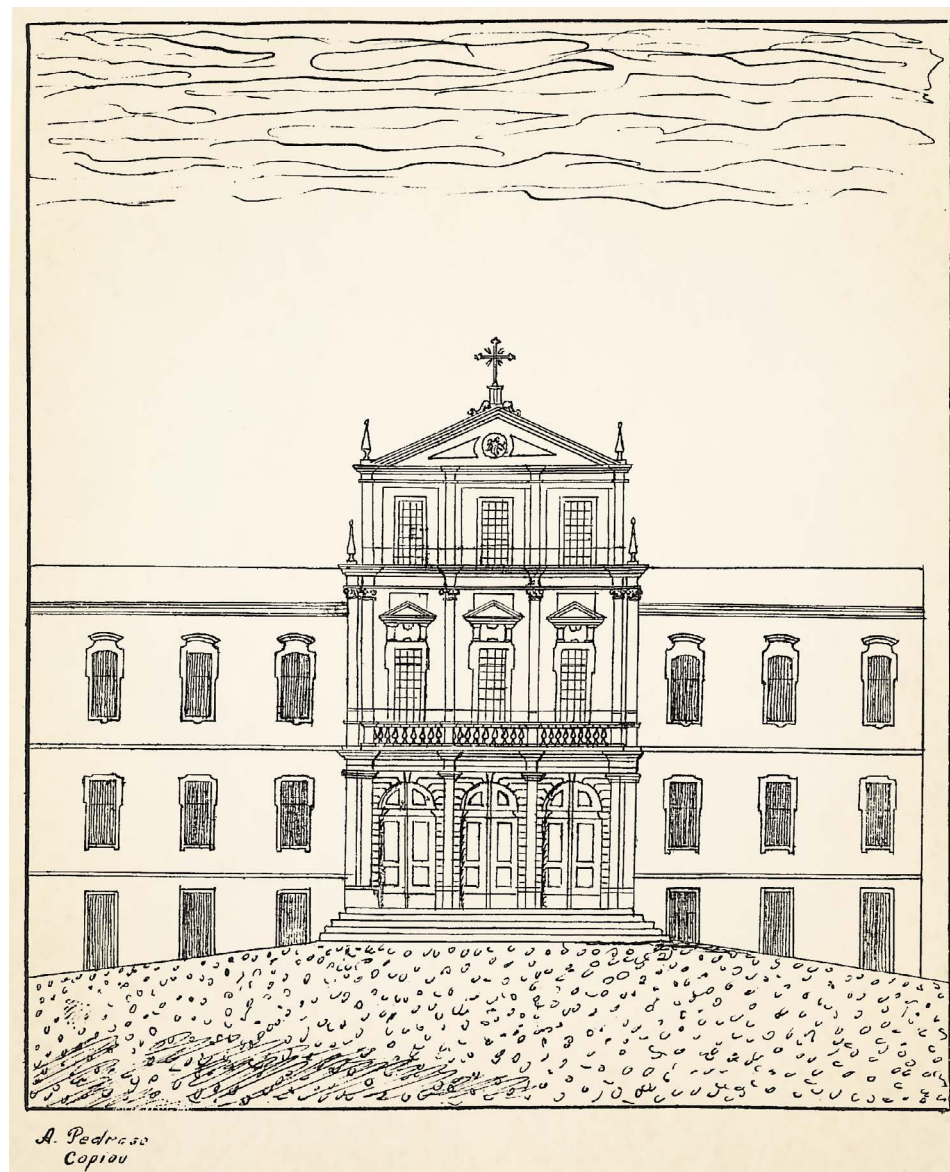


Fig. 20 – Igreja da Casa do Espírito Santo da Congregação do Oratório em 1833 (in Pereira, 1927: 121)



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO

## NOTA SOBRE O PADRE BARTOLOMEU DO QUENTAL

Seria por vários motivos aconselhável que se dedicasse largo espaço para analisar a vida deste Sacerdote. Chamamos apenas a atenção para os seguintes pontos:

- O Padre Bartolomeu do Quental faleceu em 20 de Dezembro de 1698, com 72 anos, vítima duma pleurisia.

- Deixou algumas obras: Meditações da Infância de Cristo (1666); Da Sacratíssima Paixão de Cristo (1675); Da Gloriosa Ressurreição de Cristo (1683); Dos Domingos do ano (3 partes, 1695-1699). Em 1665, saiu dele um Sermão avulso.

- Quando o seu corpo foi exumado, em 26 de Abril de 1727, D. João V beijou-lhe a mão; aliás, quando ele morreu, a rainha Maria Sofia beijara-lhe os pés. O seu corpo foi achado inteiro e incorrupto na altura da exumação, sendo examinado por uma Junta de médicos na presença do Arcebispo de Lacedemónia, D. João Cardo Castelo, Provisor do Patriarcado.

- Tentou-se obter a sua beatificação. Os processos com vista à beatificação foram organizados entre 1720 e 1732, Bento XIV dá por sua vez o beneplácito à defesa da causa em 21 de Março de 1744, confirmando assim o título de venerável atribuído ao Padre Quental. A causa sofreu algumas vicissitudes, sendo retomada pela última vez (ao que parece) em 1877. Sem êxito.

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo II. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

SERRÃO, Joel (Dir) – *Dicionário da Historia de Portugal*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1963-1971. 4 vols..

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO CORNÉLIO, NOS OLIVAIS****Século XVII [1674]**

No século XVII existia nos Olivais a Quinta de Nossa Senhora da Estrela de São João, de que era dono o Sargento-mor João Borges de Morais.

Em 1647, o dito dono vinculou a propriedade à Congregação dos Religiosos Arrábidos, para aí construírem um hospício. Este converteu-se depois em modesto convento, por volta do ano de 1718.

“No início, em frente da pequena capela da quinta, existia um largo com bancos para os viajantes descansarem, a que se chamou Largo de São Cornélio, e que viria a alcançar certo prestígio pelas romarias locais que ali se efectuavam e especialmente pelas oferendas particulares dedicadas ao padroeiro: cornos de cera e de prata, para angariar saúde e longevidade para os rebanhos de bovinos da região. Daí ter ficado conhecida, também, por Quinta de São Cornélio” (Caeiro, 1989: 19).

..

Falecido o oficial sem descendência, o vínculo deveria passar para a Coroa; mas tal nunca veio a processar-se, apesar de um acórdão nesse sentido emitido em 1818.

Já depois da extinção das Ordens Religiosas, foi sepultado na igreja do Convento, em 1837, Feliciano Oldenberg, fidalgo da Casa Real e Guarda-mor da Biblioteca Pública de Lisboa.

Votado à ruína e abandono, foi depois arrematado em hasta pública pelo bacharel Adrião Barata Salgueiro; este vendeu-o, 31 anos depois, a um mestre da Saboaria de Valadares; em 1906 passou definitivamente para a posse da Câmara Municipal de Lisboa. A maior parte da cerca ficou a servir o cemitério da freguesia; e o local onde era a casa conventual (de que já nada existe) ficou para residência paroquial<sup>LXVII</sup>.

Da obra *A Antiga Freguesia dos Olivais*, de Ralph Delgado (1969: 53-55):

“Convento de São Cornélio”

“Ao fundo da Rua das Flores e à entrada da Rua Conselheiro Dias Ferreira, a Quinta de Nossa Senhora da Estrela e de São João pertenceu ao sargento-mor João Borges de Morais, existente no século XVII.

LXVII Existe o retábulo-relicário da antiga sacristia, deslocado para a igreja de Santa Maria dos Olivais. O exemplar, de talha dourada, pode ser atribuído à década de 40 do século XVIII. A imagem de roca colocada no nicho central é, provavelmente, a de Nossa Senhora da Estrela, padroeira, como referido por José da Felicidade Alves, da primitiva quinta e ermida (Lameira, Evaristo e Loureiro, 2016: 247).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 9 de Setembro de 1674, o referido oficial vinculou a propriedade a favor dos religiosos arrábidos, com instalações para um hospício e com a estipulação de uma ordinária «a bem da convalescença e curativo deles», mais tarde fixada em 270 000 réis; iniciativa que, em 1718, teve a sua máxima curvatura pela conversão do hospício num modesto conventinho. Os administradores do vínculo possuíam, porém, residência própria e propriedade rústica.

(...)

A capela estava colocada à frente da habitação, voltada para a rua estendida até ao Rossio (Rua Conselheiro Dias Ferreira), no começo da qual existiu, primitivamente, um largo com bancos, destinados aos viajantes. Orago de S. Cornélio. Este pequeno templo não só alcançou grande prestígio e fama, denunciados por animadas romarias locais, em que o povo oferecia, ao padroeiro, cornos de cera e prata, por ele advogar a saúde e a longevidade bovinas, mas também serviu de derradeira morada a figuras relevantes da freguesia, além do próprio doador, outro sinónimo de utilidade e veneração populares.

Por fim a ruína, por abando no, e a passagem do conventinho da posse da Coroa para a de particulares. Realmente, em 18 de Setembro de 1847, o Dr. Adrião Antão Barata Salgueiro arrematou o prédio, em hasta pública, conservando-o durante 31 anos. Com efeito, o citado bacharel vendeu S. Cornélio, em 10 de Outubro de 1878, a Manuel Matias, mestre da Saboaria de Valadares, para este o ceder, por sua vez, em 1906, a Abel Correia de Almeida, a cujos herdeiros, seus últimos possuidores, sucedeu a Câmara Municipal de Lisboa (42).

O prédio, em 1762, constava de «dois quartos de casas separadas, ficando um dentro da quinta, com lojas e andar e outro da parte de fora, por baixo do convento, que é só térreo»; e vinha, pomar, olival e terra de sementeira, arrendados, então, a Pascoal Pinheiro; «cuja quinta é capela obrigada à cõngrua de 270 000 réis».

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

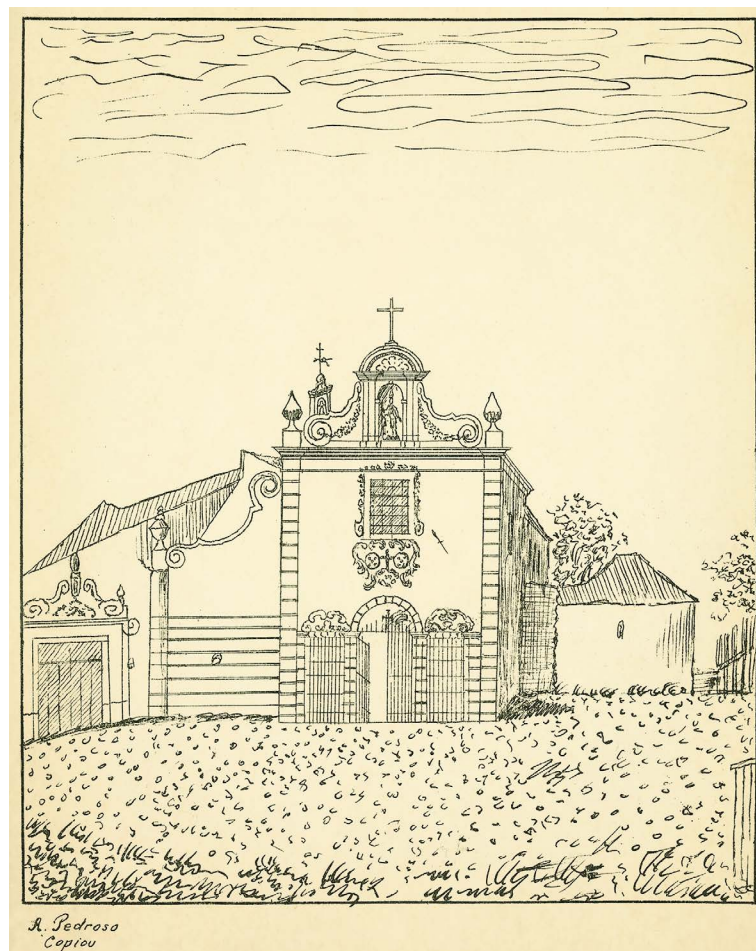


Fig. 21– Igreja do Convento de São Cornélio em 1833 (in Pereira, 1927, p. 41)

## Bibliografia

CAEIRO, Baltazar Mexia de Matos – *Os Conventos de Lisboa*. Porto: Distri Editora, 1989.

DELGADO, Ralph – *A Antiga Freguesia dos Olivais*. Lisboa Imprensa Municipal de Lisboa, 1969.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA BOA-HORA, À RUA NOVA DO ALMADA**

Século XVII [1677ss]

Dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho.

### 1. ANTECEDENTES

a) Foi primitivamente o Pátio das Comédias.

b) Luís de Castro do Rio, senhor de Barbacena e alcaide-mor da Covilhã, fez doação do sítio, em Setembro de 1633, aos Religiosos Irlandeses de São Domingos, que pretendiam ter um Hospício nesta cidade; os quais continuaram no dito sítio chamado Fangas da farinha até 4 de Maio de 1659.

c) Nesse dia, os ditos Dominicanos Irlandeses passaram para o seu Convento, no Corpo Santo, devolvendo o edifício do Convento da Boa-Hora ao senhor de Barbacena, à época, Afonso Furtado de Mendonça. Então, o Padre Doutor Bartolomeu do Quental, com os Padres seus companheiros, desejando introduzir em Lisboa o Instituto dos Padres do Oratório, conseguiram que esse edifício lhes fosse cedido, tendo aí permanecido até ao ano de 1674 (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 150).

d) Em 1674, tendo já os ditos Padres do Oratório acomodado sua casa e habitação contígua com a igreja do Espírito Santo, logo os Padres Agostinhos Descalços se introduziram na posse do dito lugar. Foi-lhes necessário largar o dito lugar, pois lhes faltava a confirmação do Papa; a confirmação veio logo, e os Frades instalaram-se definitivamente.

### 2. O NOVO CONVENTO

Em 1674, os religiosos descalços de Santo Agostinho tomaram posse do Convento, por mercê da Rainha Dona Luísa de Gusmão e consentimento do visconde de Barbacena, Jorge Furtado de Mendonça, primeiro padroeiro do convento.

Os Frades que constituíram o novo Convento, deram-lhe o título de Nossa Senhora da Boa-Hora.

Constituiu-se nova igreja, lançando-se a primeira pedra em 8 de Setembro de 1677, sendo a capela-mor feita pelo referido fidalgo. Por esse motivo, os Senhores de Barbacena foram padroeiros até 1834.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Pela expulsão das Ordens Religiosas em 1834, estabeleceram-se no edifício conventual os tribunais civis, criminais e orfanológicos de Lisboa, e os arquivos dos respectivos escritórios. Até 1834 serviu o Convento para quartel do 1º Batalhão dos Voluntários do Comércio; quando se criou a Guarda Nacional de Lisboa, o referido 1º batalhão passou a ser o 10º da Guarda nacional.

Quanto à igreja, já em 1840 era uma espécie de oficina de carpinteiro, sem qualquer sinal de ter sido igreja.

### 3. DESCREVE-SE A IGREJA, TAL COMO ERA CERCA DO ANO DE 1707

Transcrevemos da *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 151-153:

Tem a igreja do ditto convento diante da porta seo adro com huma cruz de mármore muy fermosa sobre seo calvario, e o adro tem pera a parte da rua Nova de Almada, por onde só tem entrada, grades de ferro pera se poder fechar. Fundase a frontaria da igreja sobre tres arcos de pedra, e sobre cada hum delles assenta huma janela grande, e sobre a janela correspondente ao arco do meyo tem lugar hum nicho de pedraria bem lavrada, e no ditto nicho sua peanha tem lugar huma imagem de pedra de boa escultura da Virgem Senhora, e a cada lado do ditto nicho corresponde de cada parte sua janela igual grandeza às de bayxo, e por cima do nicho e janelas se segue o remate da frontaria da igreja, que he de quartelas e molduras, tudo muyto bem obrado.

Dos tres arcos que dissemos fica pera dentro delles hum spasso que faz seo portico, e fronteyra ao meyo de cada arco corresponde na igreja huma porta guarnecida com sua cimalha. E sobre o ditto portico assenta a metade do vam que ocupa o coro, seguindo-se da parte de dentro a outra que sustentam duas colunas de pedra. Nos dous lados do coro que seguem os mesmos do corpo da igreja, tem lugar hum paynel tam grande que toma todo o spaço que ocupa a largura do coro, e principiando sinco palmos acima dos assentos do coro com boas molduras de talha, se avisinham com a cimalha real da igreja. Hum representa a embayxada do Anjo à Senhora, o outro o nascimento de Christo no portal de Belem.

No corpo da igreja se vem de cada parte quatro arcos de pedraria, e destes os primeyros tres entrando na igreja se formam de cada parte tres capellas, das quaes as que ficam à mam esquerda, entrando na igreja, tem já seos retabolos de talha ao moderno, dourados, e das tres que lhe correspondem à mam direyta, a huma só falta o retabolo dourado. No ultimo arco que fica de cada parte no corpo da igreja, em lugar da capella ha huma porta grande que guarnese sua cimalha, e por cima dos dittos arcos corre em boa altura huma moldura de pedra. E nos vãos ou triângulos que os arcos das capellas formam entre humas e outras, tem lugar payneis triangulares com molduras de talha semelhantes às os payneis do coro. E da ditta moldura ou cimalha pera cima se segue hum andar de payneis grandes, quadrados,

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

conforme o sitio em que estam, e sam tres de cada banda. Aos lados do arco da capella mor se deyxam ver dous grandes payneis que olham pera a entrada da igreja. Nam tem esta igreja capellas colaterais, mas aquelle lugar em que ellas deviam ter assento, e que por ser estreyto o nam tem, orna muyto bom azolejo. Sobre os payneis que assentam por cima das capellas do corpo da igreja corre a cimalha real, que he boa e de pedraria, e se estende somente pellos dous lados do corpo da igreja, donde passa ao coro. O tecto da igreja he de abobeda, em volta de meya laranja. O arco da capella mor he de pedraria, com sua cimalha e frizo sobre o arco, e serve de remate ao frontispicio do ditto arco. Aos lados do ditto frontispicio, visinha já ao tecto, fica de cada banda huma janela, por onde se communica huma grande luz, que sendo immediata à capella se estende a toda a igreja. Os lados da capella mor, do pavimento até a altura da banquetta, se reveste de hum muy galante azolejo lavrado com particular perfeçam, e delle pera sima da parte da Epistola tem lugar huma grande tribuna muy larga e dezabafada, que ocupa todo o comprimento da capella, desde o arco della até o principio do retabolo, e na altura, começando aonde acaba o azolejo que dissemos até a cimalha da mesma capella. E pera mayor perfeçam da ditta tribuna a guarnece huma boa moldura de talha, com que vem a ter o padroeyro da capella mor huma nobilissima tribuna, pera a qual tem facil transito do seo palácio. No outro lado da capella mor, fronteyro ao em que tem lugar a tribuna, corresponde hum paynel do mesmo tamanho da tribuna, com a sua moldura de talha correspondente à que lhe fica fronteyra na tribuna.

Pellos dous lados do corpo da igreja há, de huma e outra parte, grades de pao sancto. Sobre a ditta tribuna e sobre o paynel que lhe corresponde da outra parte tem lugar duas janelas, huma de cada banda, pelas quaes participa de muyta claridade a igreja, cujo tecto he de abobeda, que formam quatro triangulos. O retabolo da ditta capella he de talha, com duas colunas por banda, ao moderno. A magestade d'El Rey Dom Pedro, que Deos tem, mandou fazer no corpo da igreja huma capella à custa de sua real fazenda pera a milagrosa imagem do Sancto Christo de Tangere, que por sua devoção ordenou se collocase nesta igreja.

## Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA****Século XVII [1ª Pedra: 1680; Inaugurada: 19 Abril 1685]****1. A FUNDAÇÃO DO CONVENTO**

Para se compreender bem a história deste Convento, é conveniente ter em conta o movimento dos Arrábidos, dentro da Ordem de São Francisco<sup>45</sup>. Foi tal o crescimento da Província da Arrábida desde a criação do 1º convento em 1542, que nos meados do século XVII contava já com 22 conventos e 9 hospícios. Todavia, eram quase todos dentro do Arcebispado de Lisboa. No entanto, tendo seis ou sete na vizinhança da cidade, não se achava nenhum dentro dela: mostravam-se sempre mais amantes do retiro e soledade, que do tráfego da cidade e inquietação da corte.

A muita devoção do Marquez de Marialva Dom António Luís de Menezes, desejando que a cidade de Lisboa tivesse mais presentes os exemplos da santa vida de tão bons religiosos, quis que eles tivessem um convento dentro dos seus limites urbanos, do qual ele se fez padroeiro. Recorde-se que D. António Luís de Menezes, 1º Marquez de Marialva e 3º Conde de Cantanhede foi um dos vultos mais importantes do movimento da Restauração: foi um dos nobres que tomaram parte no assalto ao Paço da Ribeira, onde se encontrava a duquesa de Mântua que governava Portugal em nome de Filipe IV. Em 1644 foi nomeado capitão-general do exército do Alentejo.

A ocasião próxima para a fundação do convento deu-se quando, estando no Alentejo como governador das armas, tomou por seu advogado a São Pedro de Alcântara – então apenas beatificado, em 1622 – prometendo que se alcançasse vitória sobre os seus inimigos, lhe faria um Convento nesta cidade de Lisboa, da Província da Arrábida, aonde o santo havia estado e sido guardião do Convento de Palhais<sup>46</sup>. Os espanhóis decidiram realizar um grande ataque a Portugal, que pusesse finalmente termo à “rebelião portuguesa”; comandava a expedição contra Portugal o Marquez de Caracena, chamado da Flandres, e que era o único grande general espanhol que a guerra da Restauração não desprestigiara ainda; entrou pelo Caia, ocupou Borba, cercou e atacou Vila Viçosa... Então, o exército português saiu de Estremoz, sob o comando do Marquez de Marialva. Defrontaram-se os dois exércitos na planície situada entra a Serra da Vigária e a Serra de Ossa. A batalha durou cerca de sete horas e constituiu uma pesada derrota para o exército espanhol. Foi a chamada Batalha de Montes Claros, de 17 de Junho de 1665.

<sup>45</sup> Ver infra os anexos A e B sobre os Arrábidos, e o Convento da Arrábida, respectivamente.

<sup>46</sup> São Pedro de Alcântara nasceu em Alcântara (Espanha) em 1499. Teve grande influência sobre o beato João de Ávila, Frei Luís de Granada, São Francisco de Borja, e sobretudo Santa Teresa de Ávila. Faleceu em 1562, foi beatificado em 1622 e canonizado em 1669.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O Marquez de Marialva quis dar cumprimento à sua promessa. Pediu ao Senhor D. Pedro II, que então era Príncipe regente desde 1667, licença e faculdade para dar satisfação à sua promessa, manifestando-lhe o que havia sucedido. Tenha-se presente que São Pedro de Alcântara foi canonizado em 1669. Houve objecções, que foram vencidas. Após as diversas licenças de Roma e do Ordinário, a licença real foi concedida.

Começou-se por tomar posse a nova comunidade em umas casas abaixo de Nossa Senhora do Alecrim, com serventia para a Rua das Flores, em 27 de Março de 1670.

Mas como o espaço era limitado, e de muita vizinhança, escolheu-se fundar o Convento no sítio (em que hoje ainda existe) em umas casas que eram do Conde de Avintes, junto ao Moinho de Vento, que foram compradas; e em outras pertencentes a Marcos Rodrigues Tinoco, Secretário que foi da Mesa da Consciência e Ordens, casas que ficavam anexas às do Conde de Avintes. Este Marcos Tinoco, por sua muita piedade, para fundarem o dito convento lhe deixou as suas casas.

Os religiosos tomaram posse das casas no ano de 1672, servindo-se e aproveitando-se duma ermida do Conde de Avintes, da invocação de Jerusalém; ali se fizeram os limitados cómodos para os religiosos, que ali viveram 15 anos, tempo que se gastou da demolição necessária dos edifícios que ali existiam.

Até que se lançou a 1ª pedra, na data de 12 de Agosto de 1680, dia de Santa Clara. Continuando activamente os trabalhos, ficou a igreja concluída em 19 de Abril de 1685; Quinta-feira Santa, data em q se mudou para lá o Senhor. É deste dia que se conta a antiguidade do mosteiro.

Para este edifício concorreu o Dr. Manuel Delgado de Matos, Desembargador dos Agravos, por não ter herdeiros forçados, deixando por seu testamenteiro o Senhor Cardeal D. Veríssimo de Alencastre, e que seus bens se vendessem para a tal fundação, sem mais interesse que fiar dos pobres filhos de São Francisco tivessem memória da sua alma, rogando a Deus por ele.

Venceu todas as dificuldades que houve para esta fundação o Padre Frei António da Purificação, assistente, e fundador do dito Convento, ajudando as suas obras com particulares esmolas.

No princípio do século XVIII, residiam no Convento 40 religiosos. Para sustento deles, o padroeiro Marquez de Marialva dava pontualmente de ordinária cada semana doze tostões (equivalendo a 62.400 réis por ano), e cada ano um moio de trigo (= 60 alqueires = 828 litros) doze cântaros de azeite (= 100 litros), e quarenta arráteis de cera lavrada (= 18,36 quilos).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. DESCRIÇÃO DA IGREJA ANTES DO TERRAMOTO

Possuímos uma pormenorizada descrição da igreja feita em 1707: *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 163-167, que resumimos.

Para a igreja do convento de São Pedro de Alcântara se sobem da rua dois degraus, e sobre o segundo assentam umas grades de ferro que os religiosos fecham à noite; entrando pelas ditas grades, a cada lado do taboleiro em que elas estão assentadas se sobe um lanço de escada que se termina num outro taboleiro; e deste corre outra escada para o taboleiro de que se faz trânsito para o pórtico.

O pórtico ou alpendre consta de duas colunas que sustentam a abóbada, sobre a qual assenta a parede que faz a frontaria da igreja; nesta frontaria vêem-se duas janelas que iluminam o coro; e além das janelas apenas se vê no frontispício um nicho, e nele a imagem de São Pedro de Alcântara. No alpendre abrem-se três portas à esquerda, para o convento; em frente, para a igreja; à direita, para a capela de Dom Veríssimo de Alencastre.

A igreja é muito simples, reflectindo o extremo rigor da ordem mendicante. A nave é única, iluminada por duas janelas de cada lado das paredes, em vez dos três altares que poderia ter. No corpo dela, de cada parte, vêem-se três confessionários guarnecidos de pedraria pela parte em que tem lugar o penitente, ficando da outra parte o confessor, interposto um ralo de folha de Flandres entre o confessor e o penitente. O corpo da igreja termina com umas grades altas de pau santo retorcidas.

Das grades para dentro segue-se o cruzeiro. Para ele se abrem duas capelas nas paredes laterais do corpo principal, opostas uma à outra, com seus retábulos de talha dourada, de duas colunas por banda, e os lisos que a talha faz são de tinta encarnada; as ditas capelas são uma do Sacramento com N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição e outra de Jesus, Maria, José. Há mais no cruzeiro duas capelas colaterais ou adjacentes, em retábulos de talha dourada, de duas colunas de cada parte, com uma imagem ao meio: Santo António e São Luís Bispo, ambos com duas relíquias, que são uma cabeça de S. Jacinto e outra de São Bonifácio Mártires.

O arco da capela-mor é de pedraria bem guarnecida de pintura. Sobre o dito arco se vê um nicho com a imagem do Senhor Crucificado. Do arco da capela-mor para dentro há nos lados dela quatro portas, duas de cada parte em correspondência, e por cima das portas duas janelas de cada lado. O retábulo da capela-mor é de talha dourada com os mesmos lisos de encarnado (como as outras capelas do cruzeiro), de duas colunas por banda. E entre elas há de cada parte dois nichos com imagens de santos: São Francisco, São Domingos, Santa Teresa, São Pedro de Alcântara. Tem o retábulo sua tribuna muito bem dourada, cuja boca é coberta por uma pintura, que representa São Pedro de Alcântara abraçando-se com a Cruz. Tem esta capela o seu sacrário de talha dourada.

Nesta época, ainda não estavam executadas as pinturas no tecto da capela-mor nem do tecto do cruzeiro nem do coro.

A Sacristia, para onde se entra pela porta do lado direito, tem uns armários que constam das gavetas dos amitos, e por cima delas se assentam os cálices; e a obra destas gavetas e armários é toda guarnecida de embutidos de pau de laranjeira. Ao lado, um arco de pedra e dentro dele um lavatório de pedra. Nos dois lados da sacristia ficam de cada lado os arcazes, que são de madeira do Brasil, guarnecidos de embutidos do mesmo pau de laranjeira, com



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

nove gavetas de cada banda guarnecidas com argolas e escudos de metal dourado. Os arcazes têm seus respaldos, em que corre uma cimalha do mesmo pau santo de que são feitas as molduras e os arcazes, correspondendo a cada painel remate vazado da mesma madeira, fazendo divisão entre painel e painel umas quartelas, em que assenta, umas pirâmides da mesma madeira, e toda esta obra é embutida de ramos e lisonjas<sup>LXVIII</sup>.

Fronteira à porta da sacristia, tem lugar uma capela com seu retábulo de duas colunas por banda; no nicho que tem no meio, venera-se um Crucifixo de marfim numa cruz de ébano com seu resplendor dourado por detrás. A banqueta e o retábulo é todo de talha bem dourada. Por baixo do altar tem lugar uma imagem do Senhor Morto. Aos lados desta capela se vêem mais dois nichos de uma coluna por banda, e dentro dois ovados, que cada um recolhe a imagem de uma santa com sua relíquia no peito. O tecto da sacristia é de abóbada, e no meio tem uma pintura que representa o Seráfico Patriarca recebendo as chagas do Senhor.

Omitimos a descrição da área conventual: a portaria, o claustro, o capítulo e a sua capela, os dormitórios e celas...

LXVIII A descrição da sacristia de 1707, que José da Felicidade Alves segue neste passo, pressupõe que já naquela data estavam instaladas as oito telas – quatro por banda – de Bento Coelho da Silveira, que ainda hoje se podem ali admirar. Este ciclo alegórico, dedicado à Santa Cruz, inspira-se na edição ilustrada da obra do monge beneditino Jacques van Haeften, *Regia Via Crucis*, feita em Antuérpia em 1635, (Sobral, 1996: 81-96).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO A

## SOBRE OS ARRÁBIDOS

A Província da Arrábida, integrada na Ordem Franciscana em Portugal, foi uma criação portuguesa, cuja erecção foi concedida em 1560 pelo Papa Pio IV, a pedido do cardeal infante D. Henrique.

A fundação do 1º convento de Arrábidos, na Serra da Arrábida, resultou do encontro (em fins de 1538) ou princípios de 1539), em Nossa Senhora de Guadalupe, do primeiro Duque de Aveiro, D. João de Lencastre, com Frei Martinho de Santa Maria, religioso castelhano da ordem de São Francisco, e pessoa de nobre linhagem. O Duque ofereceu-lhe, para viver vida solitária, a Serra da Arrábida; a 23 de Fevº 1539 pediu ao geral da Ordem Franciscana licença para Frei Martinho ir habitar a Serra, da qual tomou posse a 21 Set.º 1539. Havia ali uma capela sob a invocação de N.ª Sr.ª da Arrábida, na qual se instalou Frei Martinho de Santa Maria com um único companheiro, Frei Martinho Navarro, que de Espanha o acompanhava. Este retirou-se ao fim de um ano, e foi substituído pelo português Frei Diogo de Lisboa.

Entretanto, São Pedro de Alcântara, nascido em Alcântara em 1499 e que já estivera em Portugal e regressara a Espanha em 1538, onde foi provincial da Ordem, juntou-se aos dois eremitas da Arrábida, tendo vindo, a convite do Duque de Aveiro, com Frei João de Ávila, ambos da província de São Gabriel, em Espanha. E depois a estes se juntaram outros. Já ali viviam cinco, em celas apartadas umas das outras, quando em 1542 os visitou o Ministro Geral da Ordem Franciscana, Frei João Calvo, que incorporou na Ordem a ermida. Data, pois, de 1542 o princípio do Convento de Nossa Senhora da Arrábida.

O movimento propagou-se. Assim:

**1542** – Convento de Nossa Senhora da Arrábida.

**1542** - O infante D. Luís mandou edificar um convento de arrábidos junto a Salvaterra de Magos. Como o sítio fosse insalubre, trataram mais tarde de fazer nova construção, para o que em 1619 conseguiram de Filipe II de Portugal a esmola de 4.000 cruzados.

**1542** – Nesse mesmo ano, D. Francisco da Gama, 2º conde da Vidigueira, fundava um convento no lugar de Palhais, a três léguas da Arrábida. Deste conventinho foi guardião o referido São Pedro de Alcântara.

**1551** – Começou a construção de um pequeno convento junto da Ermida de Santa Catarina de Ribamar, à custa de D. Isabel de Bragança, viúva do Infante D. Duarte.

**1556** – Convento de Santa Maria Magdalena, em Alcobaça.

**1558** – Convento de Nossa Senhora da Piedade, na Caparica.

? – Convento de São Miguel, no lugar do Arelho, junto à vila de Óbidos.

**1559** – Convento de São José de Ribamar, por iniciativa de D. Francisco de Gusmão e de sua mulher D. Joana de Blasbelt.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**1559 (?)** – Convento da Caparica, junto de Monfassem, termo de Almada, por iniciativa de Lourenço de Sousa e depois de Lourenço Pires de Távora, quando se edificou nova casa.

**1560** – Convento de Santa Cruz, em Sintra, fundado por D. Álvaro de Castro, filho de D. João de Castro.

**1570** – Convento de Nossa Senhora dos Anjos, no lugar do Barro, perto de Torres Vedras (infanta Dona Maria).

**1573** – Convento do Espírito Santo de Loures, por iniciativa de Luiz de Castro do Rio.

**1576** – Convento de Nossa Senhora da Conceição de Alferrara, entre as vilas de Palmela e Setúbal, por iniciativa de D. Estêvão da Gama, segundo filho do descobridor da Índia.

**1584** – Convento de Nossa Senhora da Conceição, junto ao lugar de Santa Iria da Azóia, no Ribatejo, por iniciativa de D. António de Castelo Branco e seu filho D. Pedro.

**1590** – Convento de São João Baptista de Santarém, mais conhecido pela invocação de Santo António ou Santo António do Pereiro, por iniciativa do 1º Duque de Bragança, D. Teodósio II.

**1591** – Convento de Santo António, em Torres Novas.

**1591** – Convento de N.ª Sr.ª da Madre de Deus, de Verderena, entre o Barreiro e Lavradio.

**1601** – Convento de N.ª Senhora dos Prazeres, em Palhais.

**1602** – Convento de São Miguel, em Gaeiras, junto de Óbidos, em substituição do convento fundado em 1558 (?) no Arelho.

**1626** – Convento de N.ª Sr.ª da Piedade, em Salvaterra, em substituição do que havia sido construído ali em 1542.

**1623** – Convento de Santa Maria de Jesus, em Vale Figueira, Santarém.

**1652** – Convento de Santo António de Leiria, no sítio de Cavelos, por iniciativa de Pedro Vieira da Silva, secretário de Estado.

**1634** – Convento de Nossa Senhora da Boa Viagem, por substituição do Convento de Santa Catarina de Ribamar.

**1672** – Convento de São Pedro de Alcântara, em Lisboa.

**1674** – Convento de São Cornélio dos Olivais, por iniciativa de João Borges de Moraes e sua mulher.

**1717** – Convento de N.ª Sr.ª e Santo António, em Mafra.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Para tratamento de religiosos enfermos, tinham os arrábidos em diversos pontos hospícios e enfermarias. Citamos:

- Nossa Senhora da Conceição de Lisboa (1554?).
- Enfermaria de Santarém (1570).
- Hospício e enfermaria de N.ª Sr.ª de Setúbal (1589).
- Nossa Senhora da Arrábida de Azeitão (1646).
- Santo António de Torres Vedras (1646).
- N.ª Sr.ª da Assunção de Torres Novas (1662).
- Hospício e enfermaria de Santo António das Caldas (1663).
- Nossa Senhora de Porto Seguro de Cascais (1695).
- Santo António de Minde (1733).

Sobre a história da Província, pode ler-se:

PIEDADE, Frei António da Piedade – Espelho de Penitentes, Chronica da Província de Santa Maria da Arrabida da regular, e mais estreita observância da Ordem do Serafico Patriarcha S. Francisco no instituto capucho. Tomo I. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1728.

## ANEXO B

## SOBRE O CONVENTO DA ARRÁBIDA

Convento da Arrábida. Fundado em 1542 por Frei Martinho de Santa Maria, religioso castelhano da ordem seráfica de nobre linhagem, a quem o 1.º duque de Aveiro, D. João de Lencastre (1501-71) ofereceu, para isso, a sua serra da Arrábida (v. Arrábidos). Antes de se edificar o convento, existia ali uma ermida, cuja construção se atribuía a um mercador inglês, chamado Haidelbrant. A essa ermida acudiam grandes romarias. Frei Martinho de Santa Maria veio para Portugal acompanhado Frei Martinho Navarro, que depois foi substituído por Frei Diogo de Lisboa. Os dois religiosos, juntamente com Frei Francisco Pedista e S. Pedro de Alcântara, constituíram a primeira comunidade do convento da Arrábida. Não tendo mais que a antiga ermida, ali viveram dois anos, fazendo por suas mãos umas estreitas celas em que se recolhiam. No fim desses dois anos é que D. João de Lencastre fez principiar a edificação do convento, com a designação de N.ª S.ª da Arrábida. Deu começo a igreja mais ampla e mosteiro com oficinas em sítio mais acomodado, onde também havia terreno capaz de hortejo. O convento compõe-se de várias celas ou cubículos dispersos por diversos sítios da montanha, todas dentro de uma área só marcada por balizas. As celas são pobríssimas e tão estreitas, que apenas nelas cabe uma pessoa. Não prosseguiu o duque nas construções pela repugnância que frei Martinho manifestava por tal idéia, pois desejava a máxima auste-

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ridade. Enquanto êle viveu, estiveram suspensas as obras do «convento novo», como então lhe chamavam. Depois da morte de Frei Martinho, D. Jorge de Lencastre, filho do duque D. João, continuou as obras principiadas por seu pai, e mandou fazer uma cêrca, vedando com um muro a área dedicada ao convento. Mais tarde. D. Álvaro, 3.º duque de Aveiro (m. em 1623), primo de D. Jorge, retomou as edificações, erigindo as chamadas hospedarias, que lhe serviam de alojamento, e projectou as guaritas na crista do monte, para estação dos passos de Jesus, deixando três por acabar. Dona Ana Manique de Lara, nora de D. Álvaro e viúva do duque de Tòrres Novas, D. Jorge, fêz as capelas de S. Paulo e S. João do Deserto. O santuário do Bom Jesus foi edificado em meio do séc. XVII por D. António de Lencastre, filho do duque D. Álvaro. Tanto o convento como as capelas e cubículos sofreram os estragos resultantes do tempo e do abandono desde a época da saída dos frades (Setembro de 1834). Parte da livraria passou para a dos duques de Palmela no palácio do Calhariz, próximo da Arrábida. (Sem autor, 1959: vol. III, 321).

## Bibliografia

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. III. Lisboa- Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, 1959, p. 321, “Arrábidos”.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

PIEIDADE, Frei António da – *Espelho de Penitentes, Chronica da Província de Santa Maria da Arrabida da regular, e mais estreita observância da Ordem do Serafico Patriarcha S. Francisco no instituto capucho*. Tomo I. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1728.

SANTA MARIA, Fr. Francisco – *Anno Historico, Diario Portuguez, Noticia Abreviada de pessoas grandes e cousa notáveis de Portugal*. Tomo. I. Lisboa: Officina de Domingos Gonçalves, 1744.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO JOÃO DA CRUZ, EM CARNIDE****Século XVII [1681]**

De Carmelitas descalços.

Fundado em 1681 no lugar de Carnide, pela Infanta Dona Maria, filha ilegítima de D. João IV.

Situava-se ao lado noroeste do recinto que hoje se denomina Largo da Luz.

Aqui estiveram os Religiosos até 1834.

Actualmente está ali instalado o Instituto Adolfo Coelho.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✧ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO, DE TRINOS

Século XVII [1687]

Os sucessores de Rodrigo Homem de Azevedo continuaram com a devoção à Senhora do Livramento, na Ermida que haviam erguido em Alcântara (vd. artigo próprio acima, neste mesmo tomo).

Até que uma sua neta, que se achava sem herdeiros, desejando melhorar o culto e devoção da Senhora na dita ermida, e assegurar-lhe estabilidade, deliberou consigo entregá-la a alguma das muitas Religiões que havia na cidade. Duvidando qual escolheria, fez várias cédulas de papel, pondo em cada uma delas o título de uma Religião, e lançando todas as células num vaso, do qual mandou tirar uma por um inocente menino; saiu a cédula extraída com o nome da Santíssima Trindade. Repetiu a operação mais uma vez, e parece que até uma terceira vez. E sempre saiu a cédula com o título da Santíssima Trindade (vd. *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 172-173).

Entendendo que a Senhora se queria servir na sua casa dos Religiosos da ordem da Santíssima Trindade, deu parte desta sua vontade ao Reverendo Padre Provincial Frei Henrique Coutinho, declarando-lhe que a sua vontade era que, depois da sua morte se edificasse naquele sítio um convento de Religiosos da Santíssima Trindade. Para tal, fez-lhes doação da Ermida, casas e sítio com outras propriedades, a que juntou certas obrigações (que constavam da escritura que se celebrou e se conservava no arquivo dos ditos Religiosos).

Feita a doação, veio a falecer a doadora em 29 de Julho de 1679. Tomaram logo posse os Padres Trinos de tudo aquilo a que tinham direito por virtude da doação; e ali continuaram alguns anos, assistindo somente dois ou três religiosos. Até que no ano de 1687, em Capítulo Geral celebrado em Roma, se alcançou decreto para o que era só Residência passasse a título de Convento.

Depois, sucedeu que um devoto, chamado Jerónimo de Oliveira, tomou o hábito da Santíssima Trindade, nessa mesma casa de Nossa Senhora do Livramento, tendo previamente persuadido a mulher a que quisesse também deixar o mundo e recolher-se no Convento do Calvário, onde tinha já uma filha religiosa. Passando a chamar-se Frei Jerónimo de Jesus, resolveu dispendir todos os seus copiosos bens de fortuna em renovação, ou para melhor dizer, em fazer de novo a igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Livramento.

Descrição sumária da igreja tal como era cerca de 1707:

Resumimos, a seguir, o que nos diz a *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 174-176):

A frontaria era modesta. E assim só tinha suas quartelas e cimalha sobre a porta da igreja, e algumas janelas iluminantes do coro; o frontispício acabava em ângulo, tendo por remate uma cruz de pedra.

Entrando na igreja, fica o coro; e logo diante do coro tinha lugar um arco de pedraria branca, que partindo do pavimento da igreja em ambos os lados ia com sua altura buscar o tecto da igreja.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Desse arco para diante, nos dois lados do corpo da igreja, seguia-se em suficiente altura bom azulejo, por cima do qual se deixavam ver dois formosos painéis de boa mão, com largas molduras de talha, os quais painéis com sua altura se ajustavam com a cimalha da igreja. E logo diante dos ditos painéis se seguiam de cada parte os púlpitos, que em lugar de grades tinham à roda suas guarnições de talha.

E logo diante dos púlpitos se seguiam duas capelas com seus arcos de pedraria, que se avizinhavam com a cimalha da igreja. As capelas tinham os seus retábulos de talha com duas colunas por banda, mas mais afastadas, portas em linha direita com seus quartões e molduras.

E logo adiante das ditas capelas se via outro arco de pedraria, semelhante em tudo ao que ficava logo adiante do coro. Ambos os ditos arcos não fazem mais sacada da parede para fora que a grossura da pedraria.

E logo diante do dito arco ficava o cruzeiro, e juntamente, a capela-mor, a qual não se diferenciava do corpo da igreja, nem em altura nem em largura, porque o seu tecto de abóbada corria igualmente com o corpo da igreja, do qual só se diferenciava pelas grades que a dividiam.

Nos dois lados da capela-mor, onde se deixavam ver dois grandes painéis que em largura e altura se ajuntavam com os dois lados da capela, o espaço que ia desde o pavimento até aos painéis era revestido de embutidos de pedra vermelha sobre branca.

O retábulo da capela-mor era grande, indo até ao tecto. Era de duas colunas por banda, com seus troços que seguiam à volta do arco do retábulo, em cujo meio tinha lugar uma desafogada boca de tribuna; e dela para dentro se via um fermoso espaço com bastante grandeza e altura para o trono que no meio dela se erguia; este trono formava em cima uma charola com colunas à roda, de duas em duas, com seu tecto e quartelas nos lados que lhe serviam de remate; e dentro uma boa peanha, sobre a qual se via a fermosa imagem da Virgem Senhora do Livramento, que teria dois palmos [c. 45cm] de alto, com uma coroa de prata dourada sobre a cabeça, com perfeito estofado e suas roupas. A tribuna toda, assim no tecto como nos lados, era de boa talha, assim como o trono e a charola.

Ao pé da entrada da tribuna havia um sacrário de colunas e quartelas; e aos lados do sacrário, dois nichos, um de cada lado, e cada um deles com uma imagem bem estofada.

O altar ficava a uma tal altura que se podia muito bem avistar de qualquer ponto da igreja.

## Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SANTO ELÓI (2ª)****Século XVII [c. 1695] – † 1755**

Vimos que a primeira igreja do Convento de Santo Elói remonta ao século XV [1442] e esta continuava a igreja do Colégio de Santo Elói, fundada em 1286 por Dom Domingos Jardo.

Pelos fins do século XVII o templo achava-se já muito arruinado. Foi então demolido, e no mesmo sítio foi construída, sob a direcção do arquitecto João Antunes, uma nova igreja. Em 1697 já ia em grande altura<sup>LXIX</sup>.

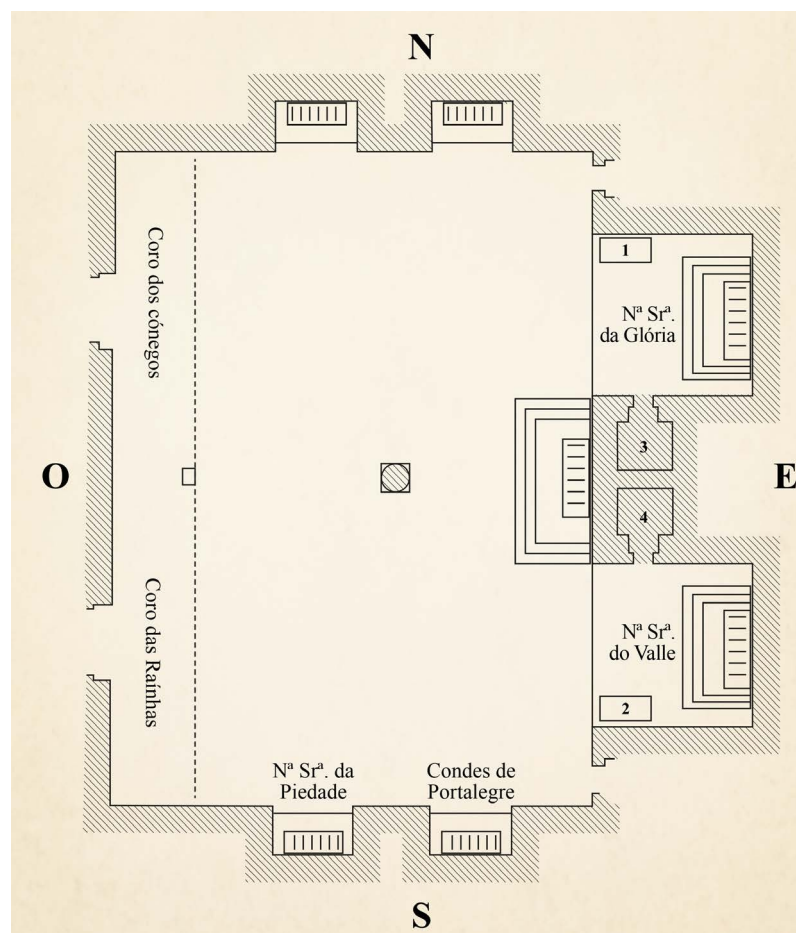


Figura 22– Reconstituição da planta da igreja do convento de Santo Elói por Henrique Loureiro. Reprodução de Castilho (1938: vol. XI, 244).

**LXIX** O arquitecto régio João Antunes assinou o contrato de concepção da nova igreja em 1694, lançando-se a primeira pedra a 6 de Maio de 1695. A envergadura do novo templo obrigou à aquisição de algumas casas adjacentes, para se fazer a fachada, e à construção de um paredão lançado desde a igreja vizinha de S. Crispim. Em 1701, o arquitecto Francisco Tinoco da Silva procedeu à medição da obra e na década seguinte prosseguiram ainda os trabalhos de decoração do interior do templo (Soromenho, no prelo).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A igreja era oitavada, e metida num paralelograma de 77 palmos por 100 [16,94m X 22 m], fora a capela-mor e o coro. O coro tinha 35 palmos de largo por 36 de comprimento [7,7m X 7,92m]; a capela-mor media 36 palmos de largo por 40 de comprimento [7,92m X 8,80m].<sup>47</sup>

O corpo da igreja teria oito capelas e outras tantas tribunas por cima, com janelas para a iluminação do interior, sendo 4 nos quatro oitavos de cada lado, e 4 nos dois lados maiores, ficando no meio dos últimos dois púlpitos fronteiros.

Uma das capelas era da Anunciação de Nossa Senhora, e a outra da Senhora do Vale. A porta principal seria situada por baixo do coro, para a banda do claustro, ficando-lhe da parte direita, também por baixo do coro, uma porta travessa, e fronteira uma capela. A capela-mor ficava contígua, ou muito próxima da travessa (desaparecida) que do largo grande de São Tiago ia para o Largo dos Lóios. O interior da igreja estava sendo revestido de mármore e jaspes de várias cores, embutidos e floreados<sup>LXX</sup>.

“Saindo da igreja, para a parte do poente ficava o claustro, antigo e pequeno, com colunas de jaspe e azulejos; ao centro havia uma cisterna e quatro canteiros de flores. Por cima, os quatro lanços do claustro tinham outras tantas varandas, com colunas também de jaspe.

Nas costas desta varanda, do lado do poente, era a livraria, casa muito alegre, e com linda vista. [...]

Também no claustro estava o cartório. Destas construções não se conhecem vestígios.

Do lado sul da igreja, ou da banda do rio, ficava o corpo do convento, com 150 passos de comprimento, e 20 de largura, segundo o p.e Agostinho de Santa Maria, ou com 50m X 12m, segundo as medições na planta actual do quartel.

O seu vulto imponente sobressai em muitas vistas antigas da cidade, tôdas posteriores ao segundo quartel do século XVI, em que parece que foi a construção.

Êste grande edifício tinha três andares; nos dois superiores eram os dormitórios, com quarenta e nove celas; e no inferior, em parte subterrâneo, e talvez nalgum dos outros, ficavam o celeiro, adega, cosinha, refeitório, casa de profundis, e uma capelinha.

<sup>47</sup> A medição do templo feita logo depois do terramoto regista dimensões um tanto diferentes: comprimento, 112 palmos (= 24,64 m); largura, 85 palmos (= 18,70 m).

**LXX** É importante a chamada de atenção de José da Felicidade Alves para o uso de uma rica decoração de mármore coloridos, em trabalho de embutido, que remete para o universo formal de muitas outras obras do arquitecto João Antunes (Gomes, 1998). Alguns dos motivos ornamentais dos embrechados marmóreos foram registados na 1ª metade do século XIX por José Valentim de Freitas (1791-1860), antes da demolição do que restava da igreja, e publicados cerca de um século mais tarde (Andrade, 1948). A familiaridade de Santo Elói com outros templos lisboetas estende-se à configuração centralizada da igreja, um paralelograma de cantos cortados, muito próximo do desenho da planta de João Antunes para o Menino-Deus. O mais surpreendente do programa arquitectónico setecentista é, no entanto, a provável replicação da forma oitavada da igreja no próprio claustro, caso que deverá ter apenas paralelo no claustro do convento oratoriano do Espírito Santo da Pedreira (Soromenho, no prelo).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O andar inferior, de que está aproveitada apenas uma pequena parte no tópo oriental, mostra as abóbadas arzoadas da primitiva fábrica. Os dois outros andares, que se comunicam por uma escada interior, e por outra exterior no topo ocidental, formam duas amplas salas, de onde foram suprimidas as divisões que formavam as celas. Têm janelas em todos os seus muros, excepto no oriental, ainda aproveitados do antigo estabelecimento monástico.

O convento possuía também dois grandes eirados, e, no dizer do p.e Santa Maria, era tudo grandioso e tão bem ordenado, e repartido, que verdadeiramente he admiravel a disposição, e artificio com que foi feito, se attendermos para a estreiteza do circuito.

No recinto do convento havia uma alterosa tórre com sete sinos e um relógio, que se observa também nas antigas vistas de Lisboa, e uma outra tórre mais moderna, por cima da porta da igreja, que ainda não tinha sinos em 1755; e fora dele, defronte da porta principal, levantava-se um cruzeiro.

Os terrenos de cultura do convento estendiam-se para o sul e nascente dos ocupados com as edificações que temos estudado; tinham acesso do exterior pela porta do carro, que ficava situada no recanto que forma a rua de S. Tiago, atravessando o sítio dos escritórios da firma Júlio Gomes Ferreira & C.ia, L.da, cuja porta tem nessa rua o n.º 19.

Nesses terrenos estão hoje construídos as oficinas e armazéns da mencionada firma, de que já tratamos no capítulo XVII, e neles fica situada a cisterna, certamente outrora do convento, que servia para a rega dos seus pomares e hortas.” (in Castilho, 1938: Vol. XI, 245-248).

Depois ou durante a reconstrução da igreja, pelo ano de 1695, o túmulo da infanta Dona Catarina foi transferido para a capela-mor, do lado do evangelho; e o do bispo instituído D. Domingos Jardo, para a mesma capela, do lado da epístola.

## 1. † 1755

Com o terramoto de 1755, a igreja sofreu grande destroço.

Vd. IGREJA DO CONVENTO DE SANTO ELÓI – após 1755

## Bibliografia

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. XI. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1938.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♂ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA DIVINA PROVIDÊNCIA OU DOS CAETANOS OU DOS TEATINOS

Século XVIII [1698]

Era da ordem dos Clérigos Regulares da Divina Providência, fundada em Itália por São Caetano (1480-1547), de comum acordo com Pietro Carafa, futuro Paulo IV (este era ao tempo bispo de Chiatti, em latim Theatinus, donde o nome popular de Teatinos dado a estes religiosos).

Só no século XVII é que esta Congregação entrou em Portugal. Um religioso desta Congregação, o Padre Dom António Ardisone Spinola, passou por Lisboa, onde embarcou no ano de 1640 para a Índia e ali fundou em Goa uma Casa com o título de Nossa Senhora da Divina Providência, a fim de que os religiosos do seu instituto que passassem às missões da Índia tivessem naquela cidade um Hospício.

Em 1648 voltou a Lisboa para aqui fundar outra Casa, na qual os religiosos que viessem de Itália para passar à Índia se pudessem recolher, esperando o tempo da sua embarcação.

Apresentou a D. João IV a sua pretensão. O Rei concedeu-lhe licença para fundar um Hospício e apontou um sítio junto ao Convento da trindade; mas o P. Ardisone trocou-o por outro de que lhe fez doação Dona Mariana de Noronha e Castro. Ali puseram uma igreja provisória, onde colocaram o SS. Sacramento em 29 de Setembro de 1653 (vd. *Historia dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 120-121).

O local escolhido era no Bairro Alto, com horta, pomar e logradouro que chegavam à Rua Formosa, casas contíguas e quintais. Foi comprado todo o terreno ocupado por aquelas construções, mais ou menos arruinadas.

Passados alguns anos, foram-se admitindo noviços portugueses, a ponto de nos inícios do século XVIII serem já muitos os que compunham o número de 29 religiosos que se contavam na dita Casa.

Nos finais do século XVII começaram os religiosos a melhorarem a morada, fundando dois dormitórios, um sobre o outro.

E logo trataram de fundar nova igreja. O plano foi elaborado pelo Padre teatino Guarini, natural de Modena, arquitecto da Casa dos Duques de Sabóia. Em 1681 D. Pedro II concedeu aos religiosos mais terreno para a construção dum novo edifício mais grandioso.

E no dia 7 de Abril de 1698, o arcebispo de Lisboa, D. Luís de Sousa, lançava a 1ª pedra no novo edifício.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A igreja não chegou a concluir-se<sup>LXXI</sup>.

O terramoto de 1755 causou estragos enormes ao convento, obrigando os religiosos a fugir para a quinta que possuíam no Campo Grande, onde haviam fundado um Hospital para os doentes da sua Ordem.

O Padre D. Luís Caetano de Lima reedificou à sua custa o convento e a igreja, voltando os religiosos para a antiga casa na Quaresma de 1757.

No Convento viam-se muitos quadros em todas as paredes dos dormitórios, em que sobressaíam os retratos de muitos varões distintos pelo seu talento e respeitabilidade, como D. António Caetano de Sousa, D. António Caetano de Lima, e muitos outros da ordem teatina.

A capela-mor era adornada com pequenos quadros nos retábulos.

Em 1811 estabeleceu-se no convento a Real Academia de Desenho e Architectura Civil, que em 1822 passou para novo estabelecimento no Palácio do Rossio, voltado em 1823 outra vez para o convento, donde foi para a Estrela, vindo depois para a Academia das Belas Artes que se estabeleceu em Outubro de 1836 no antigo Convento de São Francisco da Cidade.

Sendo extintas as Ordens Religiosas em 1834, o edifício do convento foi aproveitado para o Conservatório Real de Lisboa e Inspeção Geral dos Teatros.

A igreja, que estava profanada e abandonada desde 1812, foi também renovada, principiando as obras em 1856 e terminando só onze anos depois, em 1867.

O adro foi desanexado da igreja em 1837 e a igreja foi finalmente demolida em 1912.

<sup>LXXI</sup> Em sucessivas reflexões críticas, Paulo Varela Gomes discutiu demoradamente o problema dos planos de Guarino Guarini (1624-1683) para a igreja dos Teatinos de Lisboa. Na verdade, a proposta do padre-arquitecto italiano não chegou a concretizar-se, não pelo carácter inovador da sua planta elíptica mas pela dificuldade que os religiosos caetanos tiveram em adquirir os terrenos necessários para um templo daquelas dimensões. A igreja começada a construir em finais do século XVII, depois de abandonado o projecto de Guarini, foi gizada pelo architecto Pascoal Roiz (ou Rodrigues) Pacheco. Não é, no entanto, esta a igreja que corresponde a um levantamento planimétrico realizado em 1748, que mostra um organismo rectangular de cantos cortados, pelo que se põe a hipótese de um novo processo de reconstrução de inícios do século XVIII, porventura conduzido pelo architecto João Antunes (†1712), responsável pela divulgação, entre nós, deste tipo original de planta centralizada (Gomes, 2001: 318-340).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 23 – Igreja do Convento da Divina Providência ou de São Caetano (in Pereira, 1927, 189).

## Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO NOVICIADO DA BEATA PRINCESA DONA JOANA****Século XVII [1ª pedra: 25 Novembro 1699] → 1755 †**

Da Ordem de São Domingos

A origem desta igreja radica em disposições testamentárias cumpridas a rigor pelos descendentes de D. Álvaro de Castro:

“Antes de partir em companhia do rei D. Sebastião no ano de 1578 para a infeliz empresa de África, D. Álvaro de Castro ordenou seu testamento, no qual instituiu um morgado, avinculando a ele a sua quinta que tinha ao chafariz de Andaluz, chamada quinta do Paul de Boquilobo, adeante do Convento de Santa Marta, com outras fazendas mais que na vizinhança possuía. E porque não teve filhos, chamou em primeiro lugar a sucessão do dito morgado a seu sobrinho, Dom Leonardo de Castro, filho de seu irmão D. Jerónimo de Castro, e a seus descendentes; com a declaração que, sucedendo em algum tempo faltar à sucessão a linha descendente do dito seu sobrinho Dom Leonardo de Castro, nesse caso queria e dispunha que a dita sua quinta de Andaluz, com os mais bens vinculados revertessem inteiramente para o Convento de São Domingos de Benfica; mas com a condição que o dito Convento seria obrigado, dentro de dois anos sucessivos à morte do último possuidor, a começar e ordenar na dita quinta um mosteiro da ordem de São Domingos, com todas as oficinas a ele necessárias, do tamanho que parecesse ao Provincial que ao tempo governasse. Estabelecia que, se faltasse cabedal para a obra, podia vender-se até à quantia de 2:000 cruzados de fazendas que se achavam fora da referida quinta, já que toda a que estava da cerca para dentro, e que não fosse necessária para oficinas, queria que ficasse para sustento dos Religiosos.” (in *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 213).

Em 1697 faleceu o último possuidor do dito morgado, que foi D. João de Castro Telles, sem deixar sucessão. Reverteu, pois, para o Convento de São Domingos de Benfica, que “entrou a tomar posse da dita quinta e algumas fazendas mais das vinculadas que achou existirem ainda, porque outras se tinham já dissipado. Entregue ao Provincial, o Padre Mestre Frei José Galvão, este assentou que o Convento fosse consagrado à memória da Beata Princesa Dona Joana e que fosse destinado para Noviciado onde se preparassem missionários para a Índia Oriental”. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 215).

Representando estes motivos por petição ao Rei D. Pedro II, este concedeu a licença para a nova fundação por um seu alvará passado em 20 de Setembro de 1698; ao alvará seguiu-se a licença do arcebispo Cardeal Sousa, por uma provisão passada em 3 de Julho de 1699.

Feitas essas diligências, designado o sítio e abertos os alicerces da igreja, já aos 25 de Novembro do mesmo ano de 1699 fez o Bispo de Bona a solene fundação de lançar a 1ª pedra à igreja, com as cerimónias em uso, assistindo à função a comunidade dos Religiosos do Convento de São Domingos de Benfica, e outras mais pessoas eclesiásticas e seculares.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Entrando num grande pátio no fim da Rua de Santa Marta, ficava a igreja à direita com a frente para o lado sul. No frontispício viam-se as armas reais. Tinha 8 capelas, incluindo a capela-mor, onde estão as imagens de São Domingos e São Francisco. Havia três capelas do lado do Evangelho e duas do lado da epístola, tendo entre estas duas a porta de entrada; e duas mais na frente da igreja, aos lados da capela-mor. À porta da entrada havia uma capela de Nossa Senhora da Piedade, com uma confraria. Toda a igreja era adornada de quadros pintados a óleo, alegóricos ao culto divino. O coro é muito nobre. O tecto tem em partes algum estuque de relevo, da escola de João Grossi, que floresceu em Lisboa depois do terramoto de 1755. Estas informações sobre a igreja são fornecidas por autor que escreveu no século XIX: não sabemos quais delas se referem apenas ao estado posterior ao terramoto.

Pelo terramoto de 1755 não sofreu dano algum. Como nesta época existiam no Convento poucos religiosos, e como as freiras do Convento da Anunciada, que era da mesma ordem dominicana, se vissem na urgência de abandonar o seu mosteiro, que o terramoto arrasara, vieram recolher-se na cerca do Convento de Santa Joana, acomodando-se em várias barracas que mandaram levantar.

Os frades, que ainda restavam, saíram. O Rei D. José, por especial mercê e dispêndio de 1:000 cruzados, mandou preparar melhor o mosteiro para as freiras formarem a sua clausura perpétua, assim como as religiosas dominicanas do Convento da Rosa, que pouco depois ali foram reunir-se.

Vd. CONVENTO DE SANTA JOANA, ao Andaluz – após 1755.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

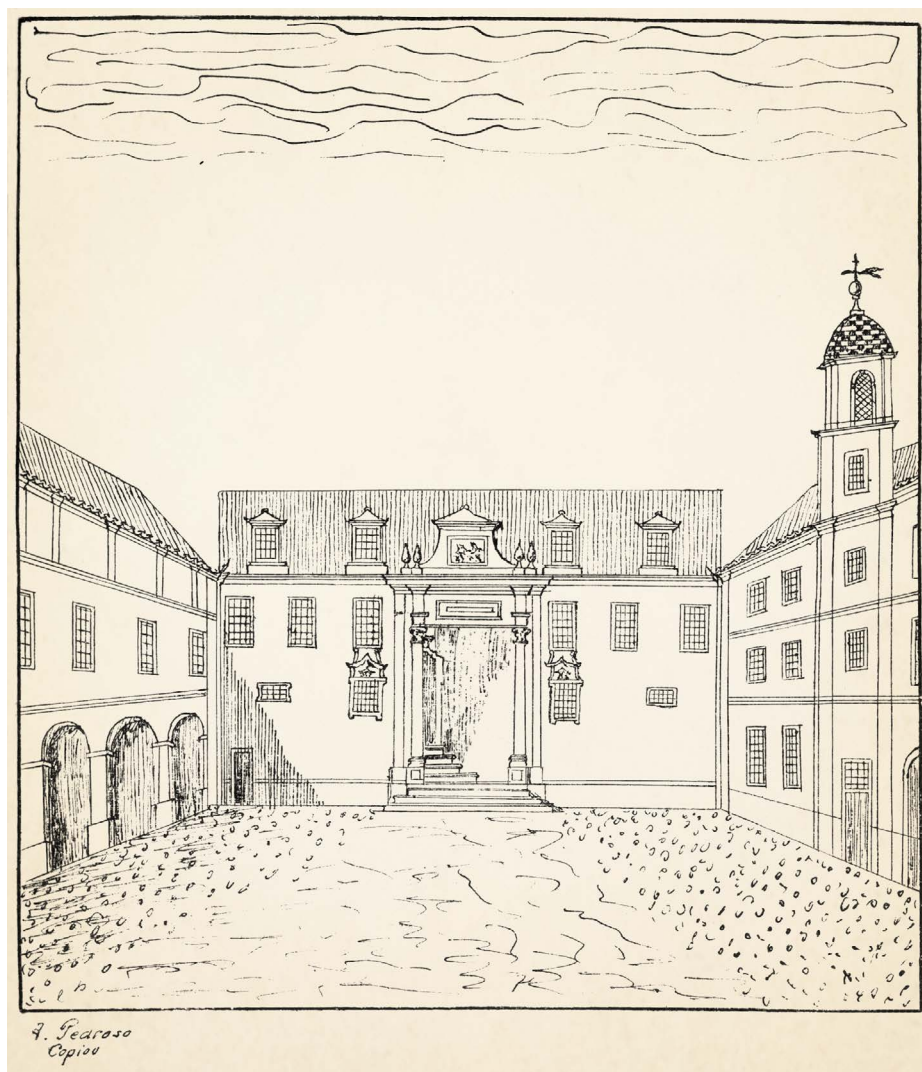


Fig. 24 – Igreja do Noviciado da Beata Princesa Dona Joana, em 1833 (in Pereira, 1927: 296).

## Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

**4. IGREJAS CONVENTUAIS DE FREIRAS** ♀

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DE SANTA TERESA, EM CARNIDE****Século XVII [1642]**

De Carmelitas Descalças. Fundado em 1642 pela Madre Michaela Margarida († 1663). Ali viveu e morreu a infanta Dona Maria, filha natural de D. João IV<sup>LXXII</sup> (Proença, 1924: vol. I, 443).

“A igreja é duma só nave, de tecto pintado na 2ª metade do séc. XVII, com flores, frutos, máscaras, grinaldas, figuras, etc. Grande silhar de azulejos com passos da vida de Santa Teresa. Algumas telas encaixilhadas em talha dourada, sendo digna de nota a que representa a morte de St.ª Teresa, por José da Costa Negreiros, “notável na composição, no desenho e no colorido” (Proença, 1924: vol. I, 443).

Os quadros da capela-mor, de Inácio de Oliveira Bernardes, também apresentam certo interesse. Os altares laterais são revestidos de azulejos policromos do séc. XVII com as armas de Portugal entre ramarias e animais, com molduras imitando embrechados de mármore. Púlpito de pau-brasil com aplicações de metal. Na igreja os despojos mortais de Santa Agape; no coro de baixo, os da infanta D. Maria, [filha natural de D. João IV, a qual foi educada neste mosteiro desde 1650, o reedificou, aumentou e enriqueceu com rendas e jóias, e determinou que aí a sepultassem no coro de baixo. Faleceu em 1693]. Sob a grade do coro [repousam os restos mortais] de D. Michaela Margarida de Sant’Ana, filha (bastarda) do imperador Matias da Alemanha, [que fundou o convento em 1642 e nele foi religiosa; faleceu com 82 anos em 1663].

LXXII Madre Margarida Micaela veio para Portugal em tenra idade, acedendo ao noviciado aos vinte anos e fazendo a sua profissão de fé entre 1603 e 1604. Quando, mais tarde, foi escolhida para priora da comunidade carmelita estabelecida no convento das Albertas, à Pampilha, decidiu fundar em Lisboa um novo cenóbio. Os laços de parentesco com a vice-rainha de Portugal, a duquesa de Mântua, não foram suficientes para alcançar a devida autorização régia, dadas as restrições da Coroa à fundação de novas casas religiosas. A doação de um terreno em Carnide por Luís Gomes da Mata, correio-mor do reino, e a simpatia carmelitana da rainha D. Luísa de Gusmão, após a Restauração, tornaram a tarefa mais fácil. D. João IV autorizou a fundação e ainda dotou o convento com 200.000 réis de renda (7 de Outubro de 1641); as freiras fizeram a sua entrada solene em Carnide – ao qual foi dada a designação oficial de Convento de Santa Teresa de Jesus e de Santo Alberto – no dia 25 de Março de 1642. D. Maria (1644-1693), filha natural de D. João IV, foi enviada para o convento em 1650, teria então seis anos de idade. Dotada pelo pai com rendas chorudas e com boas relações com os irmãos, D. Afonso VI, D. Pedro (que lhe confiou, por sua vez, a criação da filha natural, D. Luísa) e D. Catarina, usou com certeza a sua influência para promover obras profundas e o enriquecimento do seu recheio artístico (Veiga, 2016, 21-33).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

“O convento ainda conserva vestígios dos antigos tempos, como azulejos do séc. XVII (entre os quais se destaca, no tanque da cerca, um quadro com a Samaritana) os antigos jardins, o claustro e algumas capelas” (Proença, 1924: vol. I, 444)<sup>LXXIII</sup>.

Nota-se a ausência dos retábulos da capela-mor e dos 2 altares laterais (transepto).

Coro-baixo com as grades para a capela-mor e o comungatório.

## Bibliografia

PEREIRA, Gabriel – “O lindo sítio de Carnide” in Gabriel PEREIRA, – *Pelos Subúrbios e Visinhanças de Lisboa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C.<sup>ta</sup>, 1910, pp. 53-84.

PROENÇA, Raul (Dir) – *Guia de Portugal. Lisboa e Arredores*. Vol. I. Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924, pp. 442-444 [2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976].

LXXIII A ligação da família real à Ordem foi, como se viu, decisiva para a fundação, tanto mais que à rainha D. Luísa de Gusmão foi oferecido, em 1642, o Padroado da Província de Portugal, das carmelitas. Estes laços estreitos explicam também a exigência do mecenato de D. Maria. João Nunes Tinoco, Arquitecto da Casa das Senhoras Rainhas, simultaneamente à frente do mais prestigiado estaleiro arquitectónico de Lisboa, o mosteiro de São Vicente de Fora, desenhou em 1672 a custódia do convento e, em 1678, o retábulo-mor da capela-mor. Não repugna, por isso, que lhe seja atribuída a traça do novo edifício, reconstruído entre 1662 e 1668. A seu filho, o arquitecto Luís Nunes Tinoco (1642-1719), pode, por seu turno, ser creditado o projecto do túmulo da infanta, instalado no coro-baixo da igreja, um esplêndido exemplar da arte dos embrechados de mármore em «embutido grosso» e «embutido fino» que entrou em voga, entre nós, no derradeiro quartel do século XVII (Coelho, 2016).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO SALVADOR DE SIÃO – 2ª OU DAS INGLESINHAS OU DAS BRÍGIDAS

Século XVII [depois de 1651]

Veja-se o que dissemos acerca do Convento de São Salvador de Sião, quer da sua comunidade em Inglaterra [1415-1558], quer das suas peregrinações pela Europa [1558-1594], quer da sua primeira instalação em Lisboa [em 1594].

Não possuímos descrições acerca da primeira instalação no bairro de Mocambo, nem da sua igreja de então, entre 1594 e 1651.

Essa 1ª instalação terminou com o incêndio ocorrido em 17 de Agosto de 1651, dia oitavo da festa de São Lourenço. As Religiosas (que eram 33 freiras de coro, e sete conversas, além de quatro sacerdotes e 1 leigo) foram recebidas no Convento da Esperança, onde permaneceram seis meses, até se mudarem para umas casas vizinhas ao mesmo convento, muito limitadas.

### 1. NOVAS INSTALAÇÕES DO CONVENTO [1656]

Naquelas casas precárias continuaram as freiras durante 5 anos; mas com tantos incómodos, que custaram a vida a muitas, e outras estiveram próximo de a perderem também.

O novo convento foi-se edificando. Parece que a 1ª pedra do novo edifício foi lançada em 2 de Outubro de 1651. Concorreu para a despesa das obras D. João IV com 5:000 cruzados; outras pessoas ilustres imitaram o exemplo do Rei; e também as Religiosas, pelos parentes que tinham em Inglaterra. As próprias Religiosas, que pretendiam melhorar-se de edifício e fazer mosteiro capaz de larga duração e dar cómodo conveniente às Religiosas que haviam de ser moradoras dele, para que as esmolas pudessem cobrir as despesas, andavam pedindo pelas portas da cidade esmolas para as obras do Convento de Santa Brígida, anos depois, já estava concluído um dormitório; e no dia 7 de Outubro de 1656 mudaram-se para lá as Religiosas. Este novo convento tinha por igreja, quando se fez a mudança, uma ermidiinha que depois passou a ser a Casa do Capítulo (vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 398).

Para as obras, concorreram muito Rui Correa Lucas e sua mulher Dona Milícia da Silveira. Querendo ser padroeiro da igreja nova e da capela-mor, dando para isso 10:000 cruzados e 20:000 réis cada ano para a lâmpada e fábrica da mesma capela.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. A NOVA IGREJA CONVENTUAL [NA 2ª METADE DO SÉCULO XVII]

Da igreja da primeira instalação da Comunidade [1594 a 1651] não possuímos informações.

Como já dissemos, em 1656, tinham por igreja uma ermida, que depois foi Casa do Capítulo. A nova igreja, para a qual concorreu Rui Correa Lucas (como atrás dissemos), começou a ser usada depois do ano de 1672. Mas ainda então não estava acabada, não tendo retábulo no altar-mor, nem em algum dos outros. Depois se fabricaram, valendo-se da Comunidade para isso e para o retábulo da capela-mor e tribuna, dos dotes das Religiosas, porque os dez mil cruzados com que contribuiu Rui Correa Lucas não foram bastantes para o edifício da igreja e capela-mor.

A igreja era duma só nave, tendo a fachada lateral com a frente para o sul. A entrada para o convento e igreja era dentro dum pátio.

O corpo da igreja tinha quatro capelas, duas por banda. Sobre os dois arcos das capelas do lado esquerdo tinham lugar dois painéis pequenos, com suas molduras de talha dourada. Fronteiras aos ditos painéis correspondiam no lado direito duas janelas iguais aos painéis, que serviam para dar luz e claridade à igreja. À roda da igreja corriam umas grades de bordo, torneadas, com pedestais do mesmo pau.

O tecto era de abóbada de ladrilho. Tinha cimalha de pedra, que corria toda a igreja à roda, que ligava com a pedra do arco da capela-mor.

Do dito arco prosseguia a cimalha na mesma altura até se ajustar com a do retábulo da capela-mor, cujo tecto era pintado de um brutesco ao moderno, que tinha no meio um ovado em que se representava o Trânsito da Senhora.

Da capela-mor para dentro viam-se duas portas, fronteira uma à outra; a da mão direita era a da Sacristia.

No andar dos presbitérios ficavam dois arcos de pedraria, do mesmo feitio dos que tinham as capelas do corpo da igreja, mas mais pequenos; cada um de sua parte, fronteiro um ao outro. O da parte do evangelho tinha no meio uma pequena janela, com umas grades diante; o outro arco, da parte da epístola era para pôr as galhetas e outros utensílios de uso no altar-mor.

Aos lados do altar-mor, de cada banda, tinha lugar uma porta, cujas ombreiras eram de mármore vermelho; e por cima delas corria uma cimalha do mesmo mármore; e sobre a dita cimalha assentava o retábulo, todo de talha dourada antiga. E entre as duas colunas do retábulo, tinham lugar dois pequenos nichos e neles duas imagens de santos (Nossa Senhora da Salvação e Santa Brígida?).

O altar-mor tinha o seu Sacrário metido em um nicho grande; e sobre o arco que faz o nicho, seguiu-se a entrada da tribuna, a qual tinha seu painel que a cobria.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

No lado esquerdo da capela-mor, por baixo da cimalha que vem correndo do corpo da igreja, tinham lugar dois painéis, do tamanho dos das capelas do corpo da igreja, e de iguais molduras.

Fronteiros à capela-mor, ficavam os dois coros.

### 3. NOTICÍAS DE UMA CÉLEBRE IMAGEM QUE AS RELIGIOSAS TROUXERAM CONSIGO...

Não podemos omitir a notícia de uma célebre imagem chamada de Ave Maris Stella, que as Religiosas trouxeram consigo quando vieram de Inglaterra. Transcrevemo-la da *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 402-403:

Concedeo Christo Senhor Nosso e a Virgem Sanctissima sua mãy à gloriosa Sancta Brigida pera escudo e defensa spiritual e temporal de suas filhas e filhos o hymno de Ave Maris Stella, o qual hymno he costume da Ordem cantarse todos os dias antes das vespas. Succedeo porem hum dia que se nam disse o hymno; tangeram à roda e acco-dindo a rodeyra viu hum mancebo em trajos de peregrino, o qual lhe entregou hum a imagem da Virgem Senhora com seo Bendicto Filho no colo, e lhe disse levasse aquella imagem à madre abbadeça, e que todos os dias antes das vespas lhe cantassem o him-no de Ave Maris Stella.

Admirada a abbadessa do successo e da perfeçam da imagem, ordenou à rodeyra que fosse saber do peregrino quanto queria pello feytio da imagem, cuydando que a vi-nha vender. Voltando porem a rodeyra à roda e nam achando o peregrino algum, exami-nandose as pessoas que da parte de fora guardavam a roda e a portaria se tinham visto entrar ou sahir algum peregrino, disseram todas nam tinham visto entrar nem sahir pere-grino algum [e] nem por mays diligencias que se fizeram se pode alcançar quem tinha trasido tal imagem ao convento. Com que todas as pessoas que tiveram noticia do suc-cesso se persuadiram que algum Anjo em habito de peregrino por ordem do Ceo, nam se faltou mays em resar o ditto hymno antes das Vespas.

Divulgouse este caso por Inglaterra, e muytas pessoas illustres mandaram os escultores e imginarios de melhor nome pera fazerem outra imagem, os quaes vendo a imagem julgaram ser materia della marfim, e esperando que com sua arte poderiam fazer outra semelhante. Mas quando o intentaram se acharam enganados, porque nunca poderam imitar o exemplar, quanto mays o faziam tanto menos a imagem se parecia com o original, com que convencidos da experiencia ficaram entendendo e confessando que nam era aquella obra de mãos humanas, nem materia della era marfim, posto que o parecia, e que nem elles nem outros poderiam fazer tal obra. E depoyz deste mosteyro estar neste Reyno, hum senhor illustre de Inglaterra, ouvindo o caso, mandou a Lisboa alguns escultores insignes pera que lhe fizessem outra imagem semelhante, e succedeolhe o mesmo que tinham experimentado os primeyros escultores, com que se confirmaram ser Anjo e nam homem

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

o que trouxera a imagem à roda do mosteyro.

Cobraram tanta devoçam as Religiosas do mosteyro à sancta imagem que nunca a largaram de si em todas as suas peregrinações, sendo sua companheyra nos muytos tra-balhos e perigos por que passaram. E como a Senhora sabe a consolaçam que as Religio-sas do convento recebem com a visita da imagem, a mesma Senhora livrou a sua do peri-go que correo quando o mosteyro se queymou.

Está sempre a imagem no coro alto, sentada com o Minino Jeus no colo. Nam che-ga a palmo e meyo de altura, mas [he] perfeytissima. Quando as Religiosas adoessem, e por entrarem em perigo de vida lhe[s] dam os Sacramentos, as con-solam com a presença desta imagem, pello conforto que recebem com sua visita principalmente na hora da mor-te e nos outros trabalhos e necessidades da vida, recorrendo a ella, dizendo o hymno de Ave Maris Stella.

Que terá acontecido à imagem? Ainda se encontrará algures?

#### 4. ACONTECIMENTOS POSTERIORES

O terramoto de 1755 poucos prejuízos causou ao edifício, que foram logo reparados.

#### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, pp. 391-403.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA NAZARÉ OU DAS BERNARDAS

Século XVII [1655]

Era de Religiosas Bernardas Descalças, da Ordem de Cister.

Estava situado no fim da Rua da Esperança, tendo a frente para o lado do sul.

Resumimos de seguida a informação contida em *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 443-449.

### 1. FUNDAÇÃO

Por volta do ano de 1653, uma senhora chamada Maria da Cruz fundou um Recolhimento de mulheres devotas, na freguesia e vizinhança de Santos-o-Velho, com o desejo de servir a Deus.

Chegou a notícia ao Padre Frei Vivardo de Vasconcelos, monge professo do Mosteiro de São João de Tarouca, e abade do Convento de Nossa Senhora do Desterro, único que a Ordem de São Bernardo tinha na cidade de Lisboa. Este Frei Vivardo foi visitar as devotas no dia primeiro de Setembro, louvando-lhes o desejo que mostravam de servir a Nosso Senhor, mas inculcando-lhes que para melhor o fazerem lhe parecia seria mais conveniente mudar aquele recolhimento em um mosteiro em que se professasse verdadeira religião com os votos que a constituem tal. Não lhes falou em qual seria a religião.

Sucedeu que no mês de Janeiro do ano seguinte de 1654, o dito Padre Frei Vivardo foi buscar ao Convento do Desterro um clérigo chamado Joseph Rolans, que fora capelão de D. Diogo Lobo, Prior-mor que fora do Convento de Palmela, da Ordem Militar de Santiago; e em conversa com o dito clérigo lhe veio a dizer que o referido Prior seu amo desejava muito fundar um mosteiro de monjas cistercienses de observância reformada, e que ele mesmo ordenara uns estatutos e os deixara já confirmados pela Sé Apostólica, com licença para a fundação do mosteiro.

Com tão animadora notícia, e tendo entendido a vontade que as recolhidas mostraram de serem religiosas sujeitando-se aos estatutos e regras que para a dita reforma tinha feito o Dom Prior, Frei Vivardo dar princípio à fundação. Procurou a licença de el-rei D. João IV, que se mostrou inicialmente avesso; mas, metendo-se nisso o valimento da Rainha Dona Luísa, ao fim de dez meses assinou a licença. Sucedeu até um caso curioso: o Rei vinha sofrendo havia muitos dias de uns formigueiros num braço; ora, tendo assinado com sua mão a licença, ficou de todo livre sem lhe tornarem a repetir... Não seria paga pelo despacho concedido?...

Também se obteve com alguma dificuldade a licença do Geral da Ordem de Cister (Alcobaça), que era Frei Gerardo Pestana.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tratou-se de eleger as fundadoras para o novo convento. Foram escolhidas do Mosteiro de S. Bento de Évora (que embora não fosse recolecto, tinha religiosas muito exemplares). Dele veio a Madre D. Antónia Moniz, que mudou o nome para Soror Antónia do Espírito Santo, e ocupou o lugar de Abadessa durante doze anos. A segunda foi D. Francisca de Vasconcelos, que depois se chamou Soror Francisca das Chagas; a terceira D. Maria de Almeida, que trocou o nome para Maria do Sacramento.

Fechou-se a clausura do mosteiro na solenidade da festa da Epifânia, 6 de Janeiro de 1655, com a invocação, a igreja e o mosteiro, da Virgem Senhora de Nazaré.

Sem terem padroeiro nem rendas ou fazenda alguma, tiveram de comprar as casas em que viviam as recolhidas, que custaram 5:000 cruzados. Apenas lhes serviram as esmolas dos fiéis; e depois valeram os dotes das religiosas.

Em 1708 já eram 47 monjas e 8 conversas. O dote de cada uma era de 2:500 cruzados, fora o enxoval.

A Vida era austera, não muito diferente da de outros conventos coevos, por exemplo o das Trinas de Mocambo (quanto às celas, alimentação, vestuário, calçado, oração mental, etc.).

## 2. A IGREJA CONVENTUAL

A igreja está hoje, e de há muito, afectada a uso profano.

A escada por onde se sobe para o edifício ficava dentro da primeira porta; depois de muitos degraus, chegava-se à frente da portaria, ficando a igreja à esquerda, formada em pavimento nobre, tendo por baixo um andar de casas e lojas. Era o único templo desta cidade construído de tal forma.

Entrando pela porta da igreja, se acham no corpo dela três capelas de cada parte, com seus retábulos dourados, de uma coluna por banda; a parede que fica entre capela e capela é revestida de um azulejo adamascado. A igreja era de uma só nave.

Por cima dos arcos das capelas corria uma cimalha de mármore vermelho, que corre toda a igreja à roda, até ligar com o retábulo da capela-mor. E por cima desta cimalha, assentava um andar de painéis quadrados, proporcionados à igreja, e entre esses painéis três janelas de cada parte, das quais só as da direita dão luz à igreja, porque as da esquerda só servem de fazer aparente correspondência. Por cima dos ditos painéis e janelas estendia-se por todo o corpo da igreja uma boa cimalha de pedra; e por baixo dela ficava o arco da capela-mor.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nas capelas do lado da Epístola, viam-se as imagens de Sant'Ana, São Joaquim e Nossa Senhora; São Pedro e os apóstolos S. Simão e S. Judas. As do lado do Evangelho tinham as imagens de São João Baptista; Jesus, Maria, José; e Santa Ignez.

Por cima do arco da capela-mor e de sua cimalha, deixava-se ver um vão que ia do arco da capela-mor para o tecto da igreja; e neste grande painel se representavam as Pessoas da Santíssima Trindade, com São Bento dum lado e São Bernardo do outro.

A capela-mor tem o tecto em volta de meia laranja, com um brutesco de ramos grandes e largos, com figuras e anjos, ocupando o meio um ovado que guarnece pela borda várias quartelas e revirados; e dentro do dito ovado se deixa ver São Bernardo, acompanhado por anjos.

Nos lados da capela-mor havia dois painéis de cada banda, fronteiros um ao outro, com suas molduras de talha dourada; e no meio dos painéis tinha lugar uma janela. O retábulo da capela-mor era de duas colunas por banda; e entre elas tinha lugar a imagem de um Santo (São Bernardo do lado da epístola e São Bento do lado do evangelho). A imagem de Nossa Senhora da Nazaré estava na sua tribuna dourada. Havia ainda dois altares colaterais, com S Gonçalo e S. João.

### 3. O INTERIOR DO EDIFÍCIO

O coro. Estava já acabado com muita perfeição em 1706. Tinha 57 cadeiras lavradas em madeira de angelim. O tecto é pintado. Havia dentro duas capelas: da parte do evangelho, com o Santíssimo Sacramento; da parte da epístola, com um Santuário de relíquias.

No antecoro, outra capela dedicada a Jesus, Maria, José.

A Casa do Capítulo, grande, com uma capela de grande obra de talha e um painel representando o Senhor atado à coluna. E uma imagem do Senhor Crucificado, obra de marfim, lavrado na Índia.

Constava o mosteiro de seis dormitórios, tudo azulejado em bastante altura. As celas todas que havia nos ditos dormitórios eram também todas azulejadas à roda, para maior asseio, coisa que não se achava em outro convento. Em cada um dos seis dormitórios havia uma capela.

E no claustro, com 5 ordens de arcadas por lado, que ficava no meio de quatro dormitórios, no fim de cada lanço havia uma capela, e no meio de cada lanço outra: o que vinha a ser oito capelas todas de Passos da Paixão; a que acrescentaram mais outra de Nossa Senhora da Soledade, com as imagens de Santo Inácio e São Francisco Xavier.

Por cima dos quatro lanços do claustro corriam quatro varandas; e para elas caíam as janelas das celas das religiosas, cuja habitação era nos quatro dormitórios.

NB. O Autor da *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 449) exprimia a sua admiração por se ter conseguido tanto, sem concurso de braço de rei nem de padroeiro.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 4. 1755

O terramoto de 1755 destruiu completamente o mosteiro.

Vd. IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA NAZARÉ OU DAS BERNARDAS 2ª - 1756

## Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972, pp. 443-449.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. VII. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1915.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO,  
DE MARVILA****Século XVII [1660]**

Era da ordem de São Salvador, das “Brígidas”, que tinham um Mosteiro no Bairro do Mocambo (Madragea).

Foi fundado em 1660<sup>LXXIV</sup>.

Transcrevemos da obra *A Antiga Freguesia dos Olivais*, por Rafael Delgado, do Grupo de Amigos de Lisboa (Delgado, 1969: 50-53) as informações referentes a:

“Mosteiro de Marvila:”

“A quinta em que se instalou o mosteiro de Marvila, pertencendo à antiga Quinta de Marvila da Mesa Pontifical, ficava colocada, no século XVII, entre o Poço do Bispo, «limite desta cidade» <sup>(32)</sup>, e a quinta de Lázaro Lopes de Almeida, ou fosse a Quinta do Bettencourt <sup>(33)</sup>.

A utilização da referida fazenda para a instalação do novo mosteiro ficou a dever-se à intervenção, decisiva e interessada, do arcediogo Fernão Cabral, que a adquiriu, para essa finalidade, em hasta pública, pouco antes da sua doação à madre Brígida de Santo António, abadessa do Mocambo, em 16 de Junho de 1655, depois de compromisso formal assumido em Outubro do ano anterior. A referida religiosa fora a devotada autora da iniciativa” <sup>(34)</sup>.

Em Março de 1660, finalmente, estando tudo disposto para a clausura, em Marvila, para ali se transportaram as madres fundadoras do mosteiro, a fim de o porem a funcionar.

O Cabido, por sua vez, nomeou, para prelados do mosteiro, o citado arcediogo Fernão Cabral, Pantaleão Roiz Pacheco e António Faria da Silva, depois prior de Palmela. Estes prelados, em plena função, proveram determinados cargos <sup>(35)</sup>.

Para execução e manutenção da importante obra sonhada por Brígida de Santo António, cuja memória foi esquecida, em Marvila, contribuiu eficazmente, como dissemos, o tantas vezes citado arcediogo Fernão Cabral, assistido por seu irmão,

LXXIV A obra da capela-mor, onde avulta um retábulo monumental de talha com embasamento em embutidos de mármore, foi, em 1690, dádiva piedosa de uma das religiosas, D. Isabel Henriques, mulher do fidalgo da casa Real, Diogo Lopes Torres. Só em 1714, com o douramento, ficou a peça terminada. Também ainda in situ se conservam os quadros pintados pelo pintor régio Bento Coelho da Silveira, ca. 1690: na capela-mor, a tela amovível do altar principal, Alegoria à Eucaristia, e mais quatro telas com episódios da vida de Santa Brígida; no coro-baixo, outros sete quadros de sua autoria. O programa pictórico conta ainda com obras mais tardias de André Gonçalves (Vida de Santo Agostinho). Os painéis de azulejos do coro-baixo, com cenas inspiradas no Cântico dos Cânticos, foram realizados por António de Oliveira Bernardes e pelo mestre anónimo conhecido por PMP (Sobral, 1998: 340).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Fr. Pedro de Santo Agostinho, do Convento de São Francisco de Xabregas, que lhe administrava a casa. Foi este frade quem deu início à nova capela do mosteiro. Morreu em 1675.

O Mosteiro de Marvila só ficou totalmente concluído em 1680. A pintura e talha da capela ficaram a dever-se a Roque Gonçalo da Rocha; as capelas laterais a duas religiosas que exercitaram o cargo de sacristãs; e o pórtico, datado de 1725, a João Vicente dos Santos, «pai da Ordem Religiosa». Por uma inscrição gravada em azulejo, à direita do altar mor, vê-se que também fez obras no templo, à sua custa, em 1690, D. Isabel Henriques, mulher de Diogo Lopes Torres, fidalgo da casa real.

Era o arcediogo Fernão Cabral, da Sé de Lisboa, natural do Algarve e filho de pais de conhecida nobreza de Portugal. A sociedade de então apreciou o grande zelo com que empregou a sua fazenda na primeira fábrica do mosteiro, quando apenas lhe haviam solicitado local para a sua edificação. Modesto por índole, recusou o título de padroeiro que lhe quiseram dar. No entanto, algum tempo depois da sua morte, ocorrida em 18 de Março de 1666<sup>(36)</sup>, por iniciativa do Cardeal de Sousa, foram colocadas as suas armas no exterior da porta lateral do mosteiro, e ainda ali se encontram. Seu corpo está na capela nova.

O poço do Bispo ficava «perto do muro das freiras, pelo que elas têm pretensões sobre a sua propriedade, dizendo estar em terreno seu» – escreveu em 1851, José Sérgio Veloso de Andrade<sup>(37)</sup>. O poço pertencera, com efeito, como é sabido e facilmente provável, à velha Quinta da Mitra. Simplesmente fora municipalizado, muitos anos antes (já assim estava em 1607), fornecendo «a única água pública que ali existe<sup>(38)</sup>», pelo que os direitos dos Figueirós e sucessores haviam, como é lógico, caducado.

O Mosteiro de Marvila foi suprimido por decreto de 11 de Abril de 1872, sendo estabelecida uma pensão de 120 000 réis para as religiosas sobreviventes, D. Eugénia de Nossa Senhora e D. Maria do Amor Divino, as quais residiam, então, no convento de Santa Clara, em Santarém, autorizadas a deslocar-se nos termos do aviso régio de 9 de Janeiro de 1850<sup>(39)</sup>. Depois, por carta de lei de 10 de Abril de 1874, o Governo ofereceu as instalações para o Asilo D. Luís I, fundado em 1861, com um legado testado pelo comendador Manuel Pinto da Fonseca. O Governo também tomou posse, em 20 de Abril do referido ano de 1872, das instalações e quintal em que funcionava a fábrica de sabão, na actual Rua do Açúcar, arrendados à Companhia dos Tabacos da Fábrica de Xabregas, por 700 000 réis anuais, valores vendidos, no mês de Novembro, em hasta pública.

Por outro lado, em obediência ao alvará de 27 de Fevereiro de 1873, a capelas, as imagens, as alfaias e os paramentos foram entregues à Junta de Paróquia da Freguesia de Santa Maria dos Olivais, acto só verificado em 23 de Junho.

Em 1911, o nome do asilo foi substituído pelo de Asilo Manuel Pinto da Fonseca. E, em 1928, vagando a casa, por o asilo ter sido transferido para Porto Brandão, nela foi instalado o Asilo dos Velhos de Campolide, com secção para cegos de ambos os sexos<sup>(40)</sup>. O edifício tem capacidade para albergar cerca de 500 internos.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Actualmente, no portão do corpo central do pátio de entrada, vê-se a legenda de Asilo de Velhos de Marvila.

<sup>(32)</sup> Expressão contida na escritura de doação de 16 de Junho de 1655, feita pelo arcediogo Fernão Cabral à abadessa Brígida de Santo António (Liv. n.º 182, p. 47v., do notário Manuel Coelho Ávila.

<sup>(33)</sup> Modernamente, Quinta da Pedreira.

<sup>(34)</sup> Breve relação da fundação e progressos do insigne Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Marvila de religiosas portuguesas da Ordem de Santa Brígida, Lisboa, 1732, de Luís Caetano de Lima (Biblioteca Nacional, reservados, m. 70).

<sup>(35)</sup> As fundadoras do mosteiro tiveram sepultura na sacristia da capela ainda hoje conservada.

<sup>(36)</sup> Livro de Óbitos dos Olivais n.º 4, p.51. A Breve relação, etc. de Luís Caetano de Lima dá o dia 17 como o da morte do Arcediago.

<sup>(37)</sup> Memória sobre chafarizes, bicas, fontes e poços públicos de Lisboa, Belém e muitos lugares do termo de José Sérgio Veloso de Andrade, p. 169.

<sup>(38)</sup> *Lisboa de Lés a Lés* de Pastor de Macedo, vol. IV, p. 175. O poço está colocado dentro do lavadouro municipal da Rua Direita de Marvila.

<sup>(39)</sup> A.H.M.F., pasta 79.

<sup>(40)</sup> *Peregrinações em Lisboa*. De Norberto de Araújo vol. 15, p.80.

### Bibliografia

DELGADO, Ralph – *A Antiga Freguesia dos Olivais*. Lisboa Imprensa Municipal de Lisboa, 1969.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA SOLEDADE = OU: DAS TRINAS DE MOCAMBO**

Século XVII [1661]

Era de religiosas Descalças da ordem da Santíssima Trindade.

Situava-se no bairro chamado do Mocambo, à Madragoa, numa rua que agora tem precisamente o nome de Rua das Trinas.

### 1. FUNDADORES E FUNDAÇÃO

Foram fundadores e padroeiros Cornélio Wandali, natural da Flandres, nobre por nascimento, casado com uma senhora chamada Marta de Boz, que embora nascida em Lisboa seus pais eram flamengos. Wandali era sobrinho do primeiro bispo de Gand, D. Cornélio Jansénio.

Possuindo bens de fortuna e sendo muito religiosos, não tinham filhos; pelo que resolveram empregar seus bens em obras de beneficência, socorrendo os pobres, casando órfãos, amparando viúvas. Possuíam num retiro de Lisboa, no bairro do Mocambo umas casas e junto a elas um largo quintal. Aqui construíram uma ermida, por volta do ano de 1657, dedicada a Nossa Senhora com o título de Soledade.

Logo que principiaram a abrir-se os alicerces da ermida, os meninos da zona começaram a fazer festa, dizendo que se fazia um mosteirinho, o que de facto não estava claro no pensamento daquele casal; mas, tendo falado nisso com uma sobrinha sua, religiosa no Mosteiro do Calvário, na presença de outra religiosa velha de conhecida virtude, este comentou: Dizem bem os meninos, pois essa obra há-de ser mosteiro. Foi convergente a reflexão da célebre Madre Soror Brisida, religiosa no convento das Inglesinhas, que disse: no fim deste nosso bairro do Mocambo se faz um mosteiro para religiosas de hábito branco.

Por essa mesma época, tinha o Padre Frei António da Conceição, religioso de grande exemplo da Ordem da Santíssima Trindade, lançado o hábito da sua religião a dez suas filhas espirituais; falecendo entretanto, acharam-se estas desprovidas da direcção do seu pai espiritual, que desejavam viver em comunidade. Entre estes havia uma, de nome Maria de São Francisco, que procurou obter da referida Marta de Boz para si e para mais três companheiras algum recolhimento no Santo Retiro da Soledade (nome dado à Ermida).

Entretanto, Conélio Wandali elaborava o seu testamento, deixando ordenado que no Retiro que possuía no bairro do Mocambo se edificasse um Convento de religiosas da Ordem da Trindade, pedindo a sua mulher que concorresse para aquela obra, e ordenando que o enterrassem na capela-mor e se rezasse todos os dias uma missa por sua alma. Morreu algum tempo depois.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O Padre Doutor Frei Isidoro da Luz, comissário geral e visitador da província, com seu companheiro D. Frei António Correia, alcançaram as licenças necessárias para se efectuar este legado. O que então era difícil, dado que a política de alguns anos a essa parte punha obstáculos à fundação de novos mosteiros. Recorreram aos bons ofícios da rainha Dona Luísa de Gusmão, e à infanta Dona Catarina já desposada com Carlos II de Inglaterra e prestes a partir.

Do Convento do Calvário vieram em 1651 as fundadoras, ficando abadessa soror Catarina de Santo António.

A falta de recursos fez com que o convento ficasse acanhado.

## 2. A IGREJA CONVENTUAL

Pouco sabemos da igreja. Lemos na *História dos Mosteiros* (1972: vol. II, 457) que “da igreja que se começou, se suspenderam as obras, porque faltou a vida ao inquisidor do Conselho Geral, Joam da Costa Pimenta, que, como tam pyo e devoto, foy o que com larga mam deo as esmolos com que se fez isso que está feyto”; “Do ornato da igreja só podemos dizer que dezejam as religiosas deste mosteyro ter a sua igreja com o mayor asseyo, decência e perfeçam que lhe permitem as suas posses. No material da igreja e fabrica interior do mosteyro temos pouco ou nada que dizer, porque tem sido pouco os cabedais que o mosteyro teve pera se poder ampliar...”. Isto se escreveu por volta do ano de 1708<sup>LXXV</sup>.

<sup>LXXV</sup> Esta nova igreja, mais rica, estava concluída em 1713 e, em campanhas de obras sucessivas, (1745-1754, 1755-1760), recebeu um impressionante recheio de pinturas, hoje disperso, mas cuja composição foi possível reconstituir. Na capela-mor – e ainda, presume-se, da campanha terminada em 1713 – dispunham-se lateralmente quatro grandes telas com cenas da Vida da Virgem, enquadrando o retábulo-mor, em talha, que apresentava ao centro uma composição evocativa da Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade, mais tardia (ca. 1748?), conjunto entretanto disperso pela igreja de São Francisco de Tomar e pelo Convento de Cristo. Na nave, as convenções decorativas do barroco nacional impuseram o partido habitual de lambril de azulejo a um terço da altura sobrepujado por ciclos pictóricos em dois registos, em molduração de talha dourada, dedicados à Fundação da Ordem da Santíssima Trindade, às vidas dos santos fundadores, S. João da Mata e S. Félix de Valois, a São João Evangelista e a São João Baptista, e ainda aos Quatro Doutores da Igreja Latina e aos Quatro Doutores da Igreja Grega. No coro-baixo existiam mais vinte telas com cenas da Vida da Virgem, de Cristo, de São José, e do Trânsito da Senhora. Faltando ainda estudos de pormenor sobre a autoria das obras, pode identificar-se, na maioria delas, a mão de André Gonçalves (1685-1762), talvez coadjuvado por seu filho, Manuel José Gonçalves. A este extenso acervo devem ser acrescentadas as composições dos tectos da igreja, da capela-mor e do coro-baixo, com molduras de brutescos e medalhões representando, respectivamente, o Anjo com os Cativos, lembrando a vocação dos trinitários e o sonho de Inocência III, uma Assunção de Nossa Senhora e a Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade (Simões, 2003).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em Pereira e Rodrigues (1909: vol. IV, 304) lê-se que “a nova igreja era de boa arquitectura, e acabou-se com esmolas, especialmente da condessa de Redondo, D. Magdalena, que viveu alguns anos entre as religiosas, e faleceu no mesmo convento”.

Na mesma obra se diz que, em círculo, no corpo da igreja, também se vê uma coleção de figuras: “na capela-mor da igreja está a imagem de Nossa Senhora da Soledade, e tem mais capelas laterais, todas com imagens de diversos santos. A igreja é adornada de ricos quadros a óleo, com molduras douradas. Ali se venera uma pequena imagem do Menino Jesus dos Atribulados, que está num quadro colorido as pintadas em azulejo” (Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 304).

### 3. OBSERVÂNCIA RELIGIOSA

As religiosas deste convento eram muito conhecidas pela sua vida penitente e de austeridade. Alguns tópicos.

As celas eram pequenas, repartidas com enceradas entre uma e outra, e diante uma cortina de estopa. As alfaias de cela eram uma barra baixa e chã, com um enxergão de palha e um cabeçal de lã, roupa de estamemha ou estopa e mantas brancas, um banco tosco, uma cruz ou lâmina pequena, tudo chão sem curiosidade alguma; instrumentos de penitência, alguns livros espirituais.

Os jejuns eram todas as sextas e sábados do ano, mais no advento. A disciplina era por obrigação todas as sextas-feiras do ano, e a estas se acrescentavam no Advento as quartas-feiras; na Quaresma, eram nas segundas, quartas e sextas.

Rezavam as Horas Canónicas, ao tempo conveniente; as matinas eram às nove horas da noite. Eram obrigadas a ter duas horas de oração mental todos os dias uma hora pela manhã antes da Prima, outra á tarde depois das Completas. E todos os dias dois quartos de hora para exame de consciência, antes do almoço, outro depois das matinas.

Faziam todos os anos, por espaço de dez dias, os exercícios espirituais segundo Santo Inácio de Loyola; durante esses dias em que estão no deserto (como diziam), intensificam a oração mental (4 horas) e a penitência corporal.

Os vestidos interiores do corpo eram de estamemha ou estopa, e só na enfermaria se usava de linho e de colchões; o hábito era uma túnica estreita redonda, a manga também estreita e sem talho, o escapulário com a cruz da Santíssima Trindade, tudo de serguilha branca, o toucado era uma toalha e véu, tudo de linho tapado... O calçado eram alpergatas de linho canhemo.

Nos dias que não são de preceito, tinham as religiosas uma hora de labor, juntas em comunidade, durante a qual uma religiosa lia uma lição espiritual.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A pobreza era observada em todo o rigor: nenhuma religiosa tinha nada em particular. Até as coisas de seu uso estavam nas mãos das oficiais do mosteiro; e os eventuais mimos que vinham de fora a uma, era, para todas igualmente.

No locutório observa-se não falar sem escuta, ainda que seja com pais e irmãos, e só a estes podiam aparecer com os rostos descobertos. Aos mais falava-se tendo interposta uma lâmina de cobre crivada e com uma cortina por dentro. As cartas expedidas ou recebidas iam primeiro a registar à mão da Prelada, que se queria as podia ler.

As rendas do mosteiro eram tão limitadas que mal chegam à quarta parte do que se requer cada ano; o que faltava era suprido com muito trabalho e dificuldade, com eventuais esmolas de pessoas devotas, e vivendo com muito aperto.

O número de religiosas era de 33, e este número se não excede por nenhum caso ou respeito. Das 33, vinte e sete eram de véu preto (professas), e seis eram de véu branco, dedicadas ao serviço da Comunidade. As mais religiosas de véu preto iam ajudar cada semana na cozinha, e desta lei nenhuma se exime. Criadas particulares não se podiam ter: todas se serviam como irmãs umas às outras.

Tinha o mosteiro um breve para poder ter algumas educandas, que entravam em meninas e só professavam quando houvesse lugar vago. Só se podiam criar a fim de serem religiosas.

#### 4. OCORRÊNCIAS POSTERIORES

- Não foi considerável a ruína que lhe causou o grande terramoto de 1755; contudo, as religiosas muito horrorizadas foram para a Portela, e estiveram em barracas na quinta chamada do Meio Milhão, donde voltaram para o convento, já reparado, em 8 de Janeiro de 1757 (vd. Castro, 1763: tomo III, 428).

- No edifício do convento instalaram-se – em que ano?... – as Irmãs Hospitaleiras Portuguesas de São Patrício.

- Ali esteve instalado outrora o Arquivo de Identificação Nacional.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> – Editores, 1909.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DO MONTE OLIVETE, OU: “GRILAS”

Século XVII [1663]

De Religiosas Agostinhas Descalças.

Foi fundado, no sítio do Grilo em Xabregas, em 1663, pela Rainha Dona Luísa de Gusmão. Ali se recolheu e ali faleceu (27 de Novembro de 1666), tendo estado ali o seu sepulcro, antes de ser trasladado para o Panteão Real de São Vicente de Fora.

A igreja possuía três capelas, incluindo a capela-mor. Nesta, achava-se a imagem de Nossa Senhora da Conceição; à direita, Santo Agostinho; à esquerda, Santa Mónica. No corpo da igreja, da parte do evangelho, o altar de N.ª Sr.ª Madre de Deus; em frente, o altar de São Miguel Arcanjo.

No cruzeiro, da parte do evangelho, estava a grade do comungatório; em frente, estava o altar do Santo Cristo, imagem de grande veneração.

A igreja não tinha irmandades. Era toda ela ornada de quadros, os mais antigos da autoria do pintor Bento Coelho da Silveira, os mais modernos de André Gonçalves.

O terramoto de 1755 não danificou o edifício. Mas do convento nada resta. Em 1888, após a morte da última freira “grila”, pensou-se em adaptar o Convento para Padaria Militar (esta fora fundada em 1861, com sede no Aterro, junto à Rocha do Conde de Óbidos). O plano para adaptação foi da autoria do engenheiro e professor da escola do Exército, Capitão Renato Baptista. O novo edifício, embora pronto a funcionar em 1896, foi ainda ampliado no ano seguinte.

A criação definitiva da Manutenção Militar, com este nome, data de 11 de Junho de 1897, com uma organização que se manteve inalterável até 1907. De então para cá, mas sobretudo depois da organização do exército em 25 de Maio de 1911, a Manutenção Militar não tem cessado de aperfeiçoar e completar as suas instalações e serviços.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

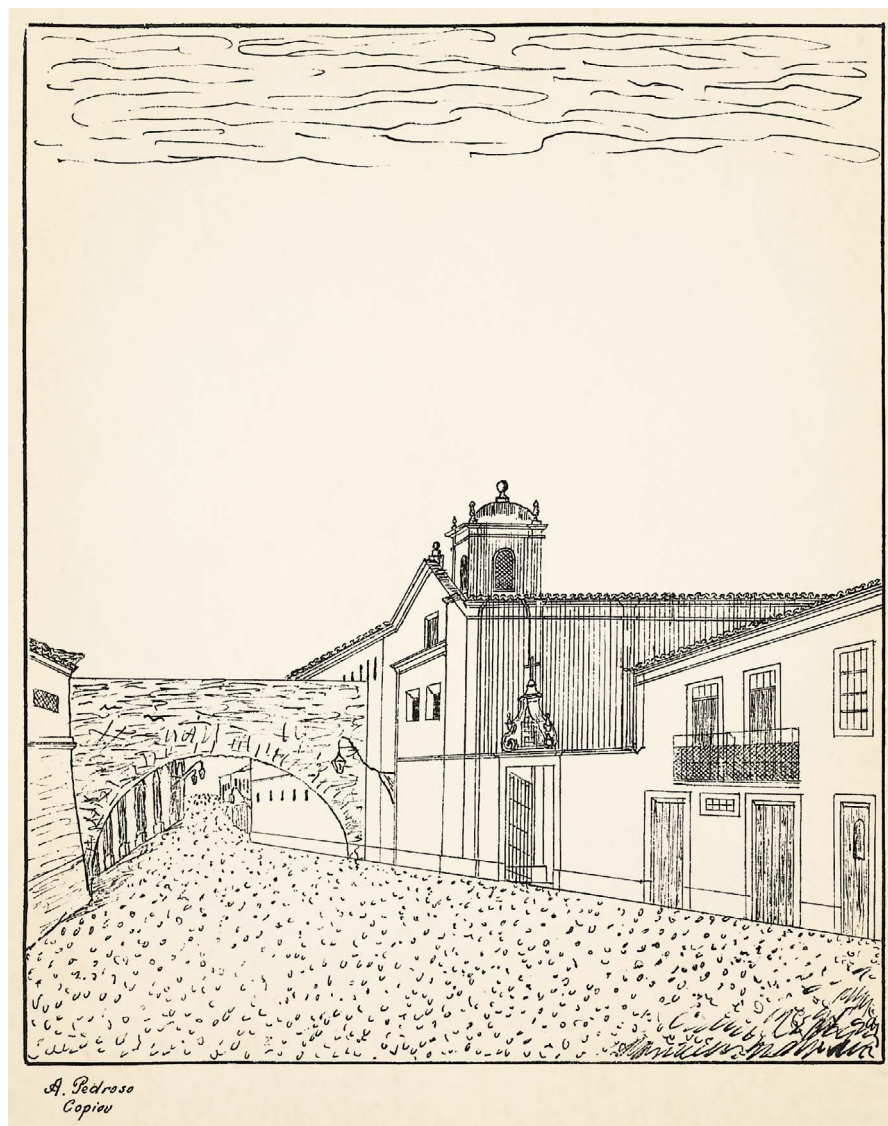


Fig. 25 – Igreja de Nossa Senhora do Monte Olivete em 1833 (in Pereira, 1927: 221).

## Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ IGREJA DO CONVENTO DO SANTO CRUCIFIXO OU DAS FRANCESINHAS

Século XVII [inauguração: 1667]

Este Convento do Santo Crucifixo, mais vulgarmente conhecido por Convento das Francesinhas, era de religiosas capuchas francesas da primeira regra de Santa Clara. O Convento estava situado na Calçada da Estrela, defronte do edifício da Assembleia da República (então Convento de São Bento da Saúde), na esquina da Rua que sucessivamente se chamou Caminho Novo, de João das Regras, e das Francesinhas.

### 1. ORIGEM DO CONVENTO

Havia em Paris um Convento de religiosas Capuchinhas, muito estimado pela austeridade de sua vida e singular perfeição de suas virtudes. Aquela que veio a ser Rainha de Portugal, como mulher de D. Afonso VI (e depois, de D. Pedro II), ou seja Dona Maria Francisca Isabel de Saboya, era muito afeiçoada às Religiosas do dito Convento; e tanto que, ao vir para Portugal, não quis vir sem trazer consigo algumas religiosas do dito mosteiro. Entre as freiras era muito estimada uma chamada Soror Maria de Santo Aleixo. A mãe da futura rainha, a Duquesa de Namur, obteve do Papa as licenças necessárias para a dita freira vir para Portugal com Dona Maria Francisca Isabel de Sabóia, juntamente com mais três freiras.

Chegaram as quatro freiras, com a Rainha, a Lisboa, no dia 2 de Agosto de 1666; a Rainha, acompanhada de El Rei seu marido, foram para a Quinta de Alcântara, tomando as bênçãos matrimoniais no Mosteiro das Religiosas Flamengas, que ficava contíguo às Casas da mesma Quinta real. E neste mosteiro, que era também de Capuchas, ficaram recolhidas as quatro francesas, onde se detiveram sete meses, enquanto se preparava um hospício para nele se fixarem.

Estando o Hospício capaz de se poderem recolher nele as quatro religiosas, a Rainha Dona Maria Francisca as mandou buscar por sua camareira-mor, a Marquesa de Castelo Melhor, que as conduziu ao Convento da Esperança, onde quis S. Majestade se detivesse um par de dias enquanto se dispunham as coisas para as cerimónias com que se havia de fazer a entrada das Religiosas no novo hospício. A cerimónia foi adiada algum tempo, não só porque a Rainha se achou mal disposta, mas também porque as religiosas da Esperança pediram que a Rainha ali as deixasse ficar durante a Quaresma.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. INSTALAM-SE AS QUATRO RELIGIOSAS FRANCESAS NO SEU HOSPÍCIO [1667]

No domingo de Pascoela do ano de 1667, saíram do Convento da Esperança. Foram acompanhadas pelas Marquesas de Gouveia, de Nisa, de Castelo Melhor, e Condessa de Santa Cruz; cada uma destas senhoras dava a mão direita a cada uma das quatro religiosas, indo diante grande acompanhamento da nobreza e fidalguia mais ilustre da corte.

Saindo do Mosteiro da Esperança, chegaram à igreja do Convento de São Bento, que estava ricamente adornada, e onde as esperava o cabido. Deram a cada uma das Religiosas uma imagem de Cristo Crucificado, com uma coroa de espinhos que cada uma levava na cabeça, e uma vela na mão direita.

E tendo começado a música da capela a cantar o que convinha àquele acto, tomou o bispo de Targa D. Francisco de Souto Mayor, que fazia o ofício de capelão-mor, a custódia com o Santíssimo, e precedendo a comitiva da nobreza da corte, próximas ao Senhor seguiam as Religiosas, e assim na dita forma se chegou ao Hospício.

Ali as esperava a Rainha. Ficaram estas na igreja para ouvir o Sermão, que foi pronunciado pelo padre confessor da Rainha na língua francesa: é que nem ele sabia a língua portuguesa, nem ainda que a soubra o poderiam entender as religiosas pelo pouco uso que ainda tinham da língua portuguesa.

Após o sermão, e recolhido o Senhor no sacrário, as Religiosas acompanhadas das mesmas senhoras que as haviam conduzido e da mais nobreza chegaram à porta por onde haviam de entrar no recolhimento; e ali à porta as veio receber a Rainha, com grandes expressões mútuas de júbilo, detendo-se por muito tempo com demonstrações de singular afecto.

A rainha logo deu ordem para que se desse princípio à fábrica da igreja e do mosteiro.

Estas religiosas estiveram primeiramente na obediência dos nuncios deste reino; depois, por bula de Clemente XII, em 23 de Abril de 1739, ficaram sujeitas ao Ordinário.

A abadessa foi inicialmente a Madre Maria de Santo Aleixo, uma das quatro fundadoras.

## 3. DESCREVE-SE A IGREJA DO MOSTEIRO

A primeira pedra do edificio da igreja foi lançada a 3 de Maio de 1667.

“A igreja tem duas entradas (o que não é muito comum em igrejas de freiras). A primeira entrada fica fronteira à capela-mor; para esta entrada se sobe da rua por uma escada de pedra, de dois lanços que vão parar num tabuleiro quadrado, e deste tabuleiro antes de entrar pela porta da igreja, fica um arco de pedraria, que terá para dentro 5 palmos de vão, e dentro deste arco tem lugar a porta da igreja, com grandeza competente. Sobre a porta vê-se o frontispício do portal, com suas quartelas e alguns revirados da mesma pedra, e se remata

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

com um painel de pedra com suas figuras de meio-relevo, que representam a São Francisco dando a Regra a Santa Clara.

Entrando pela porta da igreja, começa o coro das religiosas, que é de abóbada; e da porta até ao arco de pedraria em que se termina o coro serão pouco mais ou menos 60 palmos de vão no comprimento e 50 em largura [= 13,20m X 11m]; debaixo do coro, fica de cada lado. uma capela, com 15 ou 16 palmos de fundo [= 3,30m ou 3,50m], com seu retabulozinho dourado e um painel da Paixão do Senhor, e os lados destas duas capelas são cobertos por um vistoso azulejo sobre o qual corre sua cimalha de pedra (apud *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 462-463).

As capelas do corpo da igreja são quatro, para além das duas debaixo do coro (de que já falámos). Não há cruzeiro com capelas. A primeira capela da parte do Evangelho é dedicada ao Santo Cristo, à qual se segue da mesma banda, uma consagrada a São João Baptista. Da parte da epístola, a primeira é de Jesus, Maria, José; e segue-se a de Santo António. Todas estas quatro capelas formam seus arcos de pedraria bem lavrada, com seus retábulos de talha dourada de duas colunas por banda, e em cada um dos retábulos uma peanha em que assenta a imagem a que o altar é dedicado. As ditas capelas correspondem pelo corpo da igreja umas grades de ébano retorcidas, muito lustrosas, e estas grades correm pelo corpo da igreja com bastante distância das capelas, e entre as grades de ébano há pilares de mármore amarelo com alguns embutidos. O pavimento interposto entre o degrau em que assentam as grades e as capelas, assim como o pavimento do corpo da igreja, é coberto de mármore negros e brancos, em quadrados.

Para a capela-mor dão entrada dois pilares de pedra bem lavrada com seus capitéis. Estes pilares sustentam o arco, que é também lavrado com primor; e sobre ele assenta um nicho grande com colunas de talha dourada; e dentro do nicho se deixa ver a imagem de um Crucifixo, em estatura natural de um homem; e ao pé da cruz fazem assistência à sagrada imagem do senhor as imagens de sua Mãe Santíssima, de São João Evangelista e da penitente Madalena. Esta imagem do Santo Crucifixo dá o título ao mosteiro, que é o padroeiro da casa debaixo de cuja protecção vivem as Religiosas, que à capela-mor dão o título das Chagas de Cristo. O tecto da capela-mor é todo de pedraria com triângulos de mármore vermelho, em forma que todos os triângulos buscam com suas pontas uma rosa que fica no meio, vermelha, que inclui dentro uma rosa branca mais pequena, e dentro nos triângulos tem uns diamantes de mármore pretos. Em cada um dos lados da capela-mor há duas janelas, às quais guarnecem à roda várias almofadas de pedra negra. E logo por cima destas janelas, em boa distância, se vê uma cimalha de mármore branco, com o friso vermelho à roda, que vêm ligar aos pilares da capela. Por baixo destas quatro janelas lhe correspondem quatro portas, duas em cada lado.

Na dita capela-mor estava previsto colocar dois túmulos: um, da Rainha Dona Maria Francisca de Sabóia, outro de sua filha a Princesa Dona Isabel. Em 1708 os túmulos ainda não estavam de todo acabados.

A igreja tem a altura competente. Tem dois púlpitos, um de cada lado, com as suas grades também de ébano. E na altura dos púlpitos, corre uma cimalha pequena que vai por

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

toda a igreja, por cima da qual cimalha se seguem pelo corpo de cada parte quatro painéis grandes, ornados de suas molduras de talha dourada. Os quadros da parte do evangelho contém passos ilustres da vida de São Francisco; os que lhe correspondem da parte da epístola representam passos insignes da vida de Santa Clara. A estes oito painéis se acrescenta por cima da grade do coro e da cimalha real, que corre por toda a igreja, um formosíssimo painel e nele as três divinas Pessoas da Santíssima Trindade, a que assistem São Francisco e Santa Clara.

O tecto da igreja – que estava em construção em 1708 – previa uma singular pintura de ovados e quadrados, que guarnecem várias quartelas e revirados, ramos, figuras e flores com ouro. No meio do tecto há um grande painel, e nele uma formosa cruz; e por todo o tecto diversos painéis com passos dos santos fundadores, animadas com letras a propósito.

#### 4. A SACRISTIA

A Sacristia merece um lugar especial, não só por ser parte pertencente à igreja, mas por ser a deste mosteiro mais vasta do que é habitual nos mosteiros de religiosas.

“He o vam da casa [sacristia] muy capaz e mayor do que se costuma ver nas sancristias dos conventos das Religiosas; he a casa muyto clara e alegre, e pera o ser conduz muyto a altura do seo tecto, que he de estuque, e como nam tem pintura alguma fica ainda a casa mais clara. Em hum dos lados della tem lugar os cayxões [arcazes] que assim na madeira de que constam, que he pao sancto, como no primor da obra em que se esmeram os artifices, que os fizeram, he obra muyto perfeyta. No comprimento tem sinco gavetas, e porque na altura sam tres, vem a ser por todas quinze, as quaes sam ornadas de duas argolas cada hum, de bronze dourado, com seos escudos, com que fica a face destes cayxões [arcazes] muyto perfeyta e agradavel à vista.

Sobre os cayxões, encostado à parede, corre hum bom respaldo, de madeyra muyto lustrosa e varia. No meo do respaldo tem lugar hum nicho, que se accomoda na altura do respaldo. Tem suas duas columnas retrosidas, com seos capiteizinhos, de que nasce hum trosozinho que segue à volta do nicho, tudo muyto bem obrado e lustroso. Acompanham o nicho de cada parte tres almofadas de madeyra de pitiá, e a estas almofadas se seguem dous pilares de pao sancto com seos capiteys lavrados, de talha e logo outras tres almofadas da mesma pitiá que com a sua cor amarela fazem sahir muyto bem os pilares de pao sancto, que tiram muyto pera o preto. Esta obra acompanha no respaldo hum fermoso espelho, pera que os sacerdotes que vam dizer missa possam ver se vam decentemente compostos. E finalmente se vem a rematar a obra do respaldo com seo paynel de cada parte, os quaes sam ornados de molduras do mesmo pao sancto. Em hum destes payneis [se] apparenta o Senhor atado à columna e açoutado. No outro paynel se vê o Senhor com a coroa d’espinhos.

Aos dous lados dos cayxões tem lugar duas guardaroupas, nas quaes se terminam os cayxões e as guardaroupas se avisinham à cimalha da sancristia, e a materia dellas he a mesma madeyra de pao sancto de que sam os cayxões e o respaldo. Sam ornadas de ga-lantes molduras e levantadas almofadas, e por cima tem huma boa cimalha a qual, principiando em huma parte, corre todo o respaldo, e sobre os pilares que dissemos haver no respaldo faz

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

huns resalteados, em que assentam huma piramedes da mesma madeyra, e desta sorte vay a cimalha buscar o outro extremo semelhante ao em que principiou.

Defronte dos cayxões tem lugar o lavatorio de pedra bem lavrado. Fora daquelle lanço em que estam os cayxões se vê nas paredes da casa, em altura competente, muyto bom azolejo. Dá mays muyta claridade e alegria à caza huma boa janela que nella ha, com seos assentos de pedra de que se descobre o porto (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 465).

(...)

O Autor que vimos seguindo (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 459-475) dá algumas informações sobre os ornamentos e alfaias que a igreja possuía:

Temos dado noticia do material da sancristia, seguese agora dizer alguma cousa de formal della, que consiste nos ornamentos de que a igreja se acha muy bem provida, porque tem frontaes e casulas de seda de todas as cores de que uza a Igreja. Nam lhe faltam tambem pera os dias mays solemnes ornamentos de riquissima tela. Aos ornamentos que temos ditto acompanham as pessos de prata seguintes:

Duas custodias douradas, tres calices tambem dourados, cofre em que se conserva o Sanctissimo, custodia que recolhe as particulas pera dar a communham, de prata dourada, vaso de lavatório, de prata lavrada, sacra da mesma prata, ornada de pedraria, estante tambem de prata lavrada com serafins dourados e no meyo a imagem de Sancta Clara tambem dourada. O missal he todo chapeado de prata, de meyo relevo, e tem de huma parte huma Custodia e da outra o Serafico Patriarca, tudo dourado. Tem mays tres pares de galhetas de varios feytios, duas cayxas de hostias e huma grande pera particulas. Seys castiças de banquetta, grandes, lavrados com bom feytio, mays seys jarras pera ramalhetes, tambem lavradas, naveta e brazeyro em que vam as brazas pera os turibolos, duas cruzes de prata e a que he mayor tem a imagem de Christo, dourada, dous ceriaes de prata, huma caldeyra grande com seos asperges, mays duas caldeyras pequenas lizas, prato e gomil tambem lizo, duas alampadas lavradas, seys varas de palio tambem lavradas, peviteyros, campainha e tesoura d'espevit, tudo de prata (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 466-467).

Perante a descrição de tanta riqueza em casa que fazia profissão de pobreza, o A. tenta desculpabilizar

(...)

E nam ha que estranhar ver tantas pessos de prata em hum mosteyro capucho, de tam extrema pobresa e estreyta observancia, porque em tudo o que toca à igreja e san-cristia foram obrigadas as Religiosas a se conformar com a vontade de Suas Magestades, que tambem fizeram a fabrica do mosteyro com mays grandeza da que queriam as Religiosas, que conforme a seo spirito escolheriam antes a pobreza q[ue] a grandeza.” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 467).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 5. DA FÁBRICA INTERIOR DO MOSTEIRO

**Coro.** Apesar de o instituto deste mosteiro não permitir mais de trinta e três religiosas, o coro constava de setenta cadeiras: ficavam pois mais de metade desocupadas. As cadeiras eram feitas de madeira de bordo, mas lavradas de talha; da mesma madeira eram os encostos. Por cima destes, viam-se as paredes ornadas de painéis que representavam a vida de N.ª Senhora, com molduras de talha dourada; a parte da parede não coberta de pintura era revestida de azulejo. No meio do coro, uma estante de pau preto, sustentada por sereias do mesmo pau; tinha quatro faces, e nelas dois saltérios, um breviário, e o martirológico; a letra do saltério era tão grande e formosa, que cada religiosa a podia ler de sua cadeira. No coro tinham um Sacrário numa roda de cristais.

**Outros locais.** Não nos detemos noutras peças do mosteiro, todas aliás de grande interesse: o ante-coro, os seus dormitórios e celas, a enfermaria, a dispensa; os espaços para divertimento das doentes; os claustros com as diversas oficinas; os corredores, a rouparia, o refeitório, a cozinha; o chamado “refeitório das fracas”, para as doentes, etc., etc.

## 6. EXERCÍCIO DE VIRTUDES

Habitualmente, não nos detemos no estilo de vida conventual: mas neste caso das “Francesinhas” achamos que devemos abrir uma excepção, tão extraordinário era o seu comportamento. Transcrevemos o nosso cicerone:

He muy continuo o exercicio que as Religiosas deste mosteyro tem oraçam, assim vocal como mental, rezando sempre as Matinas meya noyte sem outra dispensaçam mays que nos tres dias da Semana Sancta, e nos taes dias se dizem à meya noyte as ladainhas dos sanctos, e se tem huma hora de oraçam mental. Prima e Terça no inverno às seys horas, e no veram às sinco. Sexta e Nona às dez e hum quarto, excepto nos domingos em que se diz a Noa ao meyo dia. Vesperas todo anno às duas horas; Completas às quatro e meya, e nos domingos às quatro horas. O officio divino se diz todo sempre em pé, de dia e de noyte, nam se permittindo assentar mays que no tempo em que se dizem as lições ou se lê o Martirológio. A oraçam mental he tambem muyta, porque todo anno se tem duas horas de oraçam cada dia, huma sempre depoy de Completas, a outra se varia no tempo sem porem nunca se faltar nella, como nem tambem nos dous exames de consciencia.

Com ser porem tam continua na Religiosas deste mosteyro a oraçam, assim vocal como mental, nam se satisfaz ainda a devoçam do tratto que tem com Deos na forma ordinaria que temos ditto, e por isso todos os annos fazem sempre huma vez os exercicios spirituais do Sancto Patriarca da Companhia, por oyto ou dez dias, os quaes se gastam todos em oraçam, meditaçam, oraçam vocal, liçam spiritual, acrescentando mortificaçam às ordinarias da Regra, sem que nos taes dias tenham tratto ou pratica mays que com o padre spiritual que as ouve de confissam, e dam conta do que passam nos exercicios.

A vida commua he jejum todo anno; as collações como na Quaresma, na qual nam uzam comer ovos nem lacticinios, que tambem se nam permittem no Advento, que começa



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

dia de Todos os Sanctos e acaba na vespera de Natal. Tambem nam se admittem ovos nem lacticínios em todos os jejuns da Igreja, e a mesma abstinencia se observa nas sextas feyras do anno em que tambem se abstem do pescado, contentandose com humas sopas e hum prato de ervas ou de legumes. Nas vesperas das solemmnidades de Christo e de sua Mãe Sanctissima e de S. Francisco e S. Clara, antes de jantar, se toma hum disciplina na cella e no refeytorio se come em terra de joelhos humas sopas e pam e agua.

Os habitos sam de sayal, grosseyro. Uzam alparcas abertas; os veos de panno grosseyro e as toalhas. Nas cellas sam as alfayas hum barra com enxargam de palha e cabeçal do mesmo, tres estampas de papel, tres livros devotos, e por instrumentos da penitencia disciplinas e cilicio, hum caldeyrinha de agua benta.

As enfermas, ainda que o estivessem muyto, nam admitiam o uzo da carne de ne-nhum maneyra, mas sendo Nuncio neste Reyno o Cardeal Cornaro, por importunaçam dos médicos fez hum Junta de Theologos e nella assentaram todos que as enfermas fossem obrigadas a comer carne quando os medicos julgassem serlhe necessaria pera sua saude. Mas porque o ditto Cardeal intendeo a repugnancia que as Religiosas tinham a deyxarem a abstinencia da carne, as obrigou com preceyto de obediencia, e com pena d'excommunham mayor que as enfermas, julgando o médico lhe he necessario alimento de carne, fossem obrigadas a comela, e que faltando na obediencia ninguem as podesse absolver, se nam elle. A este preceyto se sugeytaram logo todas por nam faltar à obediencia. Mas depoy recorrem a Roma, e foy tanto o seu empenho que alcançaram do Pontificie licença pera que ninguem as possa obrigar a comer carne, ficando na liberdade de cada hum comela ou deyxar de a comer.

O commercio e tratto com os parentes he tam pouco que só se permite falar com aquelles com quem estam no segundo grao, e isso com duas escutas e hum locutorio com hum grade com muytos bicos de ferro pera fora, hum ralo pera dentro, com dous pannos negros, que de dentro e de fora cobrem o ralo. As vezes que se fala nam passam de quatro em cada anno, e isso em dias que nam sejam de festa, nem de confissam e em tempo de Advento ou Quaresma, e se falam de manhã, hade ser depoy de acabar a mis-sa conventual até tangerem a Noa, e se de tarde he depoy de acabadas as Vesperas até tangerem as Completas. As cartas que vem pera as Religiosas todas sam lidas pella Prelada e do mesmo modo as que escrevem as Religiosas, sem exceptuar as que vam pera pay e mãe. E até as cartas que escreve a mesma Prelada nam sam izentas de serem lidas primeyro pella escrivam do mosteyro, a qual lê assim as que escrevem a ella.

(...)

O numero das Religiosas he trinta e tres, em honra dos annos de Christo, e pera se sustentarem estas nam quizeram as Madres fundadoras acceytar os sinco mil cruzados que El Rey Dom Affonso lhe quiz consignar de sua fazenda, tendo tençam a Rainha de que fossem as Religiosas sincoenta, como sam as do mosteyro de Paris donde vieram as quatro Religiosas. Depoy El Rey Dom Pedro lhe deo hum Ordinaria que lhe nam empede o viverem com pobreza. Sobre os dotes das que entram nam fazem contracto as Religiosas, sendo o syndico o que se compoem com os pays ou com os parentes das que pretendem entrar, attendendo somente a Prelada e as mais Religiosas que sejam as vocações com que vem taes como sam convenientes assim às que querem entrar, e pera este effeyto tem as que entram sinco mezes de ante provaçam, pera que vejão primeyro que comecem o noviciado qual seja a vida que ham

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de seguir pera que nam comecem o que nam tem animo pera acabar. Mas he esta a efficacia da graça e os influxos do ceo que faz nam desmayar as que deveras se sacrificam a Deos, sem sinal de arrependimento, assim nos sinco mezes de ante provaçam como no anno do Noviciado e nos tres que se seguem depoyos delle acabado e finalmente em todo o discurso da vida, na qual o corpo vive sempre tam oprimido de asperas penitencias e a alma tam mortificada com a abnegaçam das inclinações e appetites naturaes e contradicam da propria vontade com que trazem sempre continua guerra. E sendo isto assim vivem contentes e alegres sogeytos fracos pello sexo, e que antes de entrar na religiam nam experimentaram muytas vezes asperas na vida, tendoa passado com tratto mimoso e regalado, he evidente prova do muyto que pode a fragelidade humana ajudada da virtude divina, que neste mosteyro triunfa tanto das vaidades do mundo, dos deleytes o corpo e das astucias do demonio, a cujo pezar sam tantas as vitorias com sam as batalhas, dando este mosteyro a esta cidade grandes ezemplos pera a imitaçam de mayor virtude e sanctidade (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 471-475).

## 7. DO QUE SUCEDEU AO MOSTEIRO E À SUA IGREJA DEPOIS DA SUA FUNDAÇÃO

- O terramoto de 1755 não lhe causou ruína considerável, mas as religiosas abrigaram-se em barracas formadas na cerca, enquanto se não repararam os prejuízos (vd. Castro, 1763: tomo III, 427).

- No edifício do Convento das Francesinhas instalou-se no século XIX o Asilo da Costureiras e Criadas.

Na antiga cerca existe o Posto de Desinfecção de Lisboa e uma esquadra de Polícia<sup>LXXXVI</sup>.

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, pp. 391-403.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

<sup>LXXXVI</sup> Em parte do espaço ocupado pelo convento das Francesinhas foi inaugurado pela Câmara Municipal de Lisboa, em 1949, um jardim pontuado pelo grupo escultórico *A Família*, de Leopoldo de Almeida (1898-1975). Nos locais do antigo Posto de Desinfecção de Lisboa funciona hoje o Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), projecto do arquitecto Gonçalo Byrne, realizado em várias fases durante a década de 90 do século XX. O ISEG ocupa também parte da cerca do convento de Santa Brígida, ou das Inglesinhas.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ IGREJA DO CONVENTO DO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DOS CARDAIS

Século XVII [1681]

Convento das Madres Carmelitas Descalças.

Situado na Rua Formosa (actual Rua do Século), esquina com a Rua dos Cardais de Jesus (hoje, Rua Eduardo Coelho).

### 1. RECOLHIMENTO INICIAL

Comecemos por evocar o avô da futura fundadora do convento (Dona Luísa de Távora): Rui Lourenço de Távora, Senhor da Casa de Caparica.

Este fidalgo havia deixado um pio legado, de 10:000 cruzados, para que com o rendimento deles se edificasse um Convento dedicado à Virgem Nossa Senhora da Conceição; e por que entendeu seria mais fácil levantar primeiro um Recolhimento no mesmo sítio que havia destinado, que era o dos Cardais, em que se congregassem algumas mulheres virtuosas; e assim se deu princípio à obra, aonde se recolheram algumas mulheres, de conhecida virtude, e filhas espirituais do Padre Frei Filipe, Comissário dos Terceiros de Nossa Senhora de Jesus. Uma dessas mulheres chamava-se a Madre Graça, que se diz era mulher de Santa Vida; outra, era N. da Conceição, que servia as recolhidas de fora, também muito virtuosa. Para Regente se mandou vir, do Recolhimento de São Cristóvão, Dona Catarina de Cea, mulher varonil e prudente.

Algum tempo perseverou o Recolhimento com bom nome. Mas os herdeiros de Rui Lourenço de Távora se esqueceram tanto da obrigação de fundar o Convento, que nunca mais dele se lembraram para acabarem aquela fundação. Registe-se que o herdeiro imediato de Rui Lourenço de Távora foi Álvaro Pires de Távora, fidalgo de grandes predicados. Casou ele com Dona Maria de Lima, filha do Visconde de Vila Nova de Cerveira, D. Lourenço de Lima, e da Viscondessa Dona Luíza de Távora (esta, filha de Luís de Alcáçova e de Dona Antónia de Távora). Álvaro Pires de Távora teve como filhos: Lourenço Peres de Távora, que morreu menino; Rui Lourenço de Távora (homónimo do avô); Dona Luísa de Távora (que vai ser a fundadora do Convento); Dona Ignêz de Távora (que casou com o Senhor da Atalaia); e teve outras muitas filhas, das quais umas morreram moças, e outras entraram no Convento das Capuchas da Madre de Deus de Lisboa.

O imediato sucessor de Álvaro Pires de Távora foi o segundo Rui Lourenço de Távora, que ficou senhor da casa de seus pais e avós. Casou com Dona Mayor Manoel de Mendonça, filha de Tristão de Mendonça (Comendador da Ordem de Cristo e Embaixador na Holanda e Suécia) e de Dona Helena Manoel. Da qual teve só uma filha.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Por morte desta, ficou herdeira de toda a casa de seus pais e avós a Senhora Dona Luísa de Távora, outra das filhas do dito Álvaro Pires de Távora.

## 2. DONA LUÍSA DE TÁVORA, FUNDADORA DO CONVENTO

Dona Luísa de Távora casou com Luís Francisco de Oliveira, senhor dos Morgados de Oliveira e Patameira.

Ficando viúva, e como não lhe haviam ficado filhos varões, e também lhe havia sucedido o mesmo à sua filha D. Helena de Távora, entrou em uns grandes escrúpulos acerca da fundação ordenada por seu avô: receava que, faltando ela, totalmente a obra do Convento se desvaneceria, porque os que herdariam o morgado certamente se esqueceriam de todo.

Importa salientar que o Rei D. Pedro II nomeara Dona Luísa de Távora para Comendadeira do real Mosteiro de Santos. Foi a 22ª Comendadeira desse mosteiro, começando as suas funções em 24 de Junho de 1675 e governando por espaço de uns cinco anos. Embora fosse senhora de grande nobreza, prudência e virtude, e muito benemérita daquela dignidade, não era o tipo de comendadeira que as Religiosas desejavam e pediam: queriam uma senhora mais moça, sobretudo de alguém que conhecesse por dentro os problemas daquela Casa.

Havia disposto o seu avô que as Freiras haviam de ser da Ordem de Cristo: desejava que o Convento fosse semelhante ao de Santos, que era da Ordem Militar de Santiago, ou como o da Encarnação, que era da Ordem Militar de São Bento de Aviz; e para que também a Ordem de Cristo tivesse um convento feminino do seu instituto. Mas como as rendas, que lhe deixara consignadas, eram muito limitadas para um Convento observante, Dona Luísa de Távora consultou esta matéria com pessoas doutas, que lhe aconselharam se fundasse de Freiras reformadas, que por terem menor número se podia sustentar com aquele rendimento de fazenda consignado, e com os dotes das que entrassem.

Também deve ter influído nisto o perfil espiritual de Dona Luísa de Távora. Pouco satisfeita a dita senhora com os cuidados e pensões de prelazia do dito mosteiro, e desejando mais quitação e sossego para se entregar aos exercícios espirituais de piedade e devoção, renunciou ao cargo de comendadeira e resolveu fundar um Convento de Religiosas Carmelitas Descalças. Era Dona Luísa de Távora devotíssima de Santa Teresa de Jesus; não se achava, porém, com forças e saúde para professar a vida religiosa; mas o que ela por si não podia fazer, resolveu praticá-lo por meio das religiosas que imitassem as excelentes virtudes da gloriosa Doutora.

Procurou-se logo da Sé Apostólica a dispensação, ou comutação, da vontade do Testador, que se alcançou com a boa diligência que a fundadora pôs no assunto; e assim lhe veio rapidamente o Breve, para a mudança do Instituto.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3. A FUNDAÇÃO DO CONVENTO

Deu ordem a Fundadora para que as obras se continuassem e pusessem em estado de se receberem as fundadoras, retomando o Recolhimento em que viviam recolhidas algumas mulheres (como dissemos atrás), sob a invocação da Virgem Puríssima da Conceição, que vulgarmente se chamava dos Cardais (pelos cardais, ou matas de cardos, que havia na vizinhança do dito Recolhimento, cujo padroado pertencia à ilustre Casa dos Távoras).

Tendo notícia desta resolução, os Padres da Ordem de Cristo a procuraram logo impugnar, porque pretendiam que o Convento fosse da sua Ordem como dispusera o testador. À vista desta contradição, resolveu Dona Luísa de Távora, com o conselho dos que defendiam a execução do projecto adoptado, que se procurassem logo as fundadoras, e que estas entrassem em uma noite sem serem sentidas. Porque, estando de posse do convento, com dificuldade as tirariam dele.

Tudo assim se fez. E um dia, à meia-noite, entraram no Convento. A cerimónia de sagração e da posse das religiosas verificou-se no dia 8 de Dezembro de 1681, dia dedicado ao mistério da Imaculada Conceição de Maria.

“Neste formoso dia entrou a padroeira com quatro religiosas, que foram as fundadoras da vida religiosa e regular observância. Duas das religiosas vieram do Convento de Aveiro, sendo uma delas nomeada prioreza; uma outra veio do Mosteiro de Santo Alberto, de Lisboa; uma quarta veio do Convento de Carnide, que foi mestra de noviças. A mãe desta última, que era religiosa de Santo Alberto, ficou sendo porteira da superiora.” (in *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 478).

Quanto a ela própria, não podendo professar a vida religiosa devido à sua precária saúde, viveu reclusa no convento que fundou, por Breve de Sua Santidade, desde o ano de 1681 até ao ano de 1692, em que faleceu, deixando ao convento bastantes rendimentos e encomendando a seu neto Dom José de Menezes que aperfeiçoasse a sua igreja.

O convento era fundado para o máximo de 21 religiosas; e para tal não lhe consignou a fundadora mais de 600:000 réis de renda, receita muito limitada para sustentar vinte e uma religiosas, sobretudo contando com o gasto quando estão enfermas, o que ocorria muitas vezes.

### 4. DESCRIÇÃO DA IGREJA<sup>48</sup>

A igreja deste convento subsiste ainda substancialmente igual ao que era no período da sua fundação, de 1681 a 1703<sup>LXXVII</sup>.

<sup>48</sup> Ver infra, em anexo, o comentário de Pais da Silva, sobre o repertório decorativo interno desta igreja.

LXXVII Embora atestado o trabalho do arquitecto régio João Antunes (1643-1712) no programa decorativo de mármore da capela-mor da igreja, é possível que o risco da igreja e do convento possa ser da autoria de João Nunes Tinoco (Duarte, 2003: 82).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Exteriormente, é uma construção quadrangular de feição muito sóbria e modesta, com frentes livres para três vias públicas: a Rua do Século (a nascente), a Rua Eduardo Coelho (a norte) e a Travessa da Conceição (a sul). A face maior, que corresponde ao eixo longitudinal da igreja, dá para a Rua do Século; vêem-se algumas janelas rectangulares e um óculo de iluminação da capela-mor. Neste mesmo alçado, rasgam-se duas portas de desenho barroco, encimadas de pináculos, volutas, nicho com imagem e frontão. A porta que fica à esquerda, de frontão triangular, tem no nicho a imagem de São José. Dá entrada para um vestíbulo, do qual se tem acesso ao convento (para a esquerda e frente) e para a igreja (à direita, porta axial). A porta que na frontaria nos fica à direita, de frontão quebrado, tem no nicho a imagem de N.ª Sr.ª da Conceição, e dá directamente entrada para a igreja, para o espaço que fica debaixo do coro alto.

A igreja compõe-se de nave única rectangular, e da capela-mor com planta de igual forma; há ainda um coro alto gradeado, e um corpo lateral.

A abóbada da nave é de berço perfeito com penetrações laterais e está ornamentada de estuques (que parecem ser posteriores ao terramoto), entre os quais o medalhão central representa a Imaculada Conceição; a capela-mor é coberta de abóbada de arestas.

No corpo da igreja prende-nos a atenção o revestimento de azulejos holandeses de figura, a azul e branco, com uma dupla série: a inferior, com cenas de meninos, entre as quais algumas alusivas ao Menino Jesus e a João Baptista, cenas essas algo estranhas e a solicitar estudo...<sup>LXXVIII</sup>; os painéis de azulejo superiores, até chegar às grades do cruzeiro e que sobem à altura do púlpito, representam vários passos da vida de Santa Teresa de Ávila<sup>LXXIX</sup>. Os painéis de azulejo estão assinados no rodapé da parede ocidental por Jan van Dort, de Amsterdão.

“Logo por cima deste revestimento de azulejo, segue-se uma cimalha de madeira entalhada, que chega até onde eram as grades que dividiam o cruzeiro do corpo da igreja; e

<sup>LXXVIII</sup> As cenas dos frisos inferiores dos painéis de azulejos inferiores com *putti* e *amorini*, nos quais aparecem figurados o Menino Jesus e São João Baptista referidos, ligam-se de facto a uma característica e complexa tradição devocional barroca, como bem intuiu José da Felicidade Alves, reclamando uma análise aprofundada destas cenas. Glosadas por inúmeros pintores do *Seicento*, as brincadeiras infantis do Cristo e do Baptista mais não são do que prolepses alegóricas da Paixão, profetizando simbolicamente o Baptismo e o sacrifício da Cruz (Fumaroli, 1998: 304 e segs.).

<sup>LXXIX</sup> Além da obra clássica sobre a azulejaria holandesa em Portugal de João Miguel dos Santos Simões (Simões, 1959), com especial atenção ao conjunto remanescente no Convento dos Cardaes, há hoje estudos mais pormenorizados sobre alguns dos seus aspectos. Pôde, assim, apurar-se, por exemplo, a origem iconográfica das cenas da vida e visões de Santa Teresa de Ávila – a série de gravuras de Adriaen Collaert e Cornelis Galle que ilustram o livro *Vita B. Virginis Teresiae a Iesu*, impresso em Antuérpia, em 1613 – que serviram de fonte, aliás, para outras obras contemporâneas, nomeadamente as pinturas de Josefa d’Óbidos actualmente conservadas na igreja matriz de Cascais. A ideia dos painéis de azulejos dos Cardaes foi, decerto, sugerida pelos encomendadores portugueses, dada a inexperiência dos artistas nórdicos, protestantes, e enviada para a Holanda, juntamente com o levantamento da nave e outras sugestões de organização do revestimento mural (Meco, 2003: 125).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

sobre a dita cimalha se deixam ver de cada parte três painéis quadrados, de boa mão, com umas formosas molduras de talha” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 479). Os quadros representam: A Anunciação; o Nascimento de Jesus; a Adoração dos Magos; a Apresentação do Menino no Templo; a Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel; os Desposórios da Virgem Maria. Estes quadros são atribuídos a André Gonçalves<sup>LXXX</sup>.

O púlpito – que será coevo dos retábulos de talha a que adiante nos referiremos, e que está hoje incompleto – tem lugar da banda da porta lateral, em boa altura, com torjas de talha nos três lados, ornadas de folhas de acanto, e seu guardapó também de talha, o qual remata com um anjo, tendo no canto dos dois lados o seu anjo.

“Sobre os três painéis de cada lado, que dissemos há por cima da cimalha de talha, corre uma muito boa cimalha de pedra, que não só corre pelo corpo da igreja mas também pelos lados da capela-mor” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 479).

Na nave ainda, no espaço que seria do cruzeiro, vê-se de cada lado uma capela fronteira uma à outra, cada uma com seus retábulos e tribunas de talha, com uma só coluna em cada ombreira. Os altares são dedicados a Nossa Senhora do Carmo (o do lado do evangelho) e ao Calvário (lado da epístola). Este segundo altar apresenta duas belas imagens barrocas da Virgem e de São João Evangelista.

O arco da capela-mor é de pedraria branca. Na capela-mor há mais três arcos em forma de capelas, dos quais o do meio é maior, com seus frisos e molduras de mármore vermelho. Sobre o arco maior do meio ficam dois painéis quadrados, com suas molduras de talha. E sobre eles, a referida cimalha de pedra que corre por toda a igreja. E sobre esta cimalha, nos dois lados da capela, duas janelas redondas, fronteiras uma à outra (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 480).

O retábulo do altar-mor é obra muito perfeita, característico do último quartel do século XVII antes de ser substituída a fórmula pelos novos modelos de talha joanina<sup>LXXXI</sup>. É constituído por três colunas nas ombreiras, cujo fuste é habitualmente chamado “salomónico”; sobre os capitéis dessas colunas desenvolvem-se os toros de remate em espiral, tudo de-

LXXX A atribuição integral do ciclo de pinturas da nave ao pintor André Gonçalves (1685-1762) foi recentemente revista por Vítor Serrão, que ali identificou o labor de dois artistas distintos. Do programa pictórico destas sete telas, pintadas em momentos diferentes, são de André Gonçalves a *Anunciação* e a *Adoração dos Pastores*, das paredes laterais, e a *Coroação da Virgem*, da cimalha; terão sido executadas cerca de 1730. De inícios do século, correspondendo portanto à campanha inicial, de ca. 1708, seriam a *Apresentação no Templo*, a *Visitação*, o *Casamento da Virgem* e uma *Adoração dos Magos*, de menor valia estética, atribuíveis a António Pereira Ravasco. André Gonçalves pintou ainda para os Cardaes o Calvário do coro-alto, colocado sobre a grade, uma *Assunção da Virgem*, para o retábulo também existente no coro-alto, e a tela amovível do altar-mor figurando uma *Nossa Senhora da Conceição*, que o pintor realizou segundo um desenho de Francisco Vieira Lusitano (1689-1783), como aliás adiante referido por Felicidade Alves, obra hoje recolhida num pequeno espaço museológico conventual adjacente. (Serrão, 2003a: 193-231).

LXXXI A máquina de talha do altar-mor é unanimemente considerada como uma das mais representativas do “estilo nacional”. Por inferência estilística é seguro atribuir o risco ao arquitecto João Antunes e, a execução, ao entalhador José Rodrigues Ramalho (Meco, 2003).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

corado de parras, cachos de uvas e águias, estando as mísulas ornadas de folhas de acanto. O camarim assim criado, o vão central, abriga um trono, para exposição do santíssimo e sua iluminação e ornamentação.

Esse espaço central pode ser fechado mediante uma tela amovível e pintada, cujo tema é a Imaculada Conceição, com São João da Cruz e outros santos Carmelitas, cujo plano é atribuído a Vieira Lusitano, mas executado pelo seu contemporâneo e amigo André Gonçalves.

Neste mesmo altar pode ver-se um belo sacrário de talha com figuras de anjos tocheiros, duas excelentes imagens de Santa Teresa e São José, embutidos policromos na base. Estes embutidos repetem-se nas paredes laterais da capela. Há ainda alguns quadros figurando episódios da Paixão de Cristo. Sobre o altar está a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

## 5. OUTROS ESPAÇOS DA IGREJA E DO CONVENTO

Coro alto. Apresenta as paredes forradas de azulejo setecentista português, azul e branco, com passos da vida de Santa Teresa<sup>LXXXII</sup>, um altar de talha, duas telas (Calvário e Deposição); e ainda seis excelentes peças de escultura de madeira que representam santos.

Anexo à capela-mor. comunicando com a capela-mor, encontra-se fronteira a ela da parte do Evangelho, com grade, uma sala à qual as religiosas iam receber a Sagrada Comunhão. As paredes estão revestidas de azulejos azuis e brancos de padrões geométricos. A talha inclui um relicário de Santo Mártir, ladeado de nichos com imagens de Santa Ana e São Joaquim. No pavimento encontra-se em campa rasa a sepultura com a inscrição de Dona Luísa de Távora, fundadora do convento, falecida em 1692<sup>49</sup>:

AQUI JAZ A EX.<sup>MA</sup> S.<sup>RA</sup> D. LVIZA DE  
TAVORA Q FOI CAZ.<sup>DA</sup> COM O MORG.<sup>DO</sup>  
DE OLIV.<sup>A</sup> OEXM.<sup>MO</sup> S.<sup>RO</sup> LUIS FRAN.<sup>CO</sup> DE OLIU  
E POR SUA MORTE PROFESSOV A ORD. MI  
LITAR DE SANTIAGO NO REAL CONV.<sup>TO</sup> DE  
S.<sup>TOS</sup> DESTA CORTE E COM BREVE DE CL.<sup>TE</sup> X NO  
ANNO DE 1681 VEIO P.<sup>A</sup> ESTE CONV.<sup>TO</sup> Q MAND.<sup>OU</sup>  
FABRICAR À CUSTA DA SUA FAZ.<sup>DA</sup> COM O TI  
TULO DE FUNDADORA DOTADOURA

<sup>49</sup> As informações sobre a ascendência de D. Luísa de Távora, encontramos-las em Santa Maria, 1724: 536-537 e 588-595.

LXXXII Os painéis de azulejos do coro-alto, do período joanino, datam de 1740-45. Nem a oficina nem o seu autor foram, até ao momento, identificados. É provável que uma das fontes de inspiração continuasse a ser a obra Vita B. Virginis Teresiae a Iesu, impresso em Antuérpia, em 1613, que servira já de modelo aos episódios teresianos da nave, embora uma das cenas, a Transveberação, possa ter origem numa gravura do gravador flamengo Antoine Wierix III (†1624) (Meco, 2003: 166).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PADROEIRA. FALECEO EM 18 DE 8<sup>BRO</sup> DE 1692.  
TENDO DE IDADE 83 ANNOS E DO HABI  
TO DO CARMO 11 Q VIVEO NESTE CONV.<sup>TO</sup>

Claustros. Da zona conventual (que tem sofrido sucessivas alterações de adaptação e reconstrução) mencionamos os dois claustros. O mais pequeno é um recanto simples e poético. O claustro maior, com um só andar, de planta quadrada com cinco tramos por lanço, abóbada de aresta; abre para a quadra central por três arcos de volta perfeita apoiados em pilares. Nas galerias vê-se um alizar de azulejo interrompido em dois dos muros por oratórios de talha.

Pavimento superior. Deste claustro parte a escada de acesso ao pavimento superior. Nos patamares da escada há dois oratórios de talha joanina com avental de azulejo e algumas boas imagens (Santa Rita, Menino Jesus), das quais se realça o grupo da Virgem e o Menino.

Outras zonas do convento: antecoro, corredores, salas diversas, celas,... Nelas se podem ver numerosas peças de arte barroca nacional com certa qualidade (algumas da fábrica do Rato), oratórios. Relicário com imagens de marfim, berços de talha dourada, painéis de azulejos do século XVIII (como o da Imaculada Conceição), um retrato pintado de Dona Luísa de Távora, a capelinha de São José...

## 6. ACONTECIMENTOS POSTERIORES

- As obras de decoração ter-se-ão prolongado pontualmente durante a 1ª metade do século XVIII.

- O terramoto de 1755 causou enormes estragos, tanto no mosteiro como na igreja. As freiras abrigaram-se numa barracas que se armaram na própria cerca onde se conservaram até à reconstrução do edifício.

- 1834 - fim da comunidade?

- Nos fins do século XIX estabeleceu-se em Lisboa o Asilo das Cegas, neste edifício do Convento dos Cardais. “Foi fundado há mais de vinte anos [isto foi publicado em 1904] pela falecida Condessa de Rio Maior. Hoje [1904] está a cargo da Associação de N.ª Sr.ª Consoladora dos Aflitos”<sup>LXXXIII</sup> (Pereira e Rodrigues, 1904: vol. I, 827).

<sup>LXXXIII</sup> A última carmelita dos Cardaes morreu em 1876. Sobre a constituição da Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, logo em 1847, e do Asilo das Cegas, em 1876, que permitiram a conservação do espaço conventual e dos seus recheios, vd. Aguiar, 2003: 29-36). O Convento é actualmente ocupado por uma comunidade de Irmãs Terceiras Dominicanas, que ali prosseguem o mesmo objectivo assistencial.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO

## COMENTÁRIO DE PAIS DA SILVA SOBRE O REPERTÓRIO DECORATIVO DA IGREJA

Achamos interessante o comentário de Pais da Silva em Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 79):

“Como em muitos outros edifícios religiosos portugueses erguidos nos séculos XVII e XVIII, verifica-se aqui que o reportório decorativo interno apresenta muito maior importância que a estrutura construtiva. A simplicidade do partido arquitectónico adoptado – justaposição de dois rectângulos de dimensões diferentes –, que foi, certamente, a solução planimétrica mais corrente no período barroco nacional, avesso às com-plexidades da planta e do espaço, aparece compensada pelo recheio ornamental que se traduz numa associação especificamente portuguesa de talha, de azulejo, de pintura, de embutidos e de imaginária. É essencialmente a esse recheio decorativo que se deve a feição barroca do interior desta igreja conventual, de estrutura tão sóbria e de espaço interior tão pouco dinâmico.

Do conjunto da decoração merece especial registo a talha dourada de estilo nacional anterior a 1693 aqui presente nas duas versões do retábulo (principal e secundário), nas molduras que envolvem as pinturas da nave, no púlpito e na sanefa que cobre o arco do triunfo. Esta expansão da talha para além dos altares, invadindo paredes (e, por vezes, a cobertura) da capela-mor e da nave, e que nesta igreja se ensaia ainda dentro de áreas muito limitadas, irá constituir uma das mais originais manifestações do gosto bar-roco português – a igreja forrada de ouro – de que existem magníficos exemplos em Lisboa (Igrejas dos Paulistas de Lisboa, Santa Clara do Porto, Carmo de Évora) e no Brasil (São Bento do Rio de Janeiro, São Francisco do Salvador, Conceição dos Militares do Recife).”

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo II, Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. I. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1904.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Historia Tripartita*. Lisboa Ocidental: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1724.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ IGREJA DO CONVENTO DO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, EM CARNIDE

Século [1694]

Era de Freiras Recoletas da Ordem da Conceição da Senhora, que professavam a Regra de Santa Clara.

Situava-se este convento à esquerda de quem seguia do Largo da Luz pela antiga Estrada da Luz.

Foi erguido este convento por Nuno Barreto Fuseiro e sua mulher Dona Maria Pimenta, em umas suas casas, dando-lhe muitas rendas.

As Freiras só entraram em 1698 (ou 1699).

O terramoto de 1755 destruiu-lhes a Casa quase por completo. No entanto, ainda lá conseguiram manter-se até 1767, ano em que saíram de vez, indo então residir para Arroios.

Vd. Santa Maria, 1707: tomo I,411-414 (imagem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, do Coro do Convento).

### Bibliografia

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galrão, 1707.

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

**5. IGREJAS DE INSTITUIÇÕES ESPECIAIS   Θ**

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⊖ IGREJA DO RECOLHIMENTO DO ESPÍRITO SANTO

Século XVII [1671]

Existia na freguesia de Santa Catarina, “defronte do Convento de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Jesus”, este Recolhimento do Espírito Santo, fundado no ano de 1671 por Dona Maria Borges, mulher nobre e vistosa, no qual se recolheu com outras mulheres graves, dedicando-se toda ao exercício da oração, e mais virtudes, em que ali floresceu por espaço de nove anos, no fim dos quais faleceu com opinião de santidade; e seu corpo se sepultou em a Igreja do Espírito Santo do mesmo Recolhimento.

“Compraram este Recolhimento com seu quintal os Padres do Convento de Nossa Senhora de Jesus em o ano de 1680; e desde aquele tempo até o presente lhe assistem com os Sacramentos, mandando-lhe ali dizer Missa todos os dias, e confessando-as em os Jubileus principais do ano. Tem este Recolhimento capacidade para nele viverem até 20 pessoas” (Costa, 1712: vol. III, 501).

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## CAPELA REAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, NO PAÇO DA BEMPOSTA

Século XVIII [1701ss]

No campo Real da Bemposta.

Foi erecta esta igreja, ou capela real, onde se fundou o Palácio em que viveu alguns anos a Senhora Dona Catarina, rainha da Grã-Bretanha, e nele faleceu [1638-1706]. A rainha casara com Carlos II da Grã-Bretanha em 1662; após a morte de Carlos II (1685), regressou a Portugal em 1692.

A construção da igreja foi iniciada em 1701, sob o risco do arquitecto João Antunes († 1712).

A rainha estabeleceu nesta igreja ou capela real uma colegiada com 12 capelães, com oitenta mil réis de renda cada um, e obrigação de Coro e Missa cantada todos os dias.

Depois, a capela passou para a administração do Infante D. Pedro, por este ter conseguido por sentença a grande casa do Infantado, o qual em 11 de Dezembro de 1711 acrescentou mais oito capelães com cem mil réis cada um de cõgrua, um tesoureiro, um moço de capela, cinco cantores, um organista, e um maceiro; e transformou a igreja de forma magnífica, como competia a uma real colegiada (vd. Castro, 1763: tomo III, 231)<sup>LXXXIV</sup>.

<sup>LXXXIV</sup> Muito arruinada pelo terramoto de 1755, a capela do paço da Bemposta foi reconstruída entre 1786 e 1793 sob a direcção de Manuel Caetano de Sousa, na sua qualidade de arquitecto da Casa do Infantado. Na reconstrução participou activamente o pintor Pedro Alexandrino de Carvalho (1730-1810), a quem se devem as pinturas da maior parte das telas dos altares laterais e dos tectos da capela-mor, Virgem Protectora do Reino, da nave, Assunção de Nossa Senhora, e da capela do Santíssimo, uma Transfiguração.. As esculturas do nártex, um São João Baptista e uma Santa Isabel, de José da Almeida (1708-1770), foram originalmente concebidas para o palácio das Necessidades; colocadas afinal na Bemposta, foram terminadas por Barros Laborão (1762-1820). O edifício, a que a escadaria exterior e rica adjectivação conferem uma notável presença urbana, é um bom exemplo do fundo classicizante do tardo-barroco de inspiração romana; na fachada, sem torres quis já ver-se alguma inspiração neoclássica (Gomes, 1988: 28); e a própria talha da igreja revela decisiva influência da capela de São João Baptista de São Roque, onde pela primeira vez entre nós se afirma a tendência para a simplificação formal e para a eliminação da “linha curva”.

O invulgar retrato colectivo da família real, com a vista de Lisboa em fundo, colocado no altar-mor, deve-se ao pintor de origem italiana Giuseppe Troni (1739-1810), activo em Portugal desde 1785 até à sua morte, contratado especificamente para produção de retratística régia, afastada que está a alegada atribuição do grupo real ao pintor inglês Thomas Hickey. A pintura é, em todo o caso, de especial importância para entender o contexto religioso e político-ideológico do período mariano: a reacção aos ventos reformadores do iluminismo, a afirmação universal do culto do Sagrado Coração de Jesus, o vínculo entre a Igreja e a Monarquia Católica e a exaltação das políticas sociais e assistenciais permitidas pela instituição da Real Casa Pia de Lisboa (Raggi e Degortes, 2018).



### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

- ▶ INÍCIO
- ▶ FICHA TÉCNICA
- ▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
  - NOTA DE ABERTURA
  - NOTAS PRELIMINARES
  - PARECERES
  - APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*
  - NORMAS EDITORIAIS
  - PREFÁCIO
- ▶ PLANO GERAL DA OBRA
- ▶ TOMO IV
  - SINAIS
  - INTRODUÇÃO
  - SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA (1580 – 1640)
  - REINADOS DE D. JOÃO IV, D. AFONSO VI E D. PEDRO II (1640 – 1707)
  - DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO 1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)
  - BIBLIOGRAFIA
  - ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⊖ IGREJA DO COLÉGIO DE SÃO FRANCISCO XAVIER

Século XVII [1682] → † 1758

Era da Companhia de Jesus.

Foi fundado por um riquíssimo legado de Jorge Fernandes, falecido em 1677.

Este benemérito notou que era evidente a necessidades de proporcionar a instrução aos jovens de Lisboa; e para tanto, que se criassem em Lisboa mais instituições, além do Colégio de Santo Antão-o-Novo.

Para que os ditos Estudos pudessem aproveitar a todos os filhos dos moradores de Lisboa, e verificando que o Colégio de Santo Antão ficava muito distante dos extremos da cidade, haveria necessidade de erigir dois outros colégios: um, no Bairro de Alfama, servindo a parte oriental de Lisboa; outro, a Ocidente, nas vizinhanças do Convento da Esperança.

Em seu testamento declarava ser sua última vontade que, para bem dos moradores do Bairro de Alfama e dos que ficavam na vizinhança do Campo de Santa Clara, queria que se fundasse um Colégio da Companhia de Jesus, da invocação de São Francisco Xavier; e queria que no dito colégio houvesse uma escola ou classe, na qual um religioso ensinasse a ler, escrever e contar, a todos os meninos que as ditas coisas quisessem ir aprender.

Desejava muito que o dito colégio ficasse instalado na Ermida de Nossa Senhora do Paraíso, ali existente. Na sua ideia, esta junção só traria vantagens, tanto para o colégio como para a ermida.

Para tanto, deixou um riquíssimo legado.

A Irmandade de Nossa Senhora do Paraíso recusou qualquer colaboração. Mas os Jesuítas obtiveram um sítio próximo à dita Ermida, onde iniciaram logo as aulas em 1697, comprando umas casas em que se acomodaram. Ali se colocou o Santíssimo em Dezembro de 1682, utilizando uma pequena igreja provisória.

Em 1707 – passados já 25 anos sobre a fundação – ainda o Colégio não possuía igreja própria. O Autor anónimo da *História dos Mosteiros* dizia nesse ano: “tem-se adiantado tão pouco, que se pode dizer que ainda não começou: porque na igreja, que há-de ser, ainda não se lançou a primeira pedra; e da fábrica que se determina fazer nada está feito, por dificuldades que se têm oferecido” (*História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 160).

Desde esse ano de 1707 até ao ano do terramoto de 1755, certamente muito se fez: mas não sabemos o quê, nem qual o estado em que se encontrava a igreja nesse ano de 1755, ou no ano de 1768.

Teve pequena ruína com o terramoto geral de 1755.

O colégio extinguiu-se com a Expulsão dos Jesuítas em 1758.

Não temos informações sobre o que lhe sucedeu após 1758.

Actualmente [1994] – desde 1806 – é o Hospital da Marinha<sup>50</sup>

**Bibliografia**

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. 1707) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972.

<sup>50</sup> NC: O hospital, desactivado desde 2012, foi vendido a uma Sociedade Imobiliária, em 2016.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⊖ IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO – 2ª

Século XVII [1676] → 1755

Recorda-se que a Igreja de Nossa Senhora do Loreto, dos Italianos, remonta aos princípios do século XVI. Foi erecta a primeira igreja em uma Ermida da invocação de Santo António, que os Confrades Italianos ampliaram por concessão do Papa Leão X e de El-Rei D. Manuel pelos anos de 1571 Nota Editores<sup>LXXXV</sup>; anexou-se depois ao Cabido de São João de Latrão, de Roma, por um Breve que o dito Cabido lhe passou em 20 de Abril de 1518, confirmado por Adriano VI em 1523. Sucederam algumas questões entre o Cabido da Catedral Lisbonense e os Responsáveis da dita Igreja de Nossa Senhora do Loreto; litígios que foram momentaneamente superados; e até se criou uma Paróquia portuguesa de Nossa Senhora do Loreto, criada em 1551, de que se fez contrato por instrumento público de 2 de Janeiro de 1557.

### 1. INCÊNDIO DA IGREJA EM 1651

Na quarta-feira da Semana da Paixão, dia 29 de Março de 1651, às 8 para as 9 da manhã, ocorreu um incêndio nesta igreja (vd. Sequeira, 1941: Vol. II, 226), com o prejuízo de mais de 400:000 cruzados, ardendo o tecto, com quadros de muita estimação, capela-mor, e todos os mais altares, e a Pia Baptismal, e muitos ornamentos, e peças de ouro e prata, e outras muitas coisas de valor. O que muito particularmente se sentiu foi o queimar-se também uma

<sup>LXXXV</sup> Estas obras foram conduzidas a partir de 1577 pelo bolonhês Filipe Terzi, contratado por D. Sebastião para servir como engenheiro e arquitecto, que foi também o responsável pela solução técnica da cobertura, com um engenhoso travejamento que antecedia o que veio a fazer mais tarde na igreja São Roque, e que desapareceu no incêndio que consumiu o Loreto em 1651 (Soromenho e Branco, 2017). Algumas notícias, cuja veracidade não é possível conformar, dão conta da existência de pinturas de Ticiano – uma Virgem da Anunciação e um Arcanjo São Gabriel –, e de um conjunto de vinte e dois painéis no tecto, executados a partir de 1593 por um artista desconhecido. Também desse período de enriquecimento decorativo da igreja, anterior ao grande incêndio de 1651, regista-se a encomenda de azulejos de Talavera, e os contributos do pintor-dourador Manuel da Cosa e do pintor régio Miguel de Paiva, este, autor de uma pintura representando um Milagre de Santo António para o seu altar epónimo.

O templo renovado, cuja sagração ocorreu a 9 de Setembro de 1676, sem estar todavia concluída a obra, viria a ter grande impacto na arte portuguesa, promovendo, com os seus acervos, um gosto modernizado e cosmopolita, atento sobretudo às novidades de Itália. De todas as obras de arte então aqui existentes, que incluíam esculturas e retábulos em mármore coloridos e jaspes expressamente enviados maioritariamente de Génova, destacava-se o tecto de sessenta e cinco caixotões pintados, realizado entre 1681 e 1684, pelo genovês Giovanni Domenico Ponte (†1724), com histórias do Antigo e do Novo Testamentos, que veio a ser fonte de inspiração para obras afins em Portugal e no Brasil. As obras de pedraria da igreja realizadas depois de 1651 estiveram a cargo do arquitecto Marcos de Magalhães e do mestre pedreiro Gregório Luís coadjuvados, a partir de 1653, por pedreiros italianos. É provável que tanto o portal principal como o lateral sejam peças remanescentes da campanha dirigida por Marcos de Magalhães (Serrão, 1983).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

casula com que dizia Missa São Carlos Borromeu, e que se costumava mostrar como relíquia em o dia de sua festividade, ao povo, que concorria àquela igreja.

O Santuário Mariano regista um dado curioso:

Haviaõ collocado na Capella mòr huma devotissima Imagem da Senhora do Loreto (naõ como a que ao presente se vê) porque era de roca, & de vestidos, mas de grande fermosura, como ainda se vê na sua casa do Despacho, com a qual tinhaõ todos muyto grande devoção. Esta Santissima Imagem escapou ao incendio, ou porque algum dos seus devotos teria cuydado de a tirar do lugar em que estava, ou que a Divina Providencia dispoz que a tivessem recolhido na Sacristia, por ser tempo em que já os Altares estavaõ cubertos. He esta Santissima Imagem primeyra de muyta magestade, & a sua estatura saõ cinco palmos. E quando em nenhma maneyra a deviaõ apartar daquelle seu Altar, por haver sido a Fundadora daquella casa, & aquella com quem o Povo tinha muyta devoção. (in Santa Maria, 1707: vol. I, 36).

Vítor Serrão teve já oportunidade de referir outros artistas estrangeiros envolvidos nestas campanhas anteriores a 1755, contando, entre outros, os pintores Filippo Gherardi (1643-1704), Domenico Piola (1627-1703), Giovan Bernardo Carbone (1614-1683), Carlo Nicola Lamparelli, Giovanni Battista Farnèse, Carlo Antonio Leoni, Vincenzo Bacherelli, o famoso introdutor em Portugal dos tectos pintados em perspectiva, além dos franceses Jérôme Troudon e Claude Barois. Não faltou ainda mão-de-obra especializada portuguesa – o entalhador Manuel da Paz e Silva, os pintores Félix da Costa Meesen, Mateus de Sousa, António Pimenta Rolim e António Machado Sapeiro – mas tudo viria a desaparecer em 1755. A reconstrução da igreja contou de novo com a benevolência dos italianos de Lisboa, tendo sido reaberta ao culto no dia 8 de Setembro de 1785. Coube a Joaquim António dos Reis Zuzarte o risco do novo edifício com a intervenção documentada dos reconhecidos arquitectos régios Manuel Caetano de Sousa e José da Costa e Silva (aquele, o último dos representantes do tardo-barroco, este o primeiro dos neoclássicos), pelo menos, na obra da capela-mor. Ao mais destacado dos pintores da Lisboa pombalina, muito operoso em todas as igrejas da cidade, Pedro Alexandrino de Carvalho, foi confiada a pintura do tecto, com a colaboração de José António Narciso e de Jerónimo Gomes Teixeira, mas é possível que seguissem então um desenho prévio do pintor italiano Giovanni Berardi. É ainda de salientar o trabalho de Cyrillo Volkmar Machado, conhecido sobretudo pela sua obra historiográfica e teórica, que, na igreja, assinou um apostolado em grisaille distribuído pela cimalha da nave e os tectos da capela-mor e do sub-coro. Seguiu-se então, para o preenchimento dos altares, o critério das encomendas maioritariamente dirigidas a artistas italianos, de qualidade diversa: os escultores genoveses Pascal Bocciardi e Francesco Botto e os pintores Emanuele Andrea Tagliaficci, Pietro Lambruzzi, Carlo Giuseppe Ratti, Mariano Rossi; já no século XX, Leopoldo Battistini, conhecido sobretudo pela sua obra de ceramista, contribuiu com uma pintura representando Santo António (todas as informações em Serrão, 2018).

Por outro lado, a atenção historiográfica a igreja não pode ignorar um outro aspecto, que José da Felicidade Alves sublinha: o da dinâmica da comunidade italiana em Portugal, maioritariamente constituída por mercadores de grosso trato, dominada primeiro por florentinos e, depois, por genoveses, e congregada em torno da sua igreja nacional (Alessandrini e Bartolome, 2018).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. A NOVA REEDIFICAÇÃO: 1651-1676

Reduzido aquele grande e magnífico templo com aquele lamentável incêndio a cinzas, por achar o fogo muito disposta matéria em um sepulcro composto de carqueja e algodão (sic) (in Santa Maria, 1707: vol. I, 36), trataram logo os mercadores italianos da sua reedificação no mesmo sítio em que antes estava; e resolveram entre si que a dita igreja fosse toda de boas pedrarias, como o é de ricos e preciosos mármore, e muitos deles de Itália, para se evitarem semelhantes incêndios. E para as despesas, que haviam de ser muitas, se obrigaram a dar 0,5% de todas as fazendas que entrassem e saíssem deste Reino. Um dos mercadores, Andé Carrega, ofereceu logo 10:000 cruzados; e outro, Nicolao Micon, outros 10:000; e os mais, conforme a devoção de cada um.

As obras de reedificação começaram no dia de Nossa Senhora dos Prazeres desse ano de 1651. E continuaram até 7 de Setembro de 1679, vésperas da Natividade de Nossa Senhora, Orago daquela Casa. Enquanto durou a obra, o Santíssimo Sacramento passou para a Ermida de Nossa Senhora do Alecrim. Depois da obra concluída, voltou para a nova igreja no dia 7 de Setembro, em solene procissão, acompanhada de todas as ordens religiosas, tendo sido o Santíssimo Sacramento pelo ilustríssimo Núncio Marcello Durazo.

Ao mesmo tempo, colocaram os Italianos outra nova Imagem de Nossa Senhora do Loreto (deixando de parte a anterior a que atrás referimos, e que tinha escapado ao incêndio). Essa imagem que haviam mandado fazer a Itália: é semelhante na forma e maneira à que se venera na Santa Casa do Loreto - Câmara Angelical, em que foi anunciada a Encarnação do Divino Verbo - que está na Cidade de Recanate na Marca de Ancona. A imagem era esculpida em madeira incorruptível, de roupas togadas, mas preciosamente obrada: e segura no braço esquerdo o Menino Deus com coroa de prata dourada. Vê-se colocada esta imagem no meio do retábulo, que é formado de riquíssimos jaspes, com quatro colunas de um jaspe verde escuro matizado de uns veios brancos; e a Senhora está colocada num tabernáculo também de ricos jaspes de várias cores, adornado com alguns Anjos, obra de grande custo e primor, obra-do em Itália, e tudo digno de tão grande Patrona. Isto dizia Santa Maria, 1707: vol. I, 36-38).

## 3. COMO ERA REGIDA A IGREJA ANTES DO TERRAMOTO DE 1755

No *Mappa de Portugal*, o Padre João Bautista de Castro faz uma interessante explanação de como era administrada esta igreja antes do terramoto:

“He administrada esta Igreja por hum Provedor, Escrivão, Thesoureiro, e mais votantes Italianos, que se elegem annualmente na primeira Dominga de Setembro. Apresenta a Mesa hum Cura, que lhes administra os Sacramentos em qualquer Paroquia, em que habitem; e quando morrem os vay buscar para a sepultura com Estola, Cruz, e tumba propria da Nação, ao qual dão sufficiente ordenado com casas junto da Igreja, para morar elle, e o Thesoureiro.

215 Ha nella dezaseis Capellães com obrigação de Coro, e Missa quotidiana, dos quaes oito foraõ instituidos por Francisco André Carrega, negociante Genovez, que falleceo em 6 de Junho de 1676, e estabeleceo renda para subsistencia de quatro estudantes servirem

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

na Sacristia: outros quatro Capellães instituiu Nicolao Micon, também contratador Genovez, que falleceo em 22 de Abril de 1675. Foraõ estes dous Italianos os principaes motores da reedificação da Igreja, cujos retratos originaes se conservavaõ nas paredes da Sacristia, na qual os corpos dos sobreditos estaõ sepultados.

216 Cesar Gheresi, que falleceo em 28 de Março de 1697, e seu irmão Joaõ Thomaz Gheresi, fallecido em o primeiro de Janeiro de 1700, ambos testamenteiros dos mencionados reedificadores, instituirão mais tres Capellães: e Marthias Thomaz Gheresi, que morreo em 7 de Março de 1705 instituiu outro, que fazem os dezaseis Capellães do Coro, os quaes por terem diversidade nos ordenados, determinou a Mesa no anno de 1720, sendo entaõ Provedor Thomaz Caetano Medici, e Thesoureiro Pedro Franco Olivieri, que cada Capellaõ do Coro tivesse de ordenado cem mil reis, e que a hum delles se lhe desse cento e vinte mil reis, com obrigação de ensinar Grammatica aos estudantes da Sacristia, que também augmentaraõ ao numero de sete com ordenado mais avantajado.

217 Tem esta Igreja mais oito Capellães de Missa quotidiana, e de varios instituidores; huma de oitenta mil reis, que instituiu o Desembargador Paulo Joseph de Andrade: outra de sessenta e quatro mil reis, instituida por Joaõ André Cambiaso, negociante Genovez. As outras foraõ instituidas, tres por Antonio da Silva, que falleceo em 20 de Dezembro de 1679 com cincoenta mil reis a cada Capellaõ, e com varias esmolos para pobres, e viuvus honestas; duas que instituiu o Doutor Clemente Felix de cincoenta mil reis cada huma, e outra de Missa quotidiana por vivos, e defuntos. Paga mais a Mesa cem mil reis a hum Organista, e a hum Mestre de Capella, e Musicos para Domingos, e dias Santos diferentes ordenados. Resplandece também aqui huma Irmandade de Clerigos com grande assejo, e grandeza em todas as suas funções.” (in Castro, 1763: tomo III, 324-325).

Ao que o *Santuário Mariano* acrescenta, com visível apazimento:

“Importa a despeza que se faz cada anno nos estipendios dos que servem à Senhora do Loreto, cera, musica, & esmollos, muyto mais de nove mil crusados. He este Templo hum dos mais magestosos, & magnificos da Corte, & assim se tem despendido na fabrica delle mais de quatro centos mil crusados. He todo de excellentes marmores de varias cores; & muitos delles vieraõ de Italia: tem doze Capellas, a mayor, & duas collateraes, & nove em o corpo da Igreja, dedicadas a varios mysterios, & a varios Santos. Não ha nesta casa Irmandade, mais q a do Santissimo Sacramento, formada dos mesmos Italia-nos seus Padroeyros, & elles saõ os que concorrem para as despezas extraordinarias.

Tem algumas reliquias, & entre ellas o corpo de S. Justino Martyr, que trouxe de Roma o Cardeal Marcello Durazo, quando veyo por Nuncio de Portugal, o qual está debayxo do Altar mòr. Tem muytos, & ricos ornamentos, muyta prata, & entre as alampadas a da Capella mòr he a mayor que ha nesta Corte, porque peza 720 & tantos marcos, & o feytio he maravilhoso. As pinturas saõ excelentes, & todas de Roma: na Igreja se vem 14. estatuas de jaspe grandes dos doze Apostolos; & duas de Saõ Marcos, & Saõ Lucas, obradas em Italia. Finalmente tudo quanto ha naquela casa he rico, & precioso.

(in Santa Maria, 1707: vol. I, 39-40).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 4. O TERRAMOTO DE 1755 E O INCÊNDIO DO DIA SEGUINTE

Não achamos poder dizer melhor do que transcrever o que disse o Autor do referido *Mappa de Portugal*:

“Com o violento accidente do terramoto proximo passado, não foy esta Igreja a que experimentou ruina consideravel, sem embargo de serem grandes os abalos, a que resistio. Cairaõ sómente algumas pyramides, e pedras de sua famosa torre, e frontispicio sem prejuizo de pessoa alguma. Esta grande fortaleza animou gente innumeravel a buscarem o refugio deste sagrado asylo, onde passaraõ o dia, e toda a noite do Sabbado primeiro de Novembro, até o Domingo seguinte em clamores as Deos.

No meyo de tanta consternação, e sustos, assistiraõ sempre com estremada constancia, e valor o Paroco desta Igreja Joaõ da Costa Machado, e o seu Thesoureiro o Beneficiado Clemente da Fonseca, os quaes depois de fazerem o officio, e obrigação de bons Ministros Ecclesiasticos, confessando, e dando a Communhaõ a hum grande numero de pessoas, vendo que no Domingo de tarde se vinha aproximando o fogo, tiveraõ o vigilante acordo de pôr em salvo os livros da Paroquia, e os vasos sagrados do Divinissimo Sacramento, que estavaõ nos Sacrarios desta Igreja, dous que lhe pertenciaõ, dous do Convento de Nossa Senhora da Boa-hora, hum da Freguezia do Santissimo Sacramento, e outro da Paroquial da Encarnação, que todos se tinhaõ acolhido à sombra deste Templo, pegando o Padre Cura em quatro, e o Padre Thesoureiro em dous, com sobrepelizes, e Estolas sahiraõ no Domingo quasi noite, e os foraõ collocar na Igreja da Freguezia de Santa Isabel, que fica mais de dous mil passos distante, obrando em tudo quanto correspondia o desempenho do seu character, e fazendo deste modo memorável o seu espirito, vigilância, e zelo.

Porem a felicidade, que concedeo a este Templo o impulso do terramoto, lhe não outorgou o triste infortunio do incendio; porque comunicando-se na segunda feira 3 de Novembro pelos telhados do palacio, que foy do Secretario de Guerra Joaõ Pereira da Cunha Ferraz, e hoje era da mesma Igreja, e a ella contiguo, não só a abrazou, mas consumio toda a prata, que nella havia, todas as alampadas, e especialmente a grande, que estava no cruzeiro, que pezava onze arrobas, os muitos, e ricos ornamentos, os singulares quadros de bellas pinturas, que ornavaõ as Capellas, fazendo o mesmo incendio estalar com a força das suas chammass as primorosas estatuas dos sagrados Apostolos, os jaspes, e a pedraria das famosas columnas dos Altares, e de toda a Igreja.

Vio-se todavia, que a violencia do fogo respeitara o sagrado vulto da Senhora do Loreto, imagem de cedro, feita em Italia, a qual estando no Altar mòr, cahio para detrás delle, e alli se preservou intacta, participando da mesma fortuna os veneraveis ossos do Martyr S. Justino, com outras Reliquias, que se guardavaõ em huma caixa de madeira dourada no concavo do mesmo Altar. Tambem a ambula dos Santos oleos escapou das chammass, queimando-se o armário, onde estava junto à pia baptismal.

O que fez mayor admiração foy, communicarse o incendio à grande casa do despacho da Irmandade dos Italianos, e devorar alli muyta prata, e hum riquissimo ornamento inteiro de lhama branca recamado de ouro, e matizes, que poucos annos antes se havia mandado fabricar a Genova: consumir, e abraçar huma grande porta de angelim da casa do Cartorio, e thesouro da mesma Igreja, e não entrar na casa nem huma pequena faulha, salvando-se pro-

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

digiosamente tudo quanto estava dentro della; porém calculando-se pelo grosso a perda, que o incendio causou a esta Igreja, se reputa em mais de quinhentos mil cruzados. (in Castro, 1763: tomo III, 325-327).

## 5. AS PROVIDÊNCIAS IMEDIATAS

Continua o Autor do *Mappa de Portugal*:

Como a Sacristia, e hum grande corredor chamado Via-Sacra ficaraõ sem damno algum, determinaraõ os Italianos se fizesse nella a Igreja, e assim no vaõ do Altar, que havia na mesma Sacristia, se abrio huma porta para a rua larga de S. Roque, e na parede fronteira se fez o Altar mór, onde se colocou o Sacrario, e a Imagem da Senhora, e no concavo os ossos de S. Justino Martyr, no Altar colateral da parte do Evangelho se colocou a Imagem do Santo Christo milagroso, que se venerava em um dos pulpitos, e o tinha livrado do incendio o Padre Pedro Francisco Caneva, Capellaõ da mesma Igreja, levando-o para sua casa; no altar da parte da Epistola se colocou a Imagem de Santo Antonio, que tambem livrou hum devoto, levando-a para a Ermida da quinta do Desembargador Joseph Simões Barbosa, no sitio de Palma. A entrada da Igreja da parte esquerda no vaõ de huma porta se poz a pia de bautizar, e se fizeraõ grades de madeira pintada à roda dos Altares. O corredor, ou via-sacra, que fica detrás do Altar mór, se dividio, e na parte, que corresponde immediata ao mesmo Altar se formou Coro, onde rezaõ os Padres Capellães.

Principiaraõ a celebrarse os Officios Divinos nesta Igreja nova no dia 5 de Junho de 1756, e se continûa a rezar no Coro de manhã, e de tarde pelos Capellães, que sendo antes dezaseis, são agora quatorze, porque se suspenderaõ duas Capellantias, por falta dos rendimentos hypothecados em propriedades, que se queimaraõ, e havendo tambem na dita Igreja, como dissemos, oito Capellantias de Missa quotidiana sem obrigação de Coro, pela mesma causa se suspenderaõ tres, huma de cem mil reis, e as duas de cinquenta e tres cada huma. Neste estado se acha esta Igreja, em cuja reedificação se cuida com diligencia. (in Castro, 1763: tomo III, 327-328).

Vd. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO – 3ª depois do terramoto de 1755



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuario mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prègadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *O Carmo e a Trindade: subsídios para a história de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ⊖ IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA (3ª)

**Século XVII [1ª pedra: 1682]**

Esta igreja, embora inicialmente tivesse sido projectada para ser a paroquial de Santa Engrácia, de facto não o foi nunca. Por isso a colocamos no grupo das igrejas votivas.

### 1. ANTECEDENTES

A sereníssima Infanta Dona Maria, por se achar moradora no sítio de Santa Clara, vizinha ao convento da mesma Santa, fez desanexar da Paróquia de Santo Estêvão, por Breve do Papa Pio V de 30 de Agosto de 1568 e consentimento do Arcebispo eleito D. Jorge de Almeida em 2 de Dezembro de 1569, uma grande porção de moradores, que ficavam extra-muros desta cidade, erigindo de novo um prior, um cura, e beneficiados, cuja igreja então se edificou por finta dos ditos fregueses desanexados. Dividiu então o Arcebispo a renda desta igreja em nove partes: das quais fora quatro para o Reitor de Santo Estêvão, três para o de Santa Engrácia, e as duas restantes para dois coadjutores de ambas as paróquias. De oito beneficiados que havia na igreja de Santo Estêvão, separou três para a nova igreja, de consentimento deles, os quais haviam de rezar nela em coro, e dizer as missas cantadas dos aniversários e capelas que tinham em Santo Estêvão, e as de semana que lá lhe pertenciam (vd. Castro, 1763: tomo III, 269).

Sucedeu que na noite tempestuosa de 15/16 de Janeiro de 1630, arrombaram a porta do sacrário dessa igreja paroquial, e dela levaram as sagradas formas. Causou grande horror este atrevido sacrilégio; fizeram-se rigorosas diligências para se descobrir o pérfido executor. E prenderam como suspeito um indivíduo chamado Simão Pires Solis, que por indícios foi condenado, ainda que precipitadamente, a ser queimado vivo, cortadas primeiro as mãos. Mais tarde verificou-se que ele estava inocente...

Desde então determinou a Fidalguia de Lisboa fazer uma nova Igreja no mesmo sítio – para o que se demoliu de raiz a igreja primitiva – transferindo-se a Paróquia para a Ermida de Nossa Senhora do Paraíso, enquanto se não concluiu o edifício da nova igreja.

Esta foi a 2ª igreja de Santa Engrácia (1630 ss).

Um acidente casual deitou abaixo essa segunda igreja, estando ela quase acabada. E assim se procedeu à construção duma nova igreja, de que vamos tratar.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. A EDIFICAÇÃO DA NOVA E MAIS INSIGNE IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA

A mesma Fidalguia Lusitana decidiu erigir outro templo dedicado a Santa Engrácia, mas mais elegante de estrutura. Nisso foi incitada e magnificamente ajudada por D. Pedro, que depois foi Rei em sucessão de seu irmão D. Afonso VI.

A 1ª pedra foi lançada nos alicerces com toda a cerimónia, no ano de 1682, pelo referido Rei D. Pedro II. Continha ela a seguinte inscrição:

“Cum ineunte trigesimo supra millesinum sexcentesium salutis anno ex D. Engratiæ Æde quidam nefarius homo per tenebras procellosæ noctis Sanctissimum Corpus Domini furatus esset, Nobilitas Lusitana in tanti sacrilegii expiationem centumvirale sodalitium constituit, & eodem in loco magnificum Templum propriis sumptibus construere decrevit, ut ubi impia manus sacrosantam Eucharistiam temerare suerat ausa, ibi à piis animis æternum colenda foret. At opere jam perfectioni proximo fortè colapso, iterum Nobilitas Lusitana impellente, ac magnificè adjuvante, Serenissimo Petro Portugalliæ Principe, & Moderatore, aliud Templum, sed elegantioris structuræ, erigere statuit, cujus primum fundamentorum lapidem idem Serenissimus Principes pro insita Lusitanis Regibus pietate propria manu jecit. Ann. Dñi M. DC. LXXXII.” (in Castro, 1763: tomo III, 271).

O lançamento da 1ª pedra foi em 31 de Agosto de 1682. Antes tinha-se pensado em apenas reparar a capela-mor (17 de Setembro de 1681). Optou-se pela planta apresentada pelo mestre-pedreiro (arquitecto) João Antunes, o qual ficou como responsável das obras. A entidade de fidalgos que a promoveu chamava-se Irmandade de Escravos do Santíssimo Sacramento.

Prolongaram-se as obras, sob a direcção de João Antunes, até 1712, devido ao falecimento dele, em 25 de Novembro. Depois, sob a responsabilidade do arquitecto e engenheiro militar Manuel da Costa, como “medidor”.

Em 24 de Outubro de 1713, “os mestres pedreiros que fazem a obra da igreja nova representaram que eles se achavam com alguns receios de que a parede em que estão as portas não fosse capaz de sustentar a abóbada, porque a enfraquecia os muitos vãos que há nas mesmas paredes...”. Não se referiam à abóbada do zimbório, que nunca chegou a ser erguida, mas à abóbada da fachada principal.

Em 6 de Janeiro de 1724, o Rei D. João V manda pedir as plantas da Igreja, que não devolve.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

As obras de Mafra, os seus gastos colossais, os milhares de operários alistados de todos os recantos do país, as obras utilitárias como a do Aqueduto das Águas Livres, o ouro vindo do Brasil mas que se escoava em encomendas litúrgicas e profanas, a grandeza da Patriarcal sonhada e realizada por D. João V, as Necessidades, e por fim o terramoto de 1755, acabam de vez com as obras de Santa Engrácia” (Carvalho, 1971: 99).

### 3. DESCRIÇÃO ESTÉTICA

Na obra *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa* (Almeida, 1975: vol. v, tomo II, 186-190), lê-se esta síntese magnífica assinada por I. M. [Irisalva Moita]:

“É edifício grandioso, impondo-se como um dos espécimes barrocos lisboetas mais originais, de maior monumentalidade, e de mais conseguidos valores estéticos dos finais de Seiscentos.”

“Integra-se este monumento, iniciado posteriormente a 1682, num novo ciclo barroco, profundamente italianizante, cuja figura mais representativa é o próprio João Antunes, que se contrapôs, por uma concepção mais dinâmica das formas e um melhor aproveitamento dos efeitos de luz e sombra, ao barroco maneirista, hierático e severo de Seiscentos, introduzido e alimentado, entre nós, igualmente por artistas de origem italiana, como Terzi, Turriano e Tinoco.”

“Esta espaçosa e, ao mesmo tempo, movimentada e equilibrada construção impõe-se-nos, desde logo, pela originalidade da sua planta, centrada por uma cruz grega de topos arredondados, inscrita num quadrado formado por quatro torreões que sugere o esquema delineado por Bramante para S. Pedro de Roma. A inserção dos vários corpos fez-se de forma a conseguir exteriormente, uma linha ondulada, de curvas e contracurvas, mantendo-se, porém, o equilíbrio, sustido pela alternância dos quatro torreões de perfil quadrangular, numa sábia distribuição das massas.

“Exteriormente é uma magnífica construção, toda de alva cantaria aparelhada, ocupando um vasto recinto quadrangular, com quatro fachadas simétricas, cada uma das quais com um corpo curvilíneo central, cuja ligação aos corpos quadrangulares que ocupam os vértices, se faz por profunda concavidade.

“A fachada principal do edifício ocupa a face poente, onde foram abertos, no corpo curvilíneo central, três arcos de volta perfeita que dão acesso ao vestíbulo. Quatro potentes colunas dóricas formam divisória àqueles arcos, sustentando a poderosa e saliente cimalha que separa a fachada em dois andares. Sobre aquela, no andar superior, descenam, por sua vez, quatro fortes botaréis em forma de mísulas invertidas, construídas, posteriormente, para reforço da abóbada.

“Por cima dos três portais, dispõem-se outros tantos nichos, emoldurados por áticas, resquícios do maneirismo de S. Vicente de Fora.

“O vestíbulo, enriquecido por uma planta curvilínea, tem, como peça principal, o magnífico portal de acesso ao corpo da igreja, ladeado por colunas espiraladas de mármore rosado, com capitéis inspirados na ordem compósita, encimado por composição escultórica

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

centrada pelas armas reais. Ayres de Carvalho pretende adivinhar, na sua execução, a colaboração de Claude Laprade. É também bom trabalho escultórico, os baixos-relevos com o busto da Mártir, sobrepostos aos pórticos laterais.

“O barroquismo do monumento é mais acentuado no interior, onde a riqueza dos mármore coloridos que revestem as paredes de alto a baixo, o movimento e saliência das cornijas e uma procurada valorização dos espaços, pela alternância de jogos de luz e sombra, anuncia as sumptuosidades dos interiores joaninos.

“Uma espaçosa rotunda, destinada a receber um altar de quatro faces [colocado de baixo de um baldaquino] que não se chegou a construir, forma o centro de quatro profundos nichos rasgados a toda a altura das paredes, rematados, superiormente, por abóbada em quarto de círculo. Nas paredes destes nichos abriram-se uma série de capelas, divididas por pilastras com capitéis compósitos que se conservaram vazios até às modernas obras de restauro.

“O monumento delineado para ser coroado por grande cúpula central, permaneceu inacabado, parando as obras na altura da cimalha, por razões que nunca foram esclarecidas. Assim se conservou abandonado, durante longos anos, adaptados a fins que nada tinham a ver com o seu destino. Só modernamente foi encarado o seu acabamento e restauro, tendo-se construído então a cúpula com tambor, que, aliás, não parece ter valorizado o monumento, lajeado o chão, colocadas esculturas nos nichos vazios, e urnas de mármore, dedicadas a grandes figuras da nossa história, nos altares, etc., segundo um critério muito discutível.”



Fig. 26 – Igreja do Panteão de Santa Engrácia: baixo-relevo com o busto de Santa Engrácia (in Carvalho, 1971: 197)



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 1816 o Principal Silva mandou tirar uns desenhos dos retábulos das capelas, que eram trabalhos do arquitecto Honorato José Correia. Nessa época continuaram as obras por algum tempo, colocando-se no seu lugar toda a cantaria, que estava lavrada; e depois tornaram a parar as obras por falta de recursos pecuniários.

Se se tivesse completado o projecto, ficaria com 4 torres e o zimbório ao centro. Este colossal edifício é grandioso. Nele se gastaram centos de centos de réis.

Classificado como Monumento Nacional por Decreto de 16 de Junho de 1910 (cf. Decreto nº 251/70, de 3 de Junho).

Em 1963 foi construído um zimbório.

“Inaugurado como Panteão Nacional em 1966 (este destino tinha-lhe sido conferido pela lei de 29 de Abril de 1916), foram para ali transferidos os túmulos dos escritores e poetas e dos presidentes da República que se encontravam nos Jerónimos (com excepção do túmulo de Alexandre Herculano), constituindo-se com eles, duas secções distintas, o Panteão dos Escritores e o Panteão dos Presidentes, cada um ocupando seu torreão.” (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 190.

## Bibliografia

CARVALHO, Armindo Ayres de – *D. João V e a Arte do seu Tempo: As memórias d'el rey D. João V*. Tomo II. s.l.: Edição do Autor, 1962.

CARVALHO, Armindo Ayres de – *As obras de Santa Engrácia e os seus artistas*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1971.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DO RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO E CARMO

Século XVIII [1704]

Estava no sítio de Rilhafoles, da freguesia de Nossa Senhora da Pena.

Deu-lhe princípio uma devota mulher, chamada Isabel Francisca no ano de 1704, dirigida pelo padre jesuíta Álvaro Cienfuegos, que depois foi cardeal, e tinha vindo a Lisboa por confessor de Carlos III, pretendente ao trono de Espanha.

Foram-se agregando outras devotas, e tão afectas ao recolhimento, que em véspera de Natal de 1738 começaram a rezar em coro o ofício de Nossa Senhora; e em 24 de Março de 1740 obtiveram licença do eminentíssimo cardeal patriarca para se vestirem com o hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de que ainda usavam pelo menos até 1763.

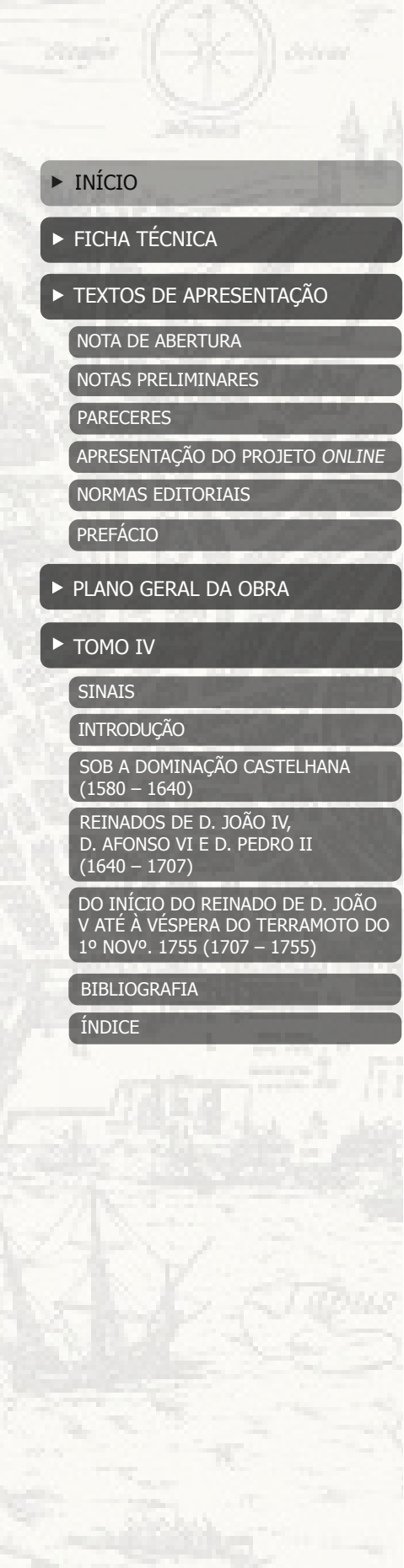
De tal forma se foram aplicando à perfeição religiosa, que pela Páscoa de 1742 deram princípio a rezar coralmente as Horas Canónicas, e com tanta regularidade o passaram a executar, que parece o seu coro e canto de uma comunidade mais observante da perfeição do culto divino. Resplandeceu este não menos no asseio da sua igreja, que benzendo-se em 6 de Dezembro de 1746, e colocando-se nela a 4 de Fevereiro de 1748 o diviníssimo Sacramento com grande festividade, em cujo dia fez pontifical o arcebispo de Lacedemónia D. Joseph Dantas Barbosa, se celebram nela todas as suas festas com singular decoro e grandeza.

Persuadido o Papa Benedicto XIV da grande edificação com que estas Recolhidas viviam, lhes fez a graça em Janeiro de 1758 de poderem trazer véu preto, como se fossem religiosas professoras.

O pequeno dano que lhes causou o terramoto, já se achava restaurado em 1763 (vd. Castro, 1763: tomo III, 405).

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 6. CAPELAS

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Ø CAPELA DOS CASTROS

Século XVII [1648]

Nos claustros do Convento de São Domingos de Benfica.

A Capela foi fundada pelo bispo Dom Francisco de Castro, filho de D. Álvaro de Castro e de Dona Anna de Ataíde, teve por avô paterno o grande D. João de Castro, 4º Vice-Rei da Índia. Nasceu em 1574 e faleceu em 1652. Da sua vida exemplar nos fala o autor da *História de São Domingos* (Cacegas e Sousa, 1662: 101-103v).

Com propriedade se pode dizer que esta Capela forma, no Convento de Benfica, um outro Convento: pois não só compreendia em si quanto pode uma perfeita igreja, mas acompanhada pelo lado direito e amparada por detrás com um dormitório de dois lanços, que ocupavam vinte celas, e mais oficinas, compõem uma Casa de Noviços, que quer parecer novo e distinto edifício. Pela parte esquerda da dita Capela, está ajudado de um palácio com aposentos e oficinas necessárias para hospedar um Senhor com a família de seu serviço<sup>LXXXVI</sup>; e é rodeado de jardim com cerca particular, regado de um grande tanque...

A obra da Capela é dórica, a proporção dupla, com 40 palmos de largo [8,80 m] e mais de 70 de comprimento [= 15,40m]. é de uma só nave de pedraria brunida, o lajeamento de pedras de cores, também brunidas; funda-se a mais arquitectura dela em um proporcionado pedestal, que em torno a circunda interiormente. Tem seis arcos com pilares interpostos sobre bases; capitéis e cimalkas também em torno, com seis janelas. A porta principal tem-na no claustro do Convento, e sobre ela pende um escudo relevado das armas do Fundador. O tecto, depois de coroado com a cimalka, é também de pedraria, apainelada com artesãos e molduras. Os dois primeiros arcos, dos seis que a compõem, ficam nos Presbitérios: no da parte do evangelho está uma porta, que dá serventia para a Tribuna, e aposentos do Fundador; no outro da parte da epístola, outra para o serviço da Sacristia. Os outros quatro arcos são ocupados por quatro sumptuosas sepulturas, de pedras de cores lustradas, sustentadas por elefantes de pedras negras<sup>LXXXVII</sup>.

No primeiro arco, que fica junto ao Presbitério da parte do evangelho, está a sepultura de D. João de Castro, com o seguinte epitáfio:

“D. Ioannes de Castro XX. Pro Religione in vtraque Mauritania stipendijs factis, nauata strenue opera Thunetano bello foelicibus armis penetrato: debellatis inter Euphratem, et Indum nationibus: Gendrosico Rege, Persis, Turcis vno praelio fuis: seruato Dio, imo Rei-publicae reddito, dormit in magnum diem, non sibi, sed Deo triumphator: publicis lachrimis

LXXXVI A zona de habitação contígua à capela, também construída por D. Francisco de Castro, destinou-a ele a residência dos inquisidores gerais (Vale, 1996: 150).

LXXXVII Além dos túmulos, decalcados evidentemente das urnas funerárias da igreja do mosteiro dos Jerónimos, a capela exhibe um retábulo-relicário maneirista executado cerca de 1644, porventura desenhado pelo arquitecto Marcos de Magalhães e entalhado por Jerónimo Correia (Lameira, Loureiro e Vechina, 2015:111).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

compositus, publico sumptu prœ paupertate funeratus: obiit Octauo Id. Iunij. Anno 1548. Ætatis 48.” (in Cacegas e Sousa, 1662: 104).

No arco seguinte, estão os ossos de Dona Leonor Coutinho, sua mulher.

Da parte da epístola, em o arco que responde ao da sepultura de Dom João de Castro, está a de Dom Álvaro de Castro, seu filho, com o epitáfio seguinte:

D. Aluarus de Castro, Magni Ioannis primogenitus, cui pené na infantia discriminum socius pugnatum prœcursor, triumphorum Consors, œmulus fortitudinis, hoeres virtutum, non opum: Regum prostrator, et restitutor in Sinai vertice eques foeliciter inauguratus: a Rege Sebastiano Summis Regni cuctus honoribus; bis Romœ, semel Castellœ, Gallicœ, Sabaudioœ, legatione perfunctus, obiit 4. Kalend.Septemb. Anno. 1575. Ætatis suce 50. (in Cacegas e Sousa, 1662: 104v)

Logo no outro arco junto a este está Dona Anna de Ataíde, mulher do mesmo D. Álvaro. No vão desta Capela se fez um carneiro, com seis arcos de pedraria, em um dos quais há altar para se dizer Missa, e os mais têm repartimentos para os ossos e corpos dos defuntos.

Sobe-se do pavimento desta Capela por seis degraus entre dois presbitérios, nos quais estão as sepulturas do Fundador, e sua irmã. A sepultura do Fundador é da parte do evangelho, com o epitáfio que se segue:

D. Franciscus á Castro, Episcopus olim Ægitanensis, hujusce Sanctuarij, ac interioris Cœnobij fundator, hunc sibi, dum viueret, tumulum posuit, in quo et requiescet post mortem (in Cacegas e Sousa, 1662: 104v).

A sepultura da irmã, da parte da epístola, tem este epitáfio:

D. Violante de Castro Cometissa relictæ vidua Domini Alfonsi de Noronha, Comitiss Odomirensis hic quiescit, obiit XIV. Kalendis Iulij, anno Domini DC.XXXXVI. Sorori optimæ, seu verius matri, Frater amantissimus dedit, posuit. (in Cacegas e Sousa, 1662: 104v-105).

Sobre estes degraus está o altar de jaspes brunidas, apartado do retábulo; e por detrás situa-se o Coro, a que se entra por entre dois pedestais de jaspes brunidas, de 13 palmos de alto, 9 de largura, 11 de grossura [2,86 X 1,98 X 2,42m].

No frontispício dos pedestais está escrita a instituição da capela:

Ad maiorem ineffabilis Eucharistiæ venerationem, peculiarem Deiparæ Virginis do Rosario honorem: indiuiduam Patriarchæ Dominici, Martyrum Nazarij, Celsi, Victoris, ac Innocentij confessoris memoriam, œdem hanc in penetralibus Sacrationem Erexit, Condidit, Dicauit D. Franciscus á Castro Episcopus olim Ægitanensis, Regis, ad status concilia adsidens, rerum fidei moderator supremus. Anno Domini.M. DC.XLVIII. (in Cacegas e Sousa, 1662: 105).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

BARBOSA, Inácio de Vilhena – “Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito) – A capela dos Castros”. *Archivo Pittoresco*. vol. VI, nº 13, 1863, pp. 97-99.

CACEGAS, Fr. Luis de e SOUSA, Fr. Luis de – *Segunda Parte da História de S.Domingos particular do reino e conquistas de Portugal por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica*. 2ª edição. Lisboa: Officina de António Rodrigues Galhardo, 1662.

FERREIRA, Jorge M. Rodrigues e BISCAIA, Carlos – *São Domingos de Benfica: Roteiro*. Lisboa: Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 1990<sup>51</sup>.

<sup>51</sup> Insere 3 fotografias do interior da Capela dos Castros; claustro do antigo Convento de São Domingos de Benfica, que dá acesso à Capela dos Castros; fachada principal da Capela dos Castros.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Ø CAPELA DE SANTA BÁRBARA, NO CASTELO

Século XVII (fins) ou XVIII (antes de 1707)

O primeiro Rei deste Reino, D. Afonso Henriques, mandou fazer em seus Paços, no Castelo de São Jorge, uma igreja em honra do glorioso arcanjo São Miguel; parece que ainda assim era designada nos fins do século XVI, como diz Frei Belchior de Santa Anna, referindo-se ao ano de 1589. Tinha então “um retábulo lindíssimo do glorioso São Miguel, Coro com suas cadeiras, uma Sacristia, outro aposento, e um Claustro mui fermoso, cheio de laranjeiras e loureiros” (vd. Santa Anna, 1656: vol. I, 271, apud Castilho, 1936: vol. IV, 39).

A essa capela, mais tarde, deram-lhe a invocação de Santa Bárbara. Já como tal era conhecida em 1707, quando se publicava o *Santuário Mariano*, que a descreve (vd. Santa Maria, 1707: vol. I, 273-274).

Bluteau, no seu *Vocabulário* (termo “Pobreza”), assim lhe chama também, ao tratar da imagem de Nossa Senhora da Pobreza, venerada em Santa Bárbara do Castelo: “Tem umas coroas de folhas de Flandres, já tão comidas da ferrugem, que pela decência se lhe deviam tirar; mas contentar-se-á com elas a Senhora, para maior demonstração do muito que ama o seu título.(...) Também se poderia dizer que com esses ornatos se quer a Senhora mostrar amiga e protectora dos pobres”. Vd. Castilho, 1936: vol, IV, 39-40.

### Bibliografia

BLUTEAU, Raphael – *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, 10 vols..

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. IV. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1936.

SANTA ANNA, Fr. Belchior de – *Chronica de Carmelitas Descalços, particular do Reyno de Portugal e Provincia de Sam Felipe*. Tomo I. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1656.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Vol. I. Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galrão, 1707.



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

## 7. SÉ DE LISBOA NO SÉCULO XVII †

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

† **A SÉ DE LISBOA – 7ª****1. OBRAS NO SÉCULO XVI**

“Desde o governo do Arcebispo Afonso Furtado de Mendonça (1627 a 1630), até ao do cardeal-arcebispo D. Luís de Sousa (1676 a 1702), houve na Sé períodos de grande intensidade de obras. Este último prelado, dos mais faustosos que estiveram à testa da diocese, foi provavelmente um dos que mais concorreu para grandes modificações no edifício.

Neste período devia ter sido feita a instalação de um altar com mármore florentino ou de embutidos, na capela de N.ª S.ª da Piedade, ou da Terra Solta, na ala oriental do claustro, e a construção da actual sacristia (ou somente o seu andar térreo?), mas esta posteriormente ao ano de 1650, pois que ainda se não vê representada na planta de Lisboa, por João Nunes Tinoco, levantada nesse ano.

Foi mudado o muro superior, com a rosácea, do corpo central entre as duas torres, do sítio onde existia muito próximo da fachada do mesmo corpo, para a própria fachada, onde ficou com um óculo envidraçado e duas vulgares janelas de sacada, dando para uma mesquinha varanda.

Por baixo modificou-se o arco do átrio românico, adaptando-se sobre ele, e ocultando-o, um novo portal, no estilo da época, com portões de ferro.

Construiu-se o adro de cantaria, com a disposição que chegou aos nossos dias. Modificou-se a arcada do trifório, no estilo clássico, e adaptaram-se, nas antigas capelas góticas da ala norte do claustro, as novas capelas ainda agora existentes, que têm marcadas datas de 1631 a 1652.

Foi construído o portal do antigo paço dos arcebispos, que ainda se conserva em serviço, para entrada da Rua Augusto Rosa no recinto da Sé, assim como o pórtico da entrada lateral norte da igreja, já desaparecido; e os portais da sacristia, do camarim do patriarca, e da capela do Santíssimo, no interior da igreja, ainda existentes.

Deste período devem datar também os grandes trabalhos dos rebocos, estuques e pinturas no interior da igreja, que deram ao edifício o aspecto de um pretensioso estilo renascença [que era a imagem que oferecia a igreja até ao seu restauro, na 2.ª metade do século XX], assim como os vergonhosos pardieiros de todas as ordens, espécies e fins, no sítio da actual porta norte da igreja, que ficou vedada, sobre a capela de Bartolomeu Joanes e no seu interior, e entre os dois botaréus da torre, subindo a elevada altura, e mascarando completamente a fachada lateral norte.”(In Castilho, 1936: vol. V, 21-23).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

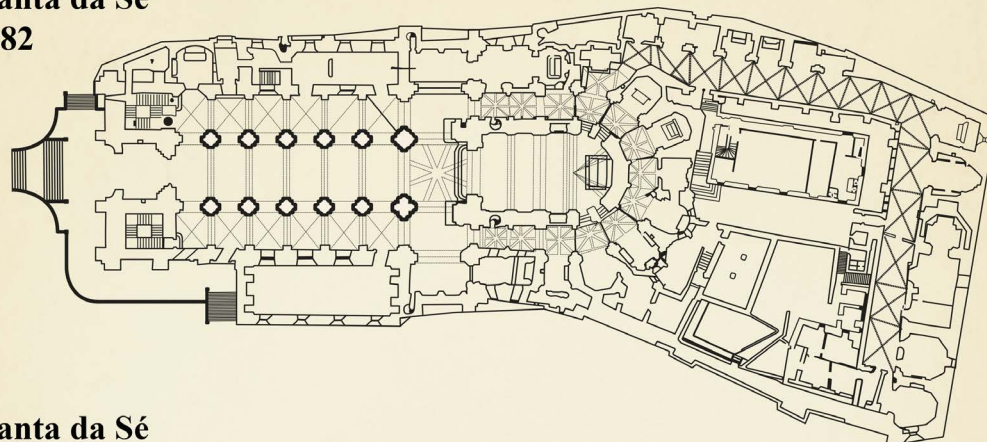
INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

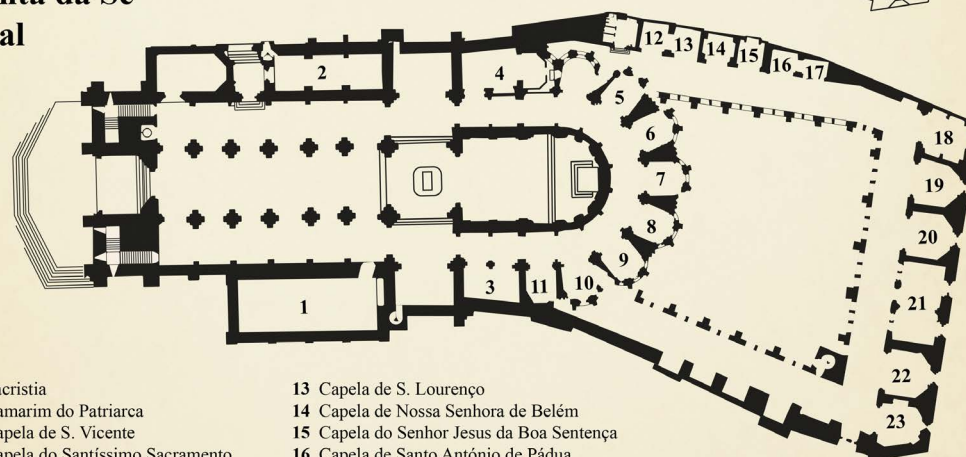
BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Planta da Sé 1882



## Planta da Sé atual



- |                                       |                                                    |
|---------------------------------------|----------------------------------------------------|
| 1 Sacristia                           | 13 Capela de S. Lourenço                           |
| 2 Camarim do Patriarca                | 14 Capela de Nossa Senhora de Belém                |
| 3 Capela de S. Vicente                | 15 Capela do Senhor Jesus da Boa Sentença          |
| 4 Capela do Santíssimo Sacramento     | 16 Capela de Santo António de Pádua                |
| 5 Capela da Santíssima Trindade       | 17 Capela de Nossa Senhora da Tocha                |
| 6 Capela de Santa Ana                 | 18 Capela de Santo Aleixo                          |
| 7 Antigo Cartório                     | 19 Capela de S. Miguel e Almas                     |
| 8 Capela de Santo Ildefonso           | 20 Primitiva Irmandade da Misericórdia             |
| 9 Capela de S. Cosme e S. Damião      | 21 Primitiva Irmandade da Misericórdia             |
| 10 Capela de Nossa Senhora da Piedade | 22 (?)                                             |
| 11 Capela de S. Sebastião             | 23 (Sepulturas de Estevão Rodrigues e Mór Martins) |
| 12 Capela de S. João Evangelista      |                                                    |

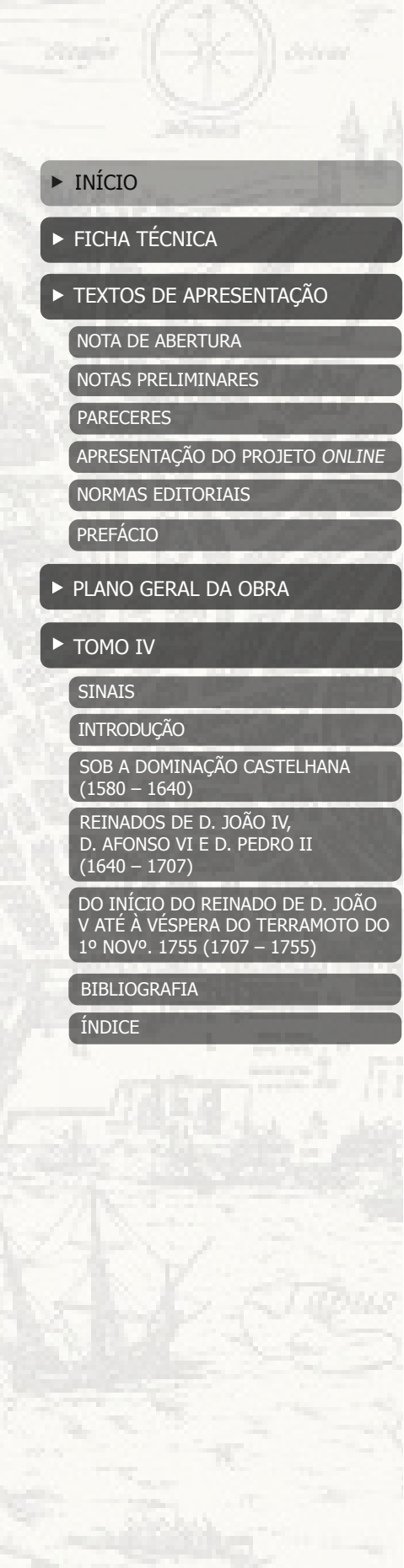
Fig. 27 – Planta da Sé de Lisboa em 1882 (A) e no seu estado Actual (B). (Arquivo da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, actual Direcção Geral do Património).

## Bibliografia

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Vol. V. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1936.

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## IV DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO 1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

**1. ERMIDAS**





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, EM BELÉM****Século XVIII [C. DE 1710]**

Era numa travessa que se chamava Travessa da Merceria (por ali serem as Mercarias da Rainha Dona Catarina, suprimidas em 1834); depois chamou-se Travessa do Mata Pintos (alcunha de João da Costa, antigo proprietário da capela); actualmente chama-se Travessa do Marta Pinto (nome que provém de ali ter vivido um músico de nome Valentim Marta Pinto).

Terá sido instituída cerca de 1710. O *Mappa de Portugal* (1763: tomo III, 213) regista que custou no século XVIII 3.500 cruzados ao Padre José da Silva Carvalho, “*clérigo secular e tio do administrador Joseph da Silva Pinto*”. A pedra veio dos outeiros de Santa Catarina de Ribamar, a 450 réis cada carrada”.

A referida capelinha, com moradia de casas e terras de horta, caiu em poder de João da Costa, por alcunha “o Mata Pintos”, e da Senhora Francisca da Silva, que ali faleceu a 14 de Outubro de 1732.

Esteve ao culto durante cerca de duzentos anos, até cerca de 1910, passando depois a funcionar como oficina de colchoaria.

Resta exteriormente um portal e uma janela de moldura simples. Maia Ataíde (Almeida, 1988: vol. V, tomo III, 178-181) deve ter pesquisado melhor e deixou-nos uma notícia muito preciosa, que transcrevemos.

Descreve a porta. “A moldura da porta, de perfil muito singelo, apresenta lateralmente estreitas pilastras com capitel; e suporta um entablamento, sobre cujo friso saliente se desenvolvem duas volutas contracurvadas, simétricas, do intervalo das quais sobe uma cruz adossada ao muro. Nas prumadas das ombreiras, um acrotério, igualmente encostado à parede, mas mais saliente do que a cruz, nasce de cada uma das volutas” (Almeida, 1988: vol. V: tomo III, 179).

Refere que, além da janela de moldura simples que se vê no exterior, há outra janela simétrica, aberta para o espaço interior do quarteirão; as duas iluminam a antiga nave.

“Pelas proporções e pelo desenho das volutas [do portal], e também pelos batentes almofadados, de boa madeira, hoje pintada a óleo, este portal, embora mais simples, recorda o da Irmandade de São José dos Carpinteiros, na Rua da Fé.

“No interior vê-se uma pequena nave rectangular, comunicando com a capela-mor por um arco de volta redonda com uma voluta no fecho. Uma cimalha saliente percorre a quadra, e dela arranca a abóbada de berço perfeito, arruinada, mas ainda erecta. Um lambril de dez azulejos de altura, relativamente bem conservado, forra toda a nave. Trata-se de uma guarnição de tapete, azul sobre branco. Dum padrão que vem do século anterior, com barras de dois azulejos de largura, e que deve ser contemporâneo da construção do templo. Junto à porta [no interior] vê-se ainda a pia de água benta; e, na face oposta, encastrada acima do lambril, conserva-se a base do púlpito. A capela-mor, de planta aproximadamente quadrada,

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

é acusada, exteriormente, por uma guarnição de merlões terminados em diedro” (Almeida, 1988: vol. V, tomo III, 179-180).

Não nos diz Maia de Ataíde nada sobre o púlpito, o retábulo, a sacristia, e as imagens: certamente desapareceram. E também não nos esclarece sobre o portal principal (que ficaria voltado a sul, para o lado do Tejo): o portal subsistente era lateral. A não ser que fosse o único portal...

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

ALMEIDA, D. Fernando (Dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo III. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1988 [Nesta obra, veja-se também o desenho do portal (p. 179) e a estampa CXXXI (lambril de azulejo)].

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionário historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> – Editores, 1909.

SANCHES, José Dias – *Belém e Arredores através dos tempos*. Lisboa: Livraria Universal Editora, 1940.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DO SENHOR JESUS DA BOA MORTE****Século XVIII [1736]**

Foi projectada por Eugénio dos Santos.

A Ermida estava integrada no Hospício dos Congregados da Caridade, que pertencia à Ordem dos Monges Descalços de São Paulo, cujo princípio remontava a 1710, no eremitério das Covas de Monfurado de Santiago do Escoural, em Montemor-o-Novo. Estes vieram depois para Lisboa; e, com a ajuda do Infante D. António, fundaram o dito Hospício dos Congregados da Caridade, em 1736. Foi fundador o irmão António dos Santos. Vd. Castro, 1763: tomo II, parte III, cap. 3, § XIX. e tomo III, 295 que também fala desta capela.

Situava-se no local do prédio que esquina da actual Rua Possidónio da Silva para a Rua do Patrocínio.

Pouco sofreu com o terramoto de 1755. Foi sede de paróquia entre 11 de Fevereiro de 1770 e 23 de Janeiro de 1780, por se ter trasladado para aí a paróquia do Santo Salvador da Mata, com o título de Senhor Jesus da Boa Morte; pela reforma paroquial de 1780, foi extinta a freguesia do Senhor Jesus da Boa Morte e o seu território foi distribuído pelas freguesias de São Pedro em Alcântara, Nossa Senhora da Lapa, e Santa Isabel.

Profanada após a extinção das Ordens Religiosas, em 1834, foi a ermida incorporada nos bens do Estado; os frades foram distribuídos por outras residências da cidade. Em 1835 foi retirada a escadaria de pedra da igreja e a memória do cruzeiro. Finalmente foi demolida. O edifício foi em seguida vendido e parte dele derrubado. Em 1898 foi adquirido pelas Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, que o adaptaram para Colégio de raparigas, com o nome de Instituto do Patrocínio. Nele passou a servir de igreja a antiga Casa do capítulo da Comunidade. Em 1936 foi alugado pela Assistência Infantil de Santa Isabel, permanecendo no entanto Internato de Raparigas.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

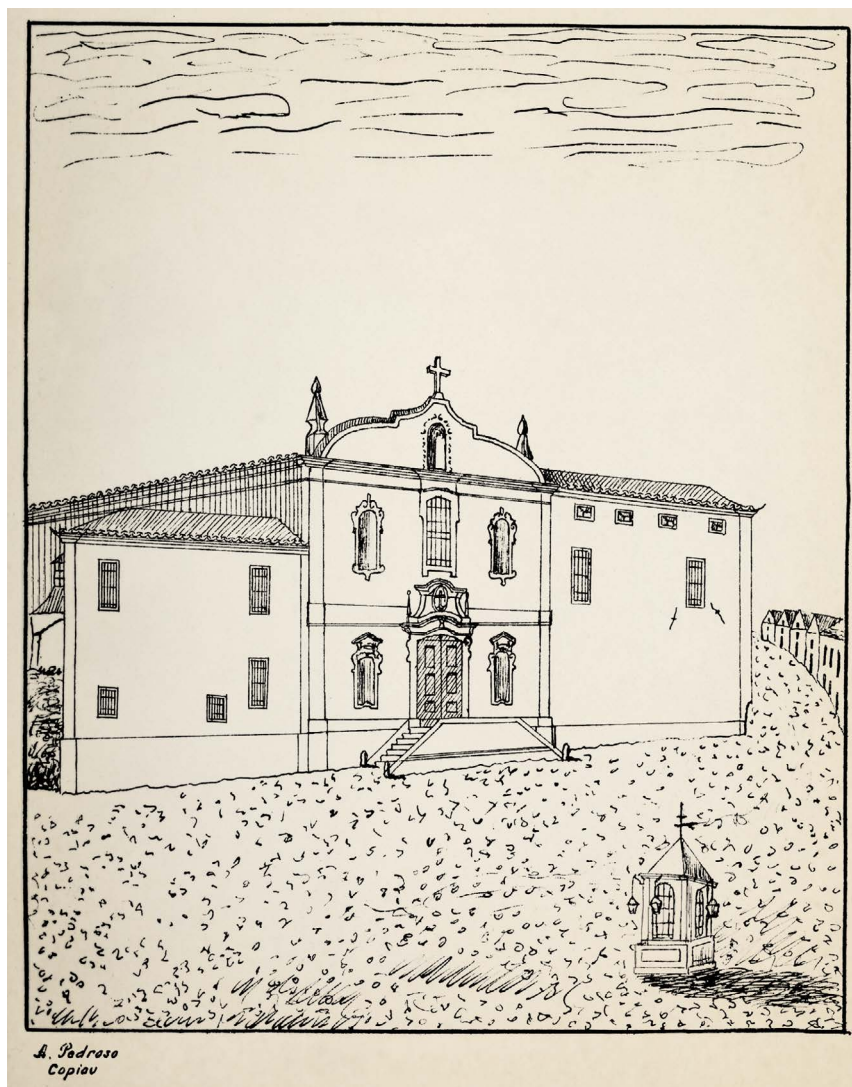


Fig. 26 – Igreja do Senhor Jesus da Boa Morte, em 1833 (in Pereira, 1927: 113)

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo II. Parte III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, pp. 90-91 e tomo III. Parte V.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ☉ ERMIDA OU CAPELA DE NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS E DOS HOMENS

Século XVIII [1749]

“A ermida de Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens era pertença da chamada quinta de Santo António, que fora de José Ribeiro de Oliveira, Escrivão da Tenência Geral de Artilharia”. “Fora construída em 1749, a expensas do Beneficiado Luís António da Costa Pêgo, auxiliado pelas esmolas dos fiéis e dotada depois pelo proprietário do terreno, que o veio a ceder para tal fim, inaugurando-se no dia 7 de Setembro desse ano [1749]. Foi soleníssima a festa de inauguração. A formosíssima imagem foi benzida pelo Arcebispo de Lacedemónia, e no dia seguinte esteve a capelinha exposta aos fiéis sumptuosamente adornada, rezando-se uma missa pela vida e saúde de el-rei, sendo celebrante o (já referido) beneficiado Costa Pêgo. À tarde pregou Frei João de Nossa Senhora – o gordo poeta de Xabregas, grande devoto da Virgem” (Sequeira, 1917: vol. II, 205-206).

Em 1769 foi transferida para esta Ermida a sede da Paróquia de São Mamede, cuja igreja primitiva (na encosta do castelo) fora destruída pelo terramoto de 1755; e aí se conservou até 1783, data em que a sede da dita paróquia se instalou na nova igreja (então ainda não acabada).

Vd. Igreja paroquial de SÃO MAMEDE, AO RATO

Os bens da dotação da referida Capela eram administrados por uma Irmandade de Caridade, que continuou tendo a seu cargo a Ermida depois de 1783. A Irmandade veio a extinguir-se em 1830, ficando o templozinho desamparado.

Em 1853, era tal ruína que as alfaías e as imagens tiveram de ser transportadas para a Igreja de São Mamede, que ainda estava em vias de conclusão; essas alfaías e imagens estavam em poder de Anselmo Lodi, proprietário da quinta, que desde 1843 tomava conta do templo.

As ruínas da ermida foram vendidas por 400:000 réis, em 1856, com autorização do Governo, aplicando-se esse dinheiro nas obras de reedificação da igreja paroquial.

### Bibliografia

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da – *Gabinete Historico*. Tomo X. Lisboa: Impressão Regia, 1823, p. 291.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terremoto: Subsídios para a Historia dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Academia das Sciencias de Lisboa, 1917, pp. 205-207.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE SANTO AMBRÓSIO****Século XVIII [1ª Metade?]**

Esta Ermida foi mandada fazer por Ambrósio Lopes Coelho em 1738, “poucos anos antes” da criação da paróquia de Santa Isabel (erecta em 1741). Enquanto duraram as obras de construção da nova igreja, a ermida funcionou como sede dessa paróquia até à inauguração da igreja definitiva, que foi na segunda metade do século XVIII.

Estava situada nas traseiras do convento das Trinas do Rato, integrada numa quinta existente na rua que actualmente se chama de D. Dinis. O seu fundador foi um comerciante que fez fortuna, exportando bens do Brasil para a China.

Após o terramoto de 1755, foi sede da Paróquia da Encarnação. Foi destruída no terceiro quartel do século XIX.

**Bibliografia**

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 297.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DO SENHOR JESUS DA BOA NOVA****Século XVIII [1ª METADE]**

Diz Júlio Castilho (1948: vol. I, 190). “Para diante do que é hoje o nosso Arsenal, há a ermideinha do Senhor Jesus da Boa Nova, cuja origem ignoro. Tinoco omite essa ermida na sua preciosa planta, o que me faz crer que não existia em 1650. A elegante frontaria deste sacello, meio escondida e afogada atrás da rampa da calçada Nova do Museu de Artilheria, é de ordem jónica. Delineou-a o Major Manuel da Costa de Negreiros, arquitecto do tempo de el-rei D. João V [vd. Machado, 1823: 206] Mas é preciso notar que este artista apenas reedificou uma ermida mais antiga que por ali se erguia, transportando-a da banda do mar para o sítio onde está hoje; concluiu-se a obra em 1748 [cf. Conceição, 1750: 207].

A ermida que foi poupada pelo terramoto constitui “o primeiro exemplar genuinamente barroco e borrominiano (...) A sua fachada, com um grandioso portal e um imponente frontão curvilíneo onde se destaca o campanário, completa-se com um corpo anexo lembrando um solar seiscentista (...) O seu interior, completamente adulterado encontra-se em ruína confrangedora” (Almeida, 1973: vol. 5, tomo I, 75)



Fig. 29 – Igreja do Senhor Jesus da Boa Nova (in Castilho, 1948: vol. I, 190)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (Dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo I. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1973, pp. 74-75.

CASTILHO, Júlio de – *A Ribeira de Lisboa: Descrição Histórica da Margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*. 3ª edição revista e ampliada pelo autor e com anotações de Luiz Pastor de MACEDO. Vol. I. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1948.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

CONCEIÇÃO, Fr. Apolinário da – *Demonstraçam historica da primeira, e real parochia de Lisboa de que he singular patrona, e titular N. S. dos Martyres*. Tomo I. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1750 [Só o 1º Tomo foi publicado].

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES****Século XVIII [?]**

O *Mappa de Portugal* (Castro, 1763: tomo III, 298) menciona a Ermida de “Nossa Senhora dos Milagres, que fundou Manuel Jesus na Travessa dos Ladrões” (vd. Freguesia de Santa Isabel).

Sabe-se, por uma inscrição colocada sobre a porta, que foi reformada em 1753 e 1783.

A talha e os azulejos que decoram o seu interior são, na realidade, dos finais de Setecentos ou já dos inícios de Oitocentos. Porém, algumas pinturas que ali se vêem, como duas tábuas com “Milagres de Santo António”, remontam ao século XVI (vd. *Almeida, 1988: vol. V, tomo III*, 54-55, notícia assinada por I. M., i. e., Irisalva Moita).

**Bibliografia**

ALMEIDA, D. Fernando (Dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo III. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1988.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ☉ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Século XVIII [antes 1755?]

Era no sítio de Rilhafoles, uma barraca por modo de ermida que se levantou na quinta de casas, em que residiam os reverendos doutores Ignacio Barbosa Machado e seu irmão Diogo Barbosa Machado.



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

## 2. IGREJAS PAROQUIAIS

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA PENA****Século XVII/XVIII: [início: século XVII; consagrada em 1705; capela-mor 1714-1720]**

1. A Paróquia, que primeiramente se chamou de Sant'Ana, foi criada pelo cardeal D. Henrique entre 1564 e 1570, e instalada na igreja do Convento de Sant'Ana.

Não estamos documentados sobre o que sucedeu à Paróquia durante o último terço do século XVI e durante todo o século XVII; nem como foi iniciada a edificação da igreja no século XVII.

2. No dia 25 de Março de 1705 a igreja foi consagrada, ainda sem capela-mor. Um autor contemporâneo da sua inauguração, A. Carvalho da Costa (1712: vol. III, 411-417) diz que é igreja de uma só nave, com a porta principal para o Nascente, e outra para o Norte. Diz que tinha seis capelas, além da capela-mor: que são a de Santa Catarina, a de Santo António, a de Santo Agostinho (estas três, da banda da epístola); e a de São Miguel, a de Jesus, e a de São João Baptista (estas, da banda do evangelho). Tinha então três capelães: dois das almas, e quatro do Senhor. Um cura, da apresentação dos arcebispos, com 350: réis de renda; e um tesoureiro com 120:000 réis.

**A nave única** é de planta rectangular, sem transepto diferenciado e está coberta por tecto abaulado de quatro panos. Os seus alçados laterais, de dois andares separados por cornija simples, compreendem três arcos equidistantes, de volta plena e molduração singela, encimados por tribunas iluminantes. Cada um destes arcos abriga um altar, sendo que o terceiro, do lado do evangelho, dá entrada a uma pequena capela, que foi do Santíssimo (vd. Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 121-122).

A pintura do tecto da nave - que amplia cenograficamente o espaço aparente da dita nave - é uma composição arquitectónica de grande estilo que serve de moldura a um quadro de altar que representa a Coroação da Virgem. É incerta a autoria deste tecto: por vezes é considerado o primitivo, de António Lobo († 1719); mas o testemunho dos cronistas afirma-o posterior ao terramoto. A moldura arquitectural é atribuída a Luís Baptista (c. 1726-1785), pintor secundário dos finais de Setecentos: mas parece estranha tal atribuição, em face da

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

inegável boa execução e do agradável colorido. Também não deixa de oferecer dúvidas a atribuição do quadro central a Pedro Alexandrino (1730-1810)<sup>LXXXVIII</sup>.

3. Depois da sua inauguração em 1705, e durante o período do reinado de D. João V, esta igreja foi enriquecida com valiosas peças, das que sobressaem a capela-mor, os dois púlpitos, e outras notáveis preciosidades.

**A capela-mor.** Esta capela, posterior a 1705, foi construída no período joanino, tendo sido o terreno adquirido já depois da igreja consagrada. O seu retábulo principal é o primeiro dos grandes retábulos joaninos e o começo da sua construção data de 1714. Entre este ano e o de 1720, uma plêiade de mestres de maior ou menor capacidade erguem essa joia magnífica, cujo risco geral, como pensa Ayres de Carvalho, pertencerá ao provençal Cláudio de Laprade, a quem devem dar-se em especial, os modelos da figuração escultórica, sem prejuízo da intervenção de um talentoso mestre nacional, Domingos da Costa Silva, que será o autor do sacrário (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 124)<sup>LXXXIX</sup>.

“A capela-mor pode considerar-se quase intacta. Num espaço relativamente modesto, sobre planta rectangular e coberta por tecto de masseira, ela aproxima-se do ideal da capela-toda-de-ouro em que Lisboa era rica e de que, ainda hoje, nos sobram alguns exemplos. Apenas as faixas inferiores das paredes laterais são despidas de talha, sendo de admitir que, como era frequente, tenham tido revestimento de azulejo. Das grandes capelas-mores joaninas, a de Nossa Senhora da Pena, de dimensões relativamente modestas, é uma das mais belas e melhor proporcionadas.” (...) . (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 124)

“O retábulo principal da Pena é uma peça da maior importância, independentemente da sua inegável beleza, por estabelecer um cânone largamente glosado, por vezes com maior

<sup>LXXXVIII</sup> Conserva-se na igreja e suas dependências, uma apreciável colecção de pinturas (cerca de oitenta) dos séculos XVII a XIX. O programa iconográfico da capela-mor que se desenvolve no tecto e nas telas laterais, dedicado ao Triunfo da Eucaristia, é devido ao pintor Jerónimo da Silva. Estava terminado em 1720. O tecto da nave mostra uma composição monumental em perspectiva, com a Coroação da Virgem, ao centro. Pintada por António Lobo, em 1718, foi em 1781 refeita pelo pintor Luís Baptista, em colaboração com outros artistas, excluindo-se a autoria de Pedro Alexandrino de Carvalho (1730-1810), que foi apenas chamado, em 1811, para retocar a obra. Distribui-se pela nave da igreja um conjunto de telas de André Gonçalves (1685-1762), entre os quais representações de *São Pedro* e de *São Paulo*, obras de Pedro Alexandrino, e ainda muitas outras em dependências anexas; destaca-se o núcleo proveniente da igreja do convento de Santana – e mais remotamente da Irmandade do Terço do Rosário, sita na Ermida do Senhor Jesus da Boa Sorte (freguesia dos Anjos), dedicada aos *Mistérios do Rosário* e ao *Santo Terço do Rosário*. Outros quadros aqui existentes resultam de um depósito do então Museu Nacional de Belas-Artes, dos acervos dos conventos extintos (Saldanha, 1984-1988).

<sup>LXXXIX</sup> O programa iconográfico da capela-mor, contratado a 3 de Março de 1720 pela irmandade do Santíssimo Sacramento com o pintor Jerónimo da Silva, desenvolve-se no tecto e nas telas laterais, dedicado ao Triunfo da Eucaristia, segundo gravuras de discípulos de Rubens (Saldanha, 2007: 111). O tecto da nave mostra, por seu lado, uma composição monumental em perspectiva, com a *Coroação da Virgem*, ao centro. Pintada por António Lobo, em 1718, foi em 1781 refeita pelo pintor Luís Baptista, em colaboração com outros artistas, excluindo-se a autoria de Pedro Alexandrino de Carvalho, que foi apenas chamado, em 1811, para retocar a obra (Saldanha, 1984-1988).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

imponência e dimensão. Pode porém afirmar-se que nenhum outro o excedeu ou sequer igualou em leveza e graciosidade. Assenta sobre um pódio de madeira, decorado com almofadas e volutas de expressão seiscentista, numa habilíssima simulação de mármore policromo. Sobre ele desenvolve-se a base do retábulo dourado, de planta contracurvada, borrominesca, que inclui o sacrário ladeado por quatro cariátides e sustenta o trono; e em cujos extremos ressaltam duas poderosas mísulas em volutas – as dos extremos avançadas em relação às outras – sobre que assentam as colunas pseudo-salomónicas. Uma pilastra recuada acompanhada de renda vertical completa o jogo de molduras reentrantes. Aparentemente, todo o peso das colunas repousa sobre os ombros de quatro mancebos, falsos atlantes, na realidade comodamente sentados na voluta inferior de cada mísula. O arco que fecha este pórtico magnífico e se eleva em volta perfeita, desde o entablamento quebrado até ao encontro da cornija oitavada que serve de moldura à pintura do tecto, perde em unidade o que ganha em fantasia e invenção. Uma multidão de meninos, depois de escalarem as colunas, acompanham a curvatura do arco, em graciosas e imprevistas posições, surgindo por entre volutas, motivos vegetalistas estilizados e grinaldas de flores e querubins, num movimento ondulante e harmonioso. O remate arquitectónico, formado por cornija contracurvada e adosselada abriga o pelicano simbólico. Finalmente, sobre a arquitrave das colunas extremas, dois grandes anjos sobrevoam fortes segmentos de cornijas curvas

O riquíssimo revestimento dourado da capela, do risco de Domingos da Costa Silva (activo no primeiro quartel do século XVIII), prolonga-se sem descontinuidade ao longo das paredes laterais, desde a moldura do tecto até às faixas nuas inferiores já referidas. Acima destas, a composição desenvolve-se em dois andares, o primeiro dos quais se organiza a partir de sumptuosas molduras centrais de gomos, de desenho sinuoso, inscritas em oval e ladeadas por estátuas de santos e santas, apoiadas sobre mísulas concheadas e cobertas por dosséis. As pinturas, alusivas ao triunfo da Eucaristia, estão atribuídas a Jerónimo da Silva, activo no primeiro quartel do século XVIII e justamente apreciado pelo seu correcto desenho italianizante. Toda a talha é rica de pormenores decorativos e povoada de meninos enlaçados nas volutas, acompanhando os pormenores arquitectónicos ou servindo de cariátides e de atlantes. A cornija principal é interrompida pelos magníficos balcões das tribunas que, dum lado e doutro, se rasgam a meio do andar superior, ladeadas por molduras rectangulares com pinturas de autor não identificado. Por seu turno aquela cornija liga todo o conjunto e serve de moldura à pintura do tecto, em que o pano central constitui a apoteose da ideia desenvolvida mais abaixo, nos quadros de Jerónimo da Silva. Nos pendentives correspondentes aos cantos da masseira estão representados os quatro grandes doutores da Igreja Latina: Santo Ambrósio, São Jerónimo, Santo Agostinho e São Gregório Magno. A atribuição desta pintura a Bento Coelho da Silveira, falecido em 1708, é cronologicamente duvidosa. A atribuição a António Lobo (m. 1719), mais plausível, carece de confirmação.

A capela-mor de Nossa Senhora da Pena bastaria, pois, para justificar para este pequeno templo um lugar de destaque que, surpreendentemente, a maioria dos olisipógrafos lhe não tem concedido. Pela sua importância no desenvolvimento da talha dourada na sua época mais espectacular e pelo apuro da execução, ela sobreleva, a grande distância, os restantes motivos artísticos da igreja.” (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 124-126)



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**Os dois púlpitos**

Os dois púlpitos de madeira são obras primas da talha joanina, escaiolados de branco imitando o mármore. Sensivelmente iguais, ambos são rematados pela coroa real que cobre o Sol no lado do Evangelho e a Lua no lado da Epístola.

Talha dos altares da nave. É anterior também ao terramoto, portanto da época joanina.

“São certamente as talhas primitivas da igreja, embora possivelmente restauradas, o que obriga a reflectir sobre o grau de destruição que lhe causou o sismo, no qual, contudo, se perderam as molduras entalhadas por Santos Pacheco e que deviam cobrir os espaços deixados livres pelos arcos e tribunas da nave.

Nos altares laterais, os retábulos são de pórtico de volta redonda, de molduras reentrantes formadas por colunas pseudo-salomónicas torsas, decoradas com pânpanos e fénices e coroadas por capitéis de inspiração coríntia. As bases das colunas assentam em cornijas sustentadas por mísulas de volutas, recobertas com folhas de acanto. Sobre o entablamento descansam as arquivoltas torsas, decoradas como os fustes das colunas e ligadas por três volumosas aduelas esculpidas. Estes serão os retábulos mais antigos, como o mostra a sua expressão ainda seiscentista. Porém, na capela do lado do Evangelho que foi do Santíssimo, fechada por grade de madeira dourada, o retábulo, claramente da segunda metade do século, caminha para uma concepção neoclássica e responde à tendência do retábulo pombalino organizado como moldura de uma pintura de altar. Nos altares da cabeceira sobrepujados por tribuna, que ladeiam a capela-mor e estabelecem a transição estilística para o grande retábulo principal, aparece a figura humana, sobre a forma de anjos, meninos e querubins. É bem a talha joanina que evolui para a explosão triunfal do altar-mor. Logo no envasamento aparecem dois anjos policromados que, no lado da Epístola, ladeiam um sacrário. Nas mísulas surgem atlantes infantis; e querubins sustentam as volutas. Aqueles reaparecem escalando os fustes torsos das colunas, uma por banda, enquanto estes ornamentam o friso da arquitrave. Mas é no remate do retábulo que o novo estilo se insinua, na fantasia elaborada do arco, projectado como dossel e fechado por escudete, ornamentado; e na presença, sobre o entablamento, de dois anjos também policromados.” (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 123-124).

(…)

**Pintura**

“A pintura, distribuída em três andares pelas paredes da nave – algumas cópias e quadros originais –, é de merecimento relativo e de difícil observação. Destacam-se, no andar inferior, as imagens em tamanho natural de S. Pedro e S. Paulo, de André Gonçalves (1692–1762) e a Ceia, na antiga capela do Santíssimo, ao gosto de Pedro Alexandrino. Da mesma oficina poderão ser os quadros que se encontram no corredor atrás referido, representado Nossa Senhora das Dores e o Apóstolo S. João, de tamanho natural e que terão pertencido a um calvário.

Uma excepção do maior interesse tem que abrir-se para uma excelente pintura sobre madeira, colocada à entrada da nave, à direita olhando o altar-mor. Trata-se de uma bela

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

representação de São João Evangelista, que, também inexplicavelmente, tem passado muito despercebida. O vermelho vibrante das vestes do Apóstolo desenha-se contra um fundo de paisagem finamente tratada. Ao alto paira a hidra apocalíptica. Além da inegável qualidade da pintura, possivelmente do século XVI precoce, há nela pormenores iconográficos que lhe conferem carácter singular, a confirmar-se a sua atribuição a uma escola portuguesa. Trata-se, de qualquer modo, de uma obra de arte valiosa, a merecer cuidadosos estudo” (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 126-127).

## Azulejaria

“Quanto à azulejaria, apesar de relativamente comum menciona-se o friso do primeiro quartel do século XVIII colocado à entrada, dum e doutro lado do guarda-vento, representando albarradas e cariátides infantis, bordado com barras de volutas. Têm mais interesse os dois painéis quadrados de azulejo de tapete com cercadura, colocados nas ilhargas exteriores da porta que liga a nave à entrada do corredor antes citado. Embora o desenho, azul sobre branco, seja de inspiração seiscentista, devem pertencer à mesma época do friso anterior. O exame da cercadura, porém, mostra que não estão no lugar primitivo.” (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 127).

(…)

## Retábulo do baptistério

“Uma peça que julgamos não ter merecido dos estudiosos qualquer referência é o retábulo do baptistério. Trata-se, com efeito, de uma obra de estuque, material pouco nobre. Nas suas linhas gerais é um pórtico de volta perfeita, inscrito noutro, em rectângulo. O conjunto termina em frontão triangular, intersectado no vértice por uma urna com flores ladeada de anjos esvoaçantes. Não só estes mas também a gramática decorativa e, sobretudo os hermes que sustentam o entablamento sobre que assenta a parte superior do retábulo, bem como o apuro de execução, fazem pensar mais uma vez em Cláudio de Laprade, que, como está provado, também trabalhou o estuque.” (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 127).

Imagens. Entre elas, ressalve-se a grande e bela imagem de Nossa Senhora da Conceição, que hoje se vê à entrada do corredor que conduz à sacristia, esculpida com largueza e atribuída a Laprade. Merece referência, pelo seu movimento barroco, a imagem de São Miguel, no primeiro altar do lado do Evangelho, da autoria de Manuel Dias († 1754), cognominado o “Pai dos Cristos”.

4. O terramoto de 1755 danificou muito a frontaria e o corpo da igreja, mas não sofreu incêndio. A reedificação foi rápida, que respeitou o seu perfil anterior.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Desde o dito terramoto até à conclusão das obras de restauro, a paróquia esteve instalada, primeiro numa ermida junto ao Colégio de Santo Antão-o-Novo (actual Hospital de São José); depois, na igreja de Nossa Senhora da Conceição, na Travessa das Recolhidas; e a seguir, na Ermida do Senhor Jesus dos Perdões, no Palácio dos Mitelos.

A igreja foi reaberta em 1763, embora sem estarem concluídas as obras; faltando-lhe a torre, a fachada rebocada, e as decorações interiores.

“A fachada, posterior ao Terramoto e que seria em H na tradição de São Vicente de Fora, ficou truncada na torre sul, ao nível da cimalha. O seu corpo central com três janelões, onde avulta o elegante portal tardo-barroco, cujo tímpano abriga um delicado busto de Nossa Senhora da Pena em medalhão oval, termina por frontão híbrido, de remate triangular. Mas nem o portal nem a molduração dos janelões alteram o aspecto geral desta fachada simples, assim como a decoração interior não consegue mascarar a sobriedade da planta e dos alçados.” (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 121).

“Finalmente, à entrada da escada que conduz ao andar superior, sobre um pedestal, encontra-se um famoso fragmento de mármore de um medalhão da fachada, que representa uma figura feminina jovem. O perfil do óculo e a delicadeza do cinzel lembram o estilo de Nicolau de Chanterene. De qualquer forma trata-se de uma peça quinhentista, verosimilmente do segundo quartel do século” (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 128).

5. A igreja foi profanada em 1910; só reabriu ao culto depois de 1926. Sofreu entretanto reparações e acrescentamentos no século XIX, nomeadamente em 1833 e 1898; e também em 1903.

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (Dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo II. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975.

CARVALHO, Armindo Ayres de – *D. João V e a Arte do seu Tempo: As memórias d'el rey D. João V*. Lisboa. Edição do Autor, 1962.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO – 1ª****Século XVII/XVIII [1ª pedra: 1698; inauguração: 1708] → † 1755**

A Paróquia de Nossa Senhora da Encarnação é a sucessora, em território, da Paróquia de Nossa Senhora do Loreto dos Portugueses, fundada pelo Cabido da Sé em 2 de Janeiro de 1551 na Igreja do Loreto dos Italianos. Desta igreja transitou em 1651 para a Ermida de Nossa Senhora do Alecrim; depois para a Igreja do Convento da Trindade; voltou para a do Loreto em 1676; e de novo para a Ermida do Alecrim em 1679.

No local fronteiro à Igreja de Nossa Senhora do Loreto, no sítio das Portas de Santa Catarina, mandou a Condessa de Pontével, Dona Elvira Maria de Vilhena, construir uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Encarnação. A primeira pedra foi lançada em 4 de Junho de 1698; e a igreja ficou concluída em 1708, tendo-se feito a inauguração em 9 de Setembro desse ano, durando as festas oito dias consecutivos, sempre com o Santíssimo exposto.

A Condessa tinha sido mulher de D. Nuno da Cunha Ataíde, Conde de Pontével, Governador das Armas da Província da Beira e Embaixador na Corte da Grã Bretanha. Achan-do-se viúva e sem filhos, a Condessa empregou os seus bens na fábrica da igreja, para servir de paroquial. Lançou a primeira pedra o Cardeal D. Luís de Sousa, Arcebispo de Lisboa; e benzeu-a em 8 de Setembro de 1708 o Arcebispo de Évora, D. Simão da Gama. Nesse dia o Santíssimo Sacramento foi levado em procissão da Ermida de Nossa Senhora do Alecrim, que servia de Paróquia. Ainda vivia a fundadora, que enriqueceu a igreja com uma majestosa custódia de prata e outras muitas peças e ornamentos<sup>52</sup>.

A fundadora, que jaz sepultada na mesma igreja, ficou com o direito de apresentar, em sua vida, a Vigairaria, que rendia nessa época 500:000 réis; tinha três Coadjuutores, que teriam de renda cada um mais de 100:000 réis.

A Paróquia ficou com o mesmo território que tinha, mas mudou o seu título para a invocação de Nossa Senhora da Encarnação. Na altura contava com 1500 vizinhos, e umas 6000 pessoas, que se distribuíam pelas ruas seguintes:

Rua Direita do Loreto, rua Larga de São Roque, rua das Gáveas, rua do Norte, rua dos Calafates, rua da Barroca, rua da Atalaia, rua da Trombeta, rua da Rosa do Carvalho, aonde partia com a freguesia das Mercês, rua dos Mouros, rua do Teixeira, travessa dos Capuchos,

<sup>52</sup> O Gabinete Histórico, de Frei Cláudio da Conceição (1820: tomo VII, 86-87) dá a seguinte notícia: "A 31 de Dezembro [de 1718] faleceu em Lisboa a Condessa de Pontével Dona Elvira Maria de Vilhena, mulher do Conde Nuno da Cunha Ataíde, Governador das Armas da Província da Beira e Embaixador na Corte da Grã-bretanha. Despendeu esta Senhora em obras pias uma grande parte dos seus bens, entre eles foi o edificar à sua própria custa a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Encarnação da Cidade de Lisboa, onde se colocou pela primeira vez o Santíssimo Sacramento no dia 8 de Setembro de 1708, levado em procissão da Ermida de Nossa Senhora do Alecrim, que servia de Paróquia. Jaz sepultada na mesma igreja"

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

travessa da Boa Hora, travessa da Água de Flor, travessa do Relógio, travessa da Queimada, travessa do Poço da Cidade, travessa dos Fiéis de Deus, travessa da Espera, travessa das Salgadeiras, rua da Horta Seca, rua de Brás da Costa, travessa do Conde, rua do Alecrim, rua das Flores, rua da Ametade, ruas das Parreiras, rua do Hospital das Chagas, calçadinha das Chagas (vd. Costa, 1712: vol. III, 473).

Desta igreja pouco sabemos; e dela pouco nos resta: no portal central, o baixo-relevo representando o mistério da Encarnação; as duas imagens de pedra, de Nossa Senhora do Loreto e de Santa Catarina, que até 1707 adornavam cada uma das faces da Porta de Santa Catarina, da Cerca de D. Fernando.

Carvalho da Costa (Costa, 1712: vol. III, 473) classifica esta igreja de “sumptuosa”. Era de uma só nave, com quatro capelas da parte do evangelho, e outras tantas da parte da epístola, mais duas colaterais. A capela-mor dispunha de excelente tribuna. Tinha três portas, uma para o Poente, outra para Nascente, e a principal para o Norte.

O terramoto de 1755 fez ruir parte do templo; e o incêndio que se seguiu acabou de o arruinar. Os serviços paroquiais e os litúrgicos passaram a efectuar-se em vários sítios:

- na igreja do Loreto, onde esteve só um dia;
- na paroquial de Santa Isabel, ainda então na Ermida de Santo Ambrósio;
- numa barraca construída nas chamadas Obras do Conde de Tarouca (no sítio do Jardim da Praça do Rio de Janeiro ou Príncipe Real);
- numa barraca no sítio do Pombal (perto do local onde está hoje o edifício da Imprensa Nacional), em Fevereiro de 1756;
- em 10 de Abril de 1756, foi transferida para a capela de São Roque, na igreja da mesma denominação;
- em 1768 foi para a Ermida da Conceição dos Clérigos Pobres, a S. Pedro de Alcântara (desaparecida cerca do ano de 1857, mas que existiu no local do 2º prédio, nº 69, da Rua de S. Pedro de Alcântara, indo da Travessa da Cara para a Rua Luísa Todi, em cujas lojas se acham um estabelecimento de antiquário e uma alfaiataria) vd. Silva, 1943: nº 24, 48.

Reconstruída a igreja matriz, foi benzida em 15 de Março de 1785; e no dia 21 começou a funcionar aí a paróquia.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Vd. Igreja paroquial de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> DA ENCARNAÇÃO 2<sup>a</sup>XC - 1785

## Bibliografia

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da – *Gabinete Historico VII*. Lisboa: Impressão Regia, 1820.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

SILVA, Augusto Vieira da – *As freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1843.

XC José da Felicidade Alves não chegou a completar as suas notas sobre a história da igreja da Encarnação. Destruída pelo terramoto de 1755, a igreja foi reedificada a partir de 1768 pelo arquitecto Manuel Caetano de Sousa (1738-1802), que levou a obra até à cimalha, tendo os remates sido finalizados posteriormente (ca. 1873), não se sabe se seguindo os seus desenhos. Reaberta ao culto em 1784, sofreu um incêndio em 1802. Participaram, na reconstrução, uma série apreciável de artistas, dos quais se deve destacar o escultor Joaquim Machado de Castro (1731-1822), autor da imagem de madeira de Nossa Senhora da Encarnação, do altar-mor, que o ocupou, e aos seus discípulos, durante o ano de 1803, ou o seu irmão, António Xavier Machado e Cerveira, autor do órgão (1826), entre muitos outros. Não é de excluir, também, uma intervenção pontual do arquitecto José da Costa e Silva (1747-1819), entre 1802 e 1811, data em que partiu para o Brasil, onde morreu, mas mesmo esta intervenção tardia de um homem tão ligado à introdução do neo-clássico em Portugal não apagou a persistência de um gosto ainda de inspiração rococó, característico de Manuel Caetano de Sousa, o que levou mesmo a considerar-se a igreja da Encarnação como anti-pombalina (Silva, 2004:112).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE SANTO ESTÊVÃO – 2ª

Século XVIII [reedificação radical: 1733-1740]

### 1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A fundação da paróquia e da igreja de Santo Estêvão data do século XII. Todavia, o documento mais antigo que se conhece sobre esta igreja é uma provisão passada em 18 de Maio de 1295, em que o Rei D. Dinis concede que seja colocada na freguesia de Santo Estêvão, como Prior, o Mestre João, físico da Rainha Dona Brites, mulher de D. Afonso III, sendo o último prior que esta igreja teve no padroado real.

D. Dinis, em 8 de Julho desse mesmo ano de 1295 fez mercê do padroado ao bispo de Lisboa D. João Martins Soalhães, em reconhecimento dalguns serviços que o Prelado prestara à coroa. O padroado ficou pertencendo desde então à Mitra, que apresentava o pároco, por concurso, o qual tinha predicamento de prior e recebia 400\$000 réis. (Pereira e Rodrigues, 1912: vol. VI, 633).

A paróquia teve uma história longa, e a igreja foi sofrendo no decurso dos séculos algumas modificações.

Após o desmembramento nos fins do século XVI, em que lhe foi desanexado o território com que se formou a paróquia de Santa Engrácia, ficou com as ruas seguintes: O adro da igreja, o Arco do Chanceler, o beco das Atafonas, o beco do Carneiro, a Alfugera, a Rigueyra, o beco do Espírito Santo, alpendres do Chafariz, os Remédios, o Barraboquel, a Praya, a rua direita dos Remédios, o beco do Estanco do Tabaco, o Hospital, o beco do Froes, a rua das Portas da Cruz, a rua de Santo Estêvão, o beco de Henrique Telles, o terreirinho de Santo Estêvão, a rua do Vigário, o beco do Loureiro, o Outeyro, a Lapa, o beco do Muro, o beco do Maquinês, o beco de Eva Fernandes, o beco do Mil Patacas, o terreiro de Bráz Rodrigues, o beco de Racamera, o beco do Surra, a rua para a Goleta, o beco da Goleta, a rua para a porta da Ribeyra, a porta da Ribeyra, a Praya, e Varandas, as Fontes o beco do Bello, o beco do Furtado.

Tinha no início do século XVIII 1.170 vizinhos, 3090 pessoas de confissão.

### 2. COMO ERA A IGREJA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XVIII

A. Carvalho da Costa (1712: vol. III, 382-384) dá-nos uma boa notícia de como era a igreja por volta de 1700.

“A Igreja Paroquial de Santo Estêvão está situada no Bairro de Alfama em lugar alto, é de cinco naves com a porta principal para o Poente e outra para o Sul. El-Rei D. Dinís a fundou; e em reconhecimento de alguns serviços que fez à Coroa o Bispo de Lisboa, o dito Rei a deu à Mitra, a quem hoje pertence a apresentação do

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Padroado, que se prevê por concurso, como também a collocação de Benefícios, que os Senhores Arcebispos desta Metrópole provêm, vagando nos meses, que lhe cabem. Rende o Priorado mais de quinhentos mil réis; e o Cura é collado, também da mesma apresentação, e com ele parte o Prior a quarta parte nas ofertas, e a quinta nos frutos. No Coro assistem oito Beneficiados, que terão de renda cada ano cem mil réis.”

“Tem esta Igreja cinco altares: o maior, em que está colocado o Santíssimo Sacramento, tem uma excelente tribuna feita de entalhado, toda dourada, e é uma das melhores desta Corte; a custódia, em que se expõe o Senhor, é da altura de um homem, obra singular no valor e feitio, a qual nunca se tira da tribuna, por não se poder mover com facilidade; e têm os Irmãos do Senhor outra, que serve nas Procissões, a qual se colocava dentro da outra de grandes dimensões. Condecoram toda esta tribuna os dois Querubins do Propiciatório, o Protomártir Santo Estêvão, e São Lourenço Levita”.

“Há nesta Igreja uma Relíquia de Santo Estêvão inclusa em uma âmbula de prata dourada, que se expõe no seu dia, e no da sua invenção, da qual rezam os Beneficiados debaixo de rito duplex, por privilégio apostólico. Os dois altares colaterais são da mesma architectura do altar-mor com tribunas douradas; o que está da parte direita é de Nossa Senhora da Consolação, cuja milagrosa Imagem fica dentro da tribuna, e na banquetta as imagens de S. João Baptista e Santo Agostinho. O altar que fica na parte esquerda é de Santa Teresa de Jesus, que está exposto na tribuna; e iminentes à banquetta em duas peanhas estão as imagens de S. Sebastião e Santo Antão Abade, entre as quais em um nicho com sua vidraça está uma imagem de Santa Catarina Virgem e Mártir, a quem os meninos desta Corte recorrem, achando na sua protecção remédio contra o mal contagioso das bexigas, ofertando-se à Santa com uma oferta de pão, e moeda de cobre”.

“Como esta igreja é de cinco naves, e com colunas pelo meio, os outros dois altares que ocupam as duas naves, em que se conclue a fábrica, são o da parte direita [lado do evangelho] de Nossa Senhora da Conceição, imagem muito antiga e milagrosa. Tem sua tribuna, em que se venera, e nas suas entradas inferiores à Senhora estão as imagens de São José e São Francisco Xavier. O altar, que em correspondência deste fica da parte da epístola, tem sua tribuna, em que se venera a imagem de um devoto Crucifixo; e em dois nichos o Arcanjo São Miguel com Irmandade das Almas com dois capelães, e São Pedro Gonçalves, entre os quais está uma imagem de Nossa Senhora da Atalaia com Irmandade dos Mareantes, que tem seu capelão, e a esta Imagem pagam na Alfândega desta Cidade as caixas e feixos de açúcar uns tantos reais, que lhe concederam os senhores Reis d Portugal”.

“No campanário desta Igreja estão dois sinos; e o seu adro é dos mais dilatados e aprazíveis desta Corte, e dele se descobre a maior parte do rio e suas embarcações. Para ele tem janela a Sacristia, que fica dentro do Cruzeiro do Altar-mor da banda da Epístola, com seus caixões de angelim bronzeados ao moderno, com que se recolhe a fábrica da igreja”.

“Os seus dízimos se pagam no Alqueidão, e terras do Senado da Câmara desta

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Cidade, aonde o Prior tem uma Ermida dedicada a São João Baptista, em que se diz Missa do dia deste Santo até se findar a cobrança dos frutos. Estes dízimos deixou uma Rainha de Portugal a esta Igreja, pela licença que deram para se erigir no seu districto a freguesia de Santa Engrácia, que ambas partem os frutos, levando os dois priores de Santo Estêvão e Santa Engrácia e seus Coadjuutores uma terça, a Mitra outra, e a última os oito Beneficiados”.

Esta notícia dá-nos noção da importância desta Paróquia e Igreja.

### 3. REEDIFICAÇÃO RADICAL EM 1733-1740

Chegado ao ano de 1733, o estado de degradação e ruína desta igreja era considerado tal, que a Irmandade do Santíssimo a demoliu e começou a edificar nova igreja, pelo risco do arquitecto Manuel da Costa Negreiros († 1750).

No ano de 1740, devia a igreja estar quase concluída na sua nova estrutura, de forma oitavada, cujas origens e exemplo vem do Renascimento, adoptadas em Santa Engrácia e depois no Menino Deus. No mesmo ano de 1740, tinha o pintor Berardo Pereira Pegado concluído os painéis da igreja, hoje na sacristia, e atribuídos ao seu discípulo Pedro Alexandrino; e o conhecido entalhador Santos Pacheco concluía a obra de talha do altar-mor, que alguns anos depois, em 1749, com a intervenção do arquitecto Mateus Vicente (1706-1786) seria completamente transformada.

Ayres de Carvalho (1962: vol. II, 351-352) regista algumas pistas: em 1734, 43\$000 réis, pagos ao arquitecto Manuel da Costa Negreiros; em 1736, vencimento do arquitecto; em 1740, os painéis; 1749, continuada a obra pelo arquitecto Mateus Vicente...

Em 1750 morre o arquitecto de Santo Estêvão, Manuel da Costa Negreiros. E Mateus Vicente, discípulo directo de Ludwig, em Mafra, passaria a impor uma nova arquitectura para o altar-mor, abolindo assim a talha dourada e barroca dum dos mais notáveis artistas do tempo de D. João V. O terramoto de 1755 deixaria intacto o novo retábulo do altar-mor, de pedraria, ao qual não faltou certamente a colaboração escultórica do italiano Pádua<sup>XCI</sup>, que pouco antes (1748) tinha concluído a figuração escultórica do retábulo da Igreja de São Domingos.

O retábulo da capela-mor, composto de duas colunas por banda, de capiteis coríntios, é encimado por um frontão quebrado, sendo os pedestais (como os de São Domingos) todos ornamentados e esculpidos com cabeças de anjos alados, não faltando da mesma forma, como uma sigla do Pádua, dois querubins fazendo de mísulas nos ângulos superiores da tribuna para exposição do Santíssimo. Relembre-se que, antes desta reedificação radical, já se viam nesta tribuna os dois Querubins do Propiciatório (vd. §2).

XCI Trata-se do escultor italiano, de nome aporuguesado, João António Bellini (ca. 1690-1755?), contratado ca. 1724 para a obra da capela-mor da Sé de Évora. A atribuição deste retábulo a Bellini, embora constante na historiografia, não aparece confirmada no mais recente catálogo da sua obra em Portugal (Vale, 2008).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

“Certamente por razões económicas da parte da confraria, não teve o Pádua oportunidade de completar a parte escultórica mais importante do retábulo, ou sejam os anjos apoiados no frontão e ladeando um Crucificado, a exemplo dos de Mafra. O grupo escultórico de madeira pintada de branco, que ali se encontra, veio do Convento de Mafra e é da autoria do escultor português José de Almeida” [...].

Tinha este conjunto escultórico servido provisoriamente para as cerimónias da sacração da Basílica de Mafra, em 1730, até vir de Génova o grupo de mármore esculpido por Francisco Schiaffino. No ano de 1750, e como esmola do rei D. João V, lá vieram de Mafra, carregados em “carros de matos”, o Cristo, os Anjos, e a Glória, que durante alguns anos tinham estado desprezados e sem préstimo nas arrecadações do convento”.

Sobre o tema deste parágrafo, veja-se Almeida, 1973: vol. V, tomo I, 70-71, art.º de A. C (Ayres de Carvalho).

“Na abóbada da Capela-mor (que certamente foi renovada no século XIX, como a abóbada da nave), foram pintados os quatro evangelistas, numa composição ornamental monocromática, tendo ao centro a Sagrada Eucaristia. Nas duas faces do octógono que ladeiam a capela-mor existem dois belíssimos altares de mármore, de colunas salomónicas, com as invocações do Senhor Jesus dos Aflitos (agora, do Santíssimo) e o de Nossa Senhora das Dores, é todo de mármore embutidos e de colunas salomónicas (provavelmente aproveitando o retábulo quando da reconstrução de 1734); a do lado direito, quase semelhante, dedicada a Santo António, mas toda de madeira pintada e imitando os embutidos, por razões económicas e pertencente ao período da reconstrução”(Almeida, 1973: vol. V, tomo I, 71).

#### 4. DEPOIS DO TERRAMOTO DE 1755

Com o terramoto de 1 de Novembro de 1755 desabou a estátua de pedra de Santo Estêvão que estava na fachada, a qual na sua queda arruinou o Coro, estrago que depois se reparou.

Apeou-se a parte da torre que ameaçava ruína; e receando-se maior catástrofe, passou a paróquia para a ermida de Nossa Senhora do Rosário, situada no sítio das Galés ou Campo da Lã, actual Largo do Terreiro do Trigo, hoje transformada em casa de habitação, por cima da entrada da Rua da judiaria (Arco do Rosário).

Por cima do portal principal lê-se a data de 1773: talvez indique a data da conclusão das obras de reparação.

Os retábulos das duas últimas faces do octógono, de madeira com marmoreado, assim como o coro e a estrutura e decoração da fachada exterior, tudo pertence, sem dúvida, ao período de remodelação do ano de 1773, logo a seguir ao terramoto, e cuja reconstrução deve ter ainda sido da mão de Mateus Vicente.

Assim ficou o perfil irregular da igreja, com uma só torre.

“À esquerda da Capela-Mor, uma pequena dependência, a que ainda chamam Sacris-



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

tia Velha, merece um reparo pela sua graciosa decoração de azulejos com figuração bíblica e profana, contemporânea do tempo em que Manuel da Costa Negreiros foi chamado para demolir as «cinco naves» da velha e arruinada igreja e dar-lhe uma nova traça mais conforme o gosto e a moda do tempo.

No adro da igreja, onde ainda se conserva um cruzeiro datado de 1669, comemorando o aumento da Capela-Mor e da tribuna do Santíssimo, que se debruça sobre as escadinhas e quase tocam no palácio vizinho, existe um painel de azulejos com dois anjos adorando a Sagrada Eucaristia e que, embora não sejam datados, perpetuam o ano de 1740. (A.C.)” (Almeida, 1973: vol. V, tomo I, 71).

## 5. ACONTECIMENTOS POSTERIORES

A igreja foi transformada por completo entre 1833 e 1848, que renovou a capela-mor e a abóbada da nave.

Vd. Igreja Paroquial de SANTO ESTÊVÃO – 3ª: 1848

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (Dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo I. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975.

CARVALHO, Armindo Ayres de – *D. João V e a Arte do seu Tempo: As memórias d'el rey D. João V*. Vol I. Lisboa: Edição do Autor, 1962.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. VI. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1912.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE SANTA ISABEL, RAINHA DE PORTUGAL

Século XVIII [início das obras: 1742]

O território chamado de Campolide, que ia desde a ribeira de Alcântara até ao largo depois denominado do Rato, teve um forte crescimento demográfico sobretudo a partir do ano de 1772 (em que foi povoado o Convento de Freiras Trinas Calçadas) e da instalação da Real Fábrica da seda, a que se deu princípio pelos anos de 1730.

Vendo-se crescer em número os moradores daquele districto, entraram na pretensão de criar nele uma nova Paróquia; e como esta se havia de compor das partes que se haviam de retirar das freguesias de São Sebastião da Pedreira, Santa Catarina, Santos Mártires e São José, os Párocos destas se opuseram à pretensão daqueles moradores, impugnando fortemente a criação da nova Paróquia, não querendo consentir se desanexassem do seu rebanho aquelas ovelhas, sem atenderem ao grande descómodo que lhes causava o ficarem tão longe de suas paróquias.

Porém, o Senhor Cardeal Patriarca D. Tomás de Almeida, considerando justa a pretensão daqueles moradores, mandou de seu moto próprio criar a nova freguesia de Santa Isabel Rainha de Portugal, decretando para a sua erecção o dia 15 de Maio de 1741, dia em que teve princípio a administração dos sacramentos para os fregueses daquela nova paróquia.

A sede paroquial ficou estabelecida numa Ermida na Capela de Santo Ambrósio, que poucos anos antes havia ali mandado fazer Ambrósio Lopes. Essa rua chamou-se depois rua do Visconde de Santo Ambrósio, e hoje é a rua de D. Dinis.

Na véspera da data da inauguração, ou seja no dia 14 de Maio de 1741, o Patriarca disse ali missa e colocou o Santíssimo Sacramento no Sacrário, festejando com grande solenidade a Rainha Santa Isabel.

No próprio dia 15, de tarde, visitaram a mesma Capela a Rainha, e Princesa. E sucedendo vir baptizar-se uma menina filha de um paroquiano, aceitou a Rainha ser madrinha, mandando-lhe pôr o nome de Maria Anna, e tocar nela da sua parte Luiz César de Menezes, vedor da sua casa; sendo padrinho o Patriarca.

El-Rei com o Príncipe e o Infante D. António visitaram a mesma Capela no dia seguinte, dia 16 de Maio.

Vd. Conceição, 1823: tomo IX, 246-247.

“O circuito desta freguesia principiava no Convento do Noviciado da Companhia [no Monte Olivete] até ao sítio chamado Moinho de Vento, e dali pelas terras da Cotovia vai dar à rua Nova de S. Bento defronte da porta do carro, e pela mesma rua abaixo chegando ao canto da horta, que fica defronte do Convento; volta pela calçada acima, e por entre os muros chega até à Estrela, e dali ao longo do muro da quinta de D. João vai à cruz de Buenos Aires, e dali em direitura ao canto da terra dos Padres das Necessidades, vai descair à horta na via da ribeira de Alcântara, e pela corrente desta acima por uma e outra parte chega pouco mais acima dos arcos das águas livres, e por junto do Chafariz de Campolide continua por aquele Monte acima até o mais alto dele, e descaindo por Vale de Pereiro vem a fechar no muro da

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

cerca da casa do mesmo Noviciado da Companhia no cimo da rua do Salitre”. (Conceição, 1755: 135-136).

O pároco foi o reverendo Felisberto Leitão de Carvalho, que o Patriarca constituiu no carácter de primeiro reitor da Paróquia.

No ano seguinte de 1742, a 4 de Julho, fez o mesmo eminentíssimo Prelado Cardeal Patriarca fundar uma nova igreja para estabelecimento definitivo da Paróquia. Foi escolhido o antigo sítio de Campolide, num largo que tomou o nome de Santa Isabel, assim como a rua que se seguia até à Boa Morte, chamada actualmente rua Saraiva de Carvalho.

A primeira pedra do novo edifício foi lançada com o devido cerimonial, em 4 de Julho de 1742, pelo Principal Almeida, sobrinho do Patriarca.

As obras começaram, e seguiram regularmente; mas ao chegar-se à cimalha real do edifício, descobriu-se no desenho alguns excessos, em que não se reparara no princípio; por tal motivo, e também por falta de capital para a conclusão das obras, suspenderam-se os trabalhos por alguns anos.

O Patriarca, desejoso de ver concluída uma igreja em cuja construção tanto se empenhara, ofereceu generosamente em 27 de Outubro de 1753 à Irmandade do Santíssimo (que se havia organizado) toda a sua preciosa copa de prata, a qual sendo vendida rendeu os recursos suficientes para que as obras pudessem prosseguir, sendo então emendado quanto possível o primeiro risco.

Quando se deu o terramoto de 1755 o templo ainda não estava concluído. Nem a nova igreja em vias de construção, nem a Ermida em que se sediava a Paróquia, sofreram ruína alguma.

As obras, depois de pequena paragem, continuaram, ficando concluídas em breve tempo. Vieram então – em data que não podemos fixar com precisão – em solene procissão o Sacramento e as imagens da Ermida de Santo Ambrósio para a nova igreja de Santa Isabel.

O templo era elegante e majestoso. No frontispício vêem-se três portas que lhe dão ingresso, tendo por cima três janelas que deitam para o coro. Aos lados há duas boas torres, tendo uma os sinos, e a outra o relógio.

A capela-mor é espaçosa; aos lados do camarim, onde se expõe o Santíssimo Sacramento, vêem-se quatro colunas douradas; nas paredes laterais vêem-se de cada lado duas tribunas também douradas. Sobre o altar-mor está a imagem da Rainha Santa, coroada, e com o seu regaço de rosas.

No corpo da igreja havia 10 altares, incluindo a capela do Santíssimo onde o retábulo representa a Ceia de Cristo. Todos os quadros destes altares são adornados com molduras douradas. O tecto da capela-mor não tem pintura nenhuma; mas no do corpo da igreja vêem-se grupos de anjos e nuvens, e a imagem da rainha Santa Isabel.

Entre a capela do Santíssimo e uma das portas que dá para a Sacristia, há um pequeno altar com a imagem do Senhor dos Passos. Na capela que lhe fica fronteira, está a imagem de Cristo Crucificado, e a da Senhora das Dores, tendo por baixo, dentro de uma maquineta, a do Senhor Morto. A imagem de Santa Isabel, que se vê no altar-mor, é de madeira e de boa escultura. Nas dos outros altares também se encontram algumas imagens dignas de atenção.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A sacristia é muito vasta, notando-se ali um grande arcaz de boa madeira, com ornatos em relevo. Sobre o altar está um pequeno sacrário.

A igreja de Santa Isabel tinha prior e 4 curas para o coadjuvarem, um tesoureiro, e mais 16 capelães.

A frontaria foi completada em 1875. Sofreu obras de restauro nos meados do século XX.

## Bibliografia

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da – *Gabinete Histórico*. Tomo IX. Lisboa: Imprensa Nacional, 1823.

CONCEIÇÃO, Padre Manoel da – “Suplemento ao Sumário das Notícias de Lisboa”. Apêndice à 2ª edição de OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de – *Summario, em que brevemente se contem algumas cousas assim ecclesiasticas, como seculares, que ha na cidade de Lisboa*. 2ª edição. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1755, pp. 125-150.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ✠ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DO AMPARO, DE BENFICA

Iniciada no Século XVIII [1750]

A paróquia de Nossa Senhora do Amparo, de Benfica, é pelo menos seiscentista, pois consta que existia em 1620, instalada em ermida ou igreja situada no local onde se ergue o templo actual, a Sul da Capela-mor, sobre o chamado “adro da igreja”, a qual se conservava de pé, como relíquia, ainda em 1863.

Esse templo, se não outro mais antigo ainda, vinha pelo menos do final do século XIV, com a mesma invocação de Nossa Senhora do Amparo, pois foi então doado ao Mosteiro do Santo Salvador, de Lisboa, pelo bispo do Porto D. João Esteves (vd. Araújo, 1956: fasc. 12, 19).

A igreja é uma edificação do século XIX, mas foi iniciada nos meados do século XVIII. As obras começaram em 1750. João Frederico Ludovice, que ali ia passar o verão ao palácio da Alfarrobeira, deve ter desempenhado um papel importante na realização do projecto. Dele, é a primeira traça da construção e toda a capela-mor.

Em 29 de Agosto de 1750 começou a primeira semana de trabalho, segundo consta do velhíssimo 1º livro de receita e despesa da obra, felizmente guardado no Arquivo Paroquial. O primeiro donativo particular, importante, a aparecer, foi o do secretário da Mesa da Irmandade do SS., o Desembargador João Alves Simões, que em Agosto de 1751 deu 100\$000 réis para a obra.

Até fins de 1754, a obra consumiu 14.666\$014 réis. O cura era o padre João da Mata. Pela quantia gasta pode avaliar-se o entusiasmo e esforço dispendido.

Quando se deu o terramoto de 1755, estava-se levantando “a igreja nova”. O cataclismo quase destróçou inteiramente os trabalhos realizados. Não foi o dito terramoto a causa da paragem das obras, pois a obra já estava parada havia dez meses.

Certamente a falta de recursos explica que a edificação ficasse então suspensa. Só muitos anos depois foram retomados os trabalhos: em 28 de Março de 1780. E a sua sagração realizou-se no dia 10 de Dezembro de 1809.

Vd. Igreja Paroquial de NOSSA SENHORA DO AMPARO, DE BENFICA - 1809

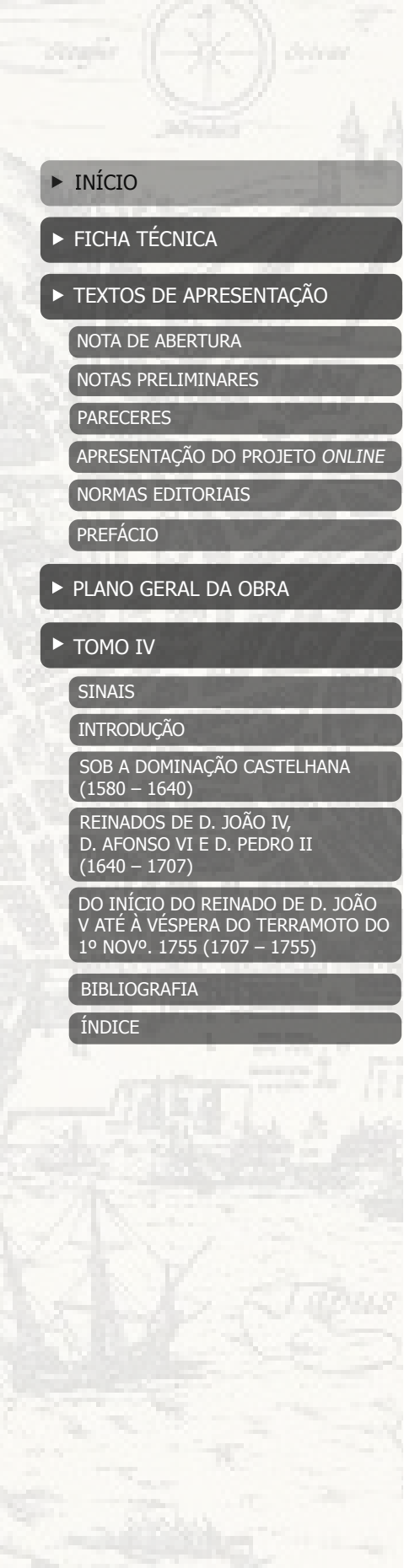
### Bibliografia

ARAÚJO, Norberto e LIMA, Durval Pires de – *Inventário de Lisboa*. Livro XII. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1956.



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3. IGREJAS CONVENTUAIS DE FRADES ♂

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO JOÃO NEPOMUCENO E SANTA ANA****Século XVIII [1723]**

Da Ordem dos Carmelitas Descalços Alemães.

Foi edificado como Hospício e Igreja, pela rainha Dona Maria Anna de Áustria, mulher de D. João V, em atenção a terem aqueles religiosos entrado em Portugal no ano de 1708, quando se realizou o seu casamento. Ficava na Encosta do Monte de Santa Catarina, para a parte do rio.

No *Gabinete Histórico* (1820: tomo VII, 124) dá-se notícia: “A 19 de Março [de 1723] se benzeu a nova Igreja do hospício dos Religiosos Carmelitas Descalços Alemães, que á custa da rainha Dona Maria Anna de Áustria e com Breve do Papa Clemente XI, se fundou nesta cidade de Lisboa, ao pé do Monte de Santa Catarina do Monte Sinay. Fez esta função com toda a solenidade o Superior Frei Leopoldo de Santa Maria com ordem do Patriarca D. Thomás de Almeida, dedicando-o ao glorioso São João Nepomuceno, e à Senhora Santa Anna”.

A soberana determinara que fosse sepultada naquele convento; e quando faleceu em 1745, foi cumprido o seu desejo<sup>53</sup>.

O convento ficava situado num pequeno largo, na calçada de São João Nepomuceno, próximo a Santa Catarina, onde depois se instalou o Asilo de Santa Catarina.

No altar-mor da igreja estava colocada a imagem daquele santo; havia mais duas capelas laterais, sendo todas de igual desenho e grandeza. Na entrada da igreja existiam dois grandes nichos, tendo cada um a sua imagem, de colossais proporções.

Pouco sofreu com o terramoto de 1755.

Os carmelitas Descalços Alemães conservaram-se muitos anos neste convento; porém, com o andar dos tempos, foram falecendo; e como não vinham outros substituí-los, chegou a existir apenas um frade no convento.

<sup>53</sup> A título de curiosidade, transcreve-se do *Gabinete Histórico* (1823: tomo IX, 352-353: “No dia 8 de Janeiro [de 1744] foi a Rainha D. Maria Anna de Áustria de tarde com o Príncipes e Princesa da Beira, a Infanta Dona Maria Anna e o Infante D. Pedro à ponte de Alcântara, para assistirem à solene função de benzer a estátua de mármore do glorioso S. João Nepomuceno, Advogado de fama e Protector dos navegantes, que a mesma Senhora mandou erigir na dita ponte, para assim afervorar mais a devoção dos fiéis a um Santo tão prodigioso. Fez a função o Principal Almeida, assistindo as pessoas reais na Tribuna (que para o mesmo efeito se armou na ponte) à ladainha de Nossa Senhora, que ali cantou a música Patriarcal, com Antífona e oração do mesmo Santo; a que assistiu também a Comunidade dos Religiosos Trinitários do Convento de Nossa Senhora do Livramento. Acabada a função, houve descargas pelo Regimento que ali se achava, que assistiu formado enquanto durou o acto, às quais corresponderam com a sua artilharia o Forte do Sacramento, e os outros vizinhos daqueles sítios”.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 1830 teve origem naquele templo uma pequena congregação de clérigos franceses, com o título de Redentoristas, da Ordem de Santo Afonso Maria de Ligório. Esta Ordem ia progredindo, quando em Julho de 1833 o governo absoluto foi substituído pelo governo constitucional. Por este motivo se extinguiu esta Congregação, sendo os religiosos reenviados para a sua pátria.

Vieram então para o convento os Frades Mínimos de São Francisco de Paula; e ali se conservaram até à extinção das Ordens Religiosas, por volta de 8 de Maio de 1834.

O edifício era de forma circular e sumptuoso, de grande trabalho artístico. O tecto da igreja formava um quadro alegórico a S. João Nepomuceno, trabalho de Pedro Alexandrino de Carvalho; os ornatos de relevo do mesmo tecto eram feitos por João Grossi. No tempo dos padres redentoristas havia um quadro na capela do lado da epístola com o retrato do beato Afonso Maria de Ligório.

As imagens de maior valor eram: a de Santo António, que estava num dos nichos à entrada da igreja; e a de S. João Nepomuceno, que se via na fachada do edifício.

Em Outubro de 1834, o convento serviu de quartel ao 12º batalhão da Guarda Nacional, que depois se mudou para o Forte de S. Paulo. Estabeleceu-se também aí, ainda nesse ano, uma escola de latim, e doutras faculdades. No dia 11 de Fevereiro de 1833 foi transferida para a igreja a Ordem Terceira de São Francisco da Cidade, que estava na antiga igreja daquele extinto convento, por mercê da rainha Dona Maria II; a transferência fez-se com solene procissão, sendo colocadas as imagens de S. Domingos e S. Francisco em dois nichos na capela-mor. Mais tarde esteve alguns anos no convento o Liceu Nacional de Lisboa; e em carta de lei de 10 de Setembro de 1861 foi concedido todo o edifício ao Asilo de Santa Catarina, benemérita instituição, que se inaugurara em 1 de Janeiro de 1858, destinada aos órfãos filhos das vítimas da cólera-morbus e da febre amarela, terríveis epidemias que assolaram Lisboa em 1856 e 1857.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

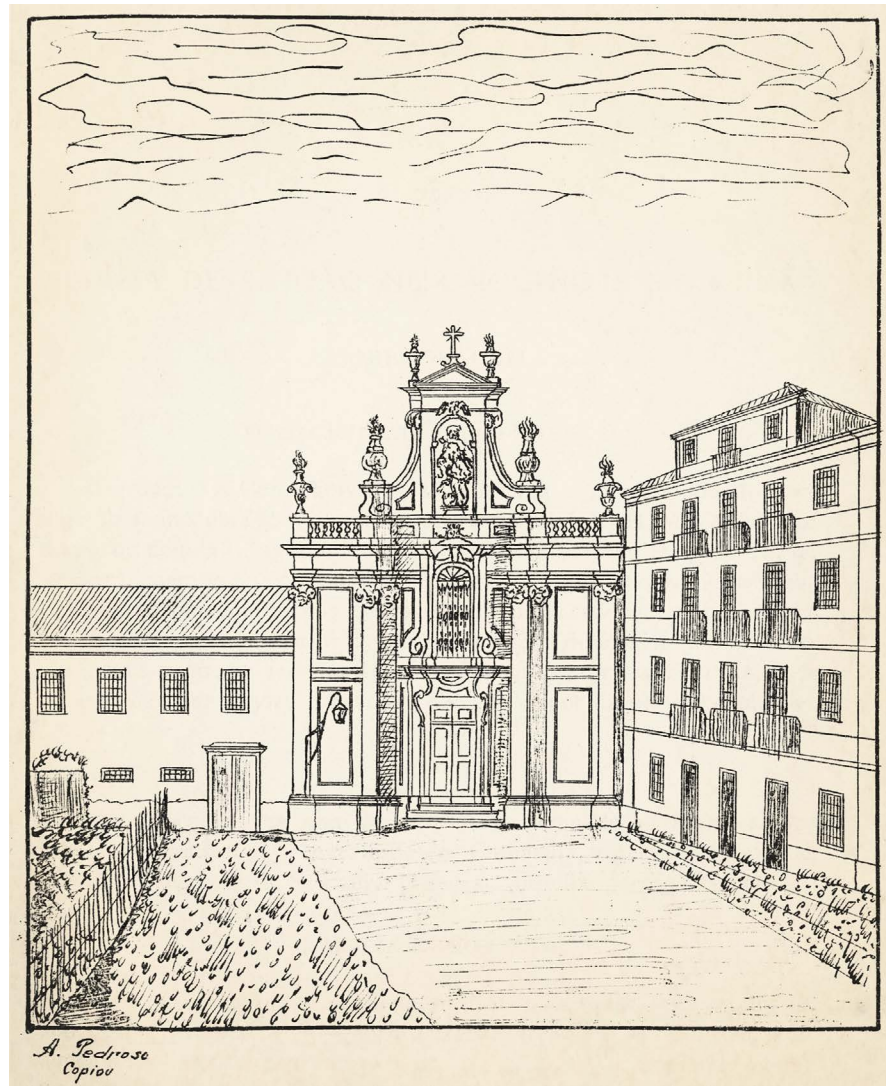


Fig. 30 – Igreja do Convento de São João Nepomoceno (in Pereira, 1927: 96).

## Bibliografia

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da (1823) – *Gabinete Historico*. Tomo IX. Lisboa: Impressão Regia, 1823, pp. 352-353.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, [1840], 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO, DA CIDADE 3ª****Século XVIII [1707. 1714]**

Este convento, fundado por São Frei Zacarias, governando el-rei D. Afonso II, no ano de 1217, foi ampliado e reparado por outros monarcas portugueses várias vezes no decurso da sua longa história (vd. Tomo II, pp. 248-250 e Tomo III, pp. 120-122, desta mesma obra)

No ano de 1707, um foguete que veio cair sobre o telhado, estando parte dele descoberto por motivo de conserto, foi causa de se incendiar a igreja. Mas em poucos dias os religiosos e irmãos confrades da Ordem Terceira juntaram mais de 30.000 cruzados, com o que logo se começou a nova igreja, com melhor gosto e riqueza do que antes.

Em 30 de Novembro de 1741, novo incêndio reduziu a cinzas o Convento. Novamente se retomaram os trabalhos de reconstrução. “Achava-se ele [o convento] já recuperado desde os alicerces em tudo o que tocava da parte do nascente e do norte, e se ia continuando da parte do poente, tendo-se gasto na obra até ao ano de 1755, em que sucedeu o terramoto, mais de 600.000 cruzados, extraídos não só da consignação régia, que eram 100.000 cruzados em dez anos, que lhes concedeu o fidelíssimo rei D. João V, e lhes continuou o fidelíssimo senhor D. José; mais de 200.000 cruzados de esmolas do Brasil; quarenta e três [mil], que deu a Santa Casa de Jerusalém; dezoito [mil], que se tirou na corte; e cinco [mil] do bispado do Porto” (Castro, 1763: tomo III, 375-376).

Desta sorte se ia restabelecendo um dos maiores edifícios sagrados, que tinha Lisboa. “A igreja era formosíssima. Constava de três naves formadas com doze colunas de notável altura. Era o seu coro muito alegre, espaçoso, e nobilíssimo, e tinha o tecto de abóbada pintado de excelente arquitectura pelo famoso Baccareli. Ornavam a igreja muitas capelas, algumas de grande custo, e nelas se dava culto a muitas imagens de Jesus Cristo e de Maria Santíssima. Desta eram mais de onze, tendo todas suas irmandades, que tratavam delas com exemplar devoção, excedendo a todas a da Ordem Terceira, de que eram irmãos todas as pessoas reais, e quase toda a fidalguia da corte, e inumerável gente de todos os estados. Dizem que em alguns anos chegou a numerar 20.000 irmãos, e render 60.000 cruzados” (Castro, 1763: tomo III, 376).

O cuidadoso autor do *Mappa de Portugal*, informa-nos sobre o que aconteceu no terramoto de 1755 e sobre as primeiras iniciativas que se lhe seguiram.

“Achava-se nesta conformidade tão grande templo e convento, em que assistiam duzentos religiosos, e ele com a duração de quinhentos e trinta e oito anos desde a sua primeira fundação, prometendo quase eterna permanência, segundo a fortaleza com que ia reedificando:

Porém o formidável terramoto destruiu e abateu totalmente o coro, igreja, capela-mor, as varandas do claustro grande junto da igreja, e os seus arcos, que se conservavam na reedificação; e sobrevivendo logo o veemente incêndio, converteu em cinzas a maior parte do convento e igreja, com todos os víveres da comunidade; toda a sua livraria, que contava de mais de 9.000 volumes; todas as suas alfaias, as muitas e preciosas da venerável Ordem Terceira, as da célebre e antiga Irmandade da Madre de Deus, e sua excelente capela; as de todas

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

as mais irmandades; e se presume que derreteu a maior parte da prata, pois até agora não tem aparecido mais que um cálix, e um turíbulo.

Sendo o mais sensível deste fracasso a morte de quase 600 pessoas, e 12 religiosos, que pereceram dentro da igreja e convento: porque, como a ruína foi subitânea, não deu lugar a que muita gente, que estava dentro, pudesse toda por-se a salvo.

Da obra nova ainda ficou livre a quadra, em que está o Hospício da Terra Santa para a parte do sul, que consta de três dormitórios e de espaçosas casas de oficinas: aqui ficaram poucos religiosos, porque os mais se passaram para o sítio de Campolide, onde fizeram logo uma pobre barraca de lona, para se abrigarem das inclemências do tempo; e nela, a primeira vez que rezaram foi em véspera da Conceição da Senhora do mesmo ano. Porém, como estavam ali padecendo muitos incómodos, resolveram transferir-se para o sítio do Rato, e na Quinta de D. Helena, hoje os Padres da Congregação de S. Felipe Nery, erigiram com o adjutório de várias esmolos uma ermida de madeira com três altares, e seu coro, onde em vésperas de Natal do dito ano deram princípio dos divinos ofícios, e à erecção de um conventinho com as acomodações possíveis, em que existiram até que se transferiram para o sítio antigo do seu convento, que em Agosto do ano de 1757 se principiou a desentulhar” (Castro, 1763: tomo III, 376-377).

Vd, Igreja do Convento de São Francisco, da Cidade – 4ª – 1757

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♂ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO VICENTE DE PAULA, OU DE RILHAFOLES

Século XVIII [1717 . 1738]

A Congregação de São Vicente de Paula foi fundada em França pelo dito Santo, em 1625, e aprovada canonicamente em 1632 por Urbano VIII, confirmada por Alexandre VII em 1655. O seu fim era exortar os fiéis, pregando-lhes a palavra divina, instruí-los na Doutrina Cristã nas povoações; tinha também por obrigação coadjuvar os Sacerdotes, para que se instruassem nas Ciências que o seu estado requeria; e admitir por 10 dias em suas casas os que estavam próximos a serem ordenados *in sacris*, aplicando-os à Oração mental, Sagrada Escritura, Teologia Moral, com outros exercícios pertencentes ao Sacerdócio, Cerimónias de Missa, e Ritos Eclesiásticos. Cada Casa reconhecia como seu Superior o Ordinário local, quanto às funções destinadas ao próximo.

Esta Congregação foi introduzida em Portugal pelo Padre José Gomes da Costa, natural do Arcebispado de Braga, o qual, tendo entrado na congregação em Roma, impetrou do Papa Clemente XI o Breve de 13 de Março de 1716, para poder fundar a Congregação neste Reino, especialmente no bispado da Guarda. Chegou a Portugal, e achando melhor comodidade ser em Lisboa a sua primeira fundação, alcançou licença de D. João V, por alvará de 14 de Janeiro de 1717 e declaração do cardeal patriarca ao breve pontifício de lhe não prejudicar à concessão a variação do lugar por decreto de 7 de Abril do mesmo ano. Desembaraçados e dispostos estes princípios, vieram logo de Itália para este convento quatro sacerdotes com dois irmãos leigos da mesma Congregação, e se estabeleceram no sítio e quinta de Rilhafoles, onde começaram a exercer as funções do seu instituto.

D. João V quis depois que a nova congregação ficasse em tudo sujeita ao Cardeal Patriarca de Lisboa. Mas os padres não se sujeitaram a esta determinação.

O Padre José Gomes da Costa faleceu em 2 de Novembro de 1725. E os outros padres, vendo impossibilitado o estabelecimento do mosteiro, voltaram pouco a pouco para Itália, à excepção do padre José Joffreu, catalão e do leigo João Baptista Marquísio, italiano, os quais ajudados de alguns padres portugueses foram continuando os exercícios espirituais de ordinandos. E apesar de el-rei impetrar um breve pontifício para que pudessem livre e lícitamente passar a esta casa da Congregação sujeita ao Padre Geral, ninguém quis entrar nela.

Estava já como frustrada esta fundação, quando em 1738, em que D. João V quis celebrar com extraordinária grandeza a festa e oitavário da canonização de São Vicente de Paula, no último dia (26 de Julho) concedeu ao Padre José Joffreu licença para se fundar esta congregação sujeita ao Superior Geral dela, residente em Paris. Ficou logo por superior o Padre Joffreu, e vieram em diversos tempos padres da mesma Congregação, de França, Itália e Catalunha. Começaram logo a admitir noviços e continuaram com os exercícios do instituto, com admirável edificação e utilidade de todos (Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, p. 280).

D. João V dotou este novo convento com abundantes rendimentos.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 19 de Janeiro de 1743 faleceu o Padre Joffreu, e foi nomeado para superior o Padre Salvador Barreira.

O terramoto de 1755 causou pequenos estragos, que de pronto se repararam.

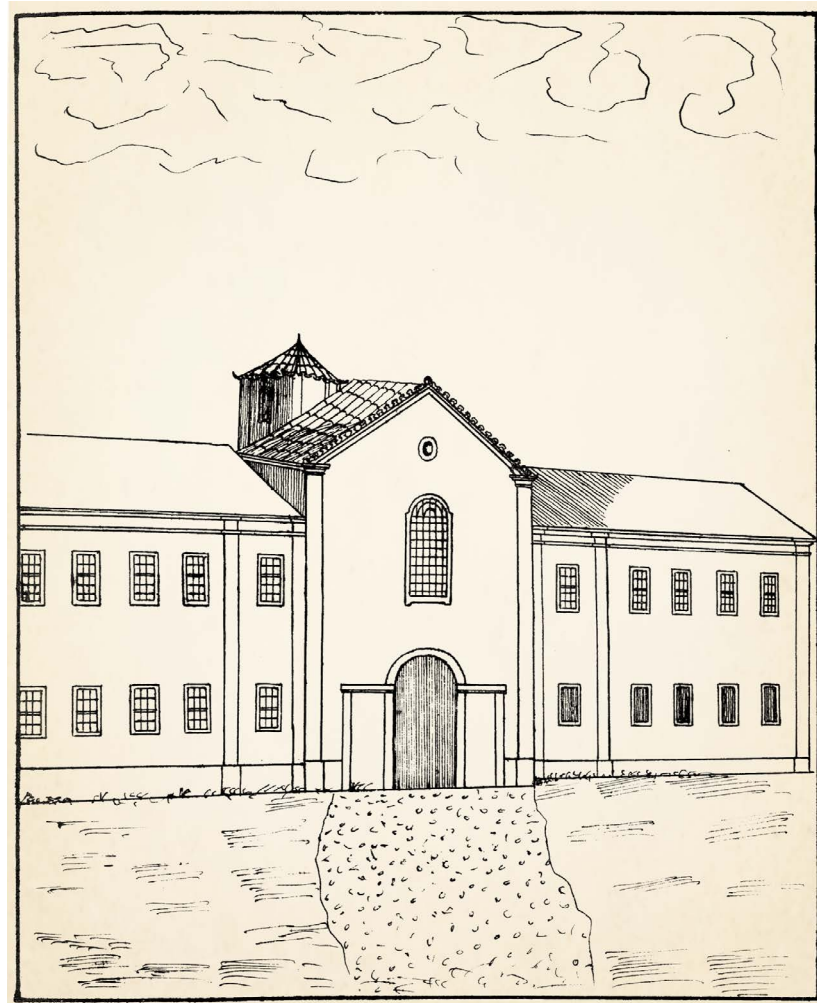


Fig. 31 – Igreja do Convento de São Vicente de Paula (in Pereira, 1927: 117).

O convento ficava no alto duma colina, indo do Convento de Santo António dos Capuchos para Rilhafoles, estando a igreja situada dentro de um pátio, com simples perspectiva, tendo ao lado o convento, que tinha a frente para o lado da barra.

Na igreja viam-se cinco capelas, contando com a capela-mor, onde estava a imagem de Nossa Senhora, como padroeira do Reino; as outras quatro capelas eram laterais. Existiam diversas irmandades e confrarias.

Depois de 1834, o Convento ficou desabitado, continuando na igreja a celebrar-se missas aos domingos e dias santificados.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 1835, o governo aproveitou o edifício para ali se instalar o Real Colégio Militar, que estava na Luz, ficando a igreja servindo de capela do mesmo Colégio. Procedeu-se a diversas obras, organizando-se acomodações convenientes. Durante a sua permanência em Rilhafoles (nome por que o Convento era mais conhecido) o Colégio Militar estabeleceu algumas novas aulas aos respectivos cursos.

Mais tarde, por decreto de 14 de Novembro de 1848, o Colégio Militar foi transferido para Mafra, ficando o edifício de Rilhafoles à disposição do Ministério do Reino, para ser convertido em Hospital Psiquiátrico (Miguel Bombarda).

## Bibliografia

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, [1840], 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♂ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PORCIÚNCULA DOS BARBADINHOS ITALIANOS

Século XVIII [1739]: 2ª fundação

### 1. TRANSFERÊNCIA DOS BARBADINHOS

Já vimos como foi a 1ª fundação dos Barbadinhos Italianos em 1689, no tempo do rei D. Pedro II. Ali estiveram, na Ermida de N.ª Sr.ª do Paraíso, durante cerca de 30 anos.

Por volta de 1720/1739, D. João V deu-lhes outro sítio para fundarem a sua Casa, em parte mais eminente fora dos muros da cidade, acima de Santa Apolónia. O Rei aplicou-lhes uma esmola de mais de cinquenta mil cruzados para a nova fábrica, a súplicas do Irmão Fr. Francisco, religioso de grandes virtudes. Foi em 1739, esta 2ª fundação. (Castro, 1763: tomo II,, 71-72)

No adro da igreja via-se uma cruz de madeira com os martírios da Paixão de Cristo, a qual abateu com o tempo. Um religioso desta Ordem, Fr. Caetano, mandou colocar outra cruz no mesmo lugar. Mas esta veio a ser demolida em 1835.

### 2. A IGREJA

A fachada, voltada a poente, é de grande simplicidade. A igreja é constituída por um corpo central, onde se abrem três portões fechados com gradaria; corresponde-lhes, no andar superior, três janelas simples, iluminantes, e dois corpos laterais, estreitos e rebaixados, na continuidade da linha de empena. [No século XIX, foi construída sobre o corpo da esquerda uma torre, que afectou o equilíbrio primitivo]. À direita desenvolvia-se o corpo conventual.

Há a anotar uma vistosa e contorcida pedra com as armas reais portuguesas, em vulto, sobre o portão central; é uma escultura em pedra, figurando Nossa Senhora da Porciúncula, dentro de um nicho aberto no centro da empena.

O interior é igualmente de grande sobriedade de decoração: nota-se a ausência absoluta de dourados. Todos os altares foram entalhados em madeira negra do Brasil, aliás magnífica.

A capela-mor ostenta um retábulo com um formoso quadro representando Nossa Senhora da Conceição rodeada de anjos<sup>XCII</sup>; e um insigne sacrário, também em madeira do

XCII Muito estimado por D. João V, foi o pintor italiano Pompeo Battoni (1708-1787) encarregado da *Imaculada Conceição* (tela sobrepujada por uma outra de menores dimensões com o *Padre Eterno*) do altar-mor, pintada entre 1743 e 1744. A dedicação mariana da capela-mor completa-se com as duas pinturas das paredes laterais, também elas testemunhos da prodigalidade régia. Encomendadas, cerca de 1745, a Giacomo Zoboli (1681-1767), um dos pintores romanos da sua preferência, representam, uma, o *Casamento da Virgem* e, outra, a *Apresentação no Templo*.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Brasil, com porta forrada a chapa de ouro (oferta de D. João V). As imagens de Santo António e Santa Engrácia, que ocupam o altar, são setecentistas.

Tinha 4 capelas laterais, todas da referida madeira negra do Brasil. Entre as duas capelas da direita, havia uma mísula, em simetria com o púlpito, a efígie do Fundador dos Capuchinhos Italianos, o Beato Lourenço de Brindisi. Nota interessante: este tinha vindo a Portugal como Embaixador Extraordinário, em 1619.

[Posteriormente, certamente no século XIX, foi colocado na mísula, trabalho de talha da mesma madeira negra, o histórico busto de prata de Santa Engrácia, bom trabalho, encomendado em 1595, por disposição testamentária do arcebispo D. Miguel da Costa, para as relíquias da Mártir, oferta da Infanta Dona Maria].

Tinha mais duas capelinhas à entrada do guarda-vento, sendo a de Santa Margarida de Cortona a da esquerda, e a do Nascimento de Jesus a da direita. Nesta capela está, desde 1835, o baptistério.

### 3. ACONTECIMENTOS POSTERIORES

- Nada sofreu com o terramoto de 1755.

- Em 1834 foi concedido aos Religiosos Capuchinhos Italianos que se pudessem conservar com o seu hábito, mas tão somente no interior do Convento, ou então com o chamado de São Pedro em público. Não aceitaram a condição que se lhes impunha, e regressaram à sua pátria.

- O Governo ordenou que se transferisse para ali a sede da Paróquia de Santa Engrácia, que estava sediada desde 1530 na Ermida de Nossa Senhora do Paraíso, às Portas da Cruz (não confundir com a Ermida de Nossa Senhora do Paraíso, à Cruz da Pedra). A transferência efectuou-se em 5 de Abril de 1835, em procissão em que não iam andores com as santas imagens, mas só o palio com o Santíssimo Sacramento.

- Desde Outubro de 1834 já o Convento estava ocupado com o 1º Batalhão da Guarda Nacional. Parte do Convento foi dada ao Prior Gusmão... A cerca foi tornada jardim público. Nesta cerca foi construído o Reservatório de Águas do Alviela, conhecido por Reservatório dos Barbadinhos.

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo II. Parte III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SANTA RITA DE CÁSSIA****Século XVIII [1749]**

De Eremitas Descalços de Santo Agostinho.

Edificada na rua de São Sebastião da Pedreira, com frente para o norte. Os Religiosos tomaram posse dele em 2 de abril de 1749.

O dano causado pelo terramoto de 1755 foi insignificante, e logo se reparou (Castro, 1743: vol. III, 432).

A igreja tinha três capelas, contando com a capela-mor, onde estava a imagem de Santa Rita de Cássia, a quem a igreja fora dedicada; nas duas capelas laterais havia imagens de santos da Ordem de Santo Agostinho. Existiram ali algumas confrarias desde que os religiosos tomaram posse, até 1807. Tanto no convento como na igreja havia quadros, mas de pouco valor.

O Convento tinha dois pavimentos; e no primeiro esteve muitos anos aquartelada uma das companhias da Guarda Real da Polícia de Lisboa, até julho de 1833.

Depois da extinção das Ordens Religiosas em 1834, a igreja conservou-se aberta por algum tempo, havendo missa aos domingos e dias santificados.

Depois, todas as imagens foram levadas para a Igreja Paroquial de São Sebastião da Pedreira, sendo a de Santa Rita de Cássia colocada na capela-mor.

A igreja foi toda desmanchada por dentro, a ponto de não ter indicação alguma de casa religiosa.

O Convento serviu para se recolherem militares pobres e inutilizados. Actualmente serve de quartel da 3ª Companhia da Guarda Municipal (isto era nos fins do século. XIX).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

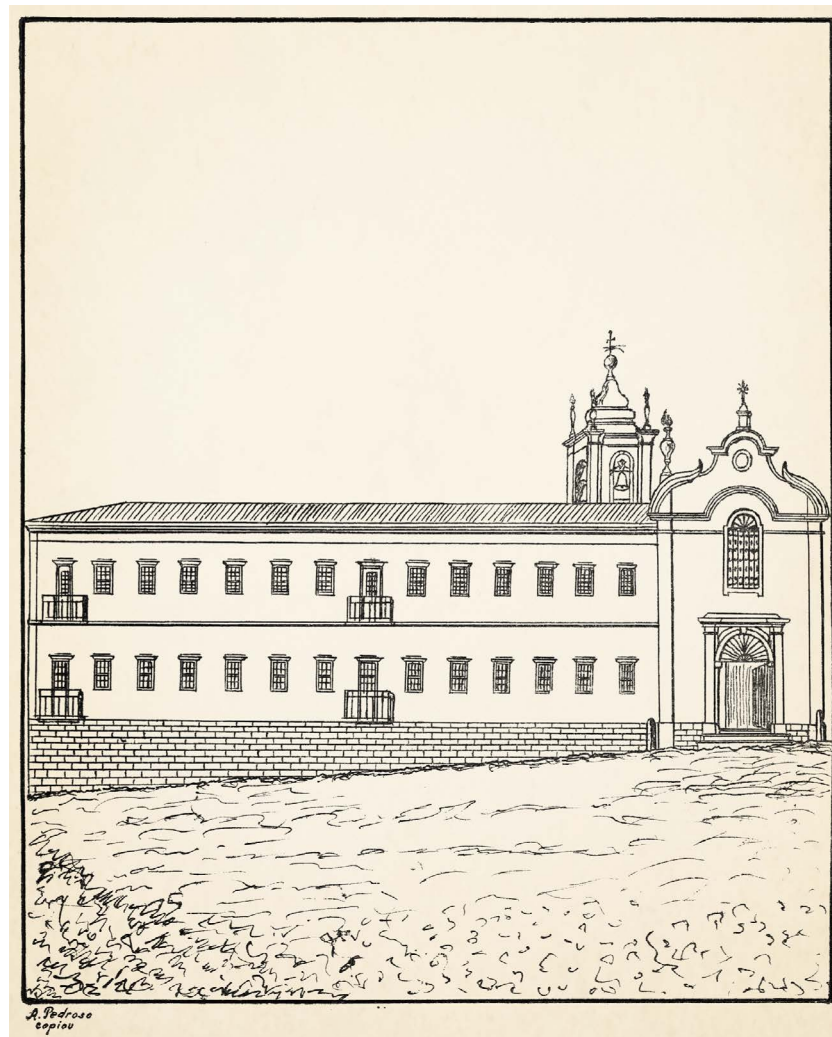


Fig. 32 – Igreja do Convento de Santa Rita de Cássia (in Pereira, 1927: 33).

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Vol. III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, [1840], 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES 2ª****Século XVIII [inauguração: 6 Maio 1750]**

Da congregação do Oratório, de São Felipe Nery.

**1. ANTECEDENTES: A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES [C.1600 ATÉ 1743]**

Em artigo dedicado à Ermida de Nossa Senhora das Necessidades [c. 1600-1616] explicámos com pormenor a origem da imagem, a edificação da Ermida, os milagres que a celebrizaram, a edificação de nova ermida pela Irmandade dos mareantes [1613], como em 1659 passou à posse de Pedro Castilho, e como era grande a devoção por esta Senhora nas pessoas reais, nomeadamente nos Pais do Rei D. João V.

Iremos agora ver como passou a ser a Igreja conventual do Convento de Nossa Senhora das Necessidades, da Congregação do Oratório, de São Felipe Nery.

**2. D. JOÃO V COMPRA A QUINTA E A ERMIDA**

Em 1743 – tendo aquela Ermida permanecido 130 anos no seu primeiro e humilde edifício – D. João V comprou a Ermida e a quinta contígua ao dito Baltazar Pereira do Lago.

Deu ocasião a esta compra o facto de, no dia de quinta-feira 10 de Maio de 1742, D. João V ter sido acometido daquele terrível acidente, que o deixou privado dos sentidos; mas, restituído a eles, e implorando o piedoso patrocínio desta soberana advogada, Nossa Senhora das Necessidades, logo no dia seguinte mandou lhe trouxessem aquela milagrosa imagem para a sua câmara, considerando como católico que, em a ter na sua companhia, tinha nela o forte escudo com que havia de rebater os violentos assaltos que o haviam de acometer, como de facto acometeram em certos tempos no decurso de 8 anos e 2 meses e 21 dias da sua penosa doença.

Querendo o Rei D. João V fazer demonstração de agradecido aos muitos benefícios recebidos pela intercessão de Nossa Senhora das Necessidades, deu princípio à obra dum majestoso Convento e Colégio, que no mesmo sítio se fundou.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O arquitecto foi Caetano Tomás de Sousa, que traçou o projecto<sup>XCIII</sup>. A igreja ficou integrada no Paço, e este contíguo ao convento e à sua larga quinta.

As obras principiaram em 1743 e estariam concluídas em 1750.

### 3. O CONVENTO E COLÉGIO: E O PALÁCIO CONTÍGUO

Acompanhou el-Rei a obra do novo Convento. E quase se acabou ao mesmo tempo a obra do Convento, que foi inaugurado em 6 de Maio de 1750, e a vida do Rei, que faleceu em 31 de Julho desse mesmo ano.

Em 6 de Maio de 1750 o Convento começou a ser habitado pelos Padres do Oratório e Congregação de São Felipe Nery, a quem o Rei tinha feito mercê do referido Convento e da grande Cerca que lhe anexou, mandando murar o seu terreno.

O Rei estabeleceu, como condição, que ali tivessem escolas públicas de ler, escrever e contar; e Gramática latina, aulas de Filosofia, teologia Moral, Retórica.

O Convento possuía excelentes celas, vastos dormitórios, uma cerca vastíssima, onde se viam bonitos jardins, muitas estátuas e bustos, belas fontes de pedra, e compridos passeios.

Contíguo à Igreja do Convento, mandou o mesmo Monarca fundador edificar um nobre Palácio, o Paço Real das Necessidades, no qual havia tribunas para a igreja. E no plano que lhe ficava defronte, se edificou no mesmo tempo um soberbo chafariz, a que servem de bicas quatro carrancas de pedra, e no centro destas se levanta uma pirâmide de pedra, feita à feição de obelisco de bastante altura, cujo remate se vê ornado com uma estrela ou alcachofra de bronze.

O Colégio, por causa do qual o Rei favoreceu grandemente a Congregação, concretizava (diz-se) o desígnio de contrapor a Congregação do Oratório, como corporação docente pelo modelo de *Port Royal*, ao predomínio da Companhia de Jesus na direcção dos estudos. Com tal finalidade, o Rei dotou o Real Convento das Necessidades com 12:000 cruzados por ano.

“Era bem justificada a protecção generosa que D. João V liberalisava á Congregação do Oratorio. Antonio Feliciano de Castilho, depois visconde de Castilho, e seu irmão José Feliciano de Castilho, fizeram-lhe o seguinte elogio, que vem publicado no tomo VII da Livraria classica portuguesa, pag. 78 e 79: «Nenhuma corporação regular teve nunca, proporcionalmente, maior, nem sequer igual numero de sujeitos extremados, pela justeza do seu viver, profundidade, e variedade da sua doutrina; foi desde a origem nêste reino até aos ultimos dias de uma tradição ininterrupta de justos, doutos e sabios. Desde os rudimentos

XCIII A responsabilidade projectual de Caetano Tomás de Sousa (1718?-1764) é hoje problemática, à luz dos mais recentes estudos críticos e descobertas documentais. É provável que tenha sido o engenheiro e arquitecto Custódio Vieira (ca. 1690-1744), colaborador de João Frederico Ludovice em Mafra, o autor do risco. A morte de Custódio Vieira, numa fase inicial da obra, determinou uma direcção alternativa, talvez por Eugénio dos Santos, mas que pode ter mantido, no essencial, os planos originais de Custódio Vieira. (Ferrão, 1994: 82 e segs.).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

das humanidades até aos cumes da eloquencia, da historia, da teologia, da physica e da mathematica, não ha ramo que se lá não cultivasse memoravelmente, e de que não ficassem padrões indeleveis e numerosos nas escolas, nas bibliotecas, nas academias.» O convento era enriquecido com uma livraria importantissima de livros selectos, que attingia a 30:000 volumes, que importou em mais de 120:000 cruzados, segundo diz o padre Antonio Pereira de Figueiredo, no Compendio das epocas. Possuia igualmente aquella casa religiosa uma bem trabalhada collecção de machinas e instrumentos para as experiencias do seu curso physico, a cujas lições recorriam em dias determinados, não só a nobreza e litteratos da côrte, mas as pessoas reaes, que muitas vezes assistiam ás operações physico-mathematicas d'este collegio” (Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 258).

#### 4. A IGREJA DO CONVENTO DAS NECESSIDADES

A Sagrada imagem de Nossa Senhora das Necessidades, que desde o dia 11 de Maio de 1742 estava no Paço (como dissemos atrás), foi dali levada para a sua nova igreja do Convento no dia 19 de Abril de 1751, em solene procissão, acompanhada pelo Rei D. José e pelos Senhores Infantes com a maior parte da Corte. A imagem foi colocada em uma rica tribuna na capela-mor. Era imagem grande, com mais de 1,50m [“é de sete palmos grandes”, diz Carvalho da Costa (1712: vol. III, 531)] e tem sobre o braço esquerdo o Menino Jesus, e na mão direita uma vara de prata com castiçal em que se lhe acende uma vela.

Tinha três capelas, contando com a capela-mor. Nesta está a dita imagem de N.ª Sr.ª das Necessidades. A tribuna tem quatro colunas, no meio das quais estava a dita imagem, em uma peanha. É de uma só nave<sup>XCIV</sup>.

A frontaria da igreja era como ainda se vê actualmente. O pórtico, aberto em três arcos entre quatro colunas, e com dois arcos laterais; nele, há um vestíbulo ou galilé. O tímpano da sobre-porta da capela representa um alto relevo com N.ª Sr.ª das Necessidades. Duas estátuas, de mármore, em nichos que ladeiam a porta, representando São Pedro (a da esquerda), obra de Alexandre Giusti, e São Paulo (a da direita), escultura atribuída a José de

XCIV É de registar que as encomendas de pintura para as Necessidades já não têm o esplendor daquelas feitas para os grandes monumentos da prodigalidade régia. O rei estava então doente (1747) e impunham-se outras obrigações dispendiosas, com a da capela de S. João Baptista, em São Roque. Mantêm-se, no entanto, as predilecções iconográficas do monarca: *Sagrada Família*, *Coroação da Virgem*, imagens de Nossa Senhora, São Francisco, Santo António, agora tratadas por artistas portugueses – Inácio de Oliveira Bernardes, Francisco Pinto Pereira, Francisco José Aparício. Entre 1747 e 1750, o pintor Jerónimo da Silva executou uma *Nossa Senhora e São Francisco de Sales*, colocada no primeiro altar do lado do Evangelho. (Saldanha, 2007: 114). A disposição original das peças de escultura e pintura, alterada nos últimos dois séculos, foi já objecto de uma proposta de reconstituição (Ferrão, 1994: 144).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Almeida. No terraço sobre o pórtico, ladeando a janela iluminante, duas estátuas: São Felipe Nery e São Francisco de Sales, esculturas do mesmo Giusti<sup>XCV</sup>.

A igreja não tem culto desde 1910. Muitas das suas alfaías e imagens encontram-se no Palácio da Ajuda, em depósito.

## 5. HISTÓRIA POSTERIOR

- A igreja nada sofreu com o terramoto de 1755. O convento só escapou à ruína, graças à sua elevada construção; o arquitecto Caetano Tomás, que procedeu às obras, teve a precaução de mandar segurar com linhas de ferro todo o edifício. O mesmo arquitecto, para as obras de reedificação, arbitrou 40:000 cruzados. Os Religiosos, no entretanto abrigaram-se na cerca em barracas de madeira improvisadas (vd. Castro, 1763: tomo III, 425).

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

XCV As esculturas colocadas nos nichos abertos no segundo piso da frontaria representam de facto S. Carlos Borromeu (à esquerda do observador), de Alessandro Giusti (1715-1799), e S. Camilo de Lélis, de José de Almeida (ca. 1700-1769) (Ferrão, 1994: 146). Concebidas originalmente por José de Almeida para a capela palatina das Necessidades, duas outras esculturas representando a rainha Santa Isabel e São João Baptista estão hoje colocadas na capela do paço da Bemposta.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO CAMILO DE LELLIS****Século XVIII [1754] – †**

Este convento foi fundado em 1754 no Palácio dos Marqueses de Cascais (vd Igreja/ Ermida de SÃO MATEUS – séc. XII/XIII no Tomo II, pp. 219-220 desta obra)

Era da Ordem dos Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos.

A licença para a fundação deste Convento na Ermida de S. Mateus foi dada por D. José I,

(...) com a condição dos religiosos assistirem aos enfermos no Hospital Real de Todos os Santos, bem como aos fieis que lhes solicitassem a sua assistencia para confissões, e na hora da morte. A estes religiosos se reuniram, por decreto pontificio e regio, os congregados da Tomina, para assistirem aos agonisantes, ocupando então parte do palacio do marquez de Cascaes, que el-rei D. José I mandou comprar para se incorporar á enfermaria, que escapara do incendio, que em 20 de agosto de 1750 havia destruido o referido hospital.

A igreja tinha tres capellas, estando na capella-mór a imagem de S. Camillo de Lellis, invocação que o convento tomou. Existia a Irmandade de N. S.<sup>a</sup> da Conceição e S. Camillo, que muito auxiliava a igreja, ficando d'ella completamente encarregada, quando se extinguiram as ordens religiosas em 1834. O vasto edificio foi então vendido, sendo o convento demolido, mas conservada a igreja, por consideração do comprador, ficando exposta á devoção dos fieis e entregue á irmandade, conservando-se assim algum tempo, tendo missa e outras orações. Em 1836 houve ordem para se fechar a igreja, transferindo-se a irmandade para a freguezia de S. Lourenço. A transferencia fez-se em solemne procissão. A imagem de S. Camillo de Lellis ficou collocada n'uma capelinha ao lado do Evangelho. A igreja de S. Camillo possuia o quadro allegorico do Santo, no painel central do retabulo; no tecto havia outro, feito sobre pano; este quadro foi coberto de tinta branca, quando se vendeu a igreja. As paredes eram adornadas de simples pinturas, com seus vasos de flôres. Das imagens, as mais consideradas, tanto pelo valor artistico como pela devoção, eram a de N. S.<sup>a</sup> da Conceição e de S. Camillo de Lellis. Projectara-se construir um novo edificio, que, segundo dizem, se elaborara um magestoso plano, que deveria occupar o terreno que vae do Poço do Borratem ao Arco dos Camillos, isto é, todo o quarteirão que faz frente á Praça da Figueira e rua do Amparo. A antiga ermida que servia de igreja ao demolido convento, seria tambem reedificada. Nada foi a effeito, construíram-se diversos predios de maiores ou menores dimensões. Ainda hoje [início do século XIX] ali se vê, nas proximidades, quasi no cimo da rua do Amparo, uma antiga estalagem, que é conhecida pelo nome dos Camillos, em memoria dos antigos frades da Congregação de S. Camillo de Lellis. (Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 533).

Conserva-se ainda o topónimo “Pátio dos Camilos”, na Rua João das Regras, 4 C.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

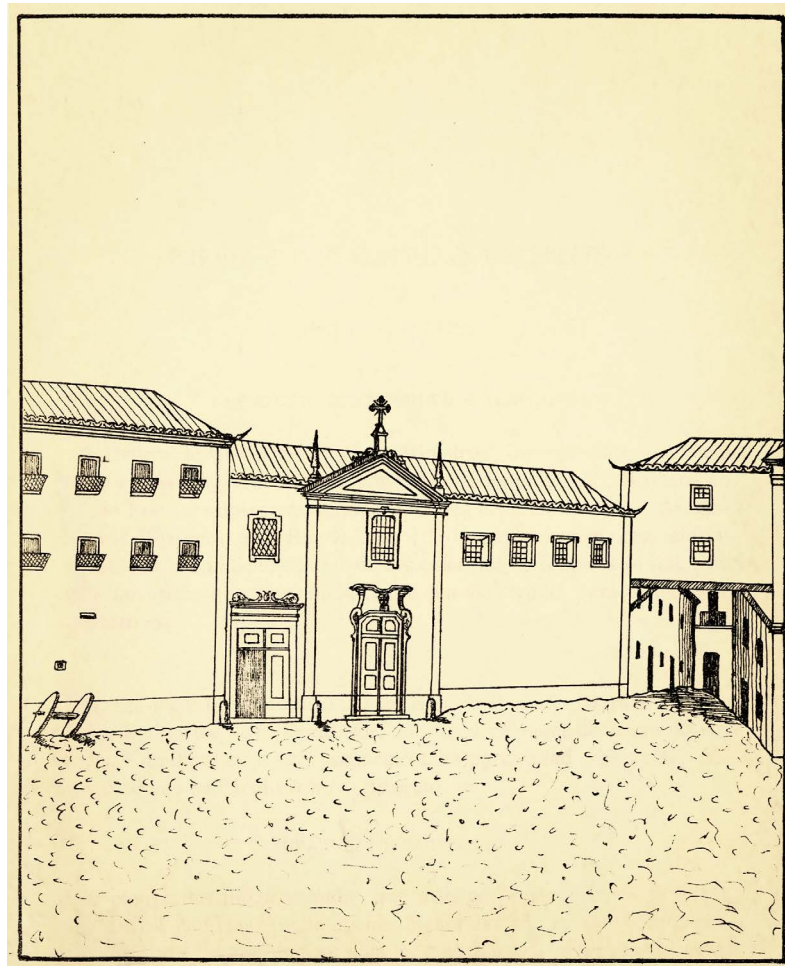


Fig. 33 – Igreja do Convento de São Camilo de Lellis (in Pereira, 1927: 129).

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, [1840], 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA****Século XVIII [1719. 1753]**

Era de Religiosos Mínimos.

Situada na Calçada da Pampulha, defronte do antigo convento de São João de Deus, actualmente Quartel da G.N.R.

Foi fundada em 1719 à custa de esmolos que pôde obter Fr. Ascenso Vaquero, religioso leigo da mesma ordem, da província da Andaluzia, pessoa conhecida de estremada sinceridade e virtude. Destinava-se a Hospício da Ordem<sup>XCVI</sup>.

No ano de 1753, por decreto de el-rei D. José, começou nova fábrica, para ser Convento. A rainha Dona Mariana Vitória concorreu muito para esta edificação, declarando-se sua protectora. A traça geral é de Inácio de Oliveira Bernardes; as torres são de Azzolini. Dão ingresso ao templo duas escadarias interiores, que se unem numa espécie de galilé, tendo para a rua um arco bastante decorativo.

No interior, pinturas de Vieira Lusitano: “São Francisco de Paula”, N.ª Sr.ª da Conceição”, “Santo António”.

O tecto da igreja é de Francisco Pais. A igreja possui 6 altares, além da capela-mor.

Na capela-mor, mausoléu de mármore de Dona Mariana Vitória, mulher de D. José (monumento nacional), da autoria de Machado de Castro.

<sup>XCVI</sup> A autorização para a fundação do hospício dos mínimos data de 1717. Como refere José da Felicidade Alves, o apoio da rainha D. Mariana Vitória (1718-1781) foi decisivo, assegurando não só a rapidez da empresa como a coerência formal e a qualidade arquitectónica da obra e da decoração interna. As responsabilidades projectuais de Inácio de Oliveira Bernardes (1695-1781), de quem só se conhecem as facetas de pintor e cenógrafo, mas indicado como autor da traça por Cirillo Volkmar Machado, e sem outro suporte documental, bem como a de Giacomo Azzolini (1717?-1791), responsável pelo remate da igreja (frontão e torres sineiras), continuam a ser aceites pela historiografia. Não é impossível um papel de aconselhamento prestado pelo arquitecto Mateus Vicente de Oliveira (1706-1786), a quem coube o arranjo do espaço para o túmulo da rainha, realizado entre 1781 e 1783 pelo escultor Joaquim Machado de Castro (1731-1822) (Santos, 1996).

## Bibliografia

*Lisboa e seu termo: estudos e documentos*. Vol. II. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1948, pp. 105-160<sup>54</sup>.

PROENÇA, Raul (Dir.) – *Guia de Portugal. Lisboa e Arredores*. 2ª edição. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976, pp. 383 e 696.

<sup>54</sup> Nestas páginas, figura um artigo de Manuel Santos Esteves, intitulado “O túmulo da Rainha D. Marianna Vitória em S. Francisco de Paula e algumas outras obras de Machado de Castro”. Além de fotografias do projecto e do túmulo, reproduz a do-cumentação sobre os pagamentos efectuados entre julho de 1781 e março de 1783, relativos ao mausoléu da dita rainha.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS – 3ª****Século XVIII [1º quartel: 1724 e 1748]**

Primeiramente fundado por el-rei D. Sancho II, o qual lançou a 1ª pedra nos alicerces em Outubro de 1241; depois, no ano de 1249, el-rei D. Afonso III lhe mandou fazer a igreja. D. Manuel mandou fazer o dormitório. Conforme as necessidades dos tempos e a existência de cabedal, assim se foram processando as obras.

No século XVIII houve duas intervenções notáveis.

No ano de 1724, por actividade do Provincial Frei António do Sacramento, “se reduziu ao moderno todo o corpo da igreja antiga, emendando-se a desigualdade das capelas, pois as que ficavam em a nave da parte do Evangelho, eram fundas e escuras, e as da parte da Epístola estavam quase todas à face da parede, e com desigualdade, umas mais altas do que outras” (in Castro, 1763: tomo III, p. 311).

Anos depois, no ano de 1748, “fabricou-se a capela-mor de excelente pedraria lavrada pelo desenho e risco do insigne João Frederico Ludovice, e concluída pelo célebre Belino de Pádua<sup>XCVII</sup>, cuja obra custou mais de cem mil cruzados, para a qual havia concorrido a generosa piedade de el-rei D. João V, com a esmola de 22:000 cruzados, além de outros adjutórios precisos, que mandou fazer prontos dos seus armazéns reais” (Castro, 1763: tomo III, p. 311).

O terramoto de 1755 fez desmoronar o óculo do frontispício da igreja (que matou bastante número de gente, que vinha fugindo para o adro); caiu logo a tribuna da capela da Senhora do Rosário, e a de São Domingos; caiu a torre fazendo precipitar tudo o que achou por diante; grandes porções das paredes dos dormitórios, a capela do noviciado, e da grande casa da livraria, e parte das paredes do dormitório de cima, que olhava para o Rossio.

Não foi menor o estrago causado pelo incêndio subsequente. Ficaram ilesas a sacristia (que era de 1664), a capela-mor (que era de 1748), a cripta por detrás da capela-mor, e talvez as paredes do interior do templo, assim como a Portaria que da Rua da Palma dá acesso à Sacristia (que era da 1ª metade do século XVIII).

Damos a descrição redigida pelo P.º João Baptista de Castro que examinou tudo minuciosamente:

“Com a mesma fatalidade se abrazaram no coro junto á capella mór os excellentes quadros, com que se ornavam as paredes, e eram todos do punho do nosso insigne Bento Coelho: todos os livros, que serviam nêsse dia no coro, que eram de estampa em pergaminho com uma bem lavrada estante de pau santo, que tinha sido da Basilica de Santa Maria, sendo ainda catedral. Queimaram-se outros originaes de admiraveis pinturas, um precioso ornamento de veludo bordado de ouro alto com as armas do Santo Officio, que servia para a festa de S. Pedro Martyr, toda a armação da igreja, que era de damasco carmezim com galões de ouro, uma estante grande de prata, que servia no coro nas festas mais solemnes, e havia custado dez mil cruzados, um throno magestoso de prata, que tinha quatro mil marcos lavrada,

XCVII Sobre este escultor italiano vd. supra o que ficou dito na entrada referente à igreja de Santo Estêvão.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

e assentada em xarão, para n'elle se expor em Quinta feira santa o Santissimo Sacramento em um grande cofre de prata, que tinha sido dado pelo eminentissimo Cardeal da Cunha, todos os paramentos ricos da irmandade dos Pas-sos, que serviam na sua procissão, todas as alampadas de prata da igreja, que eram vinte, e entre estas duas da capella do Senhor dos Passos, que tinham custado perto de dez mil cruzados: tambem devorou o fogo a ermida de Nossa Senhora da Escada com todas as suas veneraveis imagens, a qual estava por cima da igreja sobre a nave da parte do Evangelho.

Entre as perdas, e os prejuízos, que padeceu este convento, foi muito penoso para todos a da grande copia de livros, que o fogo consummiu, sem deixar um só nas suas duas famosas bibliothecas. Existiam estas no fim do dormitorio de cima, e constava a maior de uma formosa casa com seis janellas para o Nascente, e Poente, e tinha cento e dous palmos e meio de comprido, quarenta e sete e meio de largo, e vinte e oito de altura. Para vencer, e occupar esta, corria por cima das primeiras estantes uma varanda, para onde se subia por uma escada occulta mettida por entre a parede. Nas estantes debaixo, que eram quarenta e tres, se continham tres mil oitocentos e quarenta e cinco volumes: e nas de cima, que tinha quarenta e seis estantes, se numeravam cinco mil novecentos e quarenta e tres livros. Eram todos encadernados em pasta dourada, e de todas as faculdades distribuidos methodicamente, franqueando-se a sua lição a todas as pessoas de fóra em qualquer hora do dia: pera o que além do bibliothecario mór, havia um leigo destinado a facultar este ministerio, com sua tença estabelecida pelo memorável zelo do religiosissimo padre frei Manuel Guilherme.

Na outra casa da livraria chamada pequena, contigua a esta, se guardavam livros muito raros, e particulares manuscritos, e entre estes os originaes dos commentarios sobre a sagrada Escritura do padre fr. Francisco Foreiro, e do padre fr. Francisco de Bovadilha, o original da chronica do padre fr. Luiz de Cacegas, que escreveu a Historia da pro-vincia de Portugal, o original do Tratado do Purgatorio do padre fr. Manuel Homem: as Postilhas do doutor infeliz Antonio Homem: um tomo de sermões da propria letra do veneravel Fr. João de Vasconcellos: os manuscritos do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, cura que foi da igreja do Loreto, e eram cento e vinte e quatro volumes entre grandes, e pequenos, cheios de muitas noticias adquiridas pelo seu incansavel estudo: e outros muitos mais, que faziam o computo de cinco mil e quinhentos volumes, os quaes unidos com os da casa grande formavam o numero de quinze mil cento e oitenta e oito corpos de livros.

Seguiu a mesma infelicidade a famosa botica d'este convento, ardendo com toda a sua fabrica. A sacristia porem, supposto padecer sua ruina com o terramoto, que lhe rachou em varias partes a abobeda, com tudo o fogo lhe não entrou dentro, sem embargo de lhe queimar a porta porque intrepidamente a defendeu da voracidade das chammas o irmão: converso fr. Diogo do Rosario, que no estado ainda de secular servia n'este tempo na sacrista, salvando-se por sua intrépida actividade toda a prata, e ricos ornamentos, que estavam n'ella guardados, expondo-se elle a perder a vida entre as lavaredas, não só para salvar a sacristia, mas para recolher o frontal rico bordado de ouro, que estava no altar mór, em que já o fogo tinha pegado, e toda a prata da banqueta do mesmo altar, executando tudo com zelo grande, sem ter quem o ajudasse, porque todos se haviam retirado do convento amedrontados.

N'este estrago faleceram o padre presentado fr. Manuel dos Santos excellente pregador, que estava para prégar n'aquelle dia, o padre fr. Joseph de Castello Branco, filho dos con-



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

des de Pombeiro, e o padre fr. Antonio Joseph Cesar, organista, um official da botica, e dous criados do convento, ficando muitos outros religiosos mal tratados, e feridos. Parte d'elles se foram logo refugiar para o convento de Santa Joanna, outros para o de S. Domingos de Bemfica, e outros para o de Santarem. O prior, que então era fr. João Franco, ficou com alguns religiosos no Rocio guardando o cartório, e sepultando os mortos no adro.

Quando o fogo deu lugar, se recolhessem estes poucos para o convento, e passados dous mezes começaram a tirar o entulho, demolir as paredes arruinadas, e no dormitorio, que cae para o Rocio, fizeram algumas accomodações, e, quando chegou o tríduo das quarenta horas, em um lanço do claustro fizeram igreja, expozeram o Santissimo, e tiveram sermões; da mesma sorte celebraram os officios da Semana santa, e pela Pascoa do Espirito Santo, servindo já de igreja a casa do capitulo, n'elle se fez a festa das Justiças com assistencia do regedor.

Demolindo as paredes do dormitorio de cima, reformaram os dormitorios de baixo, e o que cae para a parte do hospital e estenderam pelo dormitorio, que era do noviciado. Fizeram parte da adega casa de botica com porta para o claustro. Fizeram uma casa de livraria, que já tem guarnecido com bastantes livros facultativos, e de Historia. Serve-lhe de igreja a casa do capitulo, e um lanço do claustro, a casa de profundis de refeitório, o antecoro de aula de Theologia, e a casa da portaria de aula para os collegiaes clérigos do collegio de Nossa Senhora da Escada, e finalmente se acham com accomodações para noventa religiosos (in Castro, 1763: tomo III, 313-315).

## Bibliografia

CARVALHO, Armino Ayres de (1962) – *D. João V e a Arte do seu Tempo: As memórias d'el rey D. João V*. Vol. II. Lisboa: Edição do Autor, 1962.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |





|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

#### 4. IGREJAS CONVENTUAIS DE FREIRAS ♀

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA –  
1ª OU DAS SALÉSIAS****Século XVIII [1714]**

De Religiosas da Ordem de São Francisco de Salles.

Era situada na Junqueira, na Rua que se ficou chamando “das Salésias”, depois Rua “das Casas de Trabalho”, e actualmente Rua Alexandre Sá Pinto.

O convento foi fundado em 1714 pelo Padre Teodoro de Almeida, para educação de meninas. Para formar a Comunidade vieram religiosas do Convento de Annecy, da Sabóia, onde se conservam as relíquias de São Francisco de Sales. As freiras fundadoras foram recebidas em Lisboa com toda a solenidade no mencionado ano de 1714.

O edificio construiu-se no fim da Cordoaria, á Junqueira, numa travessa para o lado norte, onde estiveram a igreja e o convento até 1846.

O antigo edificio era vasto e distribuído segundo todas as regras da higiene. Na cerca viam-se frondosos arvoredos, perfeitamente tratados.

A antiga igreja tinha apenas uma capela onde estava o Santíssimo Sacramento e a imagem do santo patriarca da Ordem, São Francisco de Sales.

Em 1846 inaugurou-se a igreja moderna.

Vd. Igreja moderna do CONVENTO DAS SALÉSIAS – 2ª - 1846



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO CONVENTO DE SANTA APOLÓNIA****Século XVIII [1718] – 1834 †**

Este convento era de religiosas da primeira regra de São Francisco, de Santa Clara.

1. A sua história enraíza na Ermida de Santa Apolónia, que remontava talvez a 1337, e onde a partir de 1642 se estabeleceu um Recolhimento. Lembremos a experiência religiosa:

Esta ermida foi berço de uma experiência religiosa exemplar. Em 1640 veio de Vila Viçosa certa veneranda devota, Dona Isabel da Madre de Deus, criatura muito protegida da família da Casa de Bragança. E em 1642 recolheu-se a um prédio contíguo à ermida, que pertencia à Irmandade dos Confeiteiros. Tratava com o maior cuidado o altar da Santa, e ficou morando na tal habitação contígua. Andava vestida de capucha; e tanto lhe quis sempre a rainha Dona Luísa, que a denominava habitualmente “a minha capuchinha” (Castro, 1763: tomo III, 276).

Dona Isabel acompanhou a Londres a sua jovem ama, a Infanta Dona Catarina, Rainha da Grã-Bretanha, em 1662; e voltando com ela em 1573, tornou para a sua saudosa ermida de Santa Apolónia (que fora reedificada em 1571, após a ruína que sofrera). Dona Isabel juntou companheiras, e aí deu princípio a um Recolhimento, sob a direcção espiritual do Padre Frei Amaro da Esperança, Comissário dos Terceiros de São Francisco da Cidade. Entre as companheiras, notava-se especialmente uma que chamavam Luísa da Assunção.

A Casa Real portuguesa protegeu aquelas recolhidas de Santa Apolónia; deu-lhes ornamentos para o templo, e outras alfaias; a rainha Dona Luísa ofereceu ricos vestidos; a Rainha da Grã-Bretanha ofereceu o traje de núpcias com que se recebera na Sé de Lisboa; tudo para enfeite e adorno das imagens.

2. Vivendo estas servas de Deus com grande exemplo e edificação, o Santo Padre Clemente XI, pela Bula de 16 das Calendas de Maio [17 de Abril] de 1717), deu licença às Recolhidas de Santa Apolónia para se constituírem em clausura formal.

Em 6 de Fevereiro de 1718, professaram como freiras franciscanas catorze dessas senhoras, treze com véu preto e uma com véu branco, por ordenar Sua Santidade “poderem professar logo todas na ordem da profissão a das suas antiguidades; e a primeira ficou sendo Abadessa do Convento” (vd. Castilho, 1893: 110-111).

Ficaram na obediência ao Ordinário Diocesano. Assistiu a essa função e às seguintes, o Cónego José Ferreira Souto, por comissão do Cabido da Sé Oriental; e pregou, com a exposição do SS. Sacramento e música, Frei Tomaz da Assunção, arrábido.

A rainha visitou no mesmo dia de tarde o novo convento, acompanhada com suas damas.

No dia seguinte, 7 de Fevereiro, celebrou-se no templo a festa de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, a quem as recolhidas tinham invocado por seu

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

protector. Pregou o jesuíta José da Costa. De tarde, lançou-se o véu a catorze noviças, das quais tiveram só seis meses de noviciado as que tinham 6 anos de reclusão.

No dia 8 festejou-se São Francisco de Assis, pregando Frei José da Natividade, da Ordem da SS. Trindade.

No dia 9 celebrou-se a festa de Santa Apolónia, a quem a igreja era dedicada, pregando o agostiniano Frei Francisco de Brito, eremita de Santo Agostinho e neste dia e no seguinte o Santíssimo esteve exposto em lausperene (vd. Conceição, 1820: vol. VII, 74-75).

3. O convento estava situado à beira-mar, junto às portas da cidade e do forte de Santa Apolónia, tendo a frente para o norte.

O convento sofreu poucos estragos com o terramoto de 1755; apenas algumas ruínas nas paredes exteriores. Mas o justo receio levou as freiras a sair, indo abarracar no forte que então lhes ficava contíguo.

Ao tempo da publicação do *Mappa de Portugal* (1763), um certo devoto mandou reedificar desde os alicerces o mosteiro, “com pronta e liberal grandeza”.

4. A planta da igreja era muito pequena: podia acomodar pouco mais de 200 pessoas. Parece ter sido desenho do arquitecto Francisco António Ferreira, o Cangalhas.

Possuía 3 capelas:

- a primária, tendo aos lados do retábulo dois nichos com mísulas, onde figuravam os santos fundadores (São Francisco e São Domingos).

- duas capelas colaterais junto ao arco da capela-mor, numa delas estava a devota imagem do Senhor Jesus da Paciência.

5. Por ocasião de se formarem as Linhas de Defesa de Lisboa, em Agosto de 1833, foram as Comendadeiras mandadas recolher aos conventos de religiosas da cidade: as Comendadeiras de Santos para o Mosteiro da Encarnação, as de Arroios para o das Mónicas, e as de Santa Apolónia para o de Sant’Ana.

Em 1834, as Comendadeiras recolheram aos respectivos conventos; mas as de Santa Apolónia conservaram-se em Sant’Ana. Depois foram transferidas para as Mónicas, indo duas religiosas servir no coro dos padres Barbadinhos Italianos (entretanto sede da paróquia de Santa Engrácia).

A igreja ficou desocupada; e o convento ficou a servir de domicílio aos órfãos da Real Casa Pia, que por sua vez aprendiam certas disciplinas no Arsenal do exército.

Em 1843 ainda as freiras de Santa Apolónia estavam nas Mónicas. Quanto ao seu convento, passou para a Companhia Real dos Caminhos de Ferro, em 1852.

6. A igreja, no seu interior, não tem hoje sinal religioso algum e constitui um armazém da Cooperativa dos Caminhos de Ferro.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A frontaria ainda existia, pelo menos, no tempo em que Júlio de Castilho escreveu a sua obra *A Ribeira de Lisboa* (1893) (vd. descrição da frontaria, pp. 108-109). Depois, foi apeada e reedificada no Arripiado (Chamusca), segundo diz J. Paiva Boléo (1960: 34)<sup>xcviii</sup>.

Segundo Paiva Boleo (1960: 34):

“Toda aquela zona da cidade está ainda impregnada do nome de Santa Apolónia. Além da Estação de Caminho de Ferro que tem o seu nome e que, depois dos melhoramentos por que passou, se transformou na primeira estação de caminhos de ferro de Lisboa, há o Palácio de Santa Apolónia, hoje chamado dos Palhas, por ser pertença dos descendentes da família Pereira Palhas e há, por trás do que foi o Convento, o Forte de Santa Apolónia, sistema de fortificações seiscentistas da margem de Lisboa; e ainda o nome de Santa Apolónia aparece na esquina de ruas diversas: Rua de Santa Apolónia, Calçada de Santa Apolónia e Rua da Cruz de Santa Apolónia. Há também o Cais de Santa Apolónia, junto ao Tejo.

Na toponímia portuguesa, o nome de Santa Apolónia aparece ainda na freguesia de Alcaíns, na freguesia de Silves, do concelho de Guimarães, como adiante veremos, e ainda no lugar de Talhadas, Ferreira do Zêzere, há uma capelinha rural dedicada a Santa Apolónia”.

XCVIII Depois de desmantelada, em 1958, a frontaria da igreja foi integralmente remontada na aldeia do Arripiado (Chamusca), a pedido expresso do Dr. Ruy Sommer de Andrade. Já com dedicação a São Marcos, o templo abriu ao culto em Novembro de 1960.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 34 – Igreja do Antigo Convento de Santa Apolónia (in Castilho, 1948: vol. I, 162-163).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Bibliografia

BOLÉO, José de Paiva – *Santa Apolónia. Estudo Histórico e Iconográfico*. Lisboa: [s.n.], 1960.

CASTILHO, Júlio de – *A Ribeira de Lisboa: Descrição Histórica da Margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até. Santos-o-Velho*. 3ª edição revista e ampliada pelo autor e com anotações de Luiz Pastor de MACEDO. Vol. I. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1948.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da – *Gabinete Historico*. Vol. VII. Lisboa: Impressão Regia, 1820.

SÃO DIOGO, Padre Frei Pedro de – *Horto Seráfico, fechado às vaidades do mundo, e aberto para as felicidades da Glória, em que se trata da origem, fundação e progressos do reformadíssimo Mosteiro de S.ta Apollonia, extra-muros da Cidade de Lisboa, com as exemplares vidas, relevantes virtudes e mortes preciosas de algumas servas de Deus, que nelle florecerão, e terminarão seus dias, com grande opinião de Santidade...* Lisboa: Real Mosteiro de São Vicente de Fora, 1757 [BNL, H.G. 5036 P].

SOUSA, J. M. Cordeiro de – “O convento de Santa Apolonia” in J. M. Cordeiro de SOUSA – *Colectânea Olisiponense*. Vol. II. Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa, 1958.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, [1840], 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ♀ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, AO RATO OU DAS TRINAS DO RATO

Século XVIII [inauguração: 1721] → † 1874

### 1. O FUNDADOR E SEU TESTAMENTO<sup>55</sup>

O fundador foi MANUEL GOMES DE ELVAS (1550-1621), fidalgo da Casa Real, comerciante riquíssimo, que dirigiu a el-rei uma petição para que o autorizasse a fazer um Mosteiro de Freiras à custa da sua fazenda, para o que o dotaria com três mil cruzados anuais.

Pouco depois veio o despacho favorável por Alvará de 15 de Maio de 1614, dando licença ao dito Manuel Gomes de Elvas para fazer um mosteiro de freiras no sítio e terra sua que tinha em Campolide, entre estradas públicas juntas do Mosteiro de São Bento- o-Novo e da Casa do Noviciado da Companhia de Jesus, o qual mosteiro queria fazer tudo à sua custa para religiosas da Santíssima Trindade; para o que, o faria dotar de 3.000 cruzados de renda, além de 200:000 cruzados mais os juros cada ano para a fábrica do dito mosteiro (vd. a parte essencial do Alvará, em Sequeira, 1922: vol. III, 295-297).

Em seu testamento feito em Lisboa, em 29 de Junho de 1620 (Sequeira, 1922: vol. III, 298-300), o opulento capitalista determinava a instituição de dois morgados dos seus bens de raiz, com a cláusula dos seus herdeiros mandarem edificar com maior grandeza o supradito Mosteiro da Ordem Trina, para quarenta religiosas (que seriam apresentadas pelos sucessores dos morgados), para cujas despesas e sustento deixava abundante quantia. Determinava igualmente que o seu corpo fosse (provisoriamente) sepultado no Mosteiro do Carmo, donde seria trasladado para o meio da capela-mor da nova casa religiosa, logo que esta estivesse concluída. No meio da capela também, a seu lado, reservava ele um lugar para sua mãe, Isabel Vás (então sepultada em Elvas). Na capela-mor, do lado da epístola, queria que fossem sepultados sua sobrinha Dona Francisca Coronel, o marido dela, Luís Gomes Nunes, e todos os filhos e descendentes desta sua sobrinha; do lado do evangelho, ficaria seu pai e seus irmãos António Gomes Elvas e Carlos Nunes Coronel (então sepultados em Elvas), como para todos os descendentes deles.

Não tendo casado nem tendo filhos, os dois morgados instituídos couberam aos seus colaterais.

Manuel Gomes de Elvas determinara para quem iria cada um dos dois morgados, de cerca de 2.500 cruzados de juros; e como se resolveria, no caso de algum dos beneficiários falecer sem geração”.

O dito Manuel Gomes de Elvas faleceu em 14 de Setembro de 1621, sem deixar descendência (como dissemos).

<sup>55</sup> Sobre a história deste Convento, o melhor estudo é Sequeira, 1922: vol. III, 294-375. Ele pôde consultar documentos do Cartório do Convento que em 1919 desapa-receram num incêndio.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. VICISSITUDES DA FUNDAÇÃO

Durante 100 anos, a fundação arrastou-se condicionada por ocorrências várias; que brevemente apontamos:

- Ainda antes de morrer o fundador, chamou-se o arquitecto de el-rei Baltazar Álvares, para fazer a traça; e apetrechou-se o essencial para o início da edificação. Mas como tudo isso levasse tempo e as moléstias do opulento fidalgo não lhe permitissem mais dilatada vida, ficou tudo ainda longe do princípio desejado quando ele faleceu em 14.Nov.º.1621.

- Depois, foram tantos os sequestros feitos à sua Fazenda pelo Fisco Real e por particulares, que a sua fazenda já em 1633 (12 anos depois da sua morte) estava reduzida à quantia de 1.490\$00 réis cada ano.

- Em 1633 impetraram-se as necessárias licenças do papa Urbano VIII e iniciou-se a construção do convento, segundo o risco de Baltazar Álvares.

- Em 1645 surgiu um litígio; em 1646, o Hospital Real alcançou sentença contra os testamenteiros, fazendo-lhes sequestro dos Juros, até se pagar da dívida que alegava; só em 1657 é que se conseguiu que se aplicasse ao convento o que restava da herança, como subsídio para as obras, enquanto ele se não concluísse.

- No tempo do cardeal de Sousa, entre os anos 1676 e 1702, entenderam os administradores que o edifício já se achava em estado de receber freiras e nessa conformidade nomearam-se algumas noviças. Surgiram, porém, dificuldades e dívidas entre eles e o prelado, e tudo ficou de novo parado.

- Em 1704, estando ainda deserto o convento, o governo entendeu cedê-lo aos soldados ingleses, desembarcados em Portugal para auxiliar as pretensões do arquiduque Carlos, a fim de servir de hospital. Assim durou até 1712.

- Pouco depois, por volta de 1713, surge a luta da Madre Teresa Maria de São José, carmelita, que vai durar cerca de 20 anos (vd. anexo).

- A Ordem Trinitária obteve de Roma, por sentença de 3 de Outubro de 1716, que a Congregação do Concílio mandasse que se desse execução à risca do testamento; para tal fim, o Cardeal D. Tomás de Almeida aceitou o governo do mosteiro. Foi isto em 30 de Maio de 1717.

- Passaram-se ainda quatro anos à espera que o papa Clemente XI reformasse a Bula de Urbano VIII e que se preenchessem algumas formalidades.

## 3. INAUGURAÇÃO DA CLAUSURA

Finalmente, em 21 de Junho de 1721, foi benzida a igreja pelo arcebispo de Lacedemónia, João Cardoso Castelo, dizendo a primeira missa o Padre Luís Branco, confessor do Convento.

Em 23 de Junho, dois dias depois, veio a comunidade de religiosas da Santíssima Trindade cantar à nova igreja um *Te Deum* em acção de graças por ter chegado o dia tão

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ansiosamente esperado da inauguração. Celebrou então missa de Pontifical o cónego da Sé Patriarcal Francisco Sales.

O *Gabinete Histórico* (1820: tomo VII, 118-120) dá-nos a notícia de que no dia 26 de Junho de 1721:

“... Saíram do convento de Santa Marta da cidade de Lisboa a Madre Isabel Maria das Montanhas, que nele tinha sido abadessa, e as Madres Maria de São Filipe, Antónia Thereza e Euphrásia do Sacramento, que todas serviriam vários cargos na sua religião, para prioreza, sub-prioreza, mestra de noviças e porteira do novo convento de Nossa Senhora dos Remédios de Campolide, mandado fundar para as Religiosas da Santíssima Trindade por Manoel Gomes de Elvas Coronel, fidalgo da Casa Real, filho de Luiz Gomes Coronel o Velho, no testamento com que faleceu no ano de 1620, dotando-o de rendas para sustento de quarenta religiosas, que serviam escolhidas pelos administradores dos Morgados que instituiu, e para dois capelães perpétuos.”

“Foram conduzidas pela condessa de Avintes e por Dona Catherina de Bourbon, mulher de Pedro Álvares Cabral, alcaide-mor de Belmonte, e recebidas no dito mosteiro pelo Patriarca D. Thomaz de Almeida, assistido dos Tribunais da sua Relação e Câmara, por D. Rodrigo de Lencastre, como tutor de Manuel Joaquim Correia de Lacerda, administrador dos ditos morgados e mosteiro.”

“Entraram logo nele 14 religiosas, às quais lançou o hábito, por comissão de D. Thomaz, o arcediogo da Santa Igreja Patriarcal, D. José Dionísio Carneiro de Sousa, cujo acto honraram com a sua presença a rainha e as senhoras Infantas D. Maria e D. Francisca, concorrendo a ele um grande número de nobreza e povo”.

Segundo Matos Sequeira (1922: vol. III, 319), esta cerimónia do lançamento do hábito realizou-se a 2 do mês seguinte (Julho).

Por Provisão de 16 de Julho de 1725, a primeira Prioreza, Madre Isabel Maria das Montanhas, por ser muito velha e achacada, ficou unicamente com as honras do cargo, passando o exercício dele para a sub-prioreza Soror Maria de São Filipe, que se tornou efectiva por Provisão de 21 de Agosto do mesmo ano de 1725.

Em Julho de 1732 terminou a comissão das religiosas de Santa Marta e recolheram ao seu Convento de Santa Marta as madres fundadoras, atrás nomeadas.

Foi então nomeada prioreza Soror Maria do Nascimento, uma das freiras que profes-sara no dia da inauguração (vd. Sequeira, 1922: vol. III, 320).

#### 4. DESCRIÇÃO DA IGREJA CONVENTUAL

Sobre a igreja deste Convento, respigamos algumas notícias registadas em Matos Sequeira, 1922: vol. III, 360 ss.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- A igreja era de uma só nave; porta lateral, voltada ao sul. O tecto era de madeira, pintado por José António Bochecha (conforme diz Volkmar Machado e confirma Matos Sequeira (1922: vol. III, 364, que viu a assinatura no tecto).

- No corpo da igreja havia cinco capelas, três do lado do evangelho e duas do lado da epístola (sendo o vão da capela fronteira ocupado pela porta de ingresso à igreja). Quase todas as capelas eram iguais e apenas diferiam as do lado da epístola em não terem painéis.

Do lado da epístola, a 1ª capela era a de Nossa Senhora da Luz. A imagem da Senhora estava encerrada em uma maquinaeta, tendo aos pés São José, e as dos lados Santa Gertrudes e São Francisco. A 2ª capela era a de São Miguel, cuja imagem em vulto estava entre São João Gualberto (benedictino) e Santa Inês; esta capela fora feita toda à custa da madre Soror Ana da Santíssima Trindade (professa em 2 de Out.º de 1746 e falecida em 24 de Abril de 1775), que deixou 5:000 cruzados para azeite da lâmpada e mais 150:000 réis em dinheiro.

Do lado do evangelho, a 1ª capela a contar do cruzeiro era a de São Tomás de Vila-nova, advogado das coisas perdidas; tinha um painel representando o santo arcebispo dando esmola aos pobres; e também as imagens de São Pedro e Santo António. Ali estava a sepultura do P.º José Agostinho de Macedo († 1831). A 2ª capela era a de Nossa Senhora do Rosário; o painel representava N.ª Senhora dando um rosário a São Domingos; em baixo a imagem de Nossa Senhora do Pópulo e aos lados São Gualberto (trino) e Santa Teresa (carmelita). A 3ª capela era a de Santo António; o painel representava a aparição de Nosso Senhor a Santo António; era do pintor António Machado Sapeiro (segundo Cirilo, uma das suas melhores obras); as imagens de Santa Clara (franciscana) e de São Luís rei de França.

Ladeando o cruzeiro havia mais duas capelas. A do lado da epístola era dedicada a São Simão de Roches; havia também as imagens de Santa Ana, a de São Joaquim e a de Nossa Senhora da Piedade. A outra capela, do lado do evangelho, era a do Santíssimo Sacramento, que até 1760 esteve no altar-mor; o painel do fundo representava o Santo Cristo, com Santa Maria Madalena aos pés; ao lado, Nossa Senhora da Conceição e Santa Teresa.

A capela-mor tinha no altar a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira do convento, entre São João da Mata e São Félix de Valois (fundadores em 1198 da Ordem dos Trinitários). O tecto da capela-mor era pintura sobre madeira de Jerónimo de Barros Ferreira (conforme informação de Machado, 1823: 128). No pavimento, o carneiro dos condes de São Miguel, padroeiros do mosteiro.

Pelas dependências do convento havia diversas capelas e altares.

Sobre as duas portas extremas da fachada lateral do edifício foram colocadas duas inscrições:

#### Do lado direito:

ESTA OBRA MANDOU CONTINVAR MANOEL CORREIA DE  
LACERDA PADRO / EIRO QUE HE DESTE MOSTEIRO E ADM-  
NISTRADOR DELE EM O QVAL SE / NAO AVIA TRABALHADO  
DESDE O ANNO DE 1654 ATÉ O DE 1672 EM Q O SOBRE-

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

DITO / APPLICOV AQUE SE FIZESSE A DITA OBRA E ESTE  
PORTAL SE FEZ NO ANNO DE 1675

### Do lado esquerdo:

ESTE CONVENTO DE FREIRAS DA ORDEM DA SMA TRINDADE  
MANDOV EDE / FICAR MEL GOMES D'ELVAS FIDALGO DA  
CASA DE SVA MAGDE O QVAL DO / TOU COM TRES MIL E  
QVATROCENTOS CRUZADOS DE RENDA CADA ANNO PARA /  
/ NELLE SE RECEBEREM DE GRACA QUARENTA MOLHE  
RES NOBRES CVJO / PADROADO DEIXOU A SUA SOBRINHA  
DONA FRCA CORONEL E A SEV Fº LVIS / NUNES CORONEL  
E A SEVS NETUS LVIS GOMES DE SA E MENEZES E FRCO  
DE SA E MENE / ZES E SEUS DESCENDENTES. COMECOV A  
EDIFICAR NO ANNO DE 1633:

(in Sequeira, 1922: vol. III, 360).

## 5. ACONTECIMENTOS POSTERIORES À FUNDAÇÃO DO CONVENTO

- Com o terramoto de 1755, a igreja pouco sofreu; e a pequena ruína sofrida logo se remediou.

- Em 1756 foi reduzido a 30 o número de religiosas, por faltarem os bens para sustento das quarenta que o fundador determinara. A fazenda continuava a minguar e o motivo deste decréscimo de receitas era a péssima administração das freiras que esbanjavam em luxo, festividades e beberetes os escassos bens de que dispunham.

- Parece que, sobretudo após o terramoto, houve uma quebra na disciplina e austeridade religiosa do Convento (vd. Sequeira, 1922: vol. III, 332-342).

- Foi sepultado aos pés do altar de São Tomás de Vila Nova o célebre Padre Agostinho de Macedo († 1831) (vd. Sequeira, 1922: vol. III, 370).

- A última freira morreu e 29 de Novembro de 1874: chamava-se Soror Ana do Santíssimo Coração de Jesus, que no século se chamara Ana Margarida Pinto. Contava então 99 anos! Professara em 1815 e foi mestra de noviças desde 1853.

As ossadas das religiosas sepultadas no claustro do Convento foram, em seguida à sua posse pelo Estado, removidas para o cemitério do Alto de São João (Sequeira, 1922: vol. III, 347-348).

- O Governo tomou posse do mosteiro, que se fechou à sua ordem, “vazio e gelado como um túmulo” (Sequeira, 1922: vol. III, 347), a seguir à morte da última freira (1874).

- Houve obras de adaptação, de 1881 a 1885. Muitas peças foram então destruídas, nomeadamente o coro com as suas cadeiras de espaldas e o seu tecto.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- Fechado o convento, instalou-se, tempo depois, em parte do edifício, um Colégio de rapazes, dirigido pelo padre Sebastião José Martins Ribeiro, do Convento da Graça de Torres Vedras. Esteve lá poucos anos. Quando eles saíram é que se procedeu às obras de 1881 a 1885 (Sequeira, 1922: vol. III, 349).

- Em 17 de Maio de 1885 foi transferido para lá o Asilo de Nossa Senhora da Conceição, para raparigas abandonadas, que depois ocupou quase todo o edifício, que é vastíssimo. O Asilo havia sido criado em Março de 1856 pelo Governo Civil de Lisboa, para se recolherem algumas raparigas: era governador civil então o Marquês de Sabugosa. Primeiro, o Asilo esteve na Calçada de Santo Amaro (Sequeira, 1922: vol. III, 350-353).

- No dia 8 de Março de 1914 iniciou-se um leilão, decidido pela Provedoria da Assistência Nacional, das alfaias, altares, imagens, paramentos, e tudo que mais existia no templo. Sobre este triste espetáculo veja-se o que diz Matos Sequeira (1922: vol. III, 371-373).

- O Cartório do Mosteiro do Rato, como aliás muitos outros, ardeu em 3 de Maio de 1919, desaparecendo completamente naquele incêndio, que destruiu parte da ala oriental dos edifícios do Terreiro do Paço (Sequeira, 1922: vol. III, 348).

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da – *Gabinete Historico*. Vol. VII. Lisboa: Impressão Regia, 1820.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

MACHADO, Cyrillo Volkmar – *Collecção de memórias, relativas às vidas dos pintores, e escultores, architetos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal*. Lisboa: Imp. de Victorino Rodrigues da Silva, 1823.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terremoto: Subsidios para a Historia dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Vol. III. Lisboa: Academia das Sciencias de Lisboa, 1922.



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

**5. IGREJAS VOTIVAS – HOSPÍCIOS**

|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DO MENINO DEUS

Século XVIII [1711-1737]

Foi um recolhimento de mantelatas da Ordem Terceira de São Francisco, de Xabregas, onde também havia um Hospital para os doentes da mesma Ordem.

Para a sua fundação, que teve princípio em 1710, comprou a Ordem Terceira de São Francisco de Xabregas umas casas que João António de Alcáçovas possuía defronte da antiga igreja paroquial de Santo Tomé.

No dia 4 de julho de 1711, o Rei D. João V foi lançar a 1ª pedra no edifício da Igreja e Hospital do Menino Deus da Ordem Terceira de São Francisco de Xabregas. Com a 1ª pedra, lançou muitas e diversas moedas de ouro, fabricadas no mesmo ano. O Rei ia acompanhado dos Infantes seus irmãos, o Senhor D. António e o senhor D. Manoel, e de muitos títulos da sua Corte e Casa Real<sup>XCIX</sup> (vd. Conceição, 1820: vol. VI, 34)<sup>56</sup>.

D. João V concorreu com avultada esmola para a continuação da obra; que aliás nunca se concluiu. A Ordem Terceira obrigou-se por uma escritura a pagar todos os anos 70\$000 réis ao prior e beneficiados da referida paróquia de São Tomé, pela falta da regalia das festas que a mesma Ordem executava com os religiosos neste Hospício, e por poderem sepultar na sua igreja os Terceiros.

<sup>56</sup> Acrescente-se este dado curioso. Quando em 1710 se começou a tratar da edificação do novo templo, deve ter chegado certamente ao Paço real o eco dos milagres do Menino Deus, que a madre Cecília de Jesus oferecia para o Hospital. Estava grávida a rainha Dona Maria Anna. Isso levou o rei D. João V a fazer o voto de dedicar ao Menino Deus um templo grandioso, que seria o primeiro e um dos mais belos do seu reinado. Faltavam apenas seis meses para o previsto nascimento do primeiro herdeiro da coroa, quando o rei, acompanhado dos infantes seus irmãos e da Corte, lançou a 1ª pedra no edifício: 4 de julho de 1711. No dia 4 de dezembro de 1711, a Rainha daria à luz a princesa Dona Maria Bárbara.

**XCIX** O envolvimento régio na construção da igreja do Menino Deus, sublinhado por Felicidade Alves, justifica a riqueza decorativa dos interiores, assim como a sofisticação da planta, em rectângulo de ângulos cortados, um partido invulgar na arquitectura portuguesa e europeia da época. O seu provável autor, o arquitecto João Antunes, já antes tinha delineado um outro templo com características planimétricas afins, o do convento de Santo Elói, e em Lisboa começava, em 1698, a obra nunca terminada da igreja dos padres teatinos, ao Bairro Alto, com o mesmo tipo de planta. É possível que a obra do arquitecto teatino italiano Guarino Guarini tenha sido a fonte de inspiração deste ciclo de edifícios, que manteve vivo entre nós, até à 2ª metade do século XVIII, o gosto por este desenho singular, uma tentativa de síntese entre o templo centralizado e o de planta longitudinal (Gomes, 2005: 95-104). Ricamente revestida por uma combinação animada de mármore colorido, a igreja conta também com um programa pictórico de grande qualidade, devido aos pintores Vieira Lusitano (*São Francisco Despojado dos Hábitos Seculares*, na capela-mor, lado do Evangelho), Inácio de Oliveira Bernardes (*São Francisco Recebendo os Estigmas*, desaparecido, e as *Beatas Teresa, Sancha e Mafalda*, quarto retábulo da nave da parte do Evangelho, de José da Costa Negreiros (1714-1759), igualmente desaparecida, do espanhol André Ruvira, e de André Gonçalves, as restantes telas da nave. Trabalharam no tecto Vitorino Manuel Serra, risco e desenho, João Nunes de Abreu, autor das perspectivas e ornatos, e Jerónimo da Silva, como figurista,

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

As obras continuaram durante vinte e seis anos, com esmolas angariadas pela dita Ordem Terceira. No dia 25 de março de 1737, colocou-se na igreja a milagrosa imagem do Menino Deus, patrono da ordem terceira e titular desta igreja. Foi a imagem levada em procissão, acompanhada com tochas pelo mesmo Senhor D. João V, o príncipe D. José seu filho, e os Senhores Infantes D. Pedro e D. António. Era Comissário o Padre Frei Jerónimo de Belém; e Ministros da mesma Ordem D. Diogo Fernandes de Almeida, dos Condes de Assumar, depois Principal da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa (vd. Conceição, 1820: vol. VI, 35).

A imagem do Menino Deus fora dada à dita Ordem pela Madre Cecília de Jesus. Diz o Padre Carvalho da Costa (1712: tomo III, 353-354):

...”No Hospital colocaram um Menino Jesus, imagem milagrosa, que deu à dita Ordem a Madre Cecília de Jesus, que reside no Convento da Madre de Deus, bem conhecida dos Senhores deste Reino pela sua virtude e caridade. (...) Estando uma Irmã Terceira vestindo esta imagem do Menino Deus, e havendo muitos anos que assim estava, e reparando ter a cor algum tanto morena, determinou de pôr ao Sol, para o que deu parte à dita Madre Cecília, a qual lhe respondeu que não convinha; e assim no mesmo tempo ficou tão formosa a Imagem, como se vê no mesmo Hospital aonde hoje está, e sendo esta Imagem tão milagrosa; direita, se inclinou para a parte esquerda, como hoje se mostra, e notaram algumas pessoas”.

A imagem foi colocada no altar-mor do novo templo. E a igreja ficou conhecida pelo nome, que ainda hoje conserva, de Menino Deus.

No Hospital havia, na 1ª metade do século XVIII, uma enfermeira -mor, e mais cinco irmãs, em cujo número entrava a aia do Menino Jesus.

Da obra *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa* (Almeida, 1973: vol. V, tomo I, 109-110) transcrevemos o notável estudo assinado por A. C.:

“Embora por semelhanças estilísticas e sobretudo ornamentais e decorativas com outras obras comprovadamente gizadas pelo arquitecto João Antunes (fal. 1712) se tenha aventado a hipótese de lhe pertencer a autoria dos planos do Menino Deus, outras conclusões não menos válidas podem contrariar esta atribuição. Assim, devemos lembrar outros arquitectos de nomeada no tempo, a exemplo do padre Francisco da Silva Tinoco (fal. 1730), desde 1683 o mestre da Aula dos Paços da Ribeira e documentalmente o autor «de todas as plantas... das obras Reais», sendo o seu primeiro discípulo o então mestre pedreiro João Antunes; o engenheiro e arquitecto Manuel do Couto (fal. c. 1730), colaborador e continuador de João Antunes na Obras de Santa Engrácia; Luís Nunes Tinoco (fal. 1719), ajudante de arquitectura de Mateus do Couto e, desde 1690, o arquitecto das Obras de São Vicente; João Baptista de Barros (fal. c. 1735), arquitecto do Senado e, no ano de 1713, um dos pretendentes, com Manuel da Maia e Santos Pacheco, ao lugar de arquitecto das Obras de Santa Engrácia. No ano de 1715, obteve o cargo de arquitecto das Ordens Militares, vago desde 1712, pela morte de João Antunes.

Neste período e principalmente na Aula de Arquitectura, dirigida pelo padre Tinoco, muito se afeiçoaram os aprendizes aos traçados renascentistas de planta central e, sobretudo, de forma poligonal, inspirados ou até decalcados do célebre Tratado de Serlio.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A provável intervenção do arquitecto Custódio Vieira, por 1734, sucedendo a João Antunes no cargo de arquitecto régio, a mais de vinte anos de distância da sua morte, tem servido para tentar comprovar não só a autoria da planta como até a assistência nas obras (M. Sequeira), por desconhecimento do ano exacto do seu falecimento (1712).

As mesmas hipóteses a respeito de Antunes foram formuladas noutras obras, a exemplo das Barrocas de Aveiro (R. dos Santos), pela errada suposição de a vida do notável arquitecto português se ter prolongado além do ano de 1730.

Custódio Vieira (fal. c. 1746), depois da sua notória intervenção nas Obras de Mafra e com o beneplácito real, foi o sucessor de quase todos os cargos régios no ano de 1734, a exemplo, de arquitecto e mestre da Aula do Paços da Ribeira, por falecimento, em 1730, do padre Tinoco; de arquitecto das Obras dos Paços de Almeirim, Salvaterra, Batalha e província do Alentejo, por morte de Manuel do Couto (c. 1730); de arquitecto régio, sucedendo a João Antunes que tinha falecido em 1712. Por fim, no ano de 1737, é ainda Custódio Vieira o sucessor do arquitecto João Baptista de Barros (fal. c. 1735), no cargo de arquitecto das Ordens Militares que, por sua vez, tinha sido nomeado em 1715, por morte de João Antunes.

Tratando-se, portanto, duma obra régia, ou que para a mesma o rei «concorreu com grande esmola para a continuação da obra» (padre Baptista de Castro), parece aceitável a hipótese do padre Tinoco ter sido não só o autor da planta, como até, com os seus discípulos, «assistir», como em tantas outras obras, «que no dito tempo se tem feito a custa da fazenda Real».

A exemplo de Santa Engrácia (1682-1732), cujas obras se arrastaram mais de um século e ficaram incompletas até ao nosso tempo, também o gracioso templo do Menino Deus (1711-1737), embora sagrado no ano de 1737, ficou com a fachada incompleta no coroamento, talvez devido ao falecimento do seu presumível autor, o padre Francisco da Silva Tinoco (1730).

Por 1730, as Obras de Mafra absorviam não só o erário régio como concentravam na Real Obra todos os operários e artífices da Nação. O Menino Deus, gizado por um arquitecto de formação seiscentista, dificilmente poderia ser compreendido pelos artistas do tempo e pelo próprio rei, que da Itália chamava arquitectos como Filipe Juvara (1719) ou Antonio Canevari (1726) e encomendava plantas ao arquitecto Carlos Fontana (fal. 1715) ou aos seus discípulos, assim como miniaturas e plantas dos mais belos templos e palácios, das fontes da Praça Navona ou de São Pedro do Vaticano.

Assim nos descreve a Gazeta de Lisboa as cerimónias efectuadas por ocasião da sagração da Igreja do Menino Deus, nos dias 30 e 31 de Março do ano de 1737: «No Sabado, e Domingo se benzeu, e sagrou a nova Igreja da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, estabelecida até agora no Convento dos Religiosos do mesmo Santo em Xabregas, dedicada a Jesus menino, com o titulo de Menino Deus. Fez esta funçam com todas as Ceremonias, que ordena o Ritual Romano,o Ilustrissimo Bispo de Constantina D. José Correa; e a milagrosa Imagem do Menino Deos foy transferida com Procissam publica na tarde de segunda feira 25, deste mez da Igreja antiga onde se venerava, e onde resplandeceu com infinitos milagres, para a nova magnificamente construida, toda de excellente pedra lioz, e adornada de marmores de diferentes cores; e ElRey nosso Senhor, que no anno de 1711 lançou a primeira pedra no seu alicerce, fez agora mais solemne este acto acompanhando a Procissam com o Principe, e os Senhores Infantes D. Pedro, e D. Antonio, e depois de colocada a Sagrada Imagem no tabernáculo da Capella mór, se cantou o «Te Deum»,

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

com excelente musica de instrumentos, e vozes; devendo-se muita parte de tudo, o que neste particular se obrou, ao grande, e activo cuidado, e acertada direcçam de D. Diogo Fernandes de Almeida, actual Ministro da mesma Ordem».

A fachada da Igreja do Menino Deus, levemente saliente do corpo conventual, e à qual falta o complemento do ático e dos campanários, tem afinidades com a traça de outros monumentos maneiristas como São Vicente, Santo Antão, Desterro. Mais gracioso e elegante pela pequenez das suas proporções e pelo desenho caprichoso do pórtico, de colunas coríntias, caneladas, encimado por um frontão quebrado de volutas concheadas, encerrando a lápide comemorativa do lançamento da primeira pedra por D. João V, no ano de 1711; mais original e requintado pelo traçado sinuoso dos vãos iluminantes do coro e escadas das torres, ou dos nichos com frontões que o autor, em reminiscências seiscentistas, não deixou de ornar com as tradicionais conchas, que erradamente se têm destacado como típicas do estilo de D. João V.

É de crer na versão tradicional do autor dos Monumentos Sacros de Lisboa (L. Gonzaga Pereira), dando a Custódio Vieira a traça das escadarias da entrada da igreja, semelhantes às que terá delineado para os pátios de Mafra, e a Ludwig e seus discípulos, o prospecto rígido e monótono da fachada conventual, apenas amenizada no interior pelo pequenino e desprezioso claustro e pelo colorido álaure dos azulejos em que o profano e o místico se dão as mãos, em cenas amorosas de jardim, de cavalgadas, de festas e jogos de água, ou no silêncio dos templos, no martírio de santos e nas cavernas dos anacoretas.

Mais ridente é o interior a Igreja do Menino Deus no seu traçado octogonal irregular e no colorido dos embutidos ornamentando os paramentos, fazendo ressaltar a Ordem Coríntia que domina toda a composição arquitectónica da nave.

A pintura dos altares, o colorido dos embutidos marmóreos e a decoração pictórica do tecto da igreja fazem do Menino Deus um autêntico mostruário artístico do Ciclo Joanino, ainda italianizante nas influências e nas concepções dos artistas que ali deixaram o melhor do seu talento. Todas as obras pictóricas e os seus autores foram bem identificados por Cirilo Wolkmar Machado, na sua Coleção de Memórias, destacando-se Vieira Lusitano com o grande «painel de São Francisco despojado do habito seculares», na Capela-Mor, o espanhol André Rubira, autor do painel de São José e da Morte de São Francisco, Inácio de Oliveira Bernardes com um São Francisco recebendo os estigmas, e os restantes, como os painéis das capelas de Sant'Ana, São Miguel, Assunção da Virgem e Santa Isabel, da autoria de Andre Gonçalves, que se diz ter sido o primeiro mestre de Vieira Lusitano, antes da sua partida para Roma e aqui ter alcançado os melhores louros que um artista do tempo poderia ambicionar.

Ainda segundo o testemunho de Cirilo, o nosso grande cronista de Setecentos, pertence a decoração pictórica do tecto da igreja, de características arquitectónicas e cenográficas, sequência da actividade do florentino V. Baccarelli em Lisboa, aos artistas Vitorino da Serra (fal. 1747) e João Nunes de Abreu (fal. 1738), pertencendo provavelmente ao primeiro «as flores, e os ornamentos», e, ao segundo, as «arquitecturas e perspectivas». Quanto à composição religiosa do tecto, representando uma alegoria à Ordem Franciscana, assim como as figuras simbólicas das Virtudes cardeais (Prudência, Força, Temperança e Justiça), que se destacam nos ângulos da perspectiva cenográfica, pertencem ao pintor Jerónimo da Silva, considerado um dos melhores figuristas do tempo e que se diz também ter estudado em Roma.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Na Capela-Mor, também revestida de embutidos desde o tecto em abóbada, de pedraria, até à base do altar iluminada por dois óculos com moldurados de gomos – influência da talha transposta para os mármore –, destaca-se o grandioso retábulo da Ordem Coríntia, e de tal maneira ornamentado e decorado com esculturas que, por afinidades estilísticas bem definidas, se pode presumir pertencer a um dos escultores e «arquitectos de retábulos» mais operosos no tempo, o italiano João António Bellini, de Pádua, activo na Catedral de Évora e na Igreja de São Domingos como colaborador de Ludwig, em Santo Antão, e em Santarém, trabalhando para os Jesuítas. Foi um dos estrangeiros que mais nefasta influência deixou na arte de Setecentos, sendo também autor, segundo um opúsculo que publicou, de uma estátua equestre que ao rei D. João V se pretendeu erigir. (A. C.)”

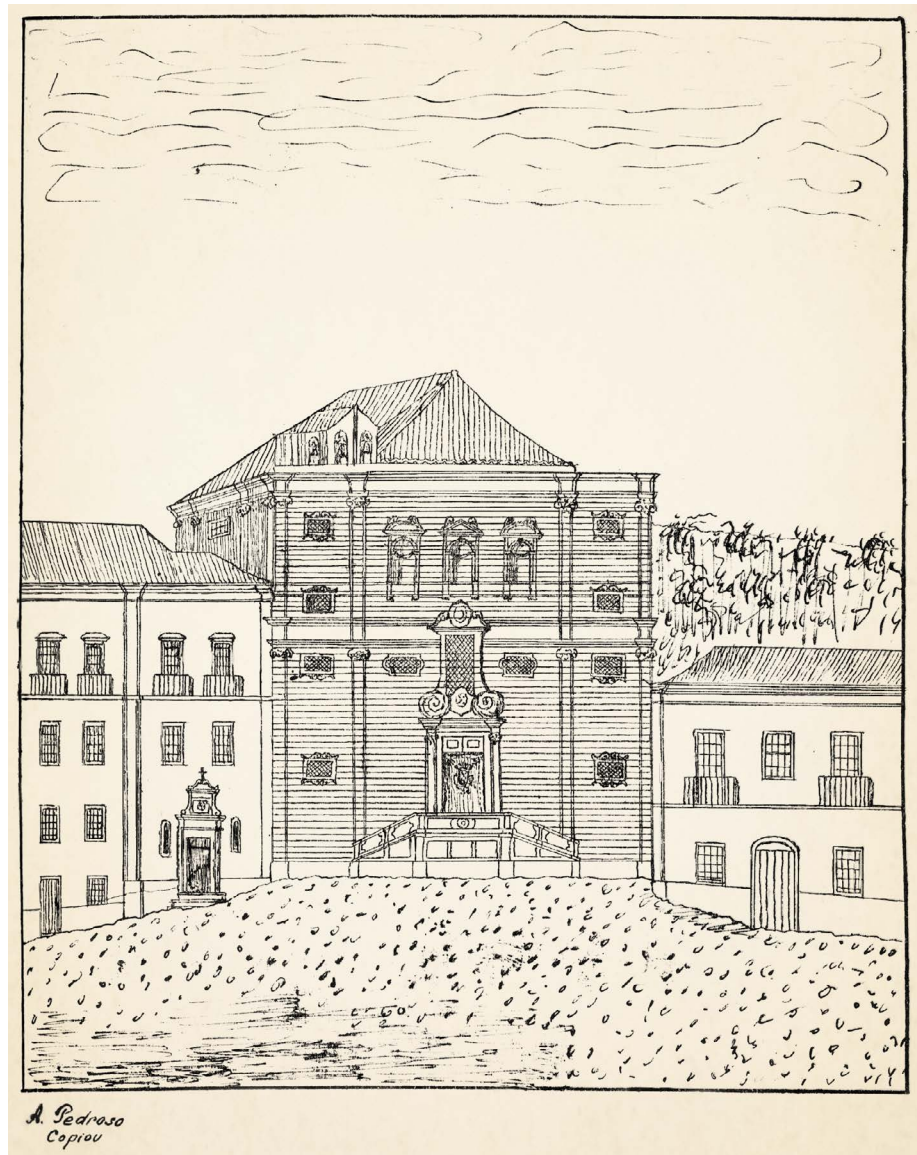


Fig. 35 – Igreja do Menino Deus (in Pereira, 1927: 348)

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

“O terramoto de novembro de 1755 não causou prejuízo á igreja, e para ali fôram os conegos e a basilica de Santa Maria, que tinham estado em barracas na freguezia de S. José. A primeira vez que exerceram os actos ecclesiasticos na igreja do Menino Deus foi na festa do Anjo Custodio em 1757. As enfermeiras do hospicio e a casa do despacho da ordem terceira é que ficaram arruinadas. Na occasião do terramoto vieram para esta igreja as freguesias de Thomé e Salvador, saindo mais tarde, a de S. Thomé para S. Vicente, e a do Salvador para a sua antiga igreja. Actualmente no Menino Deus existem as Irmandades do Menino Jesus, a do Senhor Jesus do Penedo, e a do Rosario”. (Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 311)

## Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo I Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1973, pp. 74-75.

ALMEIDA, D. Fernando (Dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo III. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1988.

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da – *Gabinete Historico*. Vol. VI. Lisboa: Impressão Regia, 1820.

COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Vol. III. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, [1840], 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DA ORDEM TERCEIRA SECULAR DE JESUS

**Século XVIII [1ª metade]**

Esta “igreja” é, mais rigorosamente, uma capela adjacente à Igreja de Jesus da Ordem Terceira Regular. Tem acesso por um portal situado à ilharga poente da fachada principal da dita igreja dos Regulares.

“Passado o portal, abre-se um vestíbulo com paredes forradas de interessante alizar de azulejo azul e branco, de figuras, representando caçadas, cenas campestres, jardins e paisagens variadas. Segue-se um corredor que conduz directamente ao templo, e que apresenta também azulejos bocrómicos, com motivos fitomórficos estilizados”.(Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 72).

A igreja dispõe de comunicação directa com a zona hospitalar instalada no antigo Convento de Jesus, mediante um varandim situado nos pés da nave.

A igreja é de proporções equilibradas e relativamente rica na decoração. “A nave única está coberta de abóbada de berço, ornada de estuque; e apresenta nos muros laterais altares encimados por janelas de iluminação. Entre estas janelas, e também na parede do cruzeiro, figuram quadros de tema religioso<sup>C</sup>; e entre os altares vêem-se painéis de azulejo, de desenho rococó - que revestem igualmente a parede do fundo - acima deles, há decoração de estuques, acusando a mesma corrente de gosto. Uma balaustrada de madeira, de onde a onde interrompida por peças de mármore, limita os percursos laterais junto dos altares” (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 72)

“A pequena capela-mor, muito elegante, está coberta por abóbada de penetrações laterais, ornada de estuques, que se repetem nas paredes laterais. Pequenas tribunas e dedicados medalhões ovais com pinturas não conseguem porém fazer esquecer as dimensões algo desproporcionadas para o espaço local do retábulo de pedra do altar-mor”. (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 73).

### Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando (Dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo II. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975, pp. 72-73.

<sup>C</sup> Trata-se de um ciclo consagrado a santos terceiros franciscanos, recentemente estudado e atribuído ao pintor Marcos da Cruz (ca. 1610-1683). Formavam-no oito telas, de que restam seis, três santos homens e três santas mulheres, dispostas nas paredes laterais da capela (Sobral, 2004: 162)



## Θ IGREJA DO HOSPÍCIO DE SÃO CAETANO, AO CAMPO GRANDE

Século XVIII [1ª metade]

Da Ordem dos Clérigos Regulares Teatinos, fundada por São Caetano de Thiene, natural de Vicência, cidade de Nápoles, em 1524.

O Hospício foi estabelecido na Quinta que os Padres desta Ordem tinham no Campo Grande.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DE SANTO ANTÓNIO À SÉ – 2ª

**Século XVIII [1718] - 1755**

D. João V foi o rei que mais se distinguiu em concessões e ofertas a esta igreja.

Antes de mais restaurou o templo. Começaram as valiosíssimas obras em 1718, sendo provedor o Conde da Ribeira, D. Rodrigo da Câmara.

Veio pedra de Itália, com que se fizeram importantes e primorosos trabalhos de embutidos de diferentes cores, que serviram para guarnecer o tecto, e outros ornamentos do corpo da igreja.

Todos os anos aumentava a grandeza do templo, com a compra de muitas alfaias e paramentos valiosos para as solenidades religiosas. Só a prata que existia naquela santa e real casa estava avaliada em 90 mil cruzados (= Trinta e seis milhões de réis = 36 mil contos à época). Diante da imagem do santo viam-se nove lâmpadas de prata, primorosamente trabalhadas.

As obras de restauro efectuadas por D. João V terminaram em 1728; o templo continuou progredindo em engrandecimento, devido à magnanimidade daquele monarca; e diz-se que no ano de 1740 os seus rendimentos subiam aproximadamente, dispendendo-se grande parte em missas, que durante o ano se rezavam, entre vinte e cinco a trinta mil (uma média de mais de 80 por dia!).

De um relatório publicado em 1727 pelo provedor da Casa de Santo António, o desembargador José Soares de Azevedo, consta ter-se gasto até Junho de 1726 a quantia de 32 contos de réis; em 1728 gastaram-se mais de 3.718\$320 réis em obras; e ainda em 1734 se pagaram mais algumas verbas que tinham ficado em dívida.

Antes da restauração feita por D. João V, não havia colegiada, só depois é que ela se estabeleceu.

Tinha um capelão-mor, que recebia diferentes proventos; no coro contavam-se 19 capelães cantores, dos quais havia 6 por instituição de D. João V; havia 4 meninos de capela efectivos e 3 supranumerários.

Pelo que respeita aos bens da Casa, poucos templos haverá que tenham tido tão grande rendimento e possuído tão ricas alfaias. Só no tempo de D. João III, as esmolas se calculavam anualmente em perto de 1.000\$000 réis, quantia importantíssima naquela época; e tal aumento foi tendo o rendimento, que pouco antes do terramoto de 1755 chegou a exceder 8.000\$000. Isto procedia principalmente:

1º de esmolas com que os devotos do santo concorriam de todo o Reino, no qual se não podia pedir em nome de Santo António senão para a sua Casa de Lisboa (conforme os Breves Pontifícios e Provisões Régias);

2º de juros acrescentados em alguns almoxarifados e tesourarias desta corte;

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3º de alguns bens e foros doados ou deixados.

Além do altar-mor, a igreja tinha mais quatro altares, dedicados ao Senhor Jesus de Portugal, Jesus Maria José, São Francisco, São Boaventura.

Uma grande relíquia da cabeça do Santo, que o Infante D. Pedro, filho de D. João I, conseguiu trazer de Pádua.

Uma custódia de ouro com pedras preciosas, encerrando um dedo do santo, que a rainha de Espanha Dona Margarida de Áustria, mulher de Filipe III, obteve da República de Veneza em 1610, e veio ela própria trazer à igreja. Expunha-se no seu altar à veneração dos fiéis em todos os dias da sua festa e dava-se a beijar ao povo: e desapareceu do mesmo altar em 18 de Junho de 1718...

4. Todos estes primores de arte e riqueza foram destruídos pelo terramoto de 1755. Apenas se salvou da destruição a capela-mor (assim como a imagem do Santo, que ainda hoje se venera, e que foi salva por estar colocada no altar-mor e o pequeno quarto onde o Santo nascera).

Vd. Igreja de SANTO ANTÓNIO À SÉ – 1767

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E SANTO ANTÓNIO, À CARREIRA DOS CAVALOS

Século XVIII [1738]

Foi Hospício de Religiosos Capuchos da província da Conceição da Beira e Minho, reedificada em 1738, na Estrada da Carreira dos Cavalos, pela devoção e dispêndio do Infante D. Francisco.

Em 1755, o Infante D. Pedro a mandou novamente reedificar em todas as suas oficinas, dormitórios e celas, com generosidade verdadeiramente régia.

Com o terramoto de 1755 sofreu pequeno estrago, mas os religiosos, muito assustados, rezaram algum tempo na portaria, e mandaram reparar um pedaço da parede do altar-mor que tinha caído.

Este templo tinha o título de Real Capela.

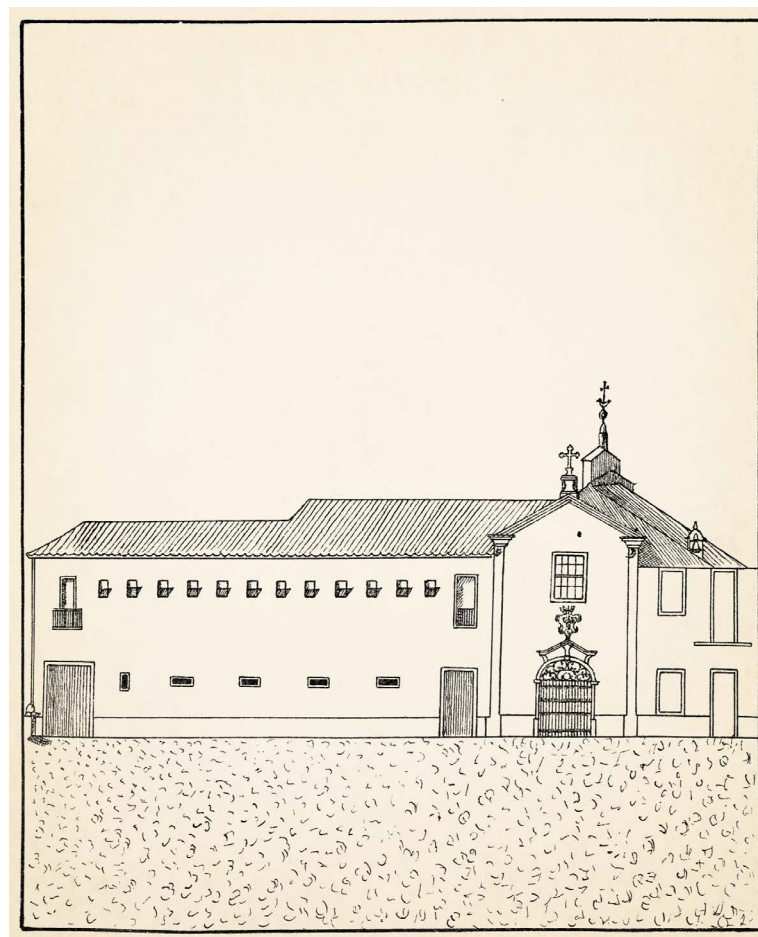


Fig. 36 – Igreja de Santo António da Carreira (in Pereira, 1927: 68)

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, [1840], 1927 [Prefácio de Vieira da Silva].

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DO RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS

**Século XVIII [1742 ou 1747...]**

Fundado pelo Principal da Igreja Patriarcal, Lázaro Leitão Aranha, para Recolhimento de “senhoras do bom nascimento, caídas em pobreza”.

Anteriormente, fora ali o Mosteiro de Santos-o-Novo, quando no tempo de D. João II foi transferido do lugar de Santos-o-Velho; depois instalaram-se ali os Barbadinhos Italianos, quando o Mosteiro de Santos-o-Novo transitou para o grande Mosteiro situado mais a norte; quando os Barbadinhos Italianos mudaram para o seu próprio Convento e Igreja, Lázaro Leitão fundou ali o dito Recolhimento.

O fundador do recolhimento repousa ali, em túmulo assente sobre dois leões.

A igreja possuía bons retábulos. Mas foi delapidada de quase todo o seu recheio.

### Bibliografia

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da – *Gabinete Historico*. Vol. X. Lisboa: Impressão Regia, 1823.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ◉ ERMIDA DO HOSPÍCIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DOS CLÉRIGOS POBRES

Século XVII/XVIII [1651: Hospício 1722: Igreja]

Foi instituído o Hospício em 12 de Dezembro de 1651, pelo tenente-general de Artilharia Rui Correa Lucas, e sua mulher Dona Milícia da Silveira, para 13 clérigos pobres do hábito de São Pedro, que não sendo naturais de Lisboa costumavam vir a esta cidade a tratar dos seus negócios.

A igreja começou a edificar-se em 18 de Abril de 1722.

O Hospício tinha administradores seculares subordinados ao Provedor dos Resíduos e à Mesa da Consciência e Ordens.

Estava situado na freguesia de N.ª Sr.ª da Encarnação, defronte da Alameda de São Pedro de Alcântara. A Ermida tinha três altares, e era adornada com muitos quadros pequenos.

O terramoto de 1755 arruinou muito o edifício, que na reconstrução melhorou a parede e a frontaria.

Nos meados do século XIX, a ermida e o hospício foram demolidos. Os clérigos passaram para a Igreja da Encarnação; e a Irmandade de Nossa Senhora do Alecrim que ali existia, foi para a Igreja do Sacramento. Os clérigos pobres mais tarde saíram da Encarnação e foram para um Hospício a Santa Marta.

A antiga Ermida de São Pedro de Alcântara era obrigada a fazer um Ofício anual por alma dos fundadores.

No local onde existiu a capela e hospício construiu-se depois um importante edifício.

### Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, pp. 166-167.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dictionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Θ IGREJA DO COLÉGIO DAS MISSÕES DAS ÍNDIAS ORIENTAIS E DA CHINA OU NOVICIADO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Século XVIII [alicerces em 1755]

Achamos que deve ficar aqui registado um projecto de Noviciado que se deveria fundar em Lisboa, para formação de missionários destinados às Índias Orientais e à China. Não passou dos alicerces; e os fundos financeiros a ele afectados foram subtilmente extorquidos...

As notícias aqui registadas colhemo-las na obra *Depois do Terramoto*, de G. de Matos Sequeira (vol. I: 1916, 321-335, 338-354). Este erudito cita *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, do P.º António Franco, cujo manuscrito diz encontrar-se na Biblioteca Nacional, cota B-12-33; menciona ainda documentos da Torre do Tombo, *Juízo da inconfidência – Jesuítas e Távoras*, maços 1, 85, 88, 89...

### 1. O FUNDADOR: D. JOÃO TOMÁS HENRIQUES DE CABRERA (1647-1704?)

D. João Tomás Henriques de Cabrera, Almirante de Castela, duque de Medina do Rio Sêco, conde de Módica na Sicília, grande de Espanha de 1ª classe, nascera em 21 de Dezembro de 1647 em Génova, no castelo do duque de Tarsis, onde seu pai estava de passagem, vindo do vice-reinado de Nápoles. Aos 27 anos já era general de cavalaria, embaixador extraordinário ao conclave dos Cardeais; pouco depois era nomeado governador de Milão e vice-rei da Catalunha.

Quando Filipe V, ou Filipe de Anjou, foi aclamado rei de Espanha (em 1700), e se iniciou assim a Guerra da Sucessão em Espanha, D. João Tomás rompe com ele e põe-se incondicionalmente ao serviço do Arquiduque D. Carlos III. Veio para Lisboa em 1702 e foi recebido por D. Pedro II em 7 de dezembro desse ano. Veio consigo o seu inseparável confessor, o padre jesuíta Carlos António Casnedi.

O Arquiduque Carlos III desembarcou em Lisboa em 7 de Março de 1704, e por cá esteve até 23 de Junho de 1705. Sempre o acompanhou o Almirante D. João Tomás. Quando Carlos III saiu de cá, ficou o Almirante no nosso País.

Faleceu D. João Tomás no dia 29 de julho (do ano de 1705?); em Estremoz e o seu corpo foi depositado na igreja dos padres de São Francisco de Estremoz, na capela de Nossa Senhora da Conceição, onde lhe fizeram solenes exéquias.

### 2. O SEU TESTAMENTO (FEITO EM 6ª FEIRA SANTA, DO ANO DE 1705?)

Antes de partir para a campanha, D. João Tomás recolheu-se provisoriamente ao convento de São José de Ribamar, dos religiosos de S. Pedro de Alcântara.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

E em sexta-feira santa, depois de se ter confessado e comungado na véspera, fez o seu testamento definitivo. A cláusula principal desse testamento diz o seguinte:

“Declaro que en caso de sua Mag.<sup>de</sup> no tome dicha possession [refere-se a Carlos III] lhamo e constituyo por herdera universal de mis bienes que aóra possuo em Portugal a N.<sup>ra</sup> Señora de la Concepcion, titulo de la nueva casa do Noviciado de la comp.<sup>a</sup> de Jesus que se hade fundar en Lisboa, pera personas de la compañía que quieren sacrificar su vida en la conversion de los infieles de las índias orientales y de la china” (in Sequeira, 1916: vol. I, 338).

### 3. RESSALTAM OS PONTOS SEGUINTES

- Se Carlos III alcançasse o trono de Espanha, o “Noviciado” fundar-se-ia em Madrid.
- Se Filipe de Anjou fosse o favorecido pela sorte das armas, o dito “Noviciado” ou Colégio devia fundar-se em Lisboa.
- A instituição pretendida pelo fundador era um Colégio das Missões, ou uma “nova casa” “do noviciado da Companhia de Jesus”, “que se há-de fundar em Lisboa”.
- Esse noviciado terá como título “Noviciado de Nossa Senhora da Conceição”.
- Tal noviciado – que não se confunde com o já existente “Noviciado de Nossa Senhora da Assunção”, a funcionar na antiga Quinta do Monte Olivete, para os noviços da Companhia de Jesus – destinava-se a membros da Companhia;
- Mas teria como objectivo formar e preparar pessoas da Companhia, que “querem dedicar a sua vida à conversão dos infiéis das Índias Orientais e da China”.
- A herdeira universal dos bens que o Almirante tinha em Portugal, não era directamente a Companhia de Jesus, mas sim “Nossa Senhora da Conceição”, que aliás era o título do referido Noviciado.

Como testamenteiros ficavam: o Padre Casnedi (seu confessor); o Padre Cienfuegos; o Procurador das Índias Orientais; o Provincial da Companhia de Jesus em Portugal (no caso, que realmente veio a suceder, de Filipe de Anjou alcançar o trono de Espanha). Aos testamenteiros competia a execução do enterro e a feitura imediata de um inventário de todos os bens, os quais deveriam ser depositados no Colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus.

No testamento fez-se menção de um Codicilo (que terá a mesma força do testamento), em que estabeleceu o Padre Casnedi como administrador absoluto da maioria dos bens do Almirante, arrecadados em mão oculta.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

#### 4. OS BENS DEIXADOS PELO ALMIRANTE

Uma fatia dos bens era constituída por objectos diversos, de que se fez o inventário em 1 de Fevereiro de 1705 (?). Dele constavam o seguinte:

|                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |             |
|-------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| 1. <sup>a</sup> – | Alfaias de casas, roupas brancas, de vestuário e de mesa, vestidos, peças de veludo e outras fazendas; vendidas por                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 5:397\$300  |
| 2. <sup>a</sup> – | Relógios, caixas de tabaco, botões de oiro, arcas, escrevaninhas, cabos de bastão, varas de fita, peças de ló, prata e oiro em bruto, cofres, alfinetes, aneis, salvas e outras miudezas; vendidas por                                                                                                                                                                                                   | 3:217\$267  |
| 3. <sup>a</sup> – | Quarenta e dois cavalos, dezanove mulas, sete machos, dois burros, vinte e quatro selas diferentes, um coche, três liteiras, um carro, correias, telizes, e outros acessórios; vendidos por                                                                                                                                                                                                              | 4:455\$100  |
| 4. <sup>a</sup> – | Tapeçarias de arrás, entre as quais uma em doze panos com a história de Eneias, e outra em dezasseis com a de Moisés, afora outras mais com assumptos pastoris, guerreiros e venatórios; vendidas por                                                                                                                                                                                                    | 7:876\$325  |
| 5. <sup>a</sup> – | Tendas de campanha, espadas, punhais e pistoletes; vendidos por                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | 866\$730    |
| 6. <sup>a</sup> – | Estanho e objectos de cozinha: vendidos por                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | 2:330\$300  |
| 7. <sup>a</sup> – | Prata lavrada, vendida a el-rei D. Pedro por                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | 32:143\$928 |
| 8. <sup>a</sup> – | Pedras preciosas: seiscentas esmeraldas, novecentos berilos, mil e trezentos diamantes, afora safiras, crisólitas, ametistas, crisopázos e outras joias em número considerável, vendidas ao arquitecto duque Carlos, por                                                                                                                                                                                 | 54:777\$900 |
| 9. <sup>a</sup> – | Trinta telas de Ticiano, nove de Corrégio, três de Rafael, uma de Perusino, duas de Miguel Angelo Ramarata (!), três de Brugaro (!), duas de Júlio Cejas, vinte e seis de Van-Dick, trinta e quatro de Tintureto, vinte e duas de Rubens, uma de Alberto Duri (!), cinco de Paulo Veronese, vinte e seis de Bas-sano, três de Giordano, e muitas outras de autores de menor renome vendidas ao mesmo por | 40:000\$000 |

o que produz um total, em metal sonante, de 155:668\$960 o qual, junto ao dinheiro em moeda encontrado no espólio, prefaz a soma de 226:907\$818. Foi esta a quantia recebida, até 1709, pelo administrador da testamentaria (Sequeira, 1916: vol. I, 340-342).

Mas a maioria dos bens do Almirante não estava incluída neste inventário. Note-se que, quinze anos depois, em 1724, a receita acusada pelo livro das contas tinha ascendido à bonita soma de 697:401\$769 réis! Mas de todo esse dinheiro, Casnedi possuía apenas a ridícula quantia de 9:316\$223...

Como é que se tinham dispendido, ou perdido, quase 700 contos de réis [rigorosamente, 688:085\$546]? Não adianta agora perder tempo com o caso: sumiram-se! Vd. Sequeira, 1916: vol. I, 342-351. Este erudito termina com esta reflexão: “Tal foi o destino da maior parte dos bens do Almirante, tornados em meios de agiotagem e perdidos no abismo de ambições que se abriu deante daquela catarata de oiro” (Sequeira, 1916: vol. I, 351).



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 5. INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DO INSTITUÍDO COLÉGIO DAS MISSÕES

Feita a paz de Utrecht, em 11 de Abril de 1713, ficou decidida a questão fundamental do testamento: Filipe de Anjou tomou posse do trono de Espanha, e consequentemente Lisboa foi escolhida para sede do tal Colégio das Missões.

Não estamos documentados sobre os passos dados no sentido do cumprimento do testamento do Almirante. Apenas em 1751 temos notícia da compra da “Quinta das Lobatas”, na Amora, por mais de 2 contos de réis; e em 1755, foi adquirida outra quinta, “da Madre de Deus”, no Seixal, e um pinhal na “Saboeira”, tudo por 4 contos e oitocentos mil réis (vd. Sequeira, 1916: vol. I, 351).

Logo, nesse mesmo mês, começaram as obras para a construção do edifício.

Em fins de outubro estavam quase concluídos os alicerces. Mas veio o terramoto de 1 de Novembro de 1755 e inutilizou todos os trabalhos.

Menos de 3 anos depois foi expulsa do Reino a Companhia de Jesus e expoliados todos os seus bens...

Ignoramos se ficou arquivada alguma planta ou alçado sobre a igreja e o colégio das Missões...

O Almirante sonhara com um templo sumptuoso, com uma estátua de mármore sobre uma coluna, erguida diante da porta principal; e imaginara maravilhosas cerimónias litúrgicas em sua honra; a cujos pés devia repousar o seu coração, guardado num cofre de prata, ficou, sem pompa alguma e quase desamparada de culto, sob o arco de pedra de uma das capelas do Colégio dos Nobres.

As próprias alfaías que legou para seu adorno: preciosos relicários, coroas, dosséis, turíbulos, castiçais, cruzeiros e outros objectos, desapareceram também, como por encanto, levando o sumiço misterioso de todas as opulências. Casnedi conseguira ocultá-las da rapina de Carlos III, mas não as puderam salvar os administradores futuros da testamentária.

A imagem está hoje na igreja de São Mamede, salva do incêndio de 1843 que destruiu a Escola Politécnica.

O cofre de prata, que deveria conter o coração do Almirante, foi vendido, talvez por lapso, a D. Pedro II, juntamente com as pratas do espólio. Onde parará ele hoje?

Vd. Sequeira, 1916: vol. I, 353.

## 6. E DEPOIS?!

– Depois do terramoto, de entre outras hipóteses, foi escolhido o local das obras do Conde de Tarouca, no Alto da Cotovia, para erecção da Basílica Patriarcal. Mal os alvenéis tinham encetado os primeiros trabalhos, os Jesuítas, espantados de semelhante sem-cerimónia dos Principais da Basílica Patriarcal, reclamaram contra a ocupação ilegal desses terrenos, “que lhe tinham custado o melhor de 29:000 cruzados [= 5:800\$000 réis], e onde já haviam dispendido mais de 8.000 cruzados em obras de desentulho” (vd. Sequeira, 1916: vol. I, 89).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Não se sabe o que acordaram. Mas o certo é que a construção da Basílica Patriarcal prosseguiu; e os Jesuítas foram banidos do reino e expropriados.

– Por decreto de 7 de março de 1761 foi criado o Real Colégio dos Nobres; e foi escolhido, para se instalar a nova instituição, o edifício da extinta Casa do Noviciado do Monte Olivete, abandonado desde 1759 e então em poder do fisco real. O Marquez de Pombal, por documento de 13 de outubro de 1766, concedeu ao novo Instituto abundantes rendimentos. Entre eles (cf. Sequeira, 1916: vol. I, 281-283), foram-lhe atribuídos:

...Todas as terras, propriedades e foros, comprados, no sítio da Cotovia, ao Marquês de Penalva [isto é: as Terras do Conde de Tarouca] pela testamentária do Almirante [D. João Tomás de Cabrera], com todos os seus direitos e acções;”

... A Quinta das Lobatas, no rocio da Amora, com o pinhal da Saboeira, no limite da mesma, compradas também pela Testamentária, para que o colégio a administrasse perpetuamente, percebesse os seus réditos e cumprisse os seus encargos;

.... A perpétua e irrevogável administração de todas as capelas existentes na igreja (...), e de mais 6 capelas que instituiu o Almirante de Castela D. João Tomás Henriques de Cabrera, para logo poder o Colégio [qual colégio?...] entrar na posse de dois padrões de 40 contos de réis, impostos nos direitos do Sal de Setúbal: um comprado pela testamentária ao marquês de Ravara, e outro tomado à mesma por el-rei D. Pedro II”.

Estes bens pertenciam a Nossa Senhora da Conceição, titular da fundação do dito Almirante Cabrera. Tratava-se, pois, de uma extorsão ou roubo. “Mas para que a extorsão se não tornasse em demasia escandalosa, por a eles [bens do Almirante Cabrera] se achar junta a cláusula de que seriam para um Colégio sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que era a verdadeira possuidora da testamentária, o famoso ministro [= Marquês de Pombal] mudou a invocação da antiga Casa do Noviciado (que era de Nossa Senhora da Assunção) e dotou o Colégio com o resto da fazenda do Almirante” (Sequeira, 1916: vol. I, 352).

É fantástico!

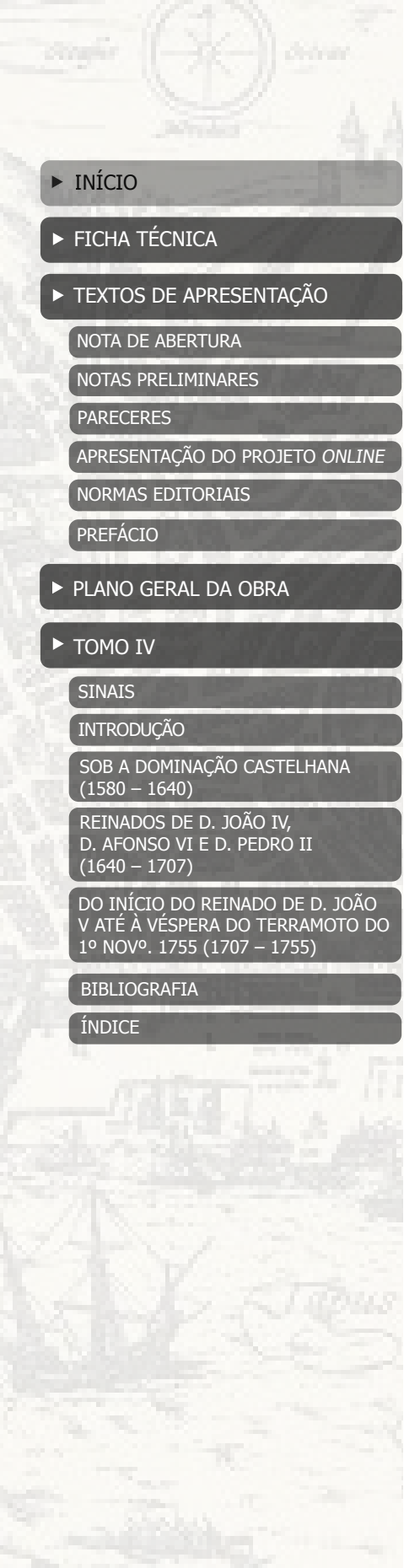
– Extinto, em 1828, o Colégio dos Nobres, passaram esses bens novamente para o Estado. E o Estado depois dotou com eles a nova casa de ensino criada por decreto de 11 de Janeiro de 1837. Ou seja: Nossa Senhora da Conceição, por testamento do Almirante Cabrera, continua a financiar obras do Estado...

## Bibliografia

FRANCO, Pe. Antonio – *Imagem da Virtude em O Noviciado da Companhia de Jesus*. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1717 (vd. da Biblioteca Nacional, m. B-5-24).

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terremoto: Subsidios para a Historia dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Vol. I. Lisboa: Academia das Sciencias de Lisboa, 1916.





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO *ONLINE*

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 6. CAPELA REAL. BASÍLICA PATRIARCAL SÉ ARQUIEPISCOPAL

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## CAPELA REAL DE SANTO TOMÉ

No tempo de D. João V – entre 1707 e 1715

A Capela Real, que com o título de Santo Tomé apóstolo vinha do reinado de D. Manuel – continuação aliás da Capela Real de São Miguel, no Castelo – atingiu a “maior ostentação da sua grandeza” no reinado de D. João V.

Ainda o Rei não tinha completado três anos de governo – D. João V, nascido em 1689 (22.Out.º), foi aclamado Rei a 1 de Janeiro de 1707 – quando em 24 de Janeiro de 1709 decidiu acrescentar a consignação financeira à sua Real capela, constituindo-lhe mais um conto e seiscentos mil réis de cômputo todos os anos, sobre os rendimentos da Alfândega de Lisboa.

### 1. A CAPELA REAL É CONSTRUÍDA EM PARÓQUIA PRÓPRIA [1709]

No mesmo ano, pelo Breve do papa Clemente XI, *Piis Catholicorum Regum votis*, de 24 de Agosto de 1709, a Capela Real foi constituída em Paróquia (de âmbito pessoal).

A dignidade, regalias e jurisdição do seu capelão-mor foram ampliadas. Passou assim a ter um Cura, apresentado pelo capelão-mor, o qual cura tinha de ordenado 300.000 réis; e também um coadjutor provido pelo mesmo prelado, com a cômputo de 150.000 réis.

Ao dito Cura pertencia administrar os Sacramentos a talha douradas as pessoas que servissem e residissem no Palácio Real, ou sejam seus criados ou famílias, ou criados dos mesmos criados, contanto que tivessem sua residência no dito Palácio. Também eram fregueses desta Paróquia todos os ministros e pessoas que servem na Capela Real; e assim também, antes do terramoto, os habitantes nos Cobertos da Ribeira das Naus, que eram mais de 400 homens, visto que tinham sua residência dentro dos muros do Paço.

A Irmandade do Santíssimo, aqui estabelecida em Novembro de 1709 por D. João V (por separação da Arqui-Confraria do Santíssimo, sediada na Igreja Paroquial de São Julião), provia duas capelas, uma de 120.000 réis, outra de 100.000 réis; e provia mais três acólitos, de 80.000, 70.000 e 60.000 réis cada.

Havia também nesta Paróquia da Capela Real uma Irmandade de Nossa Senhora das Dores, erecta em 7 de Maio de 1723 por súplicas da Rainha Dona Maria Ana de Áustria, devoção com base num quadro de Dürer, em que se via o Senhor Morto e Nossa Senhora em pranto. Este quadro estava num altar dedicado a Nossa Senhora da Piedade.

Nesta igreja havia ainda um Santuário de inumeráveis Relíquias de Santos, distribuídas por todos os dias do ano. Era também notável a Pia Baptismal, com inúmeras pedras pre-



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ciosas; e junto dela um quadro do Baptismo de Cristo, obra do artista Agostinho Massucci<sup>CI</sup>, feito em Roma no ano de 1745.

Diga-se já que no incêndio de 1755, subsequente ao terramoto, apenas se salvou alguma prata derretida, da qual em 1736 se tinha aproveitado mais de 30.000 marcos de prata fundida.

## 2. COLEGIADA ERECTA NA CAPELA REAL [1710]

As funções paroquiais prosseguiram, segundo a sua própria natureza. Mas, por Constituição do mesmo papa Clemente XI, que principia pelas palavras *Apostolatus Ministerio*, em o dia primeiro de Março de 1710, D. João V fez erigir a sua Real Capela de São Tomé de Lisboa em Colegiada Insigne, condecorada com grandes prerrogativas e honras, instituindo-lhe 6 Dignidades, 18 Cónegos, e 12 Beneficiados, além de outros Ministros, subordinados todos ao Capelão-mor, como seu próprio Ordinário. Este capelão-mor era D. Nuno da Cunha e Attaíde, que depois foi cardeal (vd. Conceição, 1819: tomo V, 332).

Estabeleceu-lhes, para cônica sustentação, doze contos e quinhentos e cincoenta mil quinhentos e sessenta réis [= 12:550\$560 rs]. Desta soma, competiam ao Deão 400\$000 réis de cônica; a cada um das 5 Dignidades, 300\$000 rs; a cada um dos 18 cónegos, 300\$000 réis; a cada um dos 12 beneficiados, 150\$000 rs; e a cada um dos Missionários, 80\$000 réis. E assim tomaram posse aos 16 dias de Maio de 1710.

Constituída desta forma a Colegiada, o Soberano condecorou os seus ministros com um hábito coral distinto do antigo, permitindo um luxo sem precedentes no vestuário de todo o pessoal da capela, desde o mais humilde clérigo à mais subida dignidade.

Os Cónegos podiam trazer, sobre o roquete, capa magna roxa com capelo forrado de peles brancas de arminho (em tempo de inverno, isto é, desde vésperas de Todos-os-Santos até Sábado Aleluia); e no verão, usariam das mesmas capas, mas forradas de seda encarnada.

Os Beneficiados trariam também capa magna roxa com capelo forrado de peles cinzentas, no tempo de inverno; e no verão andariam com a mesma capa, e capelo forrado de seda roxa.

Acrescentou-se mais a cada Cónego 100\$000 réis, e a cada um dos Beneficiados 50\$000 rs.

CI O projecto para o baptistério da Patriarcal, dirigido de Lisboa por João Frederico Ludovice, ocupou o arquitecto-mor a partir de 1740. Os primeiros desenhos de Luigi Vanvitelli (1700-1773) foram rejeitados, por demasiado sumptuosos, e foi pedida a simplificação formal da pia baptismal, de que existe um desenho autógrafa do italiano. De qualquer modo, o arranjo final do espaço foi muito cuidado, com um pavimento de mármore embutidos e uma magnífica grade de bronze projectada pelo conhecido ourives romano Andrea Valadier (1695-1759). O quadro referido era de Sebastiano Conca (1680-1764) mas segundo desenho de Agostino Masucci (1691-1758) (Pimentel, 2013: 112-113).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3. A COLEGIADA PASSA A CATEDRAL PATRIARCAL [1715]

Com tal facto, a Capela Real entra num novo período da sua existência, que analisaremos a seguir.

Vd. CATEDRAL METROPOLITANA PATRIARCAL 1716-1755

### Bibliografia

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da – *Gabinete Historico*. Vol. V. Lisboa: Impressão Regia, 1819.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

† **CATEDRAL METROPOLITANA E PATRIARCAL = A PATRIARCAL****Século XVIII [1716] → 1755 †**

A Capela Real, que já era Colegiada, passa a Catedral Patriarcal: 7. novº. 1716.

D. João V obteve de Clemente XI a Bula Aérea In supremo apostolatus solio, expedida em 7 de novembro de 1716, pela qual a Capela Real é elevada a Santa Igreja Patriarcal, sob invocação de Nossa Senhora da Assunção.

Esta concessão terá sido obtida pelo embaixador extraordinário de D. João V junto do Papa, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Menezes, Marquez de Fontes (e depois Marquez de Abrantes), que esteve em Roma desde 1712 a 1718 (vd. Carvalho, 1962: vol. II, 281).

Pela mesma Bula Aurea a Cidade e Arcebispado de Lisboa era dividida em duas cidades e dois arcebispos.

Um Alvará de D. João V, de 15 de Janeiro de 1717, dividia Lisboa em Ocidental e Oriental, definindo claramente os estatutos das duas entidades (vd. Conceição, 1820: tomo VII, cap. 1º, pp. 1-11).

**1. UM PATRIARCA PARA LISBOA OCIDENTAL E CAPELÃO-MOR**

Na parte de Lisboa Ocidental estabeleceu um Patriarca, a quem uniu a Dignidade de Capelão-mor, o qual como Patriarca ficava superior a todos os Arcebispos e Bispos do Reino, mesmo ao de Braga.

Para Patriarca de Lisboa Ocidental nomeou El-Rei a D. Tomás de Almeida († 1754), irmão do Conde de Avintes, o qual D. Tomás era então bispo do Porto.

No dia 4 de Dezembro de 1716, em que a Sereníssima Infanta D. Maria Bárbara fazia 5 anos de idade, depois do beija mão, recebeu o bispo do Porto D. Tomás de Almeida Aviso do Secretário de Estado de estar nomeado por S. Majestade em Patriarca e Arcebispo Metropolitano da Patriarcal, novamente erecta por Sua Santidade na sua Real Capela, atendendo o dito Senhor Rei às suas grandes letras, virtudes, qualidades, e mais partes que concorriam na sua pessoa; e sendo-lhe entregue no Paço o dito Aviso, tornou novamente com toda a nobreza a beijar a mão a Suas Majestades. O Conde de Avintes seu irmão celebrou esta mercê com uma iluminação de mais de oito mil lumes, e muito fogo artificial, nas três noites seguintes.

O Papa, em Consistório Secreto, a 7 de dezembro desse ano, havia participado ao Sacro Colégio dos Cardeais os motivos da nova erecção da Igreja Patriarcal de Lisboa Ocidental, nomeada em D. Tomás de Almeida Bispo do Porto.

Assinou-lhes por Sufragâneos os Bispos de Leiria, Lamego, Funchal e Angra; e um Cabido constituído com 6 Dignidades (de que a primeira era o Deão), e 18 Cónegos com três Prebendas de Penitência, Teólogo, e Doutoral, e 12 Beneficiados Prebendados, e outros Ministros Eclesiásticos para o serviço da Patriarcal.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Ornou-se esta [a Patriarcal] de um egrégio Cabido, composto de 24 lugares; nomeando El-Rei, como do seu Real Padroado, as Dignidades e Cónegos as pessoas mais esclarecidas em sangue, e também em letras, de todo o Reino, com grossas rendas para se conservarem na autoridade que se lhes havia conferido. O Papa lhes concedeu as vestiduras episcopais e muitas outras graças e privilégios; aos quais El-Rei também acordou todas as honras e prerrogativas de Grandes, que no seu Reino têm os Bispos nomeados por ele por Alvará de 24 de Dezembro de 1716.

Na tarde do mesmo dia 24 de dezembro de 1716, entrou o Cabido na posse da Santa Igreja Patriarcal com todas as honras, privilégios e graças concedidas pela Bula de S. Santidade a esta nova Sé; e cantaram solenemente as Vésperas da Festa do Natal.

No dia 26 de dezembro foi nomeado Vigário-Geral da nova Diocese Patriarcal de Lisboa Ocidental o Doutor João Cardoso Castelo; a 7 de Dezembro do ano seguinte, foi eleito Bispo Coadjutor do mesmo Patriarca.

Aos 9 de Janeiro de 1717, tomou posse da sua nova Dignidade e Diocese o Patriarca D. Tomás de Almeida, por seu Procurador D. José Dionísio de Sousa, Arcediago da mesma Catedral, a quem acompanharam nesta função todos os seus parentes e a maior parte da Nobreza e Grandes da Corte.

Depois de feita a cerimónia da posse, subiram todos a beijar a mão de Sua Majestade com o mesmo Cabido, que nesta ocasião tomou posse das honras que o mesmo Senhor lhe havia concedido, cobrindo-se na sua presença.

No dia 16 de Janeiro de 1717 tomou o Patriarca D. Tomás de Almeida o Pálio na Igreja Paroquial de São Sebastião da Pedreira, então extra-muros da Cidade, das mãos do Bispo do Algarve D. José Pereira de Lacerda.

## 2. ENTRADA SOLENE DE D. TOMÁS DE ALMEIDA NA PATRIARCAL: 13 FEVEREIRO 1717

No dia 13 de fevereiro de 1717, que era um sábado, de tarde, fez o Patriarca a sua entrada pública na Patriarcal. O luzido cortejo cujo esplendor foi descrito por Ribeiro Guimarães no seu *Summario de Vária História* e de que Frei Cláudio da Conceição nos deixou larga memória no seu *Gabinete Histórico* (1820: vol. VI, 408-409), deslumbrou toda a Cidade. Citamos o *Gabinete Histórico*:

“No dia 13 de Fevereiro, que era hum Sabbado, de tarde fez o Patriarcha a sua entrada pública na Patriarchal; a que se deo principio na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde o esperava montada a cavallo, toda a Nobreza da Côrte, e tomando o coche, veio marchando com todo este luzidissimo acompanhamento até á Igreja de Santa Martha, onde se apeou, e tomando a Capa Consistorial, continuou a cavallo a marcha até ás Portas de Santo Antão, onde estava levantado hum bem composto Altar. Aqui deixada a Capa Consistorial se revestio pontificalmente com Capa, e Mitra de tela branca, e montando em huma mula ruça cuberta com huma gualdrapa de tela branca, a levou de redea seu Irmão D. Luiz de Almeida, Conde de Avintes. Ao sahir das Portas de Santo Antão, o recebêrão debaixo de hum palio de preciosa tela os Vereadores dos Senados de ambas as Lisboas, e desta sorte

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

por entre duas alas, que formavão as Communidades Regulares, Confrarias, e Irmandades de Lisboa, chegou á Santa Basilica Patriarchal; e se deo fim a este vistossissimo acto com o Hymno Te Deum laudamus cantado com toda a solemnidade, e o mais que se costuma praticar em semelhantes ocasiões; o que tudo se fez com huma pompa, e grandeza até então nunca vista.”

### 3. MAIS HONRAS E BENEFÍCIOS PARA O PATRIARCA

Este Prelado, que de facto foi um grande homem da Igreja, ocupou grandes lugares<sup>CII</sup>:

- Foi Desembargador da Relação do Porto, e da Suplicação e Agravos de Lisboa;
- Deputado e Ouvidor-Geral das Trevas e do Conselho da Rainha;
- Deputado da Mesa da Consciência e Ordens;
- Chanceler-mor do Reino;
- Secretário de Estado;
- Sumilher da Cortina;
- Prior da Igreja de São Lourenço de Lisboa;
- Bispo de Lamego, e depois do Porto;
- Governador das Justiças e Milícias da mesma cidade do Porto.

À dignidade de Patriarca ficou anexa a de Capelão-mor de El-Rei. E foi-lhe concedida, em razão da sua alta Dignidade, e a seus Sucessores, novas honras e todas as prerrogativas que são concedidas e El-Rei permitia nos seus Reinos aos Cardeais da Santa Igreja Romana, por Decreto mandado à Mesa do Desembargo do Paço de 12 de Fevereiro de 1717.

No primeiro de abril de 1719, El-Rei lhe fez uma generosa doação de 220 marcos de ouro todos os anos, do Património Real e do rendimento dos quintos de Minas Gerais [que equivalem a mais de 50 mil cruzados = a mais de 20 milhões de réis!].

E logo por outra passada no mesmo dia e ano, lhe fez doação da Lezíria da Foz de Almonda, de grande rendimento.

E depois o Papa Clemente XII, por nomina de El-Rei, criou ao mesmo Patriarca Cardeal, a 20 de Dezembro de 1737, declarando que esta Dignidade ficaria perpétua nos Patriarcas seus Sucessores, os quais sendo preconizados em Consistório, seriam imediatamente criados Cardeais no seguinte.

As armas do patriarca (Capelão-mor) eram coroadas por uma tiara e uma chave (quase como o Papa); no tejadilho do seu coche brilhava uma figuração do Espírito Santo de ouro (como no coche papal).

CII D. Tomás de Almeida (1670-1754) foi também um sofisticado mecenas, cujo padrão de gosto seguiu naturalmente o do rei. Sobre a sua acção de protector das artes e da arquitectura (vd. Pereira, 1991).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

#### 4. A CORTE DO PATRIARCA NA CAPELA REAL

Para que a dignidade da Capela Real brilhasse com o máximo esplendor possível, D. João V criou uma Corte do Patriarca (capelão-mor) de cerca de 300 Dignitários. Ou seja:

- Erigiu um Excelentíssimo Colégio de 24 Excelentíssimos Principais, usando de vestes de cardeal e formando uma espécie de “Sacro Colégio”;

- 72 Prelados ou Monsenhores, escalonados em classes (Prelados Presbíteros, com vestes de arcebispo e direito a mitra; Protonotários; Subdiáconos; Acólitos);

- 20 meretíssimos Cónegos;

- 76 Beneficiados, divididos em três categorias: 12 reverendos Beneficiados de 700\$000 réis; 32 beneficiados de 500\$000 réis; e 32 beneficiados de 250\$000 réis.

Esta corte do Patriarca, que atingiu quase 200 dignitários (como se disse), era servida por um batalhão de quase outros tantos serventuários, tais como (em 1754): 5 mestres de cerimónias, 7 acólitos, 29 capelães-cantores, 20 sacristães, 5 tesoureiros, 71 cantores italianos e portugueses, 4 organistas, 1 compositor de solfa italiana, 39 oficiais seculares...

E ainda era assessorada por 12 confessores, 42 pregadores, 17 capelães de missas.

Ao todo, eram 444 funcionários. A satisfação real era amplamente adulada. A vaidade e o carreirismo eclesiástico ficavam solidamente alimentados. Os filhos segundos das grandes casas aproveitariam bem as oportunidades.

No interior de cada um dos grupos, as desigualdades económicas eram sabiamente acentuadas. O 1º escalão de “reverendos beneficiados” recebia (cada um dos 12) 750\$000 réis, ao passo que cada um dos 32 do 2º escalão recebia 500\$000 réis, e cada uma dos 32 do 3º recebia 250\$000 réis. Dos cantores, ia-se de 892\$800 até 54\$000 réis. Só não havia diferenças para os capelães de missa (44\$640 cada), confessores (50\$000) e pregadores (24\$000).

E para que não só as obras, mas as vozes chegassem ao Céu em pura e suave harmonia, sem mistura de sinfonias profanas, mandou vir de várias Províncias de Itália os melhores Músicos, com grossos estipêndios, de que formou um Coro especial e grave dos mais selectos Cantores.

#### 5. ORNAMENTOS, ALFAIAS, PARAMENTOS, SINOS...

A toda esta pompa acrescentou preciosíssimos ornamentos, jóias, de inestimável valor, armações primorosas, peças de ouro e prata inumeráveis, com que dotou e enriqueceu a Santa Igreja Patriarcal para se celebrarem nela todas as suas funções com magnífico aparato.

Para ornato do culto, o Soberano mandou fazer, e conduzir de todas as partes do mundo os adornos, adereços e alfaias mais preciosas.

Entre elas são dignos de especial memória os nove riquíssimos castiçais e a maravilhosa Cruz, de requintada e nova invenção, que mandou fabricar a Florença e Roma, no ano de 1732, pelo desenho e artifício do famoso Antonio Arrighi Romano, cuja feitura excedeu a importância de 300 mil cruzados. Toda a estrutura de prata, excelentemente dourada, que

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

formava a grande cruz, atingia 17 palmos de altura [c. 3<sup>m</sup>,74] desde a planta do pé; esta era de figura quadrangular e tinha 3,5 palmos [c. 77cm] de diâmetro.

“Era esta obra no seu género única” e universalmente aplaudida. E na verdade, a obra, a concepção, e a matéria vencia o mais encarecido louvor. “Viam-se distribuídos com admirável simetria, pelas bases e balaústres assim da Cruz como dos castiçais, muitos símbolos, jero-glíficos, e génios, querubins e estátuas, umas de vulto, outras de meio-relevo, com diferentes acções, que aludiam com propriedade aos mistérios de Cristo e de Maria Santíssima; outros caracterizavam a magnificência da Santa Igreja Patriarcal, outros o império da Majestade Portuguesa no Reino e suas Conquistas; porém tudo guarnecido com muitos e polidos festões da mesma prata dourada, com muitas tarjas e quartelas de perfeitíssimo lapislazúli, com muitos engraçados esmaltes e embutidos de epígrafes, de pedras, e diamantes preciosíssimos” (Castro, 1763: tomo III, 187).

Esta Cruz e estes castiçais, como tão singulares, estavam destinados para ornar a banqueta do Altar da Capela-mor desta Santa Igreja somente nas funções Régias de Casamentos, Baptismos, e Aclamações de nossos Príncipes, ou em outros quaisquer dias que o Rei determinasse. Porque, para as outras festividades reservava o tesouro desta igreja proporcionadamente outros ternos castiçais e Cruzeiros também magníficos e de preço e artifício estimável<sup>CIII</sup>.

Fez guarnecer a Torre da Igreja, com muitos e harmoniosos sinos. Constava ela de dois andares de sineiras: o primeiro tinha dois sinos em cada lado, e que perfazia 8 sinos; no segundo andar havia quatro sineiras. O sino grande tomava todo o vão do meio, de sorte que se via por todas as quatro partes, e se sustinha em madeiras que não tocavam nas paredes da torre.

O primeiro sino pesava 800 arrobas [c. 12.000 quilos], e tocava nas festas de 1ª classe, e nas exéquias das pessoas Reais, Patriarcas, Cardeais, e Principais; o segundo sino pesava 152 arrobas [c. 2.280k], e tocava nas festas de 2ª classe e dobrava aos Fidalgos titulares, Monseñhores e Cónegos; o 3º sino tinha 110 arrobas [c. 1650k] e tocava nas exéquias dos Beneficiados; o 4º tinha 87 arrobas [c. 1300k] e tocava pelos capelães; o 5º tinha 77 arrobas [c. 1155k] e tocava pelos Sacristas; o 6º, 35 arrobas [c. 525k]; o 7º, 29 arrobas [c. 435k]; o 8º, 25 arrobas [c. 375k]; o 9º, 22 arrobas [c. 330k]; a garrida [sineta], duas arrobas [c. 30k]<sup>CIV</sup>.

CIII Se Antonio Arrighi (1687-1776) foi, sem dúvida, o ourives italiano que mais trabalhou para D. João V, as sucessivas encomendas de ourivesaria para a Patriarcal envolveram outros artistas e outras oficinas, como a de Urbano Bartelesi (1670-1726), por exemplo, responsável pela banquetta patriarcal que ainda subsiste na Sé de Lisboa. Ao próprio João Frederico Ludovice, arquitecto-mor do reino e com formação romana de ourives, podem ser creditados desenhos para peças de ourivesaria destinados à Patriarcal (Pimentel, 2013: 84-85; 96-99).

CIV Uma memória manuscrita e que permanece inédita, redigida em 1769 pelo padre António Rodrigues Lage (Altissonancia sacra restaurada..., Biblioteca Nacional de Portugal, Secção de Reservados, COD. 5999), descreve com cópia de pormenores os sinos da Patriarcal, as características sonoras e as circunstâncias da sua fábrica e da dramática e complexa colocação nas torres. É possível que José da Felicidade Alves conhecesse este manuscrito, dada a descrição detalhada que aqui fornece sobre os sinos.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Havia outra torre chamada do Relógio, separada da Igreja Patriarcal, cujos sinos tocavam nos dias seguintes: Dia de Reis, S. Vicente, Sábado de Alleluia, Domingo de Páscoa, Sábado e Domingo do Espírito Santo, Corpo de Deus (só à Procissão), Conceição, e Natal.

A Santa Igreja Patriarcal absorve a antiquíssima Sé de Lisboa

Parecia impossível à imaginação humana inventar novas grandezas para a Patriarcal (Capela Real): mas não foi impossível á dilatada esfera da mente real!

Assim, tornou a unir a duas Cidades e as duas Dioceses (criadas em 1716), em uma só. Pela Constituição do Papa Bento XIV, Salvatoris Nostri, passada em 13 de Dezembro de 1740, fez abrogar e extinguir a antiquíssima Sé de Lisboa Oriental, incorporando-a e estabelecendo uma só Igreja Patriarcal, com omnímota Jurisdição Metropolitana.

## 6. PROJECTO DE CONSTRUÇÃO DE UM EDIFÍCIO PRÓPRIO PARA A BASÍLICA PATRIARCAL

Ainda faltava uma coisa: a construção de raiz de um edifício competente, que merecesse o magnífico nome de Basílica e Templo Régio Patriarcal. E que rivalizasse com a Basílica de São Pedro de Roma!

Nisso se ocupou o Rei. Pela primeira vez em 1719; e várias vezes depois.

Vd. Basílica Patriarcal - Projectos que não se concretizaram

A diversidade de pareceres tornou indeciso o projecto. Depois a saúde real fê-lo esmorecer. O Rei consolou-se (!) com a ideia de deixar as riquezas para que seu filho o edificasse (à semelhança do que David fizera com Salomão...).

## 7. É SAGRADA A CAPELA REAL COMO BASÍLICA PATRIARCAL COMO NOVO TÍTULO (1746)

Não podendo contar com o sonho de uma Basílica Patriarcal, que rivalizasse com São Pedro em Roma, El-Rei foi fazendo algumas obras na Capela Real, melhorando e acrescentando em algumas partes a fábrica do edifício, quanto foi possível:

– 1710 – Renovação da Capela Real por Gimac, delineando uma nova “torre dos sinos”<sup>CV</sup> (vd. Carvalho, 1962: tomo II, 287).

– c. 1719 – Ludovice andava remodelando a velha Capela Real (Carvalho, 1962: tomo II, 378).

<sup>CV</sup> A nova Torre do Relógio acabou por ser delineada pelo italiano Antonio Canevari (1681-1764), contratado em Roma, em 1727, pelo embaixador André de Melo e Castro. Deixou Portugal em 1732, depois de ter realizado alguns trabalhos de monta para D. João V, no paço da Ribeira, e para o patriarca D. Tomás de Almeida, na sua quinta suburbana de Santo Antão do Tojal (Ferraris, 1995).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

– c. 1728 – Canevari fez novas modificações na Capela Real (Carvalho, 1962: tomo II, 378).

Finalmente, procedeu à Sagração da Igreja, dando-lhe o novo título de Salvador do Mundo e Nossa Senhora da Assunção. Para isso decretou o dia 13 de Novembro de 1746, como início das cerimónias.

E durante oito dias, desenrolaram-se as faustosas cerimónias, que só por si atingiram um assombro de grandiosidade.

## 8. CERIMÓNIAS DA SAGRAÇÃO DA BASÍLICA RÉGIA PATRIARCAL

13 a 20 de Nov.º de 1746

A Igreja foi sagrada com o novo título de “Salvador do Mundo e Nossa Senhora da Assunção”.

No 1º dia, 13 de Novembro de 1746, “o Eminentíssimo, e Reverendíssimo Cardeal Patriarca D. Thomás de Almeida com todas as cerimonia, que manda o Pontifical Romano, e com maravilhoso, e grave desembaraço sagrou a Igreja, e o Altar mór da Sacrosanta Igreja Patriarcal, onde collocou as Reliquias dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, Santiago Mayor, e S. Thomé.

Na segunda feira seguinte, que se contavaõ 14 do dito mez, e anno, o Arcebispo Lacedemonia D. Joseph Dantas Babrbosa sagrou o Altar do Santissimo Sacramento dedicado á Santissima Trindade, e collocou nelle as Reliquias dos Apostolos Santo André, e Santiago Menor.

Na terça feira sagrou o Altar dedicado á sagrada Familia o Bispo, que tinha sido do Rio de Janeiro D. Fr. João da Cruz, da Ordem dos Carmelitas Descalços, e lhe collocou as Reliquias dos Apostolos S. Filipe, e S. Bartholomeu.

Na quarta feira o Altar dedicado a S. Thomé, e mais Apostolos sagrou o Bispo de S. Thomé D. Fr. Luiz das Chagas, da Ordem dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, e lhe collocou as Reliquias de S. Matheus Evangelista, e S. Barnabé Apostolo.

Na quinta feira os Altares dedicados o primeiro aos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, Processo, e Martiniano; e o segundo aos santos Martyres Vicente, e Sebastião, e S. Roque, sagrou o Bispo de Angola D. Fr. Manoel de Santa Ignez, da Ordem dos Carmelitas Descalços, e collocou no primeiro as Reliquias de S. Braz, e S. Januario Martyres, e no segundo as de S. Lourenço, e S. Sebastião Martyres.

Na sexta feira os Altares dedicados o primeiro a Santo Antonio, e o segundo a S. Carlos, e S. Felippe Neri, sagrou o Bispo do Maranhão D. Fr. Francisco de Santiago, da Provincia de S. Francisco da Cidade, e collocou no primeiro as Reliquias de S. Canuto, e Santo Thomás de Cantuaria Martyr, e no segundo as de Santo Estevão Protomartyr, e S. Venancio Martyr.

No sabbado os Altares dedicados o primeiro a Santa Isabel, S. Bento, S. Bernardo, S. Francisco, S. Domingos, Santa Teresa, Santa Sancha, Santa Joanna; e o segundo a S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja, e Santo Ignacio, sagrou o Bispo de Malaca D. Fr. Miguel de

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bullhões, da Ordem de S. Domingos, e collocou no primeiro as Relíquias de S. Wenceslao, e S. Hermenegildo Martyres, e no segundo as de Santo Eustaquio, e S. Pedro Martyres.”

N o Domingo finalmente , que se contavaõ 20 de Novembro do sobredito anno, o Altar dedicado a Nossa Senhora da Piedade sagrou o Bispo de Coimbra D . Miguel da Annunção da Congregação dos Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, e lhe collocou as Relíquias dos Santos Innocentes, e S. Vito Martyres.”(in Castro, 1763: tomo III, 194-195).

## 9. CONCLUSÃO: SUMPTUOSIDADE DA PATRIARCAL!

Esta Régia Capela, ou Igreja Patriarcal, era a mais majestosa, rica, e egrégia, que se venera em todo o mundo cristão. Tal é o juízo de quantos a viram, de que citamos apenas um testemunho:

Ex quibus omnibus patet, Capellam Regiam, seu Ecclesiam Patriarchalem Olisiponensem ob summam, ac ferè singularem Joannis V. Regis munificenciam, & pietatem nulli in toto Christiano orbe Ecclesia, vel Ministror um copia, dignitate, & opibus, vel sacrarum rerum cultu, & splendore, vel denique privilegiis, juribusque concederé” (in Carafa, 1749: 488).

Os gastos que se consumiram eram enormes. O Padre João Baptista de Castro, que era um dos clérigos ao serviço desta Real Capela, dá um Mapa do que se gastava anualmente [vd. Anexo A].

Para termos uma visão completa da sumptuosidade da Basílica Real e Patriarcal, seria necessário assistir ao desenrolar das Cerimónias Litúrgicas, que se executavam na Real Capela, com a maior exactidão, decoro e respeito. Apenas está ao nosso alcance dar um apontamento, como que de reportagem, baseando-nos na descrição que nos deixou o Padre João Baptista de Castro [vd. Anexo B].

E tudo desapareceu no dia 1 de Novembro de 1755

O Padre João Baptista de Castro, testemunho presencial da catástrofe regista em breve síntese o dramatismo do acontecimento:

“Nesta conformidade se achava a liturgia na Santa Igreja Patriarcal de Lisboa, quando impensadamente sobrevindo o trágico acidente do terramoto em o primeiro de Novembro [de 1755], seus Ministros, que estavam acabando de rezar para se começar a Missa, se viram sumamente perplexos, atónitos, e aflitos” (Castro, 1763: tomo III, 200).

E continua:

“Desampararam com presteza o Coro, que era no meio da Igreja, procurando cada um em confusa desordem escapar de tão próxima ruína, ameaçada por um violento e continuado tremor, que fazia horrorosamente abalar todo o edifício. Tais houve naquele subitâneo conflito que, sôfregos do seu dano, achando as passagens entupidas com o tumulto da gente, querendo fugir à morte, pretenderam antecipá-la, lançando-se inconsideravelmente das janelas ao pátio chamado da Capela, onde posto que livraram a vida, ficaram todavia estropeados”.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

“Nova consternação ocupou naquele transe o ânimo dos Excelentíssimos Principais; porque, achando-se em seus cubículos quase prontos para entrarem à capela-mor, não podiam buscar o desvio oportuno, por se acharem fechadas as portas dos corredores. Constrangidos da necessidade, preferiram ao conselho próprio o alheio, mas com uma constância cristã pediam a Deus misericórdia. Até que, abrindo-se uma porta, cuidou cada qual escapar do perigo por onde quis favorecer o seu destino; menos o do Excelentíssimo Principal D. Francisco de Noronha, filho dos Marquês de Angeja, que dirigindo apressadamente os passos pelo corredor, que ia dar à Sala dos Tudescos, ali experimentou na flor da idade o cruel incidente da morte intempestiva; porque, desabando de improviso a varanda sobranceira ao Corpo da Guarda, caiu submergido entre as ruínas, servindo-lhe de mortalha a mesma púrpura, que era a segunda vez com que se ornara, por haver sido modernamente exaltado desde a nobilíssima jerarquia dos Cónegos ao Sacro Colégio dos Principais” (Castro, 1763: tomo III, 201).

Ao terramoto sucedeu o incêndio, que devorou irreparavelmente toda a grande opulência daquele templo.

No local onde existiu a Basílica Patriarcal, ergueu-se no fim do século XVIII uma nova igreja pombalina, a de São Julião. Esta, por sua vez, acabou por ser vendida ao Banco de Portugal e permanecer na expectativa da demolição<sup>57</sup>.

## Bibliografia

CARAFA, Josepho – *Utriusque Siciliae et aliorum principum liber unus*. Roma: Typographia Antonii de Rubeis, 1749.

CARVALHO, Armindo Ayres de – *D. João V e a Arte do seu Tempo: As memórias d'el rey D. João V*. Vol. II. Lisboa: Edição do Autor, 1962.

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

<sup>57</sup> N. C. A igreja foi recuperada, mantendo-se o edificado segundo a traça pombalina, mas dessacralizada. Desde abril de 2016 funciona como museu do dinheiro.



## ANEXO A

### SOBRE AS DESPESAS ANUAIS DA IGREJA PATRIARCAL

(cálculo baseado na folha da 1ª mesada de 1754: Castro, 1763: tomo III, 188-192).

Para que se veja com distiçaõ o que percebem por anno todos os Ministros da Santa Igreja Patriarcal, e outras despesas, que nella se fazem, expomos por curiosidade o Mappa seguinte, calculando segundo a folha da primeira mezada do anno de 1754, donde o extrahimos, sendo preciso advertir, que de entaõ até o presente se tem admitido mais Musicos Italianos, e Capellães Cantores tambem com ordenados muito pingues, sem embargo que em muitas partes tambem se diminuiõ o dispendio com a ruina que tem padecido o grosso da sua Fabrica.

#### Calculo de todo o rendimento da Reverenda Fabrica da Santa Igreja Patriarcal até o anno de 1747

|                                                       |             |
|-------------------------------------------------------|-------------|
| Renda chamada dote antigo                             | 30:005U560  |
| Rendimento das Terças dos Bispados, e mais Beneficios | 94:982U512  |
| Rendimento das Igrejas, Casas, e produto das Lizirias | 31:474U717  |
| Rendimento dos juro distratados, comprados, &tc.      | 250:843U880 |
| Somma total                                           | 407:306U669 |

#### Congrua dos Excellentissimos, e Reverendissimos Principaes da Santa Igreja Lisbonense.

|                                                                                                            |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Cada hum dos Excellentissimos, e Reverendissimos Principaes recebe em 10 mezes do anno a 50 moedas por mez | 2:400U000 |
| Recebe mais nos dous mezes para inteirar o anno                                                            | 753U200   |
| Recebe mais do accrescimo incerto das rendas                                                               | 1:500U000 |
| Congrua total de cada hum                                                                                  | 4:653U200 |
| Além disto recebe cada hum dos cinco Excellentissimos Principaes Primarios cada anno                       | 100U000   |
| E o Excellentissimo Principal Decano                                                                       | 200U000   |

#### Congrua, e ordenados, que os Ministros, e Mansionarios da Sacrosanta Igreja Patriarcal de Lisboa recebem cada anno

| Num |                                |           |
|-----|--------------------------------|-----------|
| 72  | A cada Ilustris. e Rever. Mon. | 1:600U000 |
| 20  | A cada Reverendo Conego        | 1:000U000 |



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                    |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

|    |                                       |         |
|----|---------------------------------------|---------|
| 12 | A cada Reverendo Beneficiado          | 700U000 |
| 32 | A cada Reverendo Beneficiado          | 500U000 |
| 32 | A cada Rever. Clerigo Beneficiado     | 250U000 |
| 2  | A cada Mestre de Ceremonias           | 110U000 |
| 3  | A cada Mestre de Ceremonias da Basil. | 100U000 |
| 7  | A cada Acolyto da Capella mór         | 50U000  |

Capellães Cantores.

|    |                                  |         |
|----|----------------------------------|---------|
| 17 | A cada hum                       | 150U000 |
| 1  | A hum                            | 280U000 |
| 2  | A cada hum                       | 260U000 |
| 1  | A hum                            | 250U000 |
| 1  | A hum                            | 170U000 |
| 3  | A cada hum                       | 130U000 |
| 4  | A cada hum                       | 100U000 |
| 1  | A hum P. Thesoureiro do thesour. | 150U000 |
| 1  | A outro                          | 130U000 |
| 2  | A cada Thesoureiro da Sacristia  | 110U000 |
| 1  | Ao Thesoureuro da cera           | 140U000 |
| 20 | A cada Sacristia                 | 74U400  |

Capellães, que dizem as Missas das Capellas antigas

|   |                                  |        |
|---|----------------------------------|--------|
| 1 | Pelo Senhor Rey D. Manoel        | 44U640 |
| 1 | Pela Rainha Dona Maria           |        |
| 1 | Por ElRey D, Joaõ III.           |        |
| 1 | Pelo Cardeal D. Henrique         |        |
| 1 | Pelo Principe D. Joaõ            |        |
| 1 | Pela Princeza Dona Joanna        |        |
| 1 | por ElRey D. Joaõ IV.            |        |
| 1 | Pela Rainha Dona Catharina       |        |
| 1 | Pela Rainha Dona Anna de Austria |        |
| 1 | Por ElRey D. Sebastiaõ           |        |
|   | Pelos Anjos                      |        |
|   | A S. Sebastiaõ                   |        |
|   | Por tenção                       |        |
|   | Pelas Almas                      | 54U800 |

D a m e s m a e s m o l a



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**Cantores Italianos, e Portuguezes**

|    |                                 |         |
|----|---------------------------------|---------|
| 1  | A hum                           | 892U800 |
| 6  | A cada hum                      | 720U000 |
| 1  | A hum                           | 660U000 |
| 16 | A cada hum                      | 600U000 |
| 3  | A cada hum                      | 540U000 |
| 17 | A cada hum                      | 480U000 |
| 1  | A hum                           | 444U000 |
| 3  | A cada hum                      | 364U00  |
| 2  | A cada hum                      | 300U000 |
| 3  | A cada hum                      | 240U000 |
| 3  | A cada hum                      | 192U000 |
| 3  | A cada hum                      | 180U000 |
| 1  | A hum                           | 160U000 |
| 5  | A cada hum                      | 150U000 |
| 1  | A hum                           | 100U000 |
| 1  | A hum                           | 84U000  |
| 3  | A cada hum dos Cantores antigos | 100U000 |
| 1  | A hum                           | 54U000  |
| 4  | A cada organista                | 130U000 |
| 1  | Ao Compositor da solfa Italiana | 180U000 |

**Officiaes Seculares.**

|    |                                |         |
|----|--------------------------------|---------|
| 1  | Ao Porteiro do Excel. Collegio | 120U000 |
| 2  | A cada Custodio dos Aposent.   | 40U000  |
| 4  | A cada Custodio da Basilica    | 60U000  |
| 12 | A cada Masseur                 | 30U000  |
| 4  | A cada Cursor                  | 20U000  |
| 6  | A cada Varredor                | 44U640  |
| 2  | A cada Faquino                 | 74U400  |
| 1  | Ao Ourives                     | 640U000 |
| 1  | Ao Armador                     | 240U000 |
| 1  | A outro Armador                | 172U000 |
| 1  | A Capelleira                   | 9U480   |
| 2  | Aos Sineiros                   | 100U000 |
|    | Com varios repiques            | 200U000 |



|   |                                  |         |
|---|----------------------------------|---------|
| 1 | Affinador dos órgãos             | 20U000  |
| 1 | Escritor, Miniator, e Estampador | 600U000 |

**Varias despesas.**

|    |                                                                                                                                                                   |           |
|----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 12 | A cada Confessor                                                                                                                                                  | 50U000    |
| 42 | A cada huma das Religiões, que costumaõ vir prégar                                                                                                                | 4U000     |
|    | Com Cera                                                                                                                                                          | 6:200U000 |
|    | Com a pintura da cera                                                                                                                                             | 210U000   |
|    | Com Procissões, bancos, e limpeza da Igreja                                                                                                                       | 2:000U000 |
|    | Com a limpeza, e concerto da prata                                                                                                                                | 250U000   |
|    | Lavagem, e encrespado.. da roupa                                                                                                                                  | 392U000   |
|    | Concertos de roupa branca                                                                                                                                         | 120U000   |
|    | Azeite para 45 alampadas                                                                                                                                          | 500U000   |
|    | Vinho para as Missas                                                                                                                                              | 150U000   |
|    | Hostias                                                                                                                                                           | 24U000    |
|    | Incenso                                                                                                                                                           | 24U000    |
|    | Carvão                                                                                                                                                            | 20U000    |
|    | Palmas                                                                                                                                                            | 600U000   |
|    | Folhinhas de reza                                                                                                                                                 | 48U000    |
|    | Trezena de Santo Antonio                                                                                                                                          | 70U000    |
|    | Pannos verdes, e encarnados                                                                                                                                       | 60U000    |
|    | Com armações da igreja cinco vezes no anno, por cada vez 26U000; e quando se arma a escada, se dá mais 6U000; e pela arm. do pateo 100U000 importa tudo cada anno | 236U000   |
|    | Com o Seminario                                                                                                                                                   | 1:800U000 |
|    | Com despesas incertas                                                                                                                                             | 800U000   |



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO B

## LITURGIA OU SERVIÇO DIVINO ESTABELECIDO NA REAL CAPELA, NOS MEADOS DO SÉCULO XVIII

Como o Fidelissimo Rey D. Joaõ V. era tão zeloso, e pontual na observancia da liturgia, ou serviço Divino, quis que na sua Real Capella se executassem todas as funções Ecclesiasticas com a mayor exacção, decoro, e respeito. Naquellas, em que elle publicamente assistia, chamadas Capellas Patriarcaes, que juntamente vem a ser funções da Capella Real, se faziaõ por hum de tres modos: ou celebrando o Patriarca, ou assistindo somente, ou naõ assintindo, e de qualquer modo, occorrendo os dias determinados de Capella, sempre Sua Magestade descia a ella, usando-se diversas formalidades nas ceremonias, conforme os dias; e porque o rito he hoje o mesmo, diremos brevemente o que conduz, e pertence a cada função.

Sempre que Sua Magestade desce à Capella, he recebido por todas as Jerarquias dos seus Ministros à porta della; e achando-se presente o Patriarca, lhe pertence como Capellaõ mór, lançar agua benta a todas as Pessoas Reaes; e quando naõ está presente o Patriarca, faz esta acção ou o Deaõ, ou outro, que seja o mais antigo dos Principaes. Logo que entra na Capella, ou se recolhe della para o Paço, vay fazer oração ao Altar do Sacramento, acompanhando-o sempre a Corte, e todas as Ordens de Prelatura, os Principaes, e ainda o Patriarca.

Em dia de Reys celebra a Missa o Deaõ; e estando este impedido, o Principal seu immediato. O Patriarca só costuma assistir, e neste caso, acabado o Evangelho, vay o Subdiacono da Missa dar a beijar o Texto ao Patriarca, e logo descendo com o livro ao plano, troca aquelle com outro livro tambem dos Evangelhos, que immediatamente vay offerer aberto a ElRey para oscular o Texto, e successivamente faz o mesmo aos Senhores Infantes.

Ao Offertorio entraõ na Quadratura o Reposteiro mór, o Guarda-Tapeçaria para lhe dar a almofada delRey, e hum Moço da Tapeçaria com ella por debaixo do braço. O Esmoler mór seguido de tres Moços da Camara sem espada com as offertas em pratos, e vasos dourados, e fazendo todos as devidas reverencias, se adivinhaõ ao throno do Patriarca. Ao mesmo tempo chegaõ tambem ao de ElRey o Mordomo mór, o Capitaõ da Guarda Real, e os Camaristas de todas as Pessoas Reaes. Entaõ se levanta ElRey, e seguido dos Senhores Infantes desce ao plano, ajoelha ao Altar, reverencea ao Patriarca, (o qual para lhe corresponder se levanta, mas torna-se logo a assentar) e ajoelhando sobre a almofada, que já tem posto o Reposteiro mór, recebe o Esmoler mór, que tambem está de joelhos, os tres vasos descobertos, e os offerce ao Patriarca; o que feito, se retira ao seu throno, e todos os mais fazem o mesmo.

Acabada a incensação do Altar, vem o Diacono da Missa, depois de ter incensado ao Celebrante, diante do Patriarca, e entrega o thuribulo ao Principal Presbytero assistente, o qual acabando de incensar o Patriarca, continúa a incensar a ElRey, e mais Pessoas Reaes. Depois incensa o Diacono aos Principaes do throno Patriarcal, aos da Quadratura, aos Prelados mitrados assistentes, e naõ assistentes, Protonotarios, a Corte de ElRey, e depois della ao mais Prelados Subdiaconos, e Acolytos.

O mesmo sobredito Presbytero assistente depois do Agnus Dei vay ao Altar receber a Paz do Celebrante, e a vem dar ao Patriarca, a ElRey, e aos Senhores Infantes, e se recolhe ao seu lugar da Quadratura, onde o está esperando o Presbytero assistente do Celebrante, o

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

qual recebe delle a Paz para a communicar aos mais Principaes, e Prelados mitrados; e depois de a ter dado a estes, a communica ao Mestre de Ceremonias, e este a vay dar aos Protonotarios, à Corte delRey, e às mais Ordens de Prelaturas.

Quando o Patriarca não assiste, he a primeira Dignidade dos Principaes o que dá o livro dos Evangelhos a ElRey para o oscular, e tambem he o que o incensa, e lhe dá a Paz. As offertas no tal caso são recebidas pelo Celebrante apud Altare, estando em pé com as costas para a Cruz, e sem mitra; e ElRey ajoelha no primeiro degráo sobre almofada posta pelo Reposteiro mór. Quando ElRey não a assiste, he o Esmoler mór o que dá estas offertas ao Patriarca; e se tambem este não está presente, as recebe o mesmo Esmoler mór o Celebrante, estando ainda no Altar sentado no faldistorio, e cuberto de mitra.

No dia das Candeas não celebra o Patriarca, mas faz a benção, e distribuição das vélas, e ElRey vay receber a sua ao throno do Patriarca, depois os Senhores Infantes, os Principaes, os Prelados mitrados, Penitenciario, (por estarem paramentados) Protonotarios, a Corte delRey, os Subdiaconos Patriarcaes, e todos os mais pela sua ordem costumada; porém quando o Patriarca não faz esta acção, vay Sua Magestade ao Altar receber a véla da mão do Celebrante, o qual lha dá estando em pé, e sem mitra; e ou assista, ou não assista o Patriarca, sempre ElRey acompanha a Procissão, seguindo-o a sua Corte. Isto mesmo se observa em Domingo de Ramos.

Em quarta feira de Cinza faz o Patriarca a benção, e imposição da cinza, e assiste à Missa ElRey com os Senhores Infantes, que vão recebella depois dos Principaes; e quando o Patriarca não assiste, vão ao Altar recebella da mão do Celebrante.

Na manhã de Quinta feira santa desce Sua Magestade muito cedo particularmente com os Senhores Infantes à Capella do Sacramento para receber da mão do Cura a Communhão por desobrigação Pascal; mas volta logo para cima a esperar o tempo de descer publicamente para assistir à Missa solemne, no fim da qual acompanha Sua Magestade a Procissão do Sacramento até o Sepulcro com cirio que lhe dá acezo o Mordomo mór: o que feito com o costumado cortejo, se recolhe ao Paço, onde immediatamente com as costumadas ceremonias lava os pés a treze Pobres, dando-lhe um esplendido jantar, que consta de varias guarias expostas em meza magnifica; e a mesma função faz a Rainha no seu quarto.

Nos dias em que costuma celebrar o Patriarca he hum dos Principaes da Ordem Diaconal o Diacono da Missa, e a elle toca o incensar a ElRey, e por isso depois que ao Offertorio incensa o Patriarca, vay diante de ElRey, e o incensa com tres ductos, e da mesma sorte aos Senhores Infantes. Volta para o Altar, e incensa o Deaõ, que serve de Presbytero assistente da Missa, e subseqüentemente aos dous Principaes Diaconos assistentes do Patriarca. Depois desce à Quadratura a incensar os Principaes, e torna ao Altar, e incensa os Prelados mitrados assistentes tanto de huma parte, como da outra, e logo larga o thuribulo a hum Subdiacono Patriarcal, e este o incensa com dous ductos, e passa a incensar com hum aos Prelados mitrados não assistentes, ao Penitenciarios, Protonotarios, Corte de ElRey, e às mais ordens de Prelatura. Ao tempo da Paz vay o Deaõ para o lado da Epistola, e recebendo-a do Patriarca, a vay dar a ElRey, e aos Senhores Infantes. Desce à Quadratura, e depois de a ter communicado aos tres cabeças das Ordens dos Principaes, torna ao Presbyterio, onde faz o mesmo ao primeiro Prelado mitrado assistente de cada parte: ultimamente a communica a hum Subdiacono Patrircal, que a vay distribuir a todos os mais com a mesma preferencia, que dissemos do incenso.

Em sexta feira santa não costuma celebrar o Patriarca, mas só assistir. O throno delRey não tem nesse dia espaldar, nem docel, nem cobertura os degráos; as cadeiras, e as almofadas

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

saõ de cor roxa, e sem ouro. ElRey, e Suas Altezas vão adorar a Cruz depois dos Principaes, e neste mesmo tempo, o Esmoler mór lança no prato a costumada offerta, ou esmola.

No dia de Corpo de Deos desce ElRey à Capella com manto da Ordem de Christo para pegar na vara do Pallio, o que faz à porta della, recebendo-a da mão do Mordomo mór. Á sahida do pateo larga a vara, e acompanha a Procissão atraz do Sacramento, e ao recolherse torna a pegar na vara do Pallio à entrada do pateo, e a leva até os cancelos do Altar mór. No dia oitavo de tarde, que he a solemnidade do Corpo de Deos da Casa, vem ElRey assistir à Procissão, e pega na vara do Pallio à sahida da porta da Capella, e a leva até o fim da Procissão. Em dia da Conceição da Senhora assiste tambem à Missa, ou a celébre o Patriarca, ou algum dos Principaes, e ao Offertorio vay offerrecer o tributo do Reino com aquella formalidade, que em outras occasiões referimos acima.

Com esta magnificência, e rito concorre ElRey às funções da sua Real Capella, e Igreja Patriarcal, onde todas as ceremonias Ecclesiasticas tocantes ao culto Divino se executaõ com huma pomposa exacção, e admirável respeito applaudido até dos mesmos estrangeiros, os quaes confessaõ estar sincopada neta Igreja, com emulação virtuosa, a ravidade, o esplendor, e o decoro da mesma Capella Pontificia de Roma.

Nesta conformidade se achava a liturgia na Santa Igreja Patriarcal de Lisboa (in Castro, 1763: tomo III, 195-200).

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

CARVALHO, Armindo Ayres de – *D. João V e a Arte do seu Tempo: As memórias d'el rey D. João V*. Vol. II. Lisboa: Edição do Autor, 1962.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

† **SÉ ARQUIEPISCOPAL DE LISBOA ORIENTAL****Situação no Século XVIII [1716-1742]**

Fomos evocando a longa história da Sé de Lisboa:

- Fora ali a Mesquita maior dos Mouros, até ao ano de 1147;
- D. Afonso Henriques, quando conquistou Lisboa aos Mouros em 1147, mandou purificar a dita mesquita e estabeleceu nela a sede do novo bispado de Lisboa, com o bispo D. Gilberto.
- Mas poucos anos depois, o primeiro monarca português mandou construir, desde os alicerces, uma nova igreja, que constituiu como Sé metropolitana de Lisboa.
- Sofreu a Sé diversas alterações, acrescentamentos e restauros ao longo dos séculos.
- Passou entretanto a Sé Arquiepiscopal no tempo de D. João I.
- E na segunda metade do século XVII, além de sofrer alguns acrescentamentos, foi alvo de trabalhos de rebocos, estuques e pinturas no seu interior, que alteraram profundamente o seu perfil...

**1. É CONSTITUÍDA EM SÉ DO ARCEBISPADO ORIENTAL (1716)**

Em 1716, achando-se a Sé de Lisboa em Sede vacante pela morte do seu último Arcebispo o virtuoso D. João de Sousa, o Arcebispado foi dividido em duas Dioceses, por virtude da Bula Aérea de Clemente XI, de 7 de Novembro de 1716.

Lisboa foi dividida em duas cidades: Lisboa Ocidental e Lisboa Oriental. Lisboa Oriental ficou com o título de Arcebispado Oriental, constituindo-se o seu Cabido de oito dignidades (a saber: Deão, Chantre, Arcediago de Lisboa, Tesoureiro-mor, Arcediago de Santarém, Mestre Escola, Arcediago da Terceira Cadeira, Arcipreste), vinte cônegos, quatro meios cônegos, doze quartenários, dez bacharéis e vários capelães.

Algumas obras.

Neste período, devem ter continuado as obras segundo a orientação da época. Construiu-se porventura, no reinado de D. João V, o andar sobre a sacristia, onde está o tesouro e a Casa do Capítulo da Sé.

A fim de se obter um coro mais amplo, preencheu-se o primeiro tramo da nave central, á altura da galeria do trifório e do terraço sobre o átrio, com um pavimento apoiado num arco abatido, de cantaria, que se firmava nos primeiros pilares da nave, a contar da porta principal.

## 2. ABOLIDO O TÍTULO DE SÉ

Por bula de 13 de Dezembro de 1740, o papa Bento XIV, a pedido de D. João V, extinguiu a Sé Arquiepiscopal de Lisboa, unindo os dois distritos de Lisboa, ficando a cidade sob a jurisdição da Metropolitana ou Patriarcal.

Vd. BASÍLICA DE SANTA MARIA

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



## † BASÍLICA DE SANTA MARIA

Século XVIII [1742]

Pela Bula “*Salvatoris nostri*” de Bento XIV, expedida aos 13 de dezembro de 1740, foi abolido o título de Sé que estava atribuído à antiga Sé de Lisboa, e que desde 1716 era sede do Arcebispado de Lisboa Oriental, que aliás nunca tinha sido provida de arcebispo.

Extinguiram-se juntamente, não só a dignidade arquiépiscopal, que se uniu ao novo Patriarcado e Metrópole de Lisboa (erecto na antiga Capela Real), mas ficaram suprimidas e extintas todas as suas dignidades, canonicatos, meias prebendas, e quartanárias.

El-Rei, por virtude do mesmo *motu proprio*, removia a cada um dos cônegos, que então existiam, dos seus canonicatos e prebendas; mas compensava-lhes todo o prejuízo com outras honras e benefícios equivalentes, tais como foram aos dignidades e cônegos o hábito de Cristo, e a cada um dos meios cônegos o hábito de Santiago, e dos quartanários o hábito de Aviz, todos com tenças proporcionadas.

No sábado 17 de novembro de 1742 foi o último dia em que rezaram em coro, expirando então o seu título, hábito e residência.

### BASÍLICA DE SANTA MARIA

Extinto assim o seu antigo Cabido, erigiu-se no mesmo templo uma nova Basílica, por virtude das Bulas *Ea quae providentiae* de Bento XIV, passada em 14 de Julho de 1741 e da “*Salvatoris nostri*”, do mesmo Pontífice.

Teve início esta Basílica de Santa Maria em 18 de Novembro de 1742.

Segundo Castro (1763: tomo III, 342-343), a dita Basílica constava dos seguintes ministros:

| Nº | Ministros                                  | Cada (Rs) | Total (Rs) |
|----|--------------------------------------------|-----------|------------|
| 1  | presidente com hábitos prelatícios         |           | 1 conezia  |
| 27 | cônegos                                    | 800.000   | 21.600.000 |
| 20 | beneficiados                               | 400.000   | 8.000.000  |
| 18 | clérigos beneficiados                      | 200.000   | 3.600.000  |
| 10 | padres bacharéis                           | 100.000   | 1.000.000  |
| 6  | padres capelães                            | 148.440   | 890.640    |
| 2  | padres capelães                            | 158.750   | 317.500    |
| 4  | padres capelães                            | 123.000   | 492.000    |
| 6  | moços de coro do numero                    | 26.000    | 156.000    |
| 8  | moços, ou meninos do coro, extranumerários | 18.000    | 144.000    |



|   |                                |                   |         |
|---|--------------------------------|-------------------|---------|
| 2 | mestres de cerimónias          | 20.000 + 6.000    | 26.0000 |
| 6 | contraltos                     | Total             | 532.000 |
| 3 | tenores                        | Total             | 340.000 |
| 3 | contrabaixos                   | 100.000           | 300.000 |
| 2 | organistas                     | Total [+ 3 moios] | 140.000 |
| 1 | mestre de música               | Total [+ 2 moios] | 100.000 |
| 1 | mestre da classe de solfa      | Total             | 50.0000 |
| 3 | cursores, ou custódios do coro | [variável]        | -       |

Contava mais de uma Câmara, para o governo interior e económico da dita igreja, sua fábrica e sacristia. Compreendia:

|   |                                                 |              |
|---|-------------------------------------------------|--------------|
| 3 | 3 camerários (um é o presidente e dois cónegos) | 240.000 réis |
| 1 | secretário                                      | 60.000 réis  |
| 1 | porteiro                                        | 20.000 réis  |
| 2 | letrados                                        | 140.000 réis |
| 1 | procurador                                      | 400.000 réis |
| 3 | procuradores                                    | 120.000 réis |
| 1 | escrivão                                        | 200.000 réis |
| 1 | vedor da sacristia                              | -            |
| 1 | tesoureiro da fazenda                           | -            |
| 1 | fabriqueiro                                     | -            |
| 1 | (outro) tesoureiro                              | 120.000 réis |
| 1 | altareiro                                       | 110.000 réis |
| 2 | moços da limpeza da igreja                      | (a)          |
| 1 | sineiro                                         | 50.000 réis  |
| 1 | 1 armador                                       | 60.000 réis  |
| 1 | 1 mestre de latim                               | 40.000 réis  |

Tinha cada um, por dia, um tostão; mais 15 alqueires de trigo e 8.000 réis para vestiaria, por ano.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 1. A PARÓQUIA DE SANTA MARIA

Esta igreja era considerada como paróquia. Sempre foi administrada por um cura. O patriarca D. Tomás de Almeida colou-o com o título de Reitor. Rendia antes do terramoto 400.000 réis. Tinha mais um cura, com a cóngrua *ad libitum* do reitor; um prioste (que é um dos bacharéis), com 30.000 réis; um escrivão (também um dos bacharéis); um contador do priorado.

Tinha as seguintes irmandades (6) e confrarias (5):

“A Irmandade do Santíssimo Sacramento, que apresentava nove capellas de varios instituidores, e de varias congruas. A Irmandade das Almas com sete capellães de cincoenta mil réis cada um. A Irmandade da Senhora da Piedade, que é dos calafates com seu capellão só para os sabbados, domingos, e dias santos com vinte mil réis de cóngrua. A Irmandade de Santo Aleixo com seu capellão de domingos, e dias santos, com cento e cincoenta réis de esmola por cada missa. A Irmandade do Senhor Jesus da Boa Sentença com duas capellas de cincoenta mil réis cada uma. A Irmandade de Jesus Maria José, que é dos correios com seu capellão de domingos e dias santos, que tem de esmola por cada missa cento e cincoenta réis.

Havia mais nesta igreja a confraria de Santa Anna, que lhe fazia novena, e festa no seu dia, e tratava do ornato da sua capella. Outra confraria da mesma Santa em uma capella no cruzeiro da igreja, que era dos officiaes da casa da Moeda, os quaes lhe faziam festa no seu dia. A confraria de foreiros de Santo Amaro. A confraria de foreiros da Senhora a Grande. A confraria de Santo Antonio, que é dos meninos do coro, os quaes concorrem para o gasto dos dias da sua Trezena, e os conegos para os gastos da festa do dia, e da sua trasladação” (Castro, 1763: tomo III, 344-345).

As capelas aqui estabelecidas eram as seguintes (em 1755):

Uma de missa quotidiana, que instituiu o arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça, com obrigação de confessar, a qual administra a camara, e provê o prelado: tem de congrua setenta mil réis.

Duas de missa quotidiana, instituidas pelo quartanario Manoel da Silva, que administra a camara, com quarenta mil réis cada uma.

Uma de missa quotidiana, cuja administração está incorporada na fabrica, provê o prelado: rende cincoenta mil réis.

Uma de missa quotidiana, que instituiu o arcebispo D. Jorge de Almeida, de quarenta e seis mil réis, que administra a camera, e provê o prelado.

Uma com obrigação de duzentas e cincoenta missas, que instituiu Maria Machado, e rende trinta mil réis, a qual tambem a camera administra.

Uma com obrigação de cento e sessenta e seis missa, instituida pelo Conego Panteão Rodrigues Pacheco, que administra a camera, e a dá o prelado, rende vinte mil réis.

Além das sobreditas capellas, tem a camera a administração de outras antiquissimas, as quaes por falta de renda se acham reduzidas por Breves Apostolicos ao numero de duas mil e oitenta e oito missas, que todos os annos se mandam dizer. Ha mais estabelecidas nesta igreja as capellas seguintes:

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Duas capellas de S. Sebastião pertencentes á cadeira de Mafra suprimida, as quaes provê o prelado, e rende cada uma cincoenta mil réis.

Uma de S. Bartholomeu, que rende cincoenta mil réis. Esta capella tinha quatro mercieiros, com quatro mil e oitocentos réis cada um.

Uma de S. Pedro, com obrigação de sessenta e duas missas, as quaes cumprem os bacharéis, a quem anda annexa pelo rendimento de um moyo de trigo, vinte alqueires de cevada, e tres mil réis para a cêra do altar. Esta capella foi antigamente chamada do santo Lenho, na qual estão enterradas Ruy Figueira, e seu pai João Gomes de la Higuera, e se deu depois ao bispo de Bona D. Pedro Fernandes, que lhe fez picar as cinco folhas de figueira, que tinham as ditas sepulturas.

Uma de S. Lourenço com obrigação de tres missas sómente em cada semana, e rende quarenta e quatro mil réis.

Duas de Nossa Senhora da Conceição de missa quotidiana, que administra a casa de Jeronymo Leite de Vasconcelos Pereira Malheiro, e rende cada uma quarenta e dous mil réis. Pertence a estas capellas uma merciarria, que renderá quinze mil réis.

Uma de S. Manços de duzentas Missas, e as quartas feiras do anno; é administrada pelo mesmo.

Havia uma capella chamada a Missa de S. Vicente, que quotidianamente celebravam os bacharéis por alternativa no altar, onde estava o seu corpo, com o privilegio de ser a propria do santo em qualquer dia, ou festividade do anno sem excepção alguma. Constava esta Missa de algumas orações, que não ha nas outras Missas: era de um só padre; porém cantada a canto chão pelos meninos do coro, tocando-se em todo o tempo do Canon uma roda de campainhas, que estava na claustra por detraz da capella do santo, e se observava indispensavelmente. No seu otavario era a missa de tres padres, cantada a canto de órgão pelos mesmos meninos do coro, e tudo se fazia por uso antiquissimo.

Ha mais dez capellas, que instituiu elrei D. Affonso IV no anno de 1355, com obrigação de Missa quotidiana, e de dizerem os capellães em o coro o officio Divino rezado ao mesmo tempo, que os conegos o fazem cantado, o que elles executavam na capella de S. Ildefonso. O capellão mór tem renda de cento e seis mil réis, e um moio de trigo; e cada capellão cento, e seis mil réis, e medico, cirurgião, e botica, quando estão doentes, e tudo administra a Mesa da Consciencia.

Pertencem a estas capellas vinte e quatro mercierias, doze para homens, e doze para mulheres com obrigação de assistirem de manhã, e de tarde aos mesmos officios Divinos. Tem cada hum de mezada mil e duzentos mil réis, e pelo Natal tres mil réis, e outro tanto pelo S. João: em mais um pote de azeite de tres em tres mezes, e quarenta e oito alqueires de trigo. As mercieiras tem de mezada cada hum dez tostões, e tres mil réis pelo Natal, e outro tanto pelo S. João, vinte canadas de azeite, e quarenta e oito alqueires de trigo. Para vivenda e recolhimento d'este mercieiros mandou o mesmo rei D. Affonso IV edificar um hospicio com divisão junto do mar, o qual por tradições achamos que fôra no sitio, em que se edificaram as casas dos senhores de Belas, até ás que foram dos marqueses de Gouvea, defronte do campo chamado das Cebolas da Ribeira. Achava-se este hospital dos doze mercieiros antes do terramoto em umas casas defronte da porta do Senado da camera nas costas da igreja de Santo António” (Castro, 1763: tomo III, 347-348).



## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## † BASÍLICA PATRIARCAL - PROJECTOS QUE NÃO SE CONCRETIZARAM

Século XVIII [c. 1719...]

1. D. João V vinha desenvolvendo um plano grandioso de promoção da sua Real Capela, desde o ano de 1709. Em 1719 achou que era o momento de passar a uma decisão fundamental: é que faltava ao material da Igreja Patriarcal a sagrada fábrica de um edifício competente, que merecesse o nome de Basílica e Templo Régio Patriarcal.

Preocupado o Rei com este pensamento, mandou chamar à sua presença, em 7 de Fevereiro de 1719, alguns Fidalgos, Ministros, Médicos (pelo que tocava à escolha de um sítio saudável) e Arquitectos (para dirigirem a projecção da grande obra que intentava). Pretendia construir de raiz um Palácio Real e a Basílica Patriarcal.

Havia Sua Majestade examinado, do mar e dos lugares mais eminentes, os sítios que podiam entrar em questão em toda a agradável perspectiva da sua grande cidade, tendo mandado tirar uma planta exacta de Lisboa. Acabou a sua dúvida por ficar reduzida a duas hipóteses de fundo:

- ou edificar-se a Igreja Patriarcal e o novo Palácio Real no lugar em que então se encontravam, isto é, na Ribeira ou Terreiro do paço;
- ou no sítio chamado Buenos Aires, na parte da cidade eminente à ribeira de Alcântara.

Os Médicos assentaram unanimemente que o sítio em que agora estava o Palácio e a Santa Igreja não era aquele que as leis da arte que professavam (a medicina e a saúde) deviam escolher por favorável à saúde: é que o Monte do Castelo e os edifícios altos da cidade lhe embarçavam o Norte e os ventos mais benignos; que todos os outros sítios participavam de vapores impuros, e este dano era acrescido com o das águas retidas, e das mesmas praias e maresia, de que resultava a humidade e quentura nociva à saúde; e, embora não julgassem pestilente o sítio da Ribeira, reconheciam em Buenos Aires todas as vantagens que a Filosofia Natural e a Medicina procuravam no caso proposto.

Os mais votos dividiram-se:

- Os Marqueses de Abrantes, e Minas, o Conde de Assumar, O Padre D. Manuel Caetano de Sousa, e Monsenhor Berger inclinavam-se a edificar no Terreiro do Paço;
- O Marquês de Alegrete, os Condes de Monsão, Aveiras, Unhão, Ericeira, Valadares, e São Lourenço, e o arqº Frederico Ludovice foram de parecer que se preferisse Buenos Aires;

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- e D. Filipe Ibarra (ou Juvara), principal Arquitecto siciliano, não declarou o seu voto<sup>CVI</sup>.

Com esta diversidade de pareceres ficou indeciso o projecto. Faltou ao Rei aquela força anímica que o lançaria numa audaz opção.

Contentou-se com a reflexão de que, suposto à maneira de David não edificaria na sua Corte um sumptuoso Templo a Deus, como intentara, deixava ao menos riquezas para que seu filho, imitando a Salomão, o edificasse.

Assim, limitou-se a melhorar e acrescentar em algumas partes o edifício já existente, para o fazer sagrar com o novo título de Salvador do Mundo e Nossa Senhora da Assunção, o que aconteceu em Novembro de 1746.

Isto é o que escreveu o Padre João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal* (vd. 1763: tomo III, 193-194).

2. D. João V, porém, não desistiu logo da sua ideia. Sabemos que em 1719 esteve em Lisboa o arquitecto Filipe Juvara, natural de Messina e que desde 1714 estava ao serviço da corte de Piemonte. A sua chegada deve ter ocorrido nos princípios do ano de 1719 e terá participado na conferência de 7 de Fevereiro (a que atrás nos referimos), tendo então reservado a sua opinião.

O Rei D. João V andou com ele na sua carruagem de seis mulas com dois criados de libré, a escolher sítio para a nova catedral. As conferências com o arquitecto eram contínuas, apenas interrompidas por motivo de doença, durante dois meses, assistido pelos médicos e cirurgiões de El-Rei. Fizeram-se plantas para a nova Patriarcal, para o novo palácio real com jardins, tapada para animais selvagens... Escolheu-se o sítio de Buenos Aires, lugar aprazível e saudável, ao de cima da colina que domina a cidade e descobre a entrada do mar. alguns dos estudos de Juvara ainda se guardam no Museu Cívico de Turim (vd. Estampas anexas).

Como recompensa, D. João V fê-lo Cavaleiro da Ordem de Cristo (vd. Despacho de 14 de julho de 1719), com uma pensão vitalícia de um conto de réis, além de outros largos donativos.

O célebre Merveilleux refere esse projecto, atribuído ao Marquês de Abrantes a inspiração do desejo real “de construir uma Igreja Patriarcal fora das velhas muralhas, num lugar muito elevado chamado Alcântara, perto de Belém”.

CVI Já em 1718 o rei contara com o concurso do arquitecto flamengo, mas sediado em Roma, Gaspar van Wittel (1653-1736), para a remodelação da capela real, no paço da Ribeira, mas D. João V tinha planos mais ambiciosos para a Patriarcal. Em 1719 chegou a Lisboa o arquitecto Filippo Juvara (1678-1736), como ficou dito, cuja actividade decorreu maioritariamente ao serviço da corte dos Sabóia, em Turim, e que durante a sua estadia em Portugal fez uma série de desenhos para um novo complexo que deveria fundir o palácio real e a patriarcal num edifício único, a erguer no topo de uma das colinas de Lisboa, no local hoje correspondente à zona da Lapa/Estrela (o sítio de Buenos Aires, como José da Felicidade Alves refere). O sentido cenográfico do conjunto arquitectónico revelava-se no lançamento de uma série de escadarias, lagos e parterres dispostos em declive até ao Tejo. Por razões várias, nem todas bem apuradas, o monarca desistiu do projecto, de que só se sobraram alguns desenhos, perdendo-se a maior parte no terramoto de 1755.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Veja-se sobre isto o que diz Carvalho, 1962; vol. I, 22, 23, 45-47; vol. II, 335, 338-339, 342.

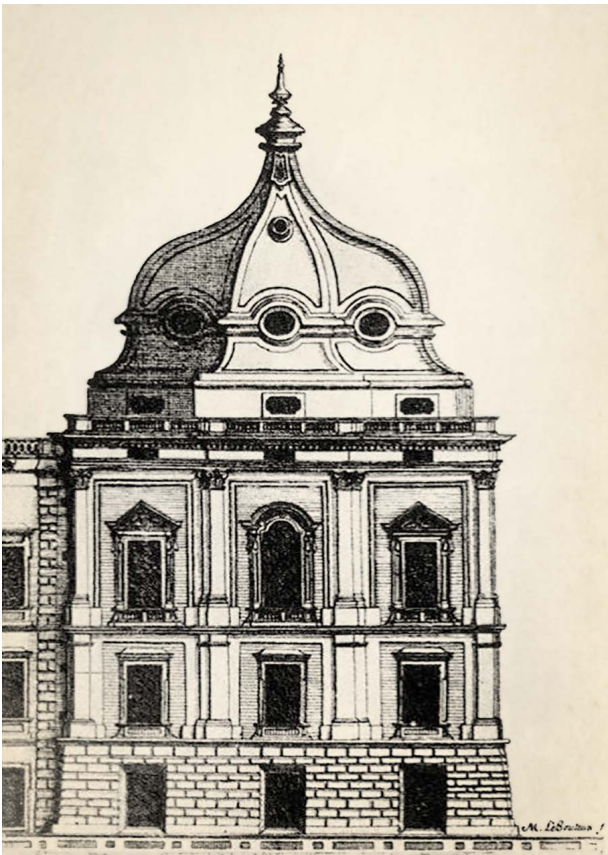
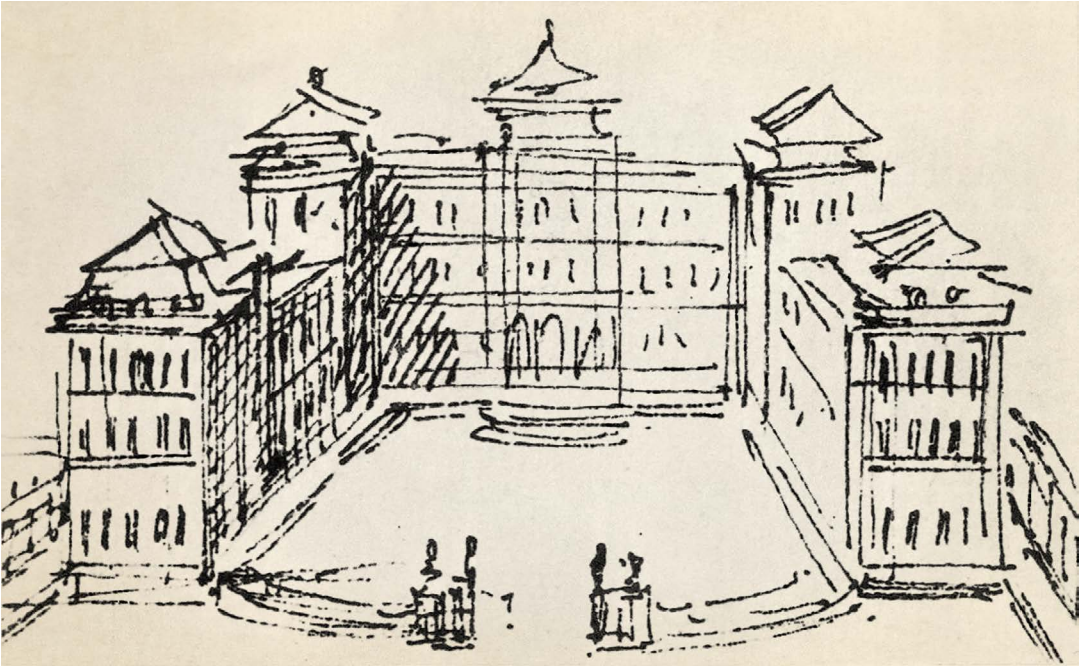


Fig. 37 – Um dos estudos do arquitecto Juvara para a PATRIARCAL Museu Cívico, Turim, in Carvalho, 1962: vol. I, estampa 157, p. 23)



Fig. 38 – Outros estudos do arquitecto Juvara para a Patriarcal: Museu Cívico, Turim. in Carvalho, 1962: vol. II, estampas 39, 40 e 41)





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

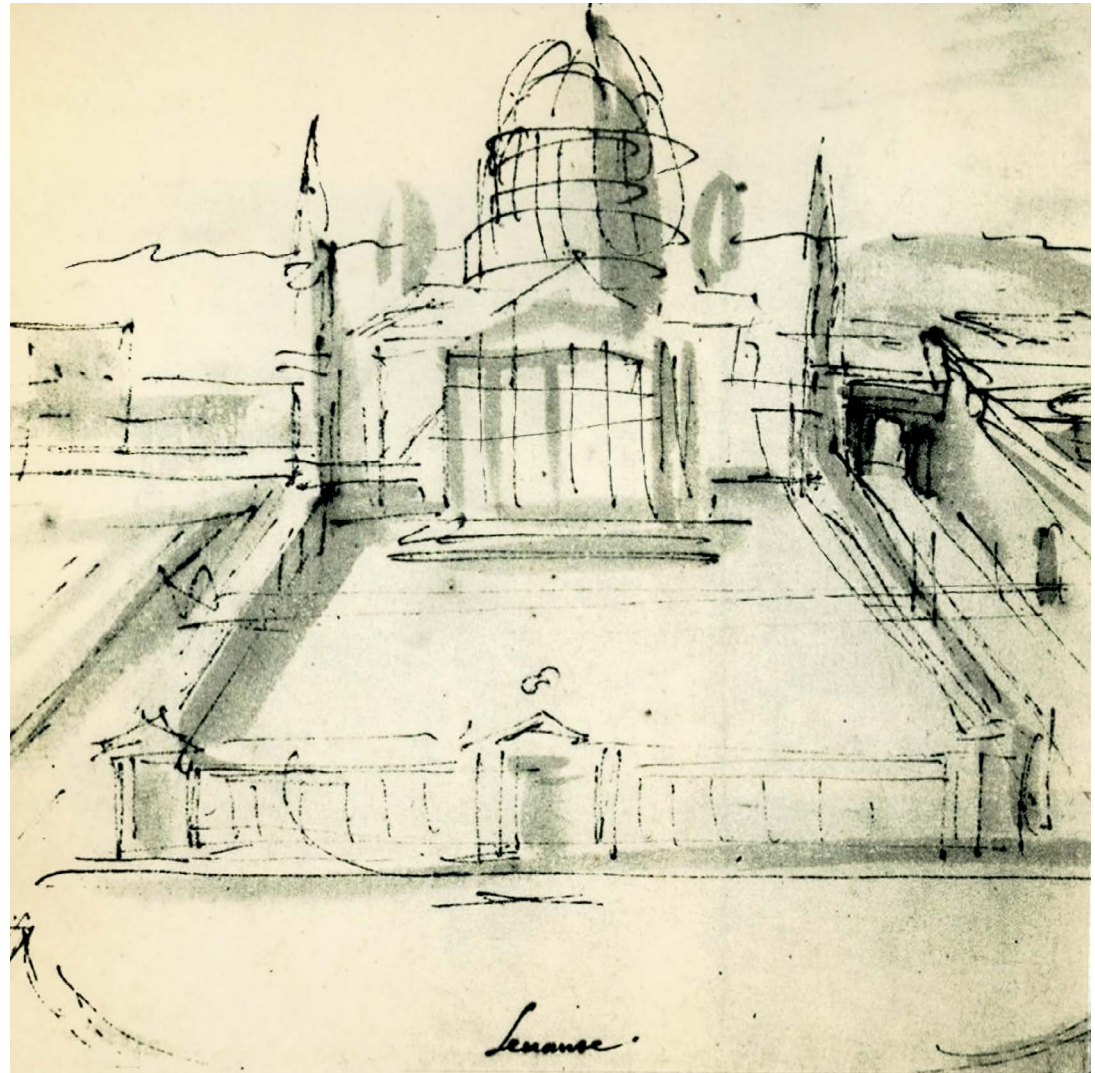


Fig. 39 – Outros estudos do arquitecto Juvara para a Patriarcal: Museu Cívico, Turim, Carvalho, 1962: vol. II, estampa 32).

4. Outro informador, o cônsul francês Mr. de Montagnae dizia em 26 de Fevereiro de 1726 que El-Rei D. João V acabara de comprar a magnífica quinta do Conde d'Aveiras em Belém, e havia dado por ela 40.000 cruzados, e mais 6.000 cruzados de renda e uma comenda que rendia metade desta quantia por quatro vidas... que tencionava El-Rei edificar ali um soberbo palácio, e comprar várias outras quintas para anexá-las àquela, e juntar depois tudo ao convento de Belém, para ali fazer a Patriarcal, transferindo para Mafra os Jerónimos... (Vd. Carvalho, 1962: vol. II, 340)



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

5. Segundo Ayres de Carvalho, Ludwig [o arquitecto João Frederico Ludovice] esclarece-nos ainda acerca dum novo projecto para a Patriarcal: “... ordenando-me Sua Magestade pouco tempo antes [antes de quê?...] que escolhesse hum sitio para huma Igreja Patriarchal, e achára que só o havia entre este Noviciado [do Monte Olivete] e o Convento de Jesus, não só para huma Igreja da extensão de S. Pedro de Roma, e seu adro; ou juntamente para hum Palacio Patriarchal, huma Canonica, hum Seminario, e uma freguesia, cuja planta apresentei a Sua Magestade, sempre que para estes edificios se houvessem de demolir... nem o dito Noviciado e Convento, sendo a entrada para esta grande obra junto as casas do Conde de Soure, que também se conservavão; e o dito edificio ficaria distante do dito Noviciado tanto como a largura do Rocio. Lograrião os ditos Padres não somente huma grande parte da vista do mar, mas juntamente a vista de hum edificio composto mais da exquisita archyitectura: ao que Sua Magestade disse, que pelos Padres, não perderem alguma vista do mar, da que tem presentemente, havião de fazer todas as diligências pelo desgostar; e que assim não cancasse neste projecto.

Veção vossas mercês (lhe disse) se El Rey há de consentir hum aqueduto tosco, e nesta paragem desnecessário, que tire a vista de mar aos ditos padres, não consentindo tirar-lhes em parte com hum edificio de huma Patriarchal, que poderia na sua magnificencia competir com S. Pedro de Roma!”... (citação feita por Carvalho, 1962: vol. II, 379).

Presume Ayres de Carvalho, pelo que escreve Ludwig, ter sido pouco depois de 1736 que o Rei terá novamente pensado em erigir a sua tão desejada “Patriarcal”. O local então escolhido seria nos terrenos do Conde de Tarouca, onde por volta de 1700 o arquitecto João Antunes começou a erigir, com grandiosidade, um Palácio para o dito Conde de Tarouca, João Gomes da Silva, que pouco depois (1709) foi um dos maiores diplomatas de D. João V nas Cortes da Europa. Com a morte do referido Conde de Tarouca (1736), ou até antes, por escassearem os fundos para tão grande e dispendiosa fábrica, as obras pararam... Ludwig sonhara com uma Patriarcal “que poderia na sua magnificência competir com S. Pedro de Roma”!

Não nos restam quaisquer estudos para essa obra.

## 6. Por que razões D. João V não deu execução a tal sonho?

- Merveilleux, depois de referir que o Marquês de Abrantes inspirara a D. João V o desejo de construir uma nova Lisboa, uma Igreja Patriarcal fora das velhas muralhas, num lugar muito elevado chamado Alcântara, perto de Belém, comenta que “muitos milhares de operários teriam sido chamados de todos os cantos do Reino, se não fosse a prudência de Dom Diogo de Mendonça”. E acrescenta:

“Este homem judicioso, sem se opor à vontade do Ministro favorito, homem vaidoso e teimoso nas suas ideias, fingiu aprovar o projecto. Contentou-se em suplicar a sua Magestade para ter o cuidado de arranjar fontes em Lisboa, de que a parte superior da Cidade estava inteiramente desprovida. Mostrou-lhe que isso não seria difficil pois que havia nascentes muito abundantes e distantes apenas dez léguas. Acrescentou que o povo reconhecido pela atenção de sua Magestade teria em prover às suas necessidades, lhe daria mil bênçãos e veria em seguida sem pena as imensas despesas em que se queria meter para construir um Palácio Real, uma Igreja Patriarcal, e levantar muitos outros edificios que julgasse necessários. O rei

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

sentiu a força de raciocínio do seu secretário de Estado e a vaidade de projecto do Marquês de Abrantes, que estava bem longe do desinteresse de Dom Diogo. Além disso o Príncipe ainda mal tinha começado a construção de Mafra, que exigia uma grande despesa. O Marquês não teve uma palavra para replicar e o seu belo projecto desvaneceu-se.” (vd. Carvalho, 1962: vol. I, 22-23).

- O cronista de el-rei D. João V, Francisco Xavier da Silva (1709-1781) dá-nos em 1750 outra versão acerca da frustrada erecção da grandiosa Patriarcal: “Ideou S. Majestade fazer um templo, que servisse de Igreja Patriarcal... Fez-se o risco, demarcaram-se os sítios, junto à Ribeira de Alcântara; mas dizendo o arquitecto D. Filipe [Juvara] a El-Rei que, além de uma considerável soma de milhões, se precisava do decurso de 30 anos para a sua construção, ele respondeu, que se lhe não dava o dispêndio, e que só lhe causava dificuldade o tempo; porque tanto se não se extenderia a sua vida, ficando sem efeito a obra. Porque faltou a S. Magestade o gosto em não a ver logo completa, e a nossa cidade mais esta sumptuosa fábrica, que a condecorasse” (vd. Carvalho, 1962: vol. II, 340-341).

## Bibliografia

CASTRO, Padre João Bautista – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo III. Parte V. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763.

CARVALHO, Armindo Ayres de – *D. João V e a Arte do seu Tempo: As memórias d'el rey D. João V*. Vol. I e II. Lisboa: Edição do Autor, 1962.



|                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ► INÍCIO                                                                                          |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |
| PARECERES                                                                                         |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>ONLINE</i>                                                             |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |
| PREFÁCIO                                                                                          |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |
| ► TOMO IV                                                                                         |
| SINAIS                                                                                            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |
| ÍNDICE                                                                                            |

**7. CAPELAS INSIGNES**

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Ø CAPELA DOS SANTOS MÁRTIRES VERÍSSIMO, MÁXIMA E JÚLIA

**Século XVII/XVIII**

À entrada da igreja conventual de S. Pedro de Alcântara

Dom Veríssimo de Alencastre [nascido em 1615], que primeiramente foi Arcebispo de Braga, designado em 22.XII.1670, renunciou em 27.III.1677, e depois foi Inquisidor Geral do Reino entre 1676 e 1692, e promovido por Inocêncio XI a Cardeal [12.IX.1686] a instâncias do rei D. Pedro II, ajudou muito as obras do Convento de São Pedro de Alcântara com as suas esmolas. Por sua grande modéstia, humildade e muita devoção que tinha aos Religiosos Arrábidos, escolheu para sua sepultura uma campa rasa, fora da porta da igreja de São Pedro de Alcântara. Faleceu em 12 de dezembro de 1692.

Foi sepultado à entrada da igreja, debaixo do alpendre ou pórtico de três arcos, que fica debaixo do coro, à direita de quem entra. O monumento funerário era originalmente exterior ao corpo da igreja, mas foi incorporado nela após a reedificação setecentista do referido convento. O jazigo tem orientação Norte-Sul.

Nos últimos anos do século XVII, o jazigo foi completado por uma super-estrutura que hoje constitui a capela, dedicada aos Santos Mártires lisbonenses os irmãos Veríssimo, Máxima e Júlia, padroeiros da freguesia de Santos, onde o dito D. Veríssimo havia sido batizado. A capela foi mandada edificar pelo irmão de D. Veríssimo. Frei Joseph de Alencastre, Bispo de Leiria e sucessor de seu irmão no cargo de Inquisidor Geral, e por Dom Luís de Alencastre, Conde de Villa Nova, testamentários de Dom Veríssimo.<sup>CVII</sup> Para o funcionamento da capela foram criados quatro capelães, que pontualmente celebrassem todos os dias por sua alma, com o ordenado de 80:000 réis cada um, pagos aos quartéis, de que ficaram administradores os Condes de Villa Nova, seus sobrinhos.

A capela, que ainda subsiste, está obrada com singular primor e perfeição, posto que não é grande. “É toda construída em mármore policromos embrechados e de dominante rosa, antracite e branco-rosado, compondo esquemas decorativos de inspiração floral ou geométrica [...]. Sobre a porta da capela existe o brasão de armas dos Lencastre também em mármore policromo. O espaço interior processa-se a partir duma implantação rectangular com uma articulação muito simples dos panos de parede” (Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 60)

O retábulo é também de mui lindos mármore, de que é igualmente a banquetta, em que assentam as três imagens dos referidos santos mártires.

<sup>CVII</sup> Depreende-se da leitura do verbete de José da Felicidade Alves que D. Veríssimo de Lencastre teria sido alheio à construção da capela-panteão de S. Pedro de Alcântara, o que não é certo; à data suposta de edificação, 1686, o cardeal era ainda vivo (morreu em 1692); a sua ligação à Irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja de Santa Engrácia poderia, por outro lado, justificar o recurso ao arquitecto João Antunes para a concepção do retábulo de embrechados de mármore, que lhe é tradicionalmente atribuído. As esculturas dos santos do orago, Máxima, Júlia e Veríssimo, que de facto existiam no retábulo, desapareceram e foram há muito substituídas por dois santos franciscanos, em terracota (Birg, 1988; Coutinho, 2006).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nas paredes, lêem-se inscrições elucidativas, que se transcrevem.

**Do lado esquerdo:**

D. FR. JOSEPHVS DE LENCASTRO INQUISITOR GENERALIS, ET LVDOVICVVS Ð LANCASTRO, VILLANOVAE COMES, AVISIQ MAXIMVS COMMENDATARIVS EMINENTISSIMI D. D. VERISSIMI DE LANCASTRO FRATER, ET EX FRATRE NEPOS EIVS TESTAMENTARII SACELLVM HOC IPSIVS TVMVLO CONTIGVVM CVM DVCENTIS AVREIS PRO FABRICA VT QVATER IN ILLO PRO EIVS DE ANIMA QUOTIDIE SACRVM CELEBR-TVTVR, ADDITIS AD SEPVLTVRAM RESPONSORIIS, CVM DONATIONE DVCENTORVNM AVREORV PRO QVOLIBET SACRIFICIO ERIGERE JUSSERVNT.

**Do lado direito**

E TUMULO HUC OCULOS AD PARVUM FLECTE SACELLUM;  
CONTRACTA IN SPATIUM STAT BREVE SACRA DOMUS.  
SCILICET HAEC HUMILI RESPONDET PARVA SEPULCHRO;  
ILLUD ET EXIGUI EST AREA PLANA SOLI.  
NAM QUI MENTE HUMILIS CONTEMPSIT VIVUS HONORES,  
HIC QUOQUE SUMA FUGIT MORTVVS IMA CUPIT.  
ERGO PURPUREI QUI STEMATA SACRA GALERI  
ADDIDIT AD TITULOS TOT SIBI IVRE DATOS,  
CUM FORET EVECTUS SUMA AD FASTIGIA, SOLVM,  
SENSIT ONUS; RENVIT QUIDQUID HONORIS ERAT.

(Almeida, 1975: vol. V, tomo II, 60-61)

**Bibliografia**

ALMEIDA, D. Fernando (Dir.) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, tomo II. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1975, pp. 57-61.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Ø CAPELA DE NOSSA SENHORA DE BELÉM, NO CLAUSTRO DO CONVENTO DE S<sup>TA</sup> CLARA

Século XVIII [1703] → † 1755

Damos aqui notícia de uma bonita história, de uma obra de notável valor arquitectónico e decorativo, e de um grave prejuízo mais causado pelo terramoto de 1755. Transcrevemos da *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 243-244.

### 1. UMA HISTÓRIA EDIFICANTE...

Pelos anos de 1502, tempo em que o Convento de Santa Clara aceitou a reforma e se fez da Regular Observância, um sacerdote secular de vida exemplar e de reconhecida virtude teve um sonho, no qual se lhe representava que via nas praias de Belém uma imagem da Virgem Senhora, a qual lhe dizia que a levasse do Mosteiro de Santa Clara, pois por sua intercessão se salvariam muitas almas e que ela livraria sempre aquele mosteiro do terrível mal do contágio.

Não fez o clérigo muito caso da representação que teve no sonho. Mas, repetindo-se o mesmo segunda e terceira vez, resolveu-se o sacerdote a ir ao sítio que se lhe apontava. E achando nele a imagem da Senhora, a trouxe ao mosteiro. Alegraram-se muito as religiosas de que a Senhora quisesse que a sua sagrada imagem honrasse o seu mosteiro, esperando que seria para ser sua advogada e protectora.

Tratando do lugar que lhe haviam de dar, querendo ter a consolação de a verem muito a miúdo, a colocaram num nicho do dormitório por onde passava, para o coro. Mas, logo na noite seguinte ao dia em que a puseram no nicho, a não acharam nele; e fazendo diligências para descobrir o lugar para onde se tinha mudado, a foram achar já de manhã no claustro do cemitério das Religiosas, ao pé de uma parede, na qual não havia nicho algum. Trouxeram-na de lá e repuseram-na no dormitório. E tornando outra vez a desaparecer do lugar e buscando-a no mesmo lugar do claustro em que já a tinham achado, entenderam as Religiosas que no tal sítio queria a Senhora fazer sua assistência. E assim se mandou abrir nele um nicho. Mas, começando o oficial a romper a parede, achou-se ali uma casa feita em tosco; deram-lhe adequado arranjo e ali ficou a Senhora obrando grandes maravilhas, dando saúde a muitas enfermidades, livrando também o mosteiro do mal do contágio. Parece que, depois da Senhora vir para o mosteiro, a peste fez por repetidas vezes grande estrago na cidade, sem que o mal ofendesse nunca as Religiosas do dito mosteiro.

Esta é a tradição ou lenda.

A imagem era de madeira. Celebrava-se-lhe a festa no dia da Assunção, mas a invocação é da Senhora de Belém.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. EDIFICA-SE UMA NOVA CAPELA PARA TAL IMAGEM

A devoção foi sempre crescendo, em virtude dos prodígios que em benefício das Religiosas a Senhora obrava por sua imagem. Vendo as Religiosas que a capela em que estava a sagrada imagem não tinha qualquer obra de perfeição que o tempo foi introduzindo de novo as construções modernas, assentaram as ditas Religiosas mais devotas da imagem da Senhora em construir uma capela de novo, em que a imagem da Virgem estivesse com aquela grandeza e majestade que o afecto das suas devotas lhe podia dar na terra.

Assim, por volta do ano de 1700 deram início à obra, que consta ter atingido o montante de 15:000 cruzados. E tal diligência e actividade aplicaram à obra, que estava terminada ao fim de cerca de dois anos. A devoção das Religiosas ministrava os recursos para a despesa.

A capela era ornada de excelente pedraria, de mármore mui lustrosos com perfeitos embutidos. Vestindo de pedraria a parte inferior da capela, seguia por cima a obra de marcenaria entalhada, entre a qual tem lugar quarenta e seis meios-corpos de santos com suas relíquias que fazem um nobilíssimo Santuário. Sobre os referidos quarenta e seis meios-corpos de santos, há mais na dita capela oito nichos grandes, com os santos de vulto que nela já havia.

E querendo dar lugar conveniente à imagem da Senhora de Belém, fabricou-se uma majestosa tribuna, na qual foi colocada a soberana imagem, sobre um trono de prata, ornado este e o altar com dois anjos também de prata, e trinta vasos da mesma, que acrescentam muito ornato do altar e tribuna. Tem mais a sagrada imagem um grandioso resplendor de prata, dourado, rodeado de serafins.

Acrescentam muito o lustre da capela excelentes peças que muito a ornam, enriquecendo a soberana imagem o valor de boas jóias e broches de diamantes que lhe têm dado suas devotas. A capela era muito beneficiada de luz e claridade; e para as janelas, porta, tribuna, altar, e nichos havia excelentes cortinados e sanefas de damasco e lós de ouro.

Dava entrada para a capela uma saleta bem ornada de pinturas de boa qualidade, com caixilhos de talha dourada, com um título na porta em que se lê: Soli Deo honor et gloria.

Projectava-se cobrir de ouro toda a obra de marcenaria e talha: mas a grande despesa de ouro que tal acarretaria, assim como o largo tempo que tal obra demandava, levaram a que não se esperasse por isso para entronizar a imagem. Assim foi feita a mudança com uma soleníssima procissão, que se celebrou em 24 de Agosto de 1703. Acabada a procissão, foi a Senhora colocada no seu trono.

## 3. TUDO FICOU DESTRUÍDO PELO TERRAMENTO DE 1755

Parece que nada subsistiu após o terramoto de 1755, que arrasou o Convento de Santa Clara e sepultou nele muitas dezenas de Religiosas e outras pessoas.



## Bibliografia

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* (c. [1707], 1972) – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, vol. II.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)

REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)

DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## Ø CAPELA DE SÃO JOÃO BAPTISTA, NA IGREJA DE SÃO ROQUE

**Século XVIII [1751]**

É vasta a bibliografia sobre esta capela<sup>CVIII</sup>. Optamos por transcrever o resumo que é dado em Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV: 318-320.

A capela foi fundada por D. João V. e o que deu origem à obra deste Monarca, segundo a tradição, foi o seguinte. D. João V costumava assistir às solenidades, que pomposamente se celebravam em S. Roque, e numa destas festividades reparou que todas as capelas se viam muito bem cuidadas e brilhantemente adornadas, enquanto que a de S. João Baptista, que ficava em frente da capela do Santíssimo Sacramento se destacava pela sua pobreza e abandono. Estranhando este excepção, desejou saber o motivo porque se não tratava também convenientemente da referida capela, e recebeu em resposta que todas as outras tinham irmandades próprias muito dedicadas ao seu culto, asseio e ornamentação, mas a de S. João não tinha irmandade, e por isso ninguém se interessava. Esta informação contrariou o soberano, que logo resolveu tomar a capela de S. João ao seu cuidado, e muito principalmente por ser consagrada ao santo de seu nome. Grandioso e rasgado em tudo quanto projectava, D. João imaginou um santuário deslumbrante, tanto no trabalho artístico, como em riqueza e sumptuosidade.

Em 1722 viera para Lisboa, a convite de D. João V, o padre jesuíta João Baptista Carbone, célebre matemático e astrónomo napolitano, juntamente com o padre Domingos Cappaci, para aqui proceder a observações astronómicas. Foi a Carbone que o monarca deu a incumbência de tornar as competentes medidas do âmbito da capela, e de as enviar para Roma ao conservador Manuel Pereira Sampaio, para ali se edificar uma capela toda em mosaico. Sampaio encarregou do projecto os architectos italianos Niccolo Salvi e Luigi Vanvitelli. fizeram estes o projecto, desenhos e modelo, em harmonia com as minuciosas

CVIII Se a advertência de José da Felicidade Alves sobre a vastidão da bibliografia consagrada à capela de São João Baptista de São Roque era, à data em que escrevia, plenamente justificada, o volume de títulos entretanto publicados torna hoje a tarefa de actualização crítica ainda mais complexa. Sobre os aspectos do agenciamento arquitectónico continuam actuais as reflexões de Paulo Varela Gomes (Gomes, 1988). A discussão epistolar, decorrida de 1742 a 1747, entre João Frederico Ludovice, secundado por alguns architectos portugueses, e os architectos que realizavam a capela, Niccolò Salvi (1697-1751) e Luigi Vanvitelli (1700-1773), teria posto em confronto, na sua opinião, duas culturas arquitectónicas divergentes; por um lado, a da defesa das formas barrocas ainda arreigadas no gosto nacional; por outro, a que representava a tendência já dominante em Roma para um regresso ao classicismo, que em parte triunfou no projecto final, e que se revelava, igualmente, na sua componente escultórica (Vale, 2015a). Todo o processo de encomenda e o contexto em que se processou a construção da capela de São João Baptista, assim como a sua concepção arquitectónica (Pimentel, 2015a e 2015b), foram recentemente discutidos à luz de novos dados, recolhidos no âmbito de um ambicioso projecto de restauro (2011-2012) que deu ainda origem a estudos de pormenor sobre a pintura e os mosaicos (Salerno, 2015), os metais (Vale, 2015b e 2015d), a escultura (Vale, 2015a), a ourivesaria (Vale, 2015b e 2015c), os têxteis (Tassinari, 2015), as rendas (Rizzini, 2005), os livros (Basto e Gomes, 2015) e outras peças ricas do respectivo espólio móvel (Vale, 2015d).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

instruções recebidas, acompanhando-as de pequenos painéis modelos pintados por Agostinho Massucci, o mais afamado pintor de Roma naquela época. O modelo era de madeira imitando todas as cores das pedras que existem na capela, com outros painéis pintados em pergaminho. O modelo veio para Lisboa, e foi muito do agrado do monarca, que imediatamente mandou começar os trabalhos, enviando logo grandes somas de dinheiro para Roma, continuando, enquanto eles duraram, com repetidas e importantes remessas.

Quando a capela se concluiu, em 1744, foi armada dentro da Igreja de S. Pedro; e depois de sagrada pelo papa Benedito XIV, em 15 de Dezembro desse ano de 1744, o pontífice oficiou pontificalmente a troca da avultadíssima oferta de 100:000 cruzados. Em 1746 desarmou-se a capela, sendo cuidadosamente metida em caixotes, e assim se transportou para Lisboa, vindo acompanhada por alguns dos artistas que executaram a obra, e do distinto escultor Alexandre Giusti, que nunca mais abandonou Portugal. Quando chegou a Lisboa, D. João V achava-se gravemente doente; já não pode ver realizada a sua obra monumental, porque faleceu em 1750, e a capela só pode abrir-se ao culto público em 13 de Janeiro de 1751, já no reinado de D. José I, porque os trabalhos de assentamento foram muito demorados.

É este santuário um dos mais grandiosos monumentos de Portugal, e que tem sido a admiração de todos os estrangeiros que nos visitam.

O arco da capela, da parte de fora, é de colorinda, tendo na parte superior as armas reais, e aos lados dois génios, tudo de mármore. O arco, pela parte de dentro, é todo de alabastro. O pavimento feito em mosaico, tendo também pórfiro em algumas partes, imita um tapete lavrado com enormes florões, de várias cores; no centro vê-se desenhado um grande globo; é trabalho estilo romano, de Eurico Enuo. O rodapé de toda a capela é de mármore preto de Itália, com veios brancos. As grades da teia são de lindíssimo mármore verde antigo. Os dois primeiros degraus, por onde se sobe para o altar são de pórfiro, e estão assentes sobre bronze dourado; o supedâneo é de fino granito do Egipto, também assente sobre bronze.

Os dois retábulos do tecto são de mármore de Carrara, e feitos sob a direcção do escultor Mayne, coadjuvado por Alexandre Giusti. Tem oito colunas cujos fustes são de lápis-lazúli, sendo as bases de alabastro, e por cima das bases jaldo antigo; os capitéis são de bronze lavrado em figuras, e os fundos das colunas de diáfano alabastro e de violácea ametista. As ombreiras e as vergas das portas são de verde antigo, a cimalha por cima das colunas são de jaldo antigo, guarnecido de bronze lavrado. O tecto tem dois quadros, várias tarjas e querubins, tudo de jaspe, com pedras preciosas de verde antigo, e de jaldo antigo. As molduras dos quadros são de pórfiro e todas guarnecidas de bronze lavrado em flores. O altar, de alvíssimo jaspe, ostenta um frontal permanente e fixo, constituído por uma grande placa inteiriça de preciosíssimo lápis-lazúli, de cujo tamanho se não conhece rival, pela raridade cada vez maior que vai tendo este lindíssimo mármore azulóide. As guarnições são de ametista. Tudo o mais é de colorinda lavrada, ametista e lápis-lazúli. Todos estes mármore formam, , pela paciente conjugação dos seus veios, os mais curiosos desenhos.

Na capela admiram-se os três riquíssimos quadros, feitos em mosaicos por Maria Moretti, parecendo magníficas pinturas, trabalho a que se dedicou desde 1743 até 1752. O maior e o mais importante está sobre o altar; representa o Baptismo de Cristo. Vê-se o Padre Eterno numa nuvem acompanhada com três anjos; o Espírito Santo, em forma de pomba, sobre a cabeça de Jesus, e em baixo o rio Jordão. Este trabalho é tão notável, que o artista soube imitar no mosaico a transparência das águas, de modo a ver-se os pés de Cristo metidos no rio. Este quadro foi executado, segundo o desenho de Miguel Ângelo. Os outros dois quadros estão colocados sobre as portas do transepto, que este santuário tem dos lados com cancelas de bronze dourado, de admirável trabalho buril. O da parte do Evangelho é a Descida do Espírito Santo sobre os discípulos no Cenáculo, trabalho feito sob desenho



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de Rafael; o da parte da Epístola é a Anunciação da Virgem, e nele se vê, ao lado direito Nossa Senhora, hesitante, ajoelhada, e do lado oposto o arcanjo S. Gabriel. Superiormente, há nuvens e que se mostram formosos anjos e querubins. É trabalho feito sob desenho de Guido. São também notáveis as três lâmpadas, que estão na capela, com o fundo de prata, adornadas de figuras de bronze lavrado, dois enormes tocheiros, quase de dobrada altura de um homem, com figuras de prata dourada, os quais custaram, cada um, 7:000 cruzados. A banqueta ordinária é de bronze dourado e guarnecido de lápis-lazúli. Tem três sacras de bronze lavrado e guarnecido de serafins em alto relevo. Sobre a balaustrada que veda a capela, dois formosíssimos confessionário, que foram restaurados e ali colocados em 1892.

Nas solenidades serve um frontal de lápis-lazúli com dois anjos de prata aos lados, com cerca de um metro de altura; no centro tem aquele passo do Apocalipse, em que se mostra o cordeiro e os anciãos fazendo as suas adorações, emoldurando tudo em grandes e delicados ornatos de prata, cujo valor se calcula em 60:000 cruzados. Uma banqueta de seis castiçais, sendo a cruz de prata ricamente dourada e lavrada quase até a altura de uma pessoa. Dois castiçais de prata dourada com grande lavor, que servem de ciriais. Quatro relicários de prata lavrada e dourada. Um cálix, um prato grande e jarro de prata dourada lavrado com tarjas. Duas galhetas e prato, purificador e tampa, caixa para hóstias, apagador, vaso de lavatório, candela, campainha, turíbulo de colunas, que então era invento recente, e naveta. Todas as peças são de prata dourada e primorosamente cinzeladas.

A capela tem riquíssimos paramentos, e um tapete todo tecido a fio de ouro, que só serve no dia de S. João, o qual importou em 72:000 cruzados.

A prata a que atrás fizemos referência foi levada à Casa da Moeda pelos franceses, em 1808, para se derreter, tendo-se apenas feito dinheiro de quatro relicários de prata, que não eram lavrados. Isto, e a circunstância de terem tudo muito bem guardado, mostra a sua tenção de levarem para fora do País tão preciosos objectos. Com a expulsão dos franceses, voltou a prata para a capela.

No incêndio que se seguiu ao terramoto de 1755, perderam-se muitas preciosidades que estavam guardadas no Tesouro Velho. E no incêndio da Patriarcal, em 13 de Maio de 1769, também se derreteram 38 castiçais semelhantes aos dois que servem de ciriais, um grande sacrário de prata dourada, tudo guarnecido de pedras preciosas, e um riquíssimo palio.

Os administradores desta sumptuosa capela foram sempre monsenhores da Patriarcal até 1892; e só ali podem dizer missa provinciais, gerais de ordens religiosas, deões da Sé, cônegos, monsenhores, principais, bispos, arcebispos e o núncio apostólico.

Na festa do dia 24 de Junho, dia de São João, celebrava-se missa de pontifical. Na doação do edifício de S. Roque feita à Santa Casa da Misericórdia foi incluída a capela de S. João Baptista, a qual ficou sob seu domínio legal. Muitas preciosidades pertencentes a esta capela, bem como as alfaias, tapetes, paramentos e ornatos, têm figurado em várias exposições de arte ornamental.



### Bibliografia

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Vol. IV. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1909.

- ▶ INÍCIO
- ▶ FICHA TÉCNICA
- ▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
  - NOTA DE ABERTURA
  - NOTAS PRELIMINARES
  - PARECERES
  - APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE
  - NORMAS EDITORIAIS
  - PREFÁCIO
- ▶ PLANO GERAL DA OBRA
- ▶ TOMO IV
  - SINAIS
  - INTRODUÇÃO
  - SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA (1580 – 1640)
  - REINADOS DE D. JOÃO IV, D. AFONSO VI E D. PEDRO II (1640 – 1707)
  - DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO 1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)
  - BIBLIOGRAFIA
  - ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## BIBLIOGRAFIA DO TOMO IV

## Fontes Manuscritas

## Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa

*Chancelaria da Cidade, Livro 1º de Quitações e Desistências, doc. 73.*

## Biblioteca Nacional de Portugal

*Coleção Moreira**B. 16-11 – Collecção das mais celebres Sentenças das Inquisições de Lisboa, Évora, Coimbra e Goa, etc., Vol.1**Reservados**Nº 1772 – MACHADO, Manuel Thomaz – Memórias Trágicas de Todos os Terramotos, Naufrágios, Tempestades, Pestes, e Eclipses, e Cometas que tem havido em Portugal.**Nº 5999 – LAJE, Pe. António Rodrigues (1769) – Altissonancia sacra restaurada (...).**Nº 6958 – Noticias bio-bibliographicas de auctores portuguezes*

## Direção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas/Torre do Tombo.

*Chancelarias Régias, Chancelaria de D. Pedro II. Doações, Ofícios e Mercês, liv. 32.**Congregação dos Cónegos Seculares de São João Evangelista**Convento de Santo Elói de Lisboa, liv. 15.**Convento de São Bento de Xabregas, mç. 22, nº 8, 26.**Manuscritos da Livraria**Nº 1076 (1) – Relação do princípio que teve a Casa de Nossa Senhora da Penha de França fora dos muros de Lisboa.**Mesa da Consciência e Ordens, Ofícios, mç. 12, 12S.*

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

**Bibliografia**

ABECASSIS, Isabel Braga (2017) – *Entre a Fogueira e a Nobreza*. Lisboa: Guerra e Paz Editores.

AGUIAR, Manuel de (2003) – “O Tempo e o Modo” in Vítor SERRÃO *et al.*, *O Convento dos Cardaes. Veios da Memória*. Lisboa: Convento dos Cardaes/Quetzal, pp. 29-67.

ALESSANDRINI, Nunziatella e BARTOLOMEI, Teresa (2018) – “La Chiesa di Nostra Signora di Loreto e la Nazione Italiana di Lisbona (Séc. XVI-XVIII)” in Nunziatella ALESSANDRINI (coord.), *Chiesa di Nostra Signora di Loreto 1518-2018: una chiesa italiana in terra portoghese*. Lisboa: Fábrica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, pp. 181-192.

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) (1962-2000) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1962 (vol. I-II), 1963 (vol. III-IV), 1973 (vol. V, tomo 1), 1975 (vol. V, tomo 2), 1988 (vol. V, tomo 3), 2000 (vol. V, tomo 4). 5 vols.

ANDRADE, Ferreira de (1948) – *A Freguesia de Santiago*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

ARAÚJO, Norberto (1938-1939) – *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1938 (vol. I. Livros I-V), 1939 (vol. II. Livros VI-X), 1939 (vol. III. Livros XI-XV). 3 vols.

ARAÚJO, Norberto e LIMA, Durval Pires de (1944-1956) – *Inventário de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1944 (fasc. 1); 1945 (fasc. 2), 1946 (fasc. 3 e 4), 1947 (fasc. 5), 1949 (fasc. 6), 1950 (fasc. 7 e 8), 1952 (fasc. 9), 1955 (fasc. 10), 1956 (fasc. 11 e 12). 12 fascs.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES (1948) – *Lisboa e seu termo: estudos e documentos*. Vol. II. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

BARBOSA, Inácio de Vilhena (1863) – “Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito) – A capela dos Castros”, *Archivo Pitoresco*, Vol. VI, Nº 13, pp. 97-99.

BARBOSA, Inácio de Vilhena (1864a) – “Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito)”, *Archivo Pitoresco*, Vol. VII, Nº 27, pp. 212-214.

BARBOSA, Inácio de Vilhena (1864b) – “Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito)”, *Archivo Pitoresco*, Vol. VII, Nº 47, pp. 374-376.

BASTO, Cristina Pinto e GOMES, Fátima Rezende (2015) – “Leitura da palavra divina por letras seculares” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *A Capela de São João Baptista da Igreja de São Roque. A encomenda, a obra, as coleções*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia/Museu de São Roque/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 355-371.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

BASTOS, Celina e SOALHEIRO, João Mário (2009) – “D. José Manoel da Câmara (1754-1758)” in D. Carlos Moreira de AZEVEDO, Sandra Costa SALDANHA e António Pedro Boto de OLIVEIRA (coord.), *Os Patriarcas de Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores, pp. 23-32.

BASTOS, Celina e SOROMENHO, Miguel (coord.) (2016) – *Estêvão Gonçalves Neto: o último iluminador*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.

BIRG, Manuela (1988) – *João Antunes, arquitecto, 1643-1712*. Lisboa: IPPC.

BLUTEAU, Raphael (1712-1728) – *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 10 vols..

BOLÉO, José de Paiva (1960) – *Santa Apolónia. Estudo Histórico e Iconográfico*. Lisboa: s.n..

BOUZA ÁLVAREZ, Fernando (org.) (1999) – *Cartas para Duas Infantas Meninas - Portugal na Correspondência de D. Filipe I para as Suas Filhas (1581-1583)*. Lisboa, Publicações D. Quixote.

BRAGA, Paulo Drumond (2012) – *D. Maria de Portugal (1521-1577): uma Infanta no Portugal de Quinhentos*. Lisboa: Colibri/Câmara Municipal de Torres Vedras.

BRANCO, Ricardo Lucas (2008) – *Italianismo e Contra-Reforma: a obra do arquitecto Baltazar Álvares em Lisboa*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, vol. I. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

BRANCO, Ricardo Lucas (2013) – “A obra filipina do mosteiro de Nª Senhora do Desterro: processo construtivo e concepção arquitectónica” in José Albuquerque CARREIRAS (dir.), *Mosteiros Cistercienses História, Arte, Espiritualidade e Património. Actas do Congresso realizado em Alcobaca nos dias 14 a 17 de Junho de 2012*. Tomo II. Alcobaca: JORLIS, pp. 107-116.

BRITO, José J. Gomes de (1935) – “Calendário do Patriarcado de Lisboa / Antiguidade e Orientação das Egrejas Parochiais de Lisboa. Estudos publicados no Correio Nacional, no ano de 1893” in José J. Gomes de BRITO, *Ruas de Lisboa, notas para a historia das vias publicas lisbonenses*. Vol. III. Lisboa: Sá da Costa.

CACEGAS, Fr. Luis de e SOUSA, Fr. Luis de (1662) – *Segunda Parte da História de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica*. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, por António da Encarnação. 2ª edição. Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo; 3ª edição. Lisboa: Typographia do Panorama, 1866.

CACEGAS, Fr. Luis de e SOUSA, Fr. Luis de (1866) – *Terceira Parte da História de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em*



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

*sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica.* 3ª edição. Lisboa: Typographia do Panorama.

CAEIRO, Baltazar Mexia de Matos (1989) – *Os Conventos de Lisboa.* Porto: Distri Editora.

CARAFÁ, Josepho (1749) – *Utriusque Siciliae et aliorum principum liber unus.* Roma: Typographia Antonii de Rubeis,

CARDOSO, George (1652-1666) e SOUSA, D. António Caetano de (1744) – *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas consagrado aos gloriosos S. Vicente, e S. Antonio, insigns patronos desta inclyta cidade Lisboa e a seu illustre Cabido Sede Vacante.* Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652 (Vol. I); Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657 (vol. II); Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666 (Vol. III); Régia Officina Sylviana, 1744 (Vol. IV). 4 vols.

CARITA, Hélder (1990) – *Bairro Alto. Tipologias e Modos Arquitectónicos.* Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

CARVALHO, Armindo Ayres de (1960-1962) – *D. João V e a Arte do seu Tempo: As memórias d'el rey D. João V.* Lisboa: Edição do Autor. 2 vols.

CARVALHO, Armindo Ayres de (1964) – “Novas Revelações para a História do Barroco em Portugal”. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes (*separata de Belas-Artes. Revista e boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, 2ª série, Nº 20).

CARVALHO, Armindo Ayres de (1971) – *As obras de Santa Engrácia e os seus artistas.* Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

CARVALHO, Maria João Vilhena de (2001) – “O património escultórico. Leitura de um rol de inventário”, *Monumentos*, Nº 15, pp. 57-61.

CASTILHO, Júlio de (1893) – *A Ribeira de Lisboa: Descrição Historica da Margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho.* Lisboa: Imprensa Nacional.

CASTILHO, Júlio de (1948) – *A Ribeira de Lisboa: Descrição Histórica da Margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho.* 3ª edição revista e ampliada pelo autor e com anotações de Luiz Pastor de MACEDO. Vol. I. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

CASTILHO, Júlio de (1935-1938) – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais.* 2ª. edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1935 (vol. I-III), 1936 (vol. IV-VI), 1937 (vol. VII-X) 1938 (vol. XI-XII).

CASTILHO, Julio de (1954-1966) – *Lisboa Antiga. Primeira parte. O Bairro Alto.* 3ª edição revista e anotada por Gustavo Matos SEQUEIRA. Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa, 1954 (vol. I), 1955 (vol. II), 1956 (vol. III), 1962 (vol. IV), 1966 (vol. V).

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

CASTRO, Padre João Bautista (1762-1763) – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1762 (tomo I. Parte I e II), 1763 (tomo II. Parte III e IV), 1763 (tomo III. Parte V).

COELHO, Teresa Campos (2016) – “Os Architectos João e Luís Nunes Tinoco e o Mecenato da Infanta D. Maria” in Augusto Moutinho BORGES (coord.), *Convento Santa Teresa de Jesus de Carnide. O falar das pedras*. Lisboa: Confraria São Vicente de Paulo, pp. 34-47.

COELHO, Teresa de Campos (2018) – *Os Nunes Tinoco. Uma dinastia de architectos régios dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Documenta/Fundação da Casa de Bragança.

CONCEIÇÃO, Fr. Apolinário da (1750) – *Demonstração historica da primeira, e real parochia de Lisboa de que he singular patrona, e titular N. S. dos Martyres: devedida em dous tomos*. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues. 2 Tomos.

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da (1818-1831) – *Gabinete Histórico*. Lisboa: Imprensa Régia, 1818 (tomos I-II), 1819 (tomos III-V), 1820 (tomos VI-VIII), 1823 (tomos IX-X), 1827 (tomo XI), 1829 (tomos XII-XIV), 1930 (tomo XV), 1931 (tomos XVI-XVII). 17 tomos.

CONCEIÇÃO, Padre Manoel da (1755) – “Suplemento ao Sumário das Notícias de Lisboa”. Apêndice à 2ª edição de OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de – *Summario, em que brevemente se contem algumas cousas assim ecclesiasticas, como seculares, que ha na cidade de Lisboa*. 2ª edição. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues.

CONGREGAÇÃO DAS SERVAS DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (1955) – *'Ornaverunt lampades': no jubileu patriarchal e Cardinalício do D. Manuel Gonçalves Cerejeira*. Lisboa: União Gráfica.

CONNORS, Joseph (1991) – “Borromini and the Marchese of Castelo Rodrigo”, *Burlington Magazine*, Vol. CXXXIII, N° 1060, pp. 434-440.

COSTA, Pe. António Carvalho da (1706 - 1712) – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706 (vol. I), 1708 (vol. II), 1712 (vol. III). 3 vols.

COUTINHO, Maria João Pereira (2006) – *Convento de S. Pedro de Alcântara. A Capela dos Lencastres*. Lisboa: Livros Horizonte.

CUNHA, D. Rodrigo da (1642) – *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa (...)*. Lisboa: Manoel da Silva.

DELGADO, Ralph (1969) – *A Antiga Freguesia dos Olivais*. Lisboa: Imprensa Municipal de Lisboa.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

DINIZ, Tânia (2004) – *A igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso*. Tese de Mestrado em História da Arte. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 3 vols.

DUARTE, Eduardo (2003) – “A arquitectura do Convento dos Cardaes. Uma caixa oferecida a Deus” in Vítor SERRÃO *et al.*, *O Convento dos Cardaes. Veios da Memória*. Lisboa: Convento dos Cardaes/Quetzal, pp. 71-107.

FARIA, Ana Leal de (2006) – “Frei Domingos do Rosário (1595-1662)” in José Augusto MOURÃO (dir.), *Retratos de Família*. Lisboa: Instituto São Tomás de Aquino, pp. 257-292.

FERRÃO, Leonor (1994) – *A Real Obra de Nossa Senhora das Necessidades*. Lisboa: Quetzal Editores.

FERRARIS, Paola (1995) – “Antonio Canevari a Lisbona (1727-1732)” in Sandra Vasco ROCCA e Gabriele BORGHINI (eds.), *Giovanni V di Portogallo (1707-1750) e la cultura romana del suo tempo*. Roma, Àrgos Edizioni, pp. 57-69.

FERREIRA, Jorge M. Rodrigues e BISCAIA, Carlos (1990) – *São Domingos de Benfica: Roteiro*. Lisboa: Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica.

FERREIRA, Sílvia (2008a) – *A Igreja de Santa Catarina. A talha da capela-mor*. Lisboa: Livros Horizonte.

FERREIRA Sílvia (2008b) – “Acerca do carácter transitório da obra de talha: o caso exemplar dos mosteiros de monjas dominicanas de Lisboa” in Ana Cristina da Costa GOMES (coord.), *Monjas Dominicanas. Presença, Arte e Património em Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores, pp. 167-186.

FERREIRA, Sílvia (2009) – *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os Artistas e as Obras*. Dissertação de Doutoramento. Especialidade Arte, Património e Restauro. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. 3 vols.

FLOR, Pedro; COUTINHO, Maria João Pereira; FERREIRA, Sílvia e FLOR, Susana Varela (2014) – “Grande panorama de Lisboa em azulejo - novos contributos para a fixação da data, encomenda e autoria”, *Revista de História da Arte*, Nº 11, pp. 87-107.

FRANÇA, José-Augusto (1997) “– O Palácio Castelo Melhor ao Passeio Público” in *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº 11. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 9-13.

FRANCO, Anísio; PENALVA, Luísa; PIMENTEL, António Filipe e BASTOS, Celina (2014) – “Obras expostas. O Resplendor do Senhor Jesus dos Passos e os esplendores da Patriarcal joanina” in António Filipe PIMENTEL, Luísa PENALVA e Anísio FRANCO (coords.), *Splendor et Gloria* [catálogo da exposição]. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, pp. 90-99.

FRANCO, Pe. Antonio (1717) – *Imagem da Virtude Em o Noviciado da Companhia de Jesu na Corte de Lisboa*. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

FUMAROLI, Marc (1988) – *L'École du silence. Le sentiment des images au XVIIème. siècle*. Paris: Flammarion.

GARCEZ, Costa (1963) – “Duas Procissões tradicionais em Lisboa (II) – A Senhora da Saúde”, *Revista Municipal*, Vol. XXIV, Nº 96, pp. 53-66.

GASCO, Antonio Coelho (1924) – *Antiguidades da mui nobre cidade de Lisboa Imporio do Mundo e Princesa do Mar Oceano*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

GOMES, Paulo Varela (1988) – *A cultura arquitectónica e artística em Portugal no séc. XVIII*. Lisboa: Editorial Caminho.

GOMES, Paulo Varela (1998) – “Obra crespa e relevante. Os interiores das igrejas lisboetas na segunda metade do século XVII – alguns problemas” in Luís de Moura SOBRAL (aut.), Ana Cristina Pais (coord.), *Bento Coelho (1620-1708) e a Cultura do seu Tempo*. Lisboa: IPPAR, pp. 107-125.

GOMES, Paulo Varela (2001) – *Arquitectura, Religião e Política em Portugal no século XVII. A Planta Centralizada*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2001.

GOMES, Paulo Varela (2005) – “A arquitectura: um tipo único de igreja. A importância da planta centralizada da igreja do Menino Deus” in *Reabilitação urbana 01 - Intervenção de conservação e restauro: Igreja do Menino Deus*. Lisboa: Direcção Municipal de Conservação e Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 95-104.

GONÇALVES, Pe. A. Alberto (s.d.) – *Portugal e a Sua História. Figuras e Factos*. Porto: Livraria Civilização.

GUIMARÃES, José Ribeiro (1872-1875) – *Summario de Varia Historia*. Lisboa: Rolland & Semiond, 1872 (vol. I-II), 1873 (vol. III), 1874 (vol. IV), 1875 (vol. V). 5 vols.

HAUPT, Karl Albrecht (1986) – *A Arquitectura do Renascimento em Portugal: Do Tempo de D. Manuel, o Venturoso, até ao Fim do Domínio Espanhol*. Lisboa: Editorial Presença.

*História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1950-1972)* – Durval Pires de LIMA (ed. e notas). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1950, (vol. I); 1972 (vol. II). 2 vols.

LAMEIRA, Francisco (2001) – “A arte da talha”, *Monumentos*, Nº 15, pp. 33-39.

LAMEIRA, Francisco; EVARISTO, Carlos e LOUREIRO, José João (2016) – *Retábulos Relicários*. s.l.: Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve.

LAMEIRA, Francisco; LOUREIRO, João e VECHINA, Frei José Carlos (2015) – *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços*. s.l.: Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho (1873-1890) – *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico*,



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

*historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias.* Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1873 (vol. I), 1874 (vol. II-IV), 1875 (vol. V-VI), 1876 (vol. VII), 1878 (vol. VIII), 1880 (vol. IX), 1882 (vol. X), 1886 (vol. XI), 1890 (vol. XII). 12 vols.

LEME, Margarida (2013) – “D. Gil Eanes da Costa: consolidação e incremento da riqueza e do prestígio” in Maria de Lurdes ROSA (coord.), *D. Álvaro da Costa e a Sua Descendência, séculos XV-XVII: poder, arte e devoção*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais/Centro de História de Além-Mar/Caminhos Romanos, pp. 87-100.

LOUREIRO, José João (2016) – “A mão de Santa Madre Teresa de Jesus” in Joaquim TEIXEIRA (coord.), *A Reforma Teresiana em Portugal*. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, pp. 451-456.

MACHADO, Cyrillo Volkmar (1823) – *Collecção de memórias, relativas às vidas dos pintores, e escultores, architetos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal*. Lisboa: Imp. de Victorino Rodrigues da Silva.

MACHADO, Diogo Barbosa (1736-1751) – *Memorias para a Historia de Portugal que Compreendem o Governo Del Rey D. Sebastião, Unico em o Nome e Decimo Sexto entre os Monarchas Portuguezes: do Anno de 1568 até o Anno de 1574*. Lisboa: Officina de Antonio Joseph da Sylva / Regia Officina Sylvianna e da Academia Real, 1736 (vol. I), 1737 (vol. II), 1747 (vol. III), 1751 (vol. IV). 4 vols.

MACHADO, Diogo Barbosa (1741-1759) – *Biblioteca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica*. Lisboa occidental: Na officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741 (tomo I); Lisboa: Na officina de Ignacio Rodrigues, 1748 (tomo II) e 1753 (tomo III), Lisboa: Na officina patriarcal de F. L. Ameno, 1759 (tomo IV). 4 tomos.

MARTINS, António Coimbra (1968a) – “Oratorianos” in Joel SERRÃO, *Dicionário da Historia de Portugal*. Vol. III. Lisboa: Iniciativas Editoriais, pp. 202-205.

MARTINS, António Coimbra (1981) – “Quental, Bartolomeu do (1626-1698)” in Joel SERRÃO, *Dicionário da Historia de Portugal*. 2ª edição. Vol. V. Porto: Figueirinhas, pp. 218-220.

MECO, José (1979) – “Azulejos de Gabriel del Barco na região de Lisboa: período inicial, até cerca de 1691”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Série III, Nº 85, pp. 69-124.

MECO, José (2001) – “Azulejos e mármore embutidos”, *Monumentos*, Nº 15, pp. 41-47.

MECO, José (2003) – “A divina cintilação. Talha, azulejos, mármore, *chinoiserie*” in Vítor SERRÃO et al., *O Convento dos Cardaes. Veios da Memória*, Lisboa, Convento dos Cardaes/Quetzal, pp. 112-188.

MELO, Isabel; NETO, Maria João e ARAÚJO, Graça (Coord. geral); NETO, Maria João (coord. editorial) (2010) – *Obras de Santa Engrácia. O Panteão na República*. Lisboa: IGESPAR.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

MENDES, Rui Manuel Mesquita (2017) – “Os desenhos do Mosteiro de Nossa Senhora da Rosa da Caparica (1593/1630) e o arquitecto régio Luís de Frias Pereira”, *Artis*, Nº 5, pp. 43-51.

MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho (2009) – *Estuques Decorativos. A evolução das formas (sécs. XVI a XIX)*. Lisboa: Nova Terra – Empresa Editorial.

MOITA, Irisalva (1990-1998) – “Culto e iconografia de Nossa Senhora da Penha de França, em Lisboa”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Série IV, Nº 92, 1º tomo, pp. 9-17.

MONTEIRO, Patrícia Alexandra R. Monteiro (2001) – “A Capela de N. S. da Encarnação e o «Barroco Nacional» em Santos-o-Novo. Leitura iconográfica e iconológica”, *Monumentos*, Nº 15, pp. 63-71.

OLIVEIRA, Christovão Rodrigues de (s.d. [1554]) – *Summario, em que brevemente se contem algumas cousas assim ecclesiasticas, como seculares, que ha na cidade de Lisboa*. Lisboa: Em Casa de Gil Marinho Livreiro do Infante dom Luis 3ª ed., Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1755; 4ª ed. 1987, *Lisboa em 1551. Sumário*, com apresentação e notas de José da Felicidade ALVES. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1882-1911) – *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*. Lisboa: Typographia Universal, 1882 (vol. I), 1885 (vol. II), 1888 (vol. III), 1889 (vol. IV-V), 1891 (vol. VI), 1894 (vol. VII-VIII), 1896 (vol. IX), 1898 (vol. X), 1901 (vol. XI), 1903 (vol. XII-XIII), 1904 (vol. XIV), 1906 (vol. XV), 1908 (vol. XVI), 1911 (vol. XVII). 17 vols.

OLIVEIRA, Frei Nicolau de (1620) – *Livro das Grandezas de Lisboa*. Lisboa: Jorge Rodriguez. Versão fac-simile com prefácio de Francisco SANTANA e texto actualizado por Maria Helena BASTOS. Lisboa: Vega, 1991.

“Palacio dos Marquezes de Castello Melhor ao Passeio Publico” in *Archivo Pittoresco*, 1863: VI, 32, 254-255.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (1904-1915) – *Portugal. Diccionario historico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Lisboa: João Romano Torres & Cª – Editores, 1904 (vol. I), 1906 (vol. II), 1907 (vol. III), 1909 (vol. IV), 1911 (vol. V), 1912 (vol. VI), 1915 (vol. VII). 7 vols..

PEREIRA, Gabriel (1905) – *S. Domingos de Benfica*. Lisboa: Officina Typographica.

PEREIRA, Gabriel (1910) – “O lindo sítio de Carnide” in Gabriel PEREIRA, *Pelos Subúrbios e Visinhanças de Lisboa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C.ª, pp. 53-84.

PEREIRA, José Fernandes (1991) – *A acção artística do primeiro Patriarca de Lisboa*. Lisboa: Edições Quimera.

PEREIRA, Luiz Gonzaga ([1840], 1927) – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PIEDADE, Frei António da (1728) – *Espelho de Penitentes, Chronica da Província de Santa Maria da Arrabida da regular, e mais estreita observância da Ordem do Serafico Patriarcha S. Francisco no instituto capucho*. Tomo I. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva.

PIMENTEL, António Filipe (dir.) (2013) – *A Encomenda Prodigiosa. Da Patriarcal à Capela Real de S. João Baptista*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

PIMENTEL, António Filipe (2015a) – “Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *A Capela de São João Baptista da Igreja de São Roque. A encomenda, a obra, as coleções*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia/Museu de São Roque/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 21-47.

PIMENTEL, António Filipe (2015b) – “A Capela Real de São João Batista: um «Debate Desenhado» entre Lisboa e Roma” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *A Capela de São João Baptista da Igreja de São Roque. A encomenda, a obra, as coleções*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia/Museu de São Roque/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 53-79.

PINTO, Carla Alferes (1998) – *A Infanta D. Maria de Portugal. O mecenato de uma princesa renascentista*. Lisboa: Fundação Oriente.

POMBAL, Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquês de (1861) – *Cartas e outras obras seletas*, 5ª edição. Lisboa: Typographia de Costa Sanches, 2 vols.

PORTUGAL, Alfredo de e MATOS, Fernando (1974) – *Lisboa em 1758: Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

PROENÇA, Raul (dir.) (1924-1970) – *Guia de Portugal. Lisboa e Arredores*. Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924 (vol. I), 1927 (vol. II), 1944 (vol. III), 1964-1965 (vol. IV, tomo 1 e tomo 2), 1969-1970 (vol. V, tomo 1 e tomo 2). 7 vols. 2ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.

RAGGI, Giuseppina e DEGORTES, Michela (2018) – “A dispersão das pinturas de Giuseppe Trono nas coleções brasileiras: pistas para futuras investigações” in Maria João NETO e Marize MALTA (eds.), *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX. Coleções em Exílio*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, pp. 79-91.

RIZZINI, Maria Luísa (2005) – “Entre a Flandres, Roma e Lisboa: as rendas para a Capela de São João Batista” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *A Capela de São João Baptista da Igreja de São Roque. A encomenda, a obra, as coleções*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia/Museu de São Roque/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 321-351.

SALDANHA, Nuno (1984-1988) – “A Pintura na Igreja de Nossa Senhora da Pena em Lisboa (séculos XVII a XIX). A Iconografia, Função da Imagem e Seu Controlo”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Série II, Nº 90, 1º e 2º tomos, pp. 125-151.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SALDANHA, Nuno (2007) – “Jerónimo da Silva (1687-1753). Um pintor joanino na Lisboa Setecentista” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *Lisboa barroca e o barroco de Lisboa. Colóquio de História da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 109-124.

SALDANHA, Nuno (2010) – “Variações para uma Ceia. A Última Ceia de Cirilo V. Machado para S. Sebastião da Pedreira”, *Invenire - Revista de bens Culturais da Igreja*, Nº 1, pp. 42-45.

SALERNO, Carlo Stefano” (2015) – “Pinturas e mosaicos” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *A Capela de São João Baptista da Igreja de São Roque. A encomenda, a obra, as coleções*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia/Museu de São Roque/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 83-125.

SALES, Ernesto (1925) – *Nosso Senhor dos Passos da Graça de Lisboa: estudo histórico da sua irmandade com o título de Santa Cruz e Passos*. Lisboa: ES.

SAMOYAULT, Jean-Pierre (2011) – *Palais de Santos*. Lisboa: Éditions Internationales du Patrimoine.

SANCHES, José Dias (1940) – *Belém e Arredores através dos tempos*. Lisboa: Livraria Universal Editora.

SANTA ANNA, Fr. Belchior de (1656-1657) – *Chronica de Carmelitas Descalços, particular do Reyno de Portugal e Provincia de Sam Felipe*. Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1656 (tomo I), 1657 (tomo II). 2 tomos.

SANTA CATHARINA, Fr. Lucas de (1733) – *Quarta Parte da Historia de São Domingos particular do reino e Conquistas de Portugal*. Lisboa Occidental: Oficina de Joseph Antonio da Silva. 3ª Edição, Lisboa: Typographia do Panorama, 1866.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de (1707-1723) – *Santuario mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Lisboa, Oficina de Antonio Pedrozo Galrao, 1707 (tomos I-II), 1711 (tomo III), 1712 (tomo IV), 1716 (tomo V), 1718 (tomo VI), 1721 (tomo VII), 1720 (tomo VIII), 1722 (tomo IX), 1723 (tomo X). 2ª edição, Imp. Libânio da Silva, 1933. 9 tomos.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de (1724) – *Historia Tripartita*. Lisboa Ocidental: Oficina de Antonio Pedrozo Galrao.

SANTA MARIA, Fr. Francisco (1697) – *O Ceo Aberto na Terra. História das Sagradas Congregações dos Conegos Seculares de S. Jorge em Alga de Venesa, & de S. João Evangelista em Portugal*. Lisboa: Oficina de Manoel Lopes Ferreyra.

SANTA MARIA, Fr. Francisco (1744) – *Anno Historico, Diario Portuguez, Noticia Abreviada de pessoas grandes e cousa notáveis de Portugal*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. 3 vols..

SANTANA, Francisco. e SUCENA, Eduardo (dirs) (1994). *Dicionário da história de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, 1994.

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SANTOS, Reynaldo dos (1982) – “S. Roque” in Santanna DIONISIO (apres. e notas), *Guia de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 238-246.

SANTOS, Teresa Sequeira (1996) – *A igreja de S. Francisco de Paula: a encomenda, os artistas e a obra*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Vol. 1. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SANTOS, Rita Pereira dos (2002) – “A igreja de São Miguel de Alfama. Renovação estética entre 1673 e 1728” in Vítor SERRÃO (coord.), *Estudos de História da Arte. Novos contributos*. Lisboa: Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 109-122.

SÃO DIOGO, Padre Frei Pedro de (1757) – *Horto Seráfico, fechado às vaidades do mundo, e aberto para as felicidades da Glória, em que se trata da origem, fundação e progressos do reformadíssimo Mosteiro de S.ta Apollonia, extra-muros da Cidade de Lisboa, com as exemplares vidas, relevantes virtudes e mortes preciosas de algumas servas de Deus, que nelle florecerão, e terminarão seus dias, com grande opinião de Santidade...* Lisboa: Real Mosteiro de São Vicente de Fora.

SEGURADO, Jorge de Almeida (1976) – *Da obra Filipina de São Vicente de Fora*. Lisboa: Escola Nacional de Belas Artes.

Sem autor (1817) – “Descrição Do Collegio Real dos Nobres”, *Jornal de Belas Artes, ou Mnemósine Lusitana*, Vol. II, N° XXVI, p. 400-404.

Sem autor, (1959) – “Arrábidos” in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. III. Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, p. 321.

Sem autor (1994) – “Nossa Senhora da Conceição (Ermidas de)” in Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA (dirs.), *Dicionário da História de Lisboa*. Sacavém: Carlos Quintas & Associados – Consultores, pp. 635-636.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1939-1941) – *O Carmo e a Trindade: subsídios para a história de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 2 vols. 2ª edição, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1967.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1916-1933) – *Depois do Terremoto: Subsídios para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1916 (vol. I), 1917 (vol. II), 1922 (vol. III), 1933 (vol. IV). 4 vols. 2ª edição, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1967.

SERRÃO, Joel (dir.) (1963-1971) – *Dicionário da História de Portugal*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1963 (vol. I), 1965 (vol. II), 1968 (vol. III), 1971 (vol. IV). 4 vols.. 2ª edição, Porto: Figueirinhas, 1984-2000. 6 vols., mais 3 vols. de Suplemento).

SERRÃO, Vítor (1983) – *O Maneirismo e o Estatuto Social dos Pintores Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SERRÃO, Vítor (1984-1988) – “Documentos dos Protocolos Notariais de Lisboa referentes a artes e artistas portugueses (1563-1650)”. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Série III, Nº 90, 1º e 2º tomos, pp. 55-103.

SERRÃO, Vítor (1989) – “REBELO, José de Avelar” in José Fernandes PEREIRA (dir.); Paulo PEREIRA (coord.), *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 396-398.

SERRÃO, Vítor (1990-1998) – “O Programa Artístico da Igreja de São Cristóvão de Lisboa. O retábulo quinhentista e a campanha de obras protobarrocas (1666-1685)”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Série IV, Nº 92, pp. 12-13.

SERRÃO, Vítor (1998) – *A pintura Protobarroca em Portugal 1612-1657. O triunfo do Naturalismo e do Tenebrismo*. Lisboa: Edições Colibri.

SERRÃO, Vítor (2003a) – “A pintura antiga no Convento dos Cardaes. Séculos XVI-XVIII” in Vítor SERRÃO *et al.*, *O Convento dos Cardaes. Veios da Memória*. Lisboa: Convento dos Cardaes/Quetzal, pp. 193-231.

SERRÃO, Vítor (2003b) – *História da Arte em Portugal – o Barroco*. Barcarena: Editorial Presença.

SERRÃO, Vítor (2009) – “Nossa Senhora da Boa Viagem velando pela protecção do comércio na barra de Lisboa” in *Encompassing the Globe, Portugal e o Mundo nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga - Instituto dos Museus e da Conservação, pp. 70-71.

SERRÃO, Vítor (2013) – “O mecenato artístico de D. Gil Eanes da Costa (1543-1612): a capela privada no mosteiro dos graciosos de Santarém e o seu retábulo” in Maria de Lurdes ROSA (coord.), *D. Álvaro da Costa e a Sua Descendência, séculos XV-XVII: poder, arte e devoção*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais/Centro de História de Além-Mar/Caminhos Romanos, pp. 301-317.

SERRÃO, Vítor (2014) – “CAT. 2” in Alexandra BRAGA (coord.), *A Sé de Lamego no Museu/The Lamego Cathedral in the Museum*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. Divisão de Documentação, Comunicação e informática, pp. 26-28.

SERRÃO, Vítor (2018) – “A pintura antiga na igreja de Nossa Senhora do Loreto” in Nunziatella ALESSANDRINI (coord.), *Chiesa di Nostra Signora di Loreto 1518-2018: una chiesa italiana in terra portoghese*. Lisboa: Fábrica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, pp. 147-180.

SILVA, Augusto Vieira da (1943) – *As freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Raquel Henriques (2004) – “Arquitectura religiosa pombalina”, *Monumentos*, Nº 21, pp. 108-115.

SIMÕES, João Miguel (2002) – “A capela sepulcral de João van Vessem no convento das Flamengas” in Vítor SERRÃO (coord.), *Estudos de História da Arte. Novos contributos*.



## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Lisboa: Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 93-107.

SIMÕES, João Miguel (2003) – *O Convento das Trinas do Mocambo. Estudo histórico-artístico*. Lisboa: Instituto Hidrográfico.

SIMÕES, João Miguel dos Santos (1959) – *Carreaux céramiques hollandais au Portugal et en Espagne*. Haia: Martinus Nijhoff.

SMITH, Robert C. (1962) – *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.

SOARES, Clara Moura e OLIVEIRA, Lina (2019) – “Igreja de Santa Engrácia, em Lisboa: quatro contratos de obras do século XVII não totalmente conhecidos”, *Artison*, Nº 9, pp. 153-170.

SOBRAL, Luís de Moura (1996) – *Do sentido das imagens*. Lisboa: Editorial Estampa.

SOBRAL, Luís de Moura (1998) – *Bento Coelho (1620-1708) e a Cultura do Seu Tempo*. Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português do Património Arquitectónico.

SOBRAL, Luís de Moura (2004) – *Pintura Portuguesa do Século XVII. Histórias, Lendas, Narrativas*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.

SOLEDADE, Frei Fernando da (1721). *História Seráfica*. Tomo V. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Pedrozo Galrão.

SOROMENHO, Miguel e SALDANHA, Nuno (1994) – “O Mosteiro e Igreja de São Vicente de Fora” in Irisalva MOITA (ed.), *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Lisboa 94 – Livros Horizonte, pp. 207-218.

SOROMENHO (2001) – “Os grandes programas arquitectónicos filipinos para as Ordens Militares e o Mosteiro de Santos-o-Novo”, *Monumentos*, Nº 15, pp. 19-23.

SOROMENHO, Miguel (2004) – “O Convento do Corpus Christi: um caso de estudo”, *Monumentos*, Nº 21, pp. 116-123.

SOROMENHO, Miguel (2010) – “Hum dos mayores e magnificos templos não só de todo o reyno mas da Europa: a obra filipina” in Sandra Costa SALDANHA (ed.), *Mosteiro de São Vicente de Fora. Arte e História*. Lisboa: Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa, pp. 129-153.

SOROMENHO, Miguel (no prelo) – “O arquitecto João Antunes no Convento de Santo Elói de Lisboa. Uma carta e alguns desenhos”.

SOROMENHO, Miguel e SILVA, Raquel Henriques (2015) – “Conventos em tempos de crise. O convento do Espírito Santo da Pedreira de Lisboa. Quatro desenhos de projecto de José Joaquim Ludovice”, *Revista de História da Arte*, Nº 12, pp. 250-265.

SOROMENHO, Miguel e BRANCO, Ricardo Lucas (2017) – “The architectural career of Filippo Terzi in Portugal (1577-1597)” in Micaela ANTONUCCI e Sabine

## ► INÍCIO

## ► FICHA TÉCNICA

## ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ► PLANO GERAL DA OBRA

## ► TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

FROMMEL (eds.), *Da Bologna all'Europa: artisti bolognesi in Portogallo (secoli XVI-XIX)*. Bologna, Bolonia University Press, pp. 101-123.

SOUSA, Antonio Caetano de (1735-1749) – *Historia genealogica da Casa Real Portuguesa: desde a sua origem ate o presente, com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Braganca: justificada com instrumentos, e escritores de inviolavel fe: e offerecida a El Rey D. Joao V (...)*. Lisboa Occidental: na Officina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real, 1735 (tomo I), 1736 (tomo II), 1737 (tomo III), 1738 (tomos IV-V), 1739 (tomo VI), 1740 (tomo VII), 1741 (tomo VIII), 1742 (tomo IX), 1743 (tomo X), 1745 (tomo XI), 1747 (tomo XII, parte I), 1748 (tomo XII, parte II), 1749 (tomo XIII). 13 tomos.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1958) – “O convento de Santa Apolónia”, in J. M. Cordeiro de SOUSA – *Colectânea Olisiponense*. Vol. II. Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa.

TASSINARI, Magda (2015) – “Ouro, Ouro, Ouro...” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *A Capela de São João Baptista da Igreja de São Roque. A encomenda, a obra, as coleções*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia/Museu de São Roque/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 251-317.

TELLES, Balthazar (1645-1647) – *Chronica da Companhia de Jesus*. Lisboa: Paulo Craesbeeck. 2 vols.

VALE, Teresa Leonor M. (1996) – *O Convento de S. Domingos de Benfica, D. João de Castro e o Instituto Militar dos Pupilos do Exército*. Lisboa: Instituto Militar dos Pupilos do Exército.

VALE, Teresa Leonor M. (2004) – *Escultura italiana em Portugal no século XVII*. Lisboa: Caleidoscópio.

VALE, Teresa Leonor M. (2008) – *Um Português em Roma. Um Italiano em Lisboa. Os escultores setecentistas José de Almeida e João António Bellini*. Lisboa: Livros Horizonte.

VALE, Teresa Leonor M. (2015a) – “Abordagem da componente escultórica da Capela de São João Batista: estatuto e função da escultura na globalidade da obra” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *A Capela de São João Baptista da Igreja de São Roque. A encomenda, a obra, as coleções*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia/Museu de São Roque/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 129-169.

VALE, Teresa Leonor M. (2015b) – “O brilho do ouro sublinhando a arquitetura” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *A Capela de São João Baptista da Igreja de São Roque. A encomenda, a obra, as coleções*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia/Museu de São Roque/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 173-195.

VALE, Teresa Leonor (2015c) – “Do carácter único da coleção de ourivesaria da Capela de São João Batista” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *A Capela de São João Baptista da Igreja de São Roque. A encomenda, a obra, as coleções*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia/Museu de São Roque/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 201-247.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO IV

SINAIS

INTRODUÇÃO

SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA  
(1580 – 1640)REINADOS DE D. JOÃO IV,  
D. AFONSO VI E D. PEDRO II  
(1640 – 1707)DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO  
V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO  
1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

VALE, Teresa Leonor M. (2015d) – “Aspetos e objetos periféricos da encomenda da Capela de São João Batista” in Teresa Leonor M. VALE (ed.), *A Capela de São João Baptista da Igreja de São Roque. A encomenda, a obra, as coleções*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia/Museu de São Roque/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 375-379.

VEIGA, Carlos Margaça (2016) – “O Convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide. Uma História no Feminino” in Augusto Moutinho BORGES (coord.), *Convento Santa Teresa de Jesus de Carnide. O falar das pedras*. Lisboa: Confraria São Vicente de Paulo, pp. 21-33.

VITERBO, F. Sousa (1899-1922) – *Diccionario Historico e Documental dos Architectos e Engenheiros e Constructores Portuguezes*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899 (vol. I), 1904 (vol. II), 1922 (vol. III).

VITERBO, F. Sousa (1988) – *Diccionario Historico e Documental dos Architectos e Engenheiros e Constructores Portuguezes*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda. 3 vols..

ÍNDICE

FICHA TÉCNICA .....4

TEXTOS DE APRESENTAÇÃO .....5

    NOTA DE ABERTURA.....7

    NOTAS PRELIMINARES.....9

    PARECERES.....13

    APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE .....15

    NORMAS EDITORIAIS .....17

    PREFÁCIO .....19

    PLANO GERAL DA OBRA.....23

**TOMO IV. AS IGREJAS DE LISBOA DESDE 1580 A 1755.....25**

SINAIS .....27

**I INTRODUÇÃO .....29**

    1. PREÂMBULO .....31

    2. ÍNDICE DOS TEMPLOS FUNDADOS OU REEDIFICADOS EM LISBOA, NO PERÍODO DE 1580 A 1755.....33

    3. QUADRO .....39

    4. FONTES DOCUMENTAIS MAIS IMPORTANTES .....40

    5. APÊNDICES CRONOLÓGICOS.....46

**II SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA (1580 – 1640).....57**

**1. ERMIDAS .....59**

        ◉ **ERMIDA DE SÃO JOÃO DOS BEM CASADOS.....61**

        ◉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PUREZA – 1ª.....64**

        ◉ **CAPELA DA IRMANDADE DA CRUZ E DOS PASSOS, PROCISSÃO DOS PASSOS DA GRAÇA, ESTAÇÕES DOS PASSOS .....65**

            1. A IRMANDADE.....65

            2. A PROCISSÃO DOS PASSOS.....66

            3. AS ESTAÇÕES DA PROCISSÃO DOS PASSOS .....68

        ◉ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA.....71**

            1. ORIGEM DA IMAGEM E DO TÍTULO.....71

            2. PROCURA-SE SÍTIO PARA A ERMIDA: A CABEÇA DO ALPERCHE.....72

            3. FAZ-SE A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PENHA FRANÇA.....73

            4. A EPIDEMIA DA PESTE DE 1598-1599 .....73

            5. VOTO DO SENADO DE LISBOA .....74

            6. SETE NAUS PARA A ÍNDIA: IRMANDADE.....75

|                                                                                                   |                                                                                           |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| ► INÍCIO                                                                                          | ◉ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO, EM ALCÂNTARA.....                                | 77  |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   | 1. MANDA FAZER-SE A IMAGEM E DÁ-SE-LHE O NOME .....                                       | 78  |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          | 2. ESCOLHEU-SE SÍTIO E EDIFICA-SE UMA ERMIDA .....                                        | 79  |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  | ◉ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES .....                                          | 81  |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                | 1. ORIGEM DA IMAGEM [1599] .....                                                          | 81  |
| PARECERES                                                                                         | 2. EDIFICAÇÃO DA ERMIDA [C. DE 1600-1610] .....                                           | 82  |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                    | 3. IRMANDADE DOS NAVEGANTES DA CARREIRA DA ÍNDIA.....                                     | 83  |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 | 4. A ERMIDA É COMPRADA POR PEDRO DE CASTILHO [EM 1659] .....                              | 83  |
| PREFÁCIO                                                                                          | 5. DESCRIÇÃO DA IMAGEM EM 1707 .....                                                      | 84  |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             | ◉ ERMIDAS DEDICADAS RECOLHA DE MENINOS PERDIDOS .....                                     | 85  |
| ► TOMO IV                                                                                         | ◉ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA GUIA.....                                                    | 87  |
| SINAIS                                                                                            | ERMIDA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS .....                                                  | 88  |
| INTRODUÇÃO                                                                                        | 2. IGREJAS PAROQUIAIS .....                                                               | 89  |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       | ◊ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES – 2ª .....                               | 91  |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            | 1. AS OBRAS DE 1598 A 1602.....                                                           | 91  |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) | 2. OBRAS POSTERIORES A 1602 ATÉ 1750.....                                                 | 93  |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      | 3. O ESTADO DA IGREJA NAS VÉSPERAS DO TERRAMOTO DE 1755.....                              | 97  |
| ÍNDICE                                                                                            | 4. A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES .....                                           | 98  |
|                                                                                                   | 5. O PADROADO DA IGREJA.....                                                              | 98  |
|                                                                                                   | ◊ IGREJA PAROQUIAL DOS SANTOS REIS MAGOS, DO CAMPO GRANDE - 1ª .....                      | 102 |
|                                                                                                   | ◊ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO NICOLAU – 2ª .....                                              | 106 |
|                                                                                                   | 1. ANTECEDENTES .....                                                                     | 106 |
|                                                                                                   | 2. REEDIFICAÇÃO EM 1616-1627 .....                                                        | 106 |
|                                                                                                   | 3. DESCRIÇÃO DA IGREJA NO SÉCULO XVII .....                                               | 106 |
|                                                                                                   | 4. IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS.....                                             | 107 |
|                                                                                                   | 5. PESSOAL ECLESIASTICO .....                                                             | 108 |
|                                                                                                   | 6. A FREGUESIA .....                                                                      | 108 |
|                                                                                                   | 7. O TERRAMOTO DE 1755.....                                                               | 108 |
|                                                                                                   | IGREJAS PAROQUIAIS ACABADAS OU RESTAURADAS NESTE PERÍODO.....                             | 110 |
|                                                                                                   | ◊ IGREJA PAROQUIAL DE SANTA ENGRÁCIA – 2ª.....                                            | 112 |
|                                                                                                   | 1. ANTECEDENTES.....                                                                      | 112 |
|                                                                                                   | 2. O “DESACATO” NA IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA, NA NOITE DE 15/16 DE JANEIRO<br>DE 1630..... | 112 |
|                                                                                                   | 3. PARA DESAGRAVO DO DESACATO .....                                                       | 114 |
|                                                                                                   | 4. UMA NOVA IGREJA .....                                                                  | 115 |
|                                                                                                   | 5. A DERROCADADA DE 1682 .....                                                            | 116 |
|                                                                                                   | ◊ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO MARTINHO – 2ª † .....                                           | 120 |
|                                                                                                   | 1. 1755.....                                                                              | 122 |
|                                                                                                   | 2. 1834 (APÓS) .....                                                                      | 122 |
|                                                                                                   | ◊ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO TIAGO – 2ª .....                                                | 123 |
|                                                                                                   | 1. ANTECEDENTES .....                                                                     | 123 |
|                                                                                                   | 2. TRANSFORMAÇÕES .....                                                                   | 123 |



|                                                                                             |                                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| ► INÍCIO                                                                                    | 3. IGREJAS CONVENTUAIS DE FRADES ♂                                                              | 125 |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                             | ♂ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO                                               | 127 |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                    | 1. FUNDAÇÃO                                                                                     | 127 |
| NOTA DE ABERTURA                                                                            | 2. A IGREJA INACABADA                                                                           | 128 |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                          | ♂ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO VALE DA MISERICÓRDIA, EM LAVEIRAS                      | 131 |
| PARECERES                                                                                   | ♂ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO BENTO DA SAÚDE                                                      | 133 |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                              | 1. FUNDAÇÃO DO CONVENTO                                                                         | 133 |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                           | 2. DESCRIÇÃO DA IGREJA                                                                          | 135 |
| PREFÁCIO                                                                                    | 3. ALGUNS OUTROS ESPAÇOS DO CONVENTO                                                            | 139 |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                       | 4. ACONTECIMENTOS POSTERIORES                                                                   | 140 |
| ► TOMO IV                                                                                   | ♂ IGREJA DOS CONGREGADOS DE SÃO RAFAEL                                                          | 142 |
| SINAIS                                                                                      | ♂ IGREJA DO MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA – 2ª                                                | 143 |
| INTRODUÇÃO                                                                                  | 1. ANTECEDENTES                                                                                 | 143 |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA (1580 – 1640)                                                    | 2. PROJECTO DE UMA NOVA IGREJA                                                                  | 144 |
| REINADOS DE D. JOÃO IV, D. AFONSO VI E D. PEDRO II (1640 – 1707)                            | 3. EDIFICAÇÃO DA IGREJA E MOSTEIRO                                                              | 144 |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO 1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) | 4. OS ARQUITETOS DE SÃO VINCENTE DE FORA. MODELOS POSSÍVEIS                                     | 145 |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                | 5. DESCRIÇÃO DA IGREJA                                                                          | 147 |
| ÍNDICE                                                                                      | ♂ IGREJA E CONVENTO DE SÃO BENTO DE ENXOBREGAS – 2ª †                                           | 152 |
|                                                                                             | 1. 1834                                                                                         | 153 |
|                                                                                             | ♂ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA                                        | 155 |
|                                                                                             | 1. INSTALAM-SE OS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO (1603)                                            | 155 |
|                                                                                             | 2. A CONSTRUÇÃO DA IGREJA E CAPELA-MOR                                                          | 156 |
|                                                                                             | 3. A IMAGEM E OS SEUS MILAGRES                                                                  | 156 |
|                                                                                             | 4. DESCRIÇÃO DA IGREJA, NO SÉCULO XVIII (C. 1704)                                               | 157 |
|                                                                                             | 5. SEPULTURA DE ANTÓNIO CABIDE                                                                  | 158 |
|                                                                                             | 6. ACONTECIMENTOS NO SÉCULO XVIII                                                               | 159 |
|                                                                                             | ♂ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS DOS PADRES CARMELITAS DESCALÇOS [“MARIANOS”] | 160 |
|                                                                                             | 1. SANTA TERESA DE JESUS E DE PORTUGAL                                                          | 160 |
|                                                                                             | 2. PADRE FREI AMBRÓSIO MARIANO                                                                  | 160 |
|                                                                                             | 3. PRIMEIRA INSTALAÇÃO: NA PAMPULHA [1581-1604]                                                 | 161 |
|                                                                                             | 4. SEGUNDA INSTALAÇÃO: A SÃO CRISPIM [1604-1611]                                                | 162 |
|                                                                                             | 5. TERCEIRA E DEFINITIVA INSTALAÇÃO: EM SANTOS (DESDE 1611)                                     | 162 |
|                                                                                             | 6. A IGREJA CONVENTUAL                                                                          | 163 |
|                                                                                             | 7. EVENTOS POSTERIORES                                                                          | 165 |
|                                                                                             | ♂ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DE JESUS                                                  | 168 |
|                                                                                             | 1. A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DE JESUS; E AS CASAS DE LUÍS RODRIGUES                             | 168 |
|                                                                                             | 2. INSTALAÇÃO DOS RELIGIOSOS EM 1595; 1ª PEDRA NA IGREJA EM 1615                                | 168 |
|                                                                                             | 3. D. JOÃO MANOEL E A CONSTRUÇÃO DA CAPELA-MOR                                                  | 169 |
|                                                                                             | 4. DESCRIÇÃO DA IGREJA (COMO ERA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XVIII)                                  | 170 |
|                                                                                             | 5. ALGO SOBRE O INTERIOR CONVENTUAL                                                             | 172 |

|                                                                                                   |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| ► INÍCIO                                                                                          |     |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |     |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |     |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |     |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |     |
| PARECERES                                                                                         |     |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                    |     |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |     |
| PREFÁCIO                                                                                          |     |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |     |
| ► TOMO IV                                                                                         |     |
| SINAIS                                                                                            |     |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |     |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |     |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |     |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |     |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |     |
| ÍNDICE                                                                                            |     |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS DE BENFICA – 2ª</b>                                       | 173 |
| 1. INÍCIO DA REEDIFICAÇÃO, EM 1623. CONCLUSÃO EM 1632                                             | 173 |
| 2. A IGREJA NOVA                                                                                  | 173 |
| 3. ALTERAÇÕES POSTERIORES                                                                         | 175 |
| 4. ALGUNS TESOUROS QUE ENCERRA                                                                    | 177 |
| 5. SEPULTURAS E EPITÁFIOS                                                                         | 177 |
| 6. OUTRAS RECORDAÇÕES                                                                             | 179 |
| 7. O TÚMULO DO DOUTOR JOÃO DAS REGRAS                                                             | 179 |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO JOÃO DE DEUS, À PAMPULHA</b>                                       | 182 |
| 1. DESCRIÇÃO DA IGREJA                                                                            | 182 |
| 2. EVENTOS IMPORTANTES                                                                            | 183 |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS PORTAS DO CÉU, EM<br/>TELHEIRAS</b>                  | 184 |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO</b>                                           | 185 |
| 1. NO PÁTIO DAS FANGAS DA FARINHA, EM 1633                                                        | 186 |
| 2. MUDANÇA DO CONVENTO (OU COLÉGIO) PARA O CORPO SANTO                                            | 187 |
| <b>4. IGREJAS CONVENTUAIS DE FREIRAS</b>                                                          | 189 |
| ♀ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SANTA MARTA</b>                                                        | 191 |
| 1. RECOLHIMENTO DE ÓRFÃS                                                                          | 191 |
| 2. O RECOLHIMENTO CONVERTE-SE EM MOSTEIRO DE RELIGIOSAS                                           | 192 |
| 3. A IGREJA CONVENTUAL                                                                            | 193 |
| 4. HISTÓRIA POSTERIOR                                                                             | 196 |
| ♀ <b>IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTO ALBERTO OU: DAS ALBERTAS</b>                                     | 197 |
| 1. FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO                                                                           | 197 |
| 2. RELIQUÍA DA MÃO ESQUERDA DE SANTA TERESA                                                       | 199 |
| 3. A IGREJA CONVENTUAL                                                                            | 200 |
| 4. ACONTECIMENTOS POSTERIORES                                                                     | 201 |
| ♀ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA QUIETAÇÃO [FLAMENGAS]</b>                             | 204 |
| ♀ <b>IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTA MÓNICA, DAS RELIGIOSAS DE SANTO<br/>AGOSTINHO</b>                | 206 |
| 1. FUNDAÇÃO                                                                                       | 206 |
| 2. DESCRIÇÃO DA IGREJA                                                                            | 207 |
| 3. FÁBRICA INTERIOR DO MOSTEIRO                                                                   | 208 |
| 4. O QUE LHE SUCEDU                                                                               | 208 |
| ♀ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO SALVADOR DE SIÃO – 1º OU: DAS<br/>INGLESINHAS OU: DAS BRÍGIDAS</b> | 210 |
| 1. A COMUNIDADE DE SÃO SALVADOR, EM INGLATERRA [1415-1558]                                        | 210 |
| 2. AS MÚLTIPLAS PEREGRNAÇÕES DA COMUNIDADE PELA EUROPA [1558-1594]                                | 211 |
| 3. PRIMEIRA INSTALAÇÃO EM LISBOA [1594 A 1651]                                                    | 212 |
| ♀ <b>IGREJA DO MOSTEIRO DE SÃO FÉLIX E SANTO ADRIÃO, EM CHELAS – 2ª</b>                           | 214 |
| 1. ANTECEDENTES                                                                                   | 214 |
| 2. A REEDIFICAÇÃO DE 1604                                                                         | 216 |

|                                                                                                   |                                                                                  |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| ► INÍCIO                                                                                          | 3. DEPOIS DE 1604 .....                                                          | 218 |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   | ♀ <b>IGREJA DO SEGUNDO MOSTEIRO DE SANTOS-O-NOVO</b> .....                       | 220 |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          | 1. ANTECEDENTES .....                                                            | 220 |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  | 2. O SEGUNDO MOSTEIRO DE SANTOS-O-NOVO .....                                     | 222 |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                | 3. A IGREJA DESTE NOVO MOSTEIRO .....                                            | 223 |
| PARECERES                                                                                         | 4. A PARTICULAR NATUREZA DA VIDA CONVENTUAL NESTE MOSTEIRO .....                 | 224 |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                    | 5. DEPOIS DA INAUGURAÇÃO, EM 1685 .....                                          | 225 |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 | ♀ <b>IGREJA DO MOSTEIRO DO SACRAMENTO, EM ALCÂNTARA</b> .....                    | 227 |
| PREFÁCIO                                                                                          | 1. OS FUNDADORES .....                                                           | 227 |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             | 2. A PRIMEIRA INSTALAÇÃO DO CONVENTO (9 JULHO 1606) .....                        | 228 |
| ► TOMO IV                                                                                         | 3. INSTALAÇÃO DEFINITIVA, NO SÍTIO DE ALCANTÂRA (1ª PEDRA: 7 JANEIRO 1612) ..... | 228 |
| SINAIS                                                                                            | 4. ENTRADA SOLENE DAS RELIGIOSAS (5 SETEMBRO 1616) .....                         | 230 |
| INTRODUÇÃO                                                                                        | 5. A AUSTERIDADE CONVENTUAL .....                                                | 230 |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       | 6. DESCRIÇÃO DA IGREJA .....                                                     | 232 |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            | 7. ACONTECIMENTOS POSTERIORES .....                                              | 233 |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) | 8. O QUE RESTA ACTUALMENTE .....                                                 | 234 |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      | ♀ <b>IGREJA DO CONVENTO DE N.ª SENHORA DA ENCARNAÇÃO</b> .....                   | 238 |
| ÍNDICE                                                                                            | 1. A INFANTA DONA MARIA, FUNDADORA DESTE CONVENTO .....                          | 238 |
|                                                                                                   | 2. DISPOSIÇÕES TESTAMENTÁRIAS DA INFANTA .....                                   | 239 |
|                                                                                                   | 3. AS GRAVES DISTORÇÕES FEITAS À EXPRESSA VONTADE DA INFANTA .....               | 240 |
|                                                                                                   | 4. PRIMEIRA INSTALAÇÃO DO MOSTEIRO .....                                         | 241 |
|                                                                                                   | 5. A EDIFICAÇÃO DEFINITIVA (1617 A 1630...) .....                                | 242 |
|                                                                                                   | 6. DESCRIÇÃO DA IGREJA: A ENTRADA E A NAVE .....                                 | 242 |
|                                                                                                   | 7. DESCRIÇÃO DA IGREJA (CONT.): A CAPELA-MOR .....                               | 244 |
|                                                                                                   | 8. REFEREM-SE OUTROS ESPAÇOS CONVENTUAIS .....                                   | 245 |
|                                                                                                   | 9. DA IRMANDADE DAS ESCRAVAS DO SANTÍSSIMO .....                                 | 246 |
|                                                                                                   | ♀ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO</b> .....                | 249 |
|                                                                                                   | 1. A IDEIA DA FUNDAÇÃO, E AS LICENÇAS .....                                      | 249 |
|                                                                                                   | 2. A CONDESSA DA ATALAIA .....                                                   | 249 |
|                                                                                                   | 3. A ENTRADA EM CLAUSURA .....                                                   | 250 |
|                                                                                                   | 4. A IGREJA CONVENTUAL .....                                                     | 251 |
|                                                                                                   | 5. ALGUMAS PARTICULARIDADES .....                                                | 253 |
|                                                                                                   | ♀ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SANTA CLARA – 2ª</b> .....                            | 257 |
|                                                                                                   | 1. ANTECEDENTES .....                                                            | 257 |
|                                                                                                   | 2. REEDIFICAÇÃO DA IGREJA NO SÉCULO XVII .....                                   | 257 |
|                                                                                                   | 3. ALGUMAS NOTÍCIAS COMPLEMENTARES .....                                         | 261 |
|                                                                                                   | ♀ <b>IGREJA DO CONVENTO DO MONTE CALVÁRIO, EM ALCÂNTARA</b> .....                | 264 |
|                                                                                                   | 1. AS FUNDADORES E O SEU DRAMA .....                                             | 264 |
|                                                                                                   | 2. O PROJETO DE EDIFICAR EM ALCANTÂRA UM CONVENTO DE CLAUSURA .....              | 264 |
|                                                                                                   | 3. SEPULTURAS DAS FUNDADORES .....                                               | 266 |
|                                                                                                   | 4. A IGREJA .....                                                                | 267 |
|                                                                                                   | 5. TERRAMOTO DE 1755 .....                                                       | 267 |

|                                                                                                                            |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| ► INÍCIO                                                                                                                   |            |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                                            |            |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                                                   |            |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                                           |            |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                                         |            |
| PARECERES                                                                                                                  |            |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                                             |            |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                                          |            |
| PREFÁCIO                                                                                                                   |            |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                                                      |            |
| ► TOMO IV                                                                                                                  |            |
| SINAIS                                                                                                                     |            |
| INTRODUÇÃO                                                                                                                 |            |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                                                |            |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                                                     |            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)                          |            |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                                               |            |
| ÍNDICE                                                                                                                     |            |
| <b>5. IGREJAS DE INSTITUIÇÕES PARTICULARES.....</b>                                                                        | <b>269</b> |
| <b>GRUPOS NACIONAIS, COLÉGIOS, NOVICIADOS, SEMINÁRIOS,<br/>    RECOLHIMENTOS.....</b>                                      | <b>269</b> |
| ⊖ <b>IGREJA DO COLÉGIO DOS CATECÚMENOS.....</b>                                                                            | <b>271</b> |
| ⊖ <b>IGREJA DO RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DA ENCARNÇÃO.....</b>                                                         | <b>272</b> |
| ⊖ <b>IGREJA DO RECOLHIMENTO DAS CONVERTIDAS [N.ª SENHORA DA<br/>        NATIVIDADE] .....</b>                              | <b>273</b> |
| ⊖ <b>IGREJA DO COLÉGIO DOS EREMITAS CALÇADOS DE SANTO AGOSTINHO .....</b>                                                  | <b>275</b> |
| 1. VICISSITUDES DESTA CASA .....                                                                                           | 275        |
| 2. COMO ERA A IGREJA ANTES DO TERRAMOTO DE 1755.....                                                                       | 276        |
| 3. OCORRÊNCIAS POSTERIORES .....                                                                                           | 277        |
| ⊖ <b>CAPELINHA DO HOSPÍCIO DE SÃO BRUNO .....</b>                                                                          | <b>278</b> |
| ⊖ <b>IGREJA DO SEMINÁRIO DE SÃO PATRÍCIO, DE COLEGIAIS IRLANDESES .....</b>                                                | <b>279</b> |
| ⊖ <b>IGREJA DA CASA PROFESSA DE SÃO ROQUE – 2ª.....</b>                                                                    | <b>283</b> |
| 1. ....                                                                                                                    | 283        |
| 2. ALGUNS ACONTECIMENTOS DECISIVOS NA HISTÓRIA DESTA IGREJA.....                                                           | 285        |
| ♂ <b>IGREJA DO COLÉGIO DE SANTO ANTÃO-O-NOVO .....</b>                                                                     | <b>286</b> |
| 1. ANTECEDENTES .....                                                                                                      | 286        |
| 2. O NOVO COLÉGIO DE SANTO ANTÃO [DE 11 MAIO 1579 A 8 NOVEMBRO 1593] .....                                                 | 286        |
| 3. A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DO COLÉGIO [1612 A 1652] .....                                                                   | 288        |
| 4. DESCRIÇÃO DA IGREJA DO COLÉGIO NOVO DE SANTO ANTÃO À DATA DE 1707.....                                                  | 290        |
| 5. A SEPULTURA DA CONDESSA DONA FILIPA DE SÁ .....                                                                         | 295        |
| 6. ACONTECIMENTOS POSTERIORES.....                                                                                         | 297        |
| ⊖ <b>IGREJA DO NOVICIADO DA COMPANHIA DE JESUS [OU DE DE NOSSA SENHORA<br/>        DA ASSUNÇÃO NO MONTE OLIVETE] .....</b> | <b>299</b> |
| 1. EVOCAÇÃO.....                                                                                                           | 299        |
| 2. O NOVICIADO: OS FUNDADORES DA CASA .....                                                                                | 299        |
| 3. PROSEGUE O NOVICIADO COM A DECISIVA AJUDA DE LOURENÇO LOMBARDO.....                                                     | 302        |
| 4. INAUGURAÇÃO DO NOVICIADO.....                                                                                           | 304        |
| 5. DESCRIÇÃO DA IGREJA DO NOVICIADO.....                                                                                   | 305        |
| 6. ACONTECIMENTOS POSTERIORES À FUNDAÇÃO DO DITO NOVICIADO .....                                                           | 308        |
| ⊖ <b>IGREJA DE SÃO LUÍS DOS FRANCESES – 2ª.....</b>                                                                        | <b>313</b> |
| ⊖ <b>IGREJA DO SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO, DOS “INGLESINHOS” .....</b>                                             | <b>316</b> |
| ⊖ <b>RECOLHIMENTO DE SANTA ISABEL DA HUNGRIA.....</b>                                                                      | <b>317</b> |
| <b>6. CAPELAS ANEXAS .....</b>                                                                                             | <b>319</b> |
| ⊖ <b>CAPELA DE NOSSA SENHORA-A-FRANCA.....</b>                                                                             | <b>321</b> |
| ⊖ <b>CAPELA DO PALÁCIO DOS MARQUÊSES DE ABRANTES.....</b>                                                                  | <b>323</b> |

|                                                                                                   |                                                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| ► INÍCIO                                                                                          | III REINADOS DE D. JOÃO IV, D. AFONSO VI E D. PEDRO II (1640 – 1707).....                     | 325 |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |                                                                                               |     |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |                                                                                               |     |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |                                                                                               |     |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |                                                                                               |     |
| PARECERES                                                                                         |                                                                                               |     |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                    |                                                                                               |     |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |                                                                                               |     |
| PREFÁCIO                                                                                          |                                                                                               |     |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |                                                                                               |     |
| ► TOMO IV                                                                                         |                                                                                               |     |
| SINAIS                                                                                            |                                                                                               |     |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |                                                                                               |     |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |                                                                                               |     |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |                                                                                               |     |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |                                                                                               |     |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |                                                                                               |     |
| ÍNDICE                                                                                            |                                                                                               |     |
|                                                                                                   | <b>1. ERMIDAS</b> .....                                                                       | 327 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA RESTAURAÇÃO, AO GRILO</b> ....                     | 329 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO ALECRIM</b> † .....                                           | 330 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA</b> .....                                            | 332 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA</b> .....                                               | 333 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE</b> .....                                               | 334 |
|                                                                                                   | 1. ANTECEDENTES .....                                                                         | 334 |
|                                                                                                   | 2. A PROCISSÃO DE 20 DE ABRIL DE 1570.....                                                    | 334 |
|                                                                                                   | 3. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DITA PROCISSÃO .....                                              | 335 |
|                                                                                                   | 4. A TRANSFORMAÇÃO DA ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO EM ERMIDA DE NOSSA<br>SENHORA DA SAÚDE .....    | 336 |
|                                                                                                   | 5. DEPOIS OS VESTIDOS E COROAS DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE.....                                 | 337 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PARAÍSO – 4ª – À CRUZ DA PEDRA</b> .....                      | 339 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE NOSSA SENHORA DE MONTEAGUDO</b> .....                                          | 340 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE SANTA BÁRBARA, A ARROIOS</b> .....                                             | 341 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DA RAINHA DONA CATARINA, RAINHA DE INGLATERRA</b> .....                           | 342 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO</b> † .....                                          | 343 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE SÃO FILIPE E SÃO TIAGO</b> † .....                                             | 345 |
|                                                                                                   | ⊙ <b>ERMIDA DE SÃO JOAQUIM E SANTA ANA</b> .....                                              | 346 |
|                                                                                                   | <b>2. IGREJAS PAROQUIAIS</b> .....                                                            | 347 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA DE SÃO TOMÉ (DO PENEDO) – 2ª</b> .....                                            | 349 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DO SOCORRO – 1ª</b> .....                              | 352 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS</b> .....                                   | 354 |
|                                                                                                   | 1. ANTECEDENTES .....                                                                         | 354 |
|                                                                                                   | 2. CRIAÇÃO DA NOVA PARÓQUIA .....                                                             | 354 |
|                                                                                                   | 3. COMO ERA A IGREJA .....                                                                    | 355 |
|                                                                                                   | 4. MUDANÇA DA SEDE PAROQUIAL .....                                                            | 356 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA PAROQUIAL DE SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA</b> .....                                  | 358 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO, DA<br/>    AMEIXOEIRA – 2ª</b> .....    | 360 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA PAROQUIAL DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO – 1ª</b> .....                                 | 364 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA PAROQUIAL DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO – 2ª</b> .....                                 | 365 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA PAROQUIAL DE SÃO CRISTÓVÃO – 3ª</b> .....                                         | 367 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA PAROQUIAL DE SÃO BARTOLOMEU DA CHARNECA</b> .....                                 | 369 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO – “CONCEIÇÃO<br/>    NOVA” – 1ª</b> ..... | 372 |
|                                                                                                   | ✠ <b>IGREJA PAROQUIAL DE SÃO MIGUEL – 2ª</b> .....                                            | 378 |
|                                                                                                   | 1. ANTECEDENTES .....                                                                         | 378 |
|                                                                                                   | 2. RECONSTRUÍDA A PARTIR DE 1673: CONCLUÍDAS AS OBRAS EM 1720 .....                           | 378 |
|                                                                                                   | 3. A CAPELA-MOR... .....                                                                      | 379 |



|                                                                                                   |                                                                                                    |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| ► INÍCIO                                                                                          | 4. O TERRAMOTO DE 1755.....                                                                        | 380 |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   |                                                                                                    |     |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |                                                                                                    |     |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |                                                                                                    |     |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |                                                                                                    |     |
| PARECERES                                                                                         |                                                                                                    |     |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                    |                                                                                                    |     |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |                                                                                                    |     |
| PREFÁCIO                                                                                          |                                                                                                    |     |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |                                                                                                    |     |
| ► TOMO IV                                                                                         |                                                                                                    |     |
| SINAIS                                                                                            |                                                                                                    |     |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |                                                                                                    |     |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |                                                                                                    |     |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |                                                                                                    |     |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |                                                                                                    |     |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |                                                                                                    |     |
| ÍNDICE                                                                                            |                                                                                                    |     |
|                                                                                                   | <b>3. IGREJAS CONVENTUAIS DE FRADES ♂</b> .....                                                    | 383 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA INTERINA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO</b> .....                            | 385 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DA SANTÍSSIMA TRINDADE</b> .....                                           | 387 |
|                                                                                                   | 1. ANTECEDENTES .....                                                                              | 387 |
|                                                                                                   | 2. AS RENOVAÇÕES POSTERIORES A 1560.....                                                           | 387 |
|                                                                                                   | 3. DESCRIÇÃO DA IGREJA, NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XVII .....                                    | 388 |
|                                                                                                   | 4. OUTRAS CAPELAS DISTRIBUÍDAS PELO CONVENTO .....                                                 | 389 |
|                                                                                                   | 5. ACONTECIMENTOS POSTERIORES.....                                                                 | 391 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO PAULO DA SERRA DE OSSA</b> .....                                    | 398 |
|                                                                                                   | 1. DESCRIÇÃO DA IGREJA.....                                                                        | 399 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE CORPUS CHRISTI – 1ª</b> .....                                           | 401 |
|                                                                                                   | 1. DESCRIÇÃO DA IGREJA, TAL COMO ERA EM 1707 .....                                                 | 403 |
|                                                                                                   | 2. EM 1755 .....                                                                                   | 405 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PORCIÚNCULA</b> .....                                  | 406 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO – 1ª, AO<br/>CORPO SANTO</b> .....             | 409 |
|                                                                                                   | 1. O TERRAMOTO DE 1755.....                                                                        | 412 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MONTE<br/>OLIVETE OU DOS GRILOS</b> ..... | 413 |
|                                                                                                   | 1. HISTÓRIA BREVE.....                                                                             | 413 |
|                                                                                                   | 2. DESCRIÇÃO DA IGREJA .....                                                                       | 414 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DA CONVALESCENÇA</b> .....                                | 416 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DA CASA DO ESPÍRITO SANTO, DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO</b> .....                        | 418 |
|                                                                                                   | 1. O PADRE BARTOLOMEU DO QUENTAL .....                                                             | 418 |
|                                                                                                   | 2. FUNDAÇÃO DA CASA DO ORATÓRIO JUNTO DA IGREJA DO ESPÍRITO SANTO.....                             | 419 |
|                                                                                                   | 3. ESTADO DA IGREJA EM 1707 .....                                                                  | 420 |
|                                                                                                   | 4. O QUE SUCEDEU COM O TERRAMOTO DE 1755.....                                                      | 422 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO CORNÉLIO, NOS OLIVAIS</b> .....                                     | 425 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA BOA-HORA, À RUA NOVA<br/>DO ALMADA</b> .....           | 428 |
|                                                                                                   | 1. ANTECEDENTES .....                                                                              | 428 |
|                                                                                                   | 2. O NOVO CONVENTO .....                                                                           | 428 |
|                                                                                                   | 3. DESCREVE-SE A IGREJA, TAL COMO ERA CERCA DO ANO DE 1707 .....                                   | 429 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA</b> .....                                        | 431 |
|                                                                                                   | 1. A FUNDAÇÃO DO CONVENTO .....                                                                    | 431 |
|                                                                                                   | 2. DESCRIÇÃO DA IGREJA ANTES DO TERRAMOTO .....                                                    | 433 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO JOÃO DA CRUZ, EM CARNIDE</b> .....                                  | 439 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO, DE TRINOS</b> ...                          | 440 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SANTO ELÓI (2ª)</b> .....                                               | 442 |
|                                                                                                   | 1. + 1755.....                                                                                     | 444 |
|                                                                                                   | ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA DIVINA</b> .....                                       | 445 |

|                                                                                                   |                                                                                              |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| ► INÍCIO                                                                                          | PROVIDÊNCIA OU DOS CAETANOS OU DOS TEATINOS.....                                             | 445        |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                   | ♂ IGREJA DO NOVICIADO DA BEATA PRINCESA DONA JOANA.....                                      | 448        |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                          |                                                                                              |            |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                  |                                                                                              |            |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                |                                                                                              |            |
| PARECERES                                                                                         |                                                                                              |            |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                    |                                                                                              |            |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                 |                                                                                              |            |
| PREFÁCIO                                                                                          |                                                                                              |            |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                             |                                                                                              |            |
| ► TOMO IV                                                                                         |                                                                                              |            |
| SINAIS                                                                                            |                                                                                              |            |
| INTRODUÇÃO                                                                                        |                                                                                              |            |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                       |                                                                                              |            |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                            |                                                                                              |            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755) |                                                                                              |            |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                      |                                                                                              |            |
| ÍNDICE                                                                                            |                                                                                              |            |
|                                                                                                   | <b>4. IGREJAS CONVENTUAIS DE FREIRAS ♀ .....</b>                                             | <b>451</b> |
|                                                                                                   | ♀ IGREJA DO CONVENTO DE SANTA TERESA, EM CARNIDE.....                                        | 453        |
|                                                                                                   | ♀ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO SALVADOR DE SIÃO – 2ª OU DAS<br>INGLESINHAS OU DAS BRÍGIDAS..... | 455        |
|                                                                                                   | 1. NOVAS INSTALAÇÕES DO CONVENTO [1656] .....                                                | 455        |
|                                                                                                   | 2. A NOVA IGREJA CONVENTUAL [NA 2º METADE DO SÉCULO XVII] .....                              | 456        |
|                                                                                                   | 3. NOTÍCIAS DE UMA CÉLEBRE IMAGEM QUE AS RELIGIOSAS TROUXERAM CONSIGO...457                  |            |
|                                                                                                   | 4. ACONTECIMENTOS POSTERIORES.....                                                           | 458        |
|                                                                                                   | ♀ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA NAZARÉ OU DAS<br>BERNARDAS .....                    | 459        |
|                                                                                                   | 1. FUNDAÇÃO.....                                                                             | 459        |
|                                                                                                   | 2. A IGREJA CONVENTUAL .....                                                                 | 460        |
|                                                                                                   | 3. O INTERIOR DO EDIFÍCIO .....                                                              | 461        |
|                                                                                                   | 4. 1755.....                                                                                 | 462        |
|                                                                                                   | ♀ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DE MARVILA....                           | 463        |
|                                                                                                   | ♀ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA SOLEDADE = OU:<br>DAS TRINAS DE MOCAMBO .....       | 466        |
|                                                                                                   | 1. FUNDADORES E FUNDAÇÃO .....                                                               | 466        |
|                                                                                                   | 2. A IGREJA CONVENTUAL .....                                                                 | 467        |
|                                                                                                   | 3. OBSERVÂNCIA RELIGIOSA .....                                                               | 468        |
|                                                                                                   | 4. OCORRÊNCIAS POSTERIORES .....                                                             | 469        |
|                                                                                                   | ♀ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DO MONTE<br>OLIVETE, OU: "GRILAS".....   | 471        |
|                                                                                                   | ♀ IGREJA DO CONVENTO DO SANTO CRUCIFIXO OU DAS FRANCESINHAS.....                             | 473        |
|                                                                                                   | 1. ORIGEM DO CONVENTO.....                                                                   | 473        |
|                                                                                                   | 2. INSTALAM-SE AS QUATRO RELIGIOSAS FRANCESAS NO SEU HOSPÍCIO [1667].....                    | 474        |
|                                                                                                   | 3. DESCREVE-SE A IGREJA DO MOSTEIRO .....                                                    | 474        |
|                                                                                                   | 4. A SACRISTIA .....                                                                         | 476        |
|                                                                                                   | 5. DA FÁBRICA INTERIOR DO MOSTEIRO .....                                                     | 478        |
|                                                                                                   | 6. EXERCÍCIO DE VIRTUDES .....                                                               | 478        |
|                                                                                                   | 7. DO QUE SUCEDEU AO MOSTEIRO E À SUA IGREJA DEPOIS DA SUA FUNDAÇÃO.....                     | 480        |
|                                                                                                   | ♀ IGREJA DO CONVENTO DO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DOS CARDAIS.....                         | 481        |
|                                                                                                   | 1. RECOLHIMENTO INICIAL .....                                                                | 481        |
|                                                                                                   | 2. DONA LUÍSA DE TÁVORA, FUNDADORA DO CONVENTO .....                                         | 482        |
|                                                                                                   | 3. A FUNDAÇÃO DO CONVENTO .....                                                              | 483        |
|                                                                                                   | 4. DESCRIÇÃO DA IGREJA.....                                                                  | 483        |
|                                                                                                   | 5. OUTROS ESPAÇOS DA IGREJA E DO CONVENTO .....                                              | 486        |
|                                                                                                   | 6. ACONTECIMENTOS POSTERIORES.....                                                           | 487        |
|                                                                                                   | ♀ IGREJA DO CONVENTO DO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, EM CARNIDE...489                         |            |

|                                                                                                           |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| ► INÍCIO                                                                                                  |     |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                           |     |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                                  |     |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                          |     |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                        |     |
| PARECERES                                                                                                 |     |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                            |     |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                         |     |
| PREFÁCIO                                                                                                  |     |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                                     |     |
| ► TOMO IV                                                                                                 |     |
| SINAIS                                                                                                    |     |
| INTRODUÇÃO                                                                                                |     |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                               |     |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                                    |     |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)         |     |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                              |     |
| ÍNDICE                                                                                                    |     |
| <b>5. IGREJAS DE INSTITUIÇÕES ESPECIAIS</b> ⦿                                                             | 491 |
| ⦿ <b>IGREJA DO RECOLHIMENTO DO ESPÍRITO SANTO</b>                                                         | 493 |
| 👑 <b>CAPELA REAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, NO PAÇO DA<br/>        BEMPOSTA</b>                       | 494 |
| ⦿ <b>IGREJA DO COLÉGIO DE SÃO FRANCISCO XAVIER</b>                                                        | 496 |
| ⦿ <b>IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO – 2ª</b>                                                           | 498 |
| 1. INCÊNDIO DA IGREJA EM 1651                                                                             | 498 |
| 2. A NOVA REEDIFICAÇÃO: 1651-1676                                                                         | 500 |
| 3. COMO ERA REGIDA A IGREJA ANTES DO TERRAMOTO DE 1755                                                    | 500 |
| 4. O TERRAMOTO DE 1755 E O INCÊNDIO DO DIA SEGUINTE                                                       | 502 |
| 5. AS PROVIDÊNCIAS IMEDIATAS                                                                              | 503 |
| ⦿ <b>IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA (3ª)</b>                                                                    | 505 |
| 1. ANTECEDENTES                                                                                           | 505 |
| 2. A EDIFICAÇÃO DA NOVA E MAIS INSIGNE IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA                                           | 506 |
| 3. DESCRIÇÃO ESTÉTICA                                                                                     | 507 |
| ⦿ <b>IGREJA DO RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO E CARMO</b>                                    | 510 |
| <b>6. CAPELAS</b>                                                                                         | 511 |
| ⦿ <b>CAPELA DOS CASTROS</b>                                                                               | 513 |
| ⦿ <b>CAPELA DE SANTA BÁRBARA, NO CASTELO</b>                                                              | 516 |
| <b>7. SÉ DE LISBOA NO SÉCULO XVII</b> †                                                                   | 517 |
| † <b>A SÉ DE LISBOA – 7ª</b>                                                                              | 518 |
| 1. OBRAS NO SÉCULO XVI                                                                                    | 518 |
| <b>IV DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO 1º NOVº.<br/>1755 (1707 – 1755)</b> | 521 |
| <b>1. ERMIDAS</b>                                                                                         | 523 |
| ⦿ <b>ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, EM BELÉM</b>                                                   | 525 |
| ⦿ <b>ERMIDA DO SENHOR JESUS DA BOA MORTE</b>                                                              | 527 |
| ⦿ <b>ERMIDA OU CAPELA DE NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS E DOS HOMENS</b>                                       | 529 |
| ⦿ <b>ERMIDA DE SANTO AMBRÓSIO</b>                                                                         | 530 |
| ⦿ <b>ERMIDA DO SENHOR JESUS DA BOA NOVA</b>                                                               | 531 |
| ⦿ <b>ERMIDA DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES</b>                                                             | 533 |
| ⦿ <b>ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO</b>                                                             | 534 |
| <b>2. IGREJAS PAROQUIAIS</b>                                                                              | 535 |
| ⦿ <b>IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA PENA</b>                                                        | 536 |
| ⦿ <b>IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO – 1ª</b>                                             | 542 |
| ⦿ <b>IGREJA PAROQUIAL DE SANTO ESTÊVÃO – 2ª</b>                                                           | 545 |
| 1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS                                                                                | 545 |
| 2. COMO ERA A IGREJA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XVIII                                                         | 545 |

|                                                                                                        |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| ► INÍCIO                                                                                               |            |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                        |            |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                               |            |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                       |            |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                     |            |
| PARECERES                                                                                              |            |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                         |            |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                      |            |
| PREFÁCIO                                                                                               |            |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                                  |            |
| ► TOMO IV                                                                                              |            |
| SINAIS                                                                                                 |            |
| INTRODUÇÃO                                                                                             |            |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                            |            |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                                 |            |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)      |            |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                           |            |
| ÍNDICE                                                                                                 |            |
| 3. REEDIFICAÇÃO RADICAL EM 1733-1740 .....                                                             | 547        |
| 4. DEPOIS DO TERRAMOTO DE 1755 .....                                                                   | 548        |
| 5. ACONTECIMENTOS POSTERIORES.....                                                                     | 549        |
| ♂ <b>IGREJA PAROQUIAL DE SANTA ISABEL, RAINHA DE PORTUGAL</b> .....                                    | 550        |
| ♂ <b>IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DO AMPARO, DE BENFICA</b> .....                                 | 553        |
| <b>3. IGREJAS CONVENTUAIS DE FRADES ♂ .....</b>                                                        | <b>555</b> |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO JOÃO NEPOMUCENO E SANTA ANA</b> .....                                   | 557        |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO, DA CIDADE 3ª</b> .....                                       | 560        |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO VICENTE DE PAULA, OU DE RILHAFOLES</b> .....                            | 562        |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PORCIÚNCULA DOS<br/>    BARBADINHOS ITALIANOS</b> .....    | 565        |
| 1. TRANSFERÊNCIA DOS BARBADINHOS.....                                                                  | 565        |
| 2. A IGREJA .....                                                                                      | 565        |
| 3. ACONTECIMENTOS POSTERIORES.....                                                                     | 566        |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SANTA RITA DE CÁSSIA</b> .....                                              | 567        |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES 2ª</b> .....                                 | 569        |
| 1. ANTECEDENTES: A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES [C.1600 ATÉ<br>1743] .....                 | 569        |
| 2. D. JOÃO V COMPRA A QUINTA E A ERMIDA.....                                                           | 569        |
| 3. O CONVENTO E COLÉGIO: E O PALÁCIO CONTÍGUO.....                                                     | 570        |
| 4. A IGREJA DO CONVENTO DAS NECESSIDADES .....                                                         | 571        |
| 5. HISTÓRIA POSTERIOR.....                                                                             | 572        |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO CAMILO DE LELLIS</b> .....                                              | 573        |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA</b> .....                                            | 575        |
| ♂ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS – 3ª</b> .....                                                 | 577        |
| <b>4. IGREJAS CONVENTUAIS DE FREIRAS ♀ .....</b>                                                       | <b>581</b> |
| ♀ <b>IGREJA DO CONVENTO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA – 1ª OU DAS<br/>    SALÉSIAS</b> .....           | 583        |
| ♀ <b>IGREJA DO CONVENTO DE SANTA APOLÓNIA</b> .....                                                    | 584        |
| ♀ <b>IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, AO RATO OU DAS<br/>    TRINAS DO RATO</b> ..... | 589        |
| 1. O FUNDADOR E SEU TESTAMENTO .....                                                                   | 589        |
| 2. VICISSITUDES DA FUNDAÇÃO .....                                                                      | 590        |
| 3. INAUGURAÇÃO DA CLAUSURA.....                                                                        | 590        |
| 4. DESCRIÇÃO DA IGREJA CONVENTUAL .....                                                                | 591        |
| 5. ACONTECIMENTOS POSTERIORES À FUNDAÇÃO DO CONVENTO.....                                              | 593        |
| <b>5. IGREJAS VOTIVAS – HOSPÍCIOS .....</b>                                                            | <b>595</b> |
| ⊕ <b>IGREJA DO MENINO DEUS</b> .....                                                                   | 597        |
| ⊕ <b>IGREJA DA ORDEM TERCEIRA SECULAR DE JESUS</b> .....                                               | 603        |

|                                                                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| ► INÍCIO                                                                                                      |     |
| ► FICHA TÉCNICA                                                                                               |     |
| ► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO                                                                                      |     |
| NOTA DE ABERTURA                                                                                              |     |
| NOTAS PRELIMINARES                                                                                            |     |
| PARECERES                                                                                                     |     |
| APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE                                                                                |     |
| NORMAS EDITORIAIS                                                                                             |     |
| PREFÁCIO                                                                                                      |     |
| ► PLANO GERAL DA OBRA                                                                                         |     |
| ► TOMO IV                                                                                                     |     |
| SINAIS                                                                                                        |     |
| INTRODUÇÃO                                                                                                    |     |
| SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA<br>(1580 – 1640)                                                                   |     |
| REINADOS DE D. JOÃO IV,<br>D. AFONSO VI E D. PEDRO II<br>(1640 – 1707)                                        |     |
| DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO<br>V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO<br>1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)             |     |
| BIBLIOGRAFIA                                                                                                  |     |
| ÍNDICE                                                                                                        |     |
| Θ IGREJA DO HOSPÍCIO DE SÃO CAETANO, AO CAMPO GRANDE                                                          | 604 |
| Θ IGREJA DE SANTO ANTÓNIO À SÉ – 2ª                                                                           | 605 |
| Θ IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E SANTO ANTÓNIO, À CARREIRA<br>DOS CAVALOS                             | 607 |
| Θ IGREJA DO RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS                                                           | 609 |
| Θ ERMIDA DO HOSPÍCIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DOS CLÉRIGOS<br>POBRES                                    | 610 |
| Θ IGREJA DO COLÉGIO DAS MISSÕES DAS ÍNDIAS ORIENTAIS E DA CHINA OU<br>NOVICIADO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO | 611 |
| 1. O FUNDADOR: D. JOÃO TOMÁS HENRIQUES DE CABRERA (1647-1704?)                                                | 611 |
| 2. O SEU TESTAMENTO (FEITO EM 6ª FEIRA SANTA, DO ANO DE 1705?)                                                | 611 |
| 3. RESSALTAM OS PONTOS SEGUINTE                                                                               | 612 |
| 4. OS BENS DEIXADOS PELO ALMIRANTE                                                                            | 613 |
| 5. INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DO INSTITUÍDO COLÉGIO DAS MISSÕES                                                     | 614 |
| 6. E DEPOIS?!                                                                                                 | 614 |
| 6. CAPELA REAL, BASÍLICA PATRIARCAL, SÉ ARQUIEPISCOPAL                                                        | 617 |
| 👑 CAPELA REAL DE SANTO TOMÉ                                                                                   | 618 |
| 1. A CAPELA REAL É CONSTRUÍDA EM PARÓQUIA PRÓPRIA [1709]                                                      | 618 |
| 2. COLEGIADA ERECTA NA CAPELA REAL [1710]                                                                     | 619 |
| 3. A COLEGIADA PASSA A CATEDRAL PATRIARCAL [1715]                                                             | 620 |
| † CATEDRAL METROPOLITANA E PATRIARCAL = A PATRIARCAL                                                          | 621 |
| 1. UM PATRIARCA PARA LISBOA OCIDENTAL E CAPELÃO-MOR                                                           | 621 |
| 2. ENTRADA SOLENE DE D. TOMÁS DE ALMEIDA NA PATRIARCAL: 13 FEVEREIRO 1717                                     | 622 |
| 3. MAIS HONRAS E BENEFÍCIOS PARA O PATRIARCA                                                                  | 623 |
| 4. A CORTE DO PATRIARCA NA CAPELA REAL                                                                        | 624 |
| 5. ORNAMENTOS, ALFAIAS, PARAMENTOS, SINOS...                                                                  | 624 |
| 6. PROJECTO DE CONSTRUÇÃO DE UM EDIFÍCIO PRÓPRIO PARA A BASÍLICA<br>PATRIARCAL                                | 626 |
| 7. É SAGRADA A CAPELA REAL COMO BASÍLICA PATRIARCAL COMO NOVO<br>TÍTULO (1746)                                | 626 |
| 8. CERIMÓNIAS DA SAGRAÇÃO DA BASÍLICA RÉGIA PATRIARCAL                                                        | 627 |
| 9. CONCLUSÃO: SUMPTUOSIDADE DA PATRIARCAL!                                                                    | 628 |
| † SÉ ARQUIEPISCOPAL DE LISBOA ORIENTAL                                                                        | 637 |
| 1. É CONSTITUÍDA EM SÉ DO ARCEBISPADO ORIENTAL (1716)                                                         | 637 |
| 2. ABOLIDO O TÍTULO DE SÉ                                                                                     | 638 |
| † BASÍLICA DE SANTA MARIA                                                                                     | 639 |
| 1. A PARÓQUIA DE SANTA MARIA                                                                                  | 641 |
| † BASÍLICA PATRIARCAL - PROJECTOS QUE NÃO SE CONCRETIZARAM                                                    | 644 |
| 7. CAPELAS INSIGNES                                                                                           | 651 |
| Ø CAPELA DOS SANTOS MÁRTIRES VERÍSSIMO, MÁXIMA E JÚLIA                                                        | 652 |





- ▶ INÍCIO
- ▶ FICHA TÉCNICA
- ▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
  - NOTA DE ABERTURA
  - NOTAS PRELIMINARES
  - PARECERES
  - APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE
  - NORMAS EDITORIAIS
  - PREFÁCIO
- ▶ PLANO GERAL DA OBRA
- ▶ TOMO IV
  - SINAIS
  - INTRODUÇÃO
  - SOB A DOMINAÇÃO CASTELHANA (1580 – 1640)
  - REINADOS DE D. JOÃO IV, D. AFONSO VI E D. PEDRO II (1640 – 1707)
  - DO INÍCIO DO REINADO DE D. JOÃO V ATÉ À VÉSPERA DO TERRAMOTO DO 1º NOVº. 1755 (1707 – 1755)
  - BIBLIOGRAFIA
  - ÍNDICE

- Ø CAPELA DE NOSSA SENHORA DE BELÉM, NO CLAUSTRO DO CONVENTO DE S<sup>TA</sup> CLARA .....654
  - 1. UMA HISTÓRIA EDIFICANTE.....654
  - 2. EDIFICA-SE UMA NOVA CAPELA PARA TAL IMAGEM .....655
  - 3. TUDO FICOU DESTRUÍDO PELO TERRAMENTO DE 1755 .....655
- CAPELA DE SÃO JOÃO BAPTISTA, NA IGREJA DE SÃO ROQUE.....657
- BIBLIOGRAFIA DO TOMO IV.....661





